

Universidade de São Paulo
FFCLRP - Departamento de Psicologia
Programa de Pós - Graduação em Psicologia

"Transformações pessoais na União do Vegetal"

Cícero Guella Fernandes

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das
exigências para a obtenção do título de Doutor em
Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto - SP
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Transformações pessoais na União do Vegetal”

Cícero Guella Fernandes

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

VERSÃO CORRIGIDA

RIBEIRÃO PRETO - SP

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Transformações pessoais na União do Vegetal”

Cícero Guella Fernandes

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão

RIBEIRÃO PRETO - SP

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Fernandes, C. G.

Transformações pessoais na União do Vegetal. Ribeirão Preto, 2011.

442 p. : il.; 30cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Bairrão, José Francisco Miguel Henriques.

1. União do Vegetal. 2. Mudança. 3. Psicologia Cultural
4. Psicologia Social e do Desenvolvimento. 5. Psicologia da
Religião

FERNANDES, C. G.
Transformações pessoais na União do Vegetal.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que querem a paz e a fraternidade da humanidade.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Salvador, por me dar tudo e me salvar da dor.

Ao Mestre Gabriel, pela União do Vegetal trazendo Luz, Paz e Amor a quem quiser.

Aos amados Andréa, pela complementação carinhosa e companheira de mulher, e Paulo André e João Roberto, pela complementação filial: me fortalecendo e ensinando a grandeza do amor...

Aos meus pais, Manoel e Ilda Fernandes, por me mostrarem o Caminho, a Verdade e a Vida.

Aos meus irmãos Clístenes, Alexandre, Edison e Manoel Guella Fernandes, esposas e sobrinhos.

À tia Maria Helena Guella, aos primos Angela e Claudio Ferronato e filhos.

Aos primos Marco e Mateus (*in memoriam*).

À grande família da União do Vegetal, em especial do Pré-Núcleo Menino Deus.

Ao Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão, por ter-me aceito como orientando, pelo apoio, incentivo, paciência e compreensão, fortalecendo e orientando minha caminhada, sendo chave para novos horizontes.

À Prof.^a Dr.^a Carla Guanaes Lorenzi, pelo incentivo e orientações antes, durante e depois da banca de de exame de qualificação.

À Prof.^a Dr.^a Sandra Goulart, pelas orientações na banca de exame de qualificação.

À Prof.^a Dr.^a Iolete Ribeiro da Silva, pelo incentivo e bibliografia.

À Prof.^a Dr.^a Zélia Biasoli-Alves (*in memoriam*), por ter-me aceito como orientando em um primeiro momento.

À Prof.^a Dr.^a Eucia Beatriz Petean, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USP – FFCLRP, pelo desempenho responsável e competente em seu cargo e pela presteza em atender minhas solicitações.

Às Prof.^{as} Dr.^{as} Andrea Viviana Waichman (Coordenadora Operacional do DINTER UFAM/USP-RP junto à CAPES), Maria Alice d'Avila Becker (Ex-Coordenadora Acadêmica do DINTER pela UFAM), Rosimeire de Carvalho Martins (Ex-Coordenadora Acadêmica do DINTER pela UFAM) e Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa (Coordenadora Acadêmica do DINTER pela UFAM), pelo desempenho responsável e competente em seu cargo e pela presteza em atender minhas solicitações.

Aos colegas de doutorado, por sua amizade e incentivo imprescindíveis.

Aos colegas do Laboratório de Etnopsicologia e estudos afro-brasileiros pela acolhida, incentivo e apoio.

A todos do Curso de Psicologia da UFAM: colegas professores, estudantes e os outros servidores, pelo incentivo e auxílio que me proporcionaram.

A Gabriela Ricciardi, Sérgio Brissac e Christiam Frenopoulo, pelo envio de seus trabalhos.

Aos que zelaram pela minha saúde, de forma direta ou indireta.

A todos os que, pelas orações, pensamentos e palavras positivas, deram apoio, auxílio e estiveram presentes (mesmo quando distantes fisicamente).

Diário de Campo: 09 a 11-05-2008

O povo escolhido é a humanidade.

Autor anônimo

A UDV quer ser parte das soluções para os problemas da sociedade de hoje.

Mestre Monteiro

Abraço pra toda a irmandade e a quem não é da UDV também.

Mestre Pequenina

RESUMO

FERNANDES, C. G. **Transformações pessoais na União do Vegetal**. 2011. 442 f. Tese para o exame de Defesa (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

Esta é uma pesquisa a respeito de transformações pessoais na instituição religiosa ayahuasqueira CEBUDV através da perspectiva da Psicologia Cultural. Este estudo teve por objetivos: realizar uma descrição etnográfica da UDV e verificar os sentidos das transformações nos ensinamentos da UDV. Pesquisas anteriores a esta, embora mencionem a respeito destas transformações, não têm o foco na compreensão das mesmas, como é proposto aqui; pois, a única autora com este foco, utilizou-se basicamente de entrevistas, enquanto que meu trabalho foi através do método etnográfico. Nesta pesquisa, utilizou-se, ainda, de entrevistas no intuito de entender os sentidos das transformações nos ensinamentos da UDV. Assim, realizou-se uma etnografia a respeito do Pré-Núcleo Menino Deus (e das atividades e artefatos realizados e/ou utilizados pelos seus frequentadores), situado na cidade de Manaus, na 2ª Região da UDV. Resultados: a) Tipicamente o processo de transformação envolve **exame, responsabilidade e transformação de características negativas em positivas**, como admiração, valorização e respeito pelo outro e a construção de relações de confiança. b) Este processo de transformação é, também, o próprio **desenvolvimento humano**, na direção de um ser solidário e bem integrado social e psiquicamente bem como com o ambiente, mas com uma meta transcendente: a união com Deus. c) Este processo é sempre relacional, entre um antes e um depois, mas uma evolução gradativa, segura, que muitas vezes requer (muito) tempo e compreensão: uma vida pode não ser o bastante, daí a concepção da reencarnação; a evolução é concebida em termos de plantio e colheita, uma metáfora ligada à agricultura, ao cultivo de qualidades como se fossem plantas, mostrando um vínculo com a Natureza. d) O dispositivo religioso proporciona **mediações** para facilitar, dar segurança e acelerar a transformação, quais sejam, a comunhão com a Força e a Luz, o conselho, ensinamentos e orientações e os exemplos de pessoas que caminham na frente (mestres e conselheiros), e a oportunidade do exercício social de boas ações com a comunidade. Proporciona igualmente oportunidades de correção/retificação do rumo, quando necessário (*feedback*, justiça como correção). e) O critério para transformações reais não é individualista. A mudança deve traduzir-se em saúde, bem-estar, boa convivência familiar e social, atitudes interpessoais de abertura ao outro e pacíficas. A ação (a prática) é mais importante do que falar, e a percepção das transformações se dá pela constatação do **efeito interpessoal** destas mudanças na interação com os outros. Assim, idealmente o discípulo da UDV mostra fidelidade e constância nos deveres e responsabilidades, apresenta-se como gente cumpridora da palavra e de trato fino com os interlocutores, acima de tudo **promovendo a harmonia e a união** e evitando a oposição, o conflito, a desordem pessoal e grupal. Busca ser mais lúcido (**luz**), paciente (**paz**) e dedicado ao outro (**amor**).

Palavras-chave: União do Vegetal; mudança; psicologia cultural; psicologia social e do desenvolvimento; psicologia da religião.

ABSTRACT

FERNANDES, C. G. **Personal transformations in União do Vegetal**. 2011. 442 f. Thesis for defense exam (Doctorate level) – Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

This is a research on the personal transformations in the religious institution of ayahuasca users CEBUDV, through the perspective of Cultural Psychology. The study aimed to build an ethnographic description of UDV and investigate the meanings of such transformations in CEBUDV's teachings, as well. Although prior research referred to such transformations, no efforts were made in order to comprehend them, as herein proposed; because the only researcher with this focus has used basically interviews, while my work was through the ethnographic method. In this research, interviews were used, in addition, in the intention of understanding the senses of the transformations in the teachings of UDV. This way, an ethnography has taken place regarding the Pré-Núcleo Menino Deus (and of the activities and artifacts carried out by the visitors, and/or used by them), located in the city of Manaus, in the 2nd Region of UDV. The results obtained were as follows: a) Typically, the transformation process involves **exam, responsibility and transformation of negative characteristics into positive ones**, such as admiral, valorization and respect for the other and the construction of confidence relations. b) Such transformation process is, also, **human development** itself, toward a solidaristic, well integrated human being (in social, psychic and environmental terms), although with a transcendent aim, that is, union with God. c) Such process is always relational, between a “before” and “later” stages, comprising a gradational and secure evolution though. In many occasions, this evolution requires (a lot of) time and comprehension: life may not be enough, leading to a conception of reincarnation. Also, evolution is understood as in terms of sowing and harvest, a metaphor taken from agriculture, conceiving the cultivation of qualities as if they were plants, illustrating a bond with Nature. d) The religious device allows for **mediations** in order to facilitate, offer safety and accelerate transformation, which are, communion with Force and Light, advice, teachings and orientations, examples from people who are walking ahead (such as masters and counselors), as well as the opportunity to socially exercise good deeds for the community. Also, such device provides opportunities for correcting one's path (feedback, justice as correction). e) Criteria for real transformation are not individualistic. Change should mean and lead to health, well-being, good familiar and social companionship, and pacific interpersonal attitudes of openness to the other. Action (practice) is more important than speaking; in this sense, perception of transformations takes place by noticing the **interpersonal effect** of such changes in the interaction with the others. Therefore, idealistically, a CEBUDV member shows fidelity and constancy on his or her duties and responsibilities, as well as ability to keep his or her word and treat interlocutors well, promoting, above all, **harmony and union**, as well as avoiding opposition, conflict or both personal and group disorder. Also, he or she looks forward to be more lucid (**light**), patient (**peace**) and dedicated (**love**) to the other.

Keywords: União do Vegetal; change; cultural psychology; social and developmental psychology; psychology of religion.

LISTA DE SIGLAS

Utilizo esta lista de siglas para facilitar ao leitor. Algumas são utilizadas na instituição na comunicação falada, outras apenas na comunicação escrita.

CDC	Corpo do Conselho
CEBUDV	Centro Espírita Beneficente União do Vegetal
CI	Corpo Instrutivo
CREMG	Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel
DAV	Distribuição autorizada de Vegetal
DC	Diário de campo
DEMEC	Departamento Médico-Científico
DMD	Departamento de Memória e Documentação
GTER	Grupo de Trabalho do Ensino Religioso
M	Mestre
MA	Mestre Assistente
MC	Mestre Central
MGR	Mestre Geral Representante
MR	Mestre Representante
N	Núcleo
NPS	Núcleo Princesa Sama
PN	Pré-Núcleo
PNMD	Pré-Núcleo Menino Deus
QM	Quadro de Mestres
QS	Quadro de Sócios
UA	Unidade Administrativa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	29
Histórico da pesquisa, contexto e ética	29
Alguns esclarecimentos necessários e os capítulos da tese	34
1 UNIÃO DO VEGETAL (UDV): um breve histórico e alguns estudos anteriores	37
1.1 Hoasca: chá misterioso, enteógeno e sagrado	37
1.1.1 O chá utilizado por povos nativos.....	39
1.1.2 Práticas religiosas ayahuasqueiras contemporâneas	40
1.2 O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV)	41
1.2.1 Princípios, objetivos e doutrina da UDV	41
1.2.2 O chá Hoasca e a saúde física e espiritual.....	42
1.2.3 UDV: o Mestre Gabriel, a recriação e organização da UDV	45
1.2.4 Direito de existir, concepção a respeito de “droga” e de chá Sagrado	53
1.2.5 A instituição UDV: estrutura e funcionamento	57
1.2.6 Estudos a respeito de transformações pessoais no CEBUDV	60
2 DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	75
2.1 A Psicologia da Religião e a Psicologia Cultural	75
2.2 Métodos de pesquisa (com minha inserção no campo).....	80
2.3 As limitações e outras delimitações deste trabalho.....	85
2.4 A perspectiva teórica da Etnopsicologia	88
2.5 O contexto	89
2.6 Procedimentos de coleta de dados.....	90
2.6.1 Diários de Campo (DCs).....	91
2.6.2 Entrevistas	94
2.6.3 Documentos.....	96
2.6.4 Músicas.....	98

2.7 Procedimentos de análise dos dados	98
3 ATIVIDADES NO CEBUDV E SUA ORGANIZAÇÃO	101
3.1 As sessões do Vegetal	103
3.1.1 Tipos de sessões	103
3.1.1.1 Horários e duração das sessões	105
3.1.2 O lugar das sessões e seus frequentadores	106
3.1.2.1 As cores	108
3.1.2.2 O uso do uniforme	109
3.1.2.3 Elementos de arquitetura do salão do Vegetal e seus utensílios	111
3.1.3 O ritual das sessões	120
3.1.3.1 Concentração mental e busca de Luz, Paz e Amor	128
3.1.4 A arte da música na UDV	131
3.1.4.1 A origem da música no ritual religioso da UDV	132
3.1.4.2 A cantora Marinês	133
3.1.4.3 Manifestações musicais no PNMD	134
3.1.5 Sessões de escala anual	139
3.2 Trabalho voluntário e tarefas complementares: todos têm um lugar.....	144
3.2.1 Sentimento de gratidão	145
3.2.2 Coração, decoração e imaginação	147
3.2.2.1 A arte da poesia e literária	151
3.2.3 O lugar da mulher	152
3.2.4 Mutirões.....	158
3.2.5 Desmembramentos.....	162
3.2.5.1 Construções, utensílios e decoração nas demais áreas do PNMD .	171
3.2.6 Bom humor	175
3.2.7 Espelho	178
3.3 Estrutura hierárquica e concepção de “autoridade”	179
3.3.1 Espiritual	182
3.3.2 Administrativa	183
3.3.2.1 Diretoria	183

3.3.2.1.1	Presidente e Vice-Presidente	184
3.3.2.1.2	A tesouraria	185
3.3.2.1.3	A secretaria	185
3.3.2.1.4	Diretor do Patrimônio	186
3.3.2.1.5	Conselho Fiscal	186
3.3.2.2	Departamentos	186
3.3.2.2.1	Departamento de Doutrinação e Limpeza (espiritual)	186
3.3.2.2.2	Departamento de Plantio (de Mariri e Chacrona)	187
3.3.2.2.2.1	Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico (ANEDE)	190
3.3.2.2.3	Departamento de Memória e Documentação (DMD)	192
3.3.2.2.3.1	Os informativos	193
3.3.2.2.3.2	O Informativo Mensageiro	194
3.3.2.2.4	Departamento de Estudos Médico-Científicos (DEMEC)	195
3.3.2.2.4.1	A leishmaniose	197
3.3.2.2.5	Departamento de Beneficência (DEBEN)	197
3.3.2.2.6	Departamento Jurídico	199
3.3.2.2.7	Departamento de Promoções	200
3.3.2.2.7.1	A agenda e o calendário	202
3.3.2.3	Encontros da 2ª região	203
3.4	Preparos de Vegetal	205
3.5	Crianças, jovens e famílias	215
3.6	Jovens	223
3.7	Grupo de trabalho do ensino religioso	224
3.8	Redes de e-mails	224
3.9	Congressos e Encontros	225
3.9.1	IV Congresso da UDV e II Congresso Internacional da Hoasca	225
3.9.2	I Encontro do Grupo de Trabalho do Ensino Religioso (em Brasília)	226
3.9.3	I Encontro do Grupo de Trabalho do Ensino Religioso da 2ª região (em Manaus)	227
3.9.4	I Congresso do Plantio do CEBUDV (em Manaus)	229
3.10	Cerimônias e outros eventos sociais	230

3.10.1 Casamentos (com ou sem cerimônias)	230
3.10.2 Batizados e atribuição de nomes próprios	238
3.10.3 “Chá de baby”	239

4 ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS NA UDV 241

4.1 Livre arbítrio	241
4.2 A busca e o encontro com o Sagrado.....	244
4.3 A concentração e a união.....	247
4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras	255
4.5 A quem e o que pedir.....	258
4.6 O mestre responde e ensina	258
4.7 O ensino da simplicidade e da humildade.....	259
4.8 A luz, o tempo, a reencarnação	263
4.9 Aprender é transformar-se.....	265
4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito.....	267
4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor	272
4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso.....	280
4.12.1 De vítima a merecedor	285
4.12.2 Do orgulho à humildade	288
4.12.3 Da inveja à admiração	288
4.12.4 Do ciúme à confiança	289
4.12.5 Do desequilíbrio ao equilíbrio	290
4.12.6 Da preguiça à constância	290
4.12.7 Da avareza à caridade.....	292
4.12.8 Do racismo à fraternidade	292
4.12.9 Da raiva à paciência e obediência	293
4.13 A fé, a esperança e o conhecimento	295
4.14 A força do querer.....	297
4.15 Força e Luz	299
4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos.....	302
4.16.1 O jeito do Mestre Gabriel.....	306

4.16.2 Narrativas de cura, da bondade e do poder do Mestre Gabriel.....308

4.16.3 Continuidade da missão de Jesus.....312

5 CONCLUSÃO.....315

REFERÊNCIAS.....319

ANEXOS329

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Detalhe do cipó Mariri, planta utilizada para o preparo do chá Hoasca (Fonte: www.udv.org.br).....	45
Foto 2 – A Saga dos Arigós - A História dos Soldados da Borracha (Fonte: www.udv.org.br)	48
Foto 3 – O Mestre da União, José Gabriel da Costa (Fonte: www.udv.org.br)	52
Foto 4a – Templo do Núcleo Coração de Maria (Fonte: www.udv.org.br).....	53
Foto 4b – Mestre Pequenina (Fonte: www.udv.org.br)	53
Foto 5 – Preparo de Hoasca (Fonte: www.udv.org.br)	54
Foto 6a – Flor do Mariri (Fonte: www.udv.org.br)	55
Foto 6b – O Vegetal ou o chá Hoasca (Fonte: www.udv.org.br)	58
Foto 7 – Encontro do Plantio – 2ª Região em 2004 – São João da Baliza (Roraima)	107
Foto 8 – 1º aniversário do PNMD em 18-11-2008 (DMD – PNMD)	109
Foto 9 – Núcleo Princesa Sama	110
Foto 10 – Pré-Núcleo Menino Deus (DMD – PNMD).....	112
Foto 11 (DMD - PNMD).....	113
Foto 12	115
Foto 12a – 20-09-2009 (DMD – PNMD)	116
Foto 13 - de 17-01-2009 (DMD - PNMD)	117
Foto 14 (Fonte: www.udv.org.br).....	118
Foto 15, em frente ao templo do Pré-Núcleo Menino Deus, em Manaus	119
Foto 15a – 20-09-2009 (DMD – PNMD)	127
Foto 16: Disco Marinês (1967). Fonte: http://mulambada.blogspot.com/2007/05/marins.html	134
Foto 17 – 31-10-2009 (DMD – PNMD)	137
Foto 18 – 31-10-2009 (DMD – PNMD)	138
Foto 19	140
Foto 20 – 2009 (DMD – PNMD)	141
Foto 21 – 24-12-2009 (DMD – PNMD)	143
Foto 22	148

Foto 23 – Fevereiro de 2011.....	149
Foto 24 – 27-02-2011 – PNMD.....	149
Foto 25 – Templo do Pré-Núcleo Menino Deus, em 18-11-2008 – (DMD-PNMD)	150
Foto 26.....	151
Foto 27 – 2007 (DMD – PNMD).....	153
Foto 28 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)	154
Foto 29 – 03-11-2007 – Mutirão, preparando a inauguração do PNMD (DMD – PNMD)	161
Foto 30 – 2007 (DMD – PNMD).....	163
Foto 31 – 2007 (DMD – PNMD).....	164
Foto 32 – 2007 (DMD – PNMD).....	165
Foto 33 – 27-09-2009 – Inauguração da sala do Vegetal (DMD – PNMD)	171
Foto 34 (DMD – PNMD)	173
Foto 35 (DMD – PNMD)	173
Foto 36 (DMD – PNMD)	174
Foto 37 – 2007 (DMD – PNMD).....	177
Foto 38 – Quem planta, colhe.....	181
Foto 39 – Camiseta do I Encontro do Plantio.....	187
Foto 40 – 1º Preparo de Vegetal do PNMD no terreno do PNMD (DMD – PNMD)	188
Foto 41 – (Fonte: www.udv.org.br)	191
Foto 42 – (Fonte: www.udv.org.br)	192
Foto 43 – Mapa do Seringal Novo Encanto (Fonte: www.udv.org.br).....	192
Foto 44 – Assim Assados (DMD – PNMD).....	201
Foto 44a – Agenda 2011 (CEBUDV – DG, 2011).....	202
Foto 44b – Agenda 2011 (CEBUDV – DG, 2011).....	203
Foto 45.....	204
Foto 46.....	204
Foto 47.....	205
Foto 48.....	205
Foto 49.....	206
Foto 50 – (DMD – PNMD)	207
Foto 51 – (DMD – PNMD)	208

Foto 52 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)	209
Foto 53 – 08 a 11-2008 (DMD – PNMD).....	210
Foto 54 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)	212
Foto 55 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)	214
Foto 56 – Dia das crianças, festejado em 18-10-2008 (DMD – PNMD).....	215
Foto 57 – julho de 2008 (DMD – PNMD).....	219
Foto 58 – julho de 2008 (DMD – PNMD).....	219
Foto 59 – 20-09-2009 (DMD – PNMD)	221
Foto 60 – Dia dos Pais – artes plásticas – 06-08-2010 (DMD – PNMD).....	221
Foto 61 – Dia dos Pais – ensaio de música – 06-08-2010 (DMD – PNMD).....	222
Foto 62 – Camiseta do I Encontro do Grupo de Trabalho do Ensino Religioso	227
Foto 63 – Camiseta do Encontro Regional do Ensino Religioso – 2010.....	229
Foto 64 – I Congresso do Plantio do CEBUDV – 13 e 14 de novembro de 2010	230
Foto 65 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010	235
Foto 66 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010 – detalhe 1	236
Foto 67 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010 – detalhe 2	237
Foto 68 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010 – O bolo.....	237
Foto 69 – Casamento – 10 de julho de 2010 – A vela no copo.....	238

INTRODUÇÃO

Cada religião viva e saudável tem uma idiosincrasia marcante. Seu poder consiste em sua mensagem especial e surpreendente e na direção que essa revelação dá à vida. As perspectivas que ela abre e os mistérios que propõe criam um novo mundo em que viver; e um novo mundo em que viver — quer esperemos ou não usufruí-lo totalmente — é justamente o que desejamos ao adotarmos uma religião. Santayana, *Reason in Religion* (apud GEERTZ, 1973, p. 65).

Histórico da pesquisa, contexto e ética

Edênio Valle diz que “cada psicólogo da religião deve é definir com clareza o lugar desde o qual fala (a sua “Standortbestimmung”).” (VALLE, 2009, p. 117). Portanto, destacando a importância do contexto histórico e da inserção do pesquisador enquanto participante da população pesquisada, exponho brevemente elementos autobiográficos que me parecem relevantes para o entendimento da minha perspectiva.

As **transformações das pessoas** é um tema que desde muito me interessa. Isso vem, a meu ver desde minha formação católica¹: batizado quando bebê; recebi a primeira comunhão com seis anos; com doze me crismei (“para ser soldado de Cristo”); dos doze aos dezenove fui membro participante de grupos de jovens, com frequência a reuniões semanais. Lembro um momento importante na minha vida e da minha família: meu pai participou de um “Cursilho” (movimento da Igreja Católica) e se transformou. Passou a ser um católico praticante, tornando-se mais calmo, mais paciente, mais amigo de minha mãe e principalmente dos filhos. Foi fundamental para minha participação nos grupos de jovens. Nesses grupos, senti-me acolhido e se abriram perspectivas antes inexistentes: amizades com moças², novos amigos, orientação espiritual e de vida, busca comum de realização de um **ideal de transformação, de um mundo mais fraterno**. Mesmo quando me afastei de religiões em 1979, esse ideal sempre permaneceu vivo em mim.

¹ O apóstolo São Paulo foi um exemplo de transformação, narrado nas Sagradas Escrituras: de perseguidor dos cristãos, transformou-se em um discípulo de Jesus Cristo.

² Primeiro filho, na época com três irmãos (todos do sexo masculino), sem vivências com meninas, a não ser em raras ocasiões; ao ser perguntado se iria ser Padre, eu respondia prontamente: “eu não, eu quero casar!”

Em minha formação acadêmica de 1978 a 1983 em Psicologia, me identificava com as abordagens piagetiana e psicanalítica. Contudo, foi por esta que optei, por interesse em ser psicólogo clínico e porque a Psicanálise era o *Zeitgeist* da época para os psicólogos da UFRGS em Porto Alegre. Despertava minha atenção, entre outros motivos, a **intervenção investigativa e terapêutica indissociável** que a Psicanálise possui. Ou seja, ao mesmo tempo em que se investiga o inconsciente, há, simultaneamente, uma **transformação** da pessoa. Isso eu pude constatar no meu próprio processo de psicoterapia psicanalítica e psicanálise durante sete anos e meio e, a partir de 1984, enquanto profissional de psicologia clínica.

Em 1989, iniciei vivência docente em nível superior que vem se desenvolvendo até o presente momento. Pela minha formação acadêmica (Psicanálise, Piaget e Paulo Freire, entre outras) e experiência de vida, busco deixar os estudantes escolherem estudar algo de seu interesse, dentro dos conteúdos das disciplinas: o importante para mim é, com uma perspectiva freireana, que estudem algo **significativo para eles** e que compartilhem o conhecimento aprendido para um diálogo, para um enriquecimento coletivo de conhecimentos, de relacionamento, de vida e incentivo para mais estudos. Além de ensinar o que eu aprendi, sempre busquei também aprender com os estudantes. Meu objetivo é, através dos conteúdos estudados, também proporcionar-lhes espaços para o **desenvolvimento da autonomia**³. Houve alguns que narraram ter vivenciado **transformações**: aproveitaram a oportunidade de desenvolvimento da autonomia, adquirindo conhecimentos realmente significativos e mencionaram poder **utilizá-los em sua vida** enquanto estudantes, pais, profissionais e/ou cidadãos.

Em 1991 (de 25 de maio a novembro) tive vivências no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, mais conhecido por União do Vegetal (com as siglas CEBUDV ou, simplesmente, UDV⁴), que, de certa forma, transformaram minha vida: curei-me de uma leve depressão que sofria na época e obtive mais equilíbrio e bem-estar. Contudo, ainda não estava movido a realizar uma busca espiritual e, na época, afastei-me. Voltei a frequentar em 1995, tendo me associado em julho, com objetivo de desenvolvimento espiritual. Desde lá, venho

³ “Para Piaget (1961), o esquema de desenvolvimento da individualização institui o trânsito do egocentrismo à sociocentricidade, que passa pelas aquisições de níveis de autonomia cada vez maiores e que, em relação à influência do meio, lhe permite operar com maiores graus de independência; no campo dos valores (também para Piaget), seria o trânsito do convencionalismo e da heteronomia (aceitação acrítica das influências valorativas) ao da autonomia moral da pessoa.” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 98).

⁴ Segundo Sérgio Brissac, “Em 22 de julho de 1961, José Gabriel da Costa, chamado por seus discípulos de Mestre Gabriel, fundou a União do Vegetal, a UDV, na Amazônia, em região próxima à fronteira entre o Brasil e a Bolívia.” (BRISSAC, 2004, p. 572). Apresento-a com mais detalhes no primeiro capítulo.

participando assiduamente do âmbito da mesma e buscando me transformar na mesma perspectiva, que já mencionei, de realização de um **ideal de transformação**, de **um mundo mais fraterno**.

Assim, observando as minhas próprias transformações (observadas e narradas também por algumas pessoas) e observando e ouvindo narrativas de transformações de diversas pessoas, surgiu em mim um querer: pesquisá-las cientificamente. Uso o termo 'transformações' em vez do termo 'mudanças' (embora este seja o mais usado em psicologia), pois o primeiro é significativo para os membros do CEBUDV.

Esta pesquisa se insere na perspectiva da Psicologia Cultural. Para Shweder (1991), “a psicologia cultural” é “o estudo dos meios pelos quais tradições culturais e práticas sociais regulam, expressam e transformam a psique humana” (SHWEDER 1991 apud BAIRRÃO, 2006, p. 302). Ela é “uma disciplina híbrida”, pois é “uma ciência natural, por admitir uma mente e um sistema nervoso muito plásticos e abertos”, mas, também, uma ciência semiótica” que concebe as “realidades” como “produtos” “de narrativas, na medida em que as coisas intencionais não têm realidade “natural” ou identidade separada dos entendimentos e atividades humanos.” (Id., p. 302-303). Minha opção teórico metodológica pela Psicologia Cultural se justifica, portanto, por meu interesse em estudar transformações pessoais, com uma metodologia etnográfica, nas atividades e narrativas – o foco foi nas tradições culturais e práticas sociais, em que as pessoas produzem significados e, assim, constroem juntas determinadas realidades sociais.

Shi-Xu sustenta que a psicologia cultural pode ter um papel importante e ativo na corrente tragédia humana e que novos e alternativos discursos de culturas humanas devem ser criados e cultivados para prevenir ondas de ódio e favorecer um mundo de justiça e paz. Esses discursos devem “ser baseados nos temas, até aqui muito suprimidos, da diversidade cultural humana, igualdade e destino comum” (SHI-XU, 2002, p. 76). E, segundo Edgar Morin, há grupos que buscam, entre outros aspectos, “éticas de pacificação das almas e das mentes” (MORIN, 2001, p. 102). Um lugar na cultura onde pode haver transformações nos sentidos que apontam Morin e Shi-Xu é no contexto de práticas religiosas.

A UDV é, segundo meu estudo (como talvez todas as religiões o sejam), um lugar que as pessoas buscam para **se transformarem em pessoas melhores**. Há organizações e projetos não religiosos que também têm esse objetivo. E são inúmeros os relatos de transformações em inúmeras instituições e grupos humanos nesse sentido. Segundo Dalgarrondo, “Bastide

defendeu que o espírito comunitário, a disciplina das Igrejas e o controle da vida afetiva do homem podem prover, via religião, uma vida mais sadia às populações” (DALGALARRONDO, 2007, [s.p]). E, a respeito do trabalho da Umbanda com crianças de rua, Bairrão conclui “que, por meio da inclusão profunda das crianças de rua no âmago da experiência religiosa, a Umbanda contraria a sua segregação e extermínio, físicos e simbólicos” (BAIRRÃO, 2004, p. 61).

Podem-se citar inúmeros trabalhos semelhantes a respeito de transformações benéficas trazidos por diversas práticas religiosas. No entanto, este não é o objetivo deste trabalho, mas sim o de pesquisar uma instituição específica: o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Ou, mais claramente, os objetivos desta pesquisa foram: realizar uma descrição etnográfica da UDV⁵ e verificar os sentidos das transformações pessoais nos ensinamentos da UDV.

Em seus rituais religiosos se comunga um chá denominado “Hoasca⁶” ou “Vegetal”, conhecido também como Ayahuasca, Daime e por diversos outros nomes, resultante de uma decocção de um cipó (*Banisteriopsis caapi*) com a folha de uma árvore (*Psychotria viridis*) (GROB, et al., 1996), chamados na UDV respectivamente Mariri e Chacrona (GENTIL; GENTIL, 2004). Segundo esses autores, “Para a UDV, a Hoasca é um veículo, um instrumento de concentração mental, através do qual a doutrina transmitida pelo Mestre Gabriel é difundida a seus discípulos” (Id., p. 561).

Em uma pesquisa a respeito de efeitos bioquímicos e psicológicos em um grupo de sócios da instituição, Grob et al. (1996) narram nos resultados que

Todos os 15 examinandos deram informações detalhadas sobre suas histórias pessoais, com ênfase particular em como o seu envolvimento com a UDV e a experiência com a hoasca tiveram impacto no curso de suas vidas. (...), foram bastante enfáticos quanto a transformações radicais no seu comportamento, atitudes em relação aos outros e visão da vida. Eles estão convictos de que têm sido capazes de eliminar sua raiva crônica, ressentimento, agressão e alienação, assim como em adquirir maior autocontrole, responsabilidade para com a família e comunidade e realização pessoal através da participação nas cerimônias da hoasca na UDV. (GROB, et al., 1996, p. 11).

Os participantes perceberam o chá como um catalisador do seu desenvolvimento psicológico e moral no contexto da estrutura ritual da UDV: inequivocamente atribuíram as

⁵ Mais especificamente do Pré-Núcleo Menino Deus, que faz parte da 2ª Região da UDV.

⁶ Emprego indistintamente os termos 'hoasqueiros' e 'ayahuasqueiros' em relação aos que utilizam esse veículo.

mudanças positivas em suas vidas ao seu envolvimento com a UDV (GROB, et al., 1996). Esse complexo cultural/semiótico do uso ritual da ayahuasca ilustra cabalmente um caso no qual as práticas culturais e simbólicas têm um alcance psicológico. Isto porque os sentidos das transformações estão associados à cultura da UDV, que estudei em minha pesquisa. Assim, considerando que a maioria das pesquisas realizadas na UDV até o momento focaliza os efeitos farmacológicos do uso do chá, a originalidade desta pesquisa consiste em privilegiar **a compreensão dos sentidos das transformações**, valorizando a importância desses significados no contexto dos rituais e da interação social e em que são produzidos.

O estudo dessas transformações pode trazer novas luzes a processos educativos e de ressocialização. Portanto, pesquisar a respeito de *transformações pessoais no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal* pode contribuir com objetivos no mesmo sentido de que falam Edgar Morin, de “éticas de pacificação das almas e das mentes” (MORIN, 2001, p. 102) e Shi-Xu de “favorecer um mundo de justiça e paz” (SHI-XU, 2002, p. 76).

Se hoje eu fosse budista, evangélico, maçom, islamita, baniwa, judeu, macumbeiro ou pertencente a alguma ONG, estaria, muito provavelmente, buscando estudar a religião, etnia ou organização à qual pertencesse. Assim, este é um trabalho de pesquisa a respeito da religião à qual pertencço e o que eu descobri nessa investigação foi o que eu pude encontrar. Há diversos estudos a respeito dela e o meu é a contribuição que eu posso dar no momento, com as limitações e os conhecimentos que possuo até agora. Desse modo, não pretendo, de forma alguma, dar a última palavra a respeito da mesma. Tampouco pretendo que todos os irmãos de religião concordem integralmente com as minhas interpretações. Nem Jesus Cristo agradou a todos, quanto mais eu, que estou em busca ainda de agradar a mim mesmo. Destaco, ainda, que, mesmo eu tendo utilizado também fontes oficiais do CEBUDV, as interpretações que faço não são oficiais e são de minha inteira responsabilidade. Mesmo porque, um compromisso “com um conceito semiótico de cultura e uma abordagem interpretativa do seu estudo é comprometer-se, com uma visão da afirmativa etnográfica como ‘essencialmente contestável’, tomando emprestada a hoje famosa expressão de W. B. Gallie” (GEERTZ, 1973, p. 20). E, segundo Belzen, “uma pesquisa da Psicologia Cultural é inspiradora para outras, levantando hipóteses, ou talvez objetando algumas outras, animando pesquisadores no engajamento em algo similar, convidando outros para tentarem algo parecido” (BELZEN, 2010, p. 48). Assim, esta pesquisa pretende ser **mais um diálogo** que possa incentivar outras pesquisas no sentido de buscarem a construção de uma sociedade

melhor, mais tolerante às diferenças, mais fraterna, que cada vez mais realize movimentos em direção a um mundo de paz.

Portanto, assim como pesquisei no meu curso de Mestrado a respeito da instituição onde trabalho, também de forma semelhante, pesquiso agora no curso de Doutorado a respeito da religião que me tem trazido mais saúde, paz e transformações benéficas. Com essa mesma concepção, se eu vier a realizar pesquisa(s) em outra(s) instituição(ões) da(s) qual(is) não faço parte, por uma *questão ética*, nada farei para que se sintam prejudicadas.

Minha pesquisa concebeu-se em uma atmosfera mundial de receio (medo e até pavor, por algumas pessoas) de destruição do planeta pelo aquecimento global. Nacionalmente, em um momento de acesso a bens de consumo até há pouco desconhecido para algumas camadas da população, mas com enormes desafios sociais, entre eles os da criminalidade e violência. Politicamente, houve uma descrença no socialismo, com a queda do muro de Berlim e a dissolução do império soviético e uma busca de perspectiva de mudança no sentido de uma sociedade mais justa e pacífica com uma visão mística (que chama este novo momento histórico de “Era de Aquário” ou de “Nova Era”), religiosa e/ou espiritual. É nessa busca que me incluí.

Alguns esclarecimentos necessários e os capítulos da tese

Coloco palavras ou frases **entre aspas**⁷ para destacá-las, por vezes, com referências aos diários de campo ou entrevistas de onde são provenientes, outras vezes, simplesmente para dar **destaque ao linguajar** corrente na instituição. Utilizo, ainda, abreviaturas para facilitar a leitura, mas em geral elas não são pronunciadas pelos sócios, a não ser no caso de “UDV”, mas mesmo esta é menos pronunciada que as palavras “a União do Vegetal” ou, simplesmente, “a União”.

Uso o **negrito** em meu texto com o objetivo de trazer à discussão os **significados que quero ressaltar** para responder ao tema proposto e, assim, dar visibilidade ao leitor sobre meu percurso de análise; opto por este recurso, ainda, para diferenciar dos itálicos que são geralmente utilizados pelos autores citados ou em casos de palavras de outra língua.

É necessário destacar que parte desses dados não pode ser transcrita por envolver aspectos reservados da instituição ou para preservar o anonimato das pessoas. Não são identificadas as pessoas, pois não é necessário se proceder assim, no máximo se identifica o grau hierárquico, porque o pertinente aqui é que eles são **porta-vozes de uma cultura** (de ideias, valores etc.) e, além de preservar a privacidade, faz parte dos **valores vivenciados** da instituição evitar a vaidade, o personalismo. As exceções são as pessoas que produziram alguma obra de arte ou literária, por envolver direitos autorais ou as pessoas que já são parte da história conhecida da UDV.

No primeiro capítulo, apresento meu objeto de estudo: um breve histórico a respeito da comunhão do chá, do fundador da UDV, de seus princípios e doutrina e sua estrutura organizativa.

No segundo capítulo, faço um delineamento teórico metodológico a respeito das perspectivas científicas em psicologia que me serviram como “fio de Ariadne” para encontrar a saída do imenso labirinto do conhecimento.

No terceiro capítulo, faço uma descrição etnográfica da UDV, mais especificamente do Pré-Núcleo⁸ Menino Deus (e das atividades e artefatos realizados e/ou utilizados pelos seus frequentadores), situado na cidade de Manaus, na 2ª Região da UDV.

No quarto capítulo, examino os sentidos das transformações pessoais nos ensinamentos da União do Vegetal.

Finalmente, no quinto capítulo, há a conclusão desta tese.

⁷ Obviamente, coloco também citações entre aspas, explicitando os autores (referência bibliográfica) conforme as normas da ABNT em vigor; portanto, nesta tese, nunca utilizo aspas com sentido figurado ou de ironia.

⁸ Atualmente não existe mais a denominação “Unidade Administrativa” (UA), que era o termo geral para “Núcleos” (Ns), “Pré-Núcleos” (PNs) ou “Distribuições Autorizadas de Vegetal” (DAs); anteriormente, eram Pré-Núcleos que, de acordo com alguns requisitos, transformavam-se em Núcleos; portanto, agora passam a ser organizados só Distribuições Autorizadas de Vegetal e Núcleos, sendo que ainda possuem a denominação de Pré-Núcleo os que foram organizados antes da nova norma. Mantenho estas denominações (“Unidade Administrativa” e “Pré-Núcleo”), pois facilita minha exposição e a compreensão do leitor.

1 UNIÃO DO VEGETAL (UDV): um breve histórico e alguns estudos anteriores

Para o psicólogo, as tendências religiosas do homem, hão de ser, pelo menos tão interessantes quanto quaisquer outros fatores pertencentes à sua constituição mental. (James, 1995, p.16 apud Carvalho, p. 35).

Neste primeiro capítulo, apresento o CEBUDV, onde realizei minha pesquisa, de forma breve, com o objetivo de familiarizar o leitor com alguns aspectos básicos da instituição. Utilizo como critério para a escolha prioritária de **alguns estudos** científicos que não trazem muitos aspectos polêmicos, pois os outros me obrigariam a me afastar do objetivo desta tese.

1.1 Hoasca: chá misterioso, enteógeno e sagrado

Hoasca é conhecido também como “chá misterioso” (Jornal O Alto Madeira, 7 de outubro de 1967 apud BRISSAC, 2004, p. 581). E, segundo um depoimento que ouvi do Mestre Florêncio, que é o Mestre responsável pelo início da UDV em Manaus e é membro do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG), este chá é conhecido pelos seringueiros como “cinema de índio”. E, como diz a pesquisadora Tatiana Carvalho

Para alguns pesquisadores a classificação do Vegetal como “alucinógeno” é uma imprecisão, pois o mesmo não causa perda do contato com a realidade – como pressupõe o termo – mas sim um grau ampliado de percepção que permite a compreensão da realidade com maior clareza ou transcendência. Nesse sentido, pesquisadores da área de Etnobotânica têm proposto a classificação do Vegetal como “enteógeno”, ou seja, substância que “gera uma experiência de contato com o divino” facilitando o auto-conhecimento e o aprimoramento pessoal. (CARVALHO, 2005, p. 18-19).

MacRae explicita que a palavra **enteógeno** é “derivada de entheos, palavra do grego antigo que significa literalmente ‘deus dentro’ e era (...) aplicada aos transes proféticos, (...), assim como aos ritos religiosos onde estados místicos eram experienciados” (MACRAE, 1992, p. 16). Ainda segundo Tatiana, sob o efeito da Hoasca

O movimento é de integração de todos os conteúdos da personalidade. Algo análogo ao processo de individuação da terapia junguiana, quando o sujeito é levado a ver a sombra e a luz dentro de si e a lidar com os conteúdos antes inconscientes. (CARVALHO, 2005, p. 28).

Mas, segundo esta autora, para diferenciar de outros enteógenos, “é melhor usar o termo “estado expandido de consciência”” e ela utiliza, ainda, “o termo *transe numinoso de interiorização*. Transe em referência ao estado expandido de consciência, numinoso em referência ao termo cunhado por Rudof Otto para definir o encontro com o sagrado, e interiorização como o movimento que proporciona o autoconhecimento.” (Ib., p. 29).

E, segundo o psicólogo cognitivo Benny Shanon, “a experiência da ayahuasca levanta sérias questões filosóficas. Entre elas há questões relacionadas às inquietações humanas e à natureza da cultura, à estética, ética, teologia e ao misticismo; muitas trazem enigmas e mesmo mistérios” (SHANON, 2003, p. 145).

Nesse artigo (que faz parte de uma investigação fenomenológica mais ampla que busca estudar a Ayahuasca por uma perspectiva psicológico-cognitiva), a respeito do conteúdo das visões do chá em diversos grupos⁹ e em diversos contextos, religiosos ou não, para “informantes indígenas quanto para não-indígenas”, veteranos ou iniciantes¹⁰, ele afirma:

os seres divinos são comuns em todos os conjuntos de dados examinados aqui e que na grande maioria dos casos constituem uma das categorias de mais alta posição. Assim, o contexto religioso pode certamente ter seus efeitos, mas o material de cunho religioso que aparece nas visões não depende absolutamente de tal contexto (tampouco, aliás, de experiências prévias com a infusão) (SHANON, 2003, p. 132).

E, mais adiante, diz que “as sessões caracterizadas pelos bebedores como suas melhores experiências tendem a incluir elementos de conteúdo religioso e/ou espiritual” (Id., p. 133). E continua, no resumo dos resultados e visão geral:

Sublinhe-se que tais conteúdos também aparecem em relatos da primeira sessão de iniciantes sem nenhum conhecimento ou contato prévio com a ayahuasca. Por vezes, há grande semelhança até mesmo entre descrições específicas de certos elementos de conteúdo, feitas por diferentes informantes. Além disso, tomados em sua totalidade, os elementos de

⁹ Esse quadro “(...) se manifesta em relatos feitos por pessoas que não se conhecem mutuamente, vêm de diferentes lugares e têm diversas origens pessoais e socioculturais” (SHANON, 2003, p. 135).

¹⁰ Shanon destaca que “É significativo que essas categorias incluam elementos que não têm relação com a vida e a história pessoal dos bebedores” (SHANON, 2003, p. 135).

conteúdo mais comuns nos relatos parecem definir um quadro único e coerente, ligado, em grande parte, ao mundo do fantástico, do maravilhoso e do encantado. (Id., p. 135).

Em outro artigo ele diz que “definitivamente não menos importante, estão as experiências *espirituais e místicas*. Estas sempre têm impacto profundo nos indivíduos que as experienciam e não raro resultam em transformações pessoais significativas” (SHANON, 2004, p. 686).

Ou seja, confirma o caráter enteógeno do chá (e, daí, o seu caráter de sacramento nas mais diversas culturas que o bebem) e das plantas professoras, que ensinam a respeito do Divino, religando as pessoas que o bebem a Deus. Shanon continua:

As cenas grandiosas impressionam bastante os bebedores, apresentam narrativas elaboradas e trazem mensagens a que os sujeitos atribuem importância. A sensação é que a experiência visionária não é meramente visual, mas também ideacional, e por ela algum ensinamento é transmitido à pessoa que vê (SHANON, 2003, p.137)

Ele sintetiza: “Para mim, a ayahuasca é um instrumento para descobrir novos territórios inexplorados e desconhecidos da mente humana - seja a mente de um índio ou de um ocidental (ou seja, eu também me incluo)” (SHANON, 2004, p. 684).

1.1.1 O chá utilizado por povos nativos

De acordo com Dobkin de Rios, “anterior à conquista europeia, dominação e aculturação da América do Sul, iniciada no século XVI, a hoasca foi largamente utilizada pelos nativos em rituais com propósitos mágicos e religiosos, presságios, bruxaria e tratamento de doenças” (Dobkin de Rios, 1972 apud GROB et al., 1996, p. 2). Seu uso pelo povo indígena da região, de acordo com Harner, tinha “o propósito de libertar a alma do confinamento do corpo” e permitir “uma variedade de experiências mágicas, incluindo o acesso à comunicação com os espíritos ancestrais”; antropólogos que realizaram “estudos etnográficos dos habitantes nativos da Bacia Amazônica descrevem fenômenos comumente induzidos pela hoasca, como visões” de animais, de “pessoas distantes, cidades e paisagens, a sensação de ‘ver’ o entrelaçamento detalhado de acontecimentos misteriosos recentes e a sensação de contato com o sobrenatural” (HARNER, 1973, p. 2).

O uso desse chá por povos nativos da América do Sul é uma tradição pré-histórica, como sacramento, ritual xamânico ou catalizador (FURST, 1976; BRAVO; GROB, 1989, GROB et al., 1996, p. 2) e também é considerado um grande “medicamento”, utilizado tanto no diagnóstico como no tratamento de doenças (SCHULTES; HOFMANN, 1992, GROB et al., 1996, p. 2). Segundo Hultkrantz, “Durante um rito xamanístico, um visionário inspirado, o xamã, entra em transe profundo e, em nome da sociedade a qual serve e com a ajuda de espíritos protetores, estabelece relações com as entidades espirituais” (HULTKRANTZ, 1989 apud MACRAE, 1992, p. 18).

Já Andrade (1995), refere-se a essas práticas como “fenômeno do chá”: “trata-se de um complexo místico-religioso dentro do qual encontramos todos aqueles que ingerem o chá ayahuasca, sob denominações diversas, em rituais de cura ou religiosos, tanto entre os indígenas em geral quanto entre os ‘civilizados’” (ANDRADE, 2004, p. 594). Essa vertente indígena ele denomina genericamente “religiosidade xamânica”; e a não-indígena, também genericamente, “religiosidade cabocla” (ib.).

1.1.2 Práticas religiosas ayahuasqueiras contemporâneas

O uso da hoasca para propósitos de cura e sustentação religiosa, durante os séculos de aculturação européia da Amazônia, emergiu de domínios exclusivamente tribais da floresta tropical e tem sido incorporado na estruturação da sociedade rural e urbana contemporânea, particularmente entre a população de mestiços indígenas do Peru, Colômbia e Equador. Identificada como um auxílio valioso em práticas populares de cura, a hoasca é ritualmente administrada pelos “ayahuasqueros” para grupos cuidadosamente selecionados de pacientes (DE RIOS, 1972 apud GROB et al., 1996, p. 3).

Ainda segundo Grob et al. (1996), esses curadores do povo empregam similarmente a sacramental Hoasca com objetivo de diagnóstico e cura, presságios e como um caminho de acesso aos reinos do sobrenatural, aderindo integralmente aos modelos xamânicos praticados pelos povos aborígenes. “Durante o século XX, o uso do hoasca tem crescido dentro do contexto de movimentos religiosos sincréticos modernos, particularmente no Brasil. Uma destas ‘igrejas’, (...), é a União do Vegetal (UDV)” (GROB et al., 1996, p. 3).

Segundo Andrade (1995), que atribui a esses movimentos o nome de “religiosidade cabocla”, se “compõe de quatro grupos: os nativos, não-indígenas; o Santo Daime; as ‘Barquinhas’; e a União do Vegetal” (ANDRADE, 2004, p. 594). É desta que trato mais

especificamente neste capítulo; e discutirei em relação aos três primeiros grupos nesta tese quando se fizer necessário.

1.2 O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV)

Segundo Andrade (2004)

uma análise objetiva nos levaria à constatação de que, contribuindo para a formação de uma nova consciência religiosa, **a União do Vegetal é mais uma comunidade de fé que se propõe positivamente à transformação do ser humano**. Este mesmo propósito encontramos alhures: na tradição abrahâmica, na torá mosaica, nos profetas do Antigo Testamento, no próprio movimento messiânico que fomentou o Novo Testamento, nas primitivas comunidades de cristãos, no advento da Igreja, na Reforma Luterana, no movimento pietista que desencadeou a atual fragmentação protestante; enfim em cada esquina onde se reunirem dois ou três com o propósito de suspeitar que a vida não se resume ao aqui e agora (ANDRADE, 2004, p. 604; grifos meus).

Portanto, de acordo com este autor, a UDV é uma instituição entre muitas que historicamente buscam a transformação das pessoas na tradição judaico-cristã. Certamente pode-se encontrar esse objetivo em diversas outras tradições religiosas e, por mais interessante que seja investigá-las, isso fugiria muito do escopo deste trabalho. Neste item explícito, de forma breve, a respeito do CEBUDV, que estudo nesta tese, basicamente a partir de outros autores, desde origem da instituição até o único estudo a respeito de transformações pessoais antes do meu.

1.2.1 Princípios, objetivos e doutrina da UDV

Todos os grupos que comungam o chá com ideais religiosos possuem princípios e objetivos. Os da UDV são explicados no seu site na internet:

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, sociedade religiosa sem fins lucrativos, tem por objetivo contribuir para o *desenvolvimento humano, com o aprimoramento de suas qualidades intelectuais e suas virtudes morais e espirituais, sem distinção de cor, credo ou nacionalidade*. (...). A UDV

tem como símbolo da paz e da fraternidade humana Luz, Paz e Amor (www.udv.org.br, 2001; grifos meus).

E, segundo Gentil e Gentil (2004), “a doutrina tem como base o cristianismo, mas também trabalha com elementos das culturas africanas e indígenas, e aproxima-se de outras seitas espíritas por ter a reencarnação como um dos seus pilares”. Assim, “pela sucessão de encarnações, o espírito pode evoluir até atingir a purificação¹¹. Ao mesmo tempo, distingue-se do espiritismo por não realizar ‘trabalhos’ com espíritos desencarnados, tais como a incorporação, a psicografia e os passes” (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 561).

E, como diz Tatiana Carvalho, de forma precisa:

Não existem comunidades ou grupos que vivam apenas em função do chá, da religião, ou em isolamento. Os seus integrantes levam uma vida social considerada comum segundo os padrões das localidades onde residem. Não é pedido que ao ingressar na UDV a pessoa abra mão de elementos que constituem a sua vida como: o nome, a profissão, o estudo, o local onde mora, o convívio com a família, os lugares que frequenta. A mudança é acima de tudo interior, a pessoa adquire uma nova compreensão dos mesmos elementos de sua vida cotidiana.

Nesta questão a UDV não crê na alienação do mundo material como condição para a transcendência. É ensinado na UDV que o verdadeiro aperfeiçoamento espiritual vem sendo alcançado quando o cotidiano é percebido como uma oportunidade de aprendizado e crescimento. A função da transcendência na UDV não é a abstração do mundo e sim a aquisição da capacidade de conhecer o que antes não era percebido: o propósito sagrado de todas as coisas. (CARVALHO, 2005, p. 16).

Por ora penso serem suficientes esses elementos, que serão examinados mais minuciosamente nos capítulos terceiro e quarto.

1.2.2 O chá Hoasca e a saúde física e espiritual

A respeito da União do Vegetal, Gentil e Gentil explicam que “para efeito de concentração mental, os associados, de sua livre e espontânea vontade, bebem um chá, HOASCA, que é a União de dois vegetais, o Mariri e a Chacrona, comprovadamente inofensivos à saúde¹²” (CEBUDV, capítulo I do regimento interno apud GENTIL; GENTIL,

¹¹ Explicito a respeito da “purificação” no quarto capítulo, nos itens “4.9 Aprender é transformar-se” e “4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito”.

¹² A respeito da inofensibilidade do chá, examino de forma mais minuciosa no próximo item (1.2.4 Direito de existir, concepção a respeito de “droga” e de chá Sagrado).

2004, p. 563). Mas ouve-se na UDV que, além de inofensivo, “o Vegetal é bom pra saúde”. Saúde física e espiritual.

Na literatura científica há narrações de hoasqueiros da UDV que afirmam “experimental melhora na memória e na capacidade de concentração” (GROB et al., 1996, p. 10). Em uma pesquisa com adolescentes da UDV, narra-se que “se poderiam observar pequenas diferenças em favor do grupo que bebia o chá em termos de menos sintomas de ansiedade, menos dismorfia da imagem corporal e menores desordens de déficit de atenção” (SILVEIRA et al., 2005, p. 132)¹³. E, que “os membros da Igreja frequentemente reportavam que quanto mais participavam dos rituais do chá, mais eles ‘aprendiam’ a como focar sua atenção. Isso pode se refletir na menor frequência de prováveis casos de déficit de atenção entre eles” (Ibid.)¹⁴.

Ligada à busca da concentração mental está a busca do equilíbrio¹⁵ e saúde. Segundo Ricciardi

A UDV não exige nenhum tipo de dieta, nem faz restrições a nenhum tipo de alimento, nem há a necessidade de abstinência sexual nem antes nem após as sessões, como acontece em outras religiões e grupos ayahuasqueiros. Mas a moderação e o equilíbrio são ressaltados como atitudes desejáveis. Os excessos alimentares, ou de qualquer outra natureza, são prejudiciais e vistos como atitudes potenciais para o desenvolvimento de doenças e aflições. A melhor forma de cuidar das enfermidades é prevenindo, tendo um cuidado consigo mesmo de modo que se possa viver em harmonia com todos os setores da vida, buscando uma vida saudável e tranquila (RICCIARDI, 2008, p.104).

Segundo entrevista de um mestre a Gabriela Ricciardi (2009), a pessoa pode receber uma cura física, se estiver merecendo. Ouvi diversas narrativas semelhantes a essas. Essa autora esclarece que “A UDV, (...), não possui sessões destinadas à cura, como outras religiões e grupos que fazem uso da Ayahuasca. Estimula e aconselha os enfermos a buscarem os meios convencionais (medicina científica) para tratamento das disfunções” (RICCIARDI, 2008, p. 99). Nesse sentido, ouvi diversas pessoas narrando que o próprio Mestre Gabriel necessitou ir à Fortaleza para tratar-se de uma tuberculose. E a pesquisadora continua, a

¹³ “Slight differences could be observed in favor of the ayahuasca group in terms of less anxiety symptoms, less body image dysmorphia, and fewer attention deficit disorders” (SILVEIRA et al., 2005, p. 132).

¹⁴ “Church members often report that the more they engage in ayahuasca rituals, the more they “learn” how to focus their attention. This may be reflected in the lower frequency of probable attention deficit cases among them”. (Ib.).

¹⁵ Esta concepção é explicitada no quarto capítulo, no item “**4.3 A concentração e a união**”.

respeito da UDV: “Não apoia nem incentiva o curandeirismo nem práticas ligadas a esse tipo de atividade no âmbito da [instituição]” (RICCIARDI, 2008, p. 99). Mas, de acordo com minhas observações, tampouco desaconselha o uso das práticas tradicionais ou da medicina alternativa.

Gabriela Ricciardi explica ainda que

Mesmo com a UDV tentando manter-se distante da práxis curandeirista, alguns adeptos acreditam ter recebido a cura de “doenças da matéria” através da UDV: em uma sessão; por uma chamada¹⁶ que traz a “força da cura”; através de uma mudança de hábitos que teria facilitado ou possibilitado a cura; através do recebimento, na burracheira¹⁷, de uma revelação importante de como ou onde buscar um tratamento, enfim, a cura pode vir de forma direta ou indireta. (RICCIARDI, 2008, p. 100).

Ouvi relatos de cura, mas mesmo não tendo presenciado até o momento uma cura direta, pude testemunhar uma indireta, onde a pessoa recebeu a orientação de procurar outro cardiologista e chegou ao atual que a diagnosticou e a medicou adequadamente. E Gabriela explica outra modalidade de participação indireta da UDV no processo de cura: “seja possibilitando uma melhor compreensão da vida; seja aliviando ou amenizando as aflições, medos e ansiedades pertinentes as enfermidades ou contribuindo com um quadro conceitual e cognitivo no ritual que contribui para cura” (Ib.).

De acordo com minhas observações, as sessões em que se fala a respeito de saúde são quando alguma pessoa (ou mais de uma) da UDV está necessitando de saúde e, invariavelmente, nas sessões de São Cosmo e Damião, que se realizam no dia 27 de setembro. Além da história contada a respeito deles e das chamadas e músicas, também se dão orientações a respeito de como obter mais saúde: buscando, com equilíbrio e orientação (pois há as diferenças individuais), a prática de exercícios físicos, alimentação equilibrada, a ingestão de água em quantidade recomendável e outros bons hábitos.

Já Andrade considera a UDV “uma Comunidade Terapêutica dentro da qual se expressam as vivências significativas de experiências profundas que propiciam uma espécie de “cura existencial” aos adeptos” (ANDRADE, 1995, p. 210). Esse aspecto é confirmado pela pesquisa de Tatiana Carvalho, que explicita:

¹⁶ Espécie de cântico entoado nas sessões religiosas da instituição.

¹⁷ Transe enteógeno devido à comunhão do chá.

O termo *numinoso* foi bastante usado por Carl Gustav Jung para designar as qualidades da experiência religiosa, e os seus efeitos psicológicos. Jung dedicou grande parte de sua vida ao estudo das religiões, discorreu inúmeras vezes sobre o aspecto salutar dos encontros numinosos de cunho místico com o sagrado, sendo por vezes experiências indispensáveis ao desenvolvimento do psiquismo de certos tipos de pessoas. (CARVALHO, 2005, p. 33).

Entretanto, conforme explica Ricciardi (2008) e, conforme minhas observações, o importante na UDV é sua missão espiritual. Ou, segundo um registro meu em diário de campo (DC), como dizem os mestres antigos, o Mestre Gabriel dizia que esse chá “é remédio pro espírito” e a “doença do espírito é a falta de conhecimento” (DC 26-02-2010)¹⁸.



Foto 1 – Detalhe do cipó Mariri, planta utilizada para o preparo do chá Hoasca (Fonte: www.udv.org.br)

Na Foto 1 vê-se um detalhe do cipó Mariri, planta utilizada (juntamente com a Chacrona) para o preparo do chá Hoasca.

1.2.3 UDV: o Mestre Gabriel, a recriação e organização da UDV

O nascimento do Mestre Gabriel é descrito por Brissac assim: “no dia 10 de fevereiro de 1922, no município de Coração de Maria, próximo a Feira de Santana, Bahia, nasce José Gabriel da Costa. Filho de Manuel Gabriel da Costa e Prima Feliciano da Costa, José nasce em uma numerosa família” (BRISSAC, 2004, p. 572). A respeito dos nomes dos lugares de

¹⁸ Analiso estas frases no quarto capítulo.

seu nascimento, é importante destacar que Santana era mãe de Maria. Assim, há uma clara referência, para os membros da UDV, de que o Mestre Gabriel veio com uma missão de ser um mensageiro de Jesus, filho de Maria¹⁹.

Esse autor conta que, “segundo seus parentes”, José já se destacava como alguém especial desde criança. Conta-se, por exemplo, que havia uma mulher com dificuldades no parto: “o bebê se encontrava mal posicionado e a parteira temia que morressem mãe e filho. José entra no quarto, manda todos saírem, tranca a porta e logo em seguida a destranca. Quando o menino abre a porta, simultaneamente nasce a criança” (BRISSAC, 2004, p. 573).

José cresceu “em um meio rural fortemente marcado pelo catolicismo popular”. Recordam que o “garoto ia aos domingos à igreja de sua cidade e levava com ele um barbante. Durante a missa, amarrava as pessoas umas às outras, pelos passantes das roupas, sem que elas percebessem”²⁰ (Ib.) Na UDV “há referências constantes a Jesus e a vários santos católicos: a Virgem da Conceição, São João Batista, a Senhora Santana, São Cosme e São Damião” (Ib.). Brissac (2004) verifica essas referências nas “chamadas, hinos entoados durante o ritual” religioso, mas isso também pode ser observado, por exemplo, nos nomes (que muitas vezes são nomes de chamadas ou palavras delas) das Unidades Administrativas da UDV: Menino Deus, São João Batista, São Cosmo²¹ e São Damião, Inmaculada Concepción, Menino Rei, Menino Galante, Salvador, Natal, Reis Magos, Gaspar, Senhora Santana, São Joaquim, Luz de Maria, Flor de Maria, Coração de Maria, Sagrada Família, São Miguel, San Miguel, San Francisco, Santa Luzia, entre outros. Além desses nomes, há uma referência judaico-cristã: Arco-Íris, Rei Davi, Rei Rabino, Templo de Salomão, Rei Salomão. Em um artigo, Edson Lodi explana:

Infância e mocidade permeada de brincadeiras simples com as coisas simples que o sertão e a família ofereciam. A música estava presente neste universo seja em formas de Cantos de Trabalho (bata de feijão, de milho etc.), dos cantos de lazer (sambas de rodas, batuques etc.) e nos cantos religiosos, conhecidos como benditos (LODI, 2009, p. 1).

Em 1935, com 13 anos de idade, José emprega-se num estabelecimento comercial; com 18 anos, presta serviço militar voluntariamente na Polícia Militar da Bahia, chegando em

¹⁹ Explicito mais a esse respeito no quarto capítulo no item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**”.

²⁰ “Departamento de Estudos Médicos da UDV. Texto do Programa Oficial do II Congresso em Saúde. Hoasca e desenvolvimento integral do ser humano. Campinas, 1993, p. 1. O texto continua: ‘José Gabriel da Costa — Mestre Gabriel — era esse menino. Fundou a União do Vegetal para continuar unindo as pessoas.’” (Ib.)

²¹ Na UDV é escrito “Cosmo” em contraste com o conhecido “Cosme”.

poucos meses à patente de cabo de esquadra. Segundo depoimento de seu irmão, Antônio da Costa, atualmente também mestre na UDV, José Gabriel “conheceu todas as religiões, conheceu os terreiros de Salvador, andou por todas as religiões procurando a realidade” (BRISSAC, 2004, p. 573). José iniciou-se na “ciência espírita” com apenas 14 anos segundo outro mestre. “Provavelmente, esta informação refere-se à participação de José em terreiros de candomblé, e não em centros kardecistas, com os quais entrou em contato, só que posteriormente, em Salvador” (BRISSAC, 2004, p. 573-4). Já, de acordo com “Afrânio Patrocínio de Andrade, José Gabriel frequentou sessões espíritas kardecistas na Bahia” (ANDRADE, 1995, p. 170 apud BRISSAC, 2004, p. 573-4).

Certos temas recorrentes na União do Vegetal, de acordo com Patrocínio de Andrade, podem ter sido colhidos do espiritismo kardecista: o reencarnacionismo, um dos eixos fundamentais da visão de mundo da UDV; o lema “Luz, Paz e Amor”, denominado o “símbolo da União”, pode provir dos temas espíritas da “luz interior”, da “paz de espírito” e do “amor ao próximo” (ou caridade); e a própria ênfase na “União” é frequente entre os espíritas no Brasil (Id., p. 574).

O jovem José foi considerado pelos prosadores populares, segundo declarações de familiares, um dos melhores da região. “Como cantador repentista teve sucesso inclusive em Alagoas e Sergipe. Também se destacou na capoeira, chegando a ser considerado um dos melhores do Nordeste” (BRISSAC, 2004, p. 574). Esse autor aponta que na capoeira os homens andavam e corriam “*em sentido contrário aos ponteiros do relógio*, um atrás do outro, o campeão à frente com os braços levantados” (LANDES, 1967, p. 117 apud BRISSAC, 2004, p. 574). E que “no ritual da UDV a circulação das pessoas no salão se faz também no sentido anti-horário, pois este é o sentido da força²²” (BRISSAC, 2004, p. 575). Este continua: “na capoeira, José cultivava uma série de habilidades postas em prática posteriormente, em suas experiências de incorporação nos toques de caboclo como Sultão das Matas. Do mesmo modo, tais habilidades também foram exercitadas como Mestre da UDV” (BRISSAC, 2004, p. 575). Outro aspecto importante da capoeira é explicada por Brissac: “No mundo da capoeiragem na época, a ética dos grupos sublinhava a importância da solidariedade e fidelidade entre os camaradas” (BRISSAC, 2004, p. 576).

Em 1943, José Gabriel integra a massa de trabalhadores nordestinos como soldado da borracha, “que se lançam como ‘brabos’ nos seringais amazônicos. ‘Brabo é gente que nunca

²² Explicito esse ponto nos capítulos terceiro e quarto.

cortou seringa, nunca andou na floresta. Sofremos muito, como brabo’ — declara Pequenina, esposa de José Gabriel” (Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, in Alto-Falante, agosto-outubro 1995, p. 6 apud BRISSAC, 2004, p. 577). Segundo este, ficou bem marcado na memória dos sobreviventes da “batalha da borracha” o seu sofrimento, pois foram “submetidos a condições de vida e trabalho extremamente penosas, em um ambiente desconhecido, sem o auxílio governamental prometido pela propaganda oficial” (BRISSAC, 2004, p. 577). E, segundo Morales (1999), “aqueles que conseguiram sobreviver a condições tão adversas foram homens de significativa inteligência e iniciativa, que conseguiram adaptar seus esquemas de percepção e recursos cognitivos à nova realidade em que se encontravam” (apud BRISSAC, 2004, p. 578).



Foto 2 – A Saga dos Arigós - A História dos Soldados da Borracha (Fonte: www.udv.org.br)

Assim, “José Gabriel foi um desses homens de aguda inteligência e destreza, que não somente conseguiu sobreviver como chegou a ser considerado pelos seus companheiros como o ‘Tuxáua’, o seringueiro que coletava maior quantidade de seringa na região” (Ib.). Contudo, Brissac destaca que, segundo a Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, “tais êxitos eram acompanhados de dureza e sofrimento, como quando José Gabriel pisou em uma arraia, e teve de passar ‘um ano e dez meses sem poder andar, de muleta’” (BRISSAC, 2004, p. 578). Assim “A União do Vegetal tem sua origem social ligada aos brasileiros que migraram para trabalhar como seringueiros na Amazônia em meados do século XX” (www.udv.org.br).

José Gabriel mudou-se, depois de trabalhar um tempo no seringal, para Porto Velho, onde ficou “trabalhando como servidor público, enfermeiro²³ no Hospital São José”, conhecendo, em 1946, Raimunda Pereira, chamada Pequenina, com quem se casou no ano seguinte. “Em Porto Velho, ‘Seu’ Gabriel atendia pessoas em sua casa, pois jogava búzios” (BRISSAC, 2004, p. 579). E, segundo o Conselheiro Paixão²⁴, tornou-se “Ogã e Pai do Terreiro de São Benedito, de Mãe Chica Macaxeira” (Entrevista do Conselheiro Paixão, in Alto-Falante, abril-junho 1995, p. 8-9, ib.). E “é significativo que nos anos 1960 ou 1970 haja a presença do Sultão das Matas na lista das entidades do terreiro, já que, como se verá adiante, José Gabriel ‘recebia’²⁵ esse caboclo quando trabalhava num terreiro que armou no seringal, nos anos 1950” (Ib.)

José Gabriel morou com Pequenina em Porto Velho até 1950, já tendo dois filhos: Getúlio e Jair. E além de trabalhar como enfermeiro, também tinha uma taberna de bebidas e gostava de política. Porém, seu candidato perdeu, e José teve de se afastar de seu trabalho, pois foi perseguido em seu emprego público no hospital, então resolveu voltar para o seringal. Segundo Mestre Pequenina, “ele disse: ‘É porque eu vou atrás de um tesouro.’ Mas eu era uma pessoa de cabeça cheia de muitas coisas e achei que era riqueza material que ele ia achar, e nós ia enricar, ter uma vida de rosa. Então, quando ele disse que ia, eu disse: ‘Então, vamos’” (Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, in Alto-Falante, agosto-outubro 1995, p. 7 apud BRISSAC, 2004, p. 580).

Assim, continua a viúva, “então eu digo que esse tesouro que ele encontrou junto comigo e os dois filhos, pra mim, é um tesouro tão maravilhoso que dinheiro nenhum não paga essa felicidade (...), esse tesouro, que é a União do Vegetal” (ib.). E, segundo Gentil e Gentil (2004), “José Gabriel da Costa dizia para sua companheira²⁶ que o objetivo de sua ida para o seringal era buscar um tesouro. Este ‘tesouro’ veio a ser encontrado em 1959 quando, através de outros seringueiros, teve contato com a ayahuasca” (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 560).

²³ Já, segundo Romero Menezes (2011, parte 2, 28/02) em “Cordel do Mestre Gabriel”, este teria sido auxiliar de enfermeiro.

²⁴ Estivera afastado do Quadro de Mestres e do Corpo do Conselho e, na época da entrevista, tinha sido reconduzido ao Corpo do Conselho; hoje já está novamente no Quadro de Mestres e no Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel.

²⁵ Está entre aspas, pois, como ele mesmo revelou a seus discípulos, “Sultão das Matas era ele mesmo”, segundo escutei de diversas pessoas, incluindo o seu filho, Mestre Carmiro.

²⁶ Termo bastante utilizado na UDV, pois tem o sentido de “acompanhar”, estar junto.

“No seringal Orion, José Gabriel abriu o terreiro no qual ‘recebia’ o Caboclo Sultão das Matas. Como recorda Mestre Pequenina, ‘vinha gente de tudo quanto era seringal’” (Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, *ibid.* p. 7 apud BRISSAC, 2004, p. 581). O Sultão das Matas “curava as pessoas, assim como indicava o lugar certo onde se encontrava caça. Adaptando-se a um novo contexto sócio-ecológico-cultural, José Gabriel dirige um rito sincrético afro-indígena” em que fica evidente o valor simbólico da floresta “que perpassa toda a vida dos seringueiros” (*ib.*).

José Gabriel recebe pela primeira vez o chá de um seringueiro chamado Chico Lourenço, no dia 10 de abril de 1959, no seringal Guarapari, numa colocação chamada Capinzal, na região da fronteira boliviana. “Chico Lourenço representa uma tradição indígena-mestiça de uso xamânico da ayahuasca que se espalha por uma ampla região da Amazônia ocidental. (...) Aí se inicia nova etapa na trajetória de José Gabriel” (BRISSAC, 2004, p. 582). Ele bebeu apenas três vezes o chá com Chico Lourenço e logo em seguida, viajou por um mês para levar um filho doente a Vila Plácido, no Acre; “e quando retorna traz um balde com o cipó mariri e as folhas de chacrona que colheu no caminho. Diz à mulher: ‘Sou Mestre, Pequenina, e vou preparar o mariri’” (Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, in *Alto-Falante*, agosto-outubro 1995, p. 8 apud BRISSAC, 2004, p. 582). Segundo Gentil e Gentil, conforme “depoimentos de seus familiares e amigos, desde as primeiras vezes em que bebeu o chá, demonstrou ter domínio sobre o seu uso” (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 561). Esses autores destacam que, “diferentemente de outros fundadores de seitas que também se utilizam da ayahuasca em seus rituais, José Gabriel da Costa, ingerindo o chá, não teve experiências que marcadamente modificassem seu comportamento” (*Ibid.*). Entretanto, é importante observar que, na UDV, distingue-se claramente José Gabriel da Costa (antes de se (re)encontrar com o chá Hoasca) do Mestre Gabriel (depois de recordar-se de sua missão através do chá). No documento lido nas sessões de escala²⁷ chamado “A Convicção do Mestre”, que havia sido publicado no *Jornal Alto Madeira*, há uma clara referência ao passado, onde ele havia **bebido cachaça e andado pelo baixo meretrício** e que **desconhecia seu Grande Deus** enquanto José, transformando-se em Mestre Gabriel pela recordação proporcionada pelo chá.

E, de acordo com seu filho Jair, “nesse período o Mestre Gabriel não deixou a macumba não. Ele fazia uma Sessão de Vegetal e uma de umbanda” (Entrevista de Mestre

²⁷ Explícito a respeito dos tipos de sessões no terceiro capítulo.

Pequenina e Mestre Jair, in Alto-Falante, agosto-outubro 1995, p. 7 apud BRISSAC, 2004, p. 582). Somente em 1961 ele teria revelado que não incorporava o Sultão das Matas (Ibid.). Segundo Brissac, “Este é um dos momentos mais importantes de ruptura de José Gabriel com a tradição religiosa à qual estava ligado anteriormente” (BRISSAC, 2004, p. 582). Pois,

agora Mestre Gabriel nega a incorporação dos cultos de caboclo e configura o transe que será típico da União do Vegetal: a burracheira. A burracheira, que segundo Mestre Gabriel significa “força estranha”, é a presença da força e da luz do Vegetal na consciência daquele que bebeu o chá. Assim, trata-se de um transe diverso, no qual não há perda da consciência, mas sim iluminação e percepção de uma força desconhecida. Há uma potencialização²⁸ dos sentimentos, das percepções e da consciência do indivíduo (BRISSAC, 2004, p. 583).

Já, de forma diversa, segundo um mestre do CREMG (em 21-03-2011), que entrevistei,

O Mestre Gabriel, depois que bebeu o Vegetal, (...) adentrou o processo de recordação e viu que o Sultão das Matas era ele próprio, em destacamento anterior e que a sua missão estava muito além da missão do Sultão das Matas. (...) Foi uma encarnação dele que ele estava interpretando, mas sem se dar conta que ele próprio era o Sultão das Matas e essa consciência veio no momento que ele começou a recordar, após beber a Hoasca.

Contudo, esse componente anterior, que permanece, pode ser observado em nomes de Unidades Administrativas (UAs): Rainha das Águas, Senhora das Águas, Janaína, Princesa Mariana.

Mestre Gabriel e sua família logo se mudam para o seringal Sunta, onde, no dia 22 de julho de 1961, reúne as pessoas para um preparo de Vegetal. Nesse dia, o Mestre Gabriel declara recriada a União do Vegetal, “já que ela teria existido no passado, quando ele mesmo teria vivido em outra encarnação” (BRISSAC, 2004, p. 583). Assim explica o casal Gentil: “durante três anos José Gabriel, já então Mestre Gabriel, bebeu o chá com sua família no seringal Sunta, próximo à fronteira com a Bolívia, vivenciando um processo de recordação de sua missão de (re)criar a União do Vegetal (CEBUDV 1989, p. 22)” (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 561). Ela “é uma obra milenar, que tem no Rei Salomão o seu criador” e que “não teve uma história de continuidade temporal no planeta, permanecendo desconhecida por muitos séculos. Por esta razão, Mestre Gabriel apresenta-se como seu recriador” (Ibid.).



Foto 3 – O Mestre da União, José Gabriel da Costa (Fonte: www.udv.org.br)

E, no ano seguinte, no dia 6 de janeiro se reúne com doze Mestres de Curiosidade no Acre, em Vila Plácido, em uma sessão, na qual reconhecem Gabriel como o Mestre Superior. (GENTIL; GENTIL, 2004). Isto é confirmado pelo meu DC 07-01-2010: “Ontem, sessão de Reis. Contada a História da Hoasca e a do reconhecimento pelos mestres de Curiosidade de que o Mestre Gabriel é um mestre superior a eles”. O termo “Mestres de Curiosidade” é usado na UDV em relação a Mestres que não usam o Vegetal para fazer só o bem. A palavra “curiosidade” é concebida na UDV, em contraste com a acepção do dicionário “vontade de aprender, saber, pesquisar (assunto, conhecimento, saber); interesse intelectual” (HOUAISS, 2001), como algo pejorativo, diferente do “interesse em aprender”; é concebida como algo da “Força Negativa” e não da “Positiva”²⁸. É importante destacar que esse “de” tem a pronúncia “di”, diferenciando-se, portanto, do verbo conjugado “dê”, que teria o sentido de “dar”.

E, “Finalmente, no dia 1º de novembro de 1964 é realizada uma sessão na qual o Mestre Gabriel afirma que fez a Confirmação da União do Vegetal no Astral Superior. Logo depois, em 1965, ele se muda para Porto Velho, para lá consolidar a nascente instituição”, tendo falecido “no dia 24 de setembro de 1971” (BRISSAC, 2004, p. 583).

²⁸ Por isso é considerada uma “planta de poder” (ver Labate e Goulart, **O uso ritual das plantas de poder**).

²⁹ Explícito a respeito de como a UDV concebe essas Forças no quarto capítulo, item “**4.1 Livre arbítrio**”.

Na Foto 4a, visualiza-se o Templo do Núcleo Coração de Maria, erguido no mesmo lugar em que havia a casa onde nasceu o Mestre Gabriel e na Foto 4b, a Mestre Pequenina, companheira do Mestre Gabriel, que com ele deu início à União do Vegetal.

Aqui fiz uma exposição panorâmica, mais com base em pesquisa em pesquisa bibliográfica, a respeito do recriador da UDV; ao longo dos demais capítulos, exponho dados a respeito dele, colhidos com a etnografia que realizei, principalmente no item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**”.



Foto 4a – Templo do Núcleo Coração de Maria (Fonte: www.udv.org.br)



Foto 4b – Mestre Pequenina (Fonte: www.udv.org.br)

1.2.4 Direito de existir, concepção a respeito de “droga” e de chá Sagrado

Segundo Gentil e Gentil (2004), “a UDV foi registrada em cartório inicialmente como Associação Beneficente União do Vegetal e, posteriormente, como Centro Espírita Beneficente União do Vegetal” (p. 561). Já, segundo Brissac (2004), “Em 1967, após incidentes de perseguição policial ao grupo em Porto Velho, é encaminhada a constituição de uma entidade civil, primeiramente denominada Sociedade Beneficente União do Vegetal, adotando depois o nome definitivo de Centro Espírita Beneficente União do Vegetal” (p.

572). E, de acordo com a “Agenda 2011. UDV 50 anos construindo a paz no mundo”³⁰, depois daquele episódio, “criou-se a Associação Beneficente União do Vegetal. A eleição da Diretoria foi no dia 1º de novembro, e a posse foi no dia 6 de janeiro de 1968” (CEBUDV–DG, 2011, p. após a data 02/01); esta é a versão oficial a respeito do nome, também encontrada no site da UDV (<http://www.udv.org.br/A+BOA+CAUSA+DA+UDV+DA+ORIGEMBRa+VIToRIA+NA+S+UPREMA+CORTE+DOS+EUA/Destaque/19/>). Mas, independentemente do primeiro nome registrado juridicamente, percebe-se, sem dúvida, que a **necessidade** da legalização da UDV foi decorrente de perseguição policial. Nesse sentido, ela vem buscando seu direito de existir. Por isso utilizou meios jurídicos para buscar garantir esse direito, mas, também, pesquisas científicas para buscar comprovar que **o chá é inofensivo no âmbito da instituição e da maneira criteriosa como é ali utilizado**.



Foto 5 – Preparo de Hoasca (Fonte: www.udv.org.br)

Por isso, a instituição realizou o Projeto Hoasca em 1993 que teve como objetivos “Investigar os aspectos médicos da Hoasca, respondendo a duas perguntas básicas: 1-“O Chá Hoasca utilizado no contexto da UDV é seguro?” e; 2-“Como ele age no cérebro?”.” (CEBUDV, 2000, p. 2). Ele envolveu cinco instituições brasileiras e quatro estrangeiras e, “Segundo o Dr. Charles Grob (UCLA), Principal Investigador do projeto, “Foi um estudo jamais realizado dos aspectos médicos da Hoasca, intensivo e exaustivo”” (Ibid., p. 3-4).

Cabe aqui explicitar a respeito da concepção de “droga” na UDV. Concebe-se que **“droga” é tudo que é prejudicial**; para diferenciar de substâncias benéficas, usam-se as

³⁰ A respeito dessa comemoração, pode-se ler no “ANEXO E – UDV comemora 50 anos em 2011”.

palavras “remédio” ou “medicação”. Quanto ao Vegetal, por ser um chá que altera o estado de consciência, gerou-se toda uma polêmica³¹ entre UDV e instituições do estado, onde os adeptos da primeira se embasam em pesquisas científicas, como já mencionei, e nos efeitos transformadores da “Hoasca” para argumentar que ele não é uma droga. Os argumentos são de que: 1) não é prejudicial à saúde (“do ponto de vista toxicológico, o Vegetal é quase tão inócuo quanto a água”); 2) não causa dependência (“não causa qualquer padrão de dependência, abuso, overdose ou abstinência”); 3) não causa prejuízo social (não se constatou o aparecimento de distúrbios mentais posteriores ao uso do chá); 4) transforma positivamente os seus usuários (“São abundantes, entre os membros da UDV, histórias de transformação moral, frequentemente envolvendo curas de alcoolismo, abuso de drogas, violências domésticas, prática de negócios fraudulentos etc.”); e, em consequência; 5) O uso ritualístico do chá é permitido legalmente, tanto no Brasil (desde a época da ditadura militar) quanto nos EUA (CEBUDV, 2000; CEBUDV, 2008; DC 21-03-2010). Destaco que, neste país, houve uma longa disputa jurídica para garantir o direito de beber o Vegetal em ritual. (Ver “ANEXO C – A defesa dos direitos da União do Vegetal”).



Foto 6a – Flor do Mariri (Fonte: www.udv.org.br)

Conforme os entrevistados CIC&L³² 28-08-2010, naquela ocasião,

³¹ Apresento aqui só a informação a respeito da concepção, pois não é objetivo deste trabalho entrar nessa polêmica.

travaram as plantação de Vegetal todo nos Estados Unidos e eles prenderam o Vegetal, recolheram todo o Vegetal que existia. Então nós ficamos um período de quase 6 anos até a solução da Corte aprovando e liberando o Vegetal. Nesse período que nós ficamos sem o Vegetal, a gente fazia as sessões regulares, 1ª e 3ª escala, bebia água, então tinha as chamadas de abertura, as chamadas regulares. E a sessão rolava por 4 horas do mesmo jeito (...).

- Foi um momento muito difícil pra mim, eu não tava pronta pra aquele momento, não. Eu queria mesmo era beber o Vegetal e continuar minha caminhada espiritual.

E, a respeito de dois acontecimentos no Brasil, de acordo com o DC 22-04-2010,

Mais uma entrevista em um programa de televisão, agora com alcance internacional, como consequência da repercussão da morte³³ do cartunista Glauco; mais um evento que marca o avanço da busca do reconhecimento por três religiões hoasqueiras³⁴: título de cidadão acreano aos líderes das mesmas. Neste caso, houve coincidência do momento, pois já havia o planejamento da homenagem antes do trágico acontecimento. Um ponto em comum nos dois casos é que, por conta do preconceito (originado mais por desconhecimento) por parte da mídia e população em geral, colocam os hoasqueiros em situação de alerta e mobilização emocional. Há narrativas de preocupação por parte de colegas e, principalmente, de familiares que ainda não conhecem o Vegetal. Isso pode ser vivenciado como algo até perturbador, já que é questionada a identidade dos hoasqueiros: são viciados em droga? E os questionamentos decorrentes daí. No Brasil não há questionamentos em relação às religiões católica e evangélicas; quanto ao kardecismo, principalmente com a projeção de Chico Xavier, parece não sofrer mais preconceitos; já as de origem afro, como o candomblé, ainda parecem sofrer mais preconceito, contudo, têm sido objeto de estudo há muitas décadas e, devido ao movimento negro no Brasil, têm tido espaço na mídia e até no currículo escolar do país. Contudo, as religiões hoasqueiras ainda são um mistério para a maioria da população, principalmente pela utilização de um chá, considerado alucinógeno. No estado do Acre, já por terem uma tradição maior, obtiveram um reconhecimento da Assembleia Legislativa, o que tranquiliza mais os hoasqueiros e familiares, mas ainda está longe do atual status das outras religiões no país. Isso se reflete em uma maior proximidade dos grupos hoasqueiros (internamente e entre si), que fortalecem sua identidade. Pelo que eu saiba, não houve casos de afastamentos de pessoas desses grupos por conta dos acontecimentos trágicos (assassinato do Glauco e mortes de dois outros, noticiados na mídia anteriormente).

E, de acordo com o DC 21-03-2010,

³² Utilizo “&” no caso de serem dois entrevistados.

³³ Por parte de uma pessoa com distúrbios psiquiátricos.

³⁴ Alto Santo, Barquinha e União do Vegetal.

Devido ao assassinato do cartunista Glauco e seu filho Raoni, foi colocada a gravação da entrevista com o Secretário Nacional de Políticas sobre Drogas, General Paulo Uchoa. A situação trágica gerou diversas ideias, sendo uma delas a de que o Daime teria ocasionado a tragédia, ao que o General opinou, contrariamente, que o réu confesso teria cometido uma insanidade daquelas em qualquer outra circunstância.

A transcrição desta gravação se encontra na íntegra no ANEXO L. Assim, há no Brasil, desde a época da ditadura militar, ainda uma luta em curso pelo direito a existência dos grupos ayahuasqueiros. Se no Peru, país vizinho, esse chá é patrimônio Cultural (**ANEXO J – Declaração de Ayahuasca enquanto Patrimônio Cultural do Peru**), no Brasil se enfrentam dificuldades como a petição que a UDV sentiu-se no dever de fazer ao CONTRAN (**ANEXO K – PETIÇÃO AO CONSELHO NACIONAL DE TRANSITO – CONTRAN**).

Em síntese, as dificuldades enfrentadas pela instituição na busca de legitimação, por mais desagradáveis que tenham sido, acabaram fortalecendo a identidade do grupo.

1.2.5 A instituição UDV: estrutura e funcionamento

GROB et al. (1996) afirmam que, “reunindo um grupo de seguidores leais, Mestre Gabriel (...), elaborou uma mitologia e uma estrutura para sua nova religião” que se espalhou “primeiramente através da Amazônia brasileira, e depois para o populoso e urbanizado Sul” (p. 3). Possui uma estrutura administrativa atualmente com Sede Geral em Brasília e constituído por ilimitado número de sócios (CEBUDV, 1994) através de unidades administrativas em todas as capitais dos estados do Brasil e em alguns outros países. Assim, “a UDV cresceu, nas subseqüentes quatro décadas, para atingir o tamanho atual de (...) membros espalhados por todo o Brasil, com adeptos por todo o espectro sócio-econômico e profissional” (Ibid., p. 3). Segundo a Agenda 2011, “Além da Sede Geral, existem 117 núcleos, 32 pré-núcleos, 11 distribuições autorizadas de Vegetal, 872 mestres, 2.513 conselheiros, e, aproximadamente, 15.000 sócios no Brasil e no exterior” (CEBUDV – DG, 2011, p. 50). Estas UAs estão listadas no ANEXO B.

Ainda, segundo GROB et al. (1996), os núcleos, “organizados na linha da antiga paróquia cristã”, são centros “onde a hoasca sacramental é consumida em longas cerimônias rituais realizadas duas vezes por mês, dirigidas por mestres locais, líderes da seita religiosa” (p. 3). (Essa é a interpretação dos autores de que as cerimônias são “longas”, contudo, na UDV as sessões de escala duram quatro horas e quinze minutos, enquanto que, em outros

grupos ayahuasqueiros as sessões duram bem mais que isso). E, mesmo não sendo “a única religião sincrética brasileira a usar a hoasca como sacramento ritual (o culto do Santo Daime sendo maior e mais amplamente conhecido), a UDV tem a mais forte estrutura organizacional, assim como a mais disciplinada irmandade”. Assim, “de todas as igrejas hoasqueiras no Brasil, a UDV foi também a mais ativa em convencer o Conselho Federal de Entorpecentes (Confen) a remover a hoasca da lista de drogas banidas, o que foi obtido, em 1987, para uso em contexto cerimonial religioso” (GROB et al., 1996, p. 3). Por essa necessidade, organizou o Centro de Estudos Médicos que, posteriormente, denominou Departamento Médico-Científico (DEMEC).

Gentil e Gentil (2004) sintetizam: “a expansão da UDV no meio urbano iniciou-se na década de 1960 e acentuou-se na década de 1980, período em que os valores materiais, éticos e morais foram fortemente questionados, perante a crise do modelo econômico e político” (p. 566). Para eles,

A expansão dos cultos afro-brasileiros, do kardecismo, das seitas protestantes, da renovação carismática e das seitas hoasqueiras, demonstra que no Brasil existe uma busca espiritual muito forte. E o Brasil é o país da Floresta Amazônica, da Mata Atlântica, do Pantanal. Num país onde a natureza tem uma presença tão marcante, existe uma forte conexão entre a busca espiritual e o caráter sagrado da natureza. A Hoasca vem sendo uma ponte que liga esses dois aspectos. (Ibid.).



Foto 6b – O Vegetal ou o chá Hoasca (Fonte: www.udv.org.br)

E, para a UDV, a Hoasca é um chá Sagrado, é “A natureza como fonte de luz” (www.udv.org.br).

Gentil e Gentil (2004) explicam que

a União do Vegetal é uma seita iniciática³⁵: a transmissão da doutrina é oral e feita de maneira criteriosa, dentro das sessões — nome dado ao ritual onde é bebido o chá” e que “os discípulos recebem os ensinamentos gradativamente, segundo o ‘grau de memória’ ou ‘grau espiritual’ e, ao demonstrar comportamento em sintonia com os estatutos e boletins — que são a lei da instituição — sempre lidos no início das sessões de escala (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 562).

Nesse sentido, conforme o DC 21-02-2010, “O grau de memória é o próprio espírito. (...) O grau de memória é o grau de evolução do espírito, é o grau de compreensão do espírito: como compreende e como pratica o que aprende”. Assim também o Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes explica: “A doutrina da União do Vegetal (...), na sua globalidade, é **transmitida apenas oralmente, nas sessões religiosas**, em seu Templo Espírita” (CEBUDV, 2008, p. 7; grifos meus).

O “grau de memória” é “a capacidade de ouvir, compreender e memorizar os ensinamentos sob o efeito do chá, ou seja, de ‘burracheira’. Para a UDV, ‘grau de memória’ é diferente de inteligência, de título acadêmico ou diploma” (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 562). E, de acordo com minhas observações, desses diferentes graus, surge a necessidade de hierarquia, pois, quanto maior grau de memória, maior a capacidade para servir ao próximo e, portanto, maior a responsabilidade do discípulo³⁶. Nesse sentido, segundo esses autores, “existe um conjunto de leis que regem a organização do Centro e que buscam propiciar ao associado (...) as condições para a sua transformação no sentido do desenvolvimento espiritual” (Ibid.) e, por isso, “há uma série de preceitos e valores a serem observados dentro do grupo, uma vez que a pessoa opte por ser um sócio da UDV. O cumprimento destes preceitos é, inclusive, uma das condições para a própria permanência como associado” e “sua ascensão aos demais graus será feita por convocação pelo Mestre Representante³⁷ e terá, como critério básico, comportamento condizente com a doutrina, independentemente da condição social e cultural do discípulo” (Ibid., p. 563-4).

O CEBUDV possui, segundo os autores citados, “quatro segmentos: Quadro de Mestres (responsável pela transmissão da doutrina): Corpo do Conselho (responsável pelo

³⁵ Explicito mais a esse respeito no segundo capítulo.

³⁶ Conforme examino de forma mais detida no item “3.3 Estrutura hierárquica e concepção de ‘autoridade’”.

³⁷ O responsável Espiritual pela Unidade Administrativa, eleito para um mandato de três anos.

aconselhamento da irmandade e auxílio direto ao Quadro de Mestres); Corpo Instrutivo e Quadro de Sócios” (Ibid., p. 563).

“Os núcleos estão reunidos em regiões, supervisionadas por um Mestre Central, que é responsável pela disciplina dos núcleos da sua região. A ele reportam-se os Mestres Representantes” (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 564). Os Mestres Centrais, por sua vez, reportam-se ao Mestre Geral Representante (MGR), que, de acordo com Gentil e Gentil, é a autoridade máxima do Centro, sendo “eleito por um período de três anos, pelo Conselho da Administração. O Mestre Geral Representante indica os Mestres Centrais com a concordância dos Mestres Representantes” (Ibid., p. 564). Acrescento que existe o Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, cujo histórico sucinto pode ser lido no “**ANEXO D - Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel**”.

Os filiados usam uniforme nas sessões. Com exceção dos Mestres Representantes, Mestres Centrais e o Mestre Geral Representante, que “usam camisa azul com a identificação dos diferentes graus hierárquicos”, os demais usam “camisa verde, com letras bordadas no bolso, que identificam o grau que o discípulo ocupa na hierarquia, sendo que as camisas dos mestres possuem bordada uma estrela. Para as mulheres, saia ou calça amarela e, para os homens, calça branca” (Ibid.). Quero acrescentar aqui que, segundo minha observação, os Mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel também usam camisa azul e todos os sócios e sócias usam sapato branco, sendo que os homens usam meias brancas e as mulheres podem também usar meias brancas ou não usar meias.

Os autores destacam ainda que,

um aspecto central de toda a instituição, que é o respeito á liberdade de escolha individual. Característica esta que sempre esteve presente nas atitudes do Mestre Gabriel em relação aos seus discípulos. Por exemplo, dizia que não acreditassem no que ele falava mas, sim, que “examinassem”. (Ibid.).

Por ora são suficientes esses elementos, que serão examinados mais minuciosamente nos capítulos terceiro e quarto.

1.2.6 Estudos a respeito de transformações pessoais no CEBUDV

Diversos estudos foram realizados a respeito de práticas religiosas hoasqueiras ou ayahuasqueiras, ou seja, onde o sacramento é a ingestão do chá, que também é conhecido

entre populações indígenas como caapi (LUZ, 2004) ou yagé (LANGDON, 2004; ZULUAGA, 2004). Esses estudos se estendem desde o fenômeno da saída dos usos ritualizados da ayahuasca do âmbito das sociedades indígenas amazônicas para uma difusão, seja entre seringueiros na floresta, seja em sessões de cura de vegetalistas andinos, seja em cultos urbanos espalhadas pelo Brasil e pelo mundo; são pesquisas com perspectivas mais marcadamente antropológicas (MACRAE, 1992; SENA ARAÚJO, 1998 e 1999; CEMIN, 1998; LUZ, 2004; GOULART, 2004; LANGDON, 2004; ZULUAGA, 2004; FRENOPOULO, 2005; BOMFIM, 2007), históricas (SILVA, 1983; HENMAN, 1986; ANDRADE³⁸, 1995 e 2004; BRISSAC, 1999 e 2004; e GENTIL & GENTIL, 2004), psicológicas (SHANON, 2002, 2003 e 2004; CARVALHO, 2005), botânicas (CORRÊA, 1994; LANGDON, 2004), médicas e farmacológicas (LABIGALINI, 1998; ANDRADE et al., 2004; DOERING-SILVEIRA et al., 2005a, 2005b; SILVEIRA et al., 2005; RIOS, 2005; GROB et al., 1996 e 2004; BRITO, 2004). Todos, apesar das diferenças de abordagens e de foco, falam a respeito das transformações pelas quais passam as pessoas que vivenciam esses rituais; há casos em que, mesmo tendo havido uma única vivência com o chá, se observam e se narram transformações no sentido de se tornarem pessoas mais pacíficas, contudo, esses estudos não falam especificamente a respeito de transformações pessoais. A esse respeito, o único estudo específico realizado no CEBUDV é a Dissertação de Mestrado de Gabriela Santos Ricciardi, intitulada “O uso da ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na União do Vegetal (UDV)” de fevereiro de 2008, a respeito do qual discutirei agora.

As perguntas centrais de seu trabalho são: “1- Como acontece a experiência de transformação, alívio e cura para os adeptos da União do Vegetal? [e] 2- A que ou a quem os udvistas atribuem essas transformações?” (RICCIARDI, 2008, p. 139). De acordo com ela, “A cura e o alívio das aflições, segundo os adeptos, acontecem por uma transformação no modo de compreender a vida e a si mesmos, e essa mudança se reflete nas atitudes que são reorientadas segundo uma cosmologia udvista” (Ibid., p. 120). Assim, “o ritual é capaz de (re)orientar a atitude dos seus participantes, tendo efeito ‘transformativo’ nos indivíduos, em que os mesmos são inseridos em um novo contexto de experiência” (Ibid.). Ainda, segundo Ricciardi, um aspecto importante em relação à percepção da transformação é o caráter social da mesma: “A transformação pode ser sentida pelo adepto, mas só é considerada legítima quando pode ser perceptível aos outros” (Ibid., p. 120). Só é considerada legítima e verdadeira

³⁸ Este pesquisador também se enquadra nas “ciências da religião”.

“quando os familiares, a comunidade da UDV, os amigos, e as redes sociais das quais o indivíduo participa reconhecem essa transformação” (RICCIARDI, 2008, p. 120). E, por isso, existe uma referência por parte de quem ouve falar da UDV de que ela “pode auxiliar as pessoas (...) de forma que as mesmas aprendem a lidar de forma mais harmoniosa com seus problemas e conflitos, tendo atitudes mais equilibradas, possibilitando um melhor viver em sociedade”. (RICCIARDI, 2008, p. 120).

Em sua pesquisa, Gabriela entrevistou duas pessoas “com problemas de dependência de ‘drogas’ em um nível que comprometia suas relações sociais e profissionais” e “uma com um problema físico que é o câncer de próstata”. As três

se diziam aflitas, ansiosas, com uma sensação de que algo lhes faltava. Sentiam um vazio existencial que procuravam preencher de diversas formas. O encontro com a religião UDV era um modo que eles buscaram para minimizar ou curar seus sofrimentos, buscando alívio ou cura para os respectivos problemas enfrentados (RICCIARDI, 2008, p. 121).

Quero destacar a narrativa da uma “Entrevistada”:

- Assim, eu ainda procuro a felicidade, claro, mas eu sei que agora eu tô no caminho mais verdadeiro, então, o pouco que eu sou feliz, eu sei que é verdadeiro, então, eu não posso dizer que eu sou uma pessoa feliz porque eu ainda tenho alguns traumas, eu ainda tenho umas coisas que eu ainda tenho que transformar, mas eu sei que eu tô no caminho certo para isso.
- No campo de sentimentos eu considero que trouxe uma cura no campo do..., das drogas, assim também, e no campo dos sentimentos eu venho me curando de algumas coisas, traumas, por exemplo (...) (RICCIARDI, 2008, p. 122).

Assim, B atribui a cura (e, portanto, transformação) no campo das drogas e dos sentimentos à sua participação na UDV e está “no caminho mais verdadeiro” da felicidade, mas ainda precisa transformar-se e sente que está no caminho certo para isso. Segundo a pesquisadora, “muitas pessoas dizem se sentirem melhores, dizem que ao entrar em contato com a UDV conseguiram resolver conflitos internos, aliviando ou minimizando situações de sofrimento” (RICCIARDI, 2008, p. 122). E, segundo sua pesquisa, “declaram ter uma enorme gratidão³⁹ em poder estar participando das sessões e de serem sócios da UDV, principalmente em virtude dos benefícios que afirmam receber” (Ibid., p. 122). De modo semelhante, “os familiares mais próximos dos entrevistados também se dizem extremamente gratos” a UDV

por ter possibilitado “um reordenamento na vida dessas pessoas que passaram a ter atitudes mais equilibradas e menos conflituosas consigo mesmo e com os familiares” (RICCIARDI, 2008, p. 122).

Quero destacar, assim, que está presente, nas diversas narrativas na pesquisa de Ricciardi, “um vazio”, uma sensação de inexistência de sentido existencial anterior a chegada à UDV e, portanto, um sofrimento mais forte ou menor, mas sempre presente. Esse sofrimento pode se manifestar fisicamente ou psicologicamente ou de ambas as formas. A UDV, segundo Ricciardi, proporcionou um sentido existencial que parece ser determinante para as transformações das pessoas.

“Para um Mestre da UDV essas transformações acontecem em virtude do encontro do indivíduo com a espiritualidade e também através do encontro com níveis de respostas a questionamentos internos” (RICCIARDI, 2008, p. 123). Esse mestre diz que

- Essa transformação acontece, porque (...) as pessoas encontram um sentido pra vida com relação à espiritualidade. Então isso dá pra elas uma segurança e uma confiança na vida e aí acontece a transformação, porque a União preenche um lugar na busca de cada um que chega aqui, que encontra com esse lugar e que segue nessa caminhada de evolução.
- Essa transformação eu acredito que seja pela busca que todos têm, consciente ou não, têm, e quando ele chega nesse lugar, que encontra níveis de respostas pra questões internas, então, essa transformação acontece e a pessoa passa a ter uma satisfação melhor do seu mundo interior, e com isso se sente mais tranquila, mais confiante (Ibid.).

Essa autora relaciona a narrativa do entrevistado com o “pensamento de Jung que acredita que algumas pessoas se tornam neuróticas por ‘não encontrarem respostas às questões internas’” (Ibid., p. 124). Para ele:

Vi muitas vezes que os homens ficam neuróticos quando se contentam com respostas insuficientes ou falsas às questões da vida. Procuram situação, casamento, reputação, sucesso exterior e dinheiro; mas permanecem neuróticos e infelizes, mesmo quando atingem o que buscavam. Essas pessoas sofrem, frequentemente, de uma grande limitação do espírito. Sua vida não tem conteúdo suficiente, não tem sentido. Quando podem expandir-se numa personalidade mais vasta, a neurose em geral cessa (...). Meus pacientes, na sua maioria, não eram crentes, mas pessoas que haviam perdido a fé; eram ovelhas desgarradas que vinham a mim. O crente tem na igreja, ainda hoje, a ocasião de viver os símbolos (JUNG, 2002, p. 128 apud RICCIARDI, 2008, p. 124).

³⁹ A gratidão é um elemento importante na cultura da UDV, examinado nos capítulos terceiro e quarto.

De acordo com Tatiana Carvalho, há “o anseio por respostas aos questionamentos mais intrigantes a respeito da vida, respostas que a razão parece não ser capaz de oferecer. O descontentamento com argumentos excessivamente racionais pode gerar sofrimento e frustração” (CARVALHO, 2005, p. 107 apud RICCIARDI, 2008, p. 124). E “a busca por explicações mais profundas só é suprida quando se restabelece o contato com o inconsciente e com o mundo espiritual” (Ibid., p. 124).

Em relação à visão dos udvistas (a que ou a quem eles atribuem essas transformações de vida), Ricciardi encontrou “cinco fatores: ao querer, ao chá, aos ensinamentos ou doutrina, ao Mestre Gabriel e [à]s pessoas” (Ibid., p. 130).

Segundo ela,

Apenas uma das pessoas entrevistadas atribui sua transformação diretamente ao Mestre Gabriel. Isso revela que mesmo havendo a rotinização do carisma, ainda existe quem atribua de forma direta a sua transformação, alívio e cura, ao líder carismático da instituição. Tal fato evidencia que o poder carismático do fundador dessa religião estendeu-se para além da sua morte em 1971, permanecendo até hoje entre os adeptos. É válido ressaltar que embora a entrevistada “J” atribua a sua transformação ao Mestre Gabriel, ela não chegou sequer a conhecê-lo, o que demonstra a extensão do seu carisma (RICCIARDI, 2008, p. 131).

O “querer” é, segundo uma entrevistada, “força de vontade. Porque só o chá e a doutrina, se a pessoa não tiver o querer também, não resolve”. E segundo outra, “porque a gente não faz nada que a gente não quer, então se eu não quisesse eu não tinha parado de fumar porque tem pessoas que tão na UDV há muito tempo já e também continuam fumando e continuam fazendo outras coisas” (Ibid., p. 125). De acordo com Ricciardi (2008) “segundo a doutrina udvista, o querer é uma força poderosa, que existe em todos os seres humanos e permite que os mesmos possam realizar muitas coisas (...). É necessário orientar o pensamento no sentido de se querer coisas boas e positivas” e que “querer se transformar é o primeiro passo na busca de se sentir melhor” e, ainda, que “o querer é como ‘a força de vontade’, uma disposição interior em ter uma meta, se estimulando e se encorajando sempre para conquistá-la” (Ibid., p. 125).

Ricciardi afirma, em relação à importância do chá Ayahuasca ou Vegetal para as transformações pessoais, “para os entrevistados, o chá ‘expande a consciência’, permitindo um contato com uma realidade extra cotidiana, com uma experiência de transcendência onde

podem ter acesso a conteúdos desconhecidos até então” (RICCIARDI, 2008, p. 126). Seu entrevistado “A” diz: “O chá abre assim... em mim... abre minha mente para eu ver assim... as coisas como elas são mesmo, as coisas retas da vida, as coisas corretas da vida. O chá me proporciona isso assim, me abre esse caminho para eu chegar nas coisas corretas, certas da vida” (Ibid., p. 126). E a entrevistada “B”, atribuindo a transformação primeiro ao chá, narra: “Eu atribuo a minha transformação, primeiro, ao uso do chá, ao chá, a doutrina, que é a palavra que o mestre traz na sessão” (Ibid., p. 126). Já o entrevistado “D” aponta o caráter enteógeno do chá na transformação:

- O chá ele desperta, ele me acalma, ele penetra no íntimo do meu sentimento, e me aflora, onde eu posso me ver melhor, ver meus defeitos pra corrigir, ver com mais clareza o que é a família, o que significa ser humano, o que significa o próximo, o que significa Deus, (...), então o chá pra mim é uma coisa maravilhosa (Ibid., p. 126).

No mesmo sentido, também narra o entrevistado “E”: “é uma substância que expande a consciência e traz um contato com o espírito, com o interior de cada um, com a consciência” (Ibid., p. 126). Assim, “a capacidade de se ver, de olhar para si próprio e encontrar respostas para as inquietações e indagações humanas facilita o encontro com um sentido para a vida” (Ibid., p. 126). Gabriela atribui a geração das transformações a “essas respostas” e a “esse novo sentido” que “desperta um querer melhorar, conforta e reordena o indivíduo numa busca de praticar atos e pensamentos que o tornem mais felizes” (Ibid., p. 126-7).

De acordo com ela,

Krupitsky (1997) acredita que uma revisão da literatura sugere que a experiência psicodélica pode ter efeitos benéficos no sentido de contribuir para o processo catártico, estabilizando câmbios psicológicos positivos, favorecendo o crescimento pessoal e a consciência de si mesmo, catalisando insights de problemas existenciais, abarcando horizontes espirituais e harmonizando as relações com o mundo e com outras pessoas (Ibid., p. 127).

Ricciardi atribui conclusão semelhante a respeito da Hoasca a McKenna, et alii⁴⁰, (2002) que concluem “que o uso por longo tempo da hoasca por si mesmo possa ter efeitos positivos e terapêuticos no status psiquiátrico e funcional dos indivíduos” (2002, p. 665 apud RICCIARDI, 2008, p. 127).

⁴⁰ Encontrei citação semelhante em GROB et al., 1996 e 2004.

Além do chá, “o set ou o estado psicológico do indivíduo, sua personalidade e as expectativas que possui em torno da substância, e o setting que é o meio físico e sócio cultural onde ocorre o uso da substância, (...), determinam também o caráter da experiência” (MCKENNA, et alii, 2002, p. 665 apud RICCIARDI, 2008, p. 127). A transformação ocorre quando as pessoas chegam a “ ‘se entregar’ e ter uma disposição interior em si [sic] ver, em si [sic] conhecer na sua totalidade. Em alguns momentos, (...), principalmente aqueles que causam dor e sofrimento (...) é preciso confiar, ‘confiar no vegetal’, ‘confiar no Mestre Gabriel’, ‘confiar nos mestres’ ”, em síntese, “confiar que se está em uma experiência dirigida por alguém que tem a capacidade de administrar o uso e os efeitos, e isso é ensinado: tem-se que exercitar a entrega, ‘se entregar à burracheira’, ao que ela está querendo mostrar” (RICCIARDI, 2008, p. 127). Assim a pessoa pode “reavaliar sua conduta, seus valores, e transformar aspectos negativos de sua personalidade” (Ibid., p. 128).

Segundo uma entrevistada sua:

- Não é só o chá. Aí é que tá, o chá também, mas não é só isso, porque (...) Eu já tinha bebido o chá no (local em que bebeu o chá antes de beber na UDV), mas não tinha conseguido parar de fumar. Eu me questiono sobre isso. O chá em si é uma coisa sagrada, e eu sei que através dele a gente consegue essa clareza prá desejar. O chá me deu essa clareza do que é o cigarro, prá despertar, por que eu mesma tive essa clareza do chá, parei e voltei a fumar, quer dizer, só isso não foi o suficiente só o chá ter me dado essa clareza. Eu tive que realmente querer. Agora o chá claro que ele tem seu papel, até por que a doutrina da UDV é bebendo o chá também, mas eu me questiono se o chá tem uma importância tão grande nesse sentido porque eu bebi o chá, eu bebo esse chá desde que eu tinha oito anos de idade no (local em que bebeu o chá antes de beber na UDV), e o chá é o mesmo. Então porque que lá eu não tive essa coisa tão forte que nem eu tive na UDV? Então por isso que eu acho que é o chá, claro, mas também não é o chá sozinho. Então é o chá com a doutrina da UDV, com o exemplo das pessoas da UDV, que isso também cria uma força, um estímulo e um fortalecimento muito grande, pelo menos prá mim (Ibid., p. 128).

Ou seja, além do chá, também há a doutrina, o exemplo das pessoas e o querer se transformar.

Nos documentos oficiais se lê que

Para a União do Vegetal o chá Hoasca:
“(...) é uma dádiva de Deus, um instrumento para acelerar a caminhada evolutiva do homem, devolvendo espiritualidade a uma civilização inebriada pela lógica cientificista.

Mesmo assim, não vê o chá como um fim em si mesmo, mas como um veículo para uma caminhada que exige sacrifícios e renúncias e cuja base é a doutrina de fundamentação cristã, aprofundada pelos ensinamentos transmitidos pelo Mestre Gabriel.

O chá permite, dentro do uso ritualístico ministrado pela União do Vegetal, que o discípulo entre em contato com as vibrações do plano espiritual, com plena clareza de consciência – tudo, naturalmente, dentro da lei do merecimento. Há inclusive casos de pessoas que bebem o chá e sequer sentem os seus efeitos⁴¹ (“União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos”, p. 34 apud RICCIARDI, 2008, p. 128).

Ricciardi entrevistou uma pessoa que, apesar de colocar o chá em primeiro lugar como agente de transformação, coloca em seguida a doutrina e os ensinamentos do Mestre Gabriel: “(...) sem dúvida, o que é de maior importância, o que ajudou mais é o chá, o chá Hoasca que a gente comunga e a doutrina deixada pelo o guia que recriou essa religião que é o Mestre Gabriel” (RICCIARDI, 2008, p. 126).

Outros, de acordo com ela, colocam os dois no mesmo plano: “Entrevistado ‘K’: - ‘O chá junto com a doutrina. Não dá não Gabriela, uma coisa depende da outra. É uma coisa muito forte’” (Ibid., p. 129).

Mas, segundo essa autora, há os que colocam em primeiro lugar a doutrina (ou ensinamentos) como agente de transformação. Um entrevistado seu diz: “Eu atribuo essa transformação aos ensinamentos, a seguir os ensinamentos da UDV, ao chá, o Marirí com a Chacrona, e isso faz com que a pessoa transforme mesmo” (Ibid., p. 129).

Já outra entrevistada sua atribui as transformações à doutrina e à estrutura da instituição: “Olha, eu atribuo (...) ao fator da UDV mesmo, da doutrina da UDV, da estrutura da UDV, (...). Então, eu acho que a estrutura da UDV e essa doutrina mesmo dita é uma coisa muito importante” (Ibid., p. 129).

Outra resposta encontrada por Ricciardi (2008) é “As pessoas: Relação e ação comunitária”. Um entrevistado seu diz: “Eu atribuo minha transformação aos ensinamentos que a União do Vegetal passa, as pessoas, os verdadeiros amigos que eu encontrei lá, os conselheiros, os conselhos que eu recebo das pessoas de lá da convivência mesmo na UDV” (Ibid., p. 129). E segundo outro entrevistado: “A UDV. As pessoas (...). Os mestres, que dá uma atenção, que tem um cuidado, assim, com todos. Os irmãos também da UDV que dá uma força pra gente quando a gente chega, é bem acolhido (...)” (RICCIARDI, 2008, p. 131). E mesmo um entrevistado que atribui as transformações em primeiro lugar ao chá, diz:

⁴¹ Ouvi uma narrativa de uma pessoa que disse ter sentido burracheira só na oitava vez em que bebeu o chá.

- Eu acho que de todas as pessoas que eu encontrei desde o acaso da pessoa que me, que eu soube da UDV, foi essa pessoa que me levou, a pessoa que me recebeu lá e as pessoas que me receberam durante esse período e as pessoas com quem eu convivi que eu tenho mais afinidade, que me ajudaram muito, que me ouviram muito, que vivenciaram comigo todas as minhas situações difíceis, me ajudaram muito, que são as pessoas que fazem parte da direção dessa religião que é a UDV (RICCIARDI, 2008, p. 131-2).

Uma entrevistada sua diz:

- que eu acho assim que tem os exemplos das pessoas mesmo, não só dos mestres e conselheiros, mas das pessoas mesmo, são pessoas que claro, tem de tudo, mas tem pessoas que são um exemplo pra gente em muitas coisas, (...). E essa estrutura das pessoas irem chegando na UDV e se adequando a isso, se adequando assim adquirindo essa consciência e se modificando é uma coisa que me estimula e me fortalece. Quando eu chego num lugar, é porque antes meu grupo de amigos eram todos maconheiros, quando eu cheguei na UDV não, eram pessoas que até já fumaram e não fumam mais, então é uma coisa que fortalece. Pô se fulano conseguiu eu também vou conseguir (Ibid., p. 132).

Ou seja, há uma **cultura que favorece as transformações**, pois são “pessoas que até já fumaram e não fumam mais, então é uma coisa que fortalece”⁴².

Segundo Ricciardi (2008), “quando se referem às pessoas, os associados falam na solidariedade do grupo. Ao compartilhar o sistema de crenças e valores comuns, os indivíduos passam a se sentir parte integrante do grupo, o que os faz orientar suas ações no sentido comunitário” (Ibid., p. 132). Segundo

Helman (1994), para quem os líderes religiosos atuam como integradores da sociedade, reafirmando os valores da mesma, funcionando como poderosos agentes de controle e coesão social, podendo punir socialmente os comportamentos desviantes, além de dever ser um exemplo de conduta a ser seguida, orientando o “agir em comunidade” (Ibid., p. 132).

Para Ricciardi, “o comportamento esperado é o de equilíbrio, solidariedade, amor por si mesmo e pelo semelhante, e nisso estão implícitas outras atitudes como não usar ‘drogas’, que segundo a doutrina dificulta a evolução espiritual; ter uma boa convivência familiar” (RICCIARDI, 2008, p. 132). Minhas observações me fazem concordar inteiramente com ela neste aspecto, pois isso é ligado à cultura da UDV: “(...) cuidar da saúde tendo hábitos de vida

⁴² Examinando essa cultura no capítulo terceiro, onde realizo a descrição etnográfica da UDV.

saudáveis; se sentir feliz e de bem consigo mesmo; se livrar de sentimentos negativos, etc” (Ibid., p. 132).

E dessa forma, “os novos associados vão percebendo o modo de agir do grupo, e passam a orientar as suas atitudes no sentido de agir com relação ao comportamento de outros indivíduos desse grupo” (Ibid., p. 132-3).

Um entrevistado dela diz:

Eu tive assim algumas pessoas que eu conheci lá de dentro da União do Vegetal que já tinha passado problemas de drogas, com álcool, inclusive tem alguns no quadro de mestre, aí com essas pessoas eu assim... tipo um espelho assim, me espelhei. Um exemplo dessas pessoas assim, que poderia servir para mim (RICCIARDI, 2008, p. 133).

E outra entrevistada sua narra:

Eu era uma pessoa que bebia muito, fumava, tinha uma vida desgovernada, e na UDV eu comecei a observar as pessoas como conseguiam lidar com isso sem passar pelos mesmos caminhos que eu estava passando e tendo uma vida melhor, mais tranquila, com menos problemas, e assim eu fui ficando, pois eu comecei a observar nas pessoas essa possibilidade de se melhorar e de se encontrar com o que tava procurando. Uma tranquilidade na vida, uma paz, um sossego (Ibid., p. 133).

De acordo com Ricciardi,

A relação comunitária acontece quando as atitudes ou ações repousam no sentimento subjetivo dos participantes de pertencerem (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo (Weber: 1991), e isso enfatiza e fortalece a solidariedade grupal gerando um ciclo que fortalece as relações sociais entre os adeptos possibilitando o desencadeamento de redes sociais, que por sua vez auxilia também a reforçar a solidariedade grupal (Ibid., p. 133).

Já que a religião serve “como fator de agrupamento e coesão social permite aos sócios experimentar o sentimento de pertença, do compartilhamento de crenças e valores comuns, reafirmado e vivificado nos rituais” e “as relações dentro da comunidade são reforçadas e a solidariedade grupal é enfatizada. A vinculação do indivíduo numa comunidade possibilita um reordenamento que facilita e viabiliza a experiências de cura, alívio e transformação” (Ibid., p. 134).

Frente aos problemas que afligem o ser humano (medos, ansiedades, dores, doenças, dependência de drogas e outros sofrimentos) “é que se inicia a busca por um tratamento, pelo

alívio, pela cura, é nesse momento, muitas vezes, que o homem se volta para a busca do sagrado, de uma compreensão melhor e mais clara da vida do por que das coisas, de um sentido para a vida” (RICCIARDI, 2008, p. 134). De modo que

as religiões, a UDV, de forma mais específica, tem uma capacidade de [lidar] com esses conflitos de forma eficaz. Seja por fazer o uso de um psicoativo, seja em virtude da solidariedade grupal e do compartilhamento de ideias e crenças comuns, seja por despertar nos seguidores um querer se transformar, seja por uma doutrina que auxilie nesse processo de transformação, seja por todos esses fatores reunidos, esse reencantamento do mundo permite um se sentir melhor, e fornecendo esse novo sentido para a vida (Ibid., p. 134).

Ricciardi (2008) utilizou as conclusões de Peláez (1994) (de sua dissertação de mestrado “No mundo se cura tudo - Interpretações sobre a “Cura Espiritual” no Santo Daime”), pois, apesar das “particularidades e diferenças doutrinárias, as religiões que fazem o uso da Ayahuasca possuem também pontos em comum” (Ibid., p. 134).

Para ela, os indicativos da cura estão:

- a) Na mudança na personalidade, em virtude de uma maior consciência nos atos da vida assim como uma maior capacidade autocrítica e uma maior disposição para mudar pensamentos e condutas considerados errados através da autoconfiança e disciplina.
- b) Nas mudanças nas relações com o corpo que passa a ser visto como a moradia do espírito e nesse setor se encontra a conscientização do problema das drogas que é visto como uma agressão à sua consciência. A mudança na postura, no jeito de falar, andar e gesticular, sem exaltação, caracterizando um maior equilíbrio emocional.
- c) Na moderação com o comer, o falar, sendo mais discretos e moderados nas palavras, ações e hábitos, valorizando o poder do silêncio.
- d) Nas mudanças nas relações com a sociedade com o abandono progressivo de alguns eventos sociais⁴³. As pessoas quando encontram um verdadeiro sentido para a vida passam a ver alguns eventos como desnecessários e como veículo de desequilíbrio já que muitas vezes são centros de bebida, drogas e apelação sexual; passando a aproveitar o tempo em atividades construtivas, como as atividades profissionais e espirituais.
- e) Na interpretação do conceito de trabalho que é realizado com mais dedicação e amor já que é muitas vezes considerado o cumprimento de uma missão, o que muitas vezes torna a vida material mais próspera. Os pilares da UDV são: em primeiro lugar o trabalho, em segundo a família e em terceiro a religião.
- f) Na análise pessoal das histórias de vida. Com o objetivo de se aperfeiçoar como ser humano buscando aprender com os erros do passado e através da

⁴³ A UDV não desestimula os adeptos a participarem de eventos sociais desde que se busque frequentar ambientes onde preferencialmente não haja consumo de bebidas alcoólicas e outros tipos de drogas (Nota da citação, confirmada por minhas observações).

disciplina exercer um esforço no sentido de ser cada vez melhor, através da paciência da compreensão e do perdão, buscando uma atitude pacífica com relação a si mesmo e aos demais.

g) Nas relações com a natureza no sentido do homem como ser integrante e dependente da mesma. A UDV é uma religião ecológica que se preocupa com a preservação do meio ambiente e busca religar o homem a natureza, principalmente por ser uma religião que depende diretamente dela através do uso das plantas que constituem o chá para garantir sua continuidade. (RICCIARDI, 2008, p. 134).

A respeito do item “e”, minhas observações confirmam a importância desses “pilares”, mas não confirmam essa ordem de prioridade, conforme explicito no quarto capítulo no item **“4.3 A concentração e a união”**.

Na conclusão de seu trabalho, Gabriela diz que

o que fica nítido que a experiência de transformação, alívio e cura na UDV é proporcionada por um conjunto de fatores, que se inicia sem dúvida, pela necessidade humana em buscar no sagrado, a compreensão de determinados fenômenos da vida onde explicação e as respostas não são encontradas nem em si mesmo e nem na ciência. A partir daí se inicia uma procura por algo subjetivo, pela experiência do sagrado, pela busca de níveis de respostas e de uma compreensão do por que determinados tipos de aflições e de sofrimentos acometem o corpo, a mente, o sentimento e o espírito humano (Ibid., p. 136).

Segundo a autora, “parte da humanidade tem buscado nas religiões uma explicação e um consolo para as suas aflições” e o que explica parcialmente o crescimento das religiões que fazem ou não uso de psicoativos “é essa busca de encontrar respostas [a] questões que a ciência, com todo seu aparato e tecnologia, não consegue explicar” (Ibid., p. 138). E tem fascinado os adeptos da UDV “a possibilidade de ter visões, mirações, de encantar-se com a natureza, com a burracheira, (...), e despertado o interesse daqueles que ainda não conhecem, mas desejam vivenciar o encontro com o sagrado e esse reencantamento com o mundo” (Ibid., p. 138).

Nota-se, assim, “um novo movimento: ao invés de um desencantamento, um reencantamento do mundo: um interesse por explicações sobrenaturais, divinas ou mitológicas, principalmente dos fenômenos que a ciência ou [a pessoa] ainda não consegue explicar”. E, mesmo “explicando, não consegue convencer, aliviar ou consolar com as suas explicações” (Ibid., p. 138). Já as pessoas que “recorrem aos meios ‘mágicos’ e aos ‘espíritos’ e muitas vezes têm sucesso. Encontram respostas e alívio para os problemas enfrentados”

(Ibid., p. 138-9). Dentre as instituições onde as pessoas encontram o que não encontram nas científicas estão as “religiões, em especial as que fazem uso de psicoativos: possibilitar ao indivíduo um reencantamento do mundo, um reordenamento de suas ações rumo à transformação dos sentimentos que os afligiam ou que ainda os afligem” (RICCIARDI, 2008, p. 139).

Ricciardi (2008) continua: “Os adeptos da UDV declaram que essa religião modificou a forma com que encaravam a vida, com que lidavam consigo mesmos e com a sociedade, a ponto de estruturarem suas narrativas em termos de antes e depois de conhecerem a instituição” (Ibid., p. 139). E ainda que “não faça propagandas e nenhum tipo de investimento para arraigar discípulos, reconhece que o poder do chá Hoasca, consumido nos rituais, associado com uma doutrina dita de forma simples e direta, tem um poder transformador nos indivíduos” (Ibid., p. 139). Ela pode “verificar como essa visão de mundo é interiorizada nos rituais e na convivência social do grupo e como ela é importante no processo de transformação do indivíduo” (Ibid., p. 139). Ocorrendo, assim, “o abandono de determinados hábitos, considerados nocivos à saúde como o uso de drogas e a libertação de sentimentos negativos como mágoas, ódio, rancor e ressentimentos, conflito com familiares e com a sociedade” (Ibid., p. 139).

Como já explanei antes, ela sustenta que os “fatores capazes de reestruturarem os indivíduos modificando significativamente a sua visão de mundo e a sua conduta” são: “a participação dos usuários nos rituais, a doutrina escutada e praticada, a convivência com o um grupo que possui crenças e valores comuns” (Ibid., p. 141).

Ela, ao se perguntar se “usuários da Ayahuasca descontextualizados de todo e qualquer ritual teriam as mesmas possibilidades de transformação, alívio e cura que aqueles inseridos em contextos rituais”, responde que devam ser feitos “estudos mais completos sobre a Ayahuasca. Esses estudos deveriam abranger diversas áreas do conhecimento, a fim de se ter um panorama mais amplo sobre a relação entre as propriedades químicas da bebida, participação nos rituais e a cura” (Ibid., p. 141). E propõe também “a realização de um estudo comparativo, no tocante à questão da cura, entre as três religiões ayahuasqueiras mais conhecidas: A União do Vegetal, o Santo Daime (Alto Santo e Cefluris) e a Barquinha”. E pergunta: “seria possível estabelecer uma teoria mais ampla sobre a experiência de transformação, alívio e cura que abarcasse essas três religiões?” (Ibid., p. 141).

Concordo que pesquisas com essas e outras perguntas certamente trarão novas luzes ao estudo das religiões ayahuasqueiras, no entanto, quero acrescentar a ideia de comparação com outras religiões e práticas sócio-educativas não religiosas que visam à transformação do ser humano no sentido de uma cultura de paz e tolerância, buscando encontrar elementos comuns e de convergência no sentido de desenvolver a construção dessa paz e tolerância na humanidade.

2 DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 A Psicologia da Religião e a Psicologia Cultural

O psicólogo holandês Jacob A. Belzen concebe que “A Psicologia da Religião trata, em princípio, de um subconjunto de fenômenos, de certo número de fenômenos culturais aos quais denominamos fenômenos religiosos” (BELZEN, 2010, p. 43). As definições a respeito de “religião”, “religiosidade” e “espiritualidade”, Belzen as deixa aos filósofos. Sua proposta (e minha também) é

a de pesquisar esses fenômenos que são claramente reconhecidos como religiosos numa dada cultura, e não tirar conclusões quanto ao verdadeiro e o válido para todas as religiões, uma vez que não existe essa religião-em-geral ou não existe essa religião separável de outras entidades e manifestações culturais (BELZEN, 2010, p. 35).

Na apresentação do livro de Belzen, *Para uma Psicologia Cultural da Religião: princípios, enfoques, aplicação*, Edênio Valle propõe que “Além da bibliografia extensa e bem selecionada, o trabalho de van Belzen se coloca em uma perspectiva teórica e metodológica a que os psicólogos da religião no Brasil não estão muito afeitos: a da cultura e das culturas ou, melhor ainda, **de cada cultura**” (VALLE, 2010, p. 8; grifos meus). Eles estão mais afeitos com uma psicologia cujo “*modus operandi* está marcado pela dessubjetivação e pela descontextualização na medida em que ela busca produzir, com isto, resultados válidos e universais” (BELZEN, 2010, p. 32). Segundo ele, com base em Wulff (1997) e em Spilka et al. (2003), a **Psicologia da Religião** se desenvolveu com muito esforço e é definida, especialmente nas últimas décadas, como **um ramo da psicologia** e, portanto, se orienta pelos diversos ramos teóricos da psicologia acadêmica em geral (e não, por exemplo, pela teologia) “e, por isso, compartilha mais diretamente das vicissitudes da psicologia em geral” (BELZEN, 2010, p. 52).

Já, para a Psicologia Cultural, “o tipo de conhecimento apresentado (...) é válido primeiro e antes de tudo — e muitas vezes até somente — para o lugar e para o momento em que ele acontece” (BELZEN, 2010, p. 15). E, “fora do entremeado das culturas, não há como

compreender *desde dentro* (tarefa precípua da Psicologia) o que é original na experiência religiosa individual ou grupal” (VALLE, 2010, p. 9).

É citado por Belzen, entre outros, o psicólogo cultural Carl Ratner que “se baseia em uma abordagem conceptual chamada de teoria da atividade” (RATNER, 2002, p. vi; tradução minha), que é uma articulação da natureza cultural da psicologia humana introduzida por Vygotsky, Luria e Leontiev. Segundo Ratner, Dewey, em 1910, expressou um princípio central da psicologia cultural: disse que os processos que animam e formam a consciência estão fora dela, estão na **vida social**. Portanto, devem-se usar os fenômenos mentais (como a percepção e emoções, por exemplo) como chaves para compreender os processos de vida que eles representam. “Esta tarefa se assemelha a do paleontólogo que encontra um número e variedade de pegadas” (Ibid., p. 3)⁴⁴.

A psicologia cultural deve penetrar a aparente fragmentação, incoerência e desordem e descobrir as regularidades e relações, pois **a cultura é um sistema organizado e coerente**. Os fenômenos psicológicos são compartilhados e distribuídos socialmente e têm **origens, características e funções sociais definidas**. “Como Hegel disse, o real é racional” (Ibid., p. 5)⁴⁵.

De acordo Ratner, busca-se “descrever e explicar as características dos fenômenos psicológicos que se originam em, são formados por e funcionam para promover **atividades, artefatos e conceitos** culturais de um sistema social definido” (Ibid., p. 6)⁴⁶. Pois, “o pesquisador deve possuir uma compreensão abrangente, detalhada e profunda das atividades

⁴⁴ “In 1910 Dewey wrote a statement that expresses a central tenet of cultural psychology. He said that the processes that animate and form consciousness lie outside it in social life. Therefore, the objective for psychologists is to use mental phenomena (e.g., perception, emotions) as clues for comprehending the life processes that they represent. This task resembles the paleontologist’s who finds a number and variety of footprints” (Ibid., p. 3).

⁴⁵ “To be worthy of its name, cultural psychology must penetrate beneath apparent fragmentation, incoherence, and disorder to discover regularities and relationships. This, after all, is the task of all science. Just as natural science has discovered parsimonious principles and laws that integrally explain an enormous diversity of seemingly disparate phenomena—the falling of an apple and the revolving of planets are all forms of gravity—so social science can discover that **culture is an organized, coherent system; psychological phenomena are socially shared and distributed; and psychological phenomena have definite social origins, characteristics, and functions**. As Hegel said, the real is rational” (Ibid., p. 5, grifos meus).

⁴⁶ The theoretical and methodological approach I outline is not meant to apply to every aspect of human psychology. My approach is confined to **describing and explaining the specific cultural content that is embedded in psychological phenomena shared by members of a particular society (or subsociety)**. In other words, I seek to describe and explain the characteristics of psychological phenomena that **originate in, are formed by, and function to promulgate particular cultural activities, artifacts, and concepts that comprise a definite social system** (Ibid., p. 6, grifos meus).

sociais, artefatos e conceitos” (RATNER, 2002, p. 108)⁴⁷. Portanto, na perspectiva da Psicologia Cultural, ao visar compreender o funcionamento do psiquismo dos indivíduos numa dada cultura, é necessário estudar as atividades, os artefatos e os conceitos culturais (BELZEN, 2010). Neste sentido, de acordo com Ratner, “O sistema de atividades, artefatos, conceitos e fenômenos psicológicos é cultura”⁴⁸ (RATNER, 2002, p. 10; tradução minha). E segundo Belzen, os artefatos incluem “ferramentas, livros, papéis, cerâmica, armas, utensílios para comer, relógios, roupas, construções, mobília, brinquedos e tecnologia” (BELZEN, 2009, p. 19)⁴⁹. Compreendo, assim, que os artefatos são a cultura material de determinada etnia ou instituição.

Assim, é importante que o pesquisador de uma instituição religiosa, investigue todos os aspectos das atividades realizadas além do ritual religioso. E, nesse sentido a antropóloga Jeanne Favret-Saada testemunha:

por ter escutado, (...), uma grande variedade de discursos espontâneos, por ter experimentado tantos afetos associados a tais momentos (...), por ter visto fazerem tantas coisas que não eram do ritual, todas essas experiências fizeram-me compreender isso: o ritual é um elemento (o mais espetacular, mas não o único) (FAVRET-SAADA, 2005, p. 161).

E, portanto, é uma vantagem que eu faça parte da instituição em relação a outro pesquisador que só a conhece exteriormente e que corre o risco de analisar aspectos aparentes ou superficiais da mesma.

Portanto,

Longe de se tratar de um acontecimento que se dá na intimidade da psique, trata-se de um evento, primeiro, contextualizado em sua origem e desenvolvimento e, segundo, sempre narrado (recebido, transmitido e reelaborado) através de linguagens, uma vez que **o ser humano é um ser da linguagem** (VALLE, 2010, p. 10, grifos meus).

Nesse sentido, “a Psicologia Cultural permite que o pesquisador fique o mais próximo possível da realidade vivida pelas vidas de seus *sujeitos*, buscando, até por necessidade, a

⁴⁷ “The researcher must possess a comprehensive, detailed, profound understanding of social activities, artifacts, and concepts” (RATNER, 2002, p. 108).

⁴⁸ “The system of cultural activities, artifacts, concepts, and psychological phenomena is culture” (RATNER, 2002, p. 10).

⁴⁹ Segundo Ratner, “Artifacts including tools, books, paper, pottery, weapons, eating utensils, clocks, clothing, buildings, furniture, toys, and technology” (RATNER, 2002, p. 10).

colaboração de outras abordagens que tentam interpretar estas vidas e suas vicissitudes” (BELZEN, 2010, p. 17)⁵⁰. Belzen explicita essa necessidade:

Mesmo o fundador da psicologia experimental, Wilhelm Wundt, já contestou essa visão de que para compreender os sofisticados processos psíquicos deve restringir-se a pesquisar indivíduos. (...) O relacionamento entre o funcionamento do psiquismo e a cultura não pode ser estudado experimentalmente, mas precisa ser estudado através de métodos desenvolvidos por outras ciências humanas e sociais tais como a história, a sociologia, a antropologia e outras mais (BELZEN, 2010, p. 32)

Por isso, recorro ao método etnográfico, desenvolvido inicialmente por antropólogos. De acordo com Laplantine a etnografia é uma atividade de observação e, portanto, visual e de escrita do que se observa. Além disso, “A descrição etnográfica enquanto escrita do visível põe em jogo não só a atenção do pesquisador (...), mas um cuidado muito particular de vigilância em relação à **linguagem**” (LAPLANTINE, 2004, p. 10)⁵¹. Ele destaca, ainda, a importância do “ver” no Brasil, “sociedade visual por excelência, na qual a comunicação cotidiana é pontuada por numerosos *veja e olha*, enquanto que um francês teria tendência a dizer *tu sais* (sabe)” (Ibid., p. 14). Mas, além disso, “Através da vista, do ouvido, do olfato, do tato e do paladar, o pesquisador percorre minuciosamente as diversas sensações encontradas” (Ibid., p. 20). Assim, nada melhor que a perspectiva desse autor para pesquisar **uma religião do sentir**, como é a UDV.

Laplantine (2004) afirma que “nossos comportamentos, por mínimos que sejam (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas), de fato não têm nada de ‘natural’” (Ibid., p. 14). Assim, o conhecimento das outras culturas nos conduz “especialmente a reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.” (Ibid., p. 15). Essa concepção “implica um descentramento radical, um esfacelamento da ideia que existe um ‘centro do mundo’ e, correlativamente, um alargamento do saber e uma **mutação de si mesmo**” (Ibid., p. 15, grifos meus). E, portanto, a tarefa da etnografia por excelência ou a experiência ‘do campo’

⁵⁰ Este autor acrescenta que, “Abordagens inovadoras como a do Construcionismo Social (GERGEN, 1985; SHOTTER, 1993b), a Psicologia Narrativa (BRUNER, 1990, 1992; JOSSELSO; LIEBLICH, 1993), a Psicologia Retórica (BILIIG, 1987, 1991), a Psicologia Discursiva (EDWARDS; POTTER, 1991; HARRÉ; GILLET, 1994; HARRÉ; STEARNS, 1995), somente para nomear alguns rótulos, apresentam-se como alternativas variáveis que são promissoras também para a Psicologia da Religião” (BELZEN, 2010, p. 53).

⁵¹ Explicito mais a respeito da atenção com a linguagem no item “**2.7 Procedimentos de análise dos dados**”.

consiste em nos espantar com aquilo que nos é mais familiar (aquilo que vivemos cotidianamente na sociedade em que nascemos) e tornar mais familiar aquilo que nos parecia inicialmente estranho e estrangeiro (os comportamentos, as crenças, os costumes das sociedades que não são as nossas, mas nas quais poderíamos ter nascido) (LAPLANTINE, 2004, p. 15).

Ele sintetiza, mais adiante: “Construímos o que olhamos à medida que o que olhamos nos constitui, nos afeta e acaba por nos **transformar**” (Ibid., p. 21, grifos meus). Há, assim, além de uma coincidência da **valorização do sentir** de Laplantine e da UDV, também a da valorização da **transformação**.

Esse autor destaca para a realização de uma etnografia a importância de se desenvolver “a capacidade de olhar bem e de olhar tudo, distinguindo e discernindo” o que se observa e isso “supõe uma **aprendizagem** (...) em ficar atento, mas também e, sobretudo em ficar desatento, a se deixar abordar pelo inesperado e pelo imprevisto” (Ibid., p. 18, grifos meus). Ele explicita que

o conhecimento dos seres humanos não pode ser observado à maneira de um botânico examinando uma folha ou de um zoólogo analisando um crustáceo, mas sim comunicando com eles e partilhando seus modos de vida de forma duradoura (...). O etnógrafo deve ser capaz de viver no seu íntimo a tendência principal da cultura que está estudando. Se, por exemplo, a cultura tem preocupações religiosas, ele deve rezar com seus hóspedes (Ibid., p. 22).

Portanto, “a etnografia é antes de tudo uma experiência física de imersão total” e o etnógrafo deve interiorizar a instituição estudada “**através das significações que os próprios indivíduos atribuem** a seus próprios comportamentos. É esta apreensão da sociedade, tal como ela é apreendida **do interior pelos próprios atores sociais** com os quais mantenho uma relação direta” (Ibid., p. 23, grifos meus). Essa “construção daquilo a que Marcel Mauss chamou o ‘fenômeno social total’ (...) supõe a **integração do observador no próprio campo da observação**” e é por isso que “Não existe etnografia sem **confiança mútua** e sem **intercâmbio**, o que subentende um, itinerário durante o qual os parceiros em ação conseguem se convencer reciprocamente a não deixar perder formas de pensar e atividades únicas” (Ibid., p. 24, grifos meus).

E, “Jeanne Fravret-Saada mostra que ela começou verdadeiramente a observar a feitiçaria a partir do momento em que ela mesma se encontrou sendo ‘objeto de feitiços’” (Ibid., p. 25). De forma distinta, mas também semelhante a essa antropóloga, que me

encontrei em meu campo de pesquisa: distinta porque em meu caso, no lugar da feitiçaria⁵² está a “**burracheira**”, mas, de forma semelhante a ela, **me encontro fazendo parte do meu campo de estudo.**

2.2 Métodos de pesquisa (com minha inserção no campo)

Realizei uma etnografia a respeito da UDV, mais especificamente onde sou sócio, o Pré-Núcleo Menino Deus (e das atividades e artefatos realizados e/ou utilizados pelos frequentadores), situado na cidade de Manaus, na 2ª Região. Registrei, em diários de campo, as observações que fiz, utilizando, ainda, entrevistas e consultas autorizadas a documentos oficiais do CEBUDV e exame de materiais elaborados por seus membros no intuito de entender os sentidos das transformações pessoais nos ensinamentos da UDV.

Segundo Carvalho e Augras (2005), por meio da observação participante, o pesquisador propõe-se por um período de tempo a interagir com o grupo, abrindo mão da pretensão da neutralidade, sem, no entanto, perder de vista seus objetivos enquanto estudioso. E, de acordo com Spink,

A participação, como é definida, rompe com os preceitos da “epistemologia da distância” que tudo faz para preservar a neutralidade do observador. Exige, em seu lugar, uma atitude de **empatia** que Montero descreve como “olhar horizontal que se reflete no olhar do outro” (2006, p. 206). Rompe, assim, com a ilusão da possibilidade do registro neutro (SPINK, 2007, p. 11, grifo meu).

Ou, como diz Norman K. Denzin, “Hoje nós entendemos que escrevemos a cultura e que essa escrita não é uma prática ingênua” (DENZIN, 2001, p. 23)⁵³. Assim, entendo que não existe neutralidade na atividade humana, pois somos parte de um momento histórico-sócio-cultural de certo lugar. E nesse sentido, percebo que, principalmente no método da observação participante, a empatia é uma atitude importante há muito empregada por psicólogos em intervenção e pesquisa para evitar uma perspectiva etnocêntrica.

⁵² Pode ser interessante pesquisar a respeito das semelhanças e diferenças de quem se encontra sob os efeitos da feitiçaria e da burracheira, mas não é o objetivo de minha pesquisa.

Esse método permite ao pesquisador das ciências humanas estudar algo que vive e pulsa e é capaz de fornecer não apenas sofisticação teórica, mas também a **riqueza da vivência direta** com pessoas provenientes de diversas realidades (CARVALHO; AUGRAS, 2005).

Pela minha formação científica e prática enquanto psicólogo clínico, sempre me coloquei na perspectiva de investigador (o que permite certo distanciamento), mas com o objetivo de compreender (e daí a importância da empatia) e auxiliar a pessoa a se compreender e a se transformar no sentido de seu desenvolvimento (e autonomia no sentido freireano). Além disso, na UDV sempre se incentiva “que se examine o que é dito”, “que não se aceite sem exame, pois do contrário seria fanatismo”⁵⁴.

Até o início do doutorado (outubro de 2006) eu era apenas discípulo da UDV; a partir daí, passei a ser também pesquisador da instituição a que pertencia, e isso ocasionou uma mudança de perspectiva do meu olhar: busquei observar o que me era familiar com um olhar de estranhamento, como se estivesse vendo algo pela primeira vez. Eu me perguntava: “o que eu veria, observaria e sentiria, se estivesse vivenciando isto pela primeira vez?” Ou seja, *a mudança de perspectiva aguçou mais* um olhar que já existia antes; e, é claro, a bibliografia estudada induziu um maior aprimoramento do olhar.

Segundo Catherine A. Lutz (1988), **as relações interpessoais** que são estabelecidas entre o pesquisador e aqueles que ele quer conhecer são o **mais central para o processo de entendimento cultural**⁵⁵. E a aquisição de **habilidades de linguagem** é o **primeiro e mais significativo** modo de acesso ao conhecimento etnopsicológico⁵⁶.

Nesse sentido, vejo como vantagem neste trabalho que eu enquanto pesquisador faça parte da instituição pesquisada, mesmo tendo vindo de fora⁵⁷, pois tenho **elos de amizade** (boas relações interpessoais) com as pessoas da instituição e conheço bem sua **linguagem**. Somem-se a isso outros aspectos importantes que explico a seguir.

⁵³ Tradução minha de "Today we understand that we write culture, and that writing is not an innocent practice" (DENZIN, 2001, p. 23).

⁵⁴ Explicito a esse respeito no item “4.1 Livre arbítrio”.

⁵⁵ “There is nothing more central to the process of cultural understanding than the interpersonal relationships that are established between the anthropologist and those she visits” (LUTZ, 1988, p. 31, grifos meus).

⁵⁶ “The ethnographer’s acquisition of language skills is the first and most significant way that access to local ethnopsychological knowledge is obtained” (LUTZ, 1988, p. 31, grifos meus).

⁵⁷ Do Rio Grande do Sul para o Amazonas; vou falar nesse aspecto mais adiante neste mesmo capítulo.

Em 2004 falei com o Mestre Central (MC) da 2ª Região⁵⁸ da UDV a respeito de um Projeto de Extensão na UFAM, que eu estava elaborando e ele autorizou o seu desenvolvimento. Coordenei o projeto que teve a duração de um ano e mais outro até 2006 (com estágios que supervisionei em núcleos da UDV, onde se realizaram Levantamentos de Necessidades dos Sócios e trabalhos de Orientação Vocacional, além de uma Oficina de Capacitação de Desenvolvimento Organizacional, entre outros).

Em 2006, procurei um Mestre (membro do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel – que na época era Mestre Assistente Geral e atualmente é Mestre Representante⁵⁹ do Pré-Núcleo Menino Deus, do qual faço parte) e falei da pesquisa que eu estava querendo realizar no CEBUDV. Esse Mestre do CREMG acolheu bem, como sempre acolhia minhas ideias, perguntando como seria a pesquisa e me incentivando a realizá-la.

Além desse aspecto, uma pesquisa do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, embora seja a respeito do Candomblé⁶⁰ e não de grupos hoasqueiros, possui uma perspectiva importante metodologicamente, pois apresenta uma semelhança com a minha pesquisa: o lugar do pesquisador enquanto participante da instituição pesquisada. Segundo ele, mesmo que “as lições de metodologia nos orientem a coletar depoimentos representativos do maior número possível dos segmentos sociais que compõem as sociedades ou grupos observados, (...). A experiência mostra que **o próprio campo condiciona o que observar e a quem**” (SILVA, 2006, p. 39, grifos meus).

Percebi em minha pesquisa esse condicionamento do próprio campo a respeito de “o que observar e a quem”. Há casos em que pessoas com quem tive contato (e que inicialmente eu não havia percebido como reveladores de dados importantes), em contatos informais, revelaram-se informantes privilegiados ou de oportunidades de contatos riquíssimos que não haviam sido previstos por mim.

Em relação à entrevista, Silva (2006) a considera “um momento privilegiado para a troca de informações e de percepções entre as pessoas que dela participam” e “estabelecer uma relação de confiança, favorável à sua realização, é, muitas vezes, um processo complicado, exaustivo e que exige um conhecimento mínimo de certas etiquetas e códigos do grupo” (Ibid., p. 41). De forma diversa, na UDV não tive dificuldades em relação à confiança,

⁵⁸ O CEBUDV se organiza em Regiões, constituídas por duas ou mais Unidades Administrativas (Núcleos, Pré-Núcleos ou Distribuições Autorizadas); cada Região tem um Mestre Central, responsável por ela.

⁵⁹ Cada Núcleo ou Pré-Núcleo tem um Mestre Representante, responsável por ele.

⁶⁰ Aqui destaco que seriam objeto de outras pesquisas, comparações e contrastes entre Candomblé e UDV, mas não de minha pesquisa. Utilizo este autor apenas por facilitar aspectos metodológicos que discuto neste capítulo.

a etiquetas e códigos do grupo, por eu ser sócio desde 1995 e membro do CDC (Corpo do Conselho) desde 27 de março de 2000. O CEBUDV possui, segundo minhas observações e de dois autores, “quatro segmentos: Quadro de Mestres (responsável pela transmissão da doutrina); Corpo do Conselho (responsável pelo aconselhamento da irmandade e auxílio direto ao Quadro de Mestres); Corpo Instrutivo e Quadro de Sócios” (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 563). Assim, pela minha trajetória dentro da instituição, tenho acesso a informações e à cultura da mesma que são inacessíveis a uma pessoa que dela não faça parte ou que dela participe há pouco tempo.

Considerações do psicólogo cognitivo Benny Shanon (2002) reforçam a vantagem de eu ser membro da instituição pesquisada. Ele diz que crê firmemente que **não há alternativa para se estudar a fenomenologia senão de dentro** e que não há meio de apreciar **as experiências extraordinárias** (e muitas inefáveis) induzidas pelo chá Hoasca sem bebê-lo. Compara com o estudo da música: há que ouvir seus sons. Além disso, pela experiência com o chá ser tão ampla, não há como capturar com um número pequeno de vivências: o que acontece com a pessoa é determinado não só **pelo chá**, mas pela **atitude e postura** que também **mudam no curso do tempo**. Em síntese: qualquer estudo sério da Hoasca requer **experiência em primeira mão e familiaridade substancial e de longo prazo**⁶¹.

Além disso, continua Shanon (2002), em muitos contextos há um **tabu explícito contra discutir os conteúdos das visões** além de serem **muito pessoais para serem compartilhados principalmente com estranhos**; informa que isso é observado por antropólogos (DELTEGEN, 1993, por exemplo). Compara com a investigação da vida sexual: para se obter relatos verdadeiros e completos do que acontece é necessário **compartilhar ativa e reciprocamente a experiência com seu interlocutor**⁶².

⁶¹ My own firm belief is that there is no alternative to studying phenomenology from within. The experiences that Ayahuasca induces are extraordinary in the full sense of the term, and many are ineffable. There is no way to really appreciate what they are without experiencing them firsthand. After all, would anyone venture to study music without actually experiencing how music sounds? Moreover, for a serious study of the Ayahuasca experience a cursory, explorative exposure to the brew is not sufficient. The spectrum of phenomena pertaining to the Ayahuasca experience is extremely broad and there is simply no way these can be captured in a small number of probes. Again, the analogy with music is instructive: in order to appreciate what classical music is, it is not enough for one to go to a couple of concerts or to listen to a dozen discs. And as with music, learning to know a field and to appreciate what is interesting about it requires longitudinal, cumulative experience. What happens to one under the Ayahuasca intoxication is determined not only by the brew itself but also by one's attitude and stance, and these, in turn, change over the course of time. In sum, then, any serious study of Ayahuasca requires not only firsthand experience, but also substantive, long-term familiarity — indeed, training (SHANON, 2002, p. 32, grifos meus).

⁶² In many contexts, there is an explicit taboo against discussing the contents of Ayahuasca visions, and even when this is not the case the contents in question are highly personal and often people are reluctant to share them

De forma semelhante ao que explica Shanon (2002), os entrevistados em minha pesquisa, que se colocaram mais à vontade para falar, foram os que mais me conheciam (e, por causa justamente da espontaneidade maior captada por filmagens, fotos e entrevistas por parte do Departamento de Memória da instituição que as utilizei como fonte de pesquisa). Além das entrevistas e observações participantes, mais um elemento importante na coleta de dados foram minhas participações em listas de e-mails, permitidas só a membros. Assim, além das observações nas sessões de escala (1º e 3º sábados do mês), sessões festivas, de casais, instrutivas e da Direção (CDC e QM), e em outras atividades da instituição, estive imerso diariamente em diálogos via internet com membros do CEBUDV.

Ainda em relação à entrevista etnográfica, Silva (2006) diz que, na “lógica” das religiões afro-brasileiras, a palavra falada “é um ato mágico que impregna por contaminação simbólica o sujeito da fala e seu ouvinte” e que nessa lógica, **“aprende-se observando, sem questionar ou demonstrar uma excessiva curiosidade”** e **“Perguntar é uma quebra da regra do silêncio e do respeito**, pois se acredita que **o conhecimento deva ser transmitido de acordo com os méritos de cada um e em função do tempo de iniciação”**; ele acrescenta: “a filha de santo deve ser **obediente, ouvir tudo e nunca perguntar**, porque perguntar é uma coisa que acaba sendo mal vista pelas mais antigas” (SILVA, 2006, p. 44, grifos meus).

Na UDV também se aprende observando e há ênfase na obediência (é um valor importante na instituição), mas, diferentemente do Candomblé, **o interesse por aprender é valorizado e a pergunta é bem-vista e bem-vinda**. A palavra também é valorizada na UDV⁶³, contudo, em relação às perguntas, o procedimento citado por Silva (2006) é oposto ao que se dá na UDV, onde o conhecimento é transmitido de acordo justamente com as perguntas que são feitas. Mas, o caráter iniciático (que explicitarei melhor a seguir) possui semelhanças, pois, na UDV, há limitação do grau das respostas de acordo com o **grau** da sessão (de escala, instrutiva e assim por diante) e o grau do discípulo. Portanto, ocupar um lugar na hierarquia da UDV permite acesso a conhecimentos não acessíveis a graus

with others, especially strangers. Indeed, some anthropologists (see, for instance, Deltgen, 1993) have noted that they felt reports furnished to them by their informants did not reveal the entire story these individuals could tell about their Ayahuasca experiences. I would take the liberty of saying that in many respects discussing one's Ayahuasca visions is rather similar to discussing one's sexual life. And then, just as in the case of sex so also in conjunction with Ayahuasca —the best chance to get true and complete accounts of what happens is to actively share in the experience of one's interlocutor. Many of the interviews I have conducted were made possible because of such an active joint participation. The persons interviewed were ones I had met in sessions that I myself had participated in, and to many of them I have reciprocated by telling about some of my own experiences (SHANON, 2002, p. 43-44, grifos meus).

hierárquicos menores (QS e CI). Assim, não pude ter acesso ainda a conhecimentos reservados ao QM ou de graus hierárquicos maiores na instituição como MR, MC e outros acima destes, bem como a assuntos administrativos da instituição que são atribuição destes: esta é uma limitação do meu lugar enquanto pesquisador.

Destaco, agora, um ponto que considero uma questão ética: o caráter iniciático ou esotérico dessa seita⁶⁴ impede a revelação de determinados ensinamentos. Portanto, não só por fazer parte da instituição⁶⁵, mas, fundamentalmente, por uma questão ética, não revelo esses ensinamentos e tampouco faço críticas à mesma, pois considero que isso é uma questão de foro íntimo e que deve ser resguardado por qualquer trabalho de pesquisa, pois, do contrário, comprometeria o relacionamento entre a academia e a instituição. E, segundo narrativas de dirigentes da UDV, já ocorreu esse tipo de prejuízo em relação à mesma.

2.3 As limitações e outras delimitações deste trabalho

A principal limitação para esta pesquisa é o **caráter iniciático** da União do Vegetal (e, portanto, os conteúdos são reservados aos graus hierárquicos da mesma) e **ensinos terem sido revelados em pesquisas anteriores**, tendo criado algumas dificuldades para minha pesquisa (não permissão de gravação de entrevista, entre elas). Mesmo os ensinamentos ministrados nas sessões abertas a não sócios devem, com exceções, ficar restritos às mesmas. As chamadas e histórias não devem ser escritas, portanto, não podem ser analisadas. Daí decorre a impossibilidade de se gravar (em vídeo e áudio) as sessões.

Como já mencionei, segundo Silva (2006), no candomblé, que também possui uma concepção e uma prática iniciáticas, o conhecimento deve “**ser transmitido de acordo com os méritos de cada um e em função do tempo de iniciação**” (p. 44, grifo meu). A UDV guarda a importância iniciática e esotérica em relação aos méritos (nesta instituição, “de acordo com o grau de memória”) de cada discípulo, mas, em relação ao tempo de iniciação, já não é dado o mesmo peso que no Candomblé, pois, na UDV “antiguidade não é posto”.

⁶³ Análise a importância da palavra no item “**4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras**”.

⁶⁴ Palavra utilizada pelos próprios membros do CEBUDV, que, segundo minha pesquisa, está de acordo com a segunda acepção do Aurélio: “2. Conjunto de indivíduos que professam a mesma doutrina” (FERREIRA, 2004).

⁶⁵ Considero que esse é um limite ético aplicável a qualquer instituição.

Proponho aqui uma analogia: se uma criança recebesse um alimento que não tivesse condição de absorver, o mesmo lhe seria danoso ou, mais especificamente, se recebesse uma informação que não pudesse compreender, a distorceria de modo que poderia prejudicar seu desenvolvimento. É assim que existe na educação formal (e também na informal) todo um currículo que prevê **uma ordem** nos conteúdos a serem ministrados de acordo com a necessidade e possibilidade dos educandos. Essa necessidade e possibilidade, na concepção da UDV, é esse “chegar ao lugar e à condição de conhecê-las”, é o “grau de memória”⁶⁶.

Outras delimitações para a realização deste trabalho são as do grau hierárquico que ocupo na UDV. Em relação a ser membro do CDC, se por um lado é vantajoso, por outro existe a limitação de eu não ter tido acesso a aspectos que outros membros podem ter por pertencerem ao QM e daí para cima na hierarquia institucional; outra desvantagem que pode ter havido foi a possibilidade de algumas pessoas terem se sentido intimidadas por eu não ser do CI ou do QS: se eu fosse “um igual”, poderiam se sentir mais à vontade para falar comigo. Apesar de que há os que me procuram enquanto psicólogo e me pedem sigilo, o que, nesse sentido favorece nosso contato.

Além disso, minhas vivências na UDV também são limitadas, pois se delimitam ao ano de 1991 (de 25 de maio a novembro) enquanto frequentador não-sócio e de 1995 até hoje. São apenas quase dezesseis anos enquanto sócio dentro dos quase cinquenta anos da existência da UDV e, principalmente, no Núcleo Princesa Sama e seu desmembramento, o Pré-Núcleo Menino Deus (o trabalho etnográfico foi realizado quase que exclusivamente neste), que ficam na cidade de Manaus. Nesta cidade existem atualmente dez unidades administrativas, das quais conheço todas, mas apenas através de poucas sessões ou outras atividades em que lá estive. Em Boa Vista conheci dois Núcleos, pois faziam parte desta 2ª Região. Isso dentro do universo de cento e sessenta UAs. Assim, um pesquisador que puder ter acesso a muitas UAs, a todos os mestres antigos e à Diretoria Geral da UDV, certamente terá uma visão de conjunto da instituição bem mais ampla. Contudo, para os objetivos de minha pesquisa, isto não foi necessário. Por exemplo, não se necessita participar de todas as sessões de casal para perceber suas características essenciais.

Além do Congresso da Hoasca em Brasília (de 9-11 de maio de 2008) e o I Encontro do Grupo de Trabalho de Ensino Religioso na Sede Geral da UDV (também em Brasília, dias 12 e 13 de dezembro de 2009), o contato com outras unidades da UDV foi feito em sessões

⁶⁶ Já explicitarei a respeito do grau de memória no primeiro capítulo.

esporádicas em outras cidades do Brasil. O que não diminui a importância dessas vivências. As vivências em Fortaleza em 1995 foram fundamentais para minha permanência na UDV, pois ali havia pessoas com formação universitária e pude perceber que as diferenças que eu havia encontrado em Manaus na época eram culturais locais e não da UDV em si. Em sessão do Núcleo Arco-Íris em Joaçaba (SC), fiz a leitura dos Documentos⁶⁷ pela primeira vez (em 1997) antes de ter chegado ao Corpo Instrutivo; e, no mesmo núcleo dirigi pela primeira vez uma sessão de escala (em 2000) quando já estava no Corpo do Conselho, pois só havia dirigido uma sessão extra no Núcleo Princesa Sama, do qual eu era sócio quando estava ainda no CI. Ter dirigido uma sessão em Natal e algumas em Coari também foram vivências significativas para mim. Participei, ainda, de sessões em Porto Alegre, em Florianópolis e em Coração de Maria (cidade do estado da Bahia, onde o Mestre Gabriel nasceu - dirigida por seu irmão, Mestre Antonio Gabriel). É importante destacar, também, que conheci diversos mestres antigos da UDV que dirigiram sessões em Manaus. Para buscar ampliar meu contato com outras unidades, realizei uma coleta de dados na 3ª Região (sudeste do Brasil) de março a junho de 2009.

Em síntese, o acesso a dados analisáveis em minha pesquisa possui a limitação da impossibilidade de se gravar (em vídeo e áudio) as sessões e, portanto, por possíveis lapsos equívocos de memória do pesquisador e a da minha **pouca vivência relativa** no CEBUDV, ou seja, existem pessoas na instituição com muito mais conhecimento do que eu a respeito do Mestre Gabriel (sua história e doutrina): 1) não conheci pessoalmente o Mestre Gabriel; 2) só 16 anos de vivência em 53 anos desde que o Mestre Gabriel se reencontrou com o Vegetal; 3) local (etnografia em Manaus, mais especificamente no Pré-Núcleo Menino Deus e só esporádicas em outros lugares do CEBUDV); 4) vivência maior com só um dos Mestres do CREMG – tive contatos com diversos mestres do CREMG de formas esporádicas em algumas sessões –, lembrando que o Mestre Gabriel não entregou os ensinamentos para um só, nem deixou herdeiros e que sua própria companheira, a Mestre Pequenina, estava afastada do Quadro de Mestres (QM) quando ele “fez a passagem”⁶⁸ (e, mesmo ele tendo dito que o QM unido é a palavra dele, o CREMG não tem consenso a respeito de todas as dúvidas e controvérsias que surgem); 5) meu grau hierárquico só até o CDC (já que “no QM é que se começa a aprender”). Contudo, como já mencionei, tenho algumas vantagens comparativamente a

⁶⁷ A respeito dessa leitura realizada em sessão explicito no item “3.1.1 Tipos de sessões”.

⁶⁸ A expressão “fazer a passagem” tem o sentido, na UDV, de “falecer”.

pesquisadores que não fazem parte da instituição. Além disso, pude descobrir a riqueza do método etnográfico, que utilizei em minha pesquisa.

2.4 A perspectiva teórica da Etnopsicologia

Com base na obra “Unnatural emotions - everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to western theory” de Catherine A. Lutz (1998), faço um recorte metodológico que utilizo em minha pesquisa.

Inicialmente destaco a importância de “ver que **o discurso comum bem como os mais espetaculares feitos de poetas e homens religiosos requer um relato interpretativo**” (ROSALDO, 1980, p. 23 apud LUTZ, 1998, p. 8, grifos meus)⁶⁹. Esse é um ponto de partida para minha análise dos discursos dos sujeitos de minha pesquisa, na medida em que examino os **discursos comuns** dos sujeitos da pesquisa, bem como os documentos oficiais da instituição UDV e músicas tocadas no âmbito da mesma (sessões, mutirões, festividades e outras atividades da instituição) e das **autoridades da mesma** e que serão interpretados e narrados por mim.

Segundo Lutz, a respeito de sua pesquisa na ilha Ifaluk:

O desafio é evitar retratar a vida de outros tão emocionalmente diferentes ao ponto de serem incompreensíveis e bizarros ou tão emocionalmente imperceptíveis ao ponto de serem indistinguíveis em seus fundamentos motivacionais daqueles dos nossos contemporâneos ocidentais. Traduzir de um modo que seja **humanizado e válido** pareceu requerer uma posição particular a respeito do trabalho de campo. Esta posição, que foi tomada por alguns antropólogos, exige **que se tornem explícitos os modos nos quais os encontros culturais no trabalho de campo envolvem tanto do choque e da fascinação em relação ao emocionalmente novo quanto da natureza previsível e confortável do emocionalmente familiar, deixando de ignorar qualquer aspecto em favor de outro** (e.g. BRIGGS, 1970; CRAPANZANO, 1980; RIESMAN, 1977). (LUTZ, 1998, p. 11, grifos meus)⁷⁰.

⁶⁹ “(...) to see that common discourse as well as the more spectacular feats of poets and religious men requires an interpretive account” (ROSALDO, 1980, p. 23 apud LUTZ, 1998, p. 8, grifos meus).

⁷⁰ The challenge is to avoid portraying the lives of others as so emotionally different as to be incomprehensible and bizarre or as so emotionally unremarkable as to be indistinguishable in their motivational underpinnings from those of our Western contemporaries. To translate in a way that is both humanizing and valid has seemed to require a particular stance toward fieldwork. This stance, which has been taken by a few anthropologists,

E este é um desafio que tive nesta pesquisa: **não ignorar qualquer aspecto em favor de outro**. Assim, **torno explícitos os modos nos quais os encontros culturais envolvem tanto o choque quanto a fascinação do que é novo emocionalmente e o conforto do que é emocionalmente familiar**. Ainda segundo Lutz (1998), “(...) a visão emocional do pesquisador merece tanta atenção quanto a da cultura que vamos ostensivamente “observar.”” (p. 12)⁷¹.

Guardadas as devidas diferenças entre população pesquisada por essa autora e a UDV, pois esta faz parte da cultura ocidental e a outra não, há alguns aspectos metodológicos que Lutz menciona que me auxiliaram na realização desta etnografia. Por vezes, quando iniciei meu percurso na UDV, sentia-me como um estrangeiro em terra estranha, conforme explicito no item “**2.5 O contexto**”. É mister destacar que, em Manaus (e na 2ª e 16ª regiões), a UDV possui a especificidade da **linguagem cabocla**, que vem da sua origem e que é preservada como um valor importante, pois “tanto o caboclo quanto o intelectual a entendem”. No Sudeste já não observei esse mesmo aspecto, assim como em e-mails de pessoas de outras regiões (ou em núcleos que visitei); lembrando que meu contato com as demais regiões foi muito esporádico. De qualquer modo, posso afirmar que: a grande maioria dos sócios procura se expressar em uma linguagem que todos possam entender.

2.5 O contexto

Assim como os “(...) furacões, tanto quanto qualquer outro fator ambiental singular em Ifaluk, que ajudou a produzir a organização social e a configuração emocional da ilha (...)” (LUTZ, 1988, p. 22)⁷², em Manaus o **fator ambiental também contribui para a configuração emocional!** O isolamento geográfico (pela própria distância e precariedade de

requires one **to make explicit the ways** in which the **cultural encounters of fieldwork involve** both the shock and fascination of the emotionally new and the comfort and unsurprising nature of the emotionally familiar, **ignoring neither aspect in favor of the other** (e.g. BRIGGS, 1970; CRAPANZANO, 1980; RIESMAN, 1977). (LUTZ, 1998, p. 11, grifos meus).

⁷¹ “(...) the emotional worldview of the anthropologist merits as much attention as that of the culture we ostensibly go to “observe””. (Ibid, p. 12).

⁷² “(...) typhoons, as much as any other single environmental factor on Ifaluk, that have helped to produce the contemporary social organization and emotional configuration of the island (...)” (Id., 1988, p. 22).

estradas) em que se encontra (mesmo que com o advento do telefone, da televisão e, mais recentemente, da internet) permite a produção de um discurso local que, ao se referir a outros lugares do país, diz: “lá no Brasil...”. É como se o Amazonas não fizesse parte do Brasil...

Mas é necessário lembrar que, ao contrário do que muitos pensam, Manaus é uma capital com os problemas semelhantes aos das grandes cidades brasileiras, e que também reúne um grande potencial para as soluções.

No entanto, há uma clara diferença cultural entre as pessoas nativas do Amazonas (com quem venho tendo contato) e as do Sul: não há tanta pressa nem tanto perfeccionismo (nem tanto estresse) para se realizar as atividades do dia a dia. Manaus, além disso, é habitada por muitas pessoas provenientes de diversas partes do país e do mundo, o que proporciona uma combinação muito rica e fértil. E foi mais dentro desse contexto amazônico-urbano que pesquisei.

2.6 Procedimentos de coleta de dados

A construção desta tese propriamente dita é fruto de uma etnografia (através de diários de campo (DCs)) e leitura e análise desses DCs, de entrevistas que realizei, de documentos oficiais, de materiais produzidos pelos sócios e músicas tocadas no âmbito do CEBUDV; utilizei ainda, como já mencionei, filmagens, fotos e entrevistas por parte do Departamento de Memória da instituição como fonte de pesquisa, pela espontaneidade que revelam. No terceiro capítulo descrevo etnograficamente a UDV, em especial o PNMD, do qual faço parte; no quarto capítulo, explico a respeito das concepções das transformações pessoais nos ensinos da UDV.

É necessário destacar, como já mencionei anteriormente, que parte desses dados não pode ser transcrita por envolver aspectos reservados da instituição ou para preservar o anonimato das pessoas. Além disso, as pessoas não são identificadas, pois não é necessário, no máximo se identifica o grau hierárquico, porque o pertinente aqui é que eles são porta-vozes de uma cultura (de ideias, valores etc.) e, além de preservar a privacidade, faz parte dos **valores vivenciados** da instituição evitar a vaidade, o personalismo. As exceções são no caso de os episódios ou discursos já serem conhecidos pela instituição ou envolverem direitos

autorais, como no caso de artigos, livros, poesias ou outras produções semelhantes. As fotos das pessoas tiveram a autorização para veiculação de sua imagem (ou de seus filhos, menores de idade).

2.6.1 Diários de Campo (DCs)

O lugar de que a maioria dos meus diários de campo trata é o Pré-Núcleo Menino Deus, do qual faço parte e aparecem simplesmente como “DC(s)”, acompanhados da data em que foram elaborados; os realizados a respeito de outros lugares aparecem especificados. Nesses diários, registrei dados do contexto, da interação entre as pessoas, dos artefatos (mas só quando não se repetiam), e, **principalmente, das palavras que ouvi, especialmente nas sessões**. Como não se podem registrar as sessões e outros eventos através de gravação eletrônica (com exceção por parte do Departamento de Memória e Documentação, do qual passei a ser colaborador), nem por meio de anotações, gravei-os em minha memória e, após os eventos, anotei ou gravei minhas lembranças e comentários (se me ocorressem) em gravador de áudio e as transcrevi. Durante as transcrições, acrescentava mais lembranças e comentários. Por vezes, surgiam mais lembranças ou *insights* espontaneamente, outras vezes surgiam a partir de algo de minha rotina: de algum programa de televisão que estivesse assistindo enquanto fazia uma refeição, por exemplo, ou de alguma música que estivesse escutando ou cantando ou de algum e-mail que estivesse lendo das diversas listas eletrônicas das quais participo, ou de fotos ou vídeos de atividades da UDV. Percebia algo que não havia percebido antes ou me lembrava de palavras dos sócios ou de acontecimentos e os acrescentava aos DCs.

Quase toda vez que ligava o computador para trabalhar, abria o programa de e-mails e verificava o que havia recebido. Os do PNMD eu lia todos, quer se tratassem de avisos, comunicações ou manifestações breves; quanto aos que continham anexos, tipo mensagens prontas, raramente lia. O critério era perceber o que poderia ser relevante para a vida institucional ou para a minha etnografia. Os que eu julgasse importantes, acrescentava a algum diário de campo ou criava um novo. Com esse mesmo critério, lia os de outras listas e registrava o que me julgasse ser pertinente.

As observações foram realizadas, em geral, na cidade de Manaus, no Núcleo Princesa Sama⁷³ (de outubro de 2006 até 17/11/2007) e em seu desmembramento, o Pré-Núcleo Menino Deus (desde 18/11/2007), sendo que a etnografia de forma mais sistemática foi realizada a partir de 05 de outubro de 2009.

Com o início do doutorado em outubro de 2006, decidi priorizá-lo e, em consequência, reduzi minhas atividades na UDV: deixei de participar de sessões em outros núcleos (a não ser em casos de sessões da direção da 2ª região ou as que tinham a presença de algum mestre antigo); não assumi compromissos “de frente”⁷⁴ (como, por exemplo, a proposta que recebi de eu ser diretor do departamento de promoções⁷⁵ do PNMD), restringindo-me a participar das atividades enquanto colaborador; por um tempo (até 2008), participei ainda de mutirões (geralmente aos primeiros e terceiros domingos do mês) e de outras atividades que se realizavam aos sábados à tarde antes das sessões de escala, como do plantio ou do ensino religioso.

Em março de 2009 fui a Ribeirão Preto e, como não havia ainda a UDV nesta cidade (que faz parte da 3ª região da instituição), por sugestão de meu orientador, coletei os dados (etnográficos e de entrevistas) em outra cidade da região, contudo, pela distância de minha família que ficara em Manaus, voltei a colher dados também no PNMD. Nas duas regiões, eu chegava próximo do horário das sessões, sendo que, na 3ª região, eu ia e voltava de carro com algum discípulo e dialogávamos livremente; em Manaus, ia com condução própria acompanhado de minha companheira e, muitas vezes, com alguém que não tinha condução, onde também dialogávamos livremente, em geral assuntos a respeito da UDV. Após as sessões, depois das gravações que eu fazia, ficava dialogando com as pessoas que eu procurava ou que me procuravam para falar de algum assunto específico (que eu ou a(s) pessoa(s) sentíamos necessidade de falar). Diversas vezes eram assuntos das sessões, mas, também, pessoais: os cuidados para adquirir mais saúde, pedidos de esclarecimentos a respeito de assuntos das sessões, conselhos e orientações eram pedidos e recebidos.

Quanto aos eventos significativos, participei de alguns encontros e promoções da 2ª Região (da qual fazem parte o Núcleo e o Pré-Núcleo); do II Congresso Internacional da Hoasca e IV Congresso da União do Vegetal, realizado em Brasília de 09 a 11 de maio de

⁷³ O qual frequentei de 25 de maio ao mês de novembro de 1991 e que fui sócio de 15 de julho de 1995 até o seu desmembramento.

⁷⁴ De maior responsabilidade.

⁷⁵ Descrevo as atividades dos departamentos da UDV, bem como os mutirões e sessões no próximo capítulo.

2008; do I Encontro do GTER em Brasília, nos dias 12 e 13 de dezembro de 2009; do I Encontro do GTER da 2ª Região em Manaus, nos dias 14 e 15 de agosto de 2010; e do I Congresso (internacional) do Plantio em Manaus, nos dias 13 e 14 de novembro de 2010.

Cito aqui um trecho de um DC, a título ilustrativo, do tipo de descrição que era feita:

DC 22-11-2009. Falou-se ontem mais a respeito da Natureza⁷⁶ e do exemplo de servidão que dá aos espíritos em evolução: de vegetais que são utilizados para cura de enfermidades. Daí a importância da Caridade, que expressa o Amor ao Próximo através de doação material, de oportunidade de desenvolvimento para as pessoas, de ações no momento necessário, como calar-se para não ofender, de falar ou de escutar quando necessário⁷⁷. Contou-se a história do dilúvio (e de Noé) com alguns detalhes diferentes das Sagradas Escrituras, mas com a essência da arca, do dilúvio e da aliança de Deus com a humanidade expressa no arco-íris (nas versões do Torá, Antigo Testamento Evangélico e Alcorão aparece a palavra **arco**; **arco-íris** aparece na versão do Antigo Testamento Católico).

Uma sócia se despediu da irmandade, expressando gratidão e que sentirá saudades, pois essa foi a derradeira sessão no PN, já que está retornando para a cidade de onde veio. Sente-se mais fortalecida por esse tempo que esteve nesta UA e aprendeu o verdadeiro sentimento do que é “ser irmão”.

Ela escreveu o seguinte e-mail:

“Bom dia, prezados irmãos.

Em primeiro lugar quero agradecer pelo lindo texto enviado pelo cons. (nome) nesta manhã. Muito inspirador e verdadeiro. Desejo que cada um de nós tenha FORÇA para persistir nos intentos de nos melhorarmos e evoluirmos, ultrapassando os obstáculos e as dificuldades. Desejo a cada um de nós LUZ para vermos sempre com mais clareza o que devemos fazer para alcançar estes objetivos. Quero expressar minha imensa alegria por pertencer a essa SAGRADA UNIÃO, que nos ilumina e fortalece, sempre. Na derradeira sessão, foi sugerido por alguns irmãos que eu fizesse uma festa de despedida. Eu me senti bem com a ideia, e ficarei bem feliz se pudermos mesmo realizá-la. Em meu condomínio, há uma área de convivência onde podemos fazer a confraternização. A sugestão é que ela aconteça no dia 04 de dezembro (sexta-feira), e que cada um leve algo para fazermos um lanche legal. Será também especial se alguém puder levar um violão, ou, se isso não for possível, que alguém leve um aparelhinho portátil de som, para animar a festa. Por falar em música, eu ainda não tenho nenhuma gravação de músicas da União, então, será legal se alguém levar também. (...)

Bem, queridos irmãos, essas são as ideias para a festa. Eu aguardo dos senhores a confirmação de quem estará presente. Será mesmo um PRESENTE para mim recebê-los em minha casa.

Endereço: Creio que são referências suficientes né? Rsrtrs

E-mail: caro (nome), será uma alegria para mim mantermos contato por e-mail. Nossas conversas são sempre enriquecedoras e inspiradoras para mim.

⁷⁶ Deste ponto em diante utilizo a palavra “Natureza” com letra maiúscula: explícito no início do terceiro capítulo.

⁷⁷ A respeito deste trecho do diário, explícito no item “3.3.2.2.5 Departamento de Beneficência (DEBEN)”.

Creio que meu e-mail esteja no catálogo do pré-núcleo, mas envio-lhe, e a quem quiser se corresponder comigo: (endereço)”.

O e-mail que ela cita está no “ANEXO N”. Assim, os trechos que cito são extraídos direta e integralmente dos diários de campo, portanto a linguagem dos mesmos é literal. Há trechos que são ilustrativos de afirmações que faço antes de citá-los, outros trechos são analisados após serem citados. Citei este DC porque ele não aparece em outro lugar nesta tese e também porque é distinto dos outros. A maioria deles é curto, com as palavras ouvidas por mim nas sessões. Neste, iniciei com os registros de uma sessão e pesquisei a respeito do arco-íris, tendo encontrado que, “nas versões do Torá, Antigo Testamento Evangélico e Alcorão aparece a palavra **arco**; **arco-íris** aparece na versão do Antigo Testamento Católico”. Por isso coloquei entre parênteses. Quando li o e-mail da sócia, lembrei o que ela havia falado na sessão e registrei no DC. Pedi sua autorização e dos que haviam enviado o e-mail que ela mencionara para utilizar em minha tese, sem identificação das pessoas.

Por vezes, analisava os dados registrados nos DCs, outras vezes analisei nos momentos da redação dos capítulos da tese (o terceiro e o quarto).

2.6.2 Entrevistas

Para identificar que as falas se originaram de entrevistas, coloco iniciais que não correspondem aos nomes das pessoas, acompanhadas da data em que as realizei.

Procurei entrevistar, por oportunidade, pessoas ligadas à origem da UDV e alguns discípulos que visitavam o PNMD; entrevistei, também, sócios do PNMD. As oportunidades de entrevista surgiram por ocasião de viagens minhas a outras cidades ou de pessoas que visitavam Manaus. As ocasiões em que entrevistei pessoas no PNMD surgiram, principalmente, a partir de suas falas nas sessões: senti que tinham algo que podia enriquecer meu trabalho. A escolha dos entrevistados foi pelo assunto ou pelas palavras que as pessoas falaram ou por serem pessoas antigas na UDV.

As entrevistas foram desenvolvidas em diversos lugares: algumas foram realizadas dentro do meu carro, pela casualidade do encontro (quatro delas, por exemplo, foram após a sessão, quando me solicitaram transporte até onde se encontravam hospedados ou sua residência), algumas foram em algum lugar mais reservado do PNMD (sentados em uma parte do salão ou em pé no estacionamento), outras na casa da pessoa ou onde ela estava

hospedada, outras em minha casa e, outras ainda, nos âmbitos da UDV, onde havia surgido a oportunidade de sua realização.

Os convites foram feitos por mim geralmente da seguinte forma: “eu quero lhe (te) fazer um pedido”. A pessoa perguntava qual era o pedido e eu explicitava: “estou fazendo uma pesquisa de doutorado a respeito das transformações das pessoas na União do Vegetal e quero lhe (te) pedir uma entrevista” (aos do PNMD, que já sabiam da minha pesquisa, eu fazia o pedido de forma mais direta: “quero te pedir uma entrevista pro meu doutorado”). Esclarecia aos participantes a respeito do sigilo, que para mim eram importantes as palavras de um discípulo da UDV e que a pesquisa estava autorizada pela Comissão Científica da Instituição. Perguntava se a pessoa autorizava a gravação em vídeo e áudio (sete foram gravadas somente em áudio e uma foi só em vídeo, por problemas técnicos), que era para eu ser fiel com as palavras ditas. Quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentava após a entrevista como uma formalidade⁷⁸ necessária da pesquisa. A resposta dos participantes era positiva, pois sentiam que estavam auxiliando um irmão que estava realizando um trabalho importante por ser a respeito da UDV e, também pelo tema: transformações pessoais. Dois apenas (antigos na UDV) não autorizaram registro por meio de gravação nem por meio de anotações; um dos entrevistados, após eu lhe enviar a transcrição, não autorizou a utilização da mesma. De qualquer maneira, eu pude coletar os dados enquanto colaborador do Departamento de Memória e Documentação do PNMD.

A partir de 2009, conforme o TCLE (ANEXO A), solicitei entrevistas e a autorização dos participantes da pesquisa para registros com uso de gravador, câmera fotográfica e filmadora. A participação neste estudo foi inteiramente voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento desejado, sem nenhum tipo de ônus. Também não envolveu qualquer tipo de risco ou prejuízo aos participantes nem para a instituição religiosa CEBUDV, sendo a sua maior divulgação no meio científico a única consequência decorrente dela, pois os resultados deste trabalho serão apresentados apenas em reuniões e publicações científicas. Aos entrevistados, destaquei o seu direito de não responder a qualquer questão da entrevista. Complementei com a informação de que, mesmo que esta pesquisa não oferecesse riscos nem

⁷⁸ Sei que o TCLE e os comitês de ética são importantes, porém, quero esclarecer que eu falava que era uma formalidade, porque as pessoas na UDV valorizam muito a palavra e, já que confiavam que eu iria manter o sigilo, também esperavam que eu confiasse na palavra deles, autorizando as gravações e utilização da entrevista na tese: a palavra é o bastante; ou seja, para alguns sócios da instituição, **pode até soar ofensivo o pedido de assinatura em algum documento**, sendo que um Mestre antigo disse “eu não vou assinar nada” (e nem quis olhar o TCLE).

prejuízos, se por motivo da mesma, algum assunto mobilizasse algum participante, sendo eu psicólogo, providenciaria o devido suporte psicológico necessário. Quanto ao acompanhamento e observação do dia a dia dos participantes, utilizei registros com uso de gravador, câmera fotográfica e filmadora (exceto os de sessões) meus e do DMD (do qual sou também colaborador), aos quais eles já estavam acostumados e solicitei sua autorização para utilizar esses registros na tese.

As pessoas expressavam um tom de seriedade amigável, pois sentiam que estavam colaborando com um trabalho sério (mas não sisudo). Pela minha maneira de ser com as pessoas, elas se sentiam, em geral, muito à vontade para conversarem comigo durante as entrevistas. Em um caso, houve um momento em que a pessoa entrevistada chorou, por contar uma situação dolorosa de sua vida anterior à participação na UDV; porém, no final da entrevista, houve risos de parte a parte. Na grande maioria das entrevistas, o clima foi descontraído, com risos e sorrisos e algumas pessoas expressaram gratidão pela entrevista realizada, pois puderam lembrar de coisas importantes que estavam esquecidas.

Em minha vida profissional (desde 1982, nos estágios de psicologia e 1984, já depois de minha graduação) venho utilizando técnicas de entrevista. E, embora tenha utilizado a observação participante em minha dissertação de mestrado, foi só na tese de doutorado que pude perceber a riqueza do método etnográfico, onde as entrevistas ganham uma nova dimensão. Além da preciosidade em si das observações do contexto, do lugar onde as pessoas convivem, de observar e vivenciar interações sociais com as pessoas e de ter podido observar os sentidos das transformações nos ensinamentos da UDV, também pude, nas entrevistas, fazer perguntas que não poderia ter elaborado sem a etnografia. As entrevistas eram pautadas no sentido da compreensão das transformações pessoais: este era o foco temático. Mais que entrevistas, eram “conversas do cotidiano”, como menciona Lutz (1998).

2.6.3 Documentos

Os documentos lidos nas sessões de escala foram privilegiados por ser o fundamento doutrinário escrito da instituição. A respeito deles, Lodi (2004) conta sobre um irmão do Mestre Gabriel: “Antônio Gabriel lembra-se de algumas palavras de Mestre Gabriel ao se

despedir de sua companheira, conselheira⁷⁹ Pequeninina, após entregar-lhe uma caixinha de madeira, onde guardava os documentos do Centro: Se precisar, aqui sou eu” (LODI, 2004, p. 68).

Assim, também privilegiei o exame do Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes (que chamarei aqui simplesmente de “o Guia”), que é o documento mais atual elaborado e uma expressão importante dos ensinamentos da instituição. Este “destina-se prioritariamente ao ensino religioso de crianças e adolescentes, no âmbito da UDV, podendo ser também de grande valia **ao público de um modo geral**, mesmo aos que não integram nossa sociedade religiosa” (CEBUDV, 2008, p. 7, grifos meus). O Grupo de Trabalho do Ensino Religioso (GTER), que se formou em torno deste “Guia”, tem sido bastante dinâmico, com uma lista de mensagens⁸⁰ via internet (de discussão eletrônica)⁸¹, a realização de um Encontro Nacional⁸² (em Brasília) dias 12 e 13 dezembro de 2009 e de diversos encontros regionais (o da 2ª Região foi realizado em 14 e 15 de agosto de 2010; participei deste e do Nacional). Destaco “**público de um modo geral**” porque demonstra o caráter público do mesmo, já que, os lidos nas sessões possuem muitos elementos que necessitam de explicitações para serem entendidos e, por isso mesmo, não são públicos. Pelo caráter iniciático da seita, como já mencionei anteriormente, quem participa das sessões pode perguntar a respeito de seu conteúdo.

Outros documentos que utilizei foram os informativos internos do CEBUDV e mensagens via internet (de listas ou grupos de discussão eletrônicos), que são importantes por serem uma expressão da comunicação, história e dos **valores vivenciados**. Por não serem públicos, quando os utilizei, solicitei autorização aos envolvidos e/ou responsáveis pelos mesmos.

Outro documento público utilizado é o site da UDV na internet: www.udv.org.br.

⁷⁹ Na época estava só no CDC; após o falecimento do companheiro, foi reconduzida ao QM e ao Conselho da Recordação dos Ensinamentos do Mestre Gabriel (CREMG).

⁸⁰ Conhecidos no Brasil como “e-mails”.

⁸¹ Os e-mails são tão numerosos que, além de um crescimento que vem ocorrendo desde seu início no número de participantes, há casos de pessoas que solicitam seu descadastramento temporário da lista, por não conseguirem acompanhar a leitura dos mesmos.

2.6.4 Músicas

A utilização da análise das músicas se justifica não só pelo seu caráter público em contraste com as “chamadas” e ensinamentos reservados (devido à tradição oral do CEBUDV), mas, principalmente, pela sua importância no ritual religioso e nos demais âmbitos da instituição. A origem de sua utilização nas sessões da UDV é contada no terceiro capítulo.

2.7 Procedimentos de análise dos dados

Nesta tese, eu adoto, como já mencionei, as lentes da Psicologia Cultural, que é uma perspectiva teórica, entre outras, “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 1973, p. 4).

Segundo Belzen (2010),

a pesquisa hermenêutica está preocupada com o que é **típico**: ela busca estabelecer **tipos ideais**, tipos extremados, protótipos, tipos **relevantes**, o que implica que a exemplificação está sendo feita de acordo com considerações teórico-sistemáticas, e não ao acaso. (...) A generalização ocorre na apresentação de casos típicos, não por casos estocásticos, e especialmente pela elucidação da validade pela intensa relação intersubjetiva (BELZEN, 2010, p. 155, grifos meus).

Belzen (2010) afirma, ainda, que “na pesquisa hermenêutica, nada é fixado *a priori*; não existe uma espécie de *confiança* depositada somente num método. Na realidade, às vezes, precisa-se inventar um método ou esquematizar um à medida que a própria pesquisa vai adiante” (p. 151). Assim, procedi à análise dos dados como explico a seguir.

Busquei estabelecer o que é **típico** na UDV a respeito das concepções de transformações. Obtive, através do método etnográfico, a observação das atividades realizadas no CEBUDV e seus artefatos, uma parte descritiva e minuciosa (o terceiro capítulo). Com base nesta etnografia, e recorrendo a casos exemplares, típicos (ideais e relevantes), não a aleatoriedades estatísticas, dediquei-me, então, a uma análise compreensiva desses exemplares, que tipificam o todo. Nesse sentido recorri às especificidades da cultura da UDV

⁸² Foi chamado “Nacional”, mas teve a presença de pessoas de outros países.

mais salientes (o uso da palavra, a noção de memória, etc.) e a discípulos altamente representativos, a começar pelo Mestre Gabriel, daí o item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**” no quarto capítulo e as referências a ele ao longo de toda esta tese.

Tratando-se de um grupo religioso muito centrado em determinados valores, a explicitação desses valores, em particular no quarto capítulo, é crucial. Iniciei um levantamento de concepções buscando a partir das **minhas vivências** em dezesseis anos na instituição e da etnografia que realizei. Destas, utilizei dados relevantes que surgiram, principalmente através de pessoas ligadas às origens da União do Vegetal. Assim, teci a rede das concepções que vigoram na instituição. Utilizei, ainda, o “Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes” para esse embasamento, buscando **uma linha** a seguir com este importante documento oficial do CEBUDV e, também, o *site* da UDV na internet (www.udv.org.br), pelo seu caráter oficial, sintético (e estético, já que traz imagens e fotografias relevantes). E, na sequência, para não me restringir a tipos de concepções ideais, revisei os dados etnográficos (diários de campo e entrevistas), por serem a **fonte viva** da pesquisa, que revelam as narrativas e os valores vivenciados na instituição.

Procurei, ainda, estar alerta aos diversos aspectos de **linguagem**, apontados por Lutz (1998), que **são entradas metodológicas** à compreensão dos sistemas culturais: o **vocabulário**, a **centralidade ou relevância de certas concepções** dentro do amplo sistema cultural, as “**palavras-chave**” e a demonstração do **alcance e profundidade de significado** que elas podem comunicar, às **metáforas** e aos **modificativos utilizados**⁸³.

⁸³ “The ethnographer’s **acquisition of language skills** is the first and most significant way that access to local ethnopsychological knowledge is obtained. Several aspects of **language are methodological entrées** into such cultural knowledge systems. First, the **lexicon of the self and interaction** provides evidence about the concepts underlying ethnopsychological understanding. (...) Also of interest is the centrality or salience of particular ethnopsychological **concepts within the wider cultural system**. Quinn (1982) has shown the value of an analysis of the “**key words**” of particular knowledge domains in demonstrating **the range and depth of meaning such words can communicate**. When we describe ethnopsychological concepts, it is important to note the **salience or resonance of particular words in the knowledge system**.

Beyond the lexicon of the self, the **metaphors and modifiers** used in talking about human functioning are important entrées into all understanding of ethnopsychological conceptualizations. Lakoff and Johnson (1980) have argued that use of metaphors constitutes one of the most fundamental ways people understand the world. When we link concepts that are experientially vivid, such as the spatial and ontological, with abstract or poorly understood concepts, understanding is enabled or enhanced. As ethnopsychological concepts are often abstract to a degree which plants and colors are not, **metaphors** will be frequently used in attempts to understand and communicate the experience of self and other” (LUTZ, 1988, p. 84-5, grifos meus).

3 ATIVIDADES NO CEBUDV E SUA ORGANIZAÇÃO

Laplantine (2004) escreve que uma descrição etnográfica “trata de fazer ver com palavras, as quais não podem ser intercambiáveis, particularmente quando estabelecemos enquanto meta relatar da maneira mais minuciosa a especificidade das situações, sempre inéditas, às quais estamos confrontados” (p. 10). E, segundo Catherine A. Lutz (1998), para estudar um **sistema de conhecimento cultural** necessita-se examinar tanto o que as pessoas **dizem** como o que **fazem** no cotidiano⁸⁴. Assim, busco descrever da maneira mais minuciosa possível a especificidade das situações que observei, o que as pessoas fazem (e o que dizem) no cotidiano, com as palavras típicas do CEBUDV.

Utilizo aqui os termos utilizados **no cotidiano** do CEBUDV – 2ª Região, sem cuidar se são ou não os termos oficiais, pois busco fazer uma descrição etnográfica em que, portanto, o que importa mais é o que é **vivenciado** e “o que as pessoas **dizem**”, conforme afirma Lutz (1998).

E, como já expliquei no segundo capítulo, na perspectiva da Psicologia Cultural, ao visar compreender o funcionamento do psiquismo dos indivíduos numa dada cultura, é necessário estudar as atividades, os artefatos e os conceitos culturais (BELZEN, 2010). Na instituição pesquisada, há artefatos que, cada um isoladamente poderia resultar em uma ou mais teses e, portanto, além de impossível de ser realizado aqui, fazer uma descrição exaustiva dos mesmos ultrapassaria o objetivo da minha pesquisa. Assim sendo, descrevo-os aqui, **ligados** aos diversos tipos de **atividades** realizadas (e sua organização), de forma a proporcionar ao leitor uma maior imersão na cultura da instituição, deixando as concepções (a não ser em casos excepcionais) para o próximo capítulo.

No CEBUDV, **sociedade religiosa**, a atividade principal é, obviamente, a religiosa. Contudo, diferentemente de outras, sua atividade de rituais religiosos (as sessões) **não se restringe a ela mesma**. Nascida na floresta amazônica, a União do Vegetal traz a **marca da sua ligação com a Natureza**. O próprio nome da seita, que é União do **Vegetal**, indica isso. Mas, o próprio **sacramento**, a **comunhão** do Vegetal, isto é, **beber o chá sagrado**, o ritual fundante da religião mostra essa ligação: o chá é preparado com **duas plantas nativas** da

⁸⁴ “The task of ethnopsychological study is to examine what people both **say and do** in everyday life which indicates that a **cultural knowledge system** for interpreting self and other is at work” (LUTZ, 1998, p. 84, grifos meus).

floresta amazônica e, é claro, como qualquer chá, é preparado com **água**. Esta ocupa um lugar central na cosmologia da UDV. Diz o diário de campo de 21-11-2010: “a água é pura”; “setenta por cento do corpo humano é água”; “tudo que tem vida tem água”. Quero acrescentar aqui que essa valorização da água na UDV se expressa, também, em nomes de Núcleos e Pré-Núcleos: Lagoa da Prata, Princesa Mariana, Rainha das Águas, Senhora das Águas, Janaína, Águas Claras, Encanto das Águas, Sereno do Mar, Água Boa, Sereno de Luz, Agulha de Marear. (A palavra “marear”, além do sentido “1 Rubrica: termo de marinha. controlar a direção de (embarcação); manobrar, manejar, governar” (HOUAISS, 2001), que se refere à orientação de embarcação e, portanto, dentro da água, contém as palavras “mar” e “ar”).

Assim, essa concepção de ligação com a Natureza é encontrada ao longo de toda esta tese. E coloco com letra maiúscula “Natureza” pelo caráter sagrado que a instituição atribui a Ela. Nesse sentido lê-se no Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes:

Observando mais atentamente a Natureza a seu redor, **descobre** que tudo nela está dentro de uma **ordem e funciona de acordo com leis e critérios, obedecendo** a ciclos: há o tempo de plantar e o tempo de colher e, **para melhor desfrutar de seus bens — e estar em verdadeira harmonia com ela —, é necessário conhecer e respeitar as leis** que a governam. (CEBUDV, 2008, p. 8, grifos meus).

Dessa ligação com a Natureza surge a concepção da existência de Deus. A própria Natureza é Divina na concepção da UDV, pois aparece no texto com letra maiúscula. É assim, por exemplo, com a palavra “Vegetal”. E o próprio chá comungado ganha o nome de “Vegetal”, demonstrando o caráter sagrado da Natureza. A UDV é “(...) uma religião em permanente **comunhão com a Natureza**, pois dela retira os vegetais — mariri e chacrona — com que prepara o chá Hoasca, seu sacramento, utilizado em seus rituais religiosos”. (Id., p. 70, grifos meus).

E esse chá, para ser preparado, necessita das atividades de “Preparos de Vegetal” e de atividades de colheita na floresta ou em um cultivo próprio (daí a existência dos “plantios de Mariri e Chacrona”); necessita-se de um **terreno** para se plantar e preparar o Vegetal e de toda a infraestrutura para isso, com construções, ferramentas e utensílios; para os núcleos onde não há possibilidades de ter plantio ou onde ele não é exuberante (principalmente pela questão climática), necessita de transporte do chá já preparado ou das plantas colhidas para serem preparadas (quando estive em um Núcleo do Sudeste do Brasil, ouvi a narrativa de um transporte rodoviário de mariri, realizado de uma cidade do norte do país até esse Núcleo

onde se preparou o Vegetal, a quase três mil quilômetros de distância); e, para organizar tudo isso, uma estrutura organizativa e administrativa (e hierárquica⁸⁵), daí a existência dos Núcleos com respectivas “diretorias”, “conselhos fiscais” e “departamentos” com suas reuniões e outras atividades. Para zelar pelo terreno e benfeitorias é contratado um zelador, que mora no mesmo, geralmente com a família. Não é condição que sejam sócios da UDV, mas é recomendável, pois facilita os trabalhos⁸⁶.

Destaco que **as normas formais (documentos lidos nas sessões de escala) e informais (transmitidos oralmente) e a estrutura organizativa, hierárquica e administrativa do CEBUDV** vêm sendo criados pela **necessidade sentida** pelos membros da instituição: todos têm origem “**de acordo com os acontecimentos**”. Como diz o Mestre Florêncio: “Na época que chegamos, não tinha documento nenhum. Na medida em que nós fomos cometendo algumas desobediência [sic], foram sendo criados alguns documentos na UDV.” (CEBUDV – DG). Contudo, não é do alcance deste trabalho explicar cada um desses acontecimentos, conforme são ensinados, por vezes, na instituição.

3.1 As sessões do Vegetal

3.1.1 Tipos de sessões

As sessões são “**de Escala**” (nos primeiros e terceiros sábados de cada mês, podem não ser realizadas caso haja alguma sessão “de Escala Anual” ou “de Aniversário do Núcleo” na quinta ou na sexta-feira antes do sábado); “**de Escala Anual**” (listadas a seguir; estas e as de **aniversário** também são chamadas de “sessões **festivas**”); “**extras**”; “**de casal**” ou “**pra casal**” (onde um cônjuge não pode participar sem a presença do outro – valendo inclusive para o QM, só ouvi falar de duas exceções: uma conselheira viúva antiga, porque trazia conselhos importantes para os casais e um discípulo que não sabia da norma e que ficou na sessão por despercebimento, tendo sido motivo de brincadeiras e risos amistosos); “**de Adventícios**” (ou “**de Novatos**”), para os que bebem o Vegetal pela primeira vez (há casos de

⁸⁵ Que descrevo no item “**3.3 Estrutura hierárquica e concepção de “autoridade”**”.

⁸⁶ Em uma Ação de Extensão da Universidade Federal do Amazonas (FERNANDES, 2005b), universidade onde trabalho, organizei, juntamente com outros profissionais de Psicologia, um processo seletivo para esse cargo.

peessoas que bebem o Vegetal a primeira vez – principalmente autoridades, parentes de sócios ou pessoas que já beberam o Vegetal em outras instituições – em Sessão de Escala ou de casal e, nesses casos, não se podem contar histórias); “**Instrutivas**” (do CI – Corpo Instrutivo); “**da Direção**” (CDC e QM – Corpo do Conselho e Quadro de Mestres, respectivamente), chamada também simplesmente de “Sessão **do Corpo do Conselho**”; “**do Quadro de Mestres**”; e de outras instâncias deliberativas (**CREMG**, por exemplo). Podem existir, ainda, as sessões “**de acerto**”, que é “pra se acertar” (no sentido de corrigir algo que não estava certo); são realizadas para dirimir alguma questão envolvendo duas ou mais pessoas, geralmente para desfazer mal-entendidos; eu mesmo participei só recentemente de uma dessas.

Em datas (ou ocasiões) pré-determinadas, se realizam as Sessões de Escala Anual:

6 de janeiro — Dia dos Três Reis Magos
 10 de fevereiro — Nascimento de José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel
 27 de março — Ressurreição do Mestre
 (...)
 23 de junho — São João Batista
 22 de julho — (Re) Criação da União do Vegetal
 (...)
 1º de novembro — Confirmação da União do Vegetal no Astral Superior
 24/25 de dezembro — Natal, nascimento de Jesus (DC 16-11-2010 - Núcleo Caupuri).

Neste diário de campo, aparecem o “2º sábado de maio – Dia das Mães” e o dia “29 de julho – Aniversário do Núcleo Caupuri” (datas excluídas por mim na citação acima), mas, no Guia de Orientação de Crianças e Adolescentes (CEBUDV, 2008), não constam como sendo de Escala Anual o Dia das Mães e o Aniversário do Núcleo. Contudo, em Manaus estas são sempre realizadas, segundo minha vivência, desde que me associei ao Centro; quanto às “de Aniversário do Núcleo”, nunca ouvi falar que algum Núcleo ou Pré-Núcleo tenha deixado de realizar: compreendo que isso se deve ao esforço coletivo realizado para se chegar à inauguração, como descrevo no item “3.2.5 Desmembramentos”. De qualquer modo, a sessão no dia da inauguração é chamada de sessão “de Abertura do Núcleo”; durante alguns anos eram abertos Pré-Núcleos e, a partir de 2010, houve uma decisão de só existirem as denominações “Distribuições Autorizadas” e “Núcleos”, portanto, a denominação “Pré-Núcleo” existe para os que foram abertos antes dessa decisão e que ainda não passaram à categoria de “Núcleo”.

As sessões “extras” são realizadas de acordo com a necessidade ou com a oportunidade. Há sessões desse tipo que parecem até ser “de Escala Anual”, pois são feitas⁸⁷, pela tradição, todos (ou quase todos) os anos: além das que mencionei no parágrafo anterior (em homenagem às mães e aniversário do Núcleo), o primeiro dia do ano (1º de janeiro, podendo iniciar na véspera, principalmente na 2ª região, pois o aniversário de um de seus Núcleos – o Núcleo Tiuaco – é dia 1º) e São Cosmo e São Damião (dia 27 de setembro). Assim, há uma necessidade pela tradição: muitas pessoas já esperam pela sessão. Também podem ser feitas pela “oportunidade”: são os casos em que um mestre (ou conselheiro ou conselheira mais antigos) de outra região visita alguma cidade, por motivos pessoais (trabalho ou lazer), mas, principalmente “em alguma missão”, por exemplo, o Mestre Geral Representante (MGR) é convidado a participar do Encontro de certa Região (em geral, nesse caso, são dirigidas sessões para toda a irmandade, para o QM, para a Direção e Instrutivas).

Nas sessões extras, como a realizada em homenagem às mães e narrada em um diário de campo no item “3.2.3 O lugar da mulher”, há o diferencial de se beber o Vegetal todos juntos em contraste com as sessões de escala, onde bebem “primeiramente os discípulos do Corpo Instrutivo” (ou “da Sessão Instrutiva”); e, também, nas primeiras se tocam músicas no lugar da leitura dos documentos. Em algumas sessões extras há leitura de parte dos documentos de acordo com a necessidade como, por exemplo, nas sessões de adventícios para que tomem conhecimento de alguns pontos a respeito do CEBUDV e que serão destacados na “explanção” (parte do ritual após a leitura dos documentos, cujo objetivo é explanar o significado de algum aspecto dos documentos lidos)⁸⁸. Em algumas sessões extras, há ainda, como narra o DC, da mudança de disposição das cadeiras e mesa.

3.1.1.1 Horários e duração das sessões

As sessões de escala são realizadas às 20h e as de escala anual são muitas vezes às 20h30 ou 21h (quando em dias úteis, por causa de atividades laborais). Já as da Direção, do QM e extras não têm um horário padrão (nos dias úteis são em horários, pelo mesmo motivo, semelhantes às das “de escala anual”). As sessões de Natal e do primeiro dia do ano são realizadas, em geral, com início às 21h do dia 24 e 31 de dezembro, respectivamente. De modo diferente, as do CI são nos domingos às 12h. Para o CI, existem, ainda, sessões “de

⁸⁷ Na segunda região, onde recolhi a grande maioria dos dados.

caráter instrutivo”, com o objetivo de melhora do “**caráter**” dos discípulos, quando há necessidade de melhorar aspectos da prática dos mesmos; nestes casos, as sessões se realizam mais no horário noturno. Observo aqui, mais uma vez, a importância da palavra⁸⁹ (bem como de seus “mistérios”) na cosmologia da UDV.

O “fechamento” (término) das sessões de escala é feito entre 00h10 e 00h15. As demais são, na maioria das vezes, com a duração por volta de quatro horas, mas “não têm horário para terminar”, contudo, dificilmente ultrapassam as seis horas.

3.1.2 O lugar das sessões e seus frequentadores

As sessões da União do Vegetal podem ser realizadas em diversos lugares: “entre quatro paredes”, ou seja, em algum lugar fechado, como de algum lugar emprestado (assim foi no início da instituição e assim é no caso de Distribuições Autorizadas); ao ar livre, sob a sombra de uma samaúma, por exemplo, como a realizada em São João da Baliza, no estado de Roraima⁹⁰ em 2004 no I Encontro do Plantio; em algum lugar coberto; mas, sobretudo, nos templos da instituição.

Os frequentadores das sessões podem ser os sócios da UDV e pessoas que querem conhecê-la. Isto se dá quando estes conhecem um sócio (geralmente em lugar de trabalho ou estudo) e, surgindo o assunto, falam de seu interesse. De modo geral, participam de uma sessão de adventícios e, depois desta, podem, por um tempo sem se associarem, frequentar à vontade às sessões de escala. Das sessões extras, podem participar a critério do MR, em geral, em quase todas na mesma região (e até nas demais, desde que tenha autorização do MR, que se comunica com o responsável da região ou Núcleo de destino).

Já as pessoas do Quadro de Sócios⁹¹ têm o “dever”⁹² de comparecer às sessões de escala e de escala anual, porém, ficam à vontade para tanto. E, quanto aos discípulos do CI e do CDC, se espera que compareçam às sessões e só se ausentem delas (ou cheguem após o

⁸⁸ A leitura dos documentos e explanação são feitas nas sessões de escala e, em alguns casos, nas de escala anual.

⁸⁹ Conceção explicitada no próximo capítulo, no item “4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras”.

⁹⁰ Hoje Roraima já forma uma nova região, a 16ª, que se desmembrou da 2ª (ficando esta restrita ao estado do Amazonas, maior estado do Brasil).

⁹¹ Segundo o Guia de Orientação de Crianças e Adolescentes, “Pelas leis da União do Vegetal, somente aos 18 anos é permitida a filiação ao Quadro de Sócios, o que possibilita frequência regular aos trabalhos religiosos (Sessões de Escala)” (CEBUDV, 2008, p. 7).

⁹² No terceiro capítulo, a respeito das “Concepções”, no item “4.12.9 Da raiva à paciência e obediência” explicito a diferença entre “obrigação” e “dever” na UDV.

seu início) por motivos (mormente de trabalho, estudo ou saúde) justificados; isso comunicado, de preferência, previamente ao Mestre Representante (MR) ou ao Mestre Assistente (MA). Os mestres têm o direito de irem às sessões quando quiserem, sem necessitar de justificativa, contudo, raramente não comparecem; são, em geral, os mais dedicados, responsáveis e com a prática mais coerente com as concepções da sociedade CEBUDV.



Foto 7 – Encontro do Plantio – 2ª Região em 2004 – São João da Baliza (Roraima)⁹³

A Foto 7 mostra um espaço aberto (e coberto), cercado de vegetação, com detalhes da maior presença masculina nas atividades de plantio do mariri e da chacrona, de redes (características do norte e nordeste brasileiros), de cadeiras “de macarrão”⁹⁴ e da decoração⁹⁵ com bandeirinhas penduradas na estrutura do telhado e cortinas azul-claras e flores nos postes de sustentação, alegrando o ambiente rústico; observam-se cadeiras plásticas utilizadas no âmbito da UDV, pelo baixo custo e praticidade (leveza, fácil armazenamento e transporte) em eventos sociais como esse “I Encontro do Plantio” da 2ª região e, por vezes em sessões extras,

⁹³ Quando não cito o autor da Foto é porque eu sou o próprio autor.

⁹⁴ Assim chamado o material plástico, pelo formato, que forma uma cadeira sobre uma estrutura metálica.

⁹⁵ Explicitada no item “3.2.2 Coração, decoração e imaginação”.

quando as cadeiras de macarrão não são suficientes para atender um número maior de pessoas presentes.

Nas Fotos 7 e 9⁹⁶, percebe-se claramente a presença cabocla⁹⁷ (cor da pele e outras características corporais) no CEBUDV - 2ª e 16ª Regiões. E aqui, antes de iniciar a descrição do salão do PNMD, destaco dois pontos importantes na UDV: **as cores** e **o uso do uniforme**.

3.1.2.1 As cores

As cores têm sentidos importantes nesta cultura e alguma coisa a seu respeito pode ser explicitada. Existe um Núcleo que se chama “Cores Divinas” e elas estão presentes no símbolo da aliança da Força Superior com a humanidade após o dilúvio: o arco-íris. Existe também um Núcleo com este nome e outro que se chama “Luz Dourada”. E, “O branco representa a pureza” (DC 08-09-2010). Aqui quero destacar que a “cor negra” é associada à “escuridão”, à “falta de luz”, e, portanto, não é vista como positiva, pois possui as letras “neg” e tem o sentido “negativo”, derivado da Força Negativa⁹⁸.

Neste ponto, é importante um esclarecimento. Não se trata, como poderia parecer a uma visão superficial, de uma concepção racista, pois o próprio caboclo (incluindo a família do Mestre Gabriel) descende da assim chamada de “raça negra”. Além de Mestres antigos com cor de pele preta ou pardos⁹⁹, que sempre foram muito respeitados, na segunda Região há um Mestre que é também bastante respeitado e já foi Mestre Central por dois mandatos seguidos. Há mais de dez anos, uma vez fiz referência respeitosa a ele como sendo da “raça negra” e ele disse que não era “negro”, era “preto” e explicitou o mistério da palavra. Mesmo que não se possa explicitar o sentido das outras cores aqui, por ser um ensino reservado, quero destacar que há narrativas de sua importância nas próprias visões durante a burracheira e estudos a respeito, como os de Shanon (2002, 2003, 2004). Além disso, é importante destacar que a palavra **cor** está ligada à palavra **coração**, ao “**sentir**”¹⁰⁰.

⁹⁶ Em mais fotos, também se pode observar isso, ao longo desta tese.

⁹⁷ No sentido das pessoas com a pele “da cor moreno-acobreada do caboclo” (HOUAISS, 2001); em Manaus, se chama “caboclo” a quem descende de pais de origem branca e indígena ou branca e africana (ou as três).

⁹⁸ A concepção a respeito das Forças Negativa e Positiva (ou Superior) é explicitada no item “**4.1 Livre arbítrio**”, do próximo capítulo.

⁹⁹ Na acepção “de cor escura, entre o branco e o preto” (HOUAISS, 2001).

¹⁰⁰ Concepção explicitada no próximo capítulo, nos itens “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**” e “**4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor**”.



Foto 8 – 1º aniversário do PNMD em 18-11-2008 (DMD – PNMD)

3.1.2.2 O uso do uniforme

As cores do uniforme estão associadas com a Natureza: “a cor verde está associada à vegetação e as cores azul, branca e amarela às flores” (DC 08-09-2010). E nas Fotos 8, 9 e 13 pode-se observar seu uso. Conforme já explicitiei no primeiro capítulo, o dos homens (a diferença dos das mulheres é que o uso de meia é opcional para elas e sua calça ou saia é de cor amarelo-ouro): sapatos, meias e calças de cor branca, camisa verde para os discípulos do Quadro de Sócios, do Corpo do Conselho e do Quadro de Mestres (com exceção dos que usam camisa azul, que explicito no próximo parágrafo). O que diferencia na camisa verde são as letras bordadas nos bolsos (que ficam do lado esquerdo na altura do peito): as do QS são “UDV” em cor branca; as do CI são as mesmas letras, mas de cor amarelo ouro; as do CDC e do QM são também de cor amarelo ouro e as letras “CDC” ficam sob as letras “UDV”, como na Foto (o que diferencia as camisas do CDC e do QM é que nesta é bordada uma estrela do lado direito, de modo simétrico à posição das letras). O simbolismo dessas posições é que “o lado direito é o da razão” e “o lado esquerdo é o do coração, do **sentimento**”. Por essa concepção é que se diz que “o conselho deve vir do coração” e que os Mestres têm que

decidir também com a razão, pois, quando é necessário punir um discípulo, devem fazê-lo, mesmo sofrendo com a decisão¹⁰¹.



Foto 9 – Núcleo Princesa Sama

E as camisas azuis? Possuem as mesmas letras e a estrela (só que de cor branca) das camisas dos Mestres e são desta cor porque indicam maior **firmeza**, como “a cor firme do céu” (mais um elemento da Natureza). A palavra “firmeza”, que explico no capítulo das concepções no item “4.14 A força do querer”, se aplicam à prática dos princípios que é esperada que seja “mais firme”, isto é, mais coerente. São azuis as camisas dos Mestres Representantes, Mestres Centrais, Mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, do Mestre Geral Representante e dos Mestres Assistentes Gerais (como a do Mestre

¹⁰¹ Explico melhor a respeito disso quando falo do “equilíbrio” no item “4.12.5 Do desequilíbrio ao equilíbrio” do próximo capítulo.

Roberto Evangelista na Foto 9). Nas camisas destes existem os detalhes das imagens da Lua Crescente em cada lado da gola e de uma Estrela em cada ombro, simbolizando um dever de proximidade maior com “o Alto”, o “Poder Superior”. Além disso, a palavra “**Crescente**” pode ter o sentido de crescimento, transformação, evolução espiritual e, ainda, “crê” porque “sente” (lembrando a importância do “sentir” na UDV)..

Essas diferenciações do uniforme mostram em cores e símbolos a hierarquia no CEBUDV, mas que é do “dever” de cada um **de acordo com seu “grau de memória”**. É um artefato que expressa sentimentos de **pertencimento** (ou de **pertença**), como da sócia que diz “e ainda mais feliz de uniforme” (DC 05-10-2009). E, outra, ainda, no DC 28-03-2010:

Quando o Mestre Gabriel chegou em [sic] Porto Velho foi quando, pela primeira vez, a União do Vegetal se apresentou publicamente com a camisa do uniforme. Na época, o uniforme ainda não era como hoje, mas já tinha a camisa verde. Colocaram a camisa pra receber o Mestre.

Ela expressa, assim, um sentimento também de pertencimento à UDV e de consideração ao seu recriador. E uma entrevistada diz: “só via gente de carrão. Mas o Mestre é tão assim, fino nos ensinamentos dele, que trouxe o uniforme pra nos sentirmos iguais, sem distinção né, pra ele não tá mais bem arrumado do que o outro. Acho isso tão bonito mesmo” (CIF&G 01-08-2010). Essa entrevistada, fala da sua impressão inicial quando começou a frequentar a UDV e, apesar de sua situação econômica menor que a de outros, sente-se igual aos outros pelo uso do uniforme. Sua expressão “de carrão” é exagerada, pois nem todos possuem carro e na maioria os carros não são “carrões”, são populares; mas o que importa aqui é que, mesmo se houver diferenças econômicas, existe o **sentimento de igualdade**, que fortalece o de pertencimento. E este é um elemento fundamental na UDV: as pessoas costumam dizer “eu sou do” ou “eu pertencço ao” (nome do Núcleo ou Pré-Núcleo).

3.1.2.3 Elementos de arquitetura do salão do Vegetal e seus utensílios

Os Núcleos da UDV não têm uma uniformidade nas suas construções e arquiteturas, mas possuem alguns elementos em comum, principalmente na região norte. A Foto 9, feita dentro do templo do Núcleo Princesa Sama, do qual se originou o PNMD, mostra espaços abertos, cercados de vegetação: aqui visíveis estão um coqueiro e um jambeiro que salpica o chão de rosa com sua florada. Mais detalhes: templo de alvenaria no Amazonas, com a

presença de idosos, e arte na coluna do templo (de cuja construção participei), lixeira e suporte de metal para garrafa térmica com água e copos que são colocadas durante as sessões; na Foto ao lado da coluna, podem-se observar ao fundo crianças sentadas na mureta da copa, lugar de convivência onde se realizam a maioria das refeições, também aberto, ligado à cozinha (esta é fechada, pois é onde se guardam alimentos, eletrodomésticos e utensílios de cozinha e de limpeza). Aqui é mister destacar que **os idosos e seu conhecimento (e sabedoria) são valorizados** na UDV. Essa característica dessa sociedade está intimamente ligada à valorização dos pais (pai e mãe) que, como explicito no item “**3.5 Crianças, jovens e famílias**”, segundo o Mestre Gabriel, são responsáveis por 90% do que são os filhos. Os pais, adultos e pessoas mais idosas são respeitados e se fazem respeitar na UDV e nas famílias da UDV pelos jovens e crianças como importantes na transmissão da “ciência” de saber viver e de ser feliz, ligada inextricavelmente à “ciência” da evolução espiritual.



Foto 10 – Pré-Núcleo Menino Deus (DMD – PNMD)

No Pré-Núcleo Menino Deus o templo provisório é aberto, quer dizer, é uma estrutura coberta, sem portas nem janelas. Na Foto 10, de parte do “salão” (outro modo de denominação do templo), percebe-se a mesinha de som à esquerda, junto a um poste de sustentação da estrutura do telhado e a uma cadeira com uniforme: para que as pessoas possam ouvir o que é falado na sessão, de modo claro, já que a palavra é importante na cultura

da UDV e as músicas têm um lugar de destaque no ritual, conforme explicito no item “3.1.4 A arte da música na UDV”, todos os núcleos possuem um sistema de som, pois, quando são mais de trinta pessoas presentes, a audição começa a ficar dificultada para os que estão sentados mais distantes do MD. Este salão foi projetado inicialmente para os cinquenta e quatro sócios fundadores e depois foi ampliado, pelo crescimento do PNMD.



Foto 11 – (DMD - PNMD)

Na Foto 11, observam-se detalhes da decoração de um dos véus com nuvens e estrelas, os postes de acariquara¹⁰² que foram envernizados e que suportam a estrutura do telhado. Junto a um desses postes, percebe-se uma pequena caixa de som; as caixas estão distribuídas de modo a que se possam ouvir, conforme explicitarei no parágrafo anterior: dá-se importância a que todos possam escutar uns aos outros, condição essencial para uma boa comunicação e aprendizado. Mais detalhes da decoração: um móvel de cor azul clara brilhante, pendendo da estrutura do telhado, próximo a uma lâmpada; uma estrela com lâmpada dentro na parte superior central. Ao fundo, uma cerca de madeira retirada da própria floresta secundária que

¹⁰² Obtidos junto à companhia de eletricidade, que utiliza os de concreto atualmente. Acariquara é uma “árvore de até 13 m (*Minquartia guianensis*) da fam. das olacáceas, nativa das Guianas e Brasil (AP, AM, PA), explorada pela madeira de grande durabilidade, us. em obras externas, pisos etc.” (HOUAISS, 2001, [s.p]).

predomina no terreno do PNMD, delimitando a vizinhança com o terreno do núcleo de origem: o Núcleo Princesa Sama.

Pode-se perceber nas Fotos 7, 8, 10, 11 e 12¹⁰³, o tipo de construção aberta, com utilização de estrutura de madeira, que é uma característica das construções iniciais nos núcleos da UDV, realizada também no templo do Pré-Núcleo Menino Deus. O núcleo Caupuri, o primeiro de Manaus, possui um templo de alvenaria, que é fechado (e com ventiladores e condicionadores de ar), devido ao crescimento da urbanização ao redor do mesmo, pois o som de entidades vizinhas já dificultava a concentração nas sessões. Mas, nos demais núcleos da segunda região, os templos são abertos ou semiabertos. Assim, os espaços abertos são uma tônica nos mesmos: por um lado, porque os núcleos se situam em terrenos tipo sítios ou chácaras (pela **necessidade** de se cultivar o mariri e a chacrona); por outro, porque são expressão da própria concepção da instituição a respeito da **Natureza**¹⁰⁴; além disso, construções abertas são menos dispendiosas e existe no Brasil a predominância do clima quente. Observei templos fechados em regiões mais frias, contudo, estes possuem janelas e portas amplas que, na medida do possível (no verão, por exemplo), ficam abertas.

“Note-se que, os **estilos de construção aberta convidam à flexibilidade e participação**, enquanto que os espaços fechados tendem a reduzir esta intervenção” (MEDINA RIVILLA, 1989, p. 242-243 apud FERNANDES, 2005b, p. 28, grifos meus). Este aspecto que faz parte dos **artefatos**, mencionados por Ratner (e que têm efeitos na cultura e nos fenômenos psicológicos), é parte essencial do CEBUDV, já que há para se ver, nesses espaços abertos, a **vegetação** em constante transformação (principalmente em crescimento, e, mesmo as árvores caídas podem ser metaforizadas como “servir para alguma função diferente”; antes, forneciam sombra, flores e frutos e, quando caem, podem servir como madeira para construção, móveis, lenha ou como adubo às demais plantas), o **céu** com o **sol**, **nuvens**, **lua** e **estrelas** e outros espaços onde podem ser realizadas mais construções (berçário, copa e cozinha, espaços de lazer e convivência e outras) a serem **utilizadas coletivamente**. Além disso, há que se destacar os contatos com a vegetação do terreno dos Núcleos, que se fazem durante as atividades de plantio ou, por exemplo, para ver o mariri que florou atrás da copa¹⁰⁵ (DC 07-03-2010).

¹⁰³ E em diversas outras ao longo desta tese.

¹⁰⁴ Já explicitada no primeiro capítulo e que aparece ao longo de toda esta tese.

¹⁰⁵ Palavra utilizada no sentido de “Compartimento da casa onde se lavam e se guardam as louças e talheres de uso diário, certos gêneros alimentícios, etc.” (FERREIRA, 2004, [s.p]).

Os espaços abertos permitem, assim, maior contato com a **Natureza**: sentir, observar e aprender com a Natureza. Sente-se pelos cinco sentidos mesmo. Talvez em menor grau o sentido gustativo, que fica praticamente restrito à sopa (ou lanche) antes da sessão, ao beber o Vegetal (e o opcional consecutivo tira-gosto – em geral, alguma fruta da época ou um doce) e ao lanche após a sessão. Quanto aos sentidos da visão, audição, olfativo e tátil, esses sim ficam mais pronunciados com o contato com a decoração do ambiente e, principalmente, com a Natureza. Percebem-se as cores e ruídos da vegetação embalada pelo vento, dos pássaros (com seus cantos) e, às vezes, de pequenos animais, como macacos¹⁰⁶, o céu ensolarado com ou sem nuvens durante o dia e, à noite as estrelas e a lua, o cheiro e ruídos da chuva, o ruído de grilos e batráquios à noite e das cigarras nos dias de verão, o cheiro da vegetação e das flores. Nesse sentido, o DC 01-08-2010 narra que se iniciou mais uma sessão “Ao som de grilos (e de batráquios, mais distantes, pois é verão no Amazonas) e sentindo o perfume das flores brancas dos jasmims plantados perto da Foto do Mestre Gabriel (...)”.

Um discípulo narra, segundo o DC 06-02-2011:

Quando eu cheguei na União do Vegetal, eu perguntei prum [sic] mestre porque não tinha cruz ou Foto de Jesus e ele me respondeu que Jesus as pessoas já conhecem. E a Foto do Mestre Gabriel é porque as pessoas ainda não conhecem ele... é pras pessoas conhecerem ele.



Foto 12

¹⁰⁶ Observamos em algumas sessões na região amazônica.

Na Foto 12, a Foto do Mestre Gabriel que adorna os templos da UDV, aqui pendurada junto à estrutura do telhado e acima do arco da mesa é melhor visualizada. Pendendo da estrutura de madeira do telhado, pássaros e estrelinhas coloridas - artesanato em origami feito por frequentadores.

A Foto do recriador da UDV (na Foto 12), feita em um aniversário (pois há um bolo branco sobre a mesa), representa a presença e direção do Mestre Gabriel: é o guia espiritual dos sócios. Não me estenderei a respeito dele aqui, pois, como já mencionei, há referências a ele em toda esta tese e, principalmente, no próximo capítulo no item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**”.

Há que se observar que, após quase todas as sessões de escala ou festivas, há um **bolo** de aniversário (ou mais de um), pois, além dos aniversários de sessões festivas (como aniversário da UDV ou do Mestre Gabriel), os aniversariantes da quinzena costumam levar para festejar com a irmandade. Isso revela um caráter festivo, de alegria e de confraternização dos núcleos da UDV. Ressalte-se, ainda, nessa prática a importância da concepção trazida pelo Mestre Gabriel: “o aniversário é o dia mais importante pra pessoa, pois é o dia escolhido pelo Poder pra ela encarnar” (CIE 27-03-2010).



Foto 12a – 20-09-2009 (DMD – PNMD)

Na Foto 12a, os frequentadores cantando em homenagem a um aniversariante, na copa, mostrando de outro ângulo mais esse espaço aberto de convivência. Permitindo, assim, a convivência e confraternização das famílias na grande família religiosa que é a UDV.

Voltando a descrever a Foto 10, visualiza-se bem a mesa com o arco, ladeada por seis cadeiras, com copos em bandejas sobre um caminho de mesa de cor branca (no centro) e um carrinho com mais copos. O chão de cimento, pintado de verde, como é comum nos núcleos em Manaus.

A **mesa** significa o sagrado mais material, mas que também é espiritual: é na mesa que se recebe os alimentos, que também são sagrados, já que necessários para a sobrevivência do corpo humano, que “é o templo do espírito” (DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio). A importância da mesa no cristianismo é representada nos quadros a respeito da “Santa Ceia” de Jesus com os doze apóstolos. De modo prático na UDV, é sobre a mesa que se coloca o “filtro”, copos e jarras com água. Contudo eles possuem um significado espiritual também.



Foto 13 - de 17-01-2009 (DMD - PNMD)

O **arco** dá um caráter misterioso à sessão. Sabe-se da importância do arco-íris na cultura judaico-cristã: significa a aliança de Deus com a humanidade. Assim, o arco da mesa significa que quem estiver, como se fala na UDV, “debaixo do arco” (essa é a expressão usada, mas como o arco fica sobre a mesa, o MD fica na cadeira, ou de pé, um pouco atrás do arco; isto é, dirigindo a sessão), estará podendo receber (se merecer) os “ensinos do Alto” para poder transmitir na sessão. Portanto, o arco tem um sentido de sagrado mais espiritual.

À direita do Mestre Dirigente está o “filtro” com o Vegetal (foto 13). O simbolismo desta posição é, como já mencionei há pouco, que “o lado direito é o da **razão**” e “o lado esquerdo é o do **coração**, do **sentimento**”. É por essa concepção, ainda, que as pessoas, quando bebem o Vegetal recebem-no com a mão direita, pois o fazem “**de forma consciente**”. É por isso, ainda, que nas sessões o Mestre Assistente senta (à mesa) ao lado direito do Mestre Dirigente, bem como o Mestre Representante (na cadeira de macarrão também à direita do MD).

“**Filtro**” (foto 13) é como é chamado, em geral, o recipiente onde é colocado o Vegetal a ser distribuído nas sessões, mesmo que nele não haja materialmente um artefato filtrante. Contudo, esta palavra possui uma importância na linguagem da UDV, pois se diz que “o coração é um filtro”. De toda a maneira é clara a metáfora do filtro: este é usado para filtrar ou, de certa forma, “purificar” algo.



Foto 14 (Fonte: www.udv.org.br)

De modo semelhante, utiliza-se a palavra “peneira”. Em construção civil, utiliza-se a peneira para retirar pedras ou impurezas da areia que fará parte da argamassa. Neste caso, proveniente também da origem cabocla da instituição, pois o caboclo constrói sua própria habitação; muitas vezes com o auxílio dos parentes, amigos e vizinhos; ora de taipa, como da Foto histórica do Mestre Gabriel com os braços abertos, que no site da UDV aparece sob o título “Origem da União do Vegetal” (aqui, Foto 14); ora de madeira e, quando possível, de alvenaria. Quero lembrar, ainda, que o mestre Gabriel foi dono de uma olaria.

Como já mencionei, o lugar preferencial das sessões é nos templos dos Núcleos da UDV. Pois, os Núcleos (e Pré-Núcleos) são considerados “Pontos de Luz” (DC 08-12-2010 e CEBUDV – DG, 2011, [s.p]), sendo que alguns de seus nomes têm uma referência clara à **Luz**: Luz Divina, Luz do Norte, Luz de Maria, Luz do Oriente, Rainha da Luz, Luz Abençoada, Sereno de Luz, Luz Dourada, Lumiar (Ibidem, [s.p]). Em relação à “Estrela” existem os nomes: Estrela Divina, Estrela Guia, Estrela do Oriente, Estrela Oriental, Estrela do Norte, Estrela Matutina, Lupunamanta, Estrela Dalva, Estrela Bonita, Estrela Encantadora, Cruzeiro do Sul, Estrela Brilhante, Estrela da Manhã (Ibidem, [s.p]).



Foto 15, em frente ao templo do Pré-Núcleo Menino Deus, em Manaus

Na Foto 15 há o conjunto de três arcos contendo as imagens representando uma Estrela, o Sol, com a Lua Crescente. Mais uma vez aqui, percebo o simbolismo da posição: o **Sol** como o Deus Pai (no centro e em nível superior ao das duas outras imagens), pois tem luz própria; uma **Estrela** (à direita do Sol), representando o filho (masculino, pois está à direita, e como já explicitiei, tem o sentido da **razão**), refletindo a luz do Sol; e a **Lua Crescente** (à esquerda do Sol), representando a mãe (feminino, pois está à esquerda, e como já explicitiei, tem o sentido do **coração**, o **sentimento**), também refletindo a luz do Sol. A palavra **Crescente**, como já explicitiei no item “3.1.2.2 O uso do uniforme”, pode ter o sentido de crescimento, transformação, evolução espiritual. Assim, um sentido que se pode perceber nas representações do Sol, da Lua e de uma Estrela é o de uma família, já que, em diversas culturas e etnias o Sol representa o Pai, a Lua representa a mãe; e a Estrela pode representar o filho ou filha (ou um irmão ou uma irmã). Mas, lembrando que o Sol também é uma Estrela, sem levar em conta a posição dessa Estrela, ela também pode representar Deus, assim como, na tradição cristã, a Estrela do Oriente representa Jesus, o Filho de Deus; pode, ainda, representar um mensageiro de Deus, o Mestre Gabriel, guia espiritual da UDV.

Sobre o gramado em frente ao templo, do lado esquerdo do mesmo, construiu-se um presépio, também da tradição cristã, que anuncia a proximidade do Natal, em que são utilizadas estatuetas representando Jesus (o Menino Deus), Maria, José, os três Reis Magos e três anjinhos; expressam uma arte simples, com recursos pouco dispendiosos e das imediações: bambu, madeira, palha, arame, velas em garrafas pet com areia e vasinhos com plantas ornamentais.

Apresento outros ângulos e elementos do templo ao longo deste capítulo, bem como os demais espaços e construções do PNMD.

3.1.3 O ritual das sessões

As sessões são organizadas de forma a permitir perguntas dos participantes ao Mestre Dirigente da sessão que, por sua vez, busca responder às mesmas. Nas sessões de escala há um rodízio no QM. Mas o MR (ou o MA), geralmente em acordo com o QM, designa quem

dirige a sessão, de acordo com a oportunidade ou necessidade: alguém de outro Núcleo, um discípulo do CDC ou do CI, “pertencentes ao próprio Núcleo”.

Descrevo a seguir uma **típica sessão de escala**. Quando há necessidade faço diferenciação dos outros tipos de sessão. Mas, antes da sessão, existem diversas atividades de preparação do ambiente. O templo está limpo e organizado para a sessão pelas auxiliares da **Organ**¹⁰⁷ (geralmente uma conselheira, responsável pela **organização** – daí a origem desse nome – e decoração do ambiente). Há pessoas que marcam seus lugares logo que o templo estiver aberto (ou liberado, no caso do PNMD, que já é aberto) pela Organ. Inicialmente, suas atividades se restringiam a coordenar a limpeza e organização do templo; com os anos, passou a ser também responsável por organizar a limpeza da copa e dos sanitários e a preparação de alimentação e, para todas essas atividades, convida alguns sócios para serem seus auxiliares (mais do sexo feminino; do sexo masculino sempre é a tarefa de limpeza e manutenção do banheiro masculino). O terreno do PN, como em muitos na UDV, fica em lugar onde não há serviço de coleta de lixo; assim, para não queimá-lo (porque poluiria), alguém se encarrega de “levar o lixo” a um depósito da estrada. Destaco que não fazem parte desse “lixo” os resíduos orgânicos, que são colocados em uma composteira para se transformar em adubo orgânico, utilizado no plantio do mariri e da chacrona, bem como de plantas frutíferas, medicinais e ornamentais.

Nas sessões de escala (e, por vezes, em sessões extras) é preparada uma sopa (geralmente de frango ou de vegetais), que é servida por volta das 18h às 19h30. Essa refeição é feita porque existem outras atividades que são realizadas na parte da tarde, proporcionando, assim, tranquilidade às pessoas que, desta forma, não necessitam providenciar alimentação de forma individual entre as atividades da tarde e a sessão. A sopa no Pré-Núcleo Menino Deus é gratuita; em outros lugares também é da mesma forma, mas há outros ainda em que existe uma cantina¹⁰⁸ que vende lanches e sopa; de qualquer modo a sopa é uma tradição antes de sessões de escala na UDV, pelo menos na 2ª região. Quando é gratuita, há pessoas que contribuem com seus ingredientes ou doam alguma quantia em dinheiro para que a Organ possa providenciar sua realização. Daí surgiram, em tom de brincadeira, apelidos ao

¹⁰⁷ Ou Orgã; a pronúncia na 2ª região é “Ógã”, com a sílaba mais forte “gã”.

¹⁰⁸ Há Núcleos onde existe uma “Cantina” que vende lanches como forma de arrecadação para auxiliar na manutenção e obras dos mesmos.

companheiro da mesma: Ogun¹⁰⁹ ou Ogão. Isso porque o mesmo acompanha a Organ em suas compras em feiras, mercados e outros e auxilia nas compras e no transporte (como motorista e carregador) das mesmas até o Núcleo ou Pré- Núcleo. A Organ é uma importante autoridade no CEBUDV e está subordinada ao MA, contudo, está em contato constante com o Presidente, já que este é responsável pela estrutura material dos Núcleos ou Pré-Núcleos. Há períodos em que o Presidente é também MA, pois este cargo é exercido em um rodízio bimestral, juntamente com o de Organ e o de **auxiliar** do MA. O rodízio dos cargos de Organ e de MA está previamente acordado; quando o MA recebe a designação do cargo (que é anunciada em sessão) anuncia quem será seu auxiliar.

O **Mestre Assistente** (ou Mestre que está “na Assistência”) tem como atividades as de assistir ao Mestre Representante no quinto sentido do Houaiss, “prestar auxílio ou assistência a; ajudar, socorrer” (HOUAISS, 2001) e de substituí-lo em caso de ausência por motivo de viagem ou qualquer outro. Portanto, assina os **boletins** juntamente com o MR e providencia a organização das sessões em contato com a Organ e escolhe o **auxiliar** (geralmente discípulo do CI e que é escolhido por demonstração de certa prática responsável). Os boletins são documentos que são enviados às demais Unidades e lidos pela(o) Secretária(o), geralmente próximo do fechamento da sessão. O **auxiliar do MA** providencia o armazenamento, conservação e abastecimento do Vegetal, copos e água da mesa nas sessões. Antes desta, coloca o chá para gelar (caso não esteja refrigerado) e o côa para dele retirar os sedimentos que se formam (chamado em Manaus de “borra”). Coloca o Vegetal e copos na mesa e enche os copos do MD e do MR com água gelada, em torno de 30 minutos antes da sessão.

O Mestre Dirigente (MD), que foi escalado pelo MR ou pelo MA com dias de antecedência ou até pouco antes do início da sessão (por volta de 19h30), senta na cadeira “debaixo do arco”. Por volta de 15 minutos antes das 20h o MA pede silêncio e que as pessoas sentem-se em seus lugares e assenta os que ainda não têm lugar (às vezes ele muda de lugar algumas pessoas, sempre com um objetivo): “Peço aos irmãos¹¹⁰ que procurem ficar em silêncio e se concentrarem pra receber o Vegetal”.

Em geral, os lugares das cadeiras à mesa ou da primeira fileira são destinados ao QM, CDC e visitantes. Por volta de 5 minutos antes das 20h a oradora oficial (na maioria das

¹⁰⁹ Este é uma referência, em tom de brincadeira, ao nome do Orixá do Candomblé (devido à vivência do Mestre Gabriel enquanto dono de terreiro até recriar a UDV), mas que não tem nada a ver, neste caso, com as concepções da UDV.

¹¹⁰ Os sócios da UDV se tratam com os termos “irmão(s), irmã(s)” e é como utilizo neste trabalho; quando houver necessidade de diferenciação, utilizo o termo “irmão de sangue” ou “biológico”.

vezes, nos núcleos da 2ª região, tem sido uma mulher – geralmente conselheira – mas pode ser um orador oficial) anuncia e dá boas vindas aos visitantes e sócios que estavam viajando, e deseja a todos os presentes uma boa sessão “plena de Luz, Paz e Amor”. Às 20h, o Mestre Dirigente (MD) se levanta e pede a todos que fiquem de pé e começa a distribuição do Vegetal: primeiro para si, em seguida ao MR, ao M Assistente (que senta ao seu lado direito) e aos outros mestres, ao CDC, ao CI¹¹¹ e “aos que ainda não receberam o Vegetal”. Tudo daí em diante é pela “ordem de circulação no salão¹¹²: da direita pra esquerda, que é o sentido da força¹¹³!” (Essa ordem de circulação é até às 23h30).

- Todos receberam o Vegetal? Pergunta o MD. Se nenhuma pessoa se manifestar, ele continua:
- Vamos beber primeiro os discípulos da Sessão Instrutiva¹¹⁴. Repitam comigo: “Deus nos guie no caminho da Luz, para sempre e sempre, amém Jesus”.

Os discípulos do QM, do CDC e do CI bebem o chá. Em seguida, o MD continua, desta vez, segurando um copo com água: “Continuando o pedido: Deus nos guie no caminho da Luz, para sempre e sempre, amém Jesus”.

A maioria volta a se sentar e algumas pessoas recolhem os copos. Ouvem-se pessoas chamar:

- Mestre!
- Pronto! (ou “Sim!”) responde o M Dirigente.
- O senhor dá licença de ir lá fora? (Alguns vão ao sanitário, outros ao berçário ver como estão seus filhos; em seguida voltam a sentar na cadeira onde beberam o Vegetal).
- Sim, senhor (a). (Durante as sessões tratam-se até crianças por “senhor” e “senhora”; há pessoas que estendem esse tratamento para outros momentos que não as sessões. Isso se origina no modo como o Mestre Gabriel tratava as pessoas, no sentido de valorizá-las no sentido espiritual).

¹¹¹ Há núcleos em que, depois da distribuição ao MD, MR e MA, distribui-se o Vegetal aos que estão na mesa e outros em que se distribui aos que estão à mesa de acordo com os graus hierárquicos (primeiro aos do QM que estão à mesa e em seguida aos que não estão, então aos do CDC à mesa seguindo-se os que não estão e assim por diante).

¹¹² “Salão do Vegetal” ou simplesmente “salão” é como se denomina o templo ou lugar onde se realizam as sessões.

¹¹³ Explicito minha interpretação a respeito do “sentido da força” no item a respeito do departamento do plantio, neste capítulo.

¹¹⁴ Nas sessões festivas ou extras, em geral, o MD diz: “Hoje vamos beber o Vegetal todos juntos”.

E, após uns poucos minutos, inicia-se a leitura dos documentos (estatutos, boletins etc.) por um dos membros da mesa, que diz uma frase aproximadamente assim: “Peço a atenção dos irmãos para a leitura dos documentos desta Sagrada Ordem¹¹⁵”. Em sessões de adventícios não são lidos todos os documentos; em outras sessões extras, nas de casal, instrutivas e da direção é feita a colocação de músicas ao invés dessa leitura.

Após a leitura é feita a “explanção”, pela pessoa sentada à mesa na cadeira à esquerda do MD. Essa mesma pessoa abastece de água o copo do MD, sempre que este bebe (isso até às 23h).

Após a explanção, aproximadamente 30 minutos depois de comungar o Vegetal, o MD faz as “chamadas de abertura”: Sombreira, Estrondou na Barra e Minguarana. Faz a ligação da burracheira:

- Mestre Assistente¹¹⁶, como vamos?
- Bem. (Alguns respondem “bem, mestre”, outros “bem, **graças a Deus**”, isto é, **com gratidão** a Deus por estar bem, mas que se pode compreender também com o sentido de “bem, graças, **há Deus**”, ou seja, de que se sente gratidão por estar bem e por Deus existir, pois o som das palavras é o mesmo).
- Tem burracheira?
- Tenho.
- Luz?
- Tenho.

Continua perguntando “Mestre Fulano” ou “Conselheiro(a) Fulano(a)” ou “o senhor, irmã(o) Fulano(a)”, conforme o caso (na 2ª Região, costuma-se tratar por “Conselheiro(a)” e “Mestre” durante o ritual das sessões; fora delas, pelo nome próprio precedido de “seu” ou “dona” ou “doutor”, se for o caso). Após a ligação da burracheira das pessoas ao redor da mesa e dos mestres e conselheiros, continua fazendo as chamadas de abertura: Caiano e a Chamada da União. Dependendo do critério do MR, ele ou o MA é que fazem esta chamada. Pode ser feita, ainda, por outra autoridade maior, se estiver presente na sessão e em comum acordo. Há vezes em que uma música é colocada após a chamada da União; outras vezes não. Após uns minutos de silêncio, o MD, por vezes faz uma chamada (por vezes não) e declara aberta a sessão. As palavras não são padronizadas, mas são aproximadamente as seguintes:

¹¹⁵ Menciono a respeito da “ordem do amor” no item “3.2.5 Desmembramentos” deste capítulo e explico a concepção da UDV a respeito da ordem no quarto capítulo no item “**4.3 A concentração e a união**”.

Meus (caros, caríssimos ou prezados) irmãos (ou amigos), estamos mais uma vez aqui reunidos, no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, Núcleo (ou Pré-Núcleo) tal, para mais uma sessão. Esta é mais uma oportunidade pra conhecermos mais alguma coisa da vida espiritual. Porque estamos aqui encarnados pra evoluir espiritualmente. A sessão está aberta e quem (ou quem dos senhores) quiser fazer uma pergunta, ou uma chamada, ou dirigir (ou falar) umas palavras, é só pedir licença.

Alguns dirigentes falam mais palavras: a respeito do chá Hoasca ou de Salomão ou do Mestre Gabriel ou de Jesus ou de outros assuntos espirituais. Por vezes o MD faz uma (ou mais de uma) chamada. Perguntas ou chamadas são feitas por outras pessoas, sempre depois de chamar “Mestre” e ser atendido por este. Nas sessões de escala anual são contados acontecimentos da vida do Mestre Gabriel. Em outras sessões, de acordo com as perguntas (e o critério do MR), também podem ser contadas histórias.

O Quadro de Mestres (QM) e o Corpo do Conselho (CDC) podem auxiliar o MD, explicando aspectos não explicados ou reforçando os já explicados ou, ainda, fazendo chamadas que possam contribuir para maior esclarecimento; se o MD cometer algum equívoco, o Mestre Representante (MR) principalmente, mas também o Mestre Assistente (MA) e todo o QM podem retificar o engano. Ainda o MR tem a atribuição de escolher as músicas com o objetivo de trazer mais esclarecimentos, ensinamentos e direcionar (ou redirecionar) a sessão; o MR determina ao “di djei” (DJ) ou “responsável pelo som” as músicas ou gravações a serem colocadas para ser ouvidas; por vezes, algumas pessoas, principalmente da direção, aproximam-se discretamente do MR (em geral estão sentados próximo dele) e sugerem alguma música, que acolhe segundo seu critério (de acordo com o assunto falado).

Após as 23h a Oradora Oficial, se não falou antes da sessão, dá as boas vindas às pessoas e, se for início do mês, anuncia os aniversariantes do mesmo, com votos de felicidades, saúde, prosperidade e de Luz, Paz e Amor.

Às 23h30 o MD “despede o Caiano” e desliga a burracheira, no sentido horário, pois está “despedindo a Força”, iniciando pela pessoa sentada à mesa à sua esquerda:

- O Senhor (a Senhora ou Mestre ou conselheiro(a)) fulano(a), como foi a burracheira?
- Foi boa.

¹¹⁶ É o primeiro a ser perguntado por estar sentado imediatamente ao lado direito do Mestre Dirigente.

Continua despedindo a burracheira dos que ligou no início da sessão até o primeiro (o MA). Em seguida, a pessoa que fez a explanação fala:

Meus irmãos, na União do Vegetal existe a “lei do dízimo”, que é uma quantia não estipulada pra’queles que vomitaram no salão pra limpeza no dia posterior à sessão [sic]. (Há lugares onde é colocada a “Caixa da Boa Vontade” (uma espécie de urna) e algumas pessoas depositam nela alguns trocados; contudo, na 2ª região, o costume é dar alguma contribuição na tesouraria após a sessão; em minha vivência, quando fui tesoureiro, poucos contribuía e com poucos trocados. A origem da “lei do dízimo” se deve a que a Mestre Pequenina é que tinha que realizar a limpeza com seus filhos após as sessões que eram, no início, realizadas na casa do Mestre Gabriel. Destaco que não tem nada a ver com o “dízimo”¹¹⁷ conhecido em outras igrejas; na UDV por vezes é explicado que essa quantia que a pessoa **deve pagar é o quanto cobraria** para fazer o serviço, incluindo o material de limpeza.

E o MD: “Os senhores estão liberados até às 23 horas e cinquenta e cinco minutos”.

O MD designa alguém, em geral do CI, para sentar no seu lugar e “bater a sineta”, chamando as pessoas de volta aos seus lugares. A Organ e seus auxiliares (na maioria do sexo feminino) vão à copa organizar o lanche que será servido após a sessão. As pessoas conversam durante esse intervalo.

Ao ouvirem a sineta tocar, as pessoas voltam aos seus lugares. A Secretária do Núcleo é chamada para ler “documentos” (por exemplo, mensagem natalina do Mestre Geral Representante) ou “boletins de afastamentos e de convocações” (em relação aos graus hierárquicos – QS, CI, CDC, QM e outros) ou “cartas-convite” (de sessões de aniversário¹¹⁸ ou de promoções). Próximo da meia noite, o MD faz a chamada do “Ponto da Meia-Noite” e, em seguida, a Secretária continua sua leitura se não tiver concluído antes e são dados avisos e o Presidente fala dos assuntos administrativos. (Quando comecei a frequentar em 1995, os assuntos administrativos eram tratados nas sessões; com o passar do tempo, foram ficando cada vez mais restritos e direcionados para serem tratados nas reuniões de diretoria, para que as sessões tratassem **dos assuntos espirituais**).

¹¹⁷ É, portanto, um sentido novo, distinto dos do dicionário: “substantivo masculino **1** Rubrica: administração eclesiástica, história. tributo que os fiéis pagavam à Igreja como obrigação religiosa. **2** Rubrica: pesca. Regionalismo: Minho. taxa cobrada sobre o pescado em benefício das municipalidades (...) adjetivo **3** referente à décima parte de um todo” (HOUAISS, 2001).

Por volta de 00h10 (que deve ser fechada até, no máximo às 00h15) o MD fecha a sessão. Suas palavras, após as chamadas de fechamento, podem ser “Adeus” (pelo contexto da chamada de fechamento) ou “Há Deus” (o som é o mesmo) ou “Sob o símbolo da Luz, da Paz e do Amor, a sessão está fechada” ou, ainda, “A sessão está fechada sob o símbolo da Luz, da Paz e do Amor”.

Após a sessão, um lanche é servido com ordem da Organ. No Pré-Núcleo Menino Deus as pessoas trazem doações para o lanche conforme uma lista organizada previamente. Muitos conversam, geralmente a respeito dos assuntos da sessão ou de coisas que vivenciaram na burracheira, outros pedem ou dão conselhos e orientações, outros tocam violão e cantam...



Foto 15a – 20-09-2009 (DMD – PNMD)

Na Foto 15a, algumas pessoas aguardam outras para cantar o “Parabéns a você” e lanchar em seguida. Percebe-se na mesa um bolo de aniversário, frutas (abacaxi, banana e melancia), pão, presunto, queijo, copinhos plásticos com farofa de sardinha, refrigerantes e açaí. São alguns dos alimentos trazidos pelos frequentadores para após a sessão.

¹¹⁸ Aniversários de Núcleos ou Pré-Núcleos ou de Mestres do CREMG. Anteriormente todos os Mestres tinham direito de realizar (e dirigir) uma sessão no dia de seu aniversário; com o crescimento da UDV, esse direito

3.1.3.1 Concentração mental e busca de Luz, Paz e Amor

Conforme já citei no primeiro capítulo, uma pesquisa com adultos apontou uma melhora da memória e da concentração (GROB et al., 1996); e uma realizada com adolescentes verificou uma diferença, entre outras, nos da UDV com os de um grupo de controle: verificou menos casos de déficit de atenção, isto é, maior capacidade de concentração (DA SILVEIRA et al., 2005). Juntamente com o poder integrador do chá estão, segundo minha interpretação, a cultura material da instituição e o ritual religioso.

Em relação à cultura material da instituição, percebo o seguinte. A decoração dos espaços é inspirada na própria Natureza que circunda os templos dos núcleos da UDV, com ramos de plantas e flores, muitas vezes retirados desses arredores, colocados principalmente junto às estruturas de sustentação do templo, que são simétricas. Os símbolos Sol, Lua e Estrela estão simetricamente posicionados entre si; semelhantemente, estão os arcos na frente dos templos; o mesmo se aplica aos três mastros onde se hasteiam as bandeiras. No salão onde se realizam as sessões, a foto do Mestre Gabriel está situada no centro, de frente para a entrada principal, pendendo acima da mesa com o arco; nas sessões de escala, a organização das cadeiras de macarrão forma um semicírculo (ou uma disposição em forma de arco) com a mesa e, as cadeiras (diferentes das de macarrão) ao redor da mesa estão também simetricamente posicionadas; enquanto que, nas sessões extras, onde a mesa não é colocada no centro¹¹⁹, há formação de formas concêntricas ou em forma de arco onde, no centro (e geralmente abaixo da Foto do Mestre Gabriel) está o dirigente da sessão ladeado por mestres ou conselheiros. Esses elementos de equilíbrio dispostos **concentricamente** reforçam este aspecto da **concentração**.

Em relação ao ritual religioso, compreendo que o exercício da concentração mental se faz nas sessões de escala com a leitura dos documentos, onde algumas vezes aparece a frase “prestar atenção” e no caráter iniciático da UDV, pois, para o discípulo mostrar maior “grau de memória”, precisa aprender a se concentrar cada vez mais. E, além da leitura dos documentos, há toda uma cultura que busca incentivar a concentração com outros elementos desse o próprio ritual: há as músicas (incluindo o hino da UDV que, quando tocado na sessão não se fica de pé, com o objetivo de maior concentração), as chamadas e as palavras faladas

passou a ser restrito aos do CREMG.

¹¹⁹ Geralmente fica em alguma lateral do salão, servindo, quando muito, só para colocar-se recipiente com o Vegetal e copos.

nas sessões (palavras que possuem mistérios¹²⁰) e o silêncio para que as pessoas possam se concentrar nos próprios pensamentos e sentimentos. O silêncio é um elemento do ritual da UDV: há um silêncio após se comungar o Vegetal, após as chamadas (há algumas chamadas que se recomenda mais tempo de silêncio “para que a força circule e as pessoas que merecerem possam receber a força e a luz da mesma”) e após as palavras de alguém que não esteja dirigindo a sessão (até que a pessoa volte ao seu lugar). Se alguém quebra o silêncio em uma sessão, o Mestre Assistente pode ir até ele e falar em voz branda pedindo “silêncio pra não tirar a concentração das pessoas”; o Mestre Dirigente pode falar explicitamente no momento da quebra do silêncio, mas, em geral, se fala mais para o final da sessão, sempre explicando a importância do silêncio em uma sessão. Procedimento esse que não reforça o comportamento indesejado (que poderia ser para a pessoa chamar atenção para si, mesmo que inconscientemente). As próprias palavras antes da distribuição do Vegetal já direcionam as pessoas para esse procedimento: “pedimos aos irmãos que procurem ficar em silêncio e se concentrarem pra receber o Vegetal”.

E esta concentração mental que se ensina nas sessões contribui para a tranquilidade, equilíbrio e paz (consigo próprio e, conseqüentemente, com os outros). O aprendizado do **equilíbrio**¹²¹, portanto, é produto também da concentração mental. Diversas narrativas escutei neste sentido: “eu estava numa peia segura e nem me mexia”. Ou seja, a pessoa estava recebendo uma correção que vinha ou através dos ensinamentos do chá (ou do Mestre) ou de palavras faladas na sessão, mas estava calada e imóvel (equilibrada), equilibrando mais a si própria (equilíbrio – e desenvolvimento – moral e espiritual) através dos ensinamentos que estava recebendo¹²².

As palavras da Oradora Oficial antes do início da sessão “uma boa sessão, plena de Luz, Paz e Amor”, as palavras dos documentos lidos, as de quem faz a explanação já dão um direcionamento nesse sentido à sessão. Esse “Símbolo da União” (“Luz, Paz e Amor”) são palavras repetidas algumas vezes durante o ritual; elas aparecem nos documentos e cada vez que alguém fala, repete o bordão: “Que a sessão continue com (ou plena de) Luz, Paz e Amor”. A maneira tranquila com que as pessoas dirigem palavras contribui para expressá-las

¹²⁰ Conceção explicitada no próximo capítulo, no item “4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras”.

¹²¹ Valor que explicito no quarto capítulo no item “4.12.5 Do desequilíbrio ao equilíbrio”.

¹²² Isto me parece ser, em essência, a mesma metáfora da experiência de “apertar o parafuso”, descrita por Bia Labate em “Trópico”. Ela narra: “Eu sinto que é como se fosse a chave de um parafuso: cada vez que tomo [a

com sentimento, não por repetição à moda de ritual obsessivo, mas **verdadeiramente querendo (com concentração e com sentimento) transmitir Luz, Paz e Amor** às pessoas.

Observo, ainda que, na UDV, só se repetem em coro as palavras iniciais antes de beber o chá, excetuando-se algumas ocasiões em que se reza o Pai-Nosso e, mais raramente, uma Ave-Maria. Assim, as repetições (e que não são em coro) que eventualmente se dão, são por força da necessidade que as pessoas sentem. Além disso, as próprias respostas do MD não devem ser repetidas. “Quem pegou, pegou!”: é uma frase que se ouve frequentemente nas sessões, quando alguém pergunta algo que já foi respondido na sessão. Esta é mais uma prática que valoriza a atenção e a concentração no que está sendo falado. É mais um reforço no sentido de se “exercitar a memória”.

As palavras do MD pronunciadas antes de beber o chá “Deus nos guie no caminho da Luz, para sempre e sempre, amém Jesus”, em minha interpretação, dão uma ordem (simbólica) que direciona o objetivo da sessão: ser guiado sempre por Deus (que é O Pai), de acordo com Jesus (que é O Filho); mais precisamente, já está aí presente a concepção de que Jesus é o próprio Deus¹²³. Quanto à frase dita, percebi algumas variações. Há pessoas que falam “Que Deus nos guie...”, outros falam “Deus que nos guie...”, outros ainda dizem “agora e sempre” no lugar de “para sempre e sempre”. Quanto à forma de repetição das palavras, há alguns (poucos) lugares em que o MD fala “Deus nos guie” (ou suas variações) e as pessoas ficam em silêncio enquanto ele fala e repetem suas palavras em seguida e ele continua “no caminho da Luz” e assim por diante; na maioria dos lugares que observei as pessoas falam em conjunto com o mesmo. Estas variações, em minha interpretação, confirmam o caráter não dogmático¹²⁴ da instituição que, atribui importância à busca de cada um, que é individual, mas não individualista: é o respeito ao processo de transformação de cada pessoa em uma busca feita de modo coletivo. A frase “no caminho da Luz” pode ser também interpretada como “no caminho (que) dá a Luz”, quer dizer: o caminho de Deus é o caminho que dá a Luz, dá a Si mesmo, já que Deus é a Luz. A palavra “amém” também pode ser compreendida com o

ayahuasca], dá mais uma volta, mais uma ajustada para eu “entrar no eixo”, tornar-me mais forte, saudável” (GOLDSTEIN, 2009, [s.p]).

¹²³ Concepção explicitada no próximo capítulo, no item “4.8 A luz, o tempo, a reencarnação”.

¹²⁴ Concepção explicitada no próximo capítulo, no item “4.3 A concentração e a união”. O **dogma**, neste caso, tem os sentidos “1 teol. ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível, cuja verdade se espera **que as pessoas aceitem sem questionar** <d. da santíssima trindade> 2 p.ext. qualquer doutrina (filosófica, política etc.) de **caráter indiscutível** em função de supostamente ser uma verdade aceita por todos (...) 4 p.ext. opinião sustentada em **fundamentos irracionais** e propagada por métodos que tb. o são <rebelar-se contra os d. do pai significava surra na certa> 5 teol nas religiões, esp. entre cristãos, doutrina a

sentido de “amem”, do verbo “**amar**”, principalmente aqui no norte, onde “amém” e “amem” têm uma diferença só na intensidade sonora (na primeira é no “é” e na segunda é no “a”); essa interpretação é confirmada pela maneira como ouvi algumas pessoas pronunciando a palavra como, também, pela própria ordem das palavras: o “amém” (ou “amem”), na frase, **não aparece após** o nome “Jesus” (poderia aparecer “Jesus, amém”), mas sim vem **antes** da palavra Jesus.

Ainda quero apontar que a palavra “Deus” pode aparecer como a primeira e derradeira palavra ou há casos em que a derradeira palavra é “Amor”. De toda maneira, na **frase inicial** do ritual aparecem as palavras “Deus”, “guie”, “Luz” e “Jesus” e, no **fechamento** do mesmo, “adeus” (que contém a palavra “Deus”) ou “Há Deus” ou “sob o símbolo da Luz, da Paz e do Amor”. A única sessão que participei onde ouvi algo diferente foi a da abertura do Núcleo Amor Vivíssimo, em que o dirigente disse: “Com os poderes de Deus e da Virgem Maria e do Amor Vivíssimo, a sessão está fechada” (DC 12-12-2010).

3.1.4 A arte da música na UDV

Este é um subitem de “**As sessões do Vegetal**”, devido à importância da música no ritual religioso, contudo, esta arte (assim como os demais tipos de arte) se desenvolve em diversas outras atividades da instituição. Nas sessões, podem-se ouvir músicas instrumentais desde eruditas, passando por Santana e até Pink Floyd, ou “Peace Train” de Cat Stevens (hoje seguidor do Islã). Mas, no início da UDV, de acordo com Rachel Gadelha (2010, contracapa in *Lodi, Edson. Relicário: imagens do sertão — Pedra Nova: 2010*), recorre-se ao “uso da autêntica Música Popular Brasileira (MPB) inserido em um contexto religioso no qual diversos intérpretes — como Marinês, Trio Nordestino, Jacinto Silva e Jackson do Pandeiro — foram resgatados por Mestre Gabriel”. Encontram-se neste livro preciosidades históricas, mas que não cabem nesta tese; podem ser objeto de novos estudos. E podem-se ler as letra de algumas das músicas tocadas na União do Vegetal nos **ANEXO O – A MÚSICA DO LIMPO ASTRAL**, **ANEXO P – A música “Sem Parar” do Gabriel O Pensador (composição: Gabriel O Pensador/Itaal Shur)** e **ANEXO Q – Algumas músicas tocadas na UDV**.

que é atribuída uma **autoridade acima de qualquer opinião ou dúvida** particular que possa ter um crente” (HOUAISS, 2001, grifos meus).

As chamadas não podem ser examinadas fora do âmbito da UDV, mas cito uma referência que demonstra que elas são uma forma de expressão musical:

A propósito das chamadas, há um depoimento do músico inglês Sting, proferido após uma sessão do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Ele relatou que ao ouvir as chamadas de Mestre Gabriel percebia uma falha na métrica musical. Aquele detalhe lhe chamava a atenção.

— *Ficava observando aquele ponto e de repente me via dentro da luz. Foi então que compreendi que as chamadas da União do Vegetal são a ressonância da eternidade* (LODI, 2010, p. 100).

Inicialmente quero citar a entrevista que conta a origem da música no Salão do Vegetal; em seguida, descrevo a respeito de uma cantora importante na história da UDV, a Marinês; e, na sequência, descrevo outros elementos que encontrei em minha pesquisa.

3.1.4.1 A origem da música no ritual religioso da UDV

Fala-se “música”, pois, na grande maioria, trata-se de músicas ou de narrações acompanhadas de músicas, mas há também gravações sem música: as do Pequeno Príncipe, Fernão Capelo Gaivota e as músicas com a voz do próprio Mestre Gabriel.

De acordo com a Agenda 2011, “Em Porto Velho, Mestre Gabriel já tinha anunciado o uso da música (...): ‘Se eu tivesse dinheiro pra comprar um violino, comprava e doutrinava as pessoas no salão do Vegetal tocando o violino’. (depoimento do Mestre Cruzeiro)” (CEBUDV– DG, 2011, p. 8).

E, o Mestre Geraldo Florêncio de Carvalho (mais conhecido como Geraldo Carvalho), narra que seu irmão, que é conhecido como Cruzeiro ou como Florêncio, o levou para beber o Vegetal pela primeira vez e como surgiu a ideia da música na UDV:

Florêncio tava em Porto Velho e Mestre Gabriel falou pra ele, que só podia ir a Manaus se eu bebesse Vegetal. Ele nem me conhecia. Aí, bebi Vegetal pela 1ª vez, nós mais o Mestre Gabriel. (...) Quando eu fui a 1ª vez a Porto Velho a negócios, Mestre Florêncio me chamou pra beber Vegetal lá no Mestre Gabriel e eu fui. Depois que terminou a sessão, eu fui lá pro hotel e no hotel ficava até tarde da noite tocando um piano e saxofone né? Aí, me deitei, a burracheira voltou, aí, aquela música que eu tava escutando foi uma coisa maravilhosa. Eu me vi num país que eu nem conhecia, país no estrangeiro. Eu todo de cartola e uma bolsa toda, meio longa, larga, branca assim, nós dançando a valsa ‘vianesa’ (vienense). Uma maravilha que eu vi nesse dia, foi uma das maiores mirações que eu vi na minha vida. (...)

Aí, em Manaus com 2 ou 3 meses, chega o Florêncio lá, da União do Vegetal, foi beber comigo lá no sítio que eu tinha. Aí, eu disse: ‘Florêncio, eu tenho uma ideia boa, rapaz. Vamos ouvir um disco de passarinho. Vamos ouvir uma música aqui na burracheira (...) depois que terminou a sessão em Porto Velho, que eu saí, lá do Mestre Gabriel e eu fui pro hotel, eu ouvi uma música, a burracheira voltou, eu vi tanta coisa linda com a música, maravilha a burracheira com a música. Vamos ouvir?’ ‘-Bora’. Aí, trouxe o disco dos passarinhos, fomos ouvir na burracheira em Manaus e foi uma maravilha, lindo, lindo, lindo. (...)

na época comprei uma eletrola, na época era aquele vinil, e dei a ideia pra Mestre Florêncio pra mandar pra Mestre Gabriel pra ele aprovar ou não. Aí, Mestre Florêncio mandou pra Mestre Gabriel essa eletrola e um disco vinil e foi pra Porto Velho e o Mestre Gabriel aprovou a música na União do Vegetal. Aí, começou a música através da minha ideia que eu dei, por uma coisa maravilhosa que eu vi pela 1ª vez. (...)

Pra mim, a música na União do Vegetal é uma das coisas muito importante. Porque eu fui Mestre Representante 3 vezes, (...), a música muitas vezes tira a pessoa dum sacrifício. (MGC 12-12-2011).

Assim, a música tocada no salão do Vegetal tem um lugar destacado, tanto com o objetivo de doutrinar ou de trazer alívio e conforto às pessoas. Há casos em que traz alegria, conforme explicito no item “3.2.6 Bom humor”.

3.1.4.2 A cantora Marinês

No DC 24-05-2010, lê-se:

Na “Distribuição” deste preparo, contou-se a respeito de quando a cantora Marinês bebeu o Vegetal em Manaus. “Tirou os sapatos, ficou de pés descalços, ficou dançando e se aproximou das pessoas como que abençoando, com gestos das mãos, a algumas pessoas que estavam sentados ao redor da mesa e ficou louvando o Mestre Gabriel, olhando pra foto¹²⁵”. (...). “O Mestre Gabriel junto comigo¹²⁶ e o mestre Florêncio estávamos no centro de Manaus e passamos por uma loja de discos e o Mestre Gabriel voltou; voltou, entrou pelo corredor esquerdo dessa loja (tipo uma garagem), foi direto, sem olhar pra nada e tinha umas caixas e pegou uma delas e [buscou rapidamente e puxou¹²⁷ um disco] da Marinês e o mestre Florêncio pagou e fomos embora. Na hora não me dei conta, depois que fui perceber o que ele tinha feito”. Este disco, “Vivendo e aprendendo” da Marinês pode-se “ouvir do início ao fim”, que as músicas são muito boas e trazem mensagens. Algumas músicas desse disco foram colocadas na sessão. Uma delas foi Aboio.

¹²⁵ A Foto do Mestre Gabriel.

¹²⁶ Mestre Roberto Evangelista.

¹²⁷ O narrador fez um som tipo “tchec” ou “tchum” e fez o movimento, demonstrando o ato rápido de puxar o disco.

Encontrei na internet, a respeito do disco aludido, o seguinte: “Disco gravado e lançado pela cantora no ano de 1967...”. As faixas eram citadas, mas sem os compositores, que já aparecem em outro site: Marinês (1967), CBS, 37481. Faixas: 1 Eu chego lá (Abel Silva, João do Vale), 2 Aboio (Capinan, Gilberto Gil); 3 Vivendo e aprendendo (Anastácia, Italcia); 4 Triste despedida (Geraldo Nunes, João Silva); 5 Assim nasceu o xaxado (Onildo Almeida, Agripino Aroeira); 6 Súplica nordestina (Niquinho, Cassiano, Ayrão Reis); 7 Procissão (Gilberto Gil); 8 Vento de maio (Gilberto Gil, Torquato Neto); 9 Viramundo (Capinan, Gilberto Gil); 10 Mutirão (Sergio Ricardo); 11 Mãe sertaneja (Juvenal Lopes, Reinaldo Costa); 12 Caatingueira (Onildo Almeida, José Maria de Assis) (<http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/marines>).



Foto 16: Disco Marinês (1967). Fonte: <http://mulambada.blogspot.com/2007/05/marins.html>

De acordo com Lodi, esta cantora declara:

Gravei uma série de músicas que tem tudo a ver com a UDV e que não foram feitas com esta intenção, mesmo porque nem sabia da existência dela. Então, posso dizer que eu já estava na União do Vegetal antes mesmo de beber o Vegetal. Foi o grande encontro e não tem como se explicar isto, a espiritualidade não se desenvolve do dia para a noite. Ela vai se desenvolvendo (LODI, 2010, p. 116).

3.1.4.3 Manifestações musicais no PNMD

Diversas manifestações musicais são realizadas no CEBUDV. O DC 10-02-2010 diz a respeito de uma delas no PNMD, após a sessão de aniversário do recriador da instituição (e que também é aniversário do MR do PN):

Em seguida foram cantadas duas músicas em homenagem aos aniversariantes. A primeira é como se fosse o Mestre Gabriel. E a segunda, o Mestre Roberto Evangelista.

Luz de Candeeiro (Roque Ferreira)

Lá La La ...

No meio do Temporal
Ninguém é rei meu senhor
Ninguém é rei meu senhor
Ninguém é rei...
Ninguém é rei,mas eu sou

O amor se amarrou bem cedo
Na beira do meu destino
Debaixo desse arvoredado
Eu sonho desde menino
Bebo água na cascata
E banho na cachoeira
E lá vou
Lá vou eu
Vou ver mãe jogar
Pra ver se meu amor
É flor de se cheirar

Quem olha só por olhar
Pode ver, mas não conhece
O que é e o que parece

No meio do temporal... (2x)

Espero pra ver de noite
O amor que encontrei de dia,
Espero pra ver de noite
O amor que encontrei de dia.
De noite o luto se mostra
O que há de luz alumia.

O mar
É outro no temporal
No amor é igual
Quando o tempo ajuda
Quer se aninhar
Passarinho na muda
Quero ver cantar...

No meio do temporal... (2x)

Menino Encantado (Regina Rosa)

Um dia a natureza se fez criança
Se encantou pra nos encantar

No colo da mãe me olhando e sorrindo
 Trazendo esperança de um mundo mais lindo
 Trazendo alegria, a beleza e amor
 Menino menino

Crescendo brincando amando e sorrindo
 Trazendo a esperança de dias mais lindos
 Trazendo o encanto e a beleza do amor
 Menino menino

Sua doce presença me acalma e serena
 Seu doce acalanto abrandando o meu pranto
 Sua doce alegria ilumina o meu dia
 E faz brotar o amor no meu coração menino 2x
 Menino

Sorriso tão doce tão belo menino
 Mistério da vida esse encanto tão lindo
 Que faz crescer o amor no meu coração menino
 E faz crescer o amor no meu coração menino
 E vem crescendo o amor no meu coração menino
 Menino

Crescendo brincando amando e sorrindo
 Trazendo a esperança de dias mais lindos
 Trazendo o encanto e a beleza do amor
 Menino menino

Sua doce presença me acalma e serena
 Seu doce acalanto abrandando o meu pranto
 Sua doce alegria ilumina o meu dia
 E faz brotar o amor no meu coração menino 2x
 Menino

Sorriso tão doce tão belo menino
 Mistério da vida esse encanto tão lindo
 Quem faz crescer o amor no meu coração menino
 E faz crescer o amor no meu coração menino
 E vem crescendo o amor no meu coração menino

Menino menino menino

As músicas (bem como a poesia que aparece no item “3.1.5 Sessões de escala anual”) mostram, por um lado, a forte ligação (relação de confiança) dos discípulos com o Mestre Gabriel e o MR da UA. Por sentirem-se cativadas, as pessoas fazem poesias ou cantam canções e, através delas, reconhecem o valor dos líderes, os mestres, como modelos (“exemplos”) a serem seguidos.

Na primeira música (que foi dedicada ao Mestre Gabriel), pode-se perceber que ele é um forte esteio, “no meio do temporal, ninguém é rei, mas eu sou”, mostrando que nas situações difíceis os discípulos podem contar com ele para vencer as dificuldades porque ele é rei – ele possui o conhecimento: “Quem olha só por olhar pode ver, mas não conhece o que é e o que parece”. Ou seja, há uma diferença entre olhar, ver e conhecer; quem olha e vê precisa saber distinguir a aparência da realidade, necessita conhecer.

Na segunda música (dedicada ao MR), percebe-se a referência à natureza (“Um dia a natureza se fez criança”), ao encanto e aos mistérios (“Se encantou pra nos encantar”, “Mistério da vida esse encanto tão lindo”), à alegria (“Trazendo alegria”, “Sua doce alegria ilumina o meu dia”), à esperança (“Trazendo esperança de um mundo mais lindo”), à beleza (“Trazendo... a beleza...”, “esse encanto tão lindo”), ao amor (“Trazendo... amor”, “E faz brotar o amor no meu coração”), ao amor materno e filial (“No colo da mãe me olhando e sorrindo”, “Sua doce presença me acalma e serena Seu doce acalanto abrandando o meu pranto”, “Quem faz crescer o amor no meu coração menino E faz crescer o amor no meu coração menino E vem crescendo o amor no meu coração menino”).



Foto 17 – 31-10-2009 (DMD – PNMD)

As Fotos 17 e 18 retratam uma atividade musical no templo que, quando não há sessão, transforma-se em espaço de convivência. Percebem-se a participação de crianças e jovens e os estilos de roupas que os sócios vestem: geralmente de algodão, comuns à população brasileira, curtas devido ao calor da região, mas discretas (não sensuais). Percebem-se a estrutura de madeira do telhado, sustentada por postes de acariquara e lâmpadas “pl” para economizar energia elétrica.

Na Foto 17 percebem-se conversas espontâneas, sorrisos e a alegria; a Foto do Mestre Gabriel (de outro ângulo) presa à estrutura do telhado, com o arco abaixo e um pouco a frente dela; a mesa sobre a qual o arco se encontra e suas cadeiras não se percebem aqui, só as cadeiras de macarrão. Por trás do arco uma cerca de madeira, construída com madeira que foi cortada na própria limpeza do terreno.



Foto 18 — 31-10-2009 (DMD – PNMD)

Na Foto 18 percebe-se no telhado a ampliação que foi feita no templo, com a colocação de escoras nos postes de acariquara: a parte ampliada possui um desnível em

relação ao telhado mais antigo, permitindo ventilação e que a água da chuva caia do velho sobre o novo. Pendurado na estrutura do telhado está o relógio que fica em frente à Foto do Mestre Gabriel, permitindo uma visão do horário por parte do Mestre Dirigente da sessão, pois, como já explicitarei no item “3.1.3 O ritual das sessões”, na UDV o ritual religioso deve seguir de acordo com certos horários. Ao fundo, uma construção de alvenaria que será o banheiro (e sanitário) definitivo, mas que no momento serve como berçário, sala do Vegetal e banheiro (e sanitário); a parte situada mais ao fundo, telada e coberta com lona, é o redário telado; ao lado dele e mais ao fundo fica o estacionamento (atualmente também transformado em campinho de futebol). E, assim, **como os espaços se transformam e se ampliam, também com eles as pessoas se transformam e ampliam sua consciência e conhecimento...**

3.1.5 Sessões de escala anual

Lê-se no DC 23-07-2010:

Sessão (ao meio dia cantou-se o hino da UDV¹²⁸ e almoçou-se) de aniversário no dia anterior. Reconhecimentos da importância da UDV na vida das pessoas. Foi colocada uma gravação do mestre Jair contando o início da União do Vegetal nos seringais. O Mestre Gabriel precisou levar um filho ao médico, pois estava com a costela quebrada. Passou mais de mês para ir e voltar. “Tudo o que o Mestre Gabriel passou pra trazer a União do Vegetal pra nós”. (...) “O amor do Mestre Gabriel por nós”.

Os dias festivos, como o que o diário narra (neste caso, aniversário da recriação da UDV, dia 22 de julho), são momentos em que se busca valorizar e reconhecer a importância da instituição e do Mestre Gabriel na transformação, na vida e na felicidade das pessoas. Mostrando a persistência (e constância) dele para vencer as dificuldades que passou para “trazer a União do Vegetal” às pessoas. Neste dia o Mestre Jair, um dos filhos do Mestre Gabriel, narra alguns acontecimentos nesse sentido. Pessoas reconhecem até que estão vivos graças a União do Vegetal, pois estavam sem rumo, desorientados e, com a instituição, puderam dar um sentido a sua vida e se transformarem em pessoas mais calmas, mais pacíficas, mais centradas e mais felizes¹²⁹.

¹²⁸ De modo mais preciso: hino à bandeira da UDV.

¹²⁹ Conforme explicito no quarto capítulo, no item “4.3 A concentração e a união”.

No dia 22 de julho sempre há o hasteamento das bandeiras, cantando-se o hino à bandeira da UDV e, em seguida, um almoço pago pela tesouraria do Núcleo. No dia 1º de Novembro (dia da Confirmação da União do Vegetal no Astral Superior) de 2010 iniciou-se também essa mesma prática e no dia 10 de fevereiro (aniversário de nascimento do Mestre Gabriel) já se adotava essa prática; a diferença é que nestes dois dias o festejo durante o dia é opcional e o almoço não é pago pela tesouraria, mas por contribuições espontâneas dos sócios. De qualquer modo, nessas e em outras datas festivas, buscam-se preparar alimentação mais farta e mais saborosa e a cantina não funciona. Nesse sentido, lê-se no DC 25-12-2009: “O festejo com alimentação farta após a sessão se iniciou após ser cantado o 'Parabéns a Você!'.” Esta é a canção que se ouve após quase todas as sessões da UDV, pois, ou o aniversariante é o motivo da sessão ou há aniversariante(s) nos dias próximos à sessão. Mas, nas sessões festivas, mais pessoas trabalham para preparar as festividades, decorando os ambientes¹³⁰, preparando alimentos, melhorando a manutenção (incluindo, quase sempre, nova pintura), ensaiando músicas (coral e instrumentistas).



Foto 19

¹³⁰ Mostro algumas fotos destas ornamentações ao longo deste capítulo.

Na Foto 19, tirada no aniversário da UDV (em 22-07-2009) no PNMD, observa-se, além dos véus com nuvens e estrelas (mais visíveis nas Fotos 10 e 11), outro aspecto da decoração: bandeirinhas. É uma tradição no Brasil, principalmente nos meses de junho e julho, a decoração de ambientes com bandeirinhas em ambientes festivos, principalmente nas festas juninas. O catolicismo popular brasileiro festeja em junho e julho principalmente os santos Antonio, Pedro e João; contudo, a festa de São João (Batista) é a mais destacada de todas. Na UDV, só se reverencia este: dia 23 de junho¹³¹ há uma sessão de escala anual, onde é contada (com especificidades) a história deste santo e quando se acende uma fogueira e se comem alimentos típicos da época, com variações de acordo com a região do país. Percebe-se, assim, este componente da tradição popular brasileira nas práticas sociais da UDV.

À esquerda observam-se as bandeiras do estado do Amazonas (não aparece na Foto 19, mas na Foto 20), a do Brasil (no centro) e da UDV (azul e amarela) que são hasteadas (as três aparecem na Foto 20) ao meio dia nos aniversários da UDV e do mestre Gabriel, quando se canta o “Hino da União”. Observam-se ainda lixeiras para resíduos sólidos, flores diversas em floreiras e uma mesa decorada com uma toalha azul clara e dourada.



Foto 20 – 2009 (DMD – PNMD)

¹³¹ No Brasil se festeja no dia 24.

Na Foto 20, também em uma data festiva, três sócios e eu conversando, duas crianças caminhando tranquilamente (o menino da frente de pés descalços) em direção à copa, alguns sócios conversando no templo provisório. Aqui se percebe, de frente, a ampliação do templo com postes de sustentação do telhado mais finos em um cimento mais recente. Nesses espaços abertos, cercados de floresta secundária, visualiza-se a decoração em azul-turquesa e azul celeste nos postes de sustentação e sob as representações da Estrela, do Sol e da Lua. Em frente à entrada do templo, um canteiro feito de estacas de bambu em forma de estrela com flores amarelas. De novo as bandeiras do estado do Amazonas, do Brasil e da UDV, hasteadas nos mastros em frente ao templo, mostrando o respeito da instituição pelas leis do estado e do país. Um banco de madeira retirada de árvore que caíra pela ação do vento no espaço aberto para a convivência. Floreiras de cimento e de madeira com plantas ornamentais. Lona azul (visualizada atrás dos mastros) para ser pendurada na estrutura do telhado em caso de sol ou chuva. Dois recipientes vermelhos para armazenar copos descartáveis usados. Em síntese, a busca de **construir um lugar seguro e tranquilo para as pessoas conviverem com suas famílias com ordem e arte**¹³².

O DC 10-02-2010 descreve um dia de festejo do aniversário do Mestre Gabriel:

Às 12 h houve o hasteamento das bandeiras da UDV, do Estado e do País, enquanto se cantava o Hino da UDV (de autoria do Sr. Raimundo Nonato (...)). Almoço festivo em seguida. O prato principal foi caldeirada de tambaqui, que é um prato regional e mostra a habilidade de algumas pessoas. É mais uma arte, a arte culinária, que se mostra, que se pode degustar, sentir o aroma e o sentir o gosto dessa arte, que é mais uma que algumas pessoas vem desenvolvendo também nesse ambiente da União do Vegetal. Assim como também a arte da música, do canto, alguns vem aprendendo a tocar instrumentos, alguns a desenhar, alguns a pintar, alguns a representar (artes cênicas) e também as pessoas vêm despertando para a poesia. (...)
Após a sessão foi lida uma poesia feita por um discípulo. E as pessoas se admiraram com sua “veia artística, que não era conhecida”. Ele nasceu em um ambiente de floresta, “caboclo da floresta”, como chamam. Aqui, na formatação que recebi, recitada em 10 de Fevereiro de 2010, em homenagem ao Mestre Gabriel e a Roberto Evangelista (os dois aniversariantes).

NUM DIA

NUM DIA DE SOL A PINO, AS NUVENS CLARAS NO CÉU
NASCIA LÁ NO SERTÃO, O FILHO DE MANUEL.
O SINO DA IGREJINHA BADALANDO ANUNCIA
O GALO TAMBÉM CANTOU, AI AI QUE ALEGRIA!

¹³² A respeito da **arte**, continuo descrevendo, mas é um elemento que aparece em quase todo este capítulo, porém explicito melhor no item “3.2.2 Coração, decoração e imaginação”.

A MÃE QUE ERA PRIMA¹³³, SORRINDO FELIZ DIZIA:
 ELE SE CHAMA ZÉ, JOSÉ DA BAHIA.
 SALVE DEZ DE FEVEREIRO; SALVE, SALVE ESTE DIA,
 GLÓRIA A DEUS E PAZ NA TERRA, COM A CHEGADA DESTE
 GUIA.
 LÁ NAQUELE ARROIZAL, NO LUGAR ONDE VIVIA;
 CANTA, CANTA O SABIÁ LEMBRANDO O BELO DIA.
 QUE NASCERA O JOSÉ LÁ DA BAHIA.

AQUI TAMBÉM GORJEAMOS, POR ESTA GRANDE CONQUISTA
 PORQUE DEUS TAMBÉM MANDOU ROBERTO EVANGELISTA
 OMBROS LARGOS, BRAÇOS FORTES
 SEMENTE AQUI DO NORTE
 QUE CONDUZ COM MUITO AMOR
 A OBRA DO CRIADOR.
 (Júlio Alves de Oliveira)



Foto 21 – 24-12-2009 (DMD – PNMD)

Na Foto 21, visualiza-se a imagem da encenação de Natal (24-12-2009) das crianças, realizada antes da sessão. Os três Reis Magos (de branco com turbante verde e branco), na sua frente os outros dois com veste azul – um com turbante azul e branco e outro com coroa

¹³³ O nome da mãe do Mestre Gabriel era Prima.

dourada, anjinhos (nesta Foto aparece só um, com asinhas nas costas) pastores em marrom e azul e pastorinhas com coroas de flores na cabeça. Os materiais utilizados para caracterizar os atores são, em geral, pouco dispendiosos. Os adultos observam com atenção e alegria, registrando por meios eletrônicos (fotografia, áudio e vídeo).

3.2 Trabalho voluntário e tarefas complementares: todos têm um lugar

O trabalho realizado na UDV é uma atividade voluntária: não há remuneração dos dirigentes da mesma nem deve haver ganhos materiais por parte de seus membros com a instituição. A remuneração possível é em relação a algum serviço que o sócio pode prestar e que, além de ser sua área de trabalho (como de electricista, pedreiro e carpinteiro entre as mais comuns, de acordo com minha observação), o pagamento do mesmo é feito, muitas vezes, abaixo do valor de mercado. Os sócios pagam uma taxa mensal para a manutenção cotidiana do núcleo (basicamente o pagamento do zelador e de material de higiene e limpeza) e contribuição com a Sede Geral (aluguel, pagamento de funcionários, viagens às regiões etc.); há alguns casos de isenção, mas a maioria pagante é assalariada, alguns são empresários ou pequenos empresários, e os desempregados pagam geralmente com trabalho.

É na convivência da irmandade, nas tarefas além das sessões, que as pessoas se conhecem melhor. É pela prática do discípulo antes das sessões, participando de atividades como do plantio ou da jardinagem, ou da limpeza e decoração do templo, ou na preparação dos alimentos e, após as sessões, lavando louça, servindo os demais, limpando o banheiro, que se desenvolve e se manifesta a cultura da UDV. Aí se expressa na prática (quando os discípulos são coerentes) a ordem que é pregada e vivenciada no ritual da sessão, no ambiente bem mais informal, onde as pessoas dialogam mais livremente. Em geral isto é mais esperado do Corpo Instrutivo em diante (conforme o grau de memória – e responsabilidade – demonstrado nas ações do discípulo). Assim, percebo que há um **contraste complementar** entre o **rigor em relação aos princípios** proporcional ao “grau” hierárquico do sócio e a **flexibilidade** quanto à **participação** das pessoas. Chamo de contraste complementar porque esta é uma característica da UDV: “deixar as pessoas que estão chegando bem à vontade” para **examinar e participar se e quando sentirem que querem fazê-lo**, respeitando seu “grau de

memória”. Já, quanto aos sócios de maior hierarquia, espera-se que tenham consciência da necessidade de (e, portanto, queiram) participar dos trabalhos. Estes, pelas minhas observações, às vezes participam pela responsabilidade hierárquica e do(s) cargo(s) que têm, porém, na grande maioria das vezes, participam com alegria e satisfação.

Segundo minhas observações, dos sócios às vezes se solicitam que façam alguma atividade, mas, em geral, se os deixa livres para tomarem iniciativas; já dos não sócios não se costuma pedir, com exceção de filhos (principalmente os jovens) de sócios. Os pedidos feitos aos sócios “de letra branca” e não sócios obedecem ao critério de inclusão; um caso que observei: a pessoa era conhecedora de plantas amazônicas e foi, então, gentilmente solicitada a colaborar na identificação das espécies existentes no terreno do Núcleo. É neste trabalho voluntário que se vivenciam os **valores** que são ensinados, principalmente nas sessões e também em outros momentos como, por exemplo, em publicações internas¹³⁴.

3.2.1 Sentimento de gratidão

No DC 02-12-2010, lê-se:

quem tá pedindo auxílio, na verdade tá dando um auxílio: ao pedir auxílio tá dando um auxílio maior pro outro, que é o quê? – É oportunidade pra evoluir espiritualmente. E é assim que os discípulos da União do Vegetal trabalham pela União do Vegetal, gastam seu dinheiro, gastam no sentido de que utilizam dinheiro pra poder fazer a União do Vegetal existir, a instituição, a estrutura. Contribuem, trabalham, ainda pagam para trabalhar e depois ainda falam reconhecendo sua **gratidão pela oportunidade que tiveram de trabalhar e de auxiliar**, e realmente são quem recebe mais, quem recebe mais é quem tá auxiliando (grifos meus).

Este tipo de comentário é comum no sentido da expressão de gratidão pela oportunidade de ter investido trabalho e dinheiro. Mas, muitas vezes, há a justificativa: “nós estamos fazendo é pra nós mesmos!”. Por um lado, isso tem o sentido de que as melhorias materiais feitas são para todos usufruírem, mas, além disso, está também a concepção da reencarnação, pois, em uma nova encarnação, a pessoa vai também “colher o que plantou”, desfrutando do que fez em encarnações passadas. Destaco, ainda, a essência do investimento material: é para **receber o benefício espiritual**. É a concepção que se lê em Lucas 12, 33

¹³⁴ Conforme descrevo nos itens “3.3.2.2.3.1 Os informativos” e “3.3.2.2.3.2 O Informativo Mensageiro”.

(2010): “Fazei para vós bolsas que não se estraguem, um tesouro no céu que não se acabe; ali o ladrão não chega nem a traça corrói.” E, também em Mateus 6, 19-21 (2010):

Não ajunteis tesouros aqui na terra, onde a traça e a ferrugem destroem e os ladrões assaltam e roubam. Ao contrário, ajuntai para vós tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, nem os ladrões assaltam e roubam. Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

E o coração, o sentimento, o objetivo da UDV é o desenvolvimento espiritual, a transformação ao passo que o esforço material realizado é no sentido de poder comungar o chá Hoasca que proporciona uma **catalisação dessa evolução espiritual**: “O Mestre Gabriel dizia que o filho dele, o Getúlio, não precisava beber o Vegetal porque era obediente. Eu preciso do Vegetal, pra mim facilita me examinar, ver as coisas que eu preciso melhorar” (DC 08-09-2010). E, segundo um mestre, na sessão de aniversário da UDV, “a melhor maneira de expressar a gratidão é trabalhando mais por essa obra. O que faço pela União do Vegetal, ainda acho pouco” (DC 23-07-2010). Assim, o trabalho voluntário de manter e desenvolver a instituição em seu próprio benefício e dos outros sócios e para receber mais pessoas (e também beneficiá-las) é movido pelo **sentimento de gratidão** pelos benefícios espirituais recebidos na instituição CEBUDV e através do chá União do Vegetal. No DC 07-01-2011, lê-se:

Uma pessoa que frequentou o PNMD sem se associar, e que fez perguntas em sessões, mas que não havia falado ainda em sessão, falou que ela inteirou um ano bebendo o Vegetal no PNMD dia 06 de janeiro e estava voltando à cidade de onde veio e estava “sendo grata, que esse ano aprendi um tanto de coisas, senti a amizade, o amor, o carinho, a atenção das pessoas”.

Ela falou emocionada e, após a sessão, falei com ela, que também me agradeceu pessoalmente e nos despedimos. Quando ela chegou, lembro que era calada e desconfiada; depois de um tempo era sorridente e participativa, e mesmo não tendo se associado, ela **também encontrou um lugar** para si: nem sempre estava presente nas sessões, mas, mais recentemente, passou a ser mais assídua e quase sempre auxiliava nos trabalhos voluntária e espontaneamente. Não perguntei o que ela havia aprendido, mas, no seu discurso, fica claro que aprendeu algumas coisas: a gratidão, a amizade, o amor, o carinho e a atenção.

E uma sócia diz, no DC 07-03-2010: “Quero falar da minha gratidão por estar aqui encarnada, podendo estar com os senhores”. Após a sessão ela leu a poesia a seguir e autorizou que eu a colocasse nesta tese:

Um Amigo

Um amigo é instrumento da Luz Divina
Por meio dele essa Luz tão fina
Vem iluminando o coração

Assim tudo se transforma em alegria
O tempo todo é sempre dia
Dificuldade é degrau da evolução

Assim esse amigo faz amigos
Esse amigo traz amigos
E todos são amigos na União
(Cristiane Vieira – Manaus, 06 de março de 2010 às 11h00).

Enviou-me outras poesias (que ela também autorizou e que se encontram, junto com as do sócio Alberto Serrão, no **ANEXO F – Poesias de sócios do PNMD**).

3.2.2 Coração, decoração e imaginação

Os artefatos produzidos por sócios do PNMD se expressam, entre outros, através da arte singela e criativa, realizada na maior parte pelas mulheres, mas, também, por crianças, jovens e homens adultos (estes quando não podem exercer alguma atividade que exija mais esforço físico, onde são mais requisitados, pela necessidade), que se dedicam, às vésperas de datas festivas, a decorar (ou redecorar) as dependências do mesmo. Note-se aqui a palavra utilizada na UDV, “decoração”, que contém “**coração**”, ou seja, é um trabalho em que as pessoas realizam “de coração”, colocam **sentimento**, dedicação: realizam com **amor**. E, ao mesmo tempo, diferentemente de outras obras de artes, é um trabalho transitório, realizado de maneira específica para datas importantes (Sessões de Escala Anual, aniversário do Núcleo ou de um Mestre); só alguns materiais são reaproveitados em novas decorações, como, por exemplo, os cordões de origâmis e estrelinhas coloridos. Quando plantas fazem parte da decoração, são retiradas posteriormente, durante a limpeza do espaço de convívio; quando materiais não perecíveis são utilizados, a decoração permanece até uma nova data significativa.

Na Foto 22, em um casamento no salão do PNMD, percebem-se as toalhas lilases sobre mesas de plástico com uma garrafinha de vidro, com uma fita também lilás, contendo água e duas margaridas, uma branca e outra cor de rosa.



Foto 22

Do DC 10-02-2010: “Falou-se também a respeito da ‘importância da imaginação pra poder descobrir os mistérios que existem’”. Explicito no capítulo que trata das concepções, no item “**4.13 A fé, a esperança e o conhecimento**” a respeito da importância da imaginação para a busca do conhecimento. E nos artefatos produzidos no CEBUDV se dá o **exercício prático da imaginação**, onde os sócios (e até não sócios que se apresentam de forma voluntária) têm a possibilidade de dar ideias e colocá-las em prática. Ao imaginar, a pessoa busca construir algo, reforça o “querer” e, muitas vezes, pede orientação das pessoas mais experientes do grupo, que a auxiliam a sonhar e realizar o sonho.

A Foto 23 mostra o trabalho artístico de um profissional, sócio da UDV na 2ª região, em uma camiseta, uma das muitas utilizadas como promoção para arrecadação financeira para custear construções e manutenção dos Núcleos. Nesta foto, a representação de uma semente do mariri (sâmara¹³⁵), que é uma semente alada, brotando. O autor, Cacau Mangabeira coloca o texto “Asas da imaginação”, expressando, assim, o sentido de que o mariri (outro modo de chamar o chá Hoasca) proporciona (ou **dá**) asas à imaginação de quem o bebe, isto é, proporciona um desenvolvimento, uma transformação da mesma.



Foto 23 – Fevereiro de 2011



Foto 24 – 27-02-2011 – PNMD

Na Foto 24, em uma decoração feita em homenagem ao aniversário do Mestre Gabriel (10-02-2011), as bandeirinhas de cores amarela e azul (em dois tons) formam as imagens de um sol, de uma estrela e de uma lua: simbolizam a missão do recriador da UDV em sintonia com a Força Superior, iluminando e guiando as pessoas.

¹³⁵ Nome das sementes aladas, “que possibilita sua disseminação pelo vento” (HOUAISS, 2001, [s.p]).

Na Foto 25, observam-se ramos verdes e de flores, que são comuns na arte de decoração realizada na UDV. Aqui por ocasião do 1º aniversário do Pré-núcleo Menino Deus, em 18-11-2008. Esta Foto (DMD-PNMD) mostra o templo, como é comum aqui na 2ª região, com chão de cimento pintado de verde (na Foto aparece desbotado), podendo observar, de forma mais clara, o que descrevi há pouco: os espaços abertos, a estrutura de madeira, o posicionamento da Foto de frente para a entrada do templo, tendo o arco e mesa à sua frente. Mostra, ainda, as cadeiras “de macarrão”, com estrutura de ferro, muito utilizadas em grande parte do país, mais marcadamente nas regiões quentes. Junto ao telhado, uma nova decoração com bandeirinhas, como já mencionei, muito utilizada na instituição.



Foto 25 – Templo do Pré-Núcleo Menino Deus, em 18-11-2008 – (DMD-PNMD)

Na Foto 26, de uma camiseta comemorativa dos 40 anos de fundação da UDV, percebe-se mais uma vez as imagens do Sol, de uma estrela e da Lua, com o símbolo da união: Luz Paz e Amor. Note-se que aqui (e nos templos onde se a encontra) esta frase aparece sem vírgulas. Em minha interpretação, isto significa que a Luz e a Paz e o Amor são dimensões da Divindade, conforme explicito no quarto capítulo.

Mais uma expressão da imaginação e do amor dos frequentadores da UDV é arte culinária, expressa, principalmente nas datas festivas. O DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio (do aniversário do Pré-Núcleo¹³⁶) ilustra isso:

O lanche servido: sucos e refrigerantes diversos, café com leite, risoto, caldo de caranguejo, banana “pacovã”¹³⁷ e cará roxo cozidos, frutas diversas (abacaxi, maçã, mamão, melão, manga, pupunha, entre outras), patês de atum e de azeitona preta, torradas e pães diversos, dois bolos de aniversário com decoração diversa (um deles com fatias de frutas).



Foto 26

3.2.2.1 A arte da poesia e literária

Já mencionei algumas poesias, que são parte deste exercício da imaginação que se observa na UDV. Além do já citado “Relicário: imagens do sertão”, quero citar aqui, ainda, outros dois livros de Edson Lodi, “Travessia; poemas” (cuja foto da capa do livro se encontra no **ANEXO I**) e “Estrela da minha vida: histórias do sertão caboclo” (2004)¹³⁸. Pois, seu autor é “o primeiro a registrar em livro (este Estrela da Minha Vida) suas vivências, convivências e impressões, em **textos marcados por imagens poéticas** e reflexões espirituais” (FABIANO apud LODI, 2004, p. 8, grifos meus). Nele escreve mais um poeta:

¹³⁶ Já transformado em Núcleo neste 22-03-2011; mantenho PN, pois foi na ocasião do registro em DC.

¹³⁷ É como se pronuncia em Manaus o nome “pacovã [que é uma] variedade de banana grande” (FERREIRA, 2010).

¹³⁸ Projeto gráfico de Luis Daré. Brasília. Edições Entre Folhas.

Entre a rosa
E o espinho - o cuidado
Da mão que colhe.
Roberto Evangelista (LODI, 2004, [s.p]).

Pode-se interpretar que há que ter cuidado na busca da rosa (beleza, tesouro, conhecimento e tantas outras coisas que a rosa pode representar), para não se ferir (não sofrer, não fazer outros sofrerem). A metáfora (e ensinamento) do plantio e da colheita é de que se colhe o que se planta. O poeta aponta que a colheita também é um plantio. Exemplifico: a pessoa plantou uma flor, ou seja, praticou uma boa ação e colhe a flor que plantou, isto é, recebe o reconhecimento da boa ação por parte de quem se beneficiou com a mesma; ao colher (ouvir o reconhecimento) poderia se exaltar (plantando, assim, um espinho) ou pode sentir alegria pelo reconhecimento, mas tomando como um incentivo para continuar plantando flores e sentindo maior responsabilidade perante a pessoa que recebeu o benefício e demais pessoas, porque o beneficiado comentaria a boa ação, portanto, aumentaria o prestígio de quem plantou.

Este mesmo poeta é autor também de “Haicais de Roberto Evangelista - Mínimas Orações” (2008), que é uma Homenagem aos 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil, e cuja foto da capa encontra-se no **ANEXO H**. Quero citar, ainda, o livro do pioneiro da UDV em Manaus, o Mestre Florêncio: “No coração da floresta: vivências de um caboclo da Amazônia” (Florêncio de Carvalho), cuja foto da capa se encontra no **ANEXO G**. A análise de um único livro destes pode ser objeto de mais de uma tese e, portanto, não cabe na presente.

3.2.3 O lugar da mulher

Pela minha observação, na 2ª região do CEBUDV, a distribuição (e escolha) das tarefas é feita com base em uma concepção de que os homens possuem maior força física que as mulheres e, portanto, as tarefas que, geralmente, os primeiros são convidados a realizar são de construção e manutenção predial, elétrica e hidráulica e todas as atividades consideradas mais pesadas, como a do zelo e plantio de mariri e chacrona. As mulheres arcam com as de limpeza e preparação de alimentos, decoração do ambiente e jardinagem, bem como o cuidado com as crianças. Porém, como o critério fundamental para o grupo é a força física, os

trabalhos considerados mais leves e que geralmente estão a cargo dos homens, também são realizados eventualmente por mulheres (e até por crianças); e os trabalhos atribuídos mais comumente às mulheres também são exercidos por homens que estão impossibilitados de realizar os trabalhos considerados mais pesados. Por esta razão, eu mesmo, em uma ocasião, auxiliei na preparação do almoço de um mutirão.

Como característica de uma cultura machista planetária, também há os machistas na UDV (uns mais, outros menos), contudo, a distribuição (e escolha) das atividades busca ressaltar as características consideradas na instituição como naturais (físicas) do homem e da mulher, valorizando-as e não exaltando as de um dos sexos em detrimento do outro, ou seja, **dando lugar** a que se as exerça, buscando uma **harmonia complementar**. É assim que o Mestre Gabriel, quando impossibilitado de fazer o trabalho de seringueiro, fazia todo o trabalho doméstico (geralmente considerado trabalho feminino) e sua companheira realizava quase todo o trabalho de seringueiro. Há núcleos em que as mulheres lavam os pratos e talheres e os homens lavam as panelas, pois é um trabalho que exige mais força física. Na preparação do lanche, em geral, os homens cortam e descascam as frutas. Não há, portanto, proibição ou restrição ao tipo de tarefas, mas a questão física é que determina, além, é claro, da disposição voluntária do sócio.



Foto 27 – 2007 (DMD – PNMD)

Diversas mulheres se apresentaram de forma voluntária para carregar madeira e tijolos, porque se sentiam em condição de fazê-lo. No Núcleo Princesa Sama, narra-se que uma irmã era chamada para os trabalhos mais difíceis, que os homens não conseguiam realizar, como arrancar um toco, por exemplo; e ela conseguia. Descrevo estes pontos para marcar que o critério para a escolha do lugar da mulher em relação aos trabalhos é o “querer” da própria mulher.

A Foto 27 mostra uma irmã carregando um carrinho de mão com pedaços de raízes e folhas: foi um trabalho de limpeza do terreno no início dos trabalhos para a construção da infraestrutura do PNMD e que descrevo com mais detalhes no item “3.2.5 Desmembramentos”.



Foto 28 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)

Na Foto 28, no primeiro Preparo de Vegetal realizado no terreno do PNMD (04-10-2009), em um momento de conversa descontraída, observa-se o bom humor, onde as irmãs, posando para a foto, cruzam as pernas no mesmo sentido (em outra Foto cruzam a outra perna). As vestimentas (sandálias e roupas) confortáveis, como já descrevi em parte (das Fotos 17 e 18), leves e simples, comuns à moda brasileira, principalmente na quente região amazônica. O banco feito com troncos e madeira de uma árvore que caíra na floresta do

terreno (ou do NPS ou do PNMD). Mesmo sendo noite, percebe-se alguma vegetação, inclusive um trio de flores alaranjadas de Amarílis, plantado no jardim.

Existe, na UDV, como já mencionei, a sessão do dia das mães, que, além de ser dirigida por uma mãe (ou mais de uma), é um dia em que as mães não trabalham (as mulheres que ainda não são mães podem até trabalhar), mas os trabalhos de preparação de alimentos e limpeza da copa são por conta dos homens. Acrescento, ainda, que os homens que possuem habilidades na preparação de alimentos são também convidados (ou se apresentam de forma voluntária) a essas atividades em promoções e em datas festivas.

Aqui não cabe uma discussão de gênero, mas só explícito a concepção da UDV de combate à discriminação¹³⁹ das mulheres e o lugar que a elas é reservado. Segundo o DC 09-05-2010, na noite anterior houve uma

Sessão em homenagem às mães. São sessões dirigidas por uma mulher, em geral uma conselheira. Este foi o caso da de ontem. Nesta, a disposição das cadeiras e da mesa estava diferente das sessões de escala. A mesa estava próxima de um canto do salão com o Vegetal e os copos, a MD sentada sob a Foto do Mestre Gabriel (ladeada pelo QM) e as outras cadeiras, em disposição semicircular, de frente para eles, guardados alguns espaços para a circulação das pessoas. As mães ocupavam os primeiros lugares. Após a distribuição do Vegetal pela conselheira dirigente da sessão, ela disse “hoje vamos beber o Vegetal todos juntos. Repitam comigo: Deus que nos guie no caminho da Luz, para sempre e sempre, amém, Jesus!”. Inicialmente foram colocadas músicas instrumentais e, após aproximadamente 30 minutos, foram feitas as chamadas de abertura da sessão, com exceção da Chamada da União (feita pelo MR¹⁴⁰). Foram feitas chamadas a respeito do amor de mãe e da Virgem Maria, mãe de Jesus.

Os assuntos giraram em torno do amor de mãe, desde a gestação, passando pelo nascimento e desenvolvimento do filho. Da importância de se “cortar o cordão umbilical” na hora certa, de criar “filhos independentes, não pra si, mas pro mundo”. Manifestações de reconhecimento e gratidão às mães (por vezes com visível sentimento) foram expressas, com um coral em sua homenagem após a sessão. Jantar providenciado após a sessão pelos homens (que o prepararam e o serviram e realizaram a limpeza após o mesmo).

A valorização da gratidão destacada nesta sessão volta-se às mães e à “Mãe de todo mundo”, a “Virgem Maria”. Na UDV está presente a referência a ela nas chamadas de abertura e fechamento das sessões de escala, mesmo que não se fale nela, porém, na sessão em homenagem às mães, ela possui um destaque especial. Nesta não foi diferente nesse

¹³⁹ A UDV combate qualquer tipo de discriminação, como já explícito no quarto capítulo a respeito das concepções, com Luz, Paz e Amor.

aspecto, nem a respeito do valor do sentimento de gratidão; além disso, o que marcou foi a doutrina de como se deve educar os filhos, “para o mundo e não para si”, “para serem independentes”, para não se terem suas falhas acobertadas, mas sim corrigidas. Conforme explicito melhor no próximo capítulo, esse interesse em buscar a correção das falhas é constantemente reforçado pela doutrina (e conselhos) nas sessões, onde se fala da importância do “exame de si” (autoexame) para corrigir as próprias falhas e o ‘colocar-se no lugar de aprendiz’, ou seja, o ‘amor ao próximo’ começa pela correção de si.

É importante destacar aqui que, na UDV, não há sessão em homenagem aos pais, embora possa haver outras atividades de homenagem a eles, como mostro no item “**3.5 Crianças, jovens e famílias**”.

De acordo com o DC 12-05-2010,

O contexto em que o Mestre Gabriel falou que ‘as mulheres devem seguir os seus maridos’ foi de uma doutrina aos mestres, para se fazerem acompanhar das suas mulheres na UDV, pois os mestres vinham às sessões e elas ficavam em casa.

Assim, fica explicado o contexto de uma frase que era utilizada, equivocadamente, por alguns machistas dentro da UDV para querer justificar o seu machismo. Por isso que, em contraste com o conhecido popularmente “**por trás** de um grande homem, existe uma grande mulher”, fala-se, na UDV, que “**ao lado** de um grande homem, existe uma grande mulher”, acrescentando-se, muitas vezes, “e vice-versa: **ao lado** de uma grande mulher, existe um grande homem”. Portanto, nesta concepção, o **lugar do homem é ao lado da mulher e da mulher é ao lado do homem**. A origem dessa concepção é explicitada no DC 01-08-2010:

A criação de Eva foi de uma costela de Adão. Não foi tirada da cabeça pra não ser superior ao homem e não foi tirada do pé pra não ser pisada por ele; foi tirada da costela pra ser sua companheira, e, do lado do coração pra amá-lo e ser amada por ele.

Em relação à igualdade no trato com as mulheres, em um ser fiel ao outro, um entrevistado narra o que deixou de fazer depois que conheceu a UDV e sua transformação de concepção:

¹⁴⁰ O critério de quem pode fazer essa chamada é do MR; no PNMD, ela é feita por ele ou pelo MA, com exceção de quando é contada a História da Hoasca (neste caso é feita pelo MD).

O que eu deixei (...) foi de ser ‘sem-vergonha’ com mulheres, eu era casado e achava que ‘o homem pode fazer, a mulher não pode’. Olha, eu não posso, só posso exigir da minha mulher o respeito, se eu primeiro respeitar. Eu não posso exigir respeito do sr. se eu não respeito primeiro. Então, se eu quero que minha mulher me respeite, eu primeiro tenho que respeitá-la. (MH12-12-2010).

Em homenagem às mulheres, o Mestre Roberto Evangelista (Mestre do CREMG) elaborou uma “Saudação às mulheres da UDV”, realizada no IV Congresso da União do Vegetal e II Congresso Internacional da Hoasca – Brasília 2008, que foi publicada no Informativo Mensageiro (Manaus, 27 de março de 2009, Edição 01, Nº 03):

Mulher, Mãe, Companheira.
A ti saúdo e louvo em teus estados de graça.

Tal estrela cintilas e abres clareiras.
Porto seguro e âncora - asseguras a firmeza
De ser do teu homem-companheiro.
Amante diuturna, a ele devotas corpo e alma
Em aliança fidelíssima, lado a lado na lida,
Na dor e no zelo.

Quando Mãe - ascendes ao estágio maior
Da tua missão, o caminho ascensional
Que te conduz à plena madureza:
Árvore generosa povoando a terra
Com sementes oriundas de teus frutos.

Na condição de Mãe,
Os homens de boa Vontade denominam-te:
Ternura e Graça, Mártir e Santa,
Refúgio dos aflitos, Fonte dos humildes,
Conforto dos humilhados e oprimidos
Que vagueiam vagos por esse vale
De lágrimas.

A ti, todas as sacras e puras virtudes
Da Cura da Dor, Da Semeadura
E do Conselho que aponta o caminho.
De tuas mãos e da tua boca brotam
O afago e o conforto, pois de ti,
Também, nasce o Carinho.

Quero apenas ao te saudar, Mulher,
Mãe querida, nesse breve, mínimo canto,
A tua grandeza, dádiva infinita, reiterar
Que o teu amor se compara ao divino,
Tal o divino manto azul da virgem

A envolver seus filhos.

Num Dicionário de Símbolos consta:
 És comparável ao Mar que abraça
 E envolve a Terra e à água doce e límpida
 Que nas tradições judaica e cristã simboliza
 a origem.
 O “mem”, a letra “M” do hebraico, evoca
 A água sensível, matriz e nutriz do universo

Mulher de comparações infindas, és ainda
 A semelhança de Sant’Ana, mãe de Maria,
 A jovem virgem da concepção sagrada.
 Santana tinha o dom, a profunda sensibilidade
 Para detectar o precioso líquido nos lugares
 Mais recônditos. Pelo simples toque da sua mão
 A água fluía à superfície, fosse do alto
 De um monte rochoso ou sob a aridez do deserto –
 Jorravam claras fontes, saciando animais,
 Homens e plantas. Assim, também, Mãe,
 O leite farto e fértil de teus seios
 É o vital alimento dos filhos amados.

Mulher, Mãe adorável, tu que tens o poder
 De conceber a vida, haverás de ver
 Num dia glorioso, cumprirem-se os desígnios
 De Eva. É quando verás os filhos teus num paraíso
 Verde vívido, em união, tal cordeiros ordeiros
 De um só rebanho, apascentados e fraternos,
 Obedecendo a um só Deus, sendo conduzidos
 Por um só Pastor.

Que assim seja, mulher simples e soberana.
 Que assim seja, Mãe querida, tão imensa,
 Preciosa e Pequenininha. (CEBUDV – PNMD, 2009).

Outros lugares à mulher na UDV são descritos ao longo deste capítulo.

3.2.4 Mutirões

“Pra mim a palavra **mutirão** define a União do Vegetal” (DC 16-11-2010). Essas palavras de uma antiga Conselheira da UDV mostram a importância dos mutirões na vida dessa sociedade. Depois das sessões, é a atividade mais frequente dos Núcleos. No DC 02-09-2007, lê-se que “em geral, os mutirões iniciam às 9h, parando às 13h para almoço e

reiniciando às 14h até 17h; esse horário pode ser estendido de acordo com a necessidade, principalmente na construção de um novo Pré-Núcleo¹⁴¹”. No DC 15-11-2009 lê-se:

Hoje no mutirão que iniciou pelas 9h, foram plantadas diversas mudas no jardim, que recebeu uma reorganização: paus podres foram retirados, colocaram-se seixos pequenos e outros demarcadores das plantas ornamentais. Continuaram-se os trabalhos de pintura e decoração. Filmaram-se e fotografaram-se as pessoas trabalhando e conversando. O sol causticante até após o meio-dia deu lugar à chuva que denunciou algumas goteiras e interrompeu o trabalho por algumas horas; a energia elétrica foi embora e a caixa d'água secou, impedindo a continuidade da execução de músicas animadas e de lavagem de louça. Continuaram-se trabalhos após o almoço preparado pela equipe responsável e marcou-se mais um mutirão noturno para o dia seguinte.

Essa narrativa ilustra a preparação da festa do segundo aniversário do Pré-Núcleo Menino Deus: limpeza e reorganização do jardim, pintura e decoração. Geralmente os mutirões no Pré-Núcleo Menino Deus são comumente realizados durante o dia nos domingos posteriores às sessões de escala, com boa antecedência às sessões de escala anual, contudo, a leishmaniose¹⁴² que houve na época dificultou os trabalhos; por isso, e também pela chuva que ocasionou falta de energia elétrica e de água, foi marcado mais um mutirão para a noite seguinte. Nos dias seguintes, os diários descrevem:

Ontem continuaram os trabalhos de organização para o aniversário do PN. Um número bem menor de pessoas pode comparecer. Um irmão trouxe seu caminhão e foi até o Núcleo que originou este PN para buscar cadeiras emprestadas (quase 150) colocadas e retiradas do caminhão por uma meia dúzia de pessoas (DC 17-11-2009).

Ontem ainda compareceram algumas pessoas para continuar os preparativos para o aniversário. Hoje é o aniversário do PN. A Organ e sua equipe estiveram desde a manhã trabalhando (DC 18-11-2009).

DC 07-02-2010. Retirou-se um pé de mariri da árvore que, tendo crescido muito, inclinava-se por sobre a cozinha provisória, ameaçando destruí-la sob ventos intensos que acompanham as chuvas que são comuns nos invernos amazonenses. Fizeram-se covas, colocaram-se adubo orgânico (feito de resíduos da própria UA) e plantaram-se diversas (mais de 12) mudas feitas a partir do cipó que subia pela árvore. Cortaram a árvore com um esforço coletivo, puxando a mesma com uma corda (para que caísse sem destruir nada) enquanto um senhor experiente, que coordenava o trabalho, a cortava com machado. Sucesso completo!

¹⁴¹ A respeito disso desenvolvi no item “3.2.5 Desmembramentos”.

¹⁴² Explicitada mais adiante neste capítulo.

Outros realizaram outros trabalhos (que não pude observar) no chacronal. Algumas cacaouranas¹⁴³ foram encontradas, colhidas e distribuídas entre os que estavam próximo.

O almoço permitiu, como usualmente, uma confraternização satisfatória: ouvi uma só pessoa dizendo que havia pouca alimentação, mas, no final, quando todos haviam comido, ainda havia frango e outros alimentos.

Os diários de 15-11-2009, 17-11-2009 e 18-11-2009 descrevem algumas atividades de organização de uma festa que teve a presença de pessoas de todos os núcleos da região e de alguns sócios de outras regiões; já o diário de 07-02-2010, mostra atividades mais ligadas ao plantio¹⁴⁴. Embora os diários não expressem de modo claro, a maneira como são realizados os mutirões (e atividades em geral), no CEBUDV é predominantemente harmoniosa, por isso a descrição é feita mais quando há algo destoante. Isso se deve, segundo minha interpretação, por um lado, por acontecerem após sessões e, conseqüentemente, as pessoas estarem mais calmas e centradas, e, por outro, pela maneira tranquila com que a direção (QM e CDC) direciona os trabalhos e por serem trabalhos voluntários: quem coordena expõe os trabalhos que necessitam ser realizados e as pessoas se apresentam de forma voluntária ou são solicitadas a realizá-los, **de acordo com seu grau de memória**. Destaco aqui a importância deste aspecto que proporciona o exercício (ou aprendizagem) de atividades em que **cada um tem o seu lugar**. Assim, esses mutirões motivam as pessoas a se **unirem** em função de um objetivo comum (no caso de sessão festiva, para que os convidados sintam-se bem; em outros casos, para melhorias do espaço e instalações de convivência) e oportunizam **maior conhecimento entre si**. Esse convívio permite que as pessoas percebam em si e nos outros as capacidades e as dificuldades e o aconselhamento (e/ou doutrina, se necessário) para a transformação.

Explicitando melhor o **modo de trabalhar** no PNMD, lê-se no DC 24-05-2010:

O Presidente e a Organ agradeceram à irmandade porque as pessoas se apresentam para os trabalhos quando se fala a respeito dos que se necessita fazer. E trabalham com amor, com alegria, com entusiasmo. “E essa é a maneira do Mestre Gabriel de trabalhar”.

O clima de alegria é uma marca importante para a pertença das pessoas: sentem-se cativadas e procuram seguir este padrão cultural. A busca de autoconhecimento e

¹⁴³ Frutos parecidos com os de cacau, porém com diâmetro de aproximadamente 10 cm por aproximadamente 12 cm de comprimento.

¹⁴⁴ Descritas no item “3.3.2.2.2 Departamento de Plantio (de Mariri e Chacrona)” deste capítulo.

conhecimento espiritual e a transformação pessoal são objetivos comuns dos sócios e a construção das obras e o trabalho em comunidade a partir das decisões comuns criam e fortalecem elos de amizade. As eventuais divergências ou decepções pessoais são direcionadas a resolução e esclarecimento pela doutrina dos mestres e pelos conselhos por parte de pessoas mais antigas e do CDC na UDV. Esse direcionamento se dá tanto em sessões quanto no dia a dia da instituição: mutirões, atividades dos departamentos, Preparos de Vegetal, promoções, “chás de baby”, convivência antes e após as sessões. Assim, além das sessões, as conversas informais durante as atividades são ingredientes importantes no cotidiano da UDV.

Na Foto 29, percebe-se uma irmã está pregando algo em um tronco para decoração do jardim, enquanto outra observa. Na UDV, a observação é um aspecto importante para o aprendizado e para a supervisão (e orientação) dos trabalhos. Na decoração do jardim, delimitado por troncos cortados, percebem-se dois pequenos vasos (um cor de cerâmica e outro amarelo) com flores.



Foto 29 – 03-11-2007 – Mutirão, preparando a inauguração do PNMD (DMD – PNMD)

3.2.5 Desmembramentos

Um Mestre do CREMG diz: “cada núcleo é um ponto de luz, que o núcleo fica irradiando, é uma luz” (DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio).

Observo que o **desmembramento** de um Núcleo é um processo de expansão extremamente rico. É quando um número menor, considerado “de linha de frente”, isto é, que sabe que vai ter muito trabalho pela frente e que aceita esse desafio, desenvolve muito mais atividades e de uma forma mais intensa. Esse dinamismo com um número menor de pessoas proporciona uma **aproximação maior**, pois, já que as dificuldades e desafios são maiores, **a necessidade de união é maior**. Novas amizades se formam, pois se tem a oportunidade de trabalhar com pessoas que antes (com um número maior de pessoas) não havia. O peso e o valor das pessoas ficam, portanto, mais evidentes. Também os defeitos ficam mais evidentes e, portanto, há necessidade de mais transformações das pessoas.

O que vê os defeitos do outro, por vezes, necessita se transformar. Fala-se ao outro de maneira acusatória, em geral gera conflitos que necessitam ser apaziguados. Entram em cena as pessoas do CDC e do QM buscando “apagar o fogo”. Se, por outra parte, o sócio que é parte do defeito ou do conflito for da Direção, é chamado a transformar-se por parte do QM (por vezes em sessões específicas para isso). E, nesses momentos de conflito, também surge a oportunidade das pessoas que ainda não fazem parte da direção entrarem em cena, buscando também a paz e a compreensão entre os irmãos envolvidos, mostrando, assim, o seu “grau de memória”. O que vê os defeitos do outro pode, ao invés de falar acusatoriamente, buscar cativar o outro e, sentindo a confiança e o momento, mostrar ao outro sua falha. As doutrinas e orientações nas sessões facilitam esse processo de “acordar”, examinar o que necessita e de que maneira transformar. São alertas para todos, inclusive aos que têm a atribuição de doutrinar e aconselhar... É usual que pessoas do QM ou do CDC falem a respeito de algum assunto e digam “eu estou dizendo isso pra mim também”, “eu venho buscando fazer”, “eu também preciso melhorar nisso”.

Segundo um Mestre,

O desmembramento do NPS foi com harmonia. Algumas dificuldades que tivemos foram superadas. Quando chega um momento, o NPS tinha 150 pessoas, tem que desmembrar. Cinquenta e quatro pessoas vieram para o desmembramento que inaugurou o Pré-Núcleo Menino Deus (DC 19-11-2010).

Assim, na UDV, quando um Núcleo atinge certo número de sócios, inicia-se um processo de desmembramento. Ou seja, alguns associados, liderados por um Mestre que se apresenta de forma voluntária e, em acordo com o QM, é designado para ser o MR de um novo Pré-Núcleo¹⁴⁵, iniciam um trabalho de procurar um terreno para adquirir e, em seguida, começar as atividades de planejamento e construção de obras no mesmo para sua inauguração.



Foto 30 – 2007 (DMD – PNMD)

Os sócios que formaram o PNMD foram conhecer dois terrenos em momentos distintos e, buscando uma terceira alternativa, chegaram até a limpar uma área que o Núcleo Princesa Sama poderia ceder. Entretanto, essa área era alagadiça no inverno e surgiu uma nova ideia: a compra de um terreno que pertencia a um ex-membro da UDV e que ficava junto ao NPS. Realizou-se, então, o contato com o proprietário e, após tratativas com o

¹⁴⁵ Anteriormente, os grupos desmembrados eram denominados “Pré-Núcleos” (e, por isso, o desmembramento do NPS foi chamado de Pré-Núcleo Menino Deus), passando, mais recentemente, a não existir mais estas denominações e vigorando só as de “Distribuição Autorizada de Vegetal” (DAV) e “Núcleo” (N).

mesmo, foi feito um empréstimo para o pagamento da maior parte e parcelou-se o restante. Para a quitação dessas dívidas, realizaram-se cotas mensais e diversas atividades promocionais.

No início dos trabalhos, como mostra a Foto 30, era assim: cortar a mata secundária, separar as madeiras dos galhos finos que eram colocados em um só lugar para se transformar em adubo orgânico, arrancar raízes, retirar o mariri encontrado e enterrá-lo para encanteirá-lo posteriormente ou prepará-lo. Nesta Foto aparece, ainda, um conjunto de caixas de água construídos com tonéis de metal que foram doados. Conectados entre si e alimentados por uma mangueira preta que servia de cordão umbilical do Núcleo Princesa Sama ao futuro Pré-Núcleo Menino Deus (seu nome ainda não havia sido aprovado; chamava-se simplesmente de “desmembramento”).

Na Foto 31, a caixa de água mais de perto e uma criança bebendo a imprescindível água.



Foto 31 – 2007 (DMD – PNMD)

Depois de construções improvisadas com madeira e plásticos para resguardar ferramentas e materiais, como mostra a Foto 32, seguidas de algumas reuniões, de muitos mutirões e de muitas promoções, do empréstimo de um trator com motorista que realizou a terraplanagem do terreno, conseguiram-se iniciar as construções de alvenaria. Mesmo com a terraplanagem, foi necessário um trabalho mais delicado para retirar raízes de árvores, cavando com enxadecos e até picaretas, colocando-as em carrinhos de mão, carregando-os até um lugar e amontoá-las. Também neles se colocou terra com pás e se a transportou para outros lugares, para nivelar o terreno que necessitava. Ancinhos foram utilizados para juntar folhas e afofar canteiros, regadores os regaram e plantas foram plantadas. Serrotes para serrar madeiras mais finas e motosserra para serrar as mais grossas foram também utilizados; nelas, martelos pregaram pregos... Muito trabalho, mas com alegria de se estar construindo algo coletivo, de se estar aprendendo e plantando flores.



Foto 32 – 2007 (DMD – PNMD)

Depois da copa improvisada se construiu o banheiro de alvenaria, carregou-se muita terra para nivelar o terreno onde se construiu o templo provisório e, um tempo depois, a casa do zelador que teve que morar provisoriamente em uma parte que agora é berçário (também

provisoriamente). Em síntese, **todo esse trabalho é a vivência da paciência**. Mas a colheita desse plantio é vitória de cada dia trabalhado com alegria...

No DC 02-09-2007, lê-se: “Sm.: ‘Fala, V.’ (estudante de medicina, que carregava duas térmicas de 10 l, indo buscar mais água potável).” Percebe-se, aqui a necessidade de água potável para as pessoas do mutirão beberem e que todos, indistintamente¹⁴⁶, podem desempenhar alguma tarefa braçal, mesmo sendo intelectuais. E, no DC 28-10-2007: “Limpendo o terreno para construir as instalações (templo, copa e berçário provisórios e banheiros). Dois universitários e um professor universitário: os trabalhos são feitos por todos independentemente de grau escolar ou posição socioeconômica”. Segundo levantamento que fiz, os sócios do PNMD com curso superior completo ou incompleto são a maioria e, conforme observei, não há trabalho braçal que algum deles se recuse a fazer. É uma religião de origem cabocla, mas que conquistou os meios urbanos (principalmente as capitais) e de classe média, e, mesmo que não seja objetivo deste trabalho estudar a respeito desse desenvolvimento, a concepção a respeito da instrução (o “conhecimento material”) pode explicitar alguma coisa (o faço no item “**4.9 Aprender é transformar-se**”). E essa valorização do conhecimento material se expressa também em relação à saúde, como explícito no item a respeito do DEMEC.

Sendo a maioria dos sócios do PNMD trabalhadores que cursaram (ou estão cursando) uma faculdade e como as construções necessitam de uma continuidade mais frequente (no mínimo nos dias úteis), elas são realizadas por trabalhadores contratados. Acrescento que os mutirões são realizados nos fins de semana e feriados (ou à noite, quando necessário, principalmente próximo da inauguração de uma nova UA ou de dias festivos).

Nesses mutirões de construção das instalações do PNMD, diversas pessoas trabalharam: os pertencentes ao que chamei Núcleo mãe (que deu origem ao desmembramento, mas permaneceram no de origem); os do desmembramento (os que constituíram uma nova Unidade Administrativa – neste caso um Pré-Núcleo); e de outras UAs.

No DC 02-09-2007 (às 12h56) lê-se: “Cavando um buraco. Sm. (operando a filmadora): “Esse irmão que veio de Brasília, acostumado no frio”, filmando um que trabalhava com um enxadeco¹⁴⁷, tirando terra de um buraco”. Aqui se percebe uma prática

¹⁴⁶ Salvo por uma condição médica impeditiva.

¹⁴⁷ Assim se denomina em Manaus uma enxada estreita, mais reforçada e, portanto, mais apropriada para cavar e retirar raízes (abundantes nesse solo onde havia floresta secundária).

comum na UDV: as pessoas comparecem a outros núcleos e **se integram nas atividades** que estão sendo realizadas; neste caso, um mutirão para a preparação das instalações do novo Pré-Núcleo. Neste mesmo DC 02-09-2007, lê-se:

O Presidente (engenheiro): “tem que ir pra lá agora”.

Outro (também engenheiro): “um pouquinho mais pra cá”.

O irmão (Ja.) do Núcleo de origem (pedreiro): “um pouco mais pra cá... pra esse lado aqui... agora coloca um calço aqui... traz a **linha** aqui...”. Assim, ajustaram até **alinhar** o poste com os outros (grifos meus).

Os instrumentos utilizados na construção civil, considerados como tendo sido criados por Salomão, são utilizados como metáforas no linguajar da UDV, e que são destacados nas sessões, no sentido de buscar **a retidão Divina**: a linha, a régua, o prumo. Há o “ajuste” pelo qual os discípulos da UDV passam e buscam seguir a **linha** de Tucunacá (um dos tipos de mariri; o outro tipo é conhecido como “Caupuri”). É o mesmo sentido de aprumar, de se **equilibrar**, visto no mesmo diário de campo: “Colocação de poste. São 16h03. O irmão (Ja.) do Núcleo de origem (pedreiro), segurava o **prumo** enquanto alguns (incluindo o MR do Núcleo de origem - contador) seguravam o poste, buscando **aprumá-lo**” (grifos meus). É o mesmo sentido, ainda, do trecho:

3 homens levantaram o poste para colocá-lo no centro do buraco cavado anteriormente e dois outros (um com uma alavanca, outro com as mãos nuas) procuraram ajeitá-lo no **centro** do buraco. Outros faziam argamassa e colocavam em outro buraco que continha um poste já **no prumo e alinhado** (DC 02-09-2007, grifos meus).

O acréscimo desta descrição ao que já mencionei no item “3.1.3.1 Concentração mental e busca de Luz, Paz e Amor” é o **centro**, que está ligado ao valor da **concentração** e do **equilíbrio** buscado na UDV.

Ainda no DC 02-09-2007, lê-se:

Ja. pregou uma estaca (já fincada no solo) no poste: “agora coloca outra do outro lado”. Imagens de árvores cortadas, onde se farão construções. Ja. pregou a outra estaca e disse: “agora uma assim e outra assim, ó”, mostrando o sentido das mesmas que formavam um X, ou uma cruz se fossem vistas de cima.

Aqui, vemos a tarefa de firmar provisoriamente o poste no sentido de mantê-lo no prumo para que, após a colocação de argamassa fique firme em definitivo e possa servir, juntamente com os outros (também devidamente alinhados e aprumados, no centro de cada buraco e também firmados em definitivo com argamassa), como suporte da estrutura do telhado. Vejo nessa atividade de construção de uma área coberta uma metáfora: cada poste representa um discípulo que vem se alinhando, aprumando-se, retificando-se e se centrando enquanto pessoa, até um dia estar firme, formando **um coletivo que possa servir** para outras pessoas. Assim como a estrutura terá a utilidade para abrigar as pessoas, provisoriamente durante as sessões (pois é o templo provisório), mais tarde, quando o templo definitivo estiver construído, esta estrutura servirá para outras finalidades (de área de convivência durante o dia e como redário para repouso).

No trecho do mesmo diário, intitulado “Olha o buraco” lê-se:

Mais onze trouxeram mais um poste e alguém avisou para os que vinham atrás que havia um buraco no caminho: “Olha o buraco!”
 E outro: “Olha o buraco, aê!”
 M.A.: “devagar, devagar!” Colocaram o poste no buraco.
 Alguém: “devagar, devagar!”
 Outro alguém: “Levanta!”
 Alguém: “Tá bom!”
 Coro: “êêê!”
 Alguém: “Tá seguro!”
 Alguém: “Por enquanto...” (DC 02-09-2007).

Essa transcrição mostra a concepção “a união é a força” e a frase do Mestre Gabriel “Todo cuidado é pouco!”, falada nas sessões e em outros âmbitos da UDV. Foram necessárias onze pessoas para carregar e colocar um poste em um buraco, demonstrando a força da união, festejada em coro, quando conseguiram o objetivo (colocar o poste no buraco): “êêê!”.

A respeito do cuidado, percebe-se o **cuidado com os outros**: para que não caiam em um buraco, para que não se firam e, também, para não ferir os outros nem a si próprio e poder cumprir com o objetivo. Nesse sentido do cuidado ainda, há frases de **como conduzir** o poste que mostram **orientações**, conselhos ou direcionamento. As palavras de um mestre, repetidas por outra pessoa “devagar, devagar!” podem ter o sentido de se ter calma (e cuidado) para poder realizar os objetivos de transformação com sucesso. É o sentido expresso na música “Tocando em Frente” (Composição: Almir Sater e Renato Teixeira) que diz “Ando devagar Porque já tive pressa” (<http://letras.terra.com.br/almir-sater/44082/>), tocada nas sessões,

porque em sintonia com o ensino do Mestre, pois as mudanças, “na Natureza”, preferencialmente devem ser devagarinho... (salvo os desmoronamentos e maremotos, por exemplo, muito naturais, mas que é preferível evitar...).

A frase “Levanta!” pode ser metaforizada no mesmo sentido da música, cantada por Marinês, “Aboio” (composição de Gilberto Gil e Capinan), ouvida no DC 24-05-2010:

Ecô

Meu povo, tome coragem
Se aventure, se levante
Na arribação deste boi
Se aproxime dos apelos
E chamamento
Do canto do boiadeiro, oi

Levanta, meu companheiro
Boi Fulorô e Judeu
Levanta, Maracajá
Boi Estrela, Boi Espaço
Boi da serenidade
Da vida que Deus me deu

Ecô

Levanta, meu Boi Remanso
Desencantado e Chuvisco
Boi Cigano e Desengano
Levanta, Boi Alegria
Acorda, meu Boi Canário
Nas veredas do perigo
(...)
Te dou água e te dou leite
Levanta, Boi Operário
Estrela D’Alva do céu

Ecô

No desespero do mundo
Acorda, meu coração
Levanta, Boi Valoroso
Levanta, meu Boi Desordem
Pra viver o teu destino
De martírio ou salvação

Ecô

(http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php)

No mesmo diário um mestre do CREMG diz: “Cada boi desses é um de nós, é só examinar... tem o Boi Alegria, o Boi Canário...”. Assim, a ordem “Levanta!” tem o sentido de chamamento, de alertar a pessoa, de acordar a pessoa “pras coisas espirituais”, isto é, pra cuidar de sua **evolução espiritual**, sua **transformação pessoal**. Na letra da música ainda percebo a **concepção universalista e a do livre arbítrio**¹⁴⁸: **todos são chamados** (até mesmo “meu Boi Desordem”, ou seja, até mesmo os mais arredios), mas quem **escolhe** levantar (ou acordar) é a pessoa.

A frase dita no mutirão, “Tá bom!”, revela um incentivo e colocação de limite. A réplica “Por enquanto...” mostra a importância da **constância** e do **contínuo cuidado**¹⁴⁹ que se deve ter: como se conduzir e como conduzir a vida. Nesse mesmo sentido há metáforas também em outras frases, ouvidas principalmente nas sessões: “pra não sair do caminho”, “não cair em um buraco” e outras semelhantes.

Ainda no DC 02-09-2007, lê-se:

São 14h56. Na copa do Núcleo Princesa Sama, que deu origem ao Pré-Núcleo Menino Deus. As pessoas, se preparando para lanchar, conversam animadamente. Algumas irmãs, de touca, se colocam atrás de uma mesa para servir o lanche e alguém chama para se formar uma fila para receberem o lanche.

Aqui vejo, mais uma vez, a expressão da alegria (conversam animadamente), a busca de **atender a necessidade** das pessoas (lanchar) e a da **ordem**. Esta se expressa na **maneira** de atender uma necessidade: as irmãs mostram o cuidado com a higiene, pois usam touca e servem o lanche dos que estavam trabalhando (também servindo) em outras tarefas do mutirão; e forma-se uma fila para facilitar a distribuição do lanche. Fica claro aqui a prática da **ordem do amor**, mencionada na sessão (DC 15-11-2010), pelo cuidado de uns com os outros, de **maneira cuidadosa** e, portanto, organizada, tranquila, harmoniosa e alegre, pela satisfação de realizar um trabalho com o objetivo de **servir**, tanto aos presentes quanto aos que ainda virão.

¹⁴⁸ Concepção explicitada no próximo capítulo, no item “**4.1 Livre arbítrio**”.

¹⁴⁹ Concepção explicitada no próximo capítulo, no item “**4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor**”.

3.2.5.1 Construções, utensílios e decoração nas demais áreas do PNMD

Já descrevi nos itens “3.1.2.3 Elementos de arquitetura do salão do Vegetal e seus utensílios” e “3.2.2 Coração, decoração e imaginação” a respeito dos utensílios, da arquitetura e decoração do salão do Vegetal; descrevo agora estes elementos nas demais áreas do PNMD.



Foto 33 – 27-09-2009 – Inauguração da sala do Vegetal (DMD – PNMD)

No DC 12-06-2010, lê-se:

O mestre A. me chamou e mostrou a marcação ao redor da fornalha para a próxima construção: a copa provisória, onde será posteriormente o berçário. Conversamos uns instantes a respeito da ventilação e, ao mesmo tempo, portas e janelas teladas para impedir a entrada de insetos.

E, no DC 24-05-2010, a respeito

da construção da casa do zelador, depósito de ferramentas e ampliação da cobertura do templo¹⁵⁰, devida ao crescimento da irmandade. (...) da construção da fornalha que foi inaugurada neste Preparo. (...) o vice-presidente, junto com os irmãos, levantaram recursos e construíram a fornalha com um teto de lona, calçado com estacas e cordas.

Aqui se percebem atividades de construção de algumas obras e de levantamento de recursos, já descritas neste capítulo a respeito dos mutirões e desmembramentos e, as respeito das promoções descrevo melhor no item “3.3.2.2.7 Departamento de Promoções”.

Por normas do órgão Brasileiro de Vigilância Sanitária (ANVISA), construíram-se, provisoriamente, duas salas para manuseio e armazenamento do Vegetal (Foto 33). Posteriormente serão transformadas em sanitários para as crianças. Portas de aço, grades e teto de alvenaria para maior segurança, prateleiras para armazenamento de recipientes com Vegetal na sala da esquerda, na da direita uma pia com torneira alta para higienização do material, o filtro, recipientes com Vegetal e outros materiais (copos, peneira etc.) em caixas plásticas. Uma torneira ao lado das portas facilita a colocação de mangueira e lavagem de outros objetos ou higienização de quem for manusear o Vegetal. Esse manuseio trata-se da retirada do Vegetal dos recipientes onde foi armazenado após o Preparo e o chá é coado para retirada de “borra”. É importante destacar a data da inauguração desta sala: 27-09-2009, dia de São Cosmo e São Damião, dois santos que curavam as pessoas. Assim, fica clara a ligação entre a higiene e a saúde.

Ainda nessa foto, percebe-se o sanitário com telha transparente (à esquerda) para melhor iluminação e, à direita, a telha transparente é sobre o berçário provisório, cuja porta de entrada não é visível nesta Foto (fica à direita da torneira externa); o estacionamento, quase imperceptível, no lado esquerdo da construção.

A Foto 34 mostra o banheiro masculino (entrada à esquerda) e o feminino à direita. Por trás dos mesmos está o berçário (de alvenaria) conectado com o redário telado (não se visualiza nesta foto).

Na Foto 35, tirada do estacionamento, percebe-se, à esquerda, a parte telada do redário, com cobertura de lona e os banheiros; à direita, o templo.

¹⁵⁰ É provisório e foi ampliado porque não mais comportava os frequentadores.



Foto 34 (DMD – PNMD)



Foto 35 (DMD – PNMD)

A Foto 36 é da copa (área aberta, que serve de refeitório e lugar de convivência) e cozinha. À esquerda superior da foto (e ao fundo), percebem-se pessoas sentados em cadeiras e a mesas de plástico cobertas por toalha, degustando um jantar servido após um casamento.

Ao lado direito deste canto da foto (num plano mais próximo), percebem-se os enfeites de origami e estrelinhas de papel, também pendurados em cordões, que antes enfeitavam o templo e, agora, enfeitam a copa. Ainda à esquerda, percebem-se lixeiras, que são utilizadas para separação de resíduos orgânicos (que são transformados em adubo), plástico e outros. A cozinha, com paredes de madeira compensada, pintada de verde claro internamente e de azul por fora; a vizinha à copa está ornamentada com dois murais (um do Pré-Núcleo, outro da Associação Novo Encanto) e borboletas decorativas e possui uma janela, que permite maior ventilação do ambiente e contato funcional com a copa. Pela porta, percebe-se uma janela, mas há mais uma (não perceptível na foto) em frente à da parede azul.



Foto 36 (DMD – PNMD)

No DC 02-09-2007, trecho que intitulei “Crianças e irmãs pela trilha”, lê-se:

Sm.: “Registrar, aqui, as crianças que tão vindo visitar o terreno do futuro Pré-Núcleo” (um menino na frente e 4 meninas e 4 irmãs em fila indiana pela trilha que liga as duas U.As).

O menino: “não sabia que o terreno era aqui, não”.

Sm.: “não sabia? Sorria, você está sendo filmada! (Sorriram). Manda beijo, manda beijo!” Irmã Mn.: “cadê o Ml. (filho de Sm.)?”

Sm.: “Ml. vem mais tarde. Mn. e sua filhinha mais nova¹⁵¹”.

¹⁵¹ A irmã Re., que era a mais nova no desmembramento, por isso “filhinha”.

(Seguindo Mn. e Re, vinham Ra. e E.)

Sm.: “Sorria, sorria, que você está sendo filmada!” (E. Sorriu).

(...)

Gl. abraçando E., Gl. abraçando e beijando E., M. (companheiro de Gl.) aproximando-se.

Sm.: “grande M.!”

M. : “[...] imagens”.

Sm.: “Bom?” (Ao fundo Mn. de mãos com a filha de 4 anos, dois irmãos cavando dois buracos com boca de lobo, dois colocando um poste na vertical em um buraco).

Aqui, percebo mais duas características da UDV. A primeira, que já mencionei, mas descrevo de forma mais minuciosa no item “**3.5 Crianças, jovens e famílias**”, é a prática dos sócios de **se fazerem acompanhar pelos filhos**. Em casos de exigirem maior atenção dos pais (principalmente das mães), as crianças ficam próximo aos que estão trabalhando, observando-os. Desde novos veem os adultos trabalhando por um objetivo comum, seja o de construir, manter ou melhorar as instalações. Interpreto que essa característica é importante para **favorecer um espírito comunitário solidário** e de busca de evolução material e, em consequência, espiritual e **de transformação pessoal**. A segunda característica é do tratamento amistoso (de **amizade**) e afetivo entre as pessoas, com o bom humor, acolhimento e **alegria** na realização das atividades. Esse clima de alegria é narrado pelo entrevistado CIC&L que, em seu primeiro contato com a UDV (em um churrasco), pensava que lá havia cerveja:

Então eu saí, realmente, procurando aonde tava aquela alegria daquele pessoal, o quê que eles tavam fazendo pra ficar daquele jeito. Porque até durante o dia, você ficar daquele jeito, ou você tava drogado ou então, tava embriagado. E eu procurei e realmente não encontrei nada. Sentei num canto lá na grama e fiquei só observando aquele pessoal, aquele movimento. Eu falei ‘gente, que coisa linda! Tem que ter alguma coisa por detrás disso, isso não é normal!’ (Entrevista CIC&L 22-08-2010).

3.2.6 Bom humor

Este **subitem** poderia ser um **item**, pois é percebido em diversas atividades da UDV, contudo, minha opção em colocá-lo aqui é porque é mais perceptível nos trabalhos voluntários do que nas sessões. No DC 25-04-2010, a respeito de uma sessão de adventício, lê-se:

“Na União do Vegetal também tem o bom humor”. Foi colocada uma gravação onde foi contada uma história por um mineiro, a respeito de uma encenação da Crucificação de Jesus, onde o personagem principal não foi crucificado, pois, após insistentes pedidos em vão ao soldado para que parasse de lhe surrar, se engalfinhou com o mesmo. Este havia bebido um litro e meio do vinho da sacristia e batido de verdade no outro personagem.

E no acréscimo ao DC 15-04-2010, lê-se:

Foi contado pelo dirigente da sessão a respeito de um mestre que estava presente e que dirigira umas palavras. Que, na primeira vez que bebeu o Vegetal, perguntou a respeito da vaca. “Que vaca?”, perguntou o dirigente. “A minha vaquinha...”, respondeu o então adventício. “Não, não é vaquinha; é ‘a minha barquinha!’”, explicou o mestre. Foi a chamada da Barquinha, feita naquela sessão.

Os acontecimentos cômicos nas sessões (principalmente) e no âmbito do CEBUDV são contados em outras sessões (próximo do fechamento das mesmas), trazendo um clima de bom humor que se prolonga após as mesmas. Outros episódios semelhantes foram: o da sócia que perguntou das “moscas” que fala a chamada e o dirigente respondeu que não tem moscas na chamada, mas, sim, “mariposas”; e o do adventício que, ao ser perguntado se “tem burracheira”, respondeu: “não, eu sô mecânico; borracheiro é o meu irmão”. Esses “mal-entendidos”, esclarecidos são parte do sistema cultural do CEBUDV, que tem o bom humor como recurso didático para cativar as pessoas.

E, no DC 02-09-2007, trecho intitulado “bom humor”:

Sm.: “diz alguma coisa!”
 CDC C., carregando uma estaca: “uma coisa”.
 Sm.: “eu falei alguma coisa!”
 CDC C.: “alguma coisa”.
 H., barbudo e cabeludo, carregando um poste. Sm.: “fala, Bin!”, fazendo referência a Osama Bin Laden pela aparência. H. levantou o polegar.
 Alguém: “Osama”.

Este era um discípulo antigo, que havia se afastado da UDV e veio auxiliar, espontaneamente, nas obras do desmembramento. No Norte do Brasil, os discípulos (principalmente do CI, CDC e QM) costumam usar cabelo curto (ou, pelo menos, não comprido) e não usam barba; já, em outras regiões se observam critérios diferentes. Por isso, a brincadeira de alguns o chamando de Bin Laden e ele, aceitando a brincadeira de bom grado. Na Foto 37, observa-se um sócio mostrando como se deve fazer alguma coisa a dois que

observam; outros conversam e outro, sorrindo, descansa à sombra da vegetação. Assim, quem sabe mais, orienta mais; e muitos aprendem com alegria e bom humor.



Foto 37 – 2007 (DMD – PNMD)

Ainda no DC 02-09-2007: “Uma árvore sendo derrubada quase atingiu alguém. M.R.: ‘é melhor escapar fedendo, que morrê cheroso!’ (risos).” Esta é uma frase típica de Manaus, quando alguém escapa de alguma situação perigosa ou difícil.

Em mais um trecho do DC 02-09-2007, lê-se: “Operador: ‘essa câmera tá muito boa, tá pegando até a cárie!’ (Imagem de Sm., que sorriu mais ainda e falou pra filmar outro irmão). Operador: ‘Eu filmei ‘inda agora, olha aí, uma caspa ali, ó!’ (Imagem de algum cisco na cabeça molhada de suor de Sl.)”. Aqui, a brincadeira com a filmagem, que é realizada esporadicamente no âmbito da UDV: em momentos importantes como este, de mutirões para a construção das instalações do Pré-Núcleo Menino Deus.

É provável esse bom humor na UDV tenha origem em uma característica do principal líder da seita, o Mestre Gabriel¹⁵², a quem é atribuída desde a infância: a alegria. Isso é narrado, entre outros, por um irmão do Mestre Gabriel. Segundo Edson Lodi,

¹⁵² A respeito desta e de outras características suas, explico mais no item “4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos”.

Mestre Antônio Gabriel recorda outro acontecimento que demonstra a capacidade de José Gabriel de se livrar das surras de seu pai com a rapidez e a alegria que lhe eram peculiares.

— Meu pai gostava de bater e mãe não batia. Eu, pra dizer a verdade, nunca vi José apanhar. Meu pai vinha para bater nele e não conseguia; ele era muito rápido. E não corria com raiva, era sorrindo, fazendo graça. Certa vez, meu pai quis bater nele, pegou um renho¹⁵³ e lap! José pulou de um lado para outro e disse, brincando, com meu pai:

— Que é isso, seu Manuel Gabriel da Costela? O senhor quer me bater?

— Meu pai chamava-se Manuel Gabriel da Costa, ele chamou meu pai de Manuel Gabriel da Costela. Meu pai começou a sorrir. Ele fazia o povo sorrir. Como é que ia bater num menino assim? (LODI, 2004, p. 49).

3.2.7 Espelho

De modo semelhante ao subitem anterior, este **subitem** também poderia ser um **item**, pois é percebido em diversas atividades da UDV, contudo, minha opção em colocá-lo aqui é porque é mais perceptível nos trabalhos voluntários do que nas sessões. No trecho do DC 02-09-2007, intitulado “Espelho”:

O futuro presidente do PN cavando um buraco e dois assistindo.

Sm.: “Ó, tem que registrar o mestre como espelho dos discípulos”. (...)

MR colocando água para preparação da argamassa. (...) MR misturando a massa com enxada.

Sm.: “vamo lá! 1ª massa do futuro PN, feita pelo MR. De contador a pedreiro”.

CDC L. colocando água na massa enquanto continuava a ser misturada.

MR: “aqui, ó! Bota aqui!”

CDC L.: “[...]”, fazendo um gesto pro MR, indicando como melhor misturar a massa.

Quero destacar que essa conduta do MR não foi isolada e que, quando anteriormente em cargo de Presidente, participou ativamente não só na organização das atividades de construção do templo, mas também nas tarefas braçais. Nessa transcrição, o **espelho** que tem o sentido “modelo a ser seguido; exemplo” (HOUAISS, 2001), trata-se de alguém que, além de possuir curso superior e ser o MR do Núcleo e de realizar um trabalho de pedreiro, dá ouvido a um sócio do CDC, pois este é mais experiente na atividade: mostra, assim, que

¹⁵³ Renho no original, linguagem cabocla de “relho”.

mesmo quem está em um grau hierarquicamente maior que outro, deve também aprender com este; desta forma, dá-se o exemplo de como é que se deve agir.

Assim, na UDV se ensina e se aprende a importância de cada coisa e cada pessoa ter o seu lugar. E, neste sentido, se ouve na UDV uma frase que sintetiza este item “b)” e que está escrita na Agenda 2011 – UDV 50 anos: “Cada um faça por si pra receber o que é seu” (CEBUDV– DG, 2011).

3.3 Estrutura hierárquica e concepção de “autoridade”

Segundo o DC 09-05-2010, “Existe uma hierarquia na família, como existe na Natureza”. Interpreto que é dessa ligação com a Natureza, proveniente da origem da UDV, que ela possui essa concepção da “hierarquia como natural”. E que se estende aos seus dois âmbitos: espiritual e material. Ligada a essa está a concepção de “autoridade”.

A UDV concebe “autoridade” como alguém que está em um lugar mais alto hierarquicamente, portanto, deve ter mais conhecimento e mais poder, como nos casos de MR, MA, Presidente do Núcleo e assim por diante. Um Mestre do CREMG diz: “Quando entregava a camisa com a estrela de mestre a uma pessoa, o Mestre Gabriel dizia: - Essa estrela significa que o senhor já pode ser guia de alguém e se prepare para receber o Mestre” (DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio). Como já explicitiei, quanto mais alto se sobe na hierarquia, maior deve ser a capacidade de servir.

E este rigor que vigora na instituição inicia pelo “pai” da UDV, o Mestre Gabriel¹⁵⁴, a quem se atribui rigor moral (consigo próprio e com seus discípulos), de cumprimento com a palavra e zelo pelo bem das pessoas, sem discriminações nem proteções. Ao mesmo tempo, com simplicidade e alegria. E é este rigor que vigora também em relação à hierarquia, segundo o “grau de memória”: para chegar ao Corpo Instrutivo o discípulo precisa demonstrar um certo grau de coerência com a doutrina, de “prática fiel”; para chegar ao Corpo do Conselho, o grau de coerência e prática tem que ser maior ainda; e, para o Quadro de Mestres mais ainda. E esse “grau de memória” interpreto como sendo a “Luz na consciência” que cada

¹⁵⁴ Explicitei melhor a respeito dele no quarto capítulo, no item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**”.

um já adquiriu, a doutrina que já conseguiu internalizar, ou seja, efetivamente apreender; ou, ainda, a capacidade de amar que cada um já tem.

E, na instituição, há um zelo com essa concepção, coibindo abusos de poder. De acordo com Gentil e Gentil,

Nos documentos, há uma série de artigos que asseguram o controle institucional contra o abuso de autoridade dos discípulos do Quadro de Mestres. Por exemplo, o item que afirma: “Qualquer mestre que se julgar com o direito de abusar de seu privilégio será advertido pelos demais, em caso de reincidência, será punido por desobediência, a critério da Administração”.

Da mesma maneira, assim como o discípulo ascende na hierarquia, independentemente do grau que esteja ocupando, também pode ser rebaixado de grau ou afastado da Instituição se for enquadrado em uma das leis. Até mesmo o Mestre Geral Representante, autoridade máxima do Centro pode ser afastado se houver motivo para tanto (GENTIL; GENTIL, 2004, p. 564).

Quero destacar que, segundo minha interpretação, mesmo que seja importante a existência de leis coibindo abusos, o controle é exercido **não pelo artigo**, mas **pela cultura** da instituição, que é uma cultura rigorosa a respeito do cumprimento das leis da mesma.

A própria estrutura organizativa contribui com esta cultura, com os rodízios nos cargos e com a existência de um Quadro de Mestres e um Corpo do Conselho, que formam a **Direção** da UA, que, além de eleger o MR, **direcionam** a condução do rebanho juntamente com o MR. É importante destacar aqui, o peso **e o valor** da companhia do Mestre, que em geral é também **Conselheira** (e, portanto, faz parte do Corpo de Conselho). Faço essa distinção entre ser **Conselheira** e fazer parte do Corpo do Conselho, pois ela também é feita na UDV. Lembrando as afirmações do Mestre Gabriel de que “o conselho pode vir até da boca dum bêbado” (DC 03-10-2010) e de que “o Corpo do Conselho é um lugar mais alto na União do Vegetal”, e as frases no momento em que a pessoa recebe a camisa do Corpo do Conselho no sentido de ela “buscar ser um(a) conselheiro(a)”, “conselheiro é pra apagar o fogo dos conflitos” (DC 03-10-2010). Explicito estas frases. A primeira, “o conselho pode vir até da boca dum bêbado”, aponta para a importância de “se colocar sempre no lugar de aprendiz” e, portanto, de como o discípulo deve se portar e, cada vez mais quem está em grau hierárquico mais alto: buscar ouvir os conselhos e buscar sempre aprender e, portanto, não agir de acordo com o seu modo de ver a realidade sem ouvir o que os demais opinam. As outras frases, “o Corpo do Conselho é um lugar mais alto na União do Vegetal”, “buscar ser

um(a) conselheiro(a)”, “conselheiro é pra apagar o fogo dos conflitos” mostram que, para estar a altura de ser um conselheiro, deve-se **pacificar**: ser um conselheiro é ser um pacificador. Assim, essas concepções e estrutura organizativa são importantes no direcionamento das pessoas em buscar se harmonizar umas com as outras e facilitam a busca de diálogo, entendimento e administração consensual e, portanto, auxiliam a evitar o abuso de poder.

Outra face da mesma **moeda da busca da paz** é a concepção de que se deve **ter respeito às autoridades constituídas**, pois, incentiva a que os subalternos não se revoltam contra os superiores, mesmo sabendo que “é sujeito que eles sejam injustos”. Mas essa concepção não incentivaria a subserviência? Sim, se fosse isolada, mas é contrabalanceada pela concepção da **liberdade de pensamento**, expressa na frase dos documentos lidos nas sessões em relação ao Mestre: “aquele que não estiver de acordo, não deve acompanhá-lo”.

Além disso, existe a concepção da Justiça Divina, “o merecimento”, “o plantio e a colheita”: “tudo o que se planta se colhe”¹⁵⁵. Assim, se alguém tem um superior injusto é porque está merecendo e o superior injusto, um dia irá colher pelo mal que plantou. Assim, há um incentivo da busca da paciência “pra receber o que é seu”. E ainda, desta mesma concepção da Justiça, percebe-se que **não se deve ser conivente com a injustiça**, mas que a maneira de combater a injustiça é com “Luz, Paz e Amor”. Isto é, com “Luz, Paz e Amor”, o injusto pode acordar e passar a ser justo, ou os injustiçados perceberem a injustiça e colocarem alguém no lugar de autoridade “que esteja de verdade no lugar de ser autoridade”.



Foto 38 – Quem planta, colhe

¹⁵⁵ Explicitada no quarto capítulo, no item “4.12.1 De vítima a merecedor”.

A Foto 38, de uma camiseta de uma promoção, ilustra a concepção do plantio e da colheita.

3.3.1 Espiritual

A estrutura hierárquica espiritual é a estrutura evidentemente mais importante, pois se trata de uma sociedade religiosa. Se houvesse uma inversão neste aspecto, deixaria de ser religiosa e passaria a ser burocrática ou administrativa. Porém, sendo religiosa e com uma concepção de **hierarquia por merecimento e grau de memória**, não pode ter em cargos administrativos pessoas que não estejam de acordo com a necessidade a ser administrada.

A autoridade máxima em um Núcleo é o Mestre Representante, que é “o pastor do rebanho” (extraído dos documentos lidos nas sessões) e tem, por função, zelar pelo “desenvolvimento espiritual dos discípulos”. Ele é, no Núcleo do qual faz parte, o representante do Mestre Geral Representante (MGR), que é o representante do Mestre Gabriel. Portanto, **a atribuição espiritual é do Quadro de Mestres**, que tem o Mestre Representante enquanto seu principal responsável. Eles formam o departamento de **Doutrinação e Limpeza Geral**: suas atividades só podem ser exercidas por eles; por isso que, no caso de algum ser afastado do QM, automaticamente estará fora desse departamento; e voltará a integrá-lo quando for reconduzido ao mesmo. Atualmente, o QM e o CDC (que são a Direção do Núcleo ou Pré-Núcleo) elegem o MR por voto secreto a um mandato de três anos.

Quando houver dois ou mais núcleos, é designado um Mestre Central para “cuidar da disciplina” dos mesmos: forma-se, assim, uma região, que é “desmembrada” de outra. É assim que, da 2ª região, desmembrou-se a 16ª região (formada, deste modo, pelos núcleos do estado de Roraima). Este cargo de MC é subordinado ao (e seu ocupante designado pelo) MGR, que ouve o QM da região (pelo que escutei, é, na prática, o QM quem o escolhe).

Assim como o cargo de Organ, que é atribuição das conselheiras. Não é condição, mas é de bom alvitre que pessoas da Diretoria ou do Conselho Fiscal sejam do QM, CDC ou do CI. Como garantir que uma pessoa que não esteja em um desses lugares¹⁵⁶ terá responsabilidade para cumprir com as atividades do cargo? Para galgar esses degraus hierárquicos espirituais existe todo um processo que dura alguns anos. Em geral, pelo menos

um ano para o sócio chegar ao CI; no mínimo três para chegar ao CDC; e mais no mínimo três para chegar ao QM. É **um tempo para a pessoa mostrar, através da prática, que “tem grau pra chegar no lugar”**, ou seja, que tem capacidade (chegar ao lugar) de conduzir o rebanho.

De forma semelhante e coerente, a pessoa não poderá continuar em cargo nenhum se for afastada da Comunhão do Vegetal; podendo ser reconduzida ao cargo antes ocupado, quando for autorizada a voltar a comungar a Hoasca e demonstrar que pode desempenhar o mesmo de modo satisfatório. Observei casos de pessoas que haviam sido afastadas da Comunhão do Vegetal e que resolveram “dar um tempo” (e se afastaram do âmbito da UDV por algum período) e outras que continuaram frequentando e participando ativamente das atividades, inclusive de sessões. Só não tinham, naquele momento, o direito de beber o chá e, portanto, de perguntar ou falar em sessão. Neste caso, voltaram a ter o direito antes do que os primeiros.

Erich Fromm (1980) já falava da característica predominante da sociedade ocidental atual de buscar o “ter” e não o “ser”. Entendo que essa característica é o fundamento da cultura beligerante, pois na busca de “ter” mais posses é que alguém faz a guerra.

Semelhantemente a certas etnias e certas instituições, a UDV busca “ter” só o necessário para a sobrevivência. Terra para plantar Mariri e Chacrona e construções necessárias para uso dos sócios: templo, casa do preparo (em certos Núcleos é dentro do próprio templo), sanitários, copa, lugar para refeição, casa do zelador, áreas de esporte e lazer. Mas a ênfase é no “ser”, o desenvolvimento espiritual e o “ter”, nessa cultura, está subordinado ao “ser”. Assim que o responsável pelo Núcleo é o Mestre Representante que é responsável pelo “zelo e limpeza do rebanho” (metáfora do trabalho espiritual) e o Presidente (geralmente um Mestre) é subordinado ao mesmo.

3.3.2 Administrativa

3.3.2.1 Diretoria

Há a necessidade legal da Diretoria (para fazer registro em cartório do novo Núcleo ou Pré-Núcleo, contratação de um Zelador e de um Contador etc.). A Diretoria, eleita em

¹⁵⁶ Mesmo estando em um desses lugares hierárquicos não garante que a pessoa irá cumprir, a contento, com as

assembleia geral dos sócios por um mandato de três anos, é composta por um **Presidente** (responsável juridicamente pelo Núcleo), Vice-Presidente, um primeiro Secretário e um segundo Secretário, um primeiro Tesoureiro e um segundo Tesoureiro, e um Responsável pelo Patrimônio. É eleito juntamente com ela, mas independente dela, um Conselho Fiscal (composto por um membro e dois suplentes).

As reuniões da Diretoria são realizadas geralmente uma vez por mês (no NPS e no PNMD em geral por volta de 17h, antes da 2ª sessão de escala; isso é para que a Tesouraria possa fechar o balancete do mês anterior e submetê-lo ao Conselho Fiscal e lê-lo na reunião). São reuniões abertas aos frequentadores (mesmo aos não sócios), sendo que os sócios têm direito a voto e todos têm direito a voz, independente do grau hierárquico que ocupam ou se não são sócios ainda.

O Presidente (ou o Vice-Presidente) inicia a reunião, propondo a pauta da mesma. Nesta pauta geralmente constam a leitura e a aprovação do balancete do mês anterior. Os outros assuntos são a respeito mais de melhorias materiais (manutenções e construções) do Núcleo ou Pré-Núcleo e de promoções para levantamento de recursos para tanto. Mais raramente são tratados outros assuntos como, por exemplo, a leishmaniose que tinha acometido algumas pessoas do NPS e do PNMD em 2009.

3.3.2.1.1 Presidente e Vice-Presidente

Responsável juridicamente pelo Núcleo, em sintonia com o MR, convoca as reuniões de diretoria, planeja e busca executar ou fazer executar o planejamento das atividades materiais: construções, manutenção. Geralmente essas atividades são realizadas em **mutirões**.

É recomendável que, para ser MR, tenha sido Presidente, porque conhece melhor os discípulos (seu caráter, consciência, grau de memória). Pede-se ao discípulo para fazer algum trabalho, a pessoa diz que vai fazer e não faz ou faz mal feito, ou faz bem feito; ou não sabe como fazer e não quer aprender ou não sabe, mas mostra interesse em aprender.

3.3.2.1.2 A tesouraria

Arrecada as mensalidades e realiza pagamentos das despesas. Apresenta balancetes mensais e anuais do movimento de caixa. Não abre dia 22 de julho, aniversário da UDV. Em outros dias, realiza suas tarefas de acordo com as necessidades e possibilidades suas e dos sócios, abrindo após as sessões.

3.3.2.1.3 A secretaria

Segundo o Informativo Mensageiro do PNMD,

Cabe à Secretaria:

- Zelar para que a Documentação do Centro esteja sempre em dia;
- Assinar juntamente com o Mestre Representante, ou com o Presidente, as correspondências oficiais do Centro;
- Lavrar atas e providenciar registro das mesmas, quando necessário;
- Providenciar e responsabilizar-se pela expedição e recebimento de correspondências internas ou externas do Centro;
- Manter atualizados o Livro de Sócios, Livro de Adventícios, Livro de Visitantes;
- Auxiliar o Mestre Representante, o Presidente e demais membros da Diretoria, quanto ao atendimento de solicitações nos prazos estabelecidos pela Sede Geral, Diretoria Geral ou Adm.¹⁵⁷ Central;
- Presidir as Assembleias e reuniões da U.A., na ausência do Presidente ou Vice-Presidente;
- Manter a Sede Geral, Diretoria Geral e Administração Central atualizados sobre informações da U.A. (Mestre Representante, endereço, composição de diretoria, conselho fiscal, convocação, afastamentos de membros da direção);
- Coordenar serviços de comunicação do Centro: leitura de Avisos, organização de mural, redes de comunicação;
- Colaborar com o censo anual do CEBUDV [sic] (CEBUDV – PNMD, 2008(b)).

Além dessas atribuições, observei ainda que a secretária (no PNMD tem sido do sexo feminino) guarda documentos recebidos de outras instâncias (MGR, Diretoria Geral, Mestre Central, Núcleos ou Pré-Núcleos e outras) e emitidos pelo MR e pelo Presidente do Núcleo ou Pré-Núcleo; redige os documentos para que o MR, o MA e o Presidente assinem; lê documentos nas sessões; e anota quem dirigiu as sessões, as chamadas que foram feitas e quem as fez.

3.3.2.1.4 Diretor do Patrimônio

Registra o patrimônio do Núcleo ou Pré-Núcleo adquirido, perdido ou danificado e comunica ao Presidente.

3.3.2.1.5 Conselho Fiscal

O Conselho Fiscal não faz parte da Diretoria, mas coloco como subitem desta, pois, ele fiscaliza todos os atos materiais da mesma, principalmente os balancetes mensais e anuais do movimento de caixa elaborados pela Tesouraria, verificando se estão devidamente comprovados. Caso não estejam de acordo, não os aprova até o cumprimento das normas legais; em estas sendo cumpridas, recebem sua aprovação.

3.3.2.2 Departamentos

Embora os departamentos não apareçam com registro legal como as pessoas que ocupam os cargos da Diretoria, coloco-os como subitem da “3.3.2 Administrativa” por estarem subordinadas aos MR e ao Presidente da Diretoria com o objetivo de melhor administrar (organizar e executar) as atividades na UDV.

Alguns departamentos na UDV surgiram pela **necessidade** dela continuar existindo. Por seu sacramento ser a ingestão de um chá com propriedades que alteram a consciência, foi alvo desde seu início de investigações e proibições, conforme explicitarei no primeiro capítulo: daí surgiram principalmente o Departamento Jurídico e o DEMEC, e, de certa forma, também o de Beneficência. Outros, simplesmente pela necessidade de melhor organização, de acordo com as próprias concepções da instituição: Departamento de Doutrinação e Limpeza (espiritual), Departamento de Plantio (de Mariri e Chacrona), DMD e de Promoções.

3.3.2.2.1 Departamento de Doutrinação e Limpeza (espiritual)

Como já expliquei, é atribuição do QM.

¹⁵⁷ Administração.

3.3.2.2 Departamento de Plantio (de Mariri e Chacrona)

De acordo com DC 15-11-2010, um palestrante do I Congresso do Plantio afirmou que, segundo um estudo de 2005 realizado pelo departamento, para a Comunhão do Vegetal, há uma necessidade de um (hoje 0,7) pé de chacrona, dois pés de mariri e 0,37 metros cúbicos de lenha por sócio por ano. Portanto, existe a necessidade do desenvolvimento do plantio do mariri e da chacrona que, sendo plantas nativas da floresta amazônica, necessitam de zelo mesmo na região de origem, e que, em outras regiões como sul e nordeste, requerem bem mais trabalho.

A Foto 39, de uma camisa elaborada pela ocasião do I Encontro do Plantio em São João da Baliza, no estado de Roraima, em 2004, que já mencionei no início deste capítulo, mostra um pé de chacrona que brotou dentro de um orifício de um pé de mariri. A frase “Força e Luz que nos Conduz” mostra a concepção que explico no próximo capítulo, no item “4.15 Força e Luz”.



Foto 39 – Camiseta do I Encontro do Plantio

O Pré-Núcleo Menino Deus possui mariri que já estava plantado quando adquiriu o seu terreno, contudo, necessita de zelo, pois tem em grande parte apenas a grossura de pouco

mais do que um polegar. O chacronal teve um plantio de mudas suficientes, contudo, necessita de tempo e cuidado para crescer. A lenha utilizada em preparos é adquirida ou retirada de árvores caídas por ação do vento.

O **zelo** com o mariri abrange algumas atividades.

A de **identificação** é a constatação de que é mesmo mariri e não outro cipó, pois, por vezes, encontram-se cipós semelhantes e ouvi algumas (raras) narrativas de que pessoas de outros núcleos já prepararam Vegetal e que não sentiram burracheira, constatando, então, que não se tratava de mariri. Assim, conhecer o cipó é um dos aprendizados importantes para a UDV. A identificação, que inclui a contagem do mariri, é seguida de outras atividades.

A de **adubação** é realizada com composto orgânico feito no próprio Pré-Núcleo, com restos de alimentos e folhas caídas para que se desenvolva vigoroso e sadio; há fortes recomendações do Departamento do Plantio de não se utilizarem adubos químicos. Aqui, mais uma vez, percebo a evitação da utilização de meios artificiais, como a concepção do grupo de **ligação com a Natureza**.



Foto 40 – 1º Preparo de Vegetal do PNMD no terreno do PNMD (DMD – PNMD)

A Foto 40 mostra pessoas colhendo mais chacrona para o Preparo, pois se havia percebido mais um pé de mariri que necessitava ser colhido para não ser desperdiçado. Aqui se percebem, de modo claro, duas guias de mariri subindo “no sentido da força” em cordas (que foram penduradas em árvores).

O mariri necessita ser **guiado**, em geral, com fios amarrados em algum peso (pedra ou pedaço de pau) e arremessados sobre algum galho de árvore; retiram-se os pesos e atam-se em alguma estaca cravada no solo ou vegetação próxima ao mariri; podam-se as “guias” (brotos) menos vigorosas, deixando três guias e enroscando-as nos fios; assim, as guias “sobem” pelo fio até a copa das árvores, recebendo, então, mais luz do Sol. Lê-se no DC 21-02-2010: “À tarde, depois de um longo período pós leishmaniose, reiniciaram-se os trabalhos do plantio. Cortaram-se vegetação baixa, preparando o terreno para plantio de chacrona. Podou-se mariri para que algumas de suas guias possam subir nas árvores próximas”.

Percebo aqui uma metáfora com o crescimento espiritual que é objetivo do Centro: as pessoas também são **guiadas** para poder se desenvolver bem; a poda dos ramos pode ser metaforizada como o **corte** de condutas indesejadas, isto é, o domínio de si, a transformação “de vícios em virtudes”; recebendo mais a luz do Sol (mais consciência) e, assim, se desenvolvendo mais ainda. Acrescento, ainda, que as guias do mariri crescem subindo “no sentido da força” (sentido anti-horário ou “da direita pra esquerda”). Escutei uma explicação de que o “sentido da força” é o sentido em que a terra gira. Percebo aqui, mais uma vez, a importância da **observação da Natureza** nas concepções da UDV: a circulação no salão durante a sessão é feita obedecendo a esta observação.

A atividade de **plantio** de mariri propriamente dita consiste em cavar covas, colocar terra adubada nas mesmas e plantar as mudas de mariri. Estas já foram feitas previamente, a partir de sementes ou de estacas. Há também a orientação do Departamento do Plantio de se produzirem mais mudas a partir de sementes (que é o processo mais desenvolvido pela própria **Natureza**); mas, ainda há casos em que se produzem mudas ainda a partir de estacas, principalmente quando se prepara o chá com mariri nativo da floresta (neste caso as mudas são feitas no próprio preparo).

O combate às “pragas” é feito com recursos **naturais** através de conhecimento dos caboclos e de conhecimentos de pesquisas científicas de agroecologia (descrevo só uma prática neste sentido no parágrafo a seguir). Aqui não cabe descrever esses recursos; o importante é destacar, mais uma vez, a concepção do grupo de **ligação com a Natureza**.

Aprende-se com a Natureza: a servir, assim como as águas, o ar e os vegetais nos servem, assim também se deve servir ao próximo – todos os seres humanos, incluindo a si mesmo (cuidando da alimentação etc.) – a serem harmoniosos como a Natureza. Não se vê na UDV os aspectos de competição na Natureza, como no caso de animais predadores, mas sim os de **complementaridade**. A prática que se utiliza em diversas UAs tem base na Permacultura. Esta é uma concepção surgida na Austrália que preconiza uma Cultura Permanente agrícola ou agropecuária. Observando-se a Natureza, percebeu-se que há um equilíbrio na riqueza da biodiversidade, onde uma espécie depende das outras para sua melhor saúde e crescimento e até sobrevivência. Tive oportunidade de conhecer, em um curso na UDV, o IPA (Instituto de Permacultura do Amazonas) que está em uma extensão de terra que, além de degradada por uma prática agropecuária ocidental contemporânea ainda predominante, estava compacta por ter servido de área de prática de direção de tratores aos alunos da Escola Agrotécnica. Com técnicas de Permacultura (portanto, sem utilização de agrotóxicos e de adubos químicos), em quatro anos já estavam com plantas (árvores, inclusive) produzindo frutos, com criação de aves, coelhos e peixes.

Há na UDV os que ainda não conhecem esta nova concepção, mas no II Congresso Internacional da Hoasca, apresentou-se um trabalho do Departamento do Plantio (responsáveis nacionais) com recuperação de florestas com sistemas orgânico-ecológicos. Interpreto que esta opção dos responsáveis do departamento, bem como a existência da Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico¹⁵⁸, ligada à UDV, têm a ver com a cosmologia da seita, que preconiza uma vida de harmonia entre os seres humanos onde **todos são importantes** e que **a diversidade entre os humanos é a sua riqueza**. Portanto, o ensino do amor e da tolerância está vinculado à valorização da Natureza.

3.3.2.2.2.1 Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico (ANEDE)

Da concepção de que “superior é servir” e que a natureza serve o homem, surgiu a ANEDE. A Foto 41 mostra a água, o firmamento com nuvens e a vegetação, necessários para a sobrevivência da humanidade e, por isso, devem ser preservados. Esta Associação vem desenvolvendo o ecoturismo, eventos culturais, cursos de capacitação,

¹⁵⁸ Descrita no próximo item.

contribuindo para a conservação e a recuperação da Biodiversidade. Ela possui uma Carta de Princípios e um site: <http://www.novoencanto.org.br/>.



Foto 41 – (Fonte: www.udv.org.br)

E o site da UDV explicita que:

No sentido de estabelecer uma ação constante em defesa do meio-ambiente, a direção da União do Vegetal criou, em 1990, a Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico, entidade que concentra os trabalhos de formação de uma cultura ecológica e de preservação da biodiversidade. (<http://www.udv.org.br/Associacao+Novo+Encanto/A+natureza+e+o+sagrado/71/>).

Coloco este item nesta tese pela sua importância no contexto da instituição, contudo, na etnografia que realizei no PNMD, pela priorização de atividades de construção e pela leishmaniose que impediu por quase um ano os trabalhos no próprio plantio de mariri e chacrona, não observei ação específica da ANEDE. Coloco aqui como subitem do Departamento de Plantio porque, na prática, são as mesmas pessoas que fazem parte deste departamento e desta Associação.

No município de Lábrea, no Amazonas, divisa com o Acre, a 140 km de sua capital, Rio Branco, existe uma reserva extrativista aos cuidados da UDV, através da ANEDE, chamado de **Seringal Novo Encanto**, conforme ilustram as Fotos 42 e 43.

Foto 42 – (Fonte: www.udv.org.br)Foto 43 – Mapa do Seringal Novo Encanto (Fonte: www.udv.org.br)

3.3.2.2.3 Departamento de Memória e Documentação (DMD)

Segundo o Informativo Mensageiro, foi criado com o nome de Departamento de Patrimônio Histórico em 1988, em 1990 passou a se chamar Centro de Memória e Documentação e, em 1997, com o nome atual. O objetivo do DMD é de

preservar e manter viva a memória da origem da UDV, o seu desenvolvimento institucional e a palavra de M. Gabriel. Tem como atribuição coletar, catalogar e organizar os dados que dizem respeito à expansão dessa obra e disponibilizar as informações de acordo com os critérios do Centro, também no objetivo de auxiliar por meio dos registros históricos, as decisões dos Conselhos da Representação Geral, da Administração Geral e da Diretoria Geral (CEBUDV – PNMD, 2008 (a)).

Como explícito no capítulo a respeito das concepções, a palavra **memória** tem um sentido destacado na cosmologia da UDV: está ligado à consciência, à reencarnação e à recordação das encarnações. Assim, os que voltarem a encarnar poderão ter sua recordação facilitada, ao perceberem o nome, fotos e outros materiais de encarnações passadas; e, daí, a importância da existência do Departamento de Memória e Documentação.

No PNMD, suas atividades desde o início do desmembramento, foram de registros de filmagens e de fotografias, feitos inicialmente por mim, pelo Presidente e por alguns outros discípulos, a pedido do próprio presidente ou do MR. Quando o Pré-Núcleo foi inaugurado em 18 de novembro de 2007, seu DMD já estava mais estruturado, com uma equipe que se formou com pessoas qualificadas profissionalmente na área e vem produzindo também, além desses registros, os informativos.

3.3.2.2.3.1 Os informativos

É uma tradição, desde o primeiro Auto-falante¹⁵⁹, a elaboração de informativos no CEBUDV. São veículos de informação e comunicação entre os discípulos, mas não só isso: são, também, frentes de trabalho que mobilizam por vezes algumas pessoas, mas, em geral, diversas pessoas. São monitores ou colaboradores dos DMDs dos Núcleos, regiões ou da Sede Geral os que realizam entrevistas, fotografam, filmam, transcrevem entrevistas, digitam, elaboram textos, os submetem à autorização dos responsáveis hierárquicos, retificam, formatam, editam; em síntese: realizam um trabalho artístico-jornalístico (e muitas vezes de pesquisa) voluntário em que aprendem (e/ou ensinam) a exercê-lo. No Pré-Núcleo Menino Deus esse trabalho é realizado pelo DMD, mas, nos outros, nem sempre é assim, contudo, como é tarefa do DMD registrar diversas atividades e eventos (festividades, solenidades, encontros, mutirões, preparos, promoções, atividades dos departamentos de Beneficência,

Médico etc.), seus componentes estão constantemente colaborando com as edições dos informativos.

3.3.2.2.3.2 O Informativo Mensageiro

No PNMD surgiu com esse nome em 06 de Setembro de 2008. E, de acordo com o MR, mestre Roberto Evangelista, este Informativo é:

Um veículo singelo, pleno de boas intenções e palavras, com a missão maior de integrar e promover a confraternização. O Mensageiro vem vindo, e por isso é bem-vindo, como a serena luz de uma estrela anunciando a paz de uma harmoniosa comunicação. E apesar de ter um formato tablóide, é um imenso espaço livre onde todos nós, haveremos de expressar nossos bons pensamentos e sentimentos (CEBUDV – PNMD, 2008 (a)).

Essas palavras poéticas mostram o objetivo de integração, comunicação harmoniosa e livre à expressão dos bons pensamentos e sentimentos, em síntese, de paz.

Examino um pequeno trecho que veicula sentidos da transformação esperada na UDV:

A União do Vegetal **nasceu** de um **Guia Espiritual** de **origem simples**, que **nos** abriu essa **fonte** de **Luz Divina**, **inesgotável**, **preciosa**, **simples** em sua **essência**, tal o seu **guia**.
Só depende de **nós** nos dispormos pelo **nosso querer**, **abrindo nosso coração**, nos dando assim condições de **penetrar** nos **ensinos** do **Mestre** e fazer disso a **nossa verdade**, o **nosso modo de viver**.
(...) sempre tendo o **olhar** voltado para **si** e sua **transformação**, e a **mão estendida** para **auxiliar a quem precisa** (Ilka Castro - Auxiliar DMD. In: CEBUDV – PNMD, 2008 (b), grifos meus).

Examinando as palavras desse texto, percebe-se a importância de certos sentidos na cultura da UDV. A palavra “**Guia**” (duas vezes) tem o sentido de que existe uma hierarquia espiritual e que, portanto, os menos evoluídos necessitam ser guiados pelos mais evoluídos para receberem mais luz (de modo semelhante ao mariri¹⁶⁰; essa ligação com a Natureza também se expressa na palavra “**fonte**”, que indica a ligação da UDV com a água). O Guia é o “**Mestre**”, isto é, guiar é ensinar (por isso, a palavra “**ensinos**”). A palavra “**Espiritual**” tem o sentido de que **as pessoas são espíritos**. As palavras “**nasceu**”, “**origem**” e “**fonte**” indicando

¹⁵⁹ Nome do informativo do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

¹⁶⁰ Conforme descrevi no item “3.3.2.2.2 Departamento de Plantio (de Mariri e Chacrona)”.

a importância do início, da procedência das coisas, que é espiritual, é a “**Luz Divina**”, que é “**simples**” (duas vezes), “**inesgotável**”, “**preciosa**” e “**essência**”: é a “**verdade**”. A pessoa necessita “**querer**” (“**coração**”) receber essa Luz, esses ensinamentos, e se abre (“**abrindo**”, “**abriu**”) para recebê-los (aqui aparece a palavra “**penetrar**”, revelando um sentido de recepção ativa). Esses ensinamentos são: “**olhar para si**”, buscando a “**sua transformação**”, que é fazer um “**modo de viver**” coletivo (“**nós**”, “**nos**”, “**nosso**”), saindo de uma posição de quem é guiado (recebe) para uma posição de guia (quem serve): “**mão estendida**” para “**auxiliar a quem precisa**”.

Participo do DMD enquanto colaborador, o que facilitou, inclusive, as entrevistas com os sócios mais antigos, que já estão acostumados a elas por parte deste departamento.

3.3.2.2.4 Departamento de Estudos Médico-Científicos (DEMEC)

Na UDV a concepção é de que a cura é recebida pelo merecimento. Contudo, isso não quer dizer que a pessoa vá esperar pela cura simplesmente; é preciso buscá-la. Assim, há narrativas de curas no salão do Vegetal e pelo Mestre Gabriel, mesmo antes da UDV, enquanto Sultão das Matas. Mas não se curou a si mesmo. Buscou “a medicina”. Por isso que os mestres do CREMG possuem um seguro saúde, pago pelos sócios. Por um lado, isso mostra a concepção da valorização dos mestres antigos e, por outro, a de que é importante utilizar esses recursos modernos à disposição, ou seja, há a valorização do “conhecimento material” (conhecimento científico).

Quero destacar o respeito que o Mestre Gabriel sempre teve com os profissionais da saúde, tendo ele mesmo sido enfermeiro e buscado recursos da medicina científica quando necessitou. O DC (28-03-2010) explicita isso:

[O Mestre Gabriel] foi à cidade de Fortaleza para tratamento de saúde (...). Foi tocada a música que também tocou na sessão em que o Mestre Gabriel esteve em Manaus, onde, entre outras coisas, há sua expressão de reconhecimento e de gratidão aos profissionais da saúde.

Ele procurou tratamento e voltou curado. Aqui se pode observar mais uma vez a importância da palavra: o nome da cidade onde se curou é Fortaleza, assim, ela adquire, neste caso, o significado de **fortalecimento da saúde**, ou na concepção da UDV, a “enfermidade seria fraqueza, debilidade” e “**saúde é fortaleza**”. Assim, o Mestre Gabriel necessitou de

fortaleza (neste caso, saúde) e foi à cidade de Fortaleza para receber fortaleza, isto é, a saúde. E, mesmo com a concepção, que já explicitarei, de que **o curador não tem poder de curar a si mesmo**, ele poderia ter procurado outro curador, no entanto, buscou a **medicina científica**. Assim, esse acontecimento é importante para a valorização desse tipo de medicina na instituição. É uma concepção que dá base à existência do Departamento de Estudos Médico-Científicos (DEMEC).

Sua principal tarefa é assessorar o MR, pois o Vegetal pode ter interação com alguns tipos de medicamentos, principalmente controlados. Assim, em casos de discípulos ou adventícios que estejam sendo medicados, o DEMEC tem essa atividade de esclarecer o MR para que decida dar menor quantidade do chá ou nenhuma enquanto a pessoa estiver sendo tratada.

Outra atribuição é zelar pela saúde dos sócios, assim, elabora uma “Ficha de Saúde” e entrevista cada sócio, preenchendo-a, com o objetivo de orientar as pessoas nesse sentido. O DEMEC elaborou em maio de 2005 uma Cartilha de cuidados de higiene (“Adoção e padronização de procedimentos de higiene no âmbito da UDV”) que, além de ter um objetivo preventivo, também tem relação com o Vegetal, já que este é considerado um alimento pela ANVISA (órgão brasileiro responsável pela vigilância sanitária). O chá requer, portanto, as chamadas **boas práticas** no seu preparo, engarrafamento (as pessoas devem utilizar máscara, luvas e roupa adequada para engarrafá-lo) e acondicionamento. Por não liberarem substâncias (como no caso de garrafas plásticas conhecidas como “pet”), atualmente há uma preferência pela utilização de recipientes de vidro ou de aço inox (neste caso, panelas e transporte).

Com o objetivo de zelar pela saúde dos sócios, o DEMEC realiza, ainda, o exame de potabilidade da água, pois, na maioria dos Núcleos em Manaus, a água utilizada é proveniente de poço. Quando fui monitor desse departamento no Núcleo Princesa Sama, realizei, juntamente com outra sócia, um desses exames, através do Laboratório Central (LACEN) de Manaus, que me forneceu o kit com instruções para coleta de água.

O DEMEC possui também a atribuição de aprovar e acompanhar pesquisas científicas no âmbito da instituição, e a realiza através de uma Comissão Científica. Não me estenderei aqui a esse respeito porque não é atribuição dos Núcleos, mas sim uma atribuição institucional, contudo, destaco a relevância desta tarefa para o direito de comungar o Vegetal.

A etnografia que realizei, como já mencionei, foi no Pré-Núcleo Menino Deus e ali não houve, ainda, uma maior organização deste departamento pela necessidade de priorização

de outras atividades, como as de obras de construção e, portanto, não há muito que descrever a respeito do mesmo.

3.3.2.2.4.1 A leishmaniose

No DC 05-10-2009, lê-se que “a leishmaniose que tinha, no inverno (assim chamado em Manaus o período chuvoso e menos quente), acometido 13 pessoas do PN e x¹⁶¹ do vizinho NPS, não se deveria repetir com medidas preventivas a serem tomadas”. De novembro de 2008 a janeiro de 2009, algumas pessoas do PNMD e do NPS foram acometidas de uma enfermidade de nome **leishmaniose**. Além de ferida(s) (que não cicatriza) na pele, onde foram picadas por um inseto transmissor, se não for tratada logo, pode causar outras complicações. Há tratamentos experimentais sendo pesquisados, mas o tratamento eficaz é feito com injeções diárias durante trinta dias ou mais. Sócios participantes do DEMEC fizeram contato com a Secretaria Municipal de Saúde de Manaus, que mandou à área uma equipe que realizou a “borrifação”¹⁶² da mesma para eliminação do vetor naquele período. A causa da enfermidade foi atribuída a invasões em áreas próximas e, portanto, desmatamento e aumento populacional.

Aquele mal ocasionou um período de poucas atividades no PNMD e, principalmente, a ausência das crianças e jovens. Também gerou condutas preventivas como o uso de repelentes e colocação de forro nos telhados e de tela no berçário e na casa do zelador.

3.3.2.2.5 Departamento de Beneficência (DEBEN)

Inicialmente quero descrever e explicitar um tipo de jogo de palavras e seus sentidos. A sigla DEBEN é obviamente as primeiras letras das palavras “departamento” e “beneficência”; mas pode ser ouvida “de bem” ou “dê bem” (pois a pronúncia é a mesma) e, nestes casos, há o destaque para a segunda palavra (“bem”). Além disso, pode-se perceber: o sentido do “de” em “de bem” como “fazendo parte do bem”; e, o sentido do “dê” em “dê bem” como “dar o bem”, “fazer o bem”. Assim, essa sigla é um jogo de palavras, que possuem o mesmo som, mas que ressaltam sentidos distintos. No primeiro caso (DEBEN), o destaque é para a **ação de beneficência**, no segundo (“de bem” ou “dê bem”) o destaque é

¹⁶¹ Foi um número que ignoro, mas que não é importante para o objetivo desta tese.

para o **bem**; pois, a pessoa pode (no primeiro caso) fazer beneficência movida por outros sentimentos (vaidade, por exemplo) enquanto que, no segundo, está presente o **sentimento que move** à beneficência: querer o **bem** do outro.

O diário mostra a concepção que origina este departamento:

DC 22-11-2009. Falou-se ontem mais a respeito da Natureza e do exemplo de servidão¹⁶³ que dá aos espíritos em evolução: de vegetais que são utilizados para cura de enfermidades. Daí a importância da Caridade, que expressa o Amor ao Próximo através de doação material, de oportunidade de desenvolvimento para as pessoas, de ações no momento necessário, como calar-se para não ofender, de falar ou de escutar quando necessário.

É a concepção de que se deve seguir o exemplo da Natureza (do reino vegetal): servir. Por isso a concepção de **amor ao próximo** e caridade dão a base para a organização deste Departamento de Beneficência.

O Mestre Gabriel sempre realizou beneficência. No IV Congresso da UDV e II Congresso Internacional da Hoasca, registrei uma narrativa que se ouve em algumas sessões: “O M Zé Luiz necessitava de dinheiro [em uma ocasião] e o Mestre Gabriel arrecadou” (DC 09 a 11-05-2008). Uns detalhes, que é importante acrescentar, são que o beneficiado não tinha falado a ninguém o que estava passando e o Mestre Gabriel o escalou para dirigir a sessão, tendo feito a arrecadação em um certo momento da mesma. Esse poder do (re)criador da UDV, narrado pelas pessoas que com ele conviveram, e explicitado de modo mais detalhado no item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**” do próximo capítulo, é importante para os sócios da instituição que se sentem fazendo parte de uma Obra Divina. Por esse sentimento de pertença, os sócios buscam seguir seus exemplos de fazer o bem sem propagar (de acordo com as concepções explicitadas no quarto capítulo, no item “4.12.2 Do orgulho à humildade”) e, por isso, não se registravam essas ações. Porém, pela necessidade de legitimação da instituição, conforme descrevi no item “1.2.4 Direito de existir, concepção a respeito de “droga” e de chá Sagrado” do primeiro capítulo, criou-se este departamento e passou-se a registrá-las, propiciando, inclusive, a obtenção de títulos de utilidade pública nacional, estaduais e municipais, que são renovados mediante a comprovação desse tipo de atividades. A UDV mantém instituições beneficentes que atuam principalmente junto a menores e idosos

¹⁶² Termo utilizado na região, significando **borrifo**.

¹⁶³ É necessário esclarecer que o sentido aqui atribuído a esta palavra **não** é o de **escravidão**, mas tem uma conotação de **doação**.

carentes em numerosas cidades (DC 09 a 11-05-2008; www.udv.org.br). São tantas as atividades de beneficência desenvolvidas pelo CEBUDV que apenas o seu estudo pode ser objeto de numerosas pesquisas, e, algumas delas são citadas no **ANEXO M – Algumas expressões da beneficência do CEBUDV (do site)**, porém, aqui, descrevo de passagem algum trabalho realizado no PNMD, onde efetivei meu trabalho etnográfico.

No PNMD, o Departamento de Beneficência tem desenvolvido ações com os próprios sócios quando necessitam e na comunidade próxima. O Informativo Mensageiro Nº 5 descreve uma destas atividades:

Auxiliar o semelhante por meio do ensino de uma profissão. Este é o objetivo da Oficina de Corte-Costura e Artes, ministrada pela irmã (nome), e cuja primeira fase, iniciada em 7 de novembro de 2009, foi concluída em 1º de maio de 2010. Neste período foram beneficiados quinze moradores da comunidade Parque Riachuelo I. (...) [Uma dona de casa declara:] “Já é meu ganha-pão, pois estou vendendo e ganhando dinheiro”, (...). Uma das vantagens, segundo ela, é poder trabalhar em casa e, ao mesmo tempo, tomar conta das crianças (CEBUDV – PNMD, 2010).

Essa atividade teve um destaque do MR: foi efetivada com discrição, sem alarde, como deve ser realizada a caridade, segundo a concepção da instituição, já explicitada no capítulo a respeito das concepções.

3.3.2.2.6 Departamento Jurídico

Existe pela necessidade da instituição, para continuar existindo, de se enquadrar às leis do país. Como já narrei, as diversas situações pelas quais a UDV teve de passar para continuar bebendo o chá, tanto no Brasil quanto nos EUA. Como disse uma sócia de lá, quando participou de uma sessão no PNMD: “Ficamos 5 anos bebendo água, sem poder beber o Vegetal” sendo que viajavam 750 km para ir à sessão e depois 750 km pra voltar (DC 22-08-2010). Ao mesmo tempo em que mostra a perseverança da irmandade, revela a necessidade do Departamento Jurídico para poder conquistar o direito a comungar a Hoasca. No PNMD, este departamento ainda não existe.

3.3.2.2.7 Departamento de Promoções

“Dinheiro não é problema! É solução!”. Essa frase se escuta na UDV em resposta a quem fala “problema de dinheiro”. Aí se expressa a concepção a respeito da importância da palavra, onde se aponta para a busca do dinheiro para solucionar as dificuldades. Não há na instituição uma concepção de que o dinheiro é algo negativo: “só não se deve é ser escravo do dinheiro”. Ou seja, o dinheiro é importante como **um meio** para se adquirir bens necessários à sobrevivência e não como um fim: é a concepção, que já explicitarei, a respeito do aspecto material como um meio para (e, portanto, subordinado a) o desenvolvimento espiritual.

Assim, o objetivo deste departamento é planejar, organizar e desenvolver promoções que angariem recursos econômicos para construir as instalações necessárias para o funcionamento dos Núcleos e melhor desenvolver as atividades da instituição. Desde rifas, shows, brechós (como se chama em Manaus a venda de roupas e outros objetos usados), vendas de alimentação em eventos juninos e outros foram realizados no PNMD, desde a aquisição do seu terreno. O diário de campo descreve algumas das atividades realizadas em promoções:

DC 22-06-2008. Paella. Promoção para arrecadação de finanças com vistas às obras do PN. Inicialmente não tinha a credibilidade por parte da irmandade, pois era um tipo de promoção ainda não vivenciada. A maioria das promoções desse tipo era de almoços ou jantares com alimentação típica da região ou churrasco. Houve uma em que um irmão de outra UA coordenou graciosamente um “jantar peruano”. Mas a venda mais vivenciada era de alimentos como tortas de banana, abacaxi ou maçã, bolos, empadões de frango ou palmito, quibe vegetariano, sucos e refrigerantes.

Neste dia 22 de junho, um irmão espanhol que frequenta uma UA em outra cidade e que havia se oferecido para realizar a Paella, trouxe três panelas e acendedores a gás próprios para a mesma. Trouxe também alguns ingredientes que são mais frescos e de menor preço como lagosta, camarão e lula. O lugar: um restaurante típico de Manaus, que não oferece almoço aos domingos e que foi cedido neste dia. Uma equipe chegou cedo (pelas 7h) e, coordenada pela companheira do cozinheiro, limpou e cortou lulas, camarões e lagostas, cortou feijão de metro, cenouras e outros vegetais em um clima de alegre dedicação, vestindo touca e avental.

Esta equipe pôde assistir, com interesse em aprender, à preparação da “Divina Paella”, como foi chamada, que teve início pouco antes das 12h. As panelas sobre os acendedores e estes sobre mesas forradas com folhas de alumínio. Familiares, amigos e conhecidos começaram a chegar. Às 13h17 estava pronta a paella, que foi servida em seguida à fila de pessoas que se formou. Outra equipe recolhia os ingressos e outra servia refrigerantes e água mineral.



Foto 44 – Assim Assados (DMD – PNMD)

Como já mencionei, na UDV é comum as pessoas doarem seu trabalho e, por vezes, gastarem para trabalhar, com gastos de combustível etc. Na promoção da paella isso também aconteceu, com exceção de algumas pessoas que não compraram o ingresso (pelo alto custo) e só após os pagantes terem se alimentado, foram convidados a se alimentarem também. Assim, o objetivo de arrecadação foi cumprido. O diário não explicita isso, nem a respeito de todo o planejamento, divulgação, venda de ingressos, compra de materiais e ingredientes e, mais importante ainda, a respeito da forma harmoniosa como transcorreu e dos diálogos que ali se deram (na maior parte a respeito das próprias tarefas: como melhor realizá-las). Uns aprendendo, outros ensinando, outros, ainda, ensinando e aprendendo...

Na Foto 44, o registro de uma das muitas atividades de promoção realizadas pelos frequentadores do PNMD, aqui a venda de alimentos em uma festa junina: churrasco de frango com acompanhamentos, doces, refrigerantes e água. As promoções mais recentes foram dois festivais de peixe frito; o segundo foi realizado em fevereiro de 2011, pelo sucesso do anterior em 2010, pois o público perguntou “quando é que vai ter o próximo?”.

3.3.2.2.7.1 A agenda e o calendário

Na 2ª região, há alguns anos, houve uma promoção de um calendário com fotos do Mestre Gabriel e dos mestres antigos na instituição e outra com uma foto dele (e não mais foi permitida promoção deste tipo). Quanto às outras regiões, desconheço.

Na UDV só agora, como parte da memoração do Cinquentenário da UDV, é que foram elaborados uma agenda e um calendário para que os sócios adquiram e se possam arrecadar finanças.



Foto 44a – Agenda 2011 (CEBUDV – DG, 2011)

Nas Fotos 44a e 44b, ilustrações internas da Agenda 2011. É importante destacar que além de conter, ao longo da mesma, fotos dos Mestres do CREMG e demais pessoas da origem da instituição (com depoimentos dos mesmos), o Cordel do Mestre Gabriel (MENEZES, 2011) e datas históricas destes 50 anos de existência da UDV, ela possui cinquenta páginas adicionais narrando a “Linha do Tempo” da instituição e os mapas de suas regiões.

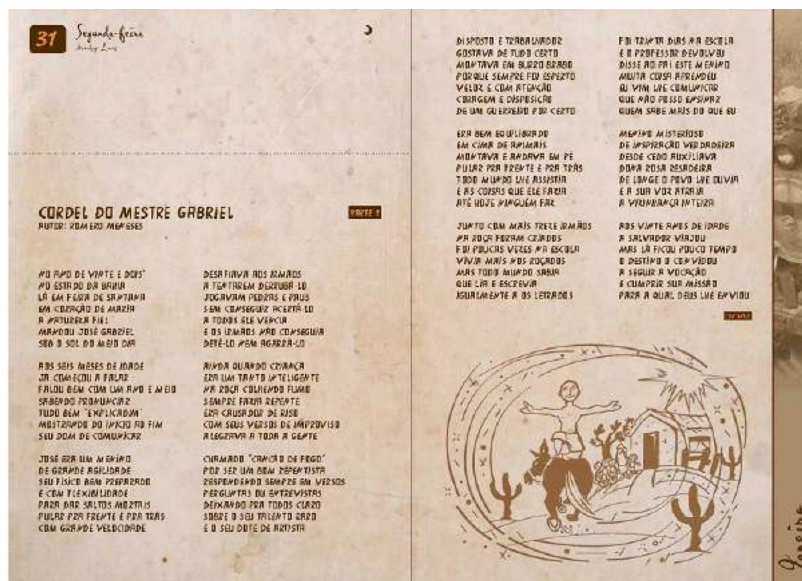


Foto 44b – Agenda 2011 (CEBUDV – DG, 2011)

3.3.2.3 Encontros da 2ª região

Cada ano realiza-se um Encontro da 2ª região. O objetivo é de maior confraternização entre os Núcleos, buscando uma maior sintonia na administração da mesma. A seguir, as fotos de camisetas elaboradas para alguns destes Encontros.

Na Foto 45, observa-se a estrutura em alvenaria da foto da entrada do templo do Núcleo Estrela do Oriente, em Boa Vista, estado de Roraima, que fazia parte da 2ª região (como já mencionei) em 2003: com os três arcos contendo as imagens do Sol, ladeado pela Lua e por uma Estrela.

A Foto 46 não apresenta uma frase como a Foto 45, onde se lê: “A união é a força do amor em nós”. Contudo, o simbolismo da imagem pode ser o mesmo, já que apresenta pessoas caminhando de forma tranquila em direção ao Sol e se transformando em aves que continuam (voando) em direção a ele: na UDV, concebe-se a união com Deus, que é Amor e Luz, de forma inextricável com a humanidade¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Conforme explícito no próximo capítulo.



Foto 45



Foto 46

A Foto 47 mostra a mesma concepção de união trazidas nas Fotos 45 e 46, só que, desta feita, com imagens de pessoas de mãos dadas. Já a Foto 48 traz a Paz, outra dimensão de Deus, na imagem de um pombo branco com uma flor branca no bico, com a inspiração do que contam as escrituras na história de Noé.



Foto 47



Foto 48

3.4 Preparos de Vegetal

A palavra “preparo” tem um sentido marcante na cosmologia da UDV, pois aponta para o sentido atribuído à própria existência humana, o sentido da encarnação: preparar-se tem o sentido de se transformar. É o sentido que se lê no Evangelho de Lucas a respeito de João Batista:

E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque irás à frente do Senhor, preparando os seus caminhos, dando a conhecer a seu povo a salvação, com o perdão dos pecados, graças ao coração misericordioso de nosso Deus, que envia o sol nascente do alto para nos visitar, para iluminar os que estão nas trevas, na sombra da morte, e dirigir nossos passos no caminho da paz (Lucas, 1,76-79).

E essa preparação no caminho da paz é no sentido de ações que mostrem a transformação: “Produzi frutos que mostrem vossa conversão” (Lucas, 3, 8). Assim também na UDV há uma busca de “se preparar para o que há de vir”, uma busca de se transformar. E isso também se busca no Preparo de Vegetal, o chá sacramental que contribui com a transformação das pessoas.



Foto 49

Na Foto 49, de uma camiseta comemorativa ao Preparo de Vegetal, de setembro de 2004, no Núcleo Princesa Sama, com as palavras “Luz Além” e “Reinando Força”, mostrando, mais uma vez, a importância da **Força** e da **Luz** na concepção da UDV, explicitada no quarto capítulo, no item “**4.15 Força e Luz**”. A frase “Luz Além” é também de uma música ouvida nas sessões. A ilustração mostra, nas laterais, folhas de chacrona e o cipó mariri estilizado com **nós**; no centro, uma árvore frondosa dentro d’água que se transforma no líquido dourado, o Vegetal Sacramental.

A Foto 50 mostra o Vegetal fervendo em panelão de aço, no primeiro Preparo do Vegetal do Pré-Núcleo Menino Deus em conjunto com o Núcleo Princesa Sama (realizado no NPS de 08 a 11-2008).



Foto 50 (DMD – PNMD)

No DC 24-05-2010, lê-se a narrativa que descreve sinteticamente como se realizam as atividades de Preparos de Vegetal:

2º Preparo de Vegetal do PN Menino Deus. Um grupo de discípulos colheu chacrona na casa de um mestre na 5ª-feira pela manhã, outro grupo colheu o mariri na 6ª-feira cedo pela manhã, do outro lado do rio; foi uma colheita rápida (50 minutos), de um único pé de cipó. Às 18h iniciaram-se os trabalhos de lavagem e escovação e “Batição” do mariri e lavagem da chacrona, que finalizaram-se pela 1 h da madrugada de sábado. Pelas 4h30 iniciou-se o fogo na fornalha com 3 tachos¹⁶⁵ com água e, às 6h colocou-se a primeira tachada com três camadas de mariri e duas de chacrona intercaladas; pelas 6h30 a água que, na maior parte já estava quente, começou a ferver e pelas 10h foi colhida a primeira tachada. Viu-se que a fornalha estava cozinhando o Vegetal com “um bom ritmo” (umas 3 horas) e se resolveu colher mais mariri (em um núcleo próximo); lavou-se e “bateu-se” o mesmo. Os trabalhos seguiram até às 2h30 aproximadamente (madrugada já do domingo), quando se iniciou o engarrafamento do Vegetal. Pelas 21h do sábado, como é tradição nos Preparos em Manaus, iniciou-se a

¹⁶⁵ Panelas grandes, chamados também de “panelões”, onde se prepara o chá Hoasca na UDV.

“Distribuição” do mesmo, enquanto uma pequena equipe continuava com os trabalhos junto aos tachos. O clima foi de harmonia, sintonia e alegria; não observei nem ouvi falar em qualquer episódio desagradável nem vi “caras feias”.



Foto 51 – (DMD – PNMD)

A Foto 51 é do primeiro Preparo do Vegetal do Pré-Núcleo Menino Deus (na Casa do Preparo do NPS de 08 a 11-2008). Um grupo retira raízes e terra do mariri com facas e escova-o com escovas de nylon.

A “Batição” do mariri é a atividade de bater com um porrete no cipó, macerando-o, como ensinou o Mestre Gabriel, sempre girando o mesmo em sentido anti-horário, para, desse modo, “trazer a força pra si”; na 2ª Região e em dois Núcleos da 3ª, observei que se a realiza sobre toras de madeira: quatro toras formando um quadrado, com as pessoas pela parte de fora e o mariri batido formando um monte na parte interna, sobre uma lona ou plástico previamente bem higienizado. Quanto às camadas de cipó e folha, na época do início da UDV eram só duas do primeiro, intercaladas por uma da segunda, por conta do tamanho do recipiente (latas de querosene). Diz um mestre antigo: “Chegando lá, enquanto carregavam o caminhão, viu aquelas latas de querosene no fogo e perguntou o que era” (DC 26-02-2010). Depois de um tempo passou-se a usar painéis de alumínio e, mais recentemente, de aço inoxidável.

Na Foto 52, duas irmãs e dois jovens de um lado e uma irmã do outro, batendo mariri; o Mestre do Preparo colocando chacrona (previamente lavada) e mariri no tacho e os irmãos (adultos e jovens do sexo masculino e feminino) observando.

“Tachada” é como se chama em Manaus a fervura do mariri com a chacrona desde quando são colocados os tachos para cozinhar até quando são retirados.



Foto 52 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)

A Foto 53 mostra uma “tachada”, no primeiro Preparo de Vegetal do Pré-Núcleo Menino Deus (no NPS de 08 a 11-2008). De olho nos panelões para evitar derramamento do Vegetal, usando luvas de couro para não se queimar.

“Distribuição” é como são chamados os rituais que se dão nos Preparos de Vegetal e que trazem algumas diferenças com as sessões: não há o arco nem a mesa e as pessoas não usam uniforme; as chamadas de abertura são só duas e não há chamadas de fechamento (as pessoas simplesmente “estão liberadas”, como fala o dirigente da Distribuição).

Essa diferença no ritual é porque em Preparos se está “buscando força” (ouvi algumas narrativas de Preparos que resultaram em Vegetal “que não deu burracheira”) e, portanto, se evitam palavras que “despedem burracheira”. Ligada a essa concepção é a de que as mulheres que estiverem menstruadas não devem trabalhar diretamente no Preparo (batendo mariri ou lavando as folhas da chacrona), pois, concebe-se que a menstruação (concebida como uma “limpeza”) está associada à lua do quarto minguante. Note-se novamente a importância da palavra: **minguante** é que faz minguar, diminuir. E, por isso mesmo, evita-se preparar o Vegetal “nessa lua”.



Foto 53 – 08 a 11-2008 (DMD – PNMD)

O Preparo de Vegetal, pela concepção de que força física é atributo masculino, é realizado mais diretamente por homens (há o Mestre do Preparo e o Mestre Assistente, que são os responsáveis pelo mesmo; não há Conselheira do Preparo, nem Conselheira Assistente). E, pela mesma concepção, dois homens ficam “na dupla” (designação essa dos dois que colocam as panelas no fogo e as retiram, colocam lenha na fornalha etc.). A “mensagem” (colheita do mariri) é feita por homens e a colheita da chacrona é feita por mulheres, pois o primeiro está associado à Força (mesmo que em sentido espiritual) e a segunda, à Luz. Não que haja algum tabu nesse sentido, tanto é que homens colhem chacrona e a própria Mestre Pequena colhia o cipó e carregava o feixe em suas costas até o lugar do

Preparo. Contudo, destaco que o Mestre do Preparo e outros discípulos (homens) dormem muito pouco ou nada durante o Preparo; já as mulheres trabalham no Preparo de forma direta (lavando chacrona e mariri, batendo mariri etc.) e, de forma indireta (na limpeza e preparação dos alimentos) mas durante o dia e até uma certa hora da noite.

Pela importância na história do PNMD, utilizo ainda a descrição do DC 05-10-2009, intitulado “O primeiro preparo do PN no PN”:

Havia sido realizado um primeiro preparo do PN conjuntamente com o Núcleo PS (do qual o primeiro se desmembrara); contudo, foi nas instalações do segundo: na sua casa de preparo e fornalha, já diversas vezes reformados. Existia um desejo dos membros do PN de ter sua própria fornalha e realizar um preparo na própria unidade. Levantou-se a hipótese de conseguir recursos e construí-la, porém, a maioria achou por bem priorizar as melhorias na “sala do Vegetal” e no berçário e casa do zelador¹⁶⁶. (...)

Entretanto, a “necessidade” (e alguns outros ingredientes) determinou a realização do primeiro preparo do PN. Após uma sessão de escala, no domingo, no início de um mutirão, necessitou-se retirar umas árvores com cipó mariri que tinham caído próximo à “copa” (como se chama em Manaus às instalações onde estão os mantimentos e onde se prepara a alimentação). Alguns membros designados para retirar os vegetais dali, falavam em preparar o mariri que lá estava. Não se poderia desperdiçá-lo. Outra hipótese seria encanteirá-lo para “fazer mudas” do mesmo. Houve um membro que duvidava que fosse mariri e dizia pra outro: “preparas e bebes?” Ao que o outro respondeu, “preparo e bebo”. E o primeiro disse: “vamos esperar o Mestre X e perguntar pra ele se é ou não é mariri”.

Chegando esse mestre, confirmou que era mariri. Como a quantidade era suficiente para um pequeno preparo, novamente se falou nessa hipótese e se decidiu, após uma consulta ao MR, em realizá-lo. Daí, avisou-se aos que não estavam presentes e se iniciou os preparativos: alguém providenciou mais alimentos (já havia algum providenciado para o mutirão e não utilizado ainda); outras pessoas improvisaram a montagem de uma fornalha simples de tijolos empilhados, formando duas fileiras por entre as quais se iniciou uma fogueira; outros buscaram os panelões de aço e outros utensílios emprestados do NPS; algumas pessoas prepararam uma sopa, em síntese, todas as atividades necessárias para a realização do primeiro preparo de Vegetal do PN no terreno do PN. Alguns discípulos do núcleo vizinho se fizeram presentes, batendo fotos, auxiliando e/ou se preparando para comungar o chá.

Após a ingestão da sopa, as pessoas sentadas em cadeiras organizadas a uma certa distância ao lado da fornalha, distribuiu-se o Vegetal que se vinha bebendo nas sessões anteriores. Um discípulo do CI foi escalado para “dirigir a distribuição”. Este, ladeado por membros da direção (mestres e conselheiros), bem como os dois conselheiros que estavam “na dupla”, viam de frente os panelões na fornalha improvisada e a enorme lua cheia que surgia por entre as árvores da floresta...

¹⁶⁶ Devido à leishmaniose, como já explicitiei.

Músicas tocadas até chegar a burracheira, chamadas de abertura, perguntas, respostas e mais chamadas e palavras dirigidas. A alegria e sentimento de união superou o cansaço que se poderia sentir após uma sessão de escala, mutirão e preparo.

Após a liberação das pessoas por parte do dirigente, continuou-se o preparo até aproximadamente duas horas da madrugada já da 2ª-feira. Por volta de 4h30 guardaram-se na sala do Vegetal os 26 litros do 1º Preparo do PN no PN.

Deste preparo, revelou-se uma veia poética até então desconhecida por muitos.



Foto 54 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)

Um aspecto importante neste Preparo (04-10-2009) é que foi o **primeiro Preparo** do Pré-Núcleo Menino Deus organizado **dentro de seu próprio terreno**, e isso de forma totalmente inesperada, sem Casa de Preparo, com uma fornalha improvisada com tijolos. Com quase dois anos de existência, ainda depende de água, de Vegetal e de panelões de aço e outros utensílios emprestados do Núcleo de origem (o Núcleo Princesa Sama), mas conseguiu realizar o mesmo. Um sentimento de apreensão que existia na irmandade, que não é revelado pelo diário, era consequência da hospitalização (havia meses em São Paulo) do Mestre Representante e da ausência (a trabalho) de outro mestre também de Manaus. Por isso, esse

Preparo foi um marco na história do PN: trouxe um ânimo e uma alegria inusitados, pois, conseguiu-se realizar um trabalho em função de um desejo comum que não se imaginava poder naquele momento.

Observem-se, ainda neste diário, dois aspectos. Um é a valorização (“necessidade”) de não desperdiçar o cipó (quanto à alternativa de se “fazer mudas” do mesmo, não foi concretizada, porque já há um número significativo de pés plantados). Outro é de que nem sempre é fácil identificar o cipó. Escutei narrativas de mestres experientes que prepararam um chá que não proporcionou burracheira e, verificaram, só então, que não se tratava de cipó mariri.

Uma boa surpresa (só ouvi comentários positivos) foi a direção da distribuição, realizada por um discípulo do Corpo Instrutivo. Esta é uma oportunidade rara nos Núcleos, pois, em geral, são os mestres que dirigem as distribuições em Preparos. Mas, em desmembramentos, como o número de pessoas é menor, oportunidades inusitadas “se apresentam”. Há uma dialética dificuldade-oportunidade. Uma sócia descreve o esforço para vencer as dificuldades: “Comemorávamos pouco a pouco vitórias como a construção da casa do zelador e o telamento do redário¹⁶⁷, à medida que batalhávamos para reduzir uma dívida razoável assumida em prol das obras” (DC 05-10-2009). Na UDV, portanto, um ingrediente importante para a valorização das conquistas coletivas e individuais é que as dificuldades, inclusive financeiras, são transformadas em oportunidades: configuram, assim, um contexto propício a transformações pessoais.

Onde se encontrava a lona que se vê na Foto 52 (com atividades de batção e colocação do Vegetal nos tachos), na Foto 54 estão: o MD distribuindo o Vegetal, uma garrafa térmica com água e duas mesas; em fila as pessoas recebem o chá; três tachos no fogo e a “dupla” (eu e outro discípulo do CDC).

Destaco, ainda, que “discípulos do núcleo vizinho se fizeram presentes, batendo fotos, auxiliando e/ou se preparando para comungar o chá” e as atividades de organização necessárias para o Preparo. Isso expressa a ligação de amizade e a importância do trabalho coletivo na UDV, também explicitada nos diários a respeito do desmembramento e dos mutirões, que se expressa na frase que já explicitarei no capítulo a respeito das concepções: “A

¹⁶⁷ Redário, na acepção “construção ou espaço coletivo próprio para armar redes de dormir” (HOUAISS, 2001). Estas são muito utilizadas no norte e nordeste do Brasil em substituição ou em complemento às camas. O do PNMD foi construído anexo ao berçário provisório e coberto com lona; o “telamento” é o ato de telar, regionalismo brasileiro com sentido de “guarnecer (porta, janela etc.) com tela, para evitar a entrada de insetos” (HOUAISS, 2001).

alegria e sentimento de união superou o cansaço que se poderia sentir após uma sessão de escala, mutirão e preparo”. Esse caráter festivo se expressa na frase: “O Preparo de Vegetal é uma festa” (DC 19-12-2010). Esta afirmação de um mestre do CREMG é uma realidade por mim vivenciada, sentida e observada e descrita de forma poética por uma irmã, segundo o DC 05-10-2009: “Por todos os lados, o som e a imagem da felicidade. Risos e conversas, fotos e abraços. O trabalho entre amigos que se transformara em festa, celebrando o presente do Mestre”¹⁶⁸. E, também no DC 24-05-2010, que descreve o segundo Preparo no PNMD, “o mestre (nome) perguntou a algumas pessoas se ficariam ‘para um preparo e diversas pessoas se apresentaram e a irmandade veio; os que não estavam presentes foram avisados e vieram, e num clima de festa mesmo””.



Foto 55 – 04-10-2009 (DMD – PNMD)

Todo esse contexto propicia, também, o desenvolvimento de potencialidades poéticas; aqui um trecho de um texto escrito por uma sócia:

A Lua Cheia nasceu vermelha por entre a mata, e subiu para pratear lá do alto a alegria dos irmãos, enfeitada com um halo de arco-íris. Sentados ao ar livre, cercados pela floresta, ao lado do fogo que se refletia no rosto moreno do Mestre (nome), e iluminava ainda mais seu sorriso de dentes tão brancos como a fumaça espessa que subia dos tachos, e dançando iam confundir-se com as nuvens. Além do silêncio, o som da lenha estalando. Melodias de Luz, Paz e Amor. Muitos levantaram para agradecer ao presente tão lindo e tão inesperado. Compartilhar da alegria daquele momento. E, mais uma vez

¹⁶⁸ Examino este trecho no item “4.3 A concentração e a união”.

compreender a magia de encontrar, numa manhã qualquer, mais de um milhão de motivos para ser feliz (Rosa Moraes). (DC 05-10-2009).

Na Foto 55, percebe-se a atividade de engarrafamento do Vegetal, sobre uma lona higienizada, com a utilização de máscaras, toucas e luvas descartáveis, recipientes de vidro com respectivas tampas devidamente higienizados e em temperatura controlada para tal procedimento.

3.5 Crianças, jovens e famílias

Na Foto 56, visualiza-se uma atividade de lazer com as crianças no Pré-Núcleo Menino Deus, 18-10-2008 (DMD-PNMD). Área aberta, utilizada como estacionamento (transformado, em 2010, também em campinho de futebol) nos dias de sessão e mutirão (o fotógrafo está de costas para o templo).



Foto 56 – Dia das crianças, festejado em 18-10-2008 (DMD – PNMD)

Inicialmente, quero explicitar que **descrever a União do Vegetal** é, com algumas exceções, **descrever um grupo de famílias**. E os que chegam individualmente, como foi o meu caso, formam uma família na UDV e trazem parentes à UDV. Estes vêm por vezes logo que são convidados pelo neófito encantado, mas, principalmente, “se convidam”, pois, com o tempo, veem a transformação das pessoas que integram esta sociedade. E esse tipo de percepção também se dá nos locais de trabalho ou de estudo dos sócios, como mencionei no item “3.1.2 O lugar das sessões e seus frequentadores”: os colegas observam a calma – em geral, mas também outras qualidades – da pessoa e verbalizam frases semelhantes a esta: “tu tens alguma coisa diferente das outras pessoas”. E quando surge o assunto da UDV, mostram interesse em conhecê-la.

A própria concepção de união, como explico melhor no quarto capítulo nos itens “**4.8 A luz, o tempo, a reencarnação**” e “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**”, é de que os espíritos vêm encarnar em uma família, frutos da união de um homem com uma mulher. Como diz uma conselheira, “A família é um porto seguro” (DC 16-01-2011). E, em relação aos filhos desencaminhados na face da Terra, segundo um Mestre do CREMG, o Mestre Gabriel dizia que “90% da culpabilidade ou responsabilidade pelos filhos é dos pais; 10% é por conta dos espíritos rebeldes” (DC 01-08-2010). Por isso, os pais buscam se fazer acompanhar dos filhos em suas atividades no CEBUDV. Assim, o lugar de respeito dado às crianças e aos jovens é uma necessidade da instituição. Daí que, no PNMD, o lugar previsto para os sanitários está sendo utilizado parcialmente enquanto sanitário e em parte (e provisoriamente) para berçário; anexo a essa construção está o redário. O primeiro, como diz o nome seria um lugar onde se encontram berços.

No Núcleo Jardim das Flores, em Porto Alegre, conforme observei, onde há uma necessidade de se resguardar do frio, realmente existem berços e camas. Já em Manaus, pelo clima quente e úmido, não existem berços nem camas, mas barras de ferro onde são atadas redes para as crianças menores e seus cuidadores (geralmente mães ou parentes). No redário ficam as crianças maiores, os jovens e adultos. Assim, durante as sessões ou Preparos, esse é o espaço utilizado para as crianças e os jovens, além, é claro, das áreas anexas à copa e as áreas não cobertas. Estas são utilizadas em momentos que “o sol não está tão forte” ou quando está nublado e quando não está chovendo. Quanto ao templo (que também é provisório), também é utilizado antes e depois das sessões e Preparos como área de convivência e de

atividades. Estes esclarecimentos são importantes porque são nesses espaços que se realizam as atividades com as crianças e os jovens.

No PNMD eram os pais ou parentes as pessoas que cuidavam das crianças e jovens durante as sessões. Contudo, os jovens e as crianças maiores ficavam conversando, o que dificultava o sono das menores e a concentração nas sessões (pela proximidade do berçário com o salão). No final de 2008, organizou-se uma escala em que um pai ou uma mãe ficam responsáveis por cuidar da ordem no berçário e, quando necessário, chamar os pais que estiverem no salão. O DC 24-10-2010 descreve uma das reuniões de pais:

Ontem se realizou mais uma reunião de pais para tratar de assuntos a respeito do funcionamento e melhorias do berçário. Inicialmente tratou-se de pontos materiais: necessidade de conserto da tenda anexa ao berçário (já planejado anteriormente à reunião para ser feito), necessidade de aquisição de ventiladores e aparelho condicionador de ar, troca de fiação elétrica, colocação de janelas para se poder colocar o aparelho com tela anti-inseto¹⁶⁹, etc. Neste ponto decidiu-se adquirir um tapete emborrachado lavável e retirarem-se os sofás, que acumulam ácaros e fungos devido à umidade característica da região amazônica. Outro ponto tratado foi o do não cumprimento de certos acordos. Daí decidiu-se que as normas do berçário serão impressas e plastificadas e afixadas no mural da copa, para o conhecimento (e lembrete) de todos. O lanche das crianças durante a sessão ficou como atribuição dos respectivos pais. A nova escala (para o próximo ano) das pessoas responsáveis por ficar no berçário em cada sessão será feita e colocada no mural. A responsável pela organização do berçário, que foi eleita para sê-lo, deverá contatar a pessoa que ficará no berçário durante as sessões. Se a pessoa escalada não puder cumprir com a mesma, deverá conseguir alguém para substituí-la. As mães de crianças até dois anos estão fora dessa escala porque necessitam atender seu(a) filho(a) (na verdade, este(a) necessita da mãe); no entanto os pais (homens) devem fazer parte desta escala.

Nesse DC, é vivenciada a **ordem**, valor importante para a UDV, que se mostra necessário para uma convivência harmoniosa. Daí a clareza da importância das **leis e normas**, ou seja, essas existem porque houve **necessidade** de serem criadas e podem ser modificadas se houver necessidade de modificá-las, assim como as dos documentos lidos nas sessões.

E esta ordem que se desenvolve nos núcleos gera o que denomino “cultura de pais (paz)”, pois, busca-se aprender e ensinar a ser pais, a zelar pelo próximo, pela Natureza e pela Terra, a zelar pela **paz**. Coloco esta palavra entre parêntese, porque em Manaus (e em diversas partes do Brasil) se pronuncia “paz” e “pais” da mesma forma. E, na UDV, elas estão

¹⁶⁹ Lembrando o surto que houve de leishmaniose (que foi transmitida por um mosquito).

intimamente ligadas, já que é uma sociedade onde as pessoas se consideram irmãos e falam-se “irmãos”, “irmãs” e “todos (os adultos) são pais de todas as crianças e jovens”, portanto, essa “irmandade” é também uma família em escala maior, que busca se irmanar com a grande família da humanidade. Para ilustrar minhas interpretações, descrevo a seguir a atividade com as crianças do PNMD, que deu início ao projeto “Ensiplantar”. Este nome pode significar “em si plantar”, isto é, “plantar em si” boas sementes (do conhecimento, da paz, do amor) e pode significar, também, “em se plantar” (a pronúncia é a mesma), ou seja, ligada à concepção de que para colher flores ou frutos, é necessário plantar. Diz o DC julho-2008:

as crianças caminharam até o salão onde se realizam as sessões, carregando cartazes que haviam feito, contendo motivos da Natureza. No salão, foi colocado um cd de música (“O sal da Terra” cantada pelo conjunto Roupas Nova – composição de Beto Guedes e Ronaldo Bastos) que diz:

Anda, quero te dizer nenhum segredo
 Falo nesse chão da nossa casa
 Vem que tá na hora de arrumar
 Tempo, quero viver mais duzentos anos
 Quero não ferir meu semelhante
 Nem por isso quero me ferir
 Vamos precisar de todo mundo
 Pra banir do mundo a opressão
 Para construir a vida nova
 Vamos precisar de muito amor
 A felicidade mora ao lado
 E quem não é tolo pode ver
 A paz na Terra, amor
 O pé na terra
 A paz na Terra, amor
 O sal da Terra
 És o mais bonito dos planetas
 Tão te maltratando por dinheiro
 Tu que és a nave nossa irmã
 Canta, leva tua vida em harmonia
 E nos alimenta com teus frutos
 Tu que és do homem a maçã
 Vamos precisar de todo mundo
 Um mais um é sempre mais que dois
 Pra melhor juntar as nossas forças
 É só repartir melhor o pão
 Recriar o paraíso agora
 Para merecer quem vem depois
 Deixa nascer o amor
 Deixa fluir o amor
 Deixa crescer o amor
 Deixa viver o amor
 (O sal da terra)
 (<http://letras.terra.com.br/roupa-nova/63883/>)

Cantamos juntos, acompanhando a mesma (Foto 57). Em seguida, as crianças realizaram atividades com desenhos e frases a respeito da importância da consciência ecológica (Foto 58).



Foto: Sammy Castro

Foto 57 – julho de 2008 (DMD – PNMD)



Foto 58 – julho de 2008 (DMD – PNMD)

Existe um grupo de pessoas responsável pelos trabalhos com as crianças e outro com os jovens. O primeiro organizou esta atividade, que é noticiada para a irmandade no Informativo Mensageiro: “No dia da inauguração do Projeto Ensiplantar, as crianças prepararam uma série de cartazes e faixas, dando início às primeiras atividades no P.N. Menino Deus (Julho/2008)” (CEBUDV – PNMD, 2008 (a), p. 2).

E o Informativo Mensageiro N° 02 descreve mais uma atividade:

Queremos registrar a fase conclusiva da ação “Seleção de Resíduos” (separação do Lixo) e a linda festa do Dia das Crianças, realizada com o auxílio dos jovens.

A participação das crianças e jovens na confecção das lembranças do primeiro ano do nosso Pré-Núcleo Menino Deus, foi produtiva e marcante. (CEBUDV – PNMD, 2008 (b), p. 3).

Percebe-se aqui o caráter educativo do trabalho com crianças e jovens: a ecologia, a valorização das festividades e a **integração às atividades realizadas pelos adultos**. Destaco esse aspecto integrativo por ser uma marca na cultura da UDV. É o que se observa de forma clara na entrevista de um sócio que cresceu na instituição:

Não era nem nada imposto não, que os filhos de Mestre entrassem na equipe do plantio. Interessante isso. Não tinha nada imposto, por que eu cresci ali dentro, não era imposição, era natural por que os amigos viam seus amigos lá, ‘então vou participar também’. Aí, naquele convívio ali, naqueles trabalhos, era muito enriquecedor mesmo, a gente trocava figurinha mesmo, a respeito de sessão, de chamadas e começava a despertar o interesse de conhecer, de entender melhor, de conhecer o mariri a chacrona, ter o contato mesmo com o Vegetal, e na equipe que tinha, tinha os mais antigos (MI 12-05-2010).

Neste caso, o entrevistado explicita sua participação nas atividades do plantio devido à participação dos amigos que conviviam desde a infância e o aprendizado com os pares e os mais antigos, destacando o clima de liberdade: “não tinha nada imposto”.

A Foto 59 mostra o trabalho voluntário com alegria e integração das crianças nas atividades: aqui a lavagem das cadeiras “de macarrão”.

Na Foto 60, um presente para cada pai. O pé na tinta formava o “p” de “pai” e as irmãs auxiliavam a fazer o “ai” para completar a palavra, se necessário. Ensaíram (Foto 61) e cantaram uma música e cada um falou a respeito do seu pai.



Foto 59 – 20-09-2009 (DMD – PNMD)



Foto 60 – Dia dos Pais – artes plásticas – 06-08-2010 (DMD – PNMD)



Foto 61 – Dia dos Pais – ensaio de música – 06-08-2010 (DMD – PNMD)

Esta importância (e valorização) da família vem desde o (re)criador da religião, José Gabriel da Costa, que vivia em uma família e zelava por ela, incentivando o bom convívio do casal (com o valor da fidelidade conjugal). E isso se mostra na UDV também na pesquisa de Rios et al. (2005), em que os autores encontraram uma **diferença significativa** entre os adolescentes da UDV e o grupo de controle, onde os primeiros têm um relacionamento **mais próximo com o pai**¹⁷⁰.

Neste sentido de valorização dos pais e da família, no Informativo São Cosmo e São Damião, pode-se ler:

Imagino que um dos melhores presentes de aniversário que podemos ofertar ao Mestre Gabriel é a boa educação aos nossos filhos, o amor e o constante exercício de ensiná-los o respeito, o amor filial e a religiosidade; tal qual fizeram os pais de Mestre Gabriel (LODI, 2009, p. 1).

¹⁷⁰ The teens were questioned regarding their relationships with their fathers. There does appear to be a **significant difference between UDV teens and controls** with regard to their relationship with their father. This suggests that UDV teens appear to have a **closer relationship with their father** compared to Control teens. Twenty-seven of the UDV teens reported having a close relationship with their father compared to 20 of the control teens. Eight of the control teens reported having a distant relationship with their father. Only one UDV teen reported having a distant relationship with their father (RIOS et al., 2005, p. 137, grifos meus).

O Mestre Edson Lodi expressa, assim, uma orientação, citando o exemplo do pai do Mestre Gabriel: “‘Seu Manoel’ demonstrava justiça: os maiores trabalhavam mais e tinham um pedaço de terra maior para cultivar. O casal impunha limites e eram respeitados e amados por todos os filhos” (LODI, 2009, p. 1). Neste caso a orientação vem, claramente, ao encontro da necessidade de limites e respeito que carecem os filhos em nossa época. A ideologia consumista atualmente presente na sociedade global considera melhores pais os que mais dão coisas materiais e não busca proporcionar condições para um melhor desenvolvimento: não explica como se deve utilizar as coisas materiais para esse desenvolvimento. Já, o autor do artigo mostra, apontando um exemplo da família do líder religioso, como se deve fazer para proporcionar um melhor desenvolvimento dos mesmos: “Este ambiente de respeito e simplicidade proporcionou ao menino Gabriel a condição para que suas habilidades e espiritualidade pudessem aflorar com tranquilidade e sem nenhum tipo de cerceamento ou pressão. Vivia as regras do viver humilde e singelo” (Ibid., p. 1). E o artigo aponta valores no sentido de uma cultura de paz: “a Luz do nosso Guia Espiritual está presente, nos conduzindo à Paz do Sagrado e nos agasalhando no seio da União, onde recebemos o Amor que nutre e alimenta o espírito” (Ibid., p. 1).

3.6 Jovens

De forma semelhante ao trabalho com as crianças, no PNMD existe também um grupo de pessoas responsável pelas atividades com os jovens. Assim, também se realizam atividades específicas para os jovens. Houve uma coordenada pela equipe do Plantio direcionada a eles. Tendo havido, ainda, um passeio ao “Lago do Arara”¹⁷¹ para os jovens da 2ª região, com um preparo de Vegetal e uma sessão dirigida pelo MGR (Mestre Monteiro na época) e atividades dirigida aos jovens (DC 09-08-2008).

¹⁷¹ Este é um lugar onde já se realizaram alguns Preparos de Vegetal e há muitas histórias a seu respeito na UDV.

3.7 Grupo de trabalho do ensino religioso

É o grupo que tem como objetivo efetivar o ensino religioso das crianças e adolescentes da UDV, pois, mesmo que participem de algumas sessões, essas são dirigidas aos adultos. Alguns jovens fazem perguntas nas sessões, mas, em geral, necessitam de orientações mais específicas. A base para a orientação é o Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes, publicado em 2008, mas esse grupo de trabalho busca compartilhar experiências de **como** realizar essa orientação.

3.8 Redes de e-mails

Das mais diversas atividades desenvolvidas no CEBUDV se originaram, também pela necessidade, diversas redes de e-mails. A troca de experiências e informações a respeito dos assuntos pertinentes a cada rede é a tônica, contudo, surgem outros assuntos como os de informática (“o documento não abriu, o que eu faço?”), utilidades (como evitar o mosquito transmissor da dengue, orientações a respeito de alimentação saudável etc.), informações, mensagens e questões que dizem respeito, direta ou indiretamente, à vida da instituição (como, por exemplo, a morte do cartunista Glauco¹⁷², os “50 anos da UDV”, o “I Congresso Nacional do Plantio” e outros).

Há uma rede para comunicar decisões da Diretoria Geral e acontecimentos importantes ligados à instituição e, assim, agilizar providências decorrentes dos mesmos e uma rede mais informal para assuntos interessantes, mas sem se falar diretamente nos ensinos da UDV. Há, ainda, as dos grupos de trabalho (dentre as quais a do ensino religioso tem sido a mais ativa da qual participo) e as dos departamentos.

Cada rede possui sua “netiqueta” (net-etiqueta ou conjunto de normas de participação) e um moderador, responsável por esclarecimentos e manutenção da ordem da mesma.

3.9 Congressos e Encontros

São realizados Congressos e Encontros na UDV de caráter regional, nacional e até internacional. Dos que participei (descrevo-os a seguir resumidamente), percebi uma importância no fortalecimento de um sentimento de pertença e identidade institucional.

3.9.1 IV Congresso da UDV e II Congresso Internacional da Hoasca

Participei desse evento na cidade de Brasília, registrando de forma manuscrita no DC 09 a 11-05-2008 as palavras que pude. A essência do mesmo, que teve a presença de mais de mil e cem pessoas entre sócios e convidados, foi de mostrar às autoridades o que é a União do Vegetal. O preconceito do qual os usuários do chá ainda são vítimas, dá-se, segundo a UDV, por desconhecimento, portanto, é necessário se dar a conhecer.

Em 1984, “a Divisão Sanitária de Medicamentos – DIMED, do Ministério da Saúde, inclui o mariri na lista de psicotrópicos proibidos no Brasil” (CEBUDV– DG, 2011, p. 31). E

a UDV suspendeu por dois meses o uso do Vegetal até se certificar de que não haveria perseguição aos sócios. (...). O Conselho Federal de Entorpecentes – CONFEN, órgão do Ministério da Justiça, atendeu ao pedido da UDV e criou o Grupo Multidisciplinar de Trabalho – GMT de estudos do chá Hoasca (Ibid., p. 32-33).

Este grupo, então, com entidades hoasqueiras e autoridades realizou toda uma tarefa pelo esclarecimento, que resultou no direito de comungar o chá, que não me cabe aqui descrever. Neste **IV Congresso da UDV e II Congresso Internacional da Hoasca** estiveram presentes, além é claro da UDV, representantes de duas destas entidades: o Alto Santo e a Barquinha. Houve ainda a participação de cientistas presentes e outros via internet, juristas e pessoas antigas na UDV.

Ouvi coisas que já tinha ouvido e também coisas novas, mas, a grande novidade para mim não foram os depoimentos dos membros da UDV nem de outros grupos hoasqueiros, mas de pessoas que destes não faziam parte, como, por exemplo, de John Boyd, que foi

¹⁷² Analisado no primeiro capítulo, no item “1.2.4 Direito de existir, concepção a respeito de “droga” e de chá Sagrado”.

advogado da UDV nos EUA pelo direito de lá se comungar a Hoasca, que disse: “Nunca conheci um grupo tão íntegro (...) quanto o da UDV” (DC 09 a 11-05-2008). Outro exemplo foi o de um cientista que participou do Projeto Hoasca, que disse: “O impressionante da UDV é que abrem o mistério central; a Igreja Católica não convida pesquisadores para o mistério da Transubstanciação¹⁷³”.

3.9.2 I Encontro do Grupo de Trabalho do Ensino Religioso (em Brasília)

Contou com a presença de sócios de outros países, mas a grande maioria era de residentes no Brasil. Realizado em 12 e 13 de dezembro de 2009, com cerca de duzentas pessoas, teve o objetivo de buscar uma identidade do grupo para que o trabalho de orientação espiritual de crianças e adolescentes dentro da União do Vegetal seja realizado dentro dos princípios ensinados pelo Mestre Gabriel e alinhado com as diretrizes do desenvolvimento institucional do Centro. Teve importância no desencadeamento de novos encontros pelas diversas regiões da UDV.

Realizado em um clima de harmonia e alegria, com a utilização de palestras curtas e de uma técnica de dinâmica de grupo chamada de Café Mundial que, através de momentos de pequenos grupos, proporciona que todos os participantes expressem sua opinião e que todas essas opiniões sejam conhecidas pelo grande grupo. Suas regras são: “1. Ninguém é melhor do que ninguém; 2. ninguém é igual a ninguém; 3. ninguém é dono da verdade” (DC 15-11-2010).

Além de exposição de trabalhos de artes plásticas neste congresso, também houve momentos, como de praxe nas atividades da UDV, de apresentações artísticas de cantores e de corais de canto.

Na Foto 62, da camiseta do Encontro, mais uma vez a alusão à Natureza, com as imagens de pássaros onde se percebe a diferenciação dos sexos pelas cores dos mesmos. E lê-se o diálogo:

- Vamos encontrar um tesouro naquela casa?
- Mas, não há nenhuma casa.
- Então vamos construí-la!

¹⁷³ Aqui não cabe especular por que e fugiria ao objetivo deste trabalho, contudo, nunca escutei que a Hóstia estivesse sendo questionada por alguém como droga, portanto, não haveria necessidade de comprovar que ela é inofensiva à saúde, como no caso da Hoasca.

O sentido aqui é de que o casal constrói uma casa para constituir uma família, que é um tesouro. E o Encontro do Ensino Religioso tem o objetivo de zelar por este tesouro.



Foto 62 – Camiseta do I Encontro do Grupo de Trabalho do Ensino Religioso

3.9.3 I Encontro do Grupo de Trabalho do Ensino Religioso da 2ª região (em Manaus)

Teve a participação de onze pessoas do PNMD. Duas frases escritas no primeiro dia do encontro são:

- A família como base, tendo os pais como exemplo, direcionando para a prática fiel do Bem e constância nos deveres e o reconhecimento de Deus como superior, sendo o Amor o equilíbrio, a sustentabilidade para a formação moral, intelectual e espiritual.
- Com diálogo permanente, cativamos os nossos filhos a caminhar dentro dos valores de formação de caráter através do desenvolvimento de todas as atividades da União (DC 14-08-2010).

Uma sócia do PNMD, que raramente pergunta ou fala nas sessões e que cresceu dentro da UDV, disse neste Encontro:

as pessoas sentem necessidade de participar com a gente, das nossas atividades. De 15 em 15 dias, ter atividades com as crianças é o especial e foi o que me cativou. Como ela falou, quando eu era criança, participava do ensaio de Natal, o presépio, todas as festividades a gente já fazia antes pra criar, tinha essas festividades desde criança, isso foi o que marcou e é o (...), eu participo, eu frequento. E a amizade, o laço familiar, com amigos, que foi o que mais me incentivou a continuar a seguir na União. Então, é isso aí que cativa mesmo o jovem, a criança pra continuar seguindo com os pais, com a sua família, pra ter apoio (DC 15-08-2010).

E outro discípulo do PNMD expressa surpresa com o segundo dia de Encontro pela manhã, que foi um exercício prático do tipo de atividades que podem ser realizadas com as crianças e jovens:

com essas dinâmicas a gente tá aprendendo a como trabalhar com as crianças. Ou seja, [vocês vieram] ensinar coisas pra gente aqui. Então, por exemplo, a Natureza. Nessa dinâmica nós vamos observar a Natureza, sentir a Natureza. E, o segundo momento é a gente tentando construir essa Natureza. Representar nossa família. Nós, também, o homem é o centro da Natureza. Essa Natureza existe é por causa do homem. Então, daí a importância dessa conexão com a Natureza e vocês trouxeram isso na prática, pra gente (DC 15-08-2010).

Aqui é mister esclarecer as afirmações: “o homem é o centro da Natureza. Essa Natureza existe é por causa do homem”. Na concepção da UDV, a Natureza é superior e existe para servir à humanidade: supre suas necessidades de alimentação, sacia sua sede, sua necessidade de ar. O que não quer dizer que a humanidade possa ou deva se servir da Natureza do modo que quiser, como se ela fosse inesgotável. E, por isso, é necessário estudá-la, conhecê-la e saber como preservá-la, como explicitarei no item “3.3.2.2.2 Departamento de Plantio (de Mariri e Chacrona)”.

Na Foto 63, da camiseta do Encontro, de novo a alusão à Natureza, com as imagens de pássaros (desta vez, de beija-flores) e de um ninho em construção e a frase: “Construindo um ninho, para receber nossos passarinhos”. Têm o sentido também como o da foto anterior, de construção de um lugar para receber os filhos e assim constituir uma família. Esse lugar pode representar o trabalho de Ensino Religioso com os filhos.

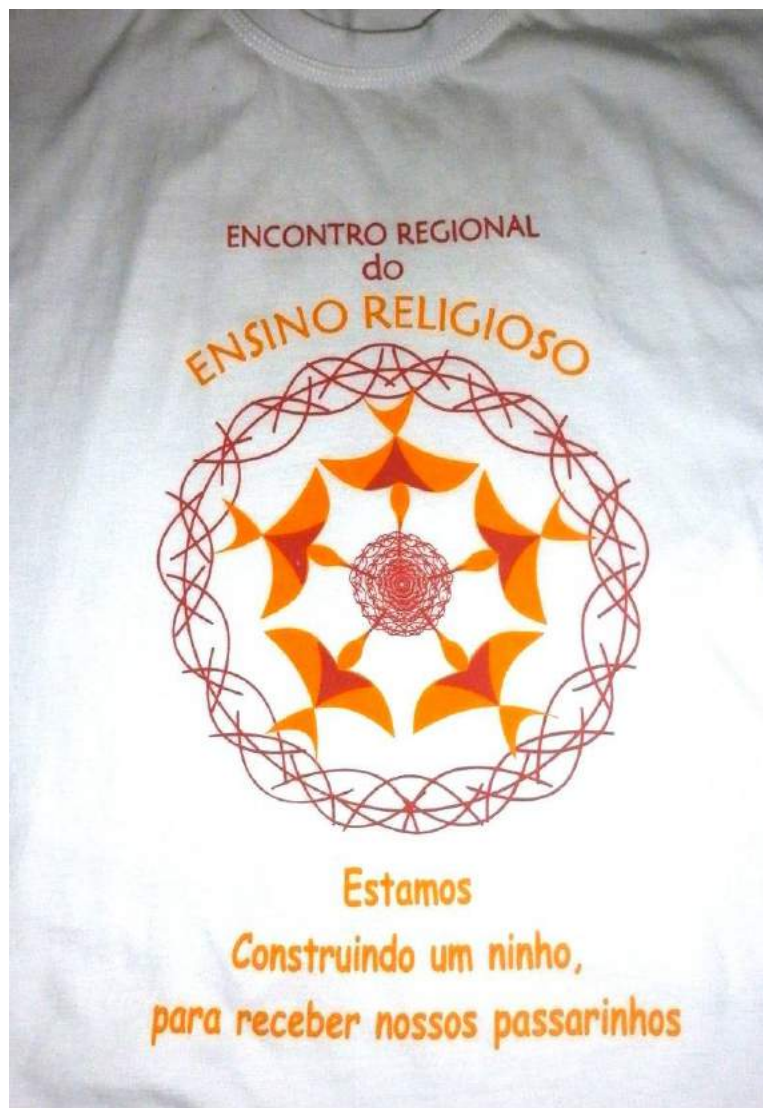


Foto 63 – Camiseta do Encontro Regional do Ensino Religioso – 2010

3.9.4 I Congresso do Plantio do CEBUDV (em Manaus)

Também com palestras e com a técnica do Café Mundial, realizou-se nos dias 13 e 14 de novembro de 2010, na cidade de Manaus, contando com a participação de mais de seiscentos sócios de diversas partes do Brasil e exterior o **I Congresso do Plantio do CEBUDV**. O tema do congresso foi “Conscientização Ambiental e Busca de Sustentabilidade nas Práticas de Manejo Integrado”. As diversas palestras foram fruto de trabalhos em grupo e de pesquisadores. Também houve momentos de apresentações artísticas de cantores e de corais de canto (Foto 64).

Segundo o DC 19-11-2010,

Sócios de outros Núcleos (principalmente de fora de Manaus) expressaram admiração pela organização do Congresso, desde a recepção, alojamento das pessoas e do Congresso em si e também a admiração por parte dos comerciantes da Praça de Alimentação que serviu refeições aos Congressistas, pela maneira ordeira como estes se comportaram.



Foto 64 – I Congresso do Plantio do CEBUDV – 13 e 14 de novembro de 2010

3.10 Cerimônias e outros eventos sociais

3.10.1 Casamentos (com ou sem cerimônias)

Cerimônias de casamento têm sido realizadas no CEBUDV: a maioria é religiosa com **efeito civil** e algumas, simplesmente, como **confirmação** de uma união de casal.

Das cerimônias que participei (algumas no NPS e, em 2010, quatro no PNMD), o Mestre celebrante e a secretária vestiam o uniforme da UDV; quanto aos noivos, um vestia terno e gravata e a noiva vestia vestido de noiva (ou vestido social) e houve outros onde a roupa dos noivos era do tipo social. Reproduzo alguns trechos dos diários de campo relativos às cerimônias que gravei (com a permissão do MR por serem cerimônias públicas, com a presença de convidados não-sócios – geralmente parentes, amigos e colegas de trabalho; soube de um caso da participação de chefe de trabalho).

Quanto às cerimônias realizadas no PNMD: segundo o DC 12-06-2010: “realizou-se o casamento religioso de um casal que já vivia junto há seis anos, já casados no civil e com uma filha”; segundo DC 10-07-2010: “Os seus filhos estão aqui também, juntamente com todos, testemunhando esse acontecimento” (os filhos são três crianças); e dois (DC 27-06-2010 e DC 05-12-2010) foram de casais que conviviam há alguns meses (mas já haviam participado de “sessão pra casal”, ou seja, já eram considerados casados).

Para a instituição (assim como era para o Mestre Gabriel), é suficiente que o casal viva junto para serem considerados casados. Conforme o DC 10-07-2010: “sob o olhar do Mestre Gabriel (...) tão simplesmente o ato de viver juntos, dividindo sofrimento e alegria, dividindo alimentação diariamente, ele já os considerava casados”. E, segundo o DC 27-06-2010:

O Mestre Gabriel considerava casados tão somente o homem e a mulher que vivem juntos. No linguajar dele ‘comendo o feijão com arroz todos os dias’, ele já considerava como casados. Nunca ele pressionou ou forçou qualquer casamento, a oficializar um casamento, uma união, seja na igreja, seja na UDV. No tempo dele, não houve nem um casamento assim, mas ele falou muito sobre casais e falou tanto que deixou como que numa pauta contínua, perene na União do Vegetal, a sessão para casais.

E, no DC 01-08-2010:

Foi contada a origem da sessão de casal. Um Mestre do CREMG, na época recém-chegados (ele e a companheira), não estavam ainda nem no Corpo Instrutivo e ele já tinha saído de casa e o Mestre Gabriel foi visitá-lo e, chegando lá, ficou sabendo da situação. Daí fez a primeira sessão de casal e eles não se separaram e ficaram junto, seguiram e ele chegou ao QM e ela ao CDC. Então essa foi a primeira sessão de casal, que deu origem à sessão de casal na UDV.

Mesmo não existindo um ritual de cerimônia de casamento estabelecido no CEBUDV, observei alguns elementos comuns: a entrada dos padrinhos e dos noivos acompanhados de

músicas, em seguida o celebrante (um Mestre) fala brevemente a respeito do significado do casamento na UDV, em seguida pergunta aos noivos se cada um aceita o outro enquanto cônjuge, fala no significado das alianças e que podem colocá-las (um no outro) e os declara marido e mulher. Contudo, em uma das cerimônias, o celebrante disse:

Secretária, leia, por favor, esse ponto básico do casamento.

Secretária: ‘O casamento, pela UDV, é a aliança entre um homem e uma mulher, com o objetivo de constituição legal da família e convivência harmônica em busca da união verdadeira’ (DC 27-06-2010).

E, na mesma cerimônia, disse que poderia parecer brincadeira, mas que estava perguntando pra valer:

[Dirigindo-se à noiva] - S., tu aceitas ser para E. um instrumento de purificação? Tu pra com ele e ele pra contigo?

- S: Aceito.

[Dirigindo-se ao noivo] - E., tu aceitas a S. como a tua companheira de todos os dias, presente com ela nos momentos difíceis, que eu não os desejo, nos momentos felizes da vida, sendo ela teu instrumento também de purificação, tu aceitas?

- E: Aceito.

(DC 27-06-2010).

Mesmo que não tenha feito as perguntas dessa forma nas outras cerimônias de casamento, em uma delas falou no “aprimoramento espiritual do casal. Ou seja, sendo também um instrumento de purificação” (DC 12-06-2010). E, em outra: “o casal quando se decide casar, cada um está aceitando o outro como sendo um instrumento de purificação” (DC 10-07-2010).

Por vezes o celebrante fala a respeito da primeira união de casal e o seu sentido de proporcionar a encarnação dos espíritos:

E tal como Adão e Eva, que receberam de Deus uma missão, de estabelecer uma família e que essa família pudesse se multiplicar e preencher todo esse planeta, vocês também estão numa missão muito semelhante, muito semelhante. De dar início, também, a uma geração de filhos, pois que esta é uma das grandes prioridades do casamento no plano espiritual (DC 27-06-2010).

As palavras do celebrante são sempre com o objetivo de orientar o casal a como manter o casamento para serem felizes, buscando os valores ensinados na UDV (amor, união, harmonia, complementaridade, paciência, diálogo, reconciliação, respeito, transparência etc.):

A mulher complementa o homem e o homem complementa a mulher. O marido complementa a mulher e a mulher complementa o marido. Se nós agirmos assim, sob esse princípio, nós temos assim toda a vida pra caminhar dentro da maturidade, usufruindo do amor que advém desse compartilhamento, usufruindo do amor que é o nosso princípio sagrado, a nossa razão de viver, viver essa vida. Pra isso há que ter a transparência, há que ter o compartilhamento, há que ter a união. Nós somos, cada um de nós, marido e mulher, cada um de nós é uma diversidade de pensamentos. Cada um tem a sua formação e estão se buscando, se encontrando, se reencontrando ao longo da vida, porque há uma necessidade tanto do homem quanto da mulher, de um complemento mesmo. Tanto no homem quanto na mulher, há uma necessidade premente de compartilhar um com o outro. Sexualmente, conjugalmente, existencialmente, é fundamental o homem e a mulher se complementarem.

(...)

O que eu desejo pro A. e pra A., é que eles continuem se complementando. E que haja sempre, em tudo o que façam, em tudo o que pretendem fazer, que haja o diálogo. E se acontecerem os atritos, que é natural que aconteçam, também como já devem ter acontecido, e que vocês devem ter superado e já se entendido de alguns, que haja o diálogo também. Evitem que as coisas se acumulem. Evitem que os atritos se acumulem. Ao primeiro atrito, que haja também em seguida, o diálogo de compreensão, de entendimento, buscando o porquê daquilo, o porquê daquele acontecimento. Porque no fundo, no fundo, quando dois se atritam é porque os dois querem, quiseram se atritar. Então, somente os dois podem se encontrar, encontrando a reconciliação. E isso se dá pelo diálogo, respeitando cada um, o jeito de ser um do outro, cada um respeitando o jeito de ser um do outro, porque o jeito de ser de cada um é o que expressa a nossa formação. O A. tem um jeito de ser, a A. tem um jeito de ser também. Cada um de nós tem sua maneira de ser. E cada um de nós deve ser respeitado pela sua maneira de ser, o seu jeito de ser. Mas nos diz o Mestre Gabriel que o que nós temos que ajeitar dentro de nós é o nosso jeito de ser. O nosso jeito de ser tem que ser cada vez mais ajeitado. Existem aqueles que pensam que já estão ajeitados ao longo da vida, 'não, o meu jeito de ser é esse, eu não mudo. Meu jeito de ser é esse, não tem quem me mude, nem eu mudo'. Se considerando uma pessoa perfeita, é um ledão engano, não é? Uma pessoa dessa está completamente enganada, redondamente enganada não, quadradamente [sic] enganada, ela está dentro de um quadrado, porque está enquadrada num pensamento que acha que é o pensamento correto, certo. Mas ela está enganada. Nós precisamos ajeitar em nós é o nosso jeito de ser. Nosso jeito de ser é que precisa ser ajeitado. E quando um se determina a casar com outro, quando o A. se determinou a casar com A. e quando A. se determinou a casar com o A., agora aqui perante nós, eles estão também cientes de que daqui em diante esse compromisso se tornou mais sério, mais responsável e mais prazeroso também, dependendo de cada um. Porque cada um, daqui em diante, vai continuar sendo um instrumento de purificação do outro. Essa é outra ilusão

que a gente não deve carregar, pensar que nós estamos apenas casando, que daqui em diante nossa vida vai ser um mar de rosas, que assim seja, um mar de rosas. Mas, muitas vezes o mar está sujeito a ondas abalantes [sic] e nós temos que estar, no caso, o casal, bem seguro, se entendendo, com transparência, para poder superar as ondas altas, deixar o mar acalmar e navegar em águas tranquilas (DC 10-07-2010).

Por vezes, ainda, fala-se do apoio que o casal pode ter para superar dificuldades e do compromisso de dar exemplo e auxílio por parte dos padrinhos e de todos:

Esses padrinhos que estão aqui em sua volta foram pessoas que vocês escolheram pra serem também seus auxiliares nessa caminhada. E essa é a função dos padrinhos da União do Vegetal: é dar assistência também ao casal e é um sentimento que eles estão se conscientizando, ou já estejam até conscientes disso. E eles também têm que dar exemplo. Todos nós aqui estamos nos comprometendo nesse momento, perante vocês. Somos testemunhos e estamos também nos comprometendo em auxiliar naquilo que for necessário. E vocês sabem que podem contar com todos nós (DC 10-07-2010).

Por vezes, também, o celebrante fala a respeito do sentido e origem da aliança de Deus com a humanidade e que existe uma história a respeito da aliança no casamento:

As alianças, por favor. A aliança é um símbolo. A primeira vez que essa palavra veio a Terra foi num momento em que Deus resolveu mostrar pra Noé o arco-íris, estabelecendo naquele momento uma aliança com o homem dizendo que aquilo que aconteceu, ou seja, o dilúvio, jamais voltaria a acontecer. Estabeleceu essa aliança. Nós também temos uma história da aliança também, que é contada na UDV. É um símbolo sagrado, mas ele é sagrado desde que tu, E. e tu, S., saibam honrar esse símbolo. É um símbolo que só tem validade se ele for honrado. E só será brilhante, essa aliança só irá brilhar no plano da espiritualidade, no plano espiritual, se ela for honrada por vocês. E eu faço votos que vocês saibam honrar, cada um, a sua aliança. Essa aliança que vocês estão estabelecendo agora perante todos nós, aqui testemunhas, desse ato e dessa celebração. Por favor, podem trocar as alianças. Então, que este símbolo perdure ao longo da vida. Que essa aliança, entre marido e mulher, agora estabelecida, perdure ao longo da vida. Que ela seja para cada um de vocês assim, além de um símbolo, um compromisso com o Sagrado. (...). Sob o símbolo da Luz, da Paz e do Amor, sob os princípios consagrados pelo Mestre, pelo Divino Mestre, em nome desses princípios, eu vos declaro marido e mulher (DC 27-06-2010).

Esta declaração final é de praxe. Em seguida os noivos saem, joga-se arroz, a noiva joga o buquê de flores, serve-se alimentação e os noivos são fotografados com os convidados. Uma marca desses casamentos no PNMD foi o auxílio espontâneo das pessoas na organização da cerimônia (decoração do ambiente, aquisição e preparação de alimentação, da vestimenta

dos noivos, em servir alimentação e a limpeza após a festa). Em um dos casamentos foi feita uma cota espontânea para se adquirirem os gêneros necessários, pois o casal não tinha condições financeiras para bancar a festa.

De acordo com o DC 26-06-2010: “(Região Sudeste). Observei, (...), que havia dois conselheiros solteiros”. A palavra mais correta em lugar de “solteiros” é “não-casados atualmente”, pois já estiveram casados e têm filhos. Na UDV não é de praxe os sócios solteiros estarem no CDC; na 2ª Região, conheço apenas o caso de um conselheiro e de uma conselheira; pelo menos no núcleo que frequentei desde 1995, e no desmembramento do mesmo, são casos raros, principalmente dos homens. As exceções são casos de pessoas “maduras”, viúvas ou separadas, geralmente com filhos. De qualquer modo, há uma concepção no CEBUDV da importância do casamento para a evolução espiritual e, destaque-se, **com boa convivência do casal e familiar**, para o sócio ser convocado ao CDC.



Foto 65 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010

Nesta cultura, portanto, dá-se destaque à complementaridade dos dois sexos: esse é o poder da união. Mostra-se, assim, que “uns precisamos dos outros”, que “ninguém chega lá sozinho”, ou seja, que para se evoluir espiritualmente necessita-se de autoexame¹⁷⁴ e auto aperfeiçoamento na busca de auxiliar o diferente a se aperfeiçoar também, aprendendo com esse diferente. Que “estamos aqui uns salvando os outros” (DC 19-11-2007, após a sessão de inauguração do PNMenino Deus).

As Fotos 65 a 69 são de um casamento realizado dia 10 de julho de 2010. Na Foto 65, à frente da entrada do templo, observa-se uma estrela formada de bambu, pedrinhas brancas, flores e pétalas de flores. O caminho, formado por “bloquetes”¹⁷⁵ de cimento, leva: à esquerda, aos sanitários e berçário; à direita, à copa e cozinha; e, à frente, à entrada do templo. Estacas de bambu serviram de suporte para copos de vidro contendo velas acesas, formando um caminho até essa entrada. Um tecido enfeitado com estrelas formava a cortina de entrada do mesmo. Ao fundo, percebe-se mais uma cortina, desta feita formada por cordões pendendo do telhado.



Foto 66 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010 – detalhe 1

Na Foto 66, observam-se, pendurados na estrutura do telhado, na parte onde fica a foto do mestre Gabriel, cordões com enfeites singelos: contas e ramos de plantas e de flores. E na Foto 67, os detalhes dos enfeites.

¹⁷⁴ Conceção explicitada no próximo capítulo, no item “4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso”.

¹⁷⁵ Blocos hexagonais assim chamados em Manaus.



Foto 67 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010 – detalhe 2



Foto 68 – Casamento realizado dia 10 de julho de 2010 – O bolo

Na Foto 68, o detalhe do bolo de casamento rodeado de “docinhos” sobre uma mesa plástica coberta por toalhas e sob uma tenda plástica decorada com bambu, ramos de plantas e de flores e fitas. Ao fundo, o templo onde são realizadas as sessões e se celebraram os casamentos. À esquerda, no canto superior, a imagem da Lua Crescente; ao fundo, o

celebrante, MR, mestre Roberto Evangelista, Mestre Celebrante da cerimônia de casamento, “debaixo do arco”, sentado em uma cadeira de rodas, por motivo de força maior (os celebrantes dos casamentos costumam realizar as cerimônias em pé).



Foto 69 – Casamento – 10 de julho de 2010 – A vela no copo

Na Foto 69, posicionei-me próximo da entrada do templo e fotografei mais detalhes da decoração e outra perspectiva da tenda com o bolo de casamento e da copa: um copinho de vidro com uma vela dentro, pendurado em uma estrutura metálica com formas curvas de cujas extremidades laterais simétricas pendiam duas fitas plásticas; da cobertura da barraca do bolo de casamento, pendiam fitas semelhantes produzindo um brilho como reflexo da iluminação das lâmpadas “pl”.

3.10.2 Batizados e atribuição de nomes próprios

“O batismo é o nome”. Esta é a concepção na UDV a respeito do batismo. Contudo, pela tradição católica brasileira, onde se batizam as crianças alguns dias ou semanas após seu nascimento, os sócios também pediam para se realizarem batizados dos seus filhos. Começou-se, então, a realizá-los como **confirmação do nome**. E, no lugar da tradicional água na cabeça, dá-se ao bebê uma colherzinha de Vegetal.

Os nomes dados pelos sócios da UDV, na 2ª região, são geralmente brasileiros de origens diversas: cristã, de união de palavras ou ligados à Natureza, como Luana (Lua e Ana), Marilua (Mar e Lua ou Maria e Lua). Evitam-se nomes como Jesus, João Batista, Salomão,

Gabriel¹⁷⁶, Caiano (conheço um só), Hoasca (conheço uma só), Miguel, pois se colocaria uma “responsabilidade sobre os ombros da criança” muito grande, já que são espíritos de grau espiritual muito alto.

3.10.3 “Chá de baby”

O DC 22-04-2010 descreve:

Ontem se realizou um “chá de baby” ou “baby chá”¹⁷⁷ de uma jovem mãe que espera seu segundo filho. A maioria eram discípulos do PNMD e havia alguns colegas de trabalho da gestante. Havia uma jarra de suco e muita alimentação e refrigerantes (cada um deveria trazer algo), além dos presentes (fraldas etc.).

É mais um evento social que se realiza nas dependências dos Núcleos ou Pré-Núcleos da UDV ou em casas dos sócios. Neste caso foi em um restaurante, propriedade de uma família do PNMD, cedido em horário em que não está aberto ao público. De forma semelhante aos casamentos, é um evento social onde os convidados são sócios ou não, de acordo com quem convida; porém, são eventos bem mais informais que os primeiros: não há cerimônia e a festa é mais simples.

Examinando as atividades que descrevi neste capítulo, percebo que **o lugar para todos** que existe na UDV está ligado à concepção da busca de equilíbrio e do **tripé**: religião, trabalho e família. Ou seja, as atividades realizadas nesta sociedade são o exercício prático desse tripé: são religiosas, são atividades de trabalho (mas não remuneradas) e as pessoas ou já estão dentro de uma família ou acabam formando uma família ou, mesmo nos casos de não terem família, são tratadas como parte de uma família, a grande família da União do Vegetal, que considera também a humanidade como uma grande família. O DC 19-06-2010 sintetiza essa concepção do tripé e da grande família:

A alegria tá dentro do equilíbrio verdadeiro. Uma das coisas que a pessoa que tem equilíbrio verdadeiro tem é a alegria. E a alegria vem na convivência das pessoas em união. O Presidente e as Organs falam das

¹⁷⁶ Há discípulos que já chegaram à UDV com este nome (ou tendo algum filho com este nome).

¹⁷⁷ Evento também chamado de “chá de bebê” onde se festeja a vinda próxima de uma nova criança ao mundo, semelhante ao “chá de panela” (realizado antes de casamento), ou “chá de casa nova” (realizado antes de mudança de habitação); o termo “chá” provavelmente provém do horário em que é realizado, mais para o final da tarde, pois, por vezes, não é servido nenhum tipo de chá, mas sim café, leite, chocolate, sucos e refrigerantes.

peessoas se apresentarem pros trabalhos com amor no trabalho, trabalhando unidas e essa união traz alegria pra nós. E a união pode ser dentro do nosso trabalho dentro da UDV, mas pode ser em qualquer lugar em que estivermos, com pessoas que a gente tá vendo pela primeira vez, pode trazer também essa alegria, essa união. Também dentro dessa união, todos nós somos filhos de Adão e Eva e, depois, de Noé. E também a alegria vem pelo casamento. A música falou “te desejo alguém que você possa amar”. Essa pessoa pode ser o companheiro, a companheira e depois, os filhos, que também são um grande motivo de alegria.

E, lembrando as palavras da conselheira que disse que **a família é um porto seguro**, cito a Música **Lugar Seguro** (Composição: Juraildes da Cruz), ouvida nas sessões e no âmbito da UDV:

Vem comigo descobrir
Um lugar seguro
O amor é a nave do futuro
Chave do coração do mundo
(<http://letras.terra.com.br/juraildes-da-cruz/1196512/>)

O lugar seguro que a música fala pode ser entendido como o amor, mas também como a UDV, porque união é amor. A ideia de casal unido, tão valorizada, aparece em toda a parte, na cosmologia, no Sol e na Luz, na união do mariri com a chacrona, na Natureza: é um mote constante. Em síntese, a união da grande família da União do Vegetal que quer unir a grande família da humanidade. Essa concepção de amor e união é melhor examinada no próximo capítulo no item “**4.3 A concentração e a união**”.

4 ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS NA UDV

Este capítulo da tese trata-se de uma análise de dados para reconstruir as concepções que se encontram descritas nos mesmos, ainda que implícitas. E essas concepções formam uma rede, portanto, aparecem entrelaçadas umas com as outras de tal forma que, para reconstruí-las, sigo um “fio” de concepções que, mais adiante, encontra outro “fio”, que volta a se encontrar com outros fios de concepções que eu já havia explicitado parcialmente.

4.1 Livre arbítrio

A primeira concepção na UDV a ser examinada é de que **não há nenhuma garantia de se darem as transformações**, porque dependem do **querer** da pessoa: a transformação depende do **livre arbítrio**. Nenhuma pessoa é obrigada a se transformar, há que partir de si mesmo, há a liberdade de não seguir ou seguir o(s) conselho(s) ou orientação(ões) que são dados. O conselho não é uma imposição, mas uma orientação que leva em conta o poder de decisão da pessoa. E, mesmo se a orientação vier sob forma de doutrina¹⁷⁸, há sempre a liberdade da pessoa para escolher acatar ou não a mesma. A música *Vocação* (composição de Padre Zezinho) tocada em sessões, principalmente de adventícios¹⁷⁹, aborda esse ponto:

Se ouvires a voz do vento
 Chamando sem cessar
 Se ouvires a voz do tempo
 Mandando esperar.
 A decisão é tua
 A decisão é tua
 São muitos os convidados
 Quase ninguém tem tempo
 Se ouvires a voz de Deus
 Chamando sem cessar
 Se ouvires a voz do mundo
 Querendo te enganar

¹⁷⁸ Por ora é suficiente explicitar que a “doutrina” é “mais direta” e diz o que não deve e o que deve ser feito. No item “4.15 Força e Luz” esclareço melhor a diferença entre “doutrina” e “conselho” na UDV.

¹⁷⁹ Para pessoas que bebem o Vegetal pela primeira vez.

A decisão é tua
 A decisão é tua
 São muitos os convidados
 Quase ninguém tem tempo
 O trigo já se perdeu
 Cresceu, ninguém colheu
 E o mundo passando fome
 Passando fome de Deus
 A decisão é tua
 A decisão é tua
 (<http://letras.terra.com.br/padre-zezinho/880956/>)

Além da importância da Natureza (o vento, o trigo, plantar e colher), já explicitada nos capítulos primeiro e terceiro, esta música da religião católica expressa, na UDV, a possibilidade de a pessoa escolher, de decidir. A metáfora “se ouvires a **voz do vento** chamando sem cessar” pode ser interpretada como a **Voz de Deus** que é percebida sem que se veja o Emissor: Deus, como o vento, é sentido. Na UDV também existe uma referência ao vento: um núcleo se chama “Vento Divino” e esse também é o nome de uma “chamada”. A frase “se ouvires a voz do mundo querendo te enganar” pode ser interpretada como as ilusões oferecidas pela vida material e que a verdadeira realidade é a realidade espiritual. As frases “O trigo já se perdeu, cresceu, ninguém colheu, e o mundo passando fome, passando fome de Deus” confirmam essa interpretação, comparando a fome material (de trigo) com a “fome” espiritual, mostrando que, assim como é um desperdício não colher o trigo que cresceu, também seria um desperdício deixar de lado a vida espiritual. E Deus convida para a vida espiritual, mas a decisão é da pessoa.

Nessa música, além da importância da Natureza (o vento, o trigo, plantar e colher), percebe-se também a liberdade de escolha da pessoa. A UDV tem suas concepções doutrinárias, mas dá a liberdade para a pessoa examiná-las e escolher. Segundo o DC 28-06-2010, “Só existe uma proibição na União do Vegetal: ‘andar armado e mal-intencionado’”. Essa liberdade de escolha se expressa, ainda, em um aspecto marcante na cultura da UDV: o combate ao fanatismo. Para ilustrar essa afirmação apresento alguns discursos, registrados nos diários de campo: “Quem não estiver de acordo com o Mestre, não deve acompanhá-lo” (DC 07-11-2009), “examinem o que eu digo”; “temos que ter cuidado com o fanatismo”; “o fanático repete que nem papagaio; quem não é fanático, fala porque coloca em prática o que aprendeu” (DC 01-11-2009); “examinar pra compreender; quem não examina, tem uma forte propensão ao fanatismo; o fanatismo não é uma coisa de Deus, mas da Força Negativa” (DC 06-02-2011). E, aqui é necessário explicitar a concepção da UDV a respeito destas Forças.

Segundo um mestre, na UDV “também se busca o conhecimento de si e da Divindade ou Força Superior, Força Universal. São diversos nomes de Deus” (DC 25-04-2010). E, de acordo com o Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes, “a essa Fonte, a essa Origem, chamamos Deus — o Poder Superior, a Luz, a Força Criadora” (CEBUDV, 2008, p. 8). E em uma sessão, ouviu-se uma música que diz que “Deus é um só, conhecido no terreiro como Oxalá, no oriente como Alá, mas é um só” (DC 19-11-2010). Também é chamado por nomes como Consciência Superior, o Bem, a Luz Criadora, o Pai Superior. Na concepção da UDV, Deus é o Criador e ama os seus filhos, todos os seres humanos, e quer a felicidade deles. Isso tudo está ligado à concepção de que **a todos há um lugar ao Sol** e ao que se ouve na música tocada nas sessões, “Tocando em frente” (composição de Almir Sater e Renato Teixeira):

Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
De ser feliz
(<http://letras.terra.com.br/almir-sater/44082/>).

Pois, por conceber todos como sendo filhos do mesmo Pai Superior, que ama a todos sem discriminação, é que a UDV concebe que existe um lugar para todos e que todos têm em si esse dom de ser capaz de ser feliz, por isso é chamado também de Força Positiva. E que, é pelo amor de Deus que receberam Dele o livre arbítrio, a liberdade de escolher que caminho seguir. Assim, a escolha de não buscar se re-ligar com Deus é permitida por Ele. E, segundo um mestre do CREMG

Nós viemos pelas veredas até chegar aqui. Chegamos ora obedecendo à Força Negativa, ora à Força Positiva, somos só veículos de uma delas, e aqui estamos aprendendo a obedecer tão somente à Força Positiva. Um dia todos nos uniremos a Deus e a Força Negativa será a última a reconhecer a Deus ou não. Se não reconhecer a Deus como Superior, será liquidada (DC 25-12-2009).

Assim, a UDV concebe que a outra Força não é o Bem, portanto, é Negativa. Contudo, “a Força Inferior só é inferior à Força Superior, e não a nós” (DC 21-02-2011). E, de acordo com o DC 21-02-2010, “Devemos ter **respeito** pela Força Negativa e devemos ter respeito pela Força Positiva e buscar ser obedientes só à Força Positiva”. Além disso, diz o DC 18-04-2010 que “Devemos conhecer os laços da Força Negativa pra aprender a como nos livrarmos

deles”. E, ainda no DC 29-09-2010, leem-se as palavras de outro mestre: “pra firmar o querer é importante primeiro saber o que [se] quer”. Portanto, na concepção da UDV, existem duas Forças no Universo que irradiam pensamentos às pessoas, que só podem escolher se souberem o que estão escolhendo; agem sem ter consciência de que estão obedecendo a uma delas e podem, pelo conhecimento, discernir e escolher.

Mas como discernir, já que, como se escuta de modo frequente na UDV “O que mais se parecem com o Bem é o Mal e o que mais se parece com a verdade é a mentira” (DC 22-08-2010)? Esse é um desafio que todos os itens seguintes deste capítulo contribuem no sentido de construir uma resposta.

Por ora, estes dados permitem afirmar que as escolhas da pessoa devem, segundo essa concepção, ter como base o **conhecimento**¹⁸⁰, pois este deve estar na base do **querer** da pessoa. Além disso, é condição *sine qua non* para a transformação o **querer** da pessoa. Em cada momento de oportunidade de transformação, esta não ocorre obrigatoriamente: a pessoa é que decide, a cada oportunidade, se transformar. Existe, portanto, a **responsabilidade** da pessoa na sua transformação.

E como se dão as transformações?

4.2 A busca e o encontro com o Sagrado

O DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio mostra a concepção da UDV a respeito da busca do ser humano: “As mariposas que o Mestre compara na chamada é que nós somos como mariposas também, mariposas voam emboladoras¹⁸¹, em busca de luz, se aglomeram perto da luz, então assim somos nós também”. Assim, há uma comparação do ser humano com as mariposas, que andam confusamente, perambulando, pelas veredas em busca da luz.

Nesse sentido, um mestre do CREMG diz:

¹⁸⁰ Este ponto será melhor examinado nos itens “4.9 Aprender é transformar-se”, “4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor”, “4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso”, “4.13 A fé, a esperança e o conhecimento”, “4.14 A força do querer” e “4.15 Força e Luz”.

¹⁸¹ A palavra “emboladora” tem o sentido de “confusamente, sem rumo certo”.

havia sempre, eu acho que dentro de nós há sempre, uma **busca** mesmo inconsciente de alguma coisa superior. (...) eu ouvi falar da Hoasca através da leitura de um livro, chamado: “O Despertar dos Mágicos” (...), e que no final do livro fala da Hoasca, como sendo uma bebida alucinógena, bebida (...) por algumas tribos da Amazônia, e o autor faz assim uma referência de que aquele chá deveria ser estudado pela ciência, que iria trazer (...) uma boa contribuição ao progresso da humanidade, uma citação muito forte (...) que ele traz no livro, e eu, daquele dia em diante, comecei a **procurar**, comecei a **pesquisar**, fui **despertado** a um sentimento de que a Amazônia guardava realmente assim um tesouro (Entrevista MRCA, grifos meus).

E mais um mestre do CREMG diz:

eu sentia **necessidade de conhecer mais**, sentia um **vazio** na minha consciência e aí então eu, quando ouvi falar do Mestre Gabriel, um homem que fazia um chá, de uma sessão e que a gente fazia uma viagem astral, e eu disse pra pessoa que me falou isso: - Rapaz, eu preciso conhecer esse homem, estou precisando **encontrar** uma coisa que me faça acreditar (ME 12-05-2008, grifos meus).

A pessoa chega à UDV, muitas vezes, sem um objetivo de vida (ou “pelas veredas”, conforme o DC 20-06-2010), mas em busca de algo (conforme as entrevistas MRCA e ME 12-05-2008). E, de acordo com o DC 02-05-2010, “A pessoa se pergunta ‘qual o objetivo de estar aqui?’, ‘de onde eu vim, pra onde eu vou?’ e aqui se ensina que viemos de Deus e aqui estamos fazendo o caminho de volta a Ele”.

Assim, com a comunhão do chá enteógeno e com os ensinamentos que recebe, tem contato com a Divindade (DC 14-08-2010): “Um padre que foi a uma sessão da UDV disse que antes tinha ouvido falar de Deus e que na sessão conheceu Deus”, isto é, pelo **sentir**, entra em contato com “os encantos da Natureza Divina”. Desde esse momento, **desperta para a vida espiritual** e inicia, então, uma vida nova, como narra o entrevistado MA 02-06-2010, neste caso com uma vivência de “quase morte” e, em consequência, de uma nova vida, com um objetivo que não existia antes:

quando eu bebi o Vegetal pela primeira vez eu senti essa experiência de... pra mim, naquela sessão, de morte, e na verdade depois que eu fiquei sabendo assim que algumas pessoas chama de deslocamento, né? Da matéria, de experiência fora do corpo. E isso que foi assim a parte que me chamou muito a atenção e essa experiência de sentir, uma experiência espiritual, né? Fora do corpo, proporciona uma visão realmente bem diferente assim da vida da gente, a gente assim no dia a dia a gente tem, é mais fácil digamos acreditar que existe espírito e existe matéria.
(...)

E quando eu bebi o chá pela primeira vez (...), eu passei ao mesmo tempo a ter menos medo de morrer e mais vontade de viver (MA 02-06-2010).

Assim, o **despertar para a vida espiritual** é uma primeira transformação da maioria das pessoas que chegam à UDV. A pessoa, que vinha perambulando, com destino incerto até chegar a esta, depara-se “com um lindo jardim”: P, também na primeira vez em que bebeu o Vegetal, “voltou à noite para a sessão e viu muita coisa bonita e ficou na União do Vegetal” (DC 26-02-2010). A pessoa, então, fica extasiada com tanta beleza, que não se cansa de admirá-lo, pois, segundo o DC 02-05-2010, “A União do Vegetal é o Jardim Florido e nós somos as flores”: as flores desse jardim são flores, mas também são as pessoas (a humanidade). Aparentemente, alguém poderia pensar que, nessa afirmação, as flores seriam só as pessoas da UDV, mas, examinando mais cuidadosamente, percebe-se o caráter universalista (e, portanto, não discriminatório¹⁸²) da mesma. E a pessoa que chega, percebendo “a perfeição” da “retidão divina”, essa “luz tão fina e sublime”, sente-se “serena” e pede “no coração um Puro Amor”. Essas percepções e sentimentos são examinadas no próximo item, “**4.3 A concentração e a união**”.

O sentido na vida, que em diversas instituições aparece como fundante e fundamental para transformações pessoais, aparece nas sessões e na UDV, como o que se lê no DC 05-10-2009: “a importância de se ter um objetivo na vida”. Esse é um conselho ou orientação que aparece diversas vezes nas sessões. Há um incentivo a que “se busque esse objetivo” também na orientação do chamado “tripé: o trabalho, a família e a religião”. Segundo o DC 21-11-2010, “são três grandes tesouros que estão ao alcance de todos”. Pois, são âmbitos em que há **um lugar para todos**, que passam a ter uma **função social**, conforme já descrevi no capítulo anterior, a respeito das atividades. O homem ou mulher passam a ser trabalhadores, pai ou mãe e discípulos. Criam-se **identidades**, onde os mais antigos na UDV são modelos ou exemplos para os mais novos.

¹⁸² O que não impede a existência de sócios que reproduzem, ainda, preconceitos vigentes na sociedade brasileira.

4.3 A concentração e a união

A palavra “Núcleo”, segundo um Mestre do CREMG, existe porque “concentra as pessoas” (DC 08-12-2010). E, nos Núcleos, bebe-se o chá Hoasca “para efeito de concentração” (dos Documentos lidos nas sessões) e este é um aspecto determinante para as transformações: o da **concentração**. O ritual das sessões e as orientações dadas nas mesmas são no sentido de alertar as pessoas (“prestem atenção os que quiserem me seguir na missão”, da Convicção do Mestre, lido nas sessões) para a percepção dos sinais e ter cuidado¹⁸³ (“todo o cuidado é pouco” – do DC 02-09-2007, zelo por si e pelos outros) que é expressão do “amor ao próximo”. A pessoa, que estava sem rumo, passa a se concentrar no cuidado (o zelo) com as pessoas. Pois, “o homem também é sagrado” (DC 16-01-2010), ou seja, não há um encontro individualista com o sagrado; mesmo se a pessoa tiver uma perspectiva individualista, quando se encontra como o sagrado, encontra-se também com outras pessoas (“o homem” ou “o próximo”) enquanto parte desse sagrado. Assim, como se cuida de um jardim e se contempla a beleza do mesmo, também se cuida das pessoas para que se desenvolvam e se contempla a beleza desse desenvolvimento (a transformação).

Portanto, existe a **união** na **concentração**, ainda mais que, nesta palavra, está contida a palavra “centro”; já que, concentração é encontrar o próprio centro, cada um encontrando o próprio centro, encontra a Deus que é união, por isso é impossível encontrar Deus sem encontrar o outro. Daí o acolhimento que as pessoas sentem quando chegam à UDV, pois é uma necessidade dos sócios acolher e tratar bem as demais pessoas. Este aspecto de união é o que, lembrando do filme¹⁸⁴, chamo de “corrente do bem”; é o mesmo sentido do trecho da música ouvida em sessão “eu ajudo sim, porque também fui ajudado” (DC 02-02-2010 - NPS). Aqui abro um parêntese que especifica o tipo de união que é buscado. Segundo minhas observações e, principalmente, algumas narrativas, na UDV não há lugar para aproveitadores: os (poucos) que, de forma muito dissimulada, tentaram tirar vantagens pessoais, acabaram por ser descobertos e foram afastados do âmbito da instituição (a respeito disso explícito mais

¹⁸³ Aqui menciono de passagem, mas examino essa questão dos sinais e do cuidado nos itens “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**”, “**4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor**”, “4.12.5 Do desequilíbrio ao equilíbrio” e “**4.14 A força do querer**”.

¹⁸⁴ “A Corrente do Bem”, título original: “Pay it Forward” (2000, Warner Bros. e Bel Air Pictures LLC), dirigido por MIMI LEDER, baseado no livro de CATHERINE RYAN HYDE.

adiante). Se a pessoa recebe algo e não corresponde, é deixada de lado (por exemplo, um desempregado que recebe oportunidade de trabalho e “faz corpo mole”). Ou seja, “tem que fazer por onde merecer”. A respeito da concepção do plantio e do merecimento explícito no item “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”. Mas o que é mister destacar aqui é que esse rigor com “aproveitadores” reforça o sentimento de grupo das pessoas que tem o mesmo objetivo: buscar a transformação de si mesmo. Fechando o parêntese, continuo a respeito de mais aspectos da união.

Um entrevistado diz: “Outra coisa que tem que ter é união. Já é unido o cipó com a folha. Nós tem que cuidar esse negócio, de puxar pra aqui, puxar pra acolá; não presta” (CIA 26-12-2007). Mostra, assim, a concepção da união proveniente do próprio sacramento do chá. Diferentemente da palavra “mistura”¹⁸⁵ que se poderia pensar em utilizar para significar a associação dos dois vegetais, na UDV, utiliza-se a palavra **união**. Sem desmerecer outras denominações do chá, como Ayahuasca ou Daime, mas, para efeito de diferenciação de concepção, é a primeira palavra que faz parte do nome do chá: **União** do Vegetal. E, examinando a frase do entrevistado “Nós tem que cuidar esse negócio, de puxar pra aqui, puxar pra acolá; não presta”, podemos perceber, mais uma vez, a importância do **cuidado** que aponta para evitar condutas prejudiciais à união das pessoas. Ele diz ainda que, “nós temos que ser unidos. É tão bonito uma sociedade que nem a nossa” (CIA 26-12-2007). E acrescenta: “nós aprende com nós mesmos, o senhor me ensina, ele me ensina, ela me ensina, eu ensino o que eu puder pros outros também, nós estamos aqui é pra isso” (Ibid.). Assim, a beleza da união se expressa na busca de aprender e de ensinar (compartilhar o que sabe). Essa concepção facilita o combate ao orgulho e o cultivo da humildade¹⁸⁶, já que, admite a incompletude humana e, portanto, a necessidade que as pessoas têm umas das outras: a **necessidade da união**.

Nesse sentido, um mestre diz: “O Poder Superior criou a diversidade. Nada é igual, **nem duas árvores da mesma espécie são iguais**. Existe o diverso e o Universo, que une o diverso” (DC 29-12-2009, grifos meus.). E outro afirma que “O Mestre Gabriel vem (...) trazendo as orientações pra que a gente possa, um dia, se unir com o Nosso Pai Superior. E nesse caminho ele ensina a nós **buscar união com o nosso semelhante**” (DC 21-03-2010, grifos meus.). É o mesmo sentido expresso na afirmação: “Nós nos salvamos **em união** com o

¹⁸⁵ Essa palavra é evitada na UDV, que utiliza união no sentido do Aurélio: “Sem mistura. 1. Perfeito, puro; pleno, completo” (FERREIRA, 2004, [s.p]).

¹⁸⁶ Aspecto analisado mais adiante.

nosso próximo, cada um se **salvando e auxiliando o próximo** a se salvar, com palavras de incentivo, com conselhos de como ele pode ter mais facilidade pra se salvar” (DC 03-01-2010, grifos meus.).

Aqui é importante destacar uma concepção distinta da encontrada em Mateus (22,14): “muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”. Já na UDV, ouvem-se afirmações como a do DC 25-12-2009: “Um dia todos nos uniremos a Deus”. Isto é, nesta concepção **todos** chegarão à união com o Criador. A única exceção é concebida como de espíritos por demais trevosos, que “se não tiverem jeito, serão liquidados”. Mas aí já não é assunto para os humanos. Essa concepção é reforçada em uma orientação do Mestre Gabriel que aparece no DC 22-08-2010: “Deve-se compreender os incompreensíveis”. Nesse mesmo sentido, nos documentos lidos nas sessões de escala, ouve-se que: “a eliminação do sócio é competência do Vegetal”. Ou seja, se o sócio cometer alguma falta muito grave, estará sujeito a afastamento da Comunhão do Vegetal e, até, do âmbito do Centro; mas, conforme os mesmos documentos, poderá “voltar pela correção”. Assim, não é atribuição de nenhuma pessoa impedir para sempre o “sócio faltoso” de voltar. Esta concepção está ligada à concepção do inferno, pois, diferentemente dos que concebem que o espírito pode ser condenado ao inferno eternamente, a UDV concebe que “o inferno é aqui na Terra” assim como o purgatório, mas são **momentos passageiros** que dependem do merecimento da pessoa. Explicito, conforme explicito melhor no item “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”, a respeito do merecimento; por ora é suficiente a explicitação da importância dessas concepções por estarem ligadas à concepção da união com Deus. Em síntese, nesta concepção é **a pessoa que escolhe o seu destino**, pois **o Sol brilha para todos**.

O trecho explicativo de uma filmagem do DMD do PNMD, a seguir, mostra mais aspectos da concepção da “**união**” na UDV:

Onze pessoas carregaram um poste de sustentação estrutural do templo provisório. Esses postes de acariquara, madeira resistente, eram da companhia de energia elétrica e foram substituídos por postes de concreto. Assim, **com solicitação, foram doados** para o desmembramento. Alguém: “os vinte anões”. Essa foi uma referência aos 7 anões da história da Branca de Neve. Mostra, por um lado, **bom humor**, e, por outro, que “**a união é a força**”. Frase esta pronunciada correntemente na UDV (DC 02-09-2007, grifos meus).

É semelhante à frase do DC 17-01-2010 “uma andorinha só não faz verão”, que é explicitada assim: “as andorinhas só andam em bandos como nós, que também só andamos em bandos, que precisamos uns dos outros”.

Assim, na concepção da UDV, cada um é diferente, na Natureza nada é igual e, conforme se ensina nas sessões, “existem diferentes graus de memória¹⁸⁷ e, por isso, existem diferentes mestres e diferentes religiões: para poder atender esses distintos graus de memória”. Por isso, o Mestre Gabriel afirma que “Todas as religiões são boas” (DC 07-11-2009). Nesse sentido diz um discípulo:

Isso eu acho que é bem interessante, que a UDV não tem nenhum dogma, isso é uma coisa importante, isso é respeitando o grau de memória das pessoas, se puderem compreender, não se impõe as coisas, a pessoa é que, chegando num grau de memória ela vem receber, vem conhecer (DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio).

Daí, também, que “existem diferentes respostas pra cada pergunta e todas estão certas”. Contudo, perante o Criador, todos são iguais: Ele não protege nenhuma pessoa; cada um recebe de acordo com o seu merecimento (colhe conforme planta). Na afirmação de que não há nada igual na Natureza, está implícita a concepção de que **união não é homogeneidade**. A transformação é concebida, portanto, no sentido de **união do homem com Deus**, na medida em que se **une a humanidade em sua diversidade**. Há um reconhecimento da **riqueza da diversidade**, tanto a bio quanto a sócio-diversidade (Natureza e pessoas). As pessoas fazem parte da Natureza, mas aqui faço uma separação no sentido do destaque às pessoas, pois, na concepção da UDV, **o restante da Natureza está a serviço das pessoas**, da humanidade. E esse restante da Natureza é tomado como modelo para as pessoas. E, nesse sentido, os conselhos e orientações são dados com o objetivo de unir as pessoas e se manifestam nas palavras “salvar”, “auxiliar”, “próximo”: **“a União é quem nos conduz”** (frase primordial escutada na UDV). E a frase é “a união é a força” ou “a União é a Força” (DC 02-09-2007)? A pessoa que falou não disse se estava falando a primeira ou a segunda frase. Contudo, interpreto que pode ser lida dos dois modos e, com um terceiro elemento que é consequência dos dois. No primeiro caso, há o sentido de que as pessoas, quando unidas,

¹⁸⁷ Na concepção da UDV, “grau de memória” é capacidade de entendimento, conforme explicitarei no primeiro capítulo; explícito mais a respeito dessa concepção nos itens “4.8 A luz, o tempo, a reencarnação”, “4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor”, “4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso”, “4.12.6 Da preguiça à constância”, “4.12.9 Da raiva à paciência e obediência”.

são fortes; no segundo, há o sentido de que Deus é União e é Força; e, em consequência, as pessoas chegam a Deus através da união entre elas. Na História da Hoasca há também uma concepção de composição de forças: masculina e feminina. Assim, **da união da força com a luz vem a transformação e a união das pessoas**. A parte negativa é separação (desunião; pontos que impedem ou dificultam a transformação) e a positiva é união (pontos que facilitam ou promovem a transformação). Mais adiante mostro esses pontos negativos e positivos. Em um diário de campo (DC 17-01-2010), percebe-se mais uma referência à **Natureza**, utilizando a comparação com andorinhas e de sua necessidade umas das outras para sobreviverem; mais uma forma de ensinar, portanto, a necessidade da união entre as pessoas. No diário citado antes (DC 02-09-2007) percebe-se a vivência prática dessa necessidade, pois foram necessárias **onze pessoas** para carregarem um poste, uma pessoa conseguiu a **doação** dos postes e o **bom humor** surge para facilitar o trabalho, pois faz com que as pessoas se sintam mais unidas e motivadas a trabalhar: faz parte do valor **alegria**, característico do *ethos* da instituição.

Em outra ocasião de necessidade (umas árvores haviam caído com uma chuva e havia nelas um pé de mariri que, precisou ser “preparado”, pois, senão, iria se perder) pode-se perceber, segundo o DC 05-10-2009, que “**A alegria e sentimento de união superou o cansaço** que se poderia sentir após uma sessão de escala, mutirão e preparo”. É assim que uma sócia descreve em um e-mail que enviou para a lista eletrônica do PNMD:

E todos puderam sentir a **verdadeira mágica da União fazendo tudo funcionar, lavando a exaustão com trabalho, florescendo o amor e a colaboração**. A **alegria** dos grupos que desciam pela trilha em busca do chacronal, o **barulho da água** que enchia os tachos, a **música** dos irmãos que maceravam o mariri **em harmonia** com o **tilintar** das painéis e talheres preparando o jantar. Por todos os lados, **o som e a imagem da felicidade**. **Risos e conversas, fotos e abraços**. O **trabalho entre amigos** que se transformara em **festa, celebrando o presente** do Mestre (Rosa Moraes, do DC 05-10-2009, grifos meus.)

Nesses trechos do diário de campo, percebe-se a **transformação vivenciada**, sintetizada na afirmação: “**A alegria e sentimento de união superou o cansaço**”. A necessidade de preparar o chá sagrado transformou o cansaço natural decorrente da sessão do dia anterior, seguida de poucas horas de sono e de trabalhos físicos do mutirão. Surgiram sentimentos expressos nas palavras “lavando a exaustão com trabalho”, “trabalho entre amigos”, “harmonia”, “fazendo tudo funcionar”, “alegria”, “risos e conversas, fotos e

abraços”, “barulho da água”, “tilintar”, “a música”, “festa”, “celebrando”, “presente”, “o som e a imagem da felicidade”, “florescendo o amor e a colaboração”, “união”. Assim, o **objetivo comum** (preparar o Vegetal) teve o papel de transformar o cansaço do grupo em união e sentimentos positivos característicos decorrentes dessa transformação.

Esses sentimentos de alegria e união, que superam cansaço após muito trabalho, podem passar despercebidos e causar impressões como a que a entrevistada (CIB 02-03-2010) teve, no início de sua frequência na instituição: “eu falava bem assim, ‘e o pessoal trabalha muito’, e eu falava muito assim que eu não lavava louça nem em casa, eu ia ficar lá na União fazendo as coisas?”. Hoje ela é uma das pessoas mais ativas nos trabalhos do PNMD, ocupando, inclusive, um cargo na diretoria.

O DC 07-03-2010 traz:

eu me lembrei da frase do Mestre Gabriel de que ‘a União do Vegetal é uma fábrica de fazer amigos’. E é uma fábrica de fazer amigos porque só ensina a plantar flores. Os espinhos foram o mal; as flores é o bem.

A análise a respeito de espinhos e flores faço mais adiante, por ora é suficiente explicitar que a UDV **só ensina a fazer o bem** e que, por isso, é uma **fábrica de fazer amigos**. Essa é maneira como a instituição vem **unindo** as pessoas: pela amizade, que é a **ordem do amor**. O DC 21-11-2010 diz que “Só através da ordem que chegaremos à cientificação¹⁸⁸”. E no DC 15-11-2010 lê-se: “Falou-se a respeito da organização do I Congresso do Plantio e que as pessoas gostaram da mesma. A ordem na UDV não é a ordem dos exércitos, é a ordem do amor”. Assim, a ordem do amor é ordem pela **necessidade da organização** para que as pessoas se sintam bem, sintam que outros organizaram as atividades com e por amor. E é por isso que a União do Vegetal é chamada por seus sócios de “Sagrada Ordem” (DC 25-12-2009).

Essa ordem do amor é expressa também no depoimento (DC 12-06-2010) de um noivo que, após seu casamento, falou-me que as pessoas não quiseram que ele e a companheira fizessem a decoração: “foi uma surpresa, se ofereceram, já diziam que iam fazer isso e aquilo, espontaneamente”. Ele estava muito grato às pessoas pelo auxílio. Enquanto conversávamos, a Organ se aproximou e perguntou se ele “poderia levar o lixo”, ao que ele respondeu

¹⁸⁸ A palavra “cientificação” é analisada no item “4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso”, e tem o sentido de “purificação”.

prontamente que sim. Neste depoimento surge um aspecto imprescindível da amizade e da união: a **gratidão**. São inúmeros os depoimentos nesse sentido. Cito um desses que sintetiza bem esse sentimento de gratidão pela amizade, união e amor:

Quando o sentimento é muito grande, muito forte, é difícil verbalizar. Não tem poesia ou prosa que faria jus ao quanto eu amo a todos e a cada um de vocês, e o quanto sou feliz desde que os conheci. A partir do momento em que a UDV entrou em minha vida, tudo começou a mudar. E a minha maior inspiração foi ter encontrado o que eu mais procurava neste mundo: pessoas amigas, que sabem e se esforçam para viver em harmonia, com respeito e companheirismo. É um tesouro muito maior do que eu esperava, (...)

Meu coração estava um pouco endurecido pelo mundo, mas hoje vejo tudo por um outro ponto de vista, e vivo feliz, cantando sobre luz, paz e amor, gostando de ter o pé na terra e a alma nas estrelas. E descobri o bom de ser humana e viver esta vida, este momento. Sou privilegiada por estar aqui com vocês agora. E tento fazer de cada segundo desta experiência, uma forma de agradecer ao Mestre por mais esta chance de evoluir (DC 05-10-2009).

E esse amor, essa união e essa amizade, na concepção da UDV, não se expressam só no acolhimento, mas, também, na **correção** do outro. De acordo com o DC 02-11-2010, “O Mestre Gabriel diz que o amigo não acoita o erro do outro, que o amigo mostra pro outro o que ele tem que corrigir”. Aqui, o sentido de acoitar é o 3º do Houaiss (2001): “esconder (alguém perseguido por infração à lei); favorecer (atos criminosos)”; e a **correção** será melhor examinada mais adiante.

No DC 31-01-2010, com grifos meus, lê-se: “Há duas atitudes possíveis: a que acontece muito pelo mundo lá fora, de **competição**, onde cada um quer ter razão; e a de **cooperação**, em que os dois **buscam juntos compreenderem** o que se passa e chegarem a uma solução”. Contrapondo dois posicionamentos possíveis, aponta para a **cooperação** como sento o desejável, pois “essa atitude de **cooperação** (...) facilita a **união**”. E um mestre do CREMG diz “O diálogo não é como o monólogo, em que só um fala; o diálogo é quanto **um fala e o outro escuta atentamente** o que o outro fala e, depois, o que escutava é que fala e **o que falava escuta atentamente**”. Neste diário, há um conselho que aponta uma realidade dominante na sociedade ocidental, “de **competição**”, e a busca de transformação dessa perspectiva, a “**cooperação**”, como expressão da união entre as pessoas no sentido de se aliarem para enfrentarem o problema ou a dificuldade existente e, juntos, buscando **com respeito e atenção** mútuos, encontrarem a solução através do diálogo. É a mesma perspectiva analisada no diário anterior: **ter um objetivo em comum e unir-se em torno dele para**

conquistá-lo. Assim, o “inimigo” passa a ser não alguma pessoa especificamente, mas a **dificuldade a ser superada**, e, assim, **pela superação das dificuldades pessoais, produzem-se as transformações das pessoas**, de uma perspectiva **individualista** a uma perspectiva **de cooperação**. Se examinarmos as palavras usadas na instituição, perceberemos, também, a concepção da busca da união: o próprio nome **União** do Vegetal e o costume de se chamar de “União” à instituição - “**fazer parte da União**”; a “**Chamada da União**”, que é feita em todas as sessões (ou seja, além da palavra união, é um componente indispensável do ritual religioso); **reunião** da direção, de diretoria, com os pais, dos jovens, de departamentos e outras; o **Universo**; a **Força Universal**; usa-se **uniforme**; fala-se a palavra “**oportunidade**”, que contém **unidade**); até a pessoa que infringir alguma “lei”¹⁸⁹ poderá ser **punida**, ou seja, a falta foi desunião e a **punição** do discípulo é para que ele volte a se unir, fique **são** (sadio, curado), não errando mais (naquele aspecto, até não mais errar em aspecto algum, quando chegará, então, à purificação¹⁹⁰).

A respeito da **concentração**, ressalto, ainda, que a pessoa mais concentrada, pode desempenhar tudo de uma forma melhor na vida: evitar os perigos, porque está mais alerta. Segundo uma sócia, “A pessoa, mesmo tendo a Guarnição Divina¹⁹¹, não quer dizer que deva atravessar uma rua sem olhar para os lados” (DC 18-07-2010), isto é, deve prestar atenção. Além disso, na UDV, destaco que **prestar atenção** não é só com o uso da razão, mas **no que a pessoa sente**, havendo, assim, um destaque também para a intuição¹⁹². Nessa rede de concepções, a razão e a intuição se ligam à concentração, unidas a mais um fio: a concepção do **equilíbrio**¹⁹³. É outro valor relevante, que se manifesta na **linguagem** e no **modo de ser** da instituição. No DC 05-10-2009, lê-se: “No **tripé trabalho, família e religião**, às vezes, é preciso priorizar um deles”. Pude observar essa priorização, por exemplo, no caso de uma antiga sócia que teve que cuidar dos pais idosos e quase não vinha às sessões. Quando eles faleceram, ela voltou a frequentar com assiduidade. Observei também casos em que se

¹⁸⁹ Aspecto examinado no item “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”.

¹⁹⁰ Explicito mais a respeito da Purificação nos itens nos itens “**4.7 O ensino da simplicidade e da humildade**”, “**4.9 Aprender é transformar-se**”, “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**”, “**4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor**” e “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”.

¹⁹¹ Explicito mais a respeito da Guarnição Divina nos itens “4.12.9 Da raiva à paciência e obediência” e “**4.15 Força e Luz**”.

¹⁹² Examinada no item “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**”.

¹⁹³ Concepção explicitada também nos itens “**4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras**”, “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**”, “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”, “4.12.1 De vítima a merecedor”, “**4.14 A força do querer**”, “**4.15 Força e Luz**” e, principalmente, no item “4.12.5 Do desequilíbrio ao equilíbrio”.

priorizou o trabalho (como o da minha pesquisa de doutorado, por exemplo) e outros em que se priorizaram as atividades da UDV: tudo de acordo com a necessidade, mas sempre buscando o equilíbrio entre os três. Há, além da busca de equilíbrio entre razão e sentimento (incluindo a intuição), a do equilíbrio entre a força e a luz, a busca de agir com justiça (nem mais, nem menos: na medida certa), no equilíbrio das ações (evitando exageros), que provêm da observação do equilíbrio da Natureza e que se expressa através de atividades, como a do mutirão e do preparo já examinadas, e, também, dos artefatos e ritual da sessão, examinados no item “3.1.3.1 Concentração mental e busca de Luz, Paz e Amor”.

4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras

Nesse processo de transformação, tendo a **força do querer**, a pessoa **necessita do auxílio** de outros para se transformar. E, para receber esse auxílio, necessita **pedir**. O pedir é livre expressão do querer. E, como na concepção da UDV, “a palavra é quem traz tudo pra nós” (DC 31-01-2010), como “as palavras têm mistério”, como há “palavras negativas e positivas”, a pessoa necessita dessa “escola” (essa “sociedade”) para aprender. Conhecendo as palavras, a pessoa aprende a perguntar e a pedir. Segundo um diário de campo,

Falou-se também da importância da palavra para o nosso destino. E que “as pessoas se atropelam pela palavra” porque ainda não conhecem o poder da palavra e seus mistérios. “O Mestre Gabriel explica que a palavra tem mistério, todas as palavras têm mistério”. Então, “é sujeito a pessoa falar palavras malditas, porque são mal-ditas e a pessoa pode falar palavras benditas porque são bem-ditas e, assim, falando as palavras benditas, pode construir um destino melhor” (DC 25-04-2010).

Uma entrevistada (MRCA) escutou “mistério da palavra” e disse “eu fiquei encantada... mistério da palavra! Puxa, então, a palavra tem mistério?”, admirada e instigada a querer conhecer os mistérios, quando em seus primeiros contatos com a UDV. Parece ser uma concepção incomum ao senso comum no Ocidente¹⁹⁴: “a palavra tem mistérios”.

O Mestre Gabriel dizia, segundo o DC 07-11-2009, que, “se tivesse nascido em outro país, daria um jeito de explicar os mistérios das palavras na língua daquele país”. No entanto,

“como o Mestre Gabriel nasceu no Brasil, país de língua portuguesa, é nessa língua que são ensinados os mistérios e transmitidos os segredos da "Natureza Divina"”. Por isso que, nas sessões da UDV nos países em que a língua não é o Português, “A leitura dos documentos é feita na língua do país até antes do item "Mistérios do Vegetal". Este item, porém, é lido em Português”. E é por esse motivo que “os discípulos, para chegarem ao CI, precisam saber falar essa língua, porque nela são contadas as histórias e ensinados os mistérios e segredos da "Natureza Divina"”.

E, segundo o DC 21-02-2010, é importante conhecer os mistérios das palavras, porque “o Mestre ensina que a palavra é quem traz tudo pra nós. Por isso é importante examinar antes de falar”. Portanto, “devem-se falar palavras positivas”.

Um mestre ensina, de acordo com o DC 25-04-2010, em uma sessão para adventícios: “Centro Espírita União do Vegetal: é Centro porque a gente busca o nosso centro¹⁹⁵; Espírita porque somos um espírito, temos um corpo e somos um espírito; e Beneficente porque a pessoa sente o benefício”.

Aqui percebemos a importância das palavras: “**Centro** porque a gente busca o nosso centro”, “Espírita porque somos um espírito”. E, também, um exemplo de **mistério de palavra**. Explícito: a palavra “beneficente” possui o mistério da união de duas palavras: **benefício** (de “bene”) e **sente** (de “cente”), onde o importante não é a grafia, mas **o som das palavras**. Não existe no idioma Português a palavra “cente”¹⁹⁶, mas tem o mesmo som de “sente” do verbo “sentir”, por isso que “a pessoa *sente o benefício*”: este é o mistério da palavra “beneficente”. Outras palavras e seus mistérios aparecem ao longo desta tese.

Portanto, nessa concepção, **a palavra tem poder**¹⁹⁷. E, por isso, deve ser motivo de “estudo” e “exame” para trazer à pessoa o que ela quer receber. Isto é, como, nesta concepção, as palavras trazem tudo para a pessoa, é necessário que ela conheça os mistérios

¹⁹⁴ Seria uma concepção semelhante à lacaniana e à muçulmana?

¹⁹⁵ Conforme já explicitarei a respeito da concentração.

¹⁹⁶ Não a encontrei em dicionário algum.

¹⁹⁷ Conforme um diário de campo (DC 22-04-2010): “Concluiu-se, ainda, que a palavra tem poder para a transformação, tanto na UDV como no Daime”. Pois, neste, segundo um sócio da UDV que lá havia frequentado, “se conversa nos intervalos e as pessoas explicam coisas dos hinários”. O assunto surgiu em uma conversa informal onde “Falou-se, (...), a respeito do título de cidadão acreano (pela Assembleia Legislativa do Acre) que receberam as viúvas de Mestre Gabriel (da UDV) e Mestre Irineu (do Daime – lá, ele é o único Mestre; os outros são padrinhos e madrinhas) e o filho do Mestre Daniel (da Barquinha – lá também chamam de ‘Mestre’”.

das palavras para poder escolher as “positivas” para receber coisas positivas¹⁹⁸. Ilustro a respeito disso com orientações dadas em uma sessão.

- Me lembrei da história do ‘Carvalho e do Junco’ em que o carvalho dizia que era forte, superior ao junco que era magrinho, mirradinho e veio uma tempestade e o carvalho quebrou. Vejo que ser pais ou mães é a arte do equilíbrio entre o carvalho e o junco. Com algumas coisas tem que ser como o carvalho, duro, como nos princípios. Mas na maneira como corrigir podemos ser flexíveis, mas dependendo do filho, às vezes temos que ser mais duros pra ele acordar¹⁹⁹.

MC: - Transforme uma palavra. Falou “**veio** a tempestade”, chamando pra si.

- Sim, grato. Então a tempestade **foi**.

MR: - Depois da tempestade, vem a bonança.

- **Ficou** a bonança.

(DC 09-05-2010).

Neste diário de campo, observamos, por um lado, a busca do equilíbrio por parte do discípulo na correção dos filhos; por outro, que ao pronunciar a palavra “veio”, é corrigido e retifica: “a tempestade **foi**” e “**ficou** a bonança”. Percebo, ainda, o momento e a maneira dos mestres de ensinar os mistérios das palavras: logo que a pessoa pronuncia uma palavra a ser corrigida, e com tranquilidade, ensinando de modo direto e sucinto o que, na concepção da UDV, não deve e o que pode ser falado.

Às vezes a pessoa não sabe o que quer, às vezes não pede. O livre arbítrio permite que a pessoa peça. E, para se transformar, a pessoa necessita pedir. O pedir é expressão do querer. Diz o ditado “quem não chora não mama”. Esse ditado tem como base o bebê que, para se alimentar, necessita demonstrar que está sentindo fome e o faz através do choro. Já, com a aquisição da fala, inicia-se um processo de expressão dos pedidos através da mesma. Assim, a criança aprende a pedir e a perguntar. De modo semelhante, na UDV, o recém-chegado inicia um processo de aprendizado de um conjunto de concepções e de uma linguagem de origem cabocla da autodenominada “cultura caianinha” que não existem em outra instituição²⁰⁰. E começa a aprender a pedir e a perguntar. É importante destacar que “uma sessão do Vegetal é feita de perguntas e respostas” (DC 20-06-2010).

¹⁹⁸ Essa concepção está ligada à da “lei do plantio”, examinada adiante.

¹⁹⁹ Explícito esta frase no item “4.15 Força e Luz”.

²⁰⁰ Mesmo que, pelas minhas observações e pesquisa bibliográfica, possa haver semelhanças com outras instituições, a linguagem e certos aspectos são específicos da UDV. Seriam interessantes estudos a esse respeito, contudo, não é o objetivo do presente trabalho.

4.5 A quem e o que pedir

E a quem se deve pedir? Um mestre do CREMG, segundo o DC 18-04-2010, responde: “Devemos pedir à Força Superior”. E pedir o quê? Ele responde: “força e luz, paciência, obediência, a Saúde Perfeita, o Divino Amor”²⁰¹. Além disso, em todas as sessões de escala se pede à Natureza Divina pra abrir os encantos. E todos esses pedidos e perguntas são respondidos ao longo das sessões. Há diversas respostas para cada pergunta e há perguntas que só podem ser respondidas em sessões de um grau maior (instrutivas, do Corpo do Conselho ou do Quadro de Mestres e uma só o Mestre Representante pode responder ao que o sucederá). Mas, a grande maioria das perguntas recebe alguma resposta através de alguma pessoa (fora, mas, principalmente, dentro de uma sessão) ou através do Vegetal dentro de uma sessão.

4.6 O mestre responde e ensina

Diversas vezes ouvi a frase dos DCs 08-12-2010 e 11-02-2011: “o Mestre Gabriel disse: ‘tudo o que eu faço é ensinando’”. E, segundo a entrevista CIA 26-12-2007, “o Mestre tá pra ensinar”, “os ensinamentos do Mestre ninguém esconde”, e, se alguém perguntar, tem que ensinar, pois, “Se a gente não falar com quem eles aprendem?”. E, reforçando: “o Mestre é pra ensinar”. Já que, “Como foi que eu aprendi? Porque o Mestre me ensinou”; pondera: “eu só não respondo se eu não souber”. E reitera: “eu tô é pra ensinar, foi assim que eu aprendi, se eu não ensinar fica parado, o pessoal não vão pra frente, só tem evolução se ensinar”. O entrevistado mostra, nesta concepção, o que o Mestre Gabriel ensinou e como ele aprendeu com o Mestre: que a função (e o dever²⁰²) do mestre é ensinar e que **a transformação** (“a evolução”) não acontece se ele não ensinar, **só se dá se o mestre cumprir sua função de ensinar**.

²⁰¹ Explicitarei a respeito de cada um desses pedidos ao longo deste capítulo.

²⁰² A palavra “dever” tem um sentido significativo na linguagem da UDV, explicitado nos itens “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”, “4.12.6 Da preguiça à constância” e “4.12.9 Da raiva à paciência e obediência”.

E, além do ensino de que a missão do Mestre é ensinar, o que mais ele ensina?

4.7 O ensino da simplicidade e da humildade

O Mestre ensina, de acordo com a entrevista CIA 26-12-2007, como se deve proceder para **sentir os efeitos da burracheira**: “tem que ter orientação mesmo [de] como é que vem a força”. O entrevistado afirma que é

coisa séria, não era coisa de mentira (...) aí eu ‘é sério mesmo! Bem que o rapaz falou!’ [e que] o Vegetal tá da parte da simpliidade²⁰³, a simpliidade não é brincadeira, o Vegetal, os encanto²⁰⁴, gosta de simpliidade (...) recebe uma burracheira que é uma beleza”. Ele afirma algumas outras coisas, e reafirma “mas a simpliidade da pessoa que é importante.

Mais adiante acrescenta:

E tudo por tudo é uma coisa séria porque é encanto. O valor do encanto que você sabe que o encanto é puro, todos os encantos (...) os encanto não mente porque ele é puro. Ele tá purificado, o que tá purificado não mente.

Percebe-se, nessa concepção bem revelada pelo entrevistado, que o sacramento de beber a Hoasca é uma coisa séria, pois é sagrado: o chá é compreendido e personificado como uma entidade ou um ser (não é tratado como uma coisa, mas sim como sujeito, alguém que “gosta” da simplicidade), mais precisamente, a própria Divindade. E, por isso, necessita-se de orientação para fazê-lo e que a essência dessa orientação é a **simplicidade**.

E a simplicidade é, também, uma forma de buscar a humildade: “Na Coroa de Salomão está a humildade e pra pessoa poder merecer receber a Coroa de Salomão, ela precisa buscar a simplicidade, que é o caminho pra humildade” (DC 11-02-2011).

Diz o entrevistado “Não tem grande aqui dentro; o Grande aqui é Deus” e que

essa bebida é pra nós dar, pro povo aprender e se clarear, que nem tem na chamada da Lupuna²⁰⁵ que diz: clareia as mariposas que andam

²⁰³ Palavra cabocla significando “simplicidade”.

²⁰⁴ Palavra cabocla significando “encanto(s)”.

²⁰⁵ Chamada de nome “Lupunamanta”.

“emboladora”. E eu era um desses que andavam “emboladora”, **não tô bem certo ainda**, mais em vista do que eu tava, primeiro eu cumpro minha palavra (CIA 26-12-2007, grifos meus).

Ou seja, diz de forma clara que o sacramento é para ser dado às pessoas para elas se transformarem e utiliza a comparação com as mariposas, com o mesmo sentido anteriormente analisado, da pessoa que vinha perambulando antes de chegar à UDV. Pode-se perceber, ainda, que, mesmo admitindo sua transformação, pois era um desses que estava sem rumo e agora já cumpre sua palavra, revela que ainda necessita se transformar. E esse é um ensinamento primordial da UDV: a **constante busca de transformação**. Já que perfeito é só Deus e que, portanto, a purificação ainda está distante para a grande maioria das pessoas. Esta concepção facilita a busca da **humildade**, que é um valor central na cosmologia da instituição. Já explicitarei que o cultivo do mesmo facilita a união das pessoas, porém, examino-o agora enquanto ensinamento.

De acordo com o DC 15-11-2009, “O caminho pra se chegar a Ele é a humildade”. E, segundo outro diário,

A humildade é importante. A humildade é o **caminho do Mestre**. É a **mãe de todas as virtudes**. **O humilde não sabe que é humilde**. **Se a pessoa diz que é humilde, já tá se exaltando**. **Os outros é que veem a humildade nele**. **Jesus** foi batizado, mostrando a sua humildade e pra que se cumprissem as escrituras. **João Batista** mostrou sua humildade reconhecendo Jesus como Superior. **O Mestre Gabriel demonstrou sua humildade no seu jeito de ser** (DC 17-01-2010, grifos meus.).

Ainda citando o exemplo de Jesus, diz um discípulo no DC 25-12-2009: “Jesus teve acolhida em uma estrebaria, porque não havia lugar pra Ele, mostrando a Sua humildade. Que possamos sempre acolher Jesus em nosso coração”. E, segundo outro diário: “O Mestre Gabriel diz que a humildade é uma coisa tão fina que **o humilde não tem o direito de saber que é humilde**” (DC 02-05-2010, grifos meus).

Mais um diário de campo revela:

Para se chegar à humildade, uma coisa que facilita é sempre se colocar **no lugar de aprendiz**. (...) O humilde não sabe que é humilde. Aquele que acha que é humilde, não é, porque está se exaltando. Outra coisa importante também para facilitar chegar à humildade é o **exame de si e o autoconhecimento**, para, dessa forma, **se corrigir, corrigir seus defeitos** (DC 15-11-2009, grifos meus).

Nesse sentido,

Pra se chegar à humildade é preciso duas coisas: uma é se **examinar e ver o que precisa corrigir** e outra é, **quando o mestre corrige, examinar e ver que o que o mestre falou é verdade, aceitar que estava errado e corrigir** (DC 02-05-2010).

E, mais um diário,

Pra se chegar à humildade é importante sempre buscar se colocar no lugar de aprendiz. Eu venho buscando me colocar nesse lugar. Eu **aprendi com meu filho de um ano de idade** quando, uma vez surgiu um clima não muito bom com a minha companheira. Ele lá, brincando com seus brinquedinhos naquela simplicidade de criança e aquela coisa ruim foi embora. Então, a pessoa se colocando nesse lugar de aprendiz, **pode se beneficiar com esse aprendizado. A gente tá aqui pra aprender até, um dia, voltar ao nosso Pai Superior** (DC 28-03-2010).

Destaco, do DC 03-10-2010, uma frase que se ouve diversas vezes na UDV, de que, segundo o Mestre Gabriel: “O conselho pode vir até da boca de um bêbado”. Mais um mestre, segundo o DC 02-05-2010, diz: “A pessoa, **ao admitir que tem um mestre, já demonstra um grau de humildade**”. E, uma antiga conselheira visitante diz “Cada sessão é como se fosse a primeira vez que eu estivesse bebendo o Vegetal. Tô sempre aprendendo”.

Início a análise a respeito do valor da humildade pelas frases dessa antiga conselheira. Mostram o mesmo posicionamento do antigo discípulo entrevistado que fala da importância da “simplicidade” para receber a burracheira e que diz “não tô bem certo ainda” e que “Não tem grande aqui dentro; o Grande aqui é Deus”: mesmo sendo antigos sócios da UDV, consideram que **continuam aprendendo**, não se consideram prontos ou superiores a outras pessoas. Aqui não cabe analisar se são realmente humildes, mas sim as palavras que utilizam para significar que se colocam no lugar de aprendizes. Este lugar é valorizado como facilitador para se chegar à humildade que é postulada na concepção da instituição como **inacessível à consciência da própria pessoa**, pois “o humilde não sabe que é humilde” e “não tem o direito de saber que é humilde”, “os outros é que veem a humildade nele” e “se a pessoa diz que é humilde, já tá se exaltando”. Portanto, desencoraja a exaltação, o ufanismo, a gabolice, o e envaidecimento e encoraja a simplicidade e humildade. É a mesma perspectiva trazida pelo Evangelho: “Quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado” (Mateus, 23, 12; Lucas 14, 11; Lucas 18, 14).

Examinando a palavra humildade, podemos verificar que ela contém “um”, portanto, contém “união”, ou o próprio Deus. Assim, a humildade, na UDV, é concebida como sendo o “caminho do Mestre”, “a mãe de todas as virtudes”, exemplificada por Jesus, João Batista e o Mestre Gabriel. Quanto aos dois primeiros, a literatura cristã está repleta de explicações, como as citadas a respeito do nascimento e batismo e não é o objetivo deste trabalho examiná-las. Já, a respeito do Mestre Gabriel, entendo que é importante examinar, não só por ele ser ainda pouco conhecido, mas, principalmente, por ser o (re)criador da UDV e, portanto, ter um papel preponderante nas práticas sociais da instituição. Um mestre afirma que ele “demonstrou sua humildade no seu jeito de ser”. Neste item é suficiente esta afirmação; explico mais a seu respeito no item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**”.

Além dos exemplos de simplicidade e de humildade, há ainda na concepção da UDV, ações ou **posicionamentos** no sentido de **buscar a humildade**. Um deles é a de procurar sempre aprender (“o lugar de aprendiz”), de **querer** aprender, pois assim facilita para a pessoa receber o benefício da transformação (“evolução”): “A gente tá aqui pra aprender até, um dia, voltar ao nosso Pai Superior”. Colocando-se nesse lugar, com a concepção de que **o sentido da vida é aprender**, a pessoa aprende com quem quer que seja: com um bebê ou com um bêbado. Isto significa que ela pode se beneficiar com o contato com qualquer pessoa. Esse posicionamento é, inclusive, uma defesa contra posturas de discriminação, já que valoriza todas as pessoas como **mestras em potencial**, já que podem ensinar. Nesse sentido, a pessoa “ao admitir que tem um mestre, já demonstra um grau de humildade”. Isto é, se a pessoa admite que alguém é ou pode ser seu mestre, admite que ela tem falhas, imperfeições, lacunas, necessidades: e essas geram a necessidade da “busca do conhecimento” e, portanto, para o aprendizado e transformação.

E qual o direcionamento da busca de aprendizado? “O exame de si”, “o autoconhecimento”, buscando “examinar e ver o que precisa corrigir”, “se corrigir, corrigir seus defeitos”, “quando o mestre corrige, examinar e ver que o que o mestre falou é verdade, aceitar que estava errado e corrigir”.

Acrescento, ainda, duas frases importantes ligadas à estrutura hierárquica da UDV. Uma delas é quando um conselheiro recebe a camisa de mestre: “receba essa estrela para, um dia se encontrar com o Mestre”. A outra é: “quando se chega ao Quadro de Mestres é que se começa a aprender”. Concebe-se, assim, que se a pessoa pensa que chegou ao Quadro de Mestres e já sabe de tudo (ou de muita coisa), está enganada, “está na ilusão” (como se diria

na linguagem da UDV). Daí a importância de a pessoa se examinar, “estudar de si” para conhecer-se e conhecer os outros. Assim, pode-se aprender (conhecer) a respeito de si, para se transformar. Há pessoas que não se transformam, porque não aproveitam as oportunidades para se transformar. Às vezes, as pessoas não sabem o que querem. Imaginam²⁰⁶ que querem uma coisa e, quando veem, querem outra. Por quê? Porque não se conhecem. E, por perceberem que não se conhecem, entendem que este é o primeiro passo: conhecer a si mesmos. E, como conhecerem a si mesmos? Autoexaminando e perguntando.

4.8 A luz, o tempo, a reencarnação

E a resposta vem na forma da **luz**. E, por isso, o mestre do CREMG diz que se deve pedir luz à Força Superior. Às vezes, nas sessões, quando a pessoa pensa em fazer uma pergunta, já recebe uma resposta. Há narrativas de pessoas que pensaram em algo (pergunta, assunto ou chamada) e alguém ser veículo do que foi pensado (perguntar, falar do assunto ou fazer a chamada); ou de a resposta a alguma pergunta feita já ocorrer para alguém pelo pensamento²⁰⁷. Há, então, uma sincronia, explicitada pela frase “tudo está dentro do tempo”. Na UDV também “o tempo é luz”. Por isso que se diz que há coisas que só o tempo resolve. As transformações iniciais são mais perceptíveis e rápidas; já, mudanças mais estruturais (de “temperamento”) são mais lentas e graduais: necessitam do tempo (“dos martelinhos” para “martelar a memória”) para forjar a transformação. E, por vezes, é o tempo de mais de uma encarnação, daí a necessidade das reencarnações dos espíritos para possibilitar a transformação das pessoas.

Aqui é necessário explicitar a concepção central da UDV a respeito da **reencarnação** dos espíritos. Argumenta-se que essa crença existe nas tradições da maioria das religiões (“orientais, africanas e do kardecismo”) e desde o início do cristianismo “(...) que, porém, foi retirada da doutrina católica no ano 553, num concílio, na cidade de Constantinopla” (CEBUDV, 2008, p. 50). E que “a cada nascimento tem-se nova encarnação, **nova chance de aprendizado**, continuidade da caminhada espiritual” (CEBUDV, 2008, p. 49, grifos meus). Como diz um mestre, “os espíritos vêm encarnar em uma família para evoluir espiritualmente

²⁰⁶ Explicito a respeito da imaginação no item “**4.13 A fé, a esperança e o conhecimento**”.

²⁰⁷ Falou-se a respeito de “telepatia” no DC 28-09-2010.

e que vêm aprender, mas que muitos vêm também ensinar. (...) [E,] em geral reencarnam na mesma família, como irmão, filho ou neto” (DC 09-05-2010).

A concepção da UDV a respeito dos espíritos desencarnados é de que, ou ficam aguardando o momento de reencarnarem para continuar sua evolução, ou se já se purificaram, só voltam a reencarnar, por alguma necessidade, **em missão**; mas, há uma terceira alternativa possível que quase não se fala: dos espíritos que não perceberam que não estão mais encarnados²⁰⁸. Não testemunhei diálogos nem tampouco registrei durante essa pesquisa algo a esse respeito na UDV, o que demonstra a pequena importância disso na instituição. Presenciei algumas poucas sessões onde se falou a respeito desses casos e, mais marcadamente, a respeito de “espíritos obsessores”. Se alguém sentir sua presença, há alguns procedimentos (principalmente através de chamadas) no sentido de afastar tais espíritos, com o objetivo de encaminhá-los para “o lugar deles”, ou seja, para que possam novamente encarnar e continuar sua evolução.

Uma frase que se ouve na UDV é que “este mundo é ilusão; a realidade é espiritual”²⁰⁹. Pois, nessa concepção, o espírito “na matéria” ou “encarnado”, vive uma parte insignificante, mesmo que em muitas encarnações, frente à eternidade do próprio espírito. Contudo, é mister destacar, isso não diminui a importância da encarnação, já que, o destino do espírito depende do que a pessoa faz encarnado, como explicito no item “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**”.

Já os espíritos puros ou purificados podem encarnar ou reencarnar “em missão”, como no caso do Mestre Gabriel. Contudo, segundo o Mestre Gabriel, os espíritos que vêm em missão às vezes, “se envolvem com as coisas da Terra e esquecem da missão” para qual foram designados (DC 28-03-2010). Ou seja, mesmo se vierem puros “estão sujeitos às coisas da terra”, às falhas e só quando cumprirem sua missão que podem voltar a se purificar. A exceção é Jesus, pois, na concepção da UDV, “Jesus é o próprio Deus, que veio pra mostrar pra nós o Caminho da Salvação” (DC 03-01-2010).

²⁰⁸ E, nesse sentido, o filme “O sexto sentido” (título original “The Sixth Sense”, direção e roteiro: M. Night Shyamalan, produção: Kathleen Kennedy, Frank Marshall, Barry Mendel e Sam Mercer, 1999, estúdio Hollywood Pictures / Spyglass Entertainment, distribuidora Buena Vista International) ilustra bem esse tipo de concepção. O espírito (interpretado por Bruce Willis) que falava com o garoto, não percebia o que havia acontecido até que este lhe revela a realidade.

²⁰⁹ Lembro do filme “Avatar”, onde o personagem principal fala uma frase semelhante em relação ao que ele vivia com os Na’vi. Cito este filme, também, pela vivência dos humanos que conviveram com o povo não-humano ter algumas semelhanças com a vivência na burracheira: sensação de estar em outro corpo, de voar, de ver os encantos e belezas, da integração com a Natureza e a Energia Divina. Sem dúvida, há aspectos

Essa concepção a respeito da reencarnação aparece nas palavras usadas no CEBUDV: “**renascer**”, “(re)criar”, “(re)conhecer”, “(re)cordação”. Algumas palavras são escritas com “re” ou “(re)” para enfatizar o caráter de retorno²¹⁰, de que não é a primeira vez que aconteceu. Por isso, afirma-se que o Mestre Gabriel “recordou-se de sua missão” e “recriou a UDV”.

Talvez o tempo seja a junção entre luz e paz, porque é uma luz com paciência. E a transformação mais lenta exige paciência. Há coisas que são necessárias serem escutadas diversas vezes para que a pessoa possa compreendê-las (conhecê-las): aprende algo que não havia percebido, vê algo que não havia visto antes; mas, para ver, necessita de luz. Isto é, onde existe o aprender por parte do aprendiz, existe luz por parte do mestre (quem ensina).

4.9 Aprender é transformar-se

Na concepção da UDV, **aprender é transformar-se**. O que a UDV quer ensinar? A se transformar o negativo em positivo. Ou seja, busca-se transformar tudo que está do lado de uma perspectiva destrutiva (“vícios” e “desvios de conduta” segundo o Guia, mas, na maneira de falar da UDV, se diz “vacilação”, “coisas erradas” ou “laços da Força Negativa”) em algo construtivo (virtudes, evolução, desenvolvimento). E esse aprendizado não é teórico, mas, essencialmente, **prático**; se a pessoa “sabe” falar bonito e “na teoria”, mas não pratica o que diz que aprendeu, na verdade, não aprendeu. E a **prática é coerente, autêntica, sincera**, não é uma prática visando receber uma recompensa ou não visando receber uma punição, mas porque **a pessoa tem consciência** de que necessita ser feito. Assim, a prática é **um aprendizado autêntico**, na concepção da UDV. Esse é o objetivo, que a pessoa aprenda de forma autêntica. Portanto, as palavras são importantes, mas a pessoa não pode ficar só nas palavras, pois, nesse caso, não aprendeu (não se transformou). Portanto, nesta concepção, **o aprendizado é a transformação**.

E a busca de transformação do negativo em positivo também pode ser encontrada na UDV em outras palavras, respectivamente como: “ilusão e realidade”, “mentira e verdade”,

interessantes do filme que possuem semelhanças com as concepções da UDV, mas, examiná-las não é o objetivo deste trabalho.

²¹⁰ Embora, deve-se observar, na UDV, não são consideradas positivas as palavras “rebeldia, revolta, revolução”.

“castelo de curiosidade” (conforme explicitarei no primeiro capítulo, a respeito dos “mestres de curiosidade”, esse “de” tem a pronúncia “di”; diferencia-se, portanto, do verbo conjugado “dê”, que tem o sentido de “dar”) e “castelo da ciência” (a palavra “da” pode, também, ter o sentido de “dá”). É importante sublinhar que, na UDV, o termo **curiosidade** é sinônimo de ignorância, desconhecimento ou falso conhecimento e é contraposto à **ciência**, que é o verdadeiro conhecimento; a palavra “curiosidade”, portanto, não é utilizada no sentido de interesse ou vontade de saber ou “busca do conhecimento” ou “busca da sabedoria”. Estes, destaque, são bastante valorizados na instituição, como explicito a seguir.

No primeiro capítulo mencionei que, segundo Gentil e Gentil (2004), a UDV “é uma obra milenar, que tem no Rei Salomão o seu criador” (p. 561). Já o Guia de Orientação explicita a **origem do chá** em função do qual a instituição se organizou: “A União dos Mistérios do Vegetal — o mariri e a chacrona, plantas que compõem o chá Hoasca — foi feita por Salomão” (CEBUDV, 2008, p. 55, grifos meus). E ele é e ficou registrado como o rei da sabedoria na memória da humanidade e “A história registra esse período como uma época de prosperidade e de considerável conhecimento — tanto material como espiritual — para aquela região” (Ibid., p. 55-6). Esta concepção percebe, assim, uma ligação entre progresso material e espiritual. A Luz Superior, na concepção da UDV, é o próprio Conhecimento, é a Consciência Superior e Salomão “chegou a ser o Rei da Ciência”, pois está unido a essa Consciência e a humanidade também chegará a se unir também a Ele ao se purificar.

Mencionei no capítulo anterior, nos itens “3.2.5 Desmembramentos” e “3.3.2.2.4 Departamento de Estudos Médico-Científicos (DEMEC)” a respeito desta concepção. Ouvi a frase “Um sonho do Mestre Gabriel era ter um filho na Universidade”, que é coerente com o depoimento de um Mestre do CREMG a respeito da ocasião em que, sendo este estudante universitário, foi apresentado ao Mestre Gabriel:

Aí o Mestre Gabriel disse:

- Sim senhor, o senhor é estudante então. Muito bem, (...), **o conhecimento material é uma boa base para o conhecimento espiritual**, as primeiras palavras dele... (DC 11-02-2011, grifos meus).

E, conforme o DC 06-12-2009, “quando estava no seringal o Mestre Pernambuco perguntou se, para ser Mestre, teria que saber ler e o Mestre Gabriel respondeu que não; já em Porto Velho, fez a mesma pergunta e este respondeu que agora sim”. Mostra, portanto, que tudo é de acordo com a necessidade: antes (no seringal), não havia necessidade de Mestre

saber ler (conhecimento material), já na cidade sim. A concepção da UDV, portanto, não contrapõe o conhecimento científico ao conhecimento espiritual. E, por isso, o mesmo Mestre do CREMG afirma: “Os Reis Magos eram estudiosos em Astrologia. Na época não existia a separação que existe hoje entre Astrologia e Astronomia. O Mestre Gabriel diz que a Astrologia é uma das ciências mais altas” (DC 07-01-2011). E, através do conhecimento que tinham, puderam aguardar o surgimento da Estrela do Oriente, que os guiou até o Salvador da humanidade. Esta concepção é coerente com a que já explicitiei de que “a doença do espírito é a falta de conhecimento”, assim, **todo o conhecimento é bem-vindo na UDV**, não é à toa que a grande maioria dos sócios possui nível educacional superior.

4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito

Segundo um Mestre, “A intuição é a comunicação direta do Poder Superior com a pessoa. Em muitas coisas a pessoa pode utilizar a intuição: na própria vida profissional, seu trabalho, pra poder decidir as coisas” (DC 16-01-2010). Portanto, para interpretar a realidade, utiliza-se do **sentimento** (o **coração**) e da **intuição**²¹¹ além da mente racional. A burracheira traz maior clareza pra entender os sinais. Pelo sentir (pela intuição) a pessoa aprende: o sentir já proporciona um aprendizado, uma transformação. Busca-se aprender a ler os sinais da vida: a Natureza e os eventos, as sincronias. Por isso da frase do DC 07-03-2010, “tudo é coincidência”: os eventos inesperados que acontecem, estão dentro de uma previsão Divina e que, são lidos como sinais do Plano Divino. Nesse sentido, os sinais da Natureza são significativos: as fases da lua para as atividades mais usuais na UDV e, fundamentalmente, para a obtenção do chá utilizado como sacramento (**preparo de Vegetal**), o mariri florando (indicando, entre outras coisas, que está maduro para ser colhido). Para outras interpretações,

²¹¹ Segundo o Aurélio “intuição (u-i) [Do lat. tard. intuitionem, ‘imagem refletida por um espelho’, com sentido filosófico em lat. escolástico.] Substantivo feminino. 1.Ato de ver, perceber, discernir; percepção clara e imediata; discernimento instantâneo; visão. 2.Ato ou capacidade de pressentir; pressentimento: Tenho a intuição de que vai chover hoje; “mil coisas que ela não percebia, mas começava a adivinhar na sua intuição sutil de mulher já namorada” (Conde de Ficalho, Uma Eleição Perdida, p. 65). 3.Filos. Conhecimento imediato de um objeto na plenitude da sua realidade, seja este objeto de ordem material, ou espiritual. 4.Filos. Apreensão direta, imediata e atual de um objeto na sua realidade individual. 5.A faculdade intuitiva” (FERREIRA, 2004, [s.p]). E, segundo o Houaiss (2001, [s.p]), a etimologia de intuir é “lat. (...) 'olhar atentamente, observar, considerar, contemplar, examinar, cuidar; ver, descobrir; estar voltado para, ter os olhos em' (...)”.

é necessário ser feito um exame que, por vezes, só com o tempo percebe-se o que representa. Este caráter de **não se ter todas as respostas** é marcante na instituição: incentiva “o estudo” de cada um e desencoraja o fanatismo, conforme já explicitarei no item “**4.1 Livre arbítrio**”.

E, para se poder ler os sinais, existe a orientação do Mestre Gabriel de que se deve “prestar atenção” que, examinando-se com mais rigor, percebe-se sua ligação direta com o ditado “todo o cuidado é pouco”, pois, “prestar atenção” é uma forma de cuidado: para se ter cuidado, é necessário se prestar atenção. Esse cuidado vai desde prestar atenção em atravessar uma rua até o cuidado consigo mesmo e com as demais pessoas (a própria **saúde** – alimentação, exercícios físicos etc. – e outras **ações**). É expressão do “fazer o bem sem olhar a quem” e do “amai-vos uns aos outros”, pois, existe até a expressão “quem ama cuida”, ou seja, o **cuidado** é uma **prática de amor**.

E essa prática começa com a própria pessoa, pois, como diz o M Herculano, atual Mestre Geral Representante, ao ser perguntado em uma sessão, com a simplicidade que lhe é típica: “Já voou de avião? O que diz a aeromoça? Primeiro coloque a máscara de oxigênio em si pra depois colocar no outro” (DC 16-11-2010 – Núcleo Caupuri). Portanto, há uma diferença entre egoísmo e cuidado consigo mesmo: o egoísmo é pensar em si em detrimento dos outros e **o cuidado consigo mesmo está dentro do valor da caridade**, pois, quanto melhor a pessoa estiver de saúde e de bem-estar, melhor poderá cuidar dos outros. O critério é pensar em primeiro lugar no que é melhor para os outros. A pessoa se autoexaminando pode se transformar e melhor cuidar dos outros e de si própria. É necessário, ainda, lembrar que a concepção de “todos são filhos de Deus” inclui a própria pessoa que, deve se colocar em segundo lugar, se tiver que escolher entre servir e ser servido; mas, colocar-se em segundo lugar, não significa excluir a si próprio: isto seria um erro, uma falta de caridade com um filho de Deus, que é a própria pessoa.

Um mestre diz: “Firmeza no pensamento²¹² e limpeza no coração” (DC 16-05-2010). Para poder sentir, para poder aprender e, portanto, transformar-se, quanto mais limpeza no coração tiver, menos “leprosa”, isto é, mais ela pode sentir. O Mestre Gabriel dizia que as pessoas chegavam leprosas na UDV e que, “A União do Vegetal é lugar de torto... pra se endireitar!” (DC 07-11-2009). Esta frase mostra que os que estão frequentando a UDV não estão “puros”, não são perfeitos, mas estão em busca da evolução e da perfeição (castelo da ciência – consciência plena de tudo). E, segundo o DC 15-11-2009, com grifo meu, “Deus

²¹² A respeito da “firmeza no pensamento” explicito no item “**4.14 A força do querer**”.

tem amor infinito por nós, seus filhos e nos corrige por amor, para que possamos nos limpar e refletir a Sua Luz cada vez mais, até um dia, chegarmos à Purificação e nos **unirmos** a Ele”. Assim, a concepção da união é percebida como um processo de **limpeza**, semelhante a um **espelho** (palavra também utilizada na UDV: nos documentos lidos nas sessões de escala, diz que o QM e o CDC devem ser espelhos dos discípulos) que, ao ser limpo, reflete melhor a luz: é a **Purificação**, mais uma palavra que tem esse sentido de transformação. O coração ou o sentimento é concebido, então, como um espelho que, se está embaçado, não permite que se veja; mas, quanto mais limpo, mais reflete a luz e se vê melhor. E essa limpeza, ao se limpar retirando a insensibilidade e **passar a sentir, é um processo de transformação**.

Um mestre do CREMG, no DC 18-04-2010, diz, “Aqui neste plano estamos no purgatório, purgando pra chegar ao paraíso. Há quem viva em um inferno, mas há também quem viva quase num paraíso”. E, no DC 02-05-2010, que “Pra se purificar tem que estar encarnado”²¹³. Neste mesmo diário de campo, ele falou a respeito de uma comparação das pessoas com pedras de um rio (o mestre viu na Espanha, em um rio de água límpida); eram seixos de todos os tamanhos que vieram rolando e se ralando. Ele afirma: “Nós também somos como esses seixos, rolando e nos ralando uns nos outros, aparando as arestas. [E que] somos instrumentos de purificação uns dos outros, principalmente os casais. Um é o fiscal da purificação do outro” (DC 02-05-2010). E, no DC 28-03-2010, um conselheiro diz: “O Poder Superior fez a gente assim, homem e mulher pra gente se unir...”. Segundo ele,

- ‘O mestre (nome) disse que eu comecei me equilibrar quando conheci a (nome da companheira)...
 - MR- ‘E eu acho que ele tem razão’.
 - ‘Eu também concordo. O Mestre Gabriel diz que “o homem é o equilíbrio da mulher e a mulher é o equilíbrio do homem”.
- (DC 28-03-2010).

E, conforme outro diário de campo, “**os espíritos vêm encarnar (...) para evoluir espiritualmente**” (DC 09-05-2010, grifos meus.). E que, “O que chamamos de morte é apenas a morte do corpo físico, da matéria — o desencarnamento. **O espírito é imortal, destinado à vida eterna, junto a Deus, no Plano Astral Superior — o Céu**” (CEBUDV, 2008, p. 49, grifos meus).

²¹³Diferentemente da Barquinha onde, segundo Araújo, “Além da doutrinação de almas, os espíritos considerados inferiores (exus) também são doutrinados e convertidos em entidades de luz que passarão, a partir do batismo, a prestar assistência ao centro” (ARAÚJO, 1999, p. 26).

Assim, a concepção na UDV é de que inferno e purgatório são aqui na Terra e de que a pessoa não evolui espiritualmente quando não está encarnada: está neste plano com a missão de evoluir espiritualmente e **necessita do corpo para poder sentir**. E a **busca de evolução espiritual** é a busca da **purificação**, que é, portanto, um **valor central** na UDV: é o que embasa, ou “norteia”, a busca de transformação das pessoas. E, nessa busca, o homem e a mulher necessitam um do outro para se unirem, complementarem-se e um auxiliar o outro na sua evolução. Por isso que o Mestre Gabriel criou a sessão de **casal**: para ensinar como serem um instrumento de purificação do outro, buscando sempre a união, a harmonia. Na UDV, a concepção da **família** é fundamental para a transformação das pessoas, pois “é onde os espíritos vem encarnar” e ela é concebida como formada por um homem e uma mulher que procriam. Na leitura dos documentos nas sessões, se ouve que “a procriação é uma sublime missão” e que a relação sexual é fruto de uma necessidade criada pelo Poder Superior para que os espíritos possam encarnar, mas Ele orienta como deve ser feito: entre um homem e uma mulher e com responsabilidade, como em qualquer outra prática. E a narrativa comprova para os adeptos da UDV: o equilíbrio é fruto da complementaridade natural conseguida no casamento²¹⁴.

Uma entrevistada narra que a Mestre Pequenina conta:

‘minha mãe não me ensinou que eu tinha o dever de acompanhar meu marido, então eu fui com ele assim, mas pra eu aceitar a União do Vegetal, ele teve que me fazer aceitar e ele não fez pela força não, ele sempre respeitou a minha vontade só que eu também no final acabava fazendo o que ele tava orientando pra ser feito, mas **ele nunca me impôs nada**’. Que ele é o Mestre da União do Vegetal, mas **ele sempre escutou** ela, e quando ela falava, dava a opinião dela, ele ouvia e ele atendia pedidos quando eram dentro do... ela não usou assim essa palavra “contexto”, mas assim, dentro de uma situação que cabia o pedido dela ele ouvia e ela falou isso por conta dos casais, ela tava falando isso por conta de uma pergunta que foi feita por conta dos casais, porque ela disse que ‘tem homem que quando casa com a mulher acha que vai virar dono, então eu tô querendo dizer pros senhores, pras pessoas que tão nessa ilusão, que ninguém é dono de ninguém. E um casal ele só se dá bem, ele **só tem prosperidade se eles tiverem harmonia** (CIE 27-03-2010, grifos meus).

Assim, o exemplo do Mestre Gabriel, a sua prática é marca importante nos **valores vivenciados** na instituição também em relação aos casais e família, onde ele sempre foi

²¹⁴ Como já explicitiei no item “**3.10.1 Casamentos (com ou sem cerimônias)**”.

referência de bom marido e pai e que sempre buscava escutar e atender aos pedidos de sua companheira sempre no sentido de ter harmonia.

Ainda que um sentido das transformações na UDV é o de **sentir** mais, no sentido expresso no DC 08-09-2010: “São Cosmo e São Damião eram irmãos univitelinos, como diz, unidos em um só coração, quer dizer em **sintonia** de sentimento”. Como diz o DC 04-07-2010: “Um dia seremos capazes de sentir a dor do outro”. Portanto, não se deve confundir **sentir** com **hipersensibilidade**, pois esta já estaria em desequilíbrio. Nesse sentido, de acordo com o DC 16-05-2010, “Falou-se a respeito do “melindre”²¹⁵ ou “melindro”, como falou o Mestre dirigente, ele prejudica a evolução da pessoa”. Pois, segundo o DC 17-01-2010, “Pra receber a Luz é importante estarmos com o coração limpo, nos livrarmos de ressentimentos, de mágoas”. Na UDV, é com o sentido²¹⁶ de **facilidade de se magoar** que se fala do “melindre”. Ensina-se que a pessoa não deve se deixar magoar com facilidade e, em caso de se ter magoado, deve buscar “limpar o coração”, ou seja, não sentir mais mágoa. É o que se ouve nas doutrinas das sessões, em conselhos no âmbito da UDV e nos documentos lidos nas sessões: “o discípulo não deve guardar ódio nem rancor do seu irmão”. Essa é uma característica de **busca de paz** que vigora na UDV, já que procura evitar sentimentos destrutivos, pois prejudicam a quem os nutre: “A pessoa que guarda mágoas, é sujeito ter uma doença por conta de ficar guardando mágoas. Então, se deve buscar limpar o coração de mágoas” (DC 06-06-2010).

Caso alguém se sinta ofendido e não conseguir dialogar com o ofensor, o direcionamento que existe nos documentos lidos nas sessões é de que procure o Mestre em Representação para buscar orientação. Nesse sentido,

Falou-se em como se livrar das mágoas. Que se devem examinar os próprios sentimentos e, se vê que se sentiu magoado por alguém, procurar a pessoa e falar com ela. Muitas vezes a pessoa que magoou nem se deu conta do que fez; e assim, vai desfazendo mal-entendidos e limpando as mágoas (DC 06-06-2010).

E são inúmeros os casos em que as pessoas transformam os sentimentos negativos em positivos. Um dos argumentos que facilitam essa transformação é de que “todos somos

²¹⁵ Segundo o Aurélio, melindre pode significar, entre outros, “1.Delicadeza no trato; amabilidade. 2.Hesitação de consciência; escrúpulo. 3.Recato, pudor. 4.Facilidade de magoar-se, de ofender-se; suscetibilidade” (FERREIRA, 2004 [s.p]).

²¹⁶ Quarto do Aurélio (FERREIRA, 2004).

pecadores” (DC 11-02-2011): “a pessoa que magoou é um ser em evolução como nós e que também têm coisas para melhorar, não é perfeito” (DC 06-06-2010). Assim, o sentimento de que todos estão buscando o mesmo objetivo (a purificação), redireciona o foco: a pessoa que se sentia vítima, passa a buscar se examinar e a corrigir a si e procurar o ofensor para buscar um entendimento ou deixar que a outra seja corrigida pelo Mestre Representante, pelo Vegetal ou pelo Tempo, isto é, busca a **sua própria** evolução e, assim, recebe mais luz. Quer dizer, mais conhecimento a respeito de si mesmo.

Aqui é importante notar as alternativas e oportunidades de transformação: o mestre, com sua vivência e capacidade para orientar a transformação; a luz e força do Vegetal, que também pode orientar a transformação; e a paciência e a aceitação do merecimento por parte da pessoa que, ao se deixar orientar, se transforma. É como se fossem três faces ou lados de um mesmo cristal...

4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor

Ainda a respeito do “todo o cuidado é pouco”. Esse alerta se liga ao valor (“virtude”, conforme o Guia) da **constância**, pois significa que se deve ter cuidado **sempre**, de modo **constante**. No DC 29-09-2010, lê-se que o Mestre Gabriel disse que “todo homem precisa andar com três mulheres...”. E, após uma breve pausa, inteira: “... a Constância, a Vitória e a Glória”. A explicitação do ensino: “Pela constância se chega à vitória e, de vitória em vitória se chega à glória”. Destaco que, como já mencionei no item “**3.2.6 Bom humor**”, brincadeiras, muitas vezes com jogos de palavras, são partes constituintes dos **valores vivenciados** na UDV: assim, usa o bom humor para ensinar, com uma brincadeira com os homens e mulheres, que poderiam pensar que o Mestre Gabriel estaria falando do “homem” enquanto gênero masculino e “mulheres” enquanto gênero feminino; na verdade, quando fala “homem”, está falando **pessoa** e, quando fala “mulheres”, está falando em **valores e objetivos**. E, para se chegar à **constância** se necessita ter **paciência**²¹⁷ para aguardar a resolução de problemas, a satisfação de necessidades, expectativas e objetivos; em síntese, necessita-se aumentar a **tolerância** a frustrações. E, cada vez que a pessoa tolera alguma

²¹⁷ Adiante desenvolvo mais a análise a respeito do valor paciência.

frustração, obtém uma vitória ou uma transformação (mesmo que pequena) até chegar à glória (a purificação) ou transformação final. É o mesmo sentido do DC 21-02-2010: “As pessoas diferentes, que são um desafio, são as que mais proporcionam um crescimento espiritual, se soubermos aproveitar”. Assim, essa concepção é fundamental para uma perspectiva não etnocêntrica, pois vê, na diferença do outro, a riqueza e fonte de desenvolvimento.

De acordo com o DC 21-11-2010, “o Mestre fala que tem que se ter a dificuldade pra se vencer”. Aqui coloquei a palavra “se”, com a interpretação de que **é para a pessoa vencer a dificuldade**. Mas, a palavra “se” foi pronunciada, como na região norte, com o som de “si”, podendo ter, assim, mais um sentido. Escutei um mestre de um Núcleo do Sudeste, no primeiro semestre de 2009, dizer “que é pra si vencer”, enfatizando o “si”: com o sentido de que a dificuldade pode ser vista como **oportunidade para o desenvolvimento** (evolução ou transformação) e, portanto, a dificuldade valoriza a **vitória**. Interpreto que ele queria dizer que é para **vencer a si próprio, seus próprios defeitos**, ou seja, a própria pessoa, ao vencer as suas dificuldades ou os seus defeitos, **expande seus limites**, se transforma (ou, transforma a si mesmo), na linguagem da UDV, “chega à Vitória”. É “**o domínio de si mesmo**” (DC 16-01-2010).

A **vitória** é representada em diversos contextos, religiosos ou não, pela figura de um guerreiro, entretanto, na UDV, evita-se utilizar esses tipos de símbolos, como de qualquer arma que possa ferir a outrem por causa da busca da unidade/união. Há um combate em que se busca, se possível, não ferir nem magoar, pois a luta é para limpar a impureza (imperfeição) que está em si mesmo e no outro: o inimigo não é a pessoa (nem o si mesmo nem o outro). No documento “A convicção do Mestre”, lido nas sessões de escala, recorda-se um episódio acontecido certa ocasião²¹⁸ na qual os discípulos tentavam prejudicar, por meio judiciário, o delegado por motivo do Mestre Gabriel ter sido preso.

O Mestre, posto em liberdade, retornou à sua residência, encontrando os discípulos revoltados, procurando prejudicar o Senhor Antônio Nogueira Filho por meio judiciário, alegando invasão domiciliar após as 23:00 horas. Momento em que entra a voz do Mestre:
 "A UNIÃO DO VEGETAL é para destruir o mal, com os ensinamentos que recebemos do Divino Mestre".
 Pergunta o Mestre aos seus discípulos: "Como destruímos o mal?"
 Responderam: "Com LUZ, PAZ e AMOR".

²¹⁸ Artigo publicado no jornal “Alto Madeira”, em edição de 6 de outubro de 1967.

Então - diz o Mestre - se nós ofendemos por qualquer parte, desobedeceremos o Divino Mestre. O Caminho é este, prestem atenção os que quiserem me acompanhar na missão. Podemos ser censurados por todos, mas não podemos censurar a ninguém; podemos ter inimigos, mas não podemos ser inimigos de ninguém; podemos ser ofendidos por todos, mas não podemos ofender a ninguém; podemos até ser julgados por todos, mas não podemos julgar a ninguém; podemos ser revoltados por todos, mas não podemos revoltar e nem ser revoltados por ninguém (Convicção do Mestre).

E, no DC 07-02-2009, segundo um mestre, “Deus é uma Luz, Deus é a Paz, Deus é Amor”. E, conforme outro mestre, “Deus é a Luz, Deus é a Paz, Deus é Amor. Quem tem Luz, Paz e Amor dentro de si, tem Deus no seu coração” (DC 17-10-2010).

Assim, percebo que, na concepção trazida pelo Mestre Gabriel, não se pode ofender, nem julgar nem se revoltar, pois “A UNIÃO DO VEGETAL é para destruir o mal, com os ensinamentos que recebemos do Divino Mestre” (Convicção do Mestre). E esses ensinamentos são no sentido de não ofender a ninguém, mesmo se for ofendido. Deste modo, o combate é sem cortar nem ferir ninguém, porque isso desuniria em vez de unir. Uma história engraçada a este respeito é contada em sessão. Alguém havia ludibriado o Mestre Gabriel, e este poderia ter dito “o senhor me enganou”; em vez disso disse: “eu me enganei com o senhor” (DC 27-02-2011). Neste mesmo diário de campo, “O MD citou a frase de Jesus em que a pessoa olha o cisco no olho do outro e não vê a trave que está no seu”²¹⁹. Com essa perspectiva, a pessoa não acusa (pelo menos diretamente o outro) e evita o embate, o “bater”, o julgamento, direcionando a consideração da situação ao exame de si. Portanto, se destrói o mal “Com LUZ, PAZ e AMOR” (Convicção do Mestre). Portanto, essas são as **armas para a vitória**. E estas armas são dimensões da própria Divindade, e que, a pessoa as tendo em si, tem Deus em si.

Iniciarei a análise da dimensão **LUZ**, mas as dimensões **PAZ** e **AMOR** aparecem ligadas a ela, e já as abordei, em certa medida, neste capítulo. Ao ser entrevistado, um mestre do CREMG, respondeu que o que transforma é

A Luz! Porque buscaram a Paz e o Amor²²⁰ e não encontraram porque não tinham Luz! Se tiver uma lanterna que ilumina 30 cm, a pessoa vai até onde quer, enxergando 30 cm, depois mais 30 cm e assim por diante (Entrevista MRS).

²¹⁹ É o trecho que se lê em Mateus, 7, 3-4: “Por que observas o cisco no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou, como podes dizer ao teu irmão: ‘Deixa-me tirar o cisco do teu olho’, quando tu mesmo tens uma trave no teu?”.

²²⁰ Alusão ao lema dos movimentos hippies surgidos nos anos 60.

E, segundo mais um mestre do CREMG,

As pessoas chegam dum jeito na União do Vegetal e recebem a luz da burracheira, recebem doutrina e se transformam. (Uma transformação foi narrada durante o dia, no almoço; uma pessoa que comia muito e até pegou uma fama em outros núcleos em outra cidade de comer demais, mas que, hoje em dia, já come moderadamente) (DC 24-05-2010).

Assim, a luz é concebida como o principal elemento para a transformação das pessoas. Um mestre do CREMG fala do movimento dos anos 60, cujo lema era “paz e amor”, mas que, por não ter **luz** (clareza), não conseguiu chegar a esses objetivos. Já, outro mestre do CREMG, fala da luz da **burracheira**, efeito do Vegetal, como agente de transformação e cita uma da qual ele é testemunha.

E a luz é também **conhecimento**²²¹: em uma sessão falou-se da importância do “conhecimento de si, conhecer as outras pessoas e reconhecer a Deus como Superior” (DC 10-02-2010). E, em outra,

o Mestre em Representação falou a respeito do exame de si, conhecer a si mesmo e isso também é importante, porque **a pessoa pode estar querendo alguma coisa que não é real, que é ilusão**. Então, ela **se conhecendo, ela pode saber o que ela pode, pode descobrir em si os dons** que todos nós²²² temos, descobrir e encontrar (DC 21-03-2010).

Assim, luz é conhecimento, pois “a pessoa pode estar querendo alguma coisa que não é real, que é ilusão” e “se conhecendo ela pode saber o que ela pode, pode descobrir em si os dons”, ou seja, o conhecimento de si, das outras pessoas e de Deus é que proporciona a clareza para a pessoa poder decidir. Pode-se dizer, então, que, nessa concepção, o **conhecimento é que clareia o livre-arbítrio**, pois ele permite que a pessoa decida sabendo o porquê: ao escolher, compreende as consequências de suas escolhas. Portanto, o central das transformações na UDV é **a busca do conhecimento**, a “**ciência**”; quanto mais conhecimento

²²¹ Segundo o dicionário Houaiss (2001, [s.p]), luz é “consideração que ilumina ou focaliza determinada faceta ou ângulo de julgamento sobre assunto, pessoa ou objeto; ponto de vista (...) ideia que ilumina a mente; intuição da verdade; esclarecimento, elucidação, informação (...) caráter de clareza, de evidência, de certeza, que alguma coisa oferece ao espírito. (...) insight (‘clareza súbita na mente’). (...) faculdade de perceber as coisas; inteligência (...) ilustração; saber (...) iluminação espiritual que é atributo divino ou a incorporação ou encarnação da verdade divina; verdade suprema (esp. a doutrina cristã); a fê”. Percebe-se, assim, que a própria língua portuguesa (não cabe aqui, verificar em outras línguas) traz esses sentidos de conhecimento, esclarecimento e, até um sentido religioso.

a pessoa adquire, mais transformada ela fica. Aqui fica clara, também, a ligação entre **luz** e **conhecimento**: a metáfora do “ver” significando **conhecer** possui uma ligação com a da “Luz”, pois, para ver, necessita-se da luz, mesmo que seja de “uma lanterna que ilumina 30 cm”. Isto é, assim como a luz faz com que as pessoas possam ver, também, **o conhecimento proporciona a capacidade de poder escolher o que fazer, de que modo e quando agir.**

Um mestre diz:

Não é o Vegetal que transforma a pessoa; é à luz do conhecimento adquirido através da Sessão do Vegetal que a pessoa conhece a si mesmo, adquire conhecimento e, com isso, sente a necessidade de se transformar e tem o poder de se transformar. Essa transformação vem pelas orientações que são dadas nas sessões, vem pela doutrina. É na burracheira que a pessoa tem clareza, adquire o conhecimento, os ensinamentos, como deve agir pra conseguir evolução. Se conhecendo vai melhorando, vai aprimorando, aprende a discernir as coisas boas das ruins e coloca em prática no dia a dia. Então, o Vegetal só é um veículo (DC 21-03-2010).

Aqui um mestre diz que “o Vegetal só é um veículo”, que “Não é o Vegetal que transforma a pessoa”; e que a “transformação vem pelas orientações que são dadas nas sessões, vem pela doutrina”. Contudo, ele próprio afirma que “é à luz do conhecimento adquirido através da Sessão do Vegetal que a pessoa conhece a si mesmo, adquire conhecimento e, com isso, **sente a necessidade de se transformar e tem o poder de se transformar**”; e que, “**É na burracheira** que a pessoa tem clareza, adquire o conhecimento, os ensinamentos, como deve agir pra conseguir evolução. Se conhecendo vai melhorando, vai aprimorando, aprende a discernir as coisas boas das ruins e coloca em prática no dia a dia”. Ou seja, se “**é na burracheira que a pessoa tem clareza**”, acaba, inadvertidamente dizendo que é o Vegetal que dá a clareza (o conhecimento e motivação) para a pessoa se transformar. De qualquer modo, seja através da **luz** recebida pelo efeito da comunhão do chá, seja pela **luz** do conhecimento recebido através das orientações, dos ensinamentos ou da doutrina, que a pessoa “**sente a necessidade de se transformar e tem o poder de se transformar**”, é pela **luz** que se dá a transformação das pessoas.

É necessário destacar o poder do Vegetal no contexto religioso. Como diz um entrevistado, “o que o doutor não curava, o Vegetal curava (...) aí tem um homem que dá um chá que a gente vê as coisas” [e] “ele bebeu o chá (...) ele disse ‘rapaz o negócio é sério’, ele falou assim pra mim, ‘um negócio sério, sério mesmo’” (CIA 26-12-2007). Há narrativas de

²²² Coloquei, aqui, conforme se pronuncia a palavra “nós” na região norte.

que o chá “acocha” a pessoa que está adiando a resolução de alguma coisa importante como, para ilustrar, decidir um relacionamento afetivo, “cuidar da matéria” (procurar um tratamento ou modificar hábitos alimentares e físicos para obter mais saúde), organizar melhor sua vida²²³. Assim, essa luz é também identificada, acima de tudo, com a luz do Vegetal, com a burracheira que é, ela própria, uma experiência concreta da Luz Divina. Em outras religiões, como o Budismo, o Cristianismo, a luz divina não se materializa numa força estranha tão natural e concreta quanto a burracheira. A burracheira não é um veículo para a luz, é a luz que conduz ao conhecimento de si e da união com os outros e com Deus. É importante, portanto, deixar claro o estatuto sagrado do chá enteógeno e a sua natureza como comunhão direta com o Divino. Na presença dessa luz, a pessoa pode querer ou não ver, mudar ou não, acatar o conselho ou não, abrir-se ou fechar-se ao que a luz lhe mostra. Mas a burracheira em si mesmo é luz unida à força. É misteriosa, porque, por vezes, parece algo escuro, sem luz, à primeira vista; no decorrer da sessão, clareia: a pessoa vê o que antes não via. Esse poder do Vegetal é, segundo um Mestre do CREMG, também explicitado pelo fundador do CEBUDV: “O Mestre Gabriel dizia que a pessoa que bebeu tão somente um copo de Vegetal, já tem uma vantagem muito grande em evolução espiritual do que aqueles que ainda não beberam” (DC 11-02-2011).

E essa luz (ou conhecimento) também é concebida como **consciência**. De acordo com mais um mestre do CREMG,

A Consciência é que transforma. Quando chegarmos pra prestar conta ao Mestre do que fizemos aqui. De que temos que dar o exemplo. Porque muitos ficam bebendo o Vegetal, mas não chegam à Consciência, não chegam ao Quadro de Mestre. Cada degrau é mais responsabilidade (MB 27-12-2007).

²²³ Encontram-se narrativas semelhantes em outros centros hoasqueiros; Araújo, que escreve a respeito da Barquinha, narra que o líder Manuel Hipólito Araújo “A primeira vez que foi ao centro de Daniel fez a ingestão da bebida sagrada e observou, através da miração, que teve a situação considerada por ele como pecaminosa. Seria necessário, portanto, uma limpeza dos atos cometidos na vida profana” (ARAÚJO, 1999, p. 55). Em seguida cita as palavras do líder entrevistado por ele, “(...) Tu estás dentro de uma fogueira, as labaredas estão te queimando, são os caminhos da devassidão, os caminhos dos vícios, são os caminhos de quem não tem amor à Deus e à sempre Virgem Maria” (Ibid., p. 56). As revelações foram decisivas para as transformações de diversas pessoas em líderes religiosos. Em síntese, e, embora não seja objetivo desta tese comparar a UDV com outras práticas religiosas, a própria vivência da ingestão do Vegetal dentro de um contexto religioso pode ser transformadora por si só. Assim, o sentimento de compromisso com a Divindade proporcionado pela burracheira é um elemento fundamental para a transformação das pessoas.

Na UDV se ensina o mistério da palavra **consciência**: “com ciência”. Ou seja, a pessoa está **com ciência**, com conhecimento, “com a luz na consciência” e, assim, busca ter mais consciência, subir os degraus hierárquicos, adquirindo mais responsabilidade e mais consciência, em síntese, mais transformação. A responsabilidade significa, também, mais capacidade de doação. É o mesmo sentido expresso nos Evangelhos. “Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso escravo. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mateus, 20, 26-28). E,

o maior entre vós seja como o mais novo, e o que manda, como quem está servindo. Afinal, quem é o maior: o que está à mesa ou o que está servindo? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve (Lucas, 22, 26-27).

Nesse sentido também se expressa um discípulo da UDV: “Quem quiser ser o maior, seja o que sirva. E Jesus demonstrou isso lavando os pés dos discípulos. Também o Mestre Gabriel demonstrou isso com tudo o que passou pra trazer a UDV pra nós” (DC 17-10-2-10).

Na medida em que a pessoa fica mais sensível, adquire mais consciência, mais **grau de memória**. Um mestre do CREMG diz que “tudo o que estamos fazendo aqui é recordando o que nós já fizemos”. E, em outro momento diz que “O Vegetal, a Hoasca é um chá que permite à pessoa recordar... recordar de encarnações passadas” (DC 25-04-2010). Segundo esse mestre e diversas narrativas, na burracheira, o Vegetal dá condição para a pessoa recordar de coisas da existência presente e até de encarnações anteriores. Na concepção de autoconhecimento na UDV, a pessoa aprimora o seu grau de memória até chegar a ser um “recordado” (que recorda de todas as encarnações que teve) e está sempre contido o *télos* “até se unir ao Pai Superior”, “pela purificação do espírito”; assim, esse conhecimento de si tem o objetivo de “lapidação”, da transformação pessoal. Note-se que a palavra “recordar” contém “cor”²²⁴, que tem a ver com coração, e, no caso, com sentimento. Daí a interpretação de que **memória** quer dizer “em mim mora” (DC 19-09-2010), pois a pessoa guarda em si (em seu coração) o que aprendeu. A própria recordação vem como um dom. O dom é adquirido pela pessoa pela sua transformação (evolução espiritual adquirida pela busca pessoal).

²²⁴ Segundo o Aurélio, “coração [Do lat. Cor]” (FERREIRA, 2004, [s.p]).

E, na UDV, fala-se em **grau de memória** e em **degrau**. “Cada degrau é mais responsabilidade” (MB 27-12-2007): é um sentido de ascensão, ampliação do que “em mim mora” e que isso se dá passo a passo, é uma subida gradativa. A palavra **degrau** pode ser escutada também com o sentido de pedido: **dê grau**, pedindo-se **grau, mais consciência**, à Força Superior. Este ponto, no atinente as transformações, é fundamental, pois, a Natureza não tem pressa. Por isso, “Pra se chegar ao conhecimento de tudo quanto há é aos poucos, na peleja de cada dia. O Mestre Gabriel diz que, se pudesse, abria cabeça de cada um e colocava o conhecimento dentro, mas não pode, então tem que ser aos poucos” (DC 02-05-2010). Nesse sentido, de acordo com um Mestre do CREMG,

é importante respeitar o grau de memória das pessoas, (...) o Mestre Gabriel falava isso: ‘não se pode colocar as coisas na cabeça das pessoas, tem que ser aos poucos, devagar, devagarzinho, com paciência e respeitando, se a pessoa não compreendeu é porque ainda não tá naquele grau pra poder compreender aquilo’ (DC 08-12-2010).

E daí o gradativo na própria hierarquia criada na UDV: há distintos graus, onde na medida em que se sobe na hierarquia (de acordo com o crescimento de seu grau de memória), maior responsabilidade se tem. E, como já explicitiei, maior deve ser a capacidade de servir (amar) o próximo. Mas como se adquire mais grau de memória? “pra aumentar o grau de compreensão é preciso ficar com atenção ao ouvir as coisas no salão (templo), os ensinamentos. A atenção já é um exercício de memória” (DC 08-12-2010). Essa é uma resposta de um Mestre do CREMG, que se liga ao item “**4.3 A concentração e a união**” deste capítulo.

Na concepção da UDV a fé²²⁵ também é muito importante na vida de uma pessoa. Ouvei algumas vezes, durante esse período que frequento a instituição, uma gravação onde o Mestre Gabriel falou que uma pessoa tendo fé, sua natureza muda totalmente. Contudo, a fé não pode nem deve ser cega (daí a importância do exame) e é um instrumento que a pessoa usa enquanto não possui o conhecimento. Um mestre do CREMG narrou algumas vezes, (aqui registrado nos DC 07-11-2009 e 11-02-2011), que o Mestre Gabriel mostrou a diferença entre a fé e o conhecimento. Ele se encontrava com umas pessoas em uma sala e saiu da mesma, falando de fora da casa: “eu tenho fé que vocês estão aí dentro”. Entrando novamente, disse: “agora eu não preciso mais da fé, porque estou vendo vocês”. E, no DC 11-02-2011, ele

²²⁵ Examino, adiante, a respeito da ligação entre a fé e a força do querer.

acrescenta: “A fé é um degrau do conhecimento”. Nesse mesmo sentido, outro Mestre do CREMG diz: “Eu não tenho fé no Mestre Gabriel, porque eu tenho o **conhecimento** de quem ele é” (DC 16-11-2010, Núcleo Caupuri).

Aqui, ao mesmo tempo em que mostra a importância na UDV atribuída à **fé**, também aponta para a limitação da mesma em relação ao **conhecimento**. Mostra, assim, uma **graduação**, um **degrau** para se chegar ao **conhecimento**: a fé é importante quando não se pode “ver” (conhecer, ter ciência) ainda, mas, quando se tem o conhecimento, já não se necessita mais da fé. Portanto, o ponto central das transformações na UDV é a busca do conhecimento, a ciência; quanto mais conhecimento a pessoa adquire, mais transformada ela fica. Aqui fica clara, também, a ligação entre **luz** e **conhecimento** (“Essa metáfora do “ver” significando conhecer possui uma clara ligação com a da “Luz”, pois, para ver, necessita-se da luz, mesmo que seja de “uma lanterna que ilumina 30 cm”), isto é, assim como a luz faz com que as pessoas possam ver, também, o conhecimento proporciona a capacidade de poder escolher o que fazer, de que modo e quando agir.

4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso

E o conhecimento passa pelo **autoexame** e pelo exame do **círculo vicioso e do círculo virtuoso**. Um entrevistado diz: “O fuxico²²⁶ bota o povo do mundo todo pra brigar. Um fala uma coisa, o outro fala outra coisa” (CIA 26-12-2007). E um diário de campo diz:

Escutei a história do "Macaco e da Cotia", contada por um mestre do CREMG. É uma história da cultura popular que possui o ensinamento do cuidado consigo próprio, de buscar olhar para seus defeitos e não para o dos outros. A cotia, dizendo ao macaco que tirasse seu rabo da estrada, não olhou para o próprio rabo; ao que um carro passou e cortou o lindo rabo da cotia que, até hoje, não o possui mais. Assim, cuidando dos defeitos dos outros, a pessoa perde de evoluir: “só se evolui é corrigindo os próprios defeitos e isso só se faz com o exame de si”. E esse exame se dá com o objetivo de transformação, “da prática” (DC 07-11-2009).

²²⁶ Uso informal no Brasil, segundo um dicionário: “1. comentário que é espalhado com base em suposições, quase sempre desleal; futrica, futrico, intriga, mexerico; 2. intromissão no que não lhe diz respeito; bisbilhotice” (HOUAISS, 2001, [s.p]).

E outra narrativa diz:

Ouvi diversas vezes (...) a doutrina sobre a exaltação (...), explicando que não é positiva e que a pessoa deve combatê-la em si próprio. Sempre buscando combater o mal que está em si e não nos outros. (...) ouvi em uma gravação do Mestre Gabriel: ‘Será que estou certo?’ É a orientação de ‘sempre desconfiar de si mesmo’ (DC 15-11-2009).

Essas narrativas mostram a relevância dada na UDV ao **autoexame para poder se transformar**, pois só se transforma corrigindo a si mesmo (evitando o fuxico, por exemplo) e o autoexame facilita esse processo, onde **a atenção é dirigida à busca de defeitos em si mesmo**, com uma postura de desconfiança a respeito da **própria conduta**, ao invés de buscar o mal nos outros. É uma perspectiva oposta à da xenofobia e do etnocentrismo em geral, que buscam ver no diferente de si um inimigo, uma ameaça ou algo do gênero. Na doutrina da UDV, **o inimigo é a ignorância** (“a doença do espírito é a falta de conhecimento”, de acordo com o DC 26-02-2010), que necessita ser combatida com o símbolo da União: Luz, Paz e Amor. E esse inimigo está, em primeiro lugar, **na consciência da própria pessoa** e, depois, na consciência do semelhante. Assim, a salvação, na UDV, está na aquisição de consciência. De qualquer modo, nessa concepção, para vencer o inimigo (a ignorância, o desconhecimento), todos necessitam de Luz, Paz e Amor. E, ligada à concepção de que o desconhecimento é a doença do espírito, está o pedido, que é feito à Força Superior, de **Saúde Perfeita**, que é a Purificação: é o **Divino Amor**, que é pedido, também, junto com a força, a luz, a paciência, a obediência e a Saúde Perfeita (de acordo com um Mestre do CREMG, no DC 18-04-2010). É o mesmo sentido da palavra **cientificação**, dos documentos lidos em sessões de escala, pois o homem **ciente** (consciente, com consciência) fica **são**: fica sem doença, com saúde, portanto, se salva e fica puro²²⁷.

Nesse sentido, de acordo com o DC 04-04-2010,

²²⁷ Segundo o Aurélio, “saúde [Do lat. salute, ‘salvação’, ‘conservação da vida’.]” e “são² [Do lat. sanu.] Adjetivo. 1. Que tem saúde; sadio: (...). 2. Que recobrou o estado de saúde; curado. 3. Ileso, incólume: Escapou são e salvo. 4. Diz-se de objeto sem quebra ou defeito. 5. Diz-se do fruto não apodrecido. 6. Salubre, higiênico, salutar: Vive no mais são dos climas. 7. Reto, íntegro, justo. 8. Razoável, moderado. 9. Puro, impoluto, imaculado. 10. Franco, verdadeiro, sincero. Substantivo masculino. 11. Indivíduo são. 12. Qualidade do que é são. 13. A parte sã de um objeto ou organismo. 14. Algo em estado perfeito. [Flex.: sã, sãos, sãs; superl. abs. sint.: saníssimo]”(FERREIRA, 2004, [s.p]). E, segundo o Houaiss, “saúde (...) etim. lat. salus, útis ‘salvação, conservação (da vida)’” (2001, [s.p]).

‘Nós somos irmãos, porque somos filhos de Adão e Eva e, depois do dilúvio, da descendência de Noé. E um dia vamos estar todos unidos, purificados e unidos a Deus, Nosso Pai’.

Falou-se que o caminho pra chegar ao Pai é pagar o bem e o mal com o bem, ‘não desejar o mal que vai pra cima de si também’, por isso ‘se deve desejar o bem, que vem pra cima de si também. É o mesmo ensinamento de que devemos plantar somente flores pra, um dia colhermos somente flores’.

‘Somente através da ordem e da doutrinação reta, que receberemos eternamente na União do Vegetal, é que chegaremos à cientificação, à purificação’.

Esta é uma concepção de que a humanidade é descendente de Adão e Eva (os primeiros pais encarnados) e da família de Noé após o dilúvio, portanto, é uma só família, todas as pessoas são filhas do Criador. Aqui, mais uma vez o destaque à **ordem do amor**²²⁸ na UDV, ligando a ordem ao conhecimento espiritual (através da “doutrinação reta”) até chegar ao conhecimento de tudo (“cientificação”), ou seja, transformando-se pela busca espiritual, pela obtenção de um grau de memória cada vez maior até a purificação (união plena com Deus Pai, o Poder Superior). E esse conhecimento se manifesta na prática do amor ao próximo (“pagar o bem e o mal com o bem”, “não desejar o mal que vai pra cima de si também”, “desejar o bem, que vem pra cima de si também”, “plantar somente flores pra, um dia colhermos somente flores”). Há, assim, na UDV, uma concepção de que **o bem é bem pra todos e o mal é mal pra todos**, por isso, concebe que **só se deve fazer o bem** (incluindo o direcionamento dos próprios desejos) porque esta é a única maneira de fazer o bem para si mesmo. Assim um Mestre do CREMG sintetiza a ordem do amor, a doutrinação reta, a purificação ou a cientificação: “Na União do Vegetal, estamos aprendendo a obedecer tão somente à Força Superior” (DCs 21-03-2010, DC 25-12-2009 e 21-02-2011).

E, na UDV, concebe-se que, ligados ao **desconhecimento** e ao **conhecimento** há, respectivamente, um **círculo vicioso** e um **círculo virtuoso**. O primeiro é o de vários sentimentos e desvalores, chamados de “vícios” e “desvios de conduta” (CEBUDV, 2008), potencialmente destrutivos e causadores de desunião e o segundo de sentimentos e valores que possibilitam um desenvolvimento pessoal e social harmonioso e produtivo e de união (“Paz e Amor”) entre as pessoas. E como se dá a decisão da pessoa por um ou por outro círculo? Ligada a essa concepção do livre arbítrio, está a concepção a respeito da “**lei do plantio**” (ou do **merecimento**) e sua compreensão é chave para o entendimento de diversas outras na UDV. Um mestre do CREMG, segundo o DC 12-05-2010, diz: “A lei tem ‘Luz’

²²⁸ Que já explicitarei no item “4.3 A concentração e a união”.

dentro dela: ‘ei’ quer dizer ‘Luz’. A lei é pra soerguer a pessoa”. Este é mais um ensino de mistério de palavra, mostrando, assim, que o objetivo da lei é trazer “Luz”, clareza, consciência às pessoas para que possam evoluir espiritualmente e se corrigir, aperfeiçoar-se: transformar-se. Um mestre diz,

O Mestre Gabriel ensina que tudo é pelo merecimento. Existe a lei do plantio: plantar flores pra colher flores; se plantou espinho, vai ter que colher espinho, mesmo plantando flores. Se está colhendo espinho é de outros plantios que fez. Mesmo plantando flores, ainda tá colhendo espinhos de plantios anteriores. Até colher todos os espinhos que plantou, pra começar a colher só flores (DC 26-02-2010).

E um mestre do CREMG diz que “Para a pessoa receber o perdão de Deus, precisa reconhecer o erro e sofrer a dor por ter cometido o erro, aí recebe o perdão” (DC 07-02-2009). E, de acordo com o DC 08-09-2010, “O errado é o morto, quer dizer que o que fez de errado, passou e, pelo reconhecimento, recebeu o perdão, porque diz que o perdão é a salvação”. Por um lado, existe o sentido de que **morte é o que passou** - o que a pessoa fez de errado passou (morreu) e de que “o perdão é a salvação”, ou seja, se a pessoa errou, pode reconhecer o erro, deixar de errar (e, assim, salvar-se). Por outro lado, existe, ainda, o mesmo sentido expresso nas Sagradas Escrituras: “vós estáveis mortos por causa de vossas transgressões e pecados” (Carta aos Efésios, 2, 1). Ou seja, de que **o que está errado, está espiritualmente morto**; e, por isso, Jesus disse que Ele é “o Caminho, a Verdade e a Vida”. Assim, a pessoa que está unida ao outro e a Deus, está viva. Logo, a morte em si nesse sentido não existe: ela é a separação, o erro, a falta de união. E o puro, é o que já se iluminou, não erra mais, pois, conhece tudo, está unido a Deus.

Outro diário de campo explicita o perdão antes de Jesus e segundo Ele:

A missão de Jesus foi trazer a salvação e o perdão pra nós. Antes era a lei do talião: olho por olho, dente por dente; que só gerava desunião. E Jesus mandou amar os inimigos; como diz o Mestre [Gabriel]: pagar o mal com o bem. E o perdão, Jesus ensina que é com o reconhecimento, sentir a dor do que a pessoa fez, para ser perdoado.

(...)

Antes a pessoa queria ter o perdão de Deus e comprava um animal no mercado e sacrificava esse animal e com esse sangue derramado, achava que tinha seus pecados perdoados e Jesus veio trazer o perdão como o reconhecimento que o Mestre [Gabriel] falou (DC 08-09-2010).

Nesse sentido, diz o Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes, “O plantio é livre, a colheita é obrigatória. Cada qual colhe o que planta — daí a responsabilidade que temos de ter com nossos atos” (CEBUDV, 2008, p. 19). E, no item do Guia “**DEVERES E DIREITOS - Merecimento é a chave**”, Lê-se que “Temos direito à saúde se procuramos cumprir com o dever de ter uma vida íntegra, física e moralmente. Temos direito ao equilíbrio se procuramos cumprir o elementar dever de obedecer às leis de Deus” (Ibid., p. 37). Ensina que “O dever cumprido produz também o mérito, o merecimento, pelo qual conquistam-se mais e mais direitos. O não cumprimento produz o inverso: o **débito**, a **dívida**. E **atrapalha** a vida da pessoa” (CEBUDV, 2008, p. 37). A única exceção é a reencarnação: “O único direito que adquirimos sem um dever previamente cumprido é o direito à **vida**, uma **dádiva generosa de Deus**, que devemos aproveitar” (Ibid., p. 38).

Aqui se percebe a concepção proveniente da observação da Natureza. Uma planta produz o que naturalmente pode produzir. Uma música frequentemente tocada nas sessões diz: “quem plantou abacaxi não pode colher mamão”. O Mestre Gabriel utiliza a metáfora do plantio de espinhos e de flores. Assim, “não plantar espinhos para não colher espinhos” significa não fazer o mal para não receber o mal e “plantar flores para colher flores” significa fazer o bem para receber o bem. Ao “colher espinho”, a pessoa sente dor, por isso a metáfora “espinho” significando **dor**, pois é o que a pessoa sente quando se espeta (na maioria das vezes, involuntariamente) em um espinho. Pela dor ela pode “acordar” (reconhecer que o necessita fazer ou transformar; por vezes, quando ainda não vê como ou o que transformar, busca pedir) e se transformar e plantar flores. O “plantar flores” mostra (é um efeito de) uma transformação, é o efeito de uma vitória anterior. A questão do **reconhecimento** é fundamental para o aprendizado e transformação. A UDV ensina que se recebe o **perdão**, não pelo sacrifício de animais, mas sim pelo reconhecimento, pelo **sentimento da dor que ela causou**, pela colheita do plantio de espinho. E aqui é mister destacar que esta concepção é diferente de uma concepção sadomasoquista (do castigo pelo castigo), pois **não se trata de sofrer a dor como punição**, mas sofrer a dor para ter ciência, consciência do efeito da sua ação, ou seja, para ter “luz”, conhecimento sensível, **sentir o efeito do seu ato**: ao ser punida pela dor, a pessoa une-se ao que feriu e sente o que ele sentiu. Por isso a importância do corpo nesta cosmologia: necessita dele para sentir. Daí a perspectiva distinta de pagar na mesma moeda, a lei do talião (olho por olho, dente por dente) que é a **violência que gera violência**.

Pode-se comparar com uma planta: a planta da violência gera o fruto violência; já, **o sentido da transformação na UDV é da planta da paz, que gera como fruto a paz.**

4.12.1 De vítima a merecedor

Assim, a transformação pode vir simplesmente pelo **sentir** (onde pode haver mais ou menos dor). É importante destacar que, a dor em si não transforma, porque a pessoa que sente dor pode ocupar duas posições: a de vítima ou a de merecedora. Há situações em que a pessoa não compreende, mas “tudo tem uma explicação” (DC maio de 2009). Segundo um mestre do CREMG, no DC 28-03-2010,

O pior lugar que a pessoa pode se colocar é no lugar de vítima, de injustiçado. O Mestre Gabriel diz que o lugar mais tenebroso que existe é o lugar de vítima. A pessoa deve se colocar no lugar de merecedor, que as coisas boas acontecem.

E, mais adiante, afirma que “Se não foi nessa encarnação, foi em outra que ela plantou espinho, então tá colhendo espinho. E a pessoa buscando reconhecer, as coisas todas [se] facilitam”. Estas afirmações complementam a concepção da lei do plantio com a concepção da necessidade e razão de ser da **reencarnação**, justificando a necessidade de transformação, através do aprendizado, limpeza e aquisição de consciência até chegar “à Unidade, à sintonia perfeita com a Força Superior, Deus”.

Esta é uma concepção chave para a busca de transformação, pois aponta para a pessoa a busca de se examinar e procurar em si o que pode ser transformado. Essa concepção orienta a transformação de uma posição de vítima para uma posição de autoexame e de **conformação** com o merecimento. Ao contrário do que pode parecer, a conformação não é uma posição passiva, mas sim **ativa**. É importante para se dar a **mudança de um posicionamento** passivo (porque não promove desenvolvimento ou transformação da pessoa) de reclamação e queixa a um posicionamento ativo de transformação (desenvolvimento) de si próprio. A pessoa que se coloca como vítima, coloca-se como não responsável pelos seus atos, fica em uma posição passiva (e de impotência), inerte, de objeto da ação, então, o processo de transformação não se inicia (a pessoa não tem um objetivo); quando resolve sair da passividade, surge o **querer** da pessoa, que se torna sujeito da ação. A pessoa se colocando “no lugar de merecedora”, começa a se examinar e **buscar a sua responsabilidade** no processo (qual foi o espinho que

plantou), reconhece sua falha, reconhece que necessita do outro; busca se ligar à Força Superior e busca auxílio das pessoas, pois, para ter a força, necessita da união com as demais pessoas, de ser auxiliada e de auxiliar os outros e, ao auxiliar os outros, está também auxiliando a si mesma; assim, aprende e se transforma. Em síntese, a que se coloca no lugar de vítima, está “plantando espinho” e a que se coloca no lugar de merecedora, está “plantando flores”, percebendo, assim: “se estou sentindo dor é porque fiz alguma coisa pra merecer, tenha sido nesta ou em outra encarnação”. Se o sofrimento não foi devido a algum “plantio de espinhos” desta vida, foi de alguma outra encarnação, que a pessoa ainda não pôde recordar, mas, de qualquer modo, “está colhendo o que plantou”. Essa concepção tem, ainda, uma função moderadora da dor ou do sofrimento que a pessoa está passando. Em síntese, essa concepção facilita à pessoa a transformação, pois, não fica em uma posição passiva, mas sim de **responsável** pela situação que está vivendo; adota uma posição ativa, de transformação.

Esta é, então, a explicitação do sentido das transformações esperadas na UDV: o entendimento de que as ações (“a prática”) fora ou dentro das leis de Deus é que geram o destino das pessoas. É a concepção da Justiça Divina: tudo o que acontece está dentro Dela. Como diz o Guia, “O fiel da balança é **fiel** porque é **exato**: nem mais, nem menos — o justo. A justiça é a virtude de manter-se fiel à **verdade**, sem comprometê-la com o que quer que seja” (CEBUDV, 2008, p. 34, grifos meus). E esclarece que “só há justiça verdadeira com **amor**. Justiça não é vingança” (CEBUDV, 2008, p. 35, grifos meus). Assim, nesta concepção, todas as ações do ser humano são consideradas “plantio” e tudo o que recebe (a “colheita”) é pelo **merecimento** da pessoa; portanto, se está sofrendo é porque merece. Destaco que, nessa concepção, a **única exceção é Jesus Cristo**. E a comunhão do chá Hoasca permite que a pessoa examine e veja melhor, sinta o que antes não sentia. E há um crescimento pessoal como de um vegetal, uma transformação gradativa, as mudanças se dão aos poucos, novamente, percebe-se aqui a importância do papel do tempo nas transformações.

A pessoa, ao sentir o sofrimento que o outro tem, porque tem o conhecimento disso, pode decidir não causar aquele sofrimento a si ou ao outro. Porque sentiu, teve consciência daquilo, pelo conhecimento: entrou em contato com a natureza da coisa. Ela é autêntica; não está à procura de um prêmio ou fugindo de um castigo, está dentro da justiça, pois seu sentimento é **fiel, exato**, está dentro da **verdade** e, portanto, do **amor**. Portanto, “o sentir” traz a real natureza da vivência, a pessoa tem, assim, o discernimento para poder escolher como agir, o que quer causar ou não ao próximo. Utilizo um exemplo gustativo. Se colocarmos sal

em um alimento, ele poderá ficar mais palatável do que sem sal; se colocarmos muito sal, ficará salgado e, portanto, menos palatável; assim, cada pessoa coloca menos ou mais sal pelo que está sentindo, segundo a necessidade ou afinidade. Destaco aqui que, para não cair em uma perspectiva hedonista, na concepção da UDV, a distância que pode haver entre necessidade²²⁹ e afinidade é equilibrada pela união do sentimento com o conhecimento racional. Mas, “o sentir” está na própria natureza da vivência. “O sentir” tem uma luminosidade própria que permite perceber as coisas: é uma questão de gosto. Nesse sentido, na UDV, os ensinamentos são comparados ao mel: “Os ensinamentos do Grande Mestre têm mais doçura do que o mel” (DC 07-01-2011). Pois, a doçura do mel, por mais doce que seja, é temporária, já os ensinamentos são permanentes e são amorosos.

Assim, a pessoa não gosta do efeito do orgulho ou da inveja, então, não é orgulhosa ou invejosa porque não quer e não porque seria castigada se o fosse. A pessoa pode conhecer a inveja e sentir seus efeitos e acordar e se transformar. Mas há outros examinados adiante; de qualquer modo, o exame é sempre pessoal.

Ou seja, esse não é um processo de agir para fugir de uma punição ou receber uma recompensa, mas sim, é um processo natural. **A UDV é uma religião do sentir.** A luz (o conhecimento) vem pelo sentir. A pessoa procura agir de acordo com os princípios, não por uma questão exterior, mas por uma **consciência**. Como o Mestre Gabriel diz, se uma pessoa sabe que a brasa queima, ela não vai pegar a brasa na mão (DC 28-03-2010). Pela consciência, sabe o que não deve e o que deve fazer. O que produz a transformação é a vivência na própria burracheira, onde a pessoa conhece o efeito das leis pelo sentir. Um exemplo do conhecimento das leis naturais pode ser o da lei da gravidade. A pessoa tropeçou e caiu e machucou o joelho, portanto, não se atira de um lugar alto porque sabe (porque sentiu) que iria se machucar bem mais. Em conclusão, na concepção da UDV, o **conhecer é pelo sentir.**

Portanto, a pessoa acorda pelo sentir, pode ter dor ou não. Na concepção da UDV, dor também é luz. Por exemplo, se uma criança colocasse a mão no fogo e não sentisse, estaria sujeita a queimar inteira. A dor é que faz com que a criança **sinta os limites** de até onde pode ir para não se prejudicar. Assim, **a dor é uma forma de cuidado (amor) da Força Superior para com o homem**, de fazer com que a pessoa se cuide.

²²⁹ Principalmente tendo-se em vista os estudos atuais a respeito dos malefícios causados pelo excesso de sal na alimentação; assim, percebo aqui uma limitação desta metáfora.

4.12.2 Do orgulho à humildade

Dentro do referido círculo vicioso está o **orgulho**. Um mestre, de acordo com o DC 18-04-2010, ensina: “O orgulho é muito sutil”. E um discípulo diz: “O orgulho se manifesta pela vaidade. Quando a pessoa realiza alguma coisa, tem que ter muito cuidado pra não se envaidecer. Senão se envai-desce. Desce e fica presa no orgulho, se achando mais que os outros”. E, um entrevistado (CIA 26-12-2007) diz: “Só tem um que faz certo: é Deus”.

A transformação em relação ao orgulho é crucial na cosmologia da UDV, pois é contraposto à humildade, valor central. O orgulho é um desvio que **afasta as pessoas, impedindo ou dificultando a transformação das pessoas**, pois, **o que se sente superior, não percebe suas limitações** (ou de um grupo) e **a riqueza das diferenças pessoais**. Aqui, mais um jogo de palavras (“envai-desce”), onde o verbo “descer” é apontado dentro do verbo “envaidecer”, isto é, como o anjo das Sagradas Escrituras que se envaideceu e se julgou superior a Deus e **desceu**, perdeu seu lugar de destaque, **regrediu**, transformou-se negativamente, no sentido oposto ao esperado pela visão judaico-cristã. É por isso que o sócio da UDV alerta “Quando a pessoa realiza alguma coisa, tem que ter muito cuidado pra não se envaidecer”. Isto é, para não descer mais do que subiu, ou não cair (e é por isso que, no cristianismo, nomeia-se aquele anjo de anjo **caído**). Daí a importância do desestímulo à exaltação, do **cuidado** e do **exame de si**, que aparecem nos dados citados. Em relação à exaltação é a mesma concepção citada nos Evangelhos:

Quando deres esmola, não mandes tocar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelos outros. Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa. Tu, porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz a direita (Mateus, 6,2-3).

4.12.3 Da inveja à admiração

Um mestre, no DC 18-04-2010, afirma: “A inveja é quando a pessoa quer estar no lugar do outro, mas não vê todo o caminho que a pessoa percorreu pra chegar onde está”. A transformação esperada aqui é no sentido de buscar perceber (“ver”) o que a pessoa fez para conseguir o que conseguiu e, livrar-se de sentimentos de inveja, substituindo pela admiração e seguir o exemplo e conseguir também o que o outro conquistou. A inveja significa “não veja”

o que o outro plantou para estar merecendo colher flores. Se o outro está em uma posição de merecedor de colher coisas boas é porque plantou coisas boas; e o “enlaçado” pela inveja não está vendo essa situação (e, com sentimento de inveja, não planta flores porque não está buscando fazer alguma coisa para chegar a um lugar semelhante ao que o outro chegou). A transformação também é isso: não plantar espinhos, plantar flores. Neste caso, pela omissão, a pessoa está plantando espinho. O sentimento de inveja poderia ser em relação a uma posição laboral ou social de mais prestígio, contudo, darei um exemplo material para facilitar a clareza da explicitação. Alguém aparece com um carro novo; outro se dá conta que está com um carro velho, pode querer também ter um carro novo, então, se pergunta “o que vou fazer pra ter um carro novo?” e resolve trabalhar mais para poder comprar o bem desejado. Ou seja, pode transformar um sentimento destrutivo em positivo.

4.12.4 Do ciúme à confiança

Segundo os “Mistérios do Vegetal”, lidos nas sessões de escala, “corrupta é a inveja, orgulho e ciúme; o homem também é sagrado” e, no DC 18-04-2010, segundo um mestre: “O trio tenebroso que fala a música: **orgulho, inveja e ciúme**”. Quanto a este “se manifesta mais no casal ou na família. (...) A distância entre o cuidado e o ciúme é um fio de cabelo”. Nas palavras sobre o **ciúme**, há uma narrativa de que “se manifesta mais no casal ou na família”, e a explicitação disso é o sentimento de não se sentir amado, seja na história bíblica de Caim que, por ciúmes, matou seu irmão Abel²³⁰; ou do cônjuge que não se sente amado (ou de que poderia ser abandonado) pelo outro cônjuge. E, neste caso, “a distância entre o cuidado e o ciúme é um fio de cabelo”, pois é necessário, nesta concepção, cuidado (zelo) com o cônjuge, mas não confundir cuidado com ciúme, isto é, não criar fantasias ou, como ouvi algumas vezes, “arranjar mulher para o marido (ou marido pra mulher)”; pois, de tanto alguém imaginar que o cônjuge “estava com outra”, este acaba realizando o que o primeiro imaginara. Na concepção da UDV, é **só por ser sagrada que a pessoa pode se transformar** e o sagrado no homem é a Luz, é o conhecimento. Como diz um Mestre, “em relação à confiança em si mesmo e em relação ao relacionamento com as outras pessoas: ‘Só se pode confiar naquilo que se conhece’” (DC 21-03-2010). Assim, com o conhecimento, confia-se em si e nos outros: a **confiança** vem pelo conhecimento. E a confiança traz mais facilidade para combater

²³⁰ Aí, talvez, se manifesta o que Freud denominou de “rivalidade fraterna”.

aspectos desarmônicos como os ciúmes: traz harmonia, união, amizade (Paz e Amor). Ressalto que essa confiança não é cega: é pela luz, é pelo conhecimento. E esse conhecimento não é teórico, é prático. Como se conhece as pessoas? É com a convivência, é com o tempo.

4.12.5 Do desequilíbrio ao equilíbrio

Segundo o Guia, a “**intemperança**”: “É a falta de medida nas coisas: na alimentação (gula), nos hábitos, na prática de vida. O excesso leva ao mal-estar, à doença e ao **desequilíbrio**” (CEBUDV, 2008, p. 27, grifos meus). Outro elemento prejudicial, segundo o Guia, é a **luxúria**: “É quando a pessoa procura atender aos seus sentidos físicos, aos instintos, sem levar em conta as responsabilidades do que está fazendo” (CEBUDV, 2008, p. 29, grifos meus). Em contraposição, o Guia aponta a virtude da **temperança**: “É a **moderação**; o **equilíbrio** em tudo o que se diz e pratica. Pela **prudência** chega-se à moderação. E, por esta, chega-se ao equilíbrio, indispensável à saúde física e psíquica do ser humano” (CEBUDV, 2008, p. 36, grifos meus). Além das conhecidas consequências possíveis do sexo inconsequente (gestação indesejável ou DSTs), também está ligado à intemperança, pois não está dentro do equilíbrio benéfico, mas de algo prejudicial (para outros e para si). Dentro dessa concepção de que **o corpo é o templo do espírito**, o desvio da intemperança é exemplo claro: a gula ou uma alimentação desequilibrada causam o hoje em dia conhecidíssimo malefício da obesidade que, em consequência, produz diversas enfermidades. Assim, aparece aqui, por oposição à intemperança, um exemplo claro do **equilíbrio** como sendo benéfico: este é proveniente da **moderação** que, por sua vez, provém da **prudência**. Em síntese, mais uma vez, o alerta “todo o cuidado é pouco” é a luz que clareia (e destrói) a escuridão.

4.12.6 Da preguiça à constância

No capítulo anterior, explicitarei exaustivamente a respeito das atividades na UDV: além das especificamente religiosas, são desenvolvidas diversas atividades (mutirões, preparos de Vegetal, promoções, dos departamentos, entre outras) onde há um incentivo a que se participe das mesmas; e, para se chegar a graus hierárquicos maiores e, portanto, ter acesso a conhecimentos reservados e buscar maior evolução espiritual, é necessário o discípulo mostrar seu grau de memória pela prática (que inclui as palavras e participação nas atividades

da instituição). Em síntese, existe uma característica na instituição que favorece o trabalho e, sem forçar a ninguém e respeitando o tempo (e consciência) de cada pessoa, combate a acomodação e a preguiça.

Nesse sentido ouvem-se diversas músicas no âmbito da UDV. De acordo com o DC 02-02-2010 (aniversário do NPS), a primeira música tocada na sessão foi: “O Sertão Te Espera” (composição de Dominginhos, cantada por ele, cuja letra colhi do site http://www.clickgratis.com.br/letrasdemusicas/d/dominginhos/o_sertao_te_espera.html). Ela diz:

Vem
o sertão
Tá chamando a gente
O sol ora frio, ora quente
O vento pra nos refrescar

Vem
O sertão nos espera sorrindo
É um pai que castiga sentindo
Vontade de nos embalar

Vem
Sertanejo sofrido e sem sorte
E mesmo na hora da morte
Coragem não se vê faltar

Vem
Que nesse sertão de bravura
Não uma há só criatura
Para dar sem nada fazer

Vem
Que esse chão é bem firme e forte
É nosso sertão, nossa terra
Bendito sertão do meu norte

Esta é uma música típica do Nordeste brasileiro que mostra a luta do sertanejo para sobreviver, dadas as condições do clima principalmente. E que o sertanejo é “sofrido e sem sorte”, mas que tem valor, é corajoso, pois, “mesmo na hora da morte, coragem não se vê faltar”. Além da coragem que ele tem, também é trabalhador: “nesse sertão de bravura, não uma há só criatura, parada, sem nada a fazer”. A letra mostra, por um lado, o componente nordestino na UDV, mas que também é utilizada na UDV como metáfora: que as pessoas devem ter coragem, bravura e ser trabalhadoras, pois estão encarnadas para evoluir, se aperfeiçoar; que se Deus castiga é para corrigir, é para o bem (“O sertão nos espera sorrindo, é

um pai que castiga sentindo vontade de nos embalar”); e que, portanto, deve-se ter gratidão a Deus pelo que se recebe (“Vem, que esse chão é bem firme e forte, é nosso sertão, nossa terra, bendito sertão do meu norte”).

E, o Guia ensina a respeito da **preguiça**: “A acomodação leva à preguiça, que se opõe ao progresso e à prosperidade — e, claro, à evolução espiritual” (CEBUDV, 2008, p. 30, grifos meus). A ela o Guia contrapõe a **constância**: “É a **prática continuada dos deveres, a firmeza** no cumprimento das metas estabelecidas, vencendo tentações e fraquezas. A constância é uma aliada poderosa contra a preguiça, a dispersão e a inércia e conduz quem a cultiva à vitória” (CEBUDV, 2008, p. 35, grifos meus). Aqui aparece o conhecimento a respeito da **força do querer**²³¹ clareando a escuridão.

4.12.7 Da avareza à caridade

E, sobre o prejuízo da avareza: “A pessoa **se fecha em si mesma** e deixa de compartilhar plenamente da comunhão da vida. O avarento **condena-se à solidão e à infelicidade**” (CEBUDV, 2008, p. 30, grifos meus). Em contraposição existe o valor da **caridade** que “É o oposto da avareza. É a **generosidade, a solidariedade**. É uma virtude que sintoniza quem a cultiva com o sentimento de **fraternidade**, base da doutrina cristã e do Alto Espiritismo” (CEBUDV, 2008, p. 35, grifos meus). Ou seja, é o próprio **amor** combatendo o mal. O mal é tudo o que impede o desenvolvimento ou leva à involução; o amor é o que traz a união, o desenvolvimento, a transformação.

Já explicitiei também no capítulo anterior a respeito da característica favorável à amizade e solidariedade que vigora na UDV e neste mesmo capítulo a respeito dos valores do amor e da união, portanto, não é necessário me estender mais neste item.

4.12.8 Do racismo à fraternidade

O item do Guia, “**RACISMO - Sob o domínio do preconceito**”, afirma que

Em cada ser humano, de qualquer etnia, há um espírito, criado **à imagem e semelhança de Deus**. A inteligência é um dom do espírito e manifesta-se em

²³¹ Que explicitiei, em parte, no item “**4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras**” e que explicito melhor no item “**4.14 A força do querer**”.

todas as raças. Agredi-las significa violar o primeiro (e único) mandamento de Jesus: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (CEBUDV, 2008, p. 31, grifos meus).

E que “A comunhão das raças, através da miscigenação, é um dado positivo no processo de integração e pacificação dos povos” (CEBUDV, 2008, p. 32). A concepção universalista de que todos os humanos são espíritos criados “à imagem e semelhança de Deus” é a premissa para a **paz e a fraternidade (amor)** entre as pessoas. O DC 11-02-2011 explicita a concepção dessa imagem e semelhança: “Deus é Luz. Somos imagem e semelhança de Deus, porque também somos luzes”.

4.12.9 Da raiva à paciência e obediência

Um mestre diz que “A paz é uma ciência” (DC 07-02-2009). Um diário de campo (DC 15-11-2009) narra que “Lembraram como ele **era brabo no começo** e que um irmão, com paciência, lhe falava a respeito das coisas que o Mestre Gabriel dizia e fazia”. Uma conselheira diz, no DC 07-03-2010, “Eu não tinha paciência quando cheguei na União do Vegetal e venho aprendendo a importância da paciência e a ter paciência. E, com paciência, eu tenho conseguido resolver um tanto de coisas na minha vida”. E o Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes ensina a respeito da “Ira”:

É a raiva, uma energia destrutiva e perigosa, que nasce do **impulso** e do **descontrole**. Gera infelicidade e produz violência. A **paciência**, que deve ser exercitada constantemente, auxilia a pessoa a livrar-se da raiva. Não se deve enfrentar ninguém com raiva — muito menos quando o interlocutor estiver tomado do mesmo sentimento. Violência gera violência. **Quando a pessoa se sentir envolvida por aquela energia**, deve fazer um esforço para **manter-se quieta, até que ela passe. Manter-se em silêncio** é boa providência (CEBUDV, 2008, p. 28, grifos meus).

Além disso, o Guia traz o valor da **mansidão**, com uma frase do Evangelho. “Diz Jesus, no “Sermão da Montanha” (Mateus, 5-4): “Bem-aventurados os mansos, pois herdarão a Terra”. Mansidão é **paz** interior, a que se chega pela prática das virtudes e pela **obediência** às leis de Deus” (CEBUDV, 2008, p. 36, grifos meus). E, segundo um diário de campo, com “**Constância** nos deveres e **amor à prática fiel**, estamos livres de todos os perigos. Com isso temos a **Guarnição Divina**” (DC 03-01-2010, grifos meus).

Diversas são as narrativas nesse sentido de comportamento consonante com orientações como essas do Guia e do diário de campo e de terem evitado conflitos, desentendimentos e, até mesmo, perigos. Portanto, pelo conhecimento (teórico e prático), leia-se “transformação” de alguém, outras pessoas se transformaram por consequência da transformação desse alguém. É o exercício prático do “amai-vos uns aos outros”, pois, com essas transformações mais pessoas se transformam (conforme as entrevistas CIB e CIFA). Assim, mostra o aspecto destrutivo da raiva e como combatê-la com Luz, Paz e Amor: buscar ter mansidão, isto é, **dominar-se** para não pagar na mesma moeda, da lei de talião; não retaliar, utilizar a **paciência**, que é chamada na UDV de “ciência da paz”. É o exercício do amor ao próximo com Luz, pois a pessoa **sabe** que, reagindo de forma pacífica, pode trazer mais harmonia e união, pois **o sentimento ruim passa**. E a pessoa não deve ignorá-lo, ao contrário, deve conhecê-lo (e reconhecê-lo) para aprender a lidar com ele. Passada a raiva (ou qualquer sentimento negativo), pode-se buscar a outra pessoa para dialogar e buscar um entendimento, buscar lidar com as diferenças de forma pacífica e harmoniosa. A paciência é um valor (ou “virtude”) que, na cosmologia da UDV, aparece como fundamental para se chegar a Deus, e conta-se, com especificidades, a História Bíblica de Jó como sendo ele o exemplo maior (“Rei da Paciência”). As transformações das pessoas passam, portanto, pela aquisição da paciência (e, por isso, que se deve pedi-la à Força Superior) consigo mesmo e com as outras pessoas: através de conselhos (e/ou doutrina e/ou orientações) e prática coerente com esses, há um incentivo a que as pessoas se transformem, como o diário de campo mostra um discípulo que “era brabo no começo” e se transformou com o tempo de vivência na UDV e da conselheira que vem conseguindo resolver as coisas na sua vida utilizando-se da paciência.

Se observarmos com certa atenção, podemos perceber que se destaca aqui, ainda, a importância da **obediência**: a palavra “obedecer” pode ser escutada como “o bem descer” (do Alto à terra). Tão importante é esse valor nas práticas sociais da UDV, que quem a tiver e seguir com **constância** nos deveres e **amor à prática fiel** estará livre de todos os perigos (DCs 08-09-2010, 03-01-2010 e 02-02-2010), terá a **Guarnição Divina** (DC 03-01-2010). O que é o mesmo que dizer que, “sendo obediente à Força Superior, não colherá espinhos e sim flores”. Aqui é importante explicitar a concepção do **dever** na instituição. De acordo com o DC 29-09-2010, a ação **deve** ser feita por si mesma, sem esperar recompensa: “Plantar flores sem esperar colher”. Com esse mesmo sentido, conforme já explicitarei citando Jesus, diz um

mestre no DC 06-11-2010: “Fazer o bem sem olhar a quem.” Se cuidou de alguém é porque quis; não por esperar uma recompensa. Pela consciência de que é o que **deve** ser feito. Nessa concepção, o dever não é obrigação. **O dever é ser fiel ao sentir.** Porque no sentir se manifesta a luz do conselho e a luz da consciência. Quanto mais a pessoa se transforma, o sentir se transforma em uma **ética do cuidado**, uma **ética da responsabilidade**, uma **ética do amor**, porque a **união é o amor**.

E, segundo um mestre, o Mestre Gabriel disse que um de seus filhos, que se chamava Getúlio, não precisava beber o Vegetal, porque era obediente; e há pessoas que não estão na UDV e têm mais grau de memória do que pessoas que estão no QM da UDV (Entrevista ML). Ou seja, são mais obedientes que estes. Aqui é necessário destacar que a obediência não é cega, mas sim pelo exame, depende de interpretação, de consciência, isto é, do **grau de memória** da pessoa. Quando o mestre do CREMG diz que se deve pedir obediência à Força Superior, é porque esse pedido significa que se **quer seguir as orientações Dela** e, dentro dessas orientações, está o exercício da paciência. E, as pessoas, na medida em que vêm conseguindo ser obedientes a Ela, vêm conseguindo transformações. Ainda, há, implicitamente, a ligação da paciência com a constância, valor imprescindível para se chegar à vitória, como já examinado. A constância ou a persistência é um valor (“virtude”) que é cultivado e desenvolvido na instituição e é chamado **força do querer**²³².

O “Guia” afirma: “A paciência tudo alcança” (CEBUDV, 2008, p. 28). Esta afirmação revela que, quando a pessoa tem um objetivo (quando quer alguma coisa e, portanto, tem a **força do querer**), ela busca os meios de realizá-lo e, com paciência, constância, perseverança, é que “pode chegar aonde quer”.

4.13 A fé, a esperança e o conhecimento

A UDV ensina que para se concretizar os objetivos, necessita-se da **fé** e da **esperança**.

Um entrevistado (CIA 26-12-2007) disse que o Mestre Gabriel colocou uma música para ele que “diz assim: quem tem amor tem saudade, quem tem saudade quer bem. Quem espera sempre alcança, teu amor um dia vem”. Segundo um diário de campo,

Uma parte considerável da sessão foi a respeito de saúde, pois uma pessoa passará por uma cirurgia na 5ª feira. Falou-se a respeito da importância da fé e de que o Mestre Gabriel curou um rapaz que estava desenganado pelos médicos²³³. (...) Algumas pessoas falaram palavras de incentivo à pessoa enferma (DC 06-12-2009).

Estas narrativas de alcançar o que se quer, como um amor ou uma cura, e receber por parte do Mestre Gabriel, são contadas na UDV e fortalecem a fé dos adeptos. Às vezes, a pessoa age de determinada forma pela fé no Mestre ou em alguém, isto é, acredita na orientação, mesmo sem ter certeza se é o melhor a fazer. Assim, pela fé, não fica em uma posição passiva, mas ativa e, com o resultado da ação, pode verificar se a orientação estava errada ou certa. Com isso acaba encontrando o **conhecimento**, que é superior a esses dois valores (fé e esperança), como já explicito no item “**4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor**”. Ou seja, na UDV, há uma busca de **fortalecimento da determinação** das pessoas em realizar objetivos na **prática** (e esse é o conhecimento, nesta concepção) da própria instituição: seja na simples preparação de uma refeição saborosa ou da decoração do espaço físico, até na aquisição de um terreno para a organização de um novo núcleo, na construção de um berçário, de uma fornalha para o preparo de Vegetal, de um templo, de um “campinho” de esporte ou lazer e outros objetivos comuns, seja em uma transformação individual material (como de estudo ou trabalho, por exemplo) ou espiritual (que é o objetivo maior da instituição). E, neste caso, a percepção da transformação das pessoas é um incentivo para a transformação das demais pessoas; é a “corrente do bem”, que já explicito.

Sublinho que, o exercício da prática, de muitas vezes “aprender fazendo”, permite um **exercício grande e prazeroso da criatividade e do desenvolvimento da imaginação**²³⁴, principalmente quando são poucas pessoas iniciando o trabalho de organização de um novo núcleo. Destaco que na UDV se ensina a desenvolver a **imaginação para as coisas positivas**: “É importante a pessoa imaginar pra poder conhecer” (DC 16-01-2010). A imaginação, portanto, é uma **busca constante** do conhecimento. É importante destacar, ainda, que a **força do querer** é diferente de ambição: esta é negativa; a primeira é positiva. Assim, querer obter algo material ou chegar a algum grau hierárquico maior por **egoísmo** ou **vaidade** seria **ambição** (e, portanto, negativo e destrutivo); porém, querer obter algo material ou chegar a

²³² Que explicito melhor no item “**4.14 A força do querer**”.

²³³ Que já narrei no item “**4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos**”.

²³⁴ Conforme descrevi no capítulo anterior no item “3.2.2 Coração, decoração e imaginação”.

algum grau hierárquico maior **por altruísmo** (para beneficiar mais as demais pessoas) é a **força do querer** (e, portanto, positivo).

4.14 A força do querer

No DC 29-09-2010, as palavras do Mestre Gabriel: “tudo o homem pode, só depende é do querer”. É o mesmo sentido de outra afirmação dele: “o tamanho da dificuldade é o mesmo da facilidade”. Pois, aponta para a persistência como caminho para se conseguir o que se quer: a pessoa busca a facilidade e a encontra, mas necessita buscar o que quer com persistência, com constância. É a **força do querer** que se fala na UDV.

Ao ser perguntado a respeito do que transforma, um mestre do CREMG diz: “A vontade de querer se transformar” (MB 27-12-2007). Em um diário de campo lê-se:

Foi contada a História de Sansão que, com detalhes diferentes do que é contada nas Sagradas Escrituras, mas, na essência, é a mesma. Que Sansão foi um homem forte e que ele tinha a missão de libertar o povo da escravidão e foi o que ele fez. “E o Mestre Gabriel também vem libertando as pessoas da escravidão. Só que da escravidão dos vícios, de ilusões, de coisas erradas”.

Também se falou a respeito da força do querer. “O Mestre Gabriel disse que ‘tudo o homem pode, só depende do querer’. Mostrando a força da determinação, ele que passou por tanta dificuldade pra trazer pra nós a União do Vegetal. Foi picado por diversas cobras e sobreviveu; por uma arraia e passou quase dois anos sem poder trabalhar como seringueiro e a Mestre Pequenina ficou no lugar dele, levantando quatro da manhã, fazendo todo o trabalho que faz um seringueiro. Mostrando pra nós essa força do querer que nós também podemos ter (DC 21-03-2010).

E o Guia afirma: “Firmeza no pensamento e limpeza no coração²³⁵ — ensina o Mestre Gabriel” (CEBUDV, 2008, p. 68). E, em outro diário de campo, se lê:

É importante a firmeza no pensamento e a limpeza no coração. Não se guardar mágoas ou sentimentos ruins. “A firmeza no pensamento tem ligação com a limpeza no coração. Quanto mais limpa o coração, mais equilíbrio a pessoa tem e mais firmeza no pensamento” (DC 16-05-2010).

²³⁵ Examinou a seguir esta frase que já examinei no item “4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito”, em outros aspectos.

Aqui é reforçada a concepção da importância da **força** na vida das pessoas para a transformação. E, por isso que se pede força à Força Superior, conforme já citei. Desde a História de Sansão (que tinha grande força física) até a do Mestre Gabriel e sua companheira, exemplifica-se a importância da **força** na vida das pessoas. Para se ter **firmeza**, necessita-se ter **força**, começando pelo valor da “força do querer” para conseguir o que se quer. A firmeza no pensamento expressa essa “força do querer”, da **determinação** ou **perseverança** ou **constância**, valor este, fundamental para as transformações pessoais. Contudo, só a força não é suficiente, por isso que se pede à Força Superior **força e luz** (mais explicitados no próximo item). Já explicito a respeito da “limpeza” ligada ao “sentimento” e à “purificação” (no item “**4.10 O sentimento, a limpeza no coração e a evolução do espírito**”); agora explicito sua ligação com a firmeza (“Quanto mais limpa o coração, mais equilíbrio a pessoa tem e mais firmeza no pensamento”), manifestando-se pela **luz**, pelo conhecimento que a pessoa possui de que mágoas são prejudiciais para quem as tem e pelo conhecimento de como delas se desfazer.

Além do fio da **força**, a firmeza no pensamento mostra a importância da ligação da pessoa com o Poder Superior pelo **pensamento**: a UDV utiliza as chamadas, mas não descarta orações “prontas” ou músicas, desde que sejam **utilizadas de forma consciente** pela pessoa para a ligação com Deus. Mais uma vez pode-se perceber a importância da frase “todo o cuidado é pouco”, pois aponta que se deve estar sempre alerta. A síntese disso é a frase de Jesus: “vigiai e orai” (Mateus, 26, 4; Marcos, 14, 38). Vigiar a si mesmo (examinar a si mesmo) e orar (procurar estar sempre ligado à Força Superior pelo pensamento) e, assim, seguir o caminho reto, também chamado, na UDV, de “caminho firme”. É um sentido explicitado por um discípulo assim: “Se vigiarmos nossos pensamentos, nossas palavras, (...), e vigiarmos nossas ações, podemos ter uma maior união do casal” (DC 31-01-2010). Falou as palavras “do casal”, porque estava em uma “sessão de casal”, mas, em outras sessões, são faladas frases semelhantes, substituindo-se a mesma por “dos irmãos”, “dos colegas de trabalho” ou, simplesmente, “das pessoas”. Mas quero enfatizar aqui **a importância do pensamento** na concepção da UDV, de se vigiar o pensamento e pensar positivo: “colocar no lugar do pensamento negativo um pensamento positivo, uma música positiva, fazer uma chamada pelo pensamento” (DC 08-09-2010). E, assim, firmar o pensamento na Força

Superior, que é o Bem. Pois, como mencionei no item “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”: “se deve desejar o bem, que vem pra cima de si também” (DC 04-04-2010).

4.15 Força e Luz

Os trechos a seguir ilustram melhor a concepção da **Força e da Luz**; esta se expressa aqui na palavra “jeito”, com o objetivo de se poder realizar algo.

o Mestre Gabriel quis ensinar pra eles o que é a força física e o jeito. A pessoa tem que ter jeito pra fazer, não adianta ter força, se não tiver jeito não faz do mesmo jeito. Ele disse que um dia ele se deitou no chão, o Mestre Gabriel, e ficou com o corpo todo mole, e disse pra ele²³⁶ e pra Jandira²³⁷ que se eles conseguissem tirar ele do chão, levantar pelo menos um pouquinho, ele dava um prêmio. Aí eles fizeram muita força lá os dois, e não conseguiam. E ele tava lá, ficou deitado lá no chão todo mole. E eles faziam força de um lado e do outro e não conseguiam. Aí o Mestre (nome) chegou lá na casa deles, e o Mestre (nome) é pequenininho né? E bem magrinho, e o Mestre (nome) chegou lá assim e enfiou a mão embaixo dele assim e levantou, sem fazer muito esforço. Aí, ele disse que naquele dia ele entendeu o que era força e o que era o jeito. A diferença de um pro outro. Que o Mestre (nome) conseguiu levantar porque ele teve jeito pra fazer (CIE 27-03-2010).

Esse “jeito” demonstrado pelo Mestre Gabriel é exercido na **maneira de tratar** as pessoas. Assim, para orientar os filhos (e, de forma semelhante, os discípulos, como explicito a seguir), a entrevistada diz:

Aí ele tava falando como repreender os filhos né? Que tem pai que vai com grosseria que não sei o que, não sei o que e não consegue atingir o objetivo, e **quando vai com jeito tem o efeito melhor**. Agora tem alguns que mesmo com jeito não dá, aí tem que ser na pancada mesmo (CIE 27-03-2010, grifos meus).

O “jeito”, a delicadeza, portanto, é mais eficaz para se corrigir do que a força. Só em alguns casos que se necessita de mais força (“alguns que mesmo com jeito não dá, aí tem que ser na pancada mesmo”). Aqui é importante destacar a respeito da “pancada”, que essa é uma

²³⁶ Carmiro Gabriel, um dos filhos do Mestre Gabriel.

²³⁷ Filha do Mestre Gabriel.

linguagem figurada, pois, casos de espancamento ou qualquer tipo de violência (física ou até com palavras) na UDV são passíveis de punição. Nesses anos, enquanto sócio da UDV, nunca presenciei nenhum caso destes; ouvi falar apenas de um caso em que um sócio bateu em sua mulher e, em consequência, foi afastado da comunhão do Vegetal. A “pancada” que a entrevistada fala é com o mesmo sentido que outra sócia explicita em relação à sua vivência: “Tudo o que acontece na vida da gente, realmente é pra ... dar uma saculejada²³⁸ na vida da gente pra melhorar e ver o que que a gente tá fazendo pra tar merecendo que aconteça aquilo. Que, então, é pra gente acordar mesmo pro mundo espiritual” (DC 21-11-2010). É o sentido que já explicitarei nos itens “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**” e “4.12.1 De vítima a merecedor”: pela dor a pessoa pode “acordar”; mas a pessoa acorda pelo sentir, pode ter dor ou não. É o mesmo sentido expresso pelo discípulo que citei no item “**4.4 A força do querer, o pedido e os mistérios (e poder) das palavras**”: “na maneira como corrigir podemos ser flexíveis, mas dependendo do filho, às vezes temos que ser mais duros pra ele acordar” (DC 09-05-2010). O objetivo, portanto, é clarear o filho ou o discípulo e não protegê-lo.

Nesse sentido, diz um mestre do CREMG: “A proteção não corrige e a Guarnição corrige” (DC 10-02-2010). Comprovando o malefício causado pela “proteção”, outro mestre (DC 28-03-2010) narra dois casos de mães “protetoras” e que os filhos, mesmo frequentando a UDV, não haviam conseguido se transformar.

Na concepção da UDV, só com a força não se chega aonde se quer, necessita-se sempre da luz para se saber (ver) aonde se quer ir. E a luz corrige. **A correção é uma transformação.** Na palavra “correto” existe a palavra “reto”, daí, o caminho de Deus (ou para se chegar a Ele) ser o caminho reto. Daí a diferenciação das palavras “proteção” e “Guarnição”: a primeira é concebida como negativa, daí a justificativa do mestre a respeito das condutas das “protetoras” como tendo sido causadoras (com certeza involuntariamente) de um prejuízo ao filho; a segunda é positiva, é Divina. Mesmo no caso em que a entrevistada fala que para alguns “tem que ser na pancada mesmo”, mostra que há que se ter **luz**, conhecimento. Este caso é um dos próprios filhos do Mestre Gabriel, hoje Mestre Carmiro, que fala a respeito de si mesmo em sua infância quando necessitava de pancada, porque, mesmo com a explicação das orientações dadas pelo primeiro, este não obedecia. E ele admite que merecia e que foram necessários os corretivos que recebeu para sua transformação.

²³⁸ Termo regional, significando sacolejo.

Essa “pancada” pode ser no sentido figurado como ilustra a narrativa do entrevistado CIA 26-12-2007: “O camarada faz um serviço assim escondido, mas não tá escondido. Quando chega na União do Vegetal, o Vegetal pega, né, desce o couro: a gente tá sabendo que tá apanhando por causa daquilo, mostra direitinho”. E, a respeito de si mesmo, diz: “(...) peguei uma pisa! Aí, deixei [de beber cachaça]”. É a concepção de que, quando o conselho não é suficiente, a pessoa necessita de algo mais forte para ser “acordada”. Daí a necessidade da doutrina ou da “peia”, que pode ser dada pelo próprio Vegetal, conforme diversas narrativas. O conselho, na UDV, é uma atribuição do Corpo do Conselho, contudo pode ser dado por qualquer pessoa; já a doutrina é reservada ao Quadro de Mestres. Um entrevistado ensina que “o mestre é pra equilibrar” e que

Um conselheiro, uma conselheira, é pra mostrar não é pra correr. Seja o que for. Então é isso, o Mestre criou pra auxiliar ele, e se o senhor é um conselheiro ela é uma conselheira, tão pra aconselhar o representante, seja quem for, (...) mas se ele errou, o conselheiro vai lá e mostra, é a obrigação. Porque a Hoasca fazia: ela aconselhava o rei. Agora eu... sobre o assunto do conselheiro, ele recebe uma estrela, já é adiante da conselheira, porque a conselheira vem só até aquele ponto, (...) mas o conselheiro depois recebe a estrela, o mestre é além do conselheiro, mas o conselheiro é pra ensinar, ele não pode escorregar (...) tem que mostrar com carinho, porque um conselheiro, uma conselheira, o grau é forte, não pode levar na ignorância. Porque o que faz se desligar da nossa religião é o camarada não saber ensinar. Ensinar com brutalidade ele se dói, se choca e se afasta por causa dessas coisas. (...) o conselheiro, quando a conselheira se casa, pra auxiliar o representante, auxiliar o povo, pra ele também, Mestre Gabriel: o que ele quer é unir o povo (CIA 26-12-2007).

E uma entrevistada, narrando o que ouviu da Mestre Pequeninina, diz que

Ela falou que o Corpo do Conselho é o lugar mais alto da União do Vegetal. E a mulher tá nesse lugar. (...) ela falou ‘pra pessoa aconselhar é preciso saber, porque pra doutrinar é mais fácil do que aconselhar, que a doutrina, ela, não precisa cativar, mas o conselho, ele, precisa ser cativador pra pessoa poder praticar aquilo que ela tá sendo aconselhada. É uma coisa que tem que pegar a pessoa pelo coração. Então é muito mais fácil doutrinar do que aconselhar’. E ela disse que são poucos os conselheiros que tem essa noção. Essa consciência, de saber a importância do conselho. De valorizar o conselho (CIE 27-03-2010).

Aqui os entrevistados revelam concepções complementares a respeito do que deve ser um conselheiro e um mestre na UDV. Primeiro a pessoa transforma a si mesma, depois se torna responsável pelo outro, **porque adquire uma consciência de união**. E, quanto mais

sobe na hierarquia, mais responsabilidade tem. Embora a pessoa que está no QM tenha uma posição hierárquica de mais responsabilidade, o lugar de conselheiro é mais alto espiritualmente porque é mais fácil doutrinar (atribuição do mestre) do que aconselhar, pois, o conselho vem pelo sentimento, há necessidade de cativar o outro. Mais uma vez a importância da **união**, da **paz** e do **amor**, pois, **cativar** é uma expressão desses valores. Já que o conselho vem pelo coração, portanto, vem com tranquilidade mostrando que quer o bem do outro, que se importa com o outro e quer harmonia, entendimento, em síntese, **Paz e Amor**. É manifestação da ligação com a própria Divindade. E, nesse mesmo sentido, é função do conselheiro auxiliar o Mestre Representante, aconselhando-o. Além disso, é necessário “jeito” para ensinar, mesmo sendo um mestre (lembrando, também que os mestres também receberam o “CDC”). Mais uma vez, então, surge a busca do equilíbrio entre a força e a luz. A Força e a Luz que, segundo o mestre do CREMG, se deve pedir à Força Superior e que se recebe na burracheira. E que são, para ser mais explícito, expressões da própria Força Superior.

4.16 Mestre Gabriel, o pai de todos

Conforme mencionei no primeiro capítulo, segundo Brissac (2004), José Gabriel da Costa, destacou-se desde criança: dotado de aguda inteligência, destreza e significativa iniciativa, que expressou enquanto cantador repentista, na capoeira, enquanto soldado da borracha (vencendo as dificuldades e o sofrimento), enquanto dono de terreiro e curador. Conheceu todas²³⁹ as religiões. Mestre Gabriel procurou “a realidade”, até se encontrar com um tesouro: o chá Hoasca, com o qual demonstrou domínio sobre seu uso desde a primeira vez que o bebeu, tendo sido reconhecido inclusive pelos que bebiam antes dele (os Mestres de Curiosidade). E, através do chá, recordou-se de sua missão: recriar a União do Vegetal.

Na pesquisa de Ricciardi (2008), uma só pessoa atribuiu sua transformação diretamente ao Mestre Gabriel. Contudo, entendo que não se deve minimizar (e ela também não minimiza) a importância de um líder de uma instituição na construção da cultura da

²³⁹ Entendo que os biógrafos (aqui BRISSAC, 2004, p. 573) que citam “todas” querem dizer “todas as que ele teve acesso”.

mesma. É assim que, diversas pessoas falam indiretamente da importância dele, destacando sua “doutrina”, incluindo o próprio trabalho dessa autora.

Nesse sentido, em minha pesquisa, um discípulo diz: “Na União do Vegetal temos o tesouro da doutrina” (DC 31-01-2010). Assim, o Mestre Gabriel trouxe um legado doutrinário e moral com base em uma prática (exemplo de vida) que é referencial para todos os sócios. Ensinou, assim, que se deve buscar ser os melhores em tudo o que se faz, desenvolvendo suas capacidades e sempre aprendendo (e se transformando) cada vez mais em busca da purificação. Os que não o conheceram pessoalmente acreditam nas suas palavras, não com uma fé cega, mas em um exercício cotidiano, onde escutam e narram vitórias suas e de outras pessoas a partir de contato por pensamentos e/ou palavras com o Mestre Gabriel. Há diversas frases como estas: “o Mestre Gabriel me disse...”, “o Mestre Gabriel me mostrou...”, “o Mestre Gabriel falou comigo em sonho...”, “o Mestre Gabriel apareceu na burracheira e falou comigo...”.

Além de serem, por vezes, colocadas em sessões as gravações de suas palavras, há a repetição das mesmas por discípulos explicando a eficácia das mesmas na sua própria vida, e que são, muitas vezes, constatadas pela observação da prática de quem fala. Na União do Vegetal, pela liderança que ele exerceu e que continua exercendo nas narrativas dos sócios antigos e novos também, há os que se sentem filhos do Mestre Gabriel:

A obediência aos pais é importante porque eles só querem a felicidade dos filhos. Assim também o Mestre Gabriel tem amor por nós, só quer o bem, a felicidade de todos nós, como se fôssemos seus filhos. Ele é o Caiano e nós os caianinhos (DC 18-04-2010).

Por isso, coloco este título, “o pai de todos”, pois, mesmo os que têm (ou teriam) mais idade que o Mestre Gabriel, consideram-no um **pai simbólico**.

E o que enseja tamanha liderança de um homem simples e de poucos recursos financeiros? Assim sintetiza o site da UDV a respeito dele:

Firme retidão moral, elevado conhecimento espiritual, **notável capacidade de doação para compreender e orientar** seus discípulos em **busca da verdadeira transformação** fazem do Mestre Gabriel um ser amado no seio da União do Vegetal, sendo a **sua prática de vida** e as suas **palavras de justiça e bondade** fonte permanente de força e inspiração para todos aqueles que procuram seguir os seus passos em um caminho de Luz, Paz e Amor. (<http://www.udv.org.br/A+UNIAO+DO+VEGETAL+E+A+MISSAO+BRESPIRITUAL+DO+MESTRE+GABRIEL/Destaque/12/>, grifos meus).

A respeito da sua prática de vida, o DC 26-02-2010 narra: “O Mestre Zé Luiz conheceu o Mestre Gabriel na olaria. O primeiro era sócio de um irmão de sangue, que costumava comprar tijolo na olaria do Gabriel, ‘porque o tijolo era bom, era bem feito’”. O Mestre Gabriel ensinava pela doutrina, pela música e pela sua prática. Neste diário, mostrando, pela sua prática, a importância do bom plantio (plantar flores) para colher flores. Fazia um bom tijolo e tinha sempre clientes “porque o tijolo era bom, era bem feito”.

Ainda, a respeito da **sua prática de vida**, o DC 10-02-2010 narra um episódio que mostra sua **firme retidão moral**:

Uma mulher chegou à UDV dizendo que precisava de uma cura. E falou com o Mestre querendo sexo com ele. Ele examinou e disse “agora a Senhora vai ser curada” e colocou a música (que também foi colocada nesta sessão²⁴⁰, antes de seu fechamento), de Jackson do Pandeiro:

Secretário do Diabo

O diabo quando não vem

Manda o secretário

Eu não vou nessa canoa que não sou otário

Eu reconheço

Que ela é muito boa

Mas não vou nesta canoa

Que dá confusão

Quando ela passa

E provocando um desafio

Sinto logo um arrepio

No meu coração

Não vou na onda

Nem no conto do vigário

Que o diabo quando não vem

Manda o secretário

Ela Chegou

Em nossa reunião

Provocando confusão

E foi de amargar

Nos cumprimentou

E sentou-se numa cadeira

Mas de tal maneira

Que eu vou te contar

Manjei que era uma isca

Mas pra um peixe muito otário

²⁴⁰ Do dia do diário (DC 10-02-2010).

Desta vez ele não veio
 Mas mandou o secretário.
 (http://letras.azmusica.com.br/J/letras_jackson_do_pandeiro_21392/letras_otras_14327/letra_secretario_do_diabo_460645.html).

Desta forma, o Mestre Gabriel mostrou, com o seu exemplo (e com a colocação da música), que é possível uma opção não hedonista (“resistir à tentação e não adulterar” e, por extensão, manter-se dentro dos princípios religiosos), **quando se tem ciência** a respeito da situação. Conforme já explicitiei no item “**4.1 Livre arbítrio**”: na concepção da UDV, existem duas forças, a Força Negativa e a Força Positiva, onde a primeira tenta desarmonizar e desunir a família e as pessoas em geral e a segunda, que transmite a consciência clara para que as pessoas se mantenham dentro dos princípios e, assim, mantenham-se unidas e unam-se mais ainda. Essa união maior ainda provém da confiança maior gerada pela “constância nos deveres e o amor à prática fiel”. Ressalto que o Mestre Gabriel “tinha respeito pelas pessoas e consideração com as Sagradas Escrituras e também com a Força que não é Superior” (DC 17-10-2-10). Isto é, respeitava a todos e até a Força Negativa e ensinava, conforme já explicitiei no item “**4.11 Constância, Vitória e Glória: Luz, Paz e Amor**”, que o mal só pode ser destruído com Luz, Paz e Amor.

E, a propósito da **notável capacidade de doação para compreender e orientar seus discípulos** que fala o site da UDV, cito o DC 28-03-2010:

O Mestre Gabriel disse que “Jesus teve 12 discípulos, e todos obedientes; eu tenho mil e muitos e ainda não tenho três obedientes”. Falou que nessa encarnação foi onde ele mais sofreu. Explicou que os mestres eram que mais o faziam sofrer. Davam uma ‘patada’ na cara de alguém e pegava na dele.

Aqui, o Mestre Gabriel faz uma comparação de seu sofrimento com o de Jesus, explicitando que o sofrimento do Mestre está ligado à desobediência dos seus discípulos. Mostra, assim, um sentido de **unidade com o sentir do outro**, muito relevante para o entendimento da ética e da doutrina da UDV. Além disso, é necessário destacar que, na concepção da UDV, todos os doze apóstolos de Jesus foram obedientes, incluindo Judas, que entregou a Jesus para cumprir uma missão.

A respeito do **cumprimento da palavra**, o DC 10-02-2010 revela a narrativa de um Mestre do CREMG:

O Mestre Gabriel falou que um dia faria o Rosário de Chamadas e fez na derradeira sessão em que participou, que foi em Manaus. Ele veio a Manaus se tratar e depois foi para Brasília, onde faleceu. Depois de três meses, o Mestre Florêncio foi a Porto Velho e levou a fita com a gravação das chamadas que o Mestre Gabriel fez na sessão. E lá alguns mestres choraram porque **viram que o Mestre Gabriel cumpriu com a palavra**. O Mestre Zé Luiz achava que ele iria de Manaus “voltar pra Porto Velho, porque ele tava preso na palavra do Mestre; que o Mestre disse que ia fazer o Rosário de Chamadas e ainda não tinha feito, então, o Mestre Zé Luiz achava que ele ia voltar pra Porto Velho pra fazer” (Grifos meus).

E esse cumprimento da palavra, narrado pelos discípulos do Mestre Gabriel, tem, além de uma dimensão de **coerência** e de **retidão**, uma dimensão **profética**; de acordo com um Mestre do CREMG: “O Mestre Gabriel também era um profeta” (DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio). São diversas as narrativas a respeito das previsões dele e de que todas se cumpriram. Nesse sentido outro Mestre do CREMG diz: “O Mestre Gabriel disse que ‘daqui de Manaus a União do Vegetal vai circular o mundo’. Na época teve quem não acreditasse, mas a realidade aconteceu, daqui vieram outros núcleos pelo Brasil e exterior” (DC 02-02-2010 - NPS).

4.16.1 O jeito do Mestre Gabriel

Segundo narrativas, ele era chamado por alguns de “Zé Doido”, pois andava de chinelo e mal arrumado, isto é, não se importava com a aparência. E não há relatos de condutas suas de arrogância ou prepotência, mas só de simplicidade e humildade. Demonstrava gratidão e reconhecimento às pessoas, incluindo um Mestre de Curiosidade, chamado Chico Lorenzo, porque este lhe “deu o primeiro copo de Vegetal”. Mesmo assim o Mestre Gabriel chamava sua atenção: “Chico, o Vegetal é coisa séria!”.

Um mestre do CREMG declara: “me encontrei com um homem muito simples, numa casinha coberta de palha (...), no escuro, não tinha luz elétrica ainda, lá, onde ele morava” (ME 12-05-2008).

E outro Mestre do CREMG narra uma das primeiras impressões a respeito do Mestre Gabriel, que lhe pareceu “ser do time” de um militar que o primeiro conheceu: o Mestre Gabriel falou a respeito do horário da sessão, “Mas o senhor chegue antes das 20h, porque às 20h fecha o portão e quem tá fora não entra e quem tá dentro não sai” (DC 26-02-2010). Esse rigor com a ordem é distinto de uma rigidez e tem um sentido que já explicitarei no item “**4.3 A**

concentração e a união” a respeito da **ordem do amor**. E que também se expressa no jeito respeitoso do Mestre Gabriel com a “autoridade do lugar” que a pessoa ocupa na UDV:

Nesse dia ele também trouxe com ele diversos caídos, pessoas que estavam afastadas do quadro de mestre e que ele reconduziu. Em Manaus, ele convocou para o Corpo do Conselho o Geraldo de Carvalho, primeiro conselheiro; Vicente Marques, segundo conselheiro; Roberto Evangelista, terceiro conselheiro; e Ana Evangelista, quarta conselheira. Depois ele disse, “examinando, vejo que o Mestre Cruzeiro²⁴¹ é que está aqui me representando e ele que está aqui com os senhores, conhece como está cada um, cabe a ele convocar”. E, na sequência, o Mestre Florêncio convocou as pessoas (DC 28-03-2010).

Ainda a respeito do jeito do recriador da União do Vegetal, o Mestre Geraldo de Carvalho, em entrevista de 12-12-2010, diz: “Mestre Gabriel era um homem simples, humilde”. E, segundo mais um Mestre do CREMG, no DC 27-02-2010:

Pra tirar Foto era sisudo, era “a pose da foto”. O Mestre Gabriel era alegre, bem humorado, contava histórias engraçadas, mas não fazia galhofa das pessoas, era humano, sempre pronto a auxiliar as pessoas. Não gostava muito de gargalhada, mas de sorriso sim, que é bom pra alegrar o espírito.

Nesse mesmo sentido, de acordo com o DC 11-02-2011, outro Mestre do CREMG diz: “O Mestre Gabriel era uma pessoa séria e alegre. Quando tinha que ser rente, era rente. Mas tinha bom humor”. O sentido de “rente” é o mesmo narrado pelo Mestre Geraldo Florêncio de Carvalho, em entrevista de 12-12-2010:

Uma das coisas que ele mais falava sério mesmo eram os olhos dele. Quando a pessoa fazia uma coisa que ele não tava gostando, ele olhava pra pessoa, o olhar dele, ninguém aguentava olhar, abaixava a cabeça, parecia que tinha um foco de luz, tão forte era o olhar do Mestre Gabriel. Vi isso uma vez lá em Manaus, eu tava fazendo uma coisa que não tava certa e ele me olhou assim, meu amigo, não foi brincadeira não, os olhos dele, né? Os olhos assim altamente... nível alto de sabedoria nos olhos do Mestre Gabriel.

²⁴¹ Nome, na época, como era conhecido o Mestre Florêncio.

E, falando da sua transformação, diz: “É um homem que, na minha vida, foi a maior felicidade da minha vida foi ter conhecido Mestre Gabriel. [Pois,] se eu não tivesse conhecido a União do Vegetal, eu não sei se estaria vivo. Porque eu era uma pessoa muito violenta”.

A respeito do jeito amigo do Mestre Gabriel ao orientar (aqui a importância do domínio de si), Mestre Antonio Gabriel, de acordo com Edson Lodi, narra um episódio:

— Quando chegou a hora do lanche, veio a aermoça, moça bonita e corada, que usava minissaia. Fiquei olhando para ela. Mestre Gabriel disse:

— É o pior entorpecente.

Mestre Antônio ressalta que Mestre Gabriel pela primeira vez havia chamado sua atenção, mas de um jeito amigo. E recebeu as palavras do irmão como um alerta. Compreendeu que o entorpecente não é a mulher, mas sim o sentimento que desperta nos homens que não se dominam (LODI, 2004, p. 68).

E, ainda a respeito do jeito dele, uma conselheira diz: “eu conheci o Mestre Gabriel. Ele era um homem comum. Não se colocava em um pedestal. Tratava a todos igual. Se esforçava pra se mostrar comum; só quando necessitava, ele se destacava” (DC 11-02-2011).

Ligado a afirmação de que ele “Não se colocava em um pedestal”, percebe-se que **aceitava a contribuição dos discípulos**. Neste sentido narra um DC:

O Mestre Gabriel naquele momento tava precisando que fosse feito um Boletim e na sessão ele disse que precisava que alguém escrevesse um Boletim, aí apresentaram dois, e o que foi escolhido foi o do Mestre Monteiro que era Conselheiro na época. Ele escreveu depois de uma sessão, ele acha que foi o Mestre, porque o Mestre “deixava as coisas no ar”, às vezes. Falava que ia ter a Instalação do Sol (chamada), um dia iam fazer e aí um discípulo fez, no caso o Mestre Florêncio (DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio).

Mostrava, assim, com seu jeito, a importância de todos e da união de todos. Neste sentido, falava a respeito da **importância do consenso**. Algumas vezes ouvi a frase atribuída ao Mestre Gabriel: “só posso chegar diante do Poder Superior junto com todos unidos”.

4.16.2 Narrativas de cura, da bondade e do poder do Mestre Gabriel

Mestre P narra a primeira vez que bebeu o Vegetal, e reconheceu “o Mestre Gabriel que, na sessão, via o que eu estava pensando” (DC 26-02-2010). E, segundo o DC 27-02-2010,

O Mestre Gabriel curou o Mestre P de malária. Desde pequeno que P pegava malária por incontáveis vezes. Até que um dia, já frequentando a UDV, encontrava-se novamente com malária e chamou o Mestre Gabriel. No mesmo momento que terminou de chamar, o Mestre Gabriel estava de pé a sua frente dizendo-lhe que iria dar uma receita de um chá para ele beber. P chamou sua companheira na época e pediu que anotasse e ditou pra ela. Ela fez o chá e deu pra ele beber. Quando já se sentia melhor, falou com ela e se ela não tinha visto o Mestre Gabriel; ao que ela respondeu que ele esteve delirando com febre. Ao cair da tarde, veio o Mestre Gabriel, suado, pois tinha estado desde de manhã consertando o caminhão velho que possuía:

- Bebeu o chá?

- Bebi.

- Está melhor?

- Estou.

E nunca mais pegou malária. Sua companheira (naquela época) ficara impressionada com o sucedido, pois não tinha como o Mestre Gabriel saber do que tinha acontecido. Recentemente, P foi visitá-la e ela confirmou o acontecimento, só não lembrava dos ingredientes do chá (e ele tampouco).

A narrativa deste acontecimento mostra dois pontos importantes na pessoa do Mestre Gabriel que cativam seus discípulos: a sua presteza em sempre auxiliar a quem lhe pede e o seu poder. Nesse caso, o poder de “aparecer” para a pessoa e dar o socorro necessário e de confirmar que esteve lá de alguma forma (P viu, mas sua companheira não viu) e chegar e perguntar se ele tinha bebido o chá. Não teria como o Mestre Gabriel saber, pois não houve comunicação com ninguém: segundo o Mestre Gabriel, o caminhão foi a sua ocupação o dia inteiro e, segundo P, ninguém tinha vindo até a casa naquele dia, nem ele e a companheira tinham saído de casa (acrescente-se que não havia outra forma de comunicação disponível, como telefone, por exemplo). E este tipo de narrativa não é isolado. Outra narrativa onde também se mostra o poder atribuído ao Mestre Gabriel é a do DC 06-12-2009:

Um homem chegou até o Mestre Gabriel, pedindo que curasse seu filho que tinha caído de uma laje e estava com hemorragia e desenganado pelos médicos. O Mestre perguntou se ele tinha fé em Deus; ao perceber que aquele não tinha fé, disse “tenha fé em mim que eu tenho fé em Deus” e olhou por alguns minutos pro Sol. Depois disse, “pode ir que o teu filho está bem”. Chegando ao hospital, o homem já viu seu filho sentado, conversando com os médicos; estes impressionados com o acontecido, sem entender como o rapaz ficou curado.

O poder atribuído ao Mestre Gabriel pelos seus discípulos é uma característica marcante na UDV. Isso pode se notar também na narrativa de pessoas que não o conheceram

pessoalmente, mas só por ouvir dele falar ou pela sua voz gravada ou de “escutar a sua voz na burracheira”, como no caso da entrevistada entre CIB 26-02-2009:

eles colocaram uma gravação com a voz do mestre na primeira vez que eu fui beber o Vegetal, e a voz do Mestre Gabriel foi que me segurou (...) e eu nem sabia que aquela voz que tava escutando era do Mestre Gabriel, daquela Foto que tinha lá.

E, mais adiante, quando já estava associada a UDV: “eu também não aproveitava a burracheira, tinha pouca burracheira e o Mestre falava pra mim que era por isso, que enquanto eu não abrisse meu coração pra o meu pai, que eu não ia ter direito de avançar nunca”. E, quando lhe perguntei que voz ela escutava, ela respondeu:

Era a voz do Mestre, eu ouvia a voz do Mestre, esta voz que a gente ouve na gravação, é... eu ouvia a voz que eu escuto na gravação... às vezes, eu via ele falando, às vezes eu via, via e ouvia, mas a maioria das vezes eu só escutava ele falando.

Poder-se-ia perguntar aqui, por que não há divulgação de curas como a que narra o diário de campo. Segundo concepção na UDV, a divulgação de acontecimentos desse tipo (como de cura etc.) é evitada, pois há o risco da pessoa “passar por testes” e/ou de “perder o merecimento de continuar recebendo” o que vinha recebendo. É assim que um mestre do CREMG “que sabia como estava a burracheira das outras pessoas, ficou falando e perdeu o merecimento” que tinha; ou seja, perdeu o poder ou a Graça que tinha.

Aqui também, pode-se perguntar a respeito da saúde do Mestre Gabriel. Mesmo com todo o talento, sabedoria e curas que realizou, ele necessitou ir a Fortaleza, Manaus e Brasília para tratar da própria saúde, pois, na concepção da UDV, **o curador não tem poder de curar a si mesmo**. De Fortaleza voltou, segundo um Mestre que teve muito contato com o Mestre Gabriel, purificado e ficou ainda seis meses encarnado (MC 2009). Esteve em Manaus para se tratar e, por indicação médica, desta cidade foi a Brasília onde “fez a passagem”. Esse termo, muito utilizado na UDV, significa “falecer”. Pois a morte é percebida como uma **passagem** do espírito de um corpo para fora do mesmo; ou seja, nessa concepção, o que morre é só o corpo e o espírito volta a encarnar para continuar evoluindo ou, como já mencionei, caso o espírito tenha se purificado, pode voltar a encarnar “em missão”.

O Mestre Gabriel conseguiu vencer as dificuldades com muito sacrifício próprio e de seus familiares (também ouvi narrativas semelhantes a respeito de alguns Mestres Antigos). Picadas de cobras, a “vida de brabo” no seringal, dois filhos com necessidades especiais, “ferrada” de arraia, tuberculose e o desencarnamento sem a presença de nenhum parente nem discípulo. Escutei o Mestre Roberto Evangelista contar (algumas vezes) que, quando enfermo, o Mestre Gabriel chegava a se urinar de dor e não dava um gemido, ensinando, assim, a se sofrer calado. É o ensino narrado no documento lido em sessão Artigo “Convicção do Mestre” (Jornal O Alto Madeira, 7 de outubro de 1967), onde se escuta: “o Mestre entrou em sofrimento sem demonstração”.

E, de acordo com um Mestre do CREMG:

nós temos um homem que é uma Luz. Mestre Gabriel não é qualquer um. Não é um mito, mas é uma realidade, é uma realidade presente na vida de todos nós, mesmo aqueles que não conviveram com ele. Então essa Luz que nos guia, esse homem simples, mas um sábio, traz pra todas as pessoas que buscam na União do Vegetal, uma firmeza, um conhecimento, um estado de consciência amplo, encontram (ME 12-05-2008).

E mais um Mestre do CREMG afirma nesse sentido: “O Mestre Gabriel é a porta pra se chegar a Salomão, que é o Rei do Conhecimento, Autor de toda a Ciência” (DC 11-02-2011). E mais um mestre diz, neste mesmo diário: “É importante o discípulo apresentar pros outros o Mestre Gabriel, não fazer discípulos pra si, mas conduzir as pessoas pro Mestre Gabriel”.

E, segundo o DC 28-03-2010, o Mestre P disse que “o Mestre Gabriel estava procurando”, e exemplifica isso com o trabalho que ele fazia na macumba, e que “sabia que tinha uma missão, mas não sabia bem qual era, estava procurando, até se encontrar com o Vegetal e se recordar qual era a sua missão”. O DC 10-02-2010 narra a fala de um Mestre a respeito do Mestre Gabriel antes de se encontrar com o chá:

Na Convicção do Mestre diz que ele desejava só o mal, mas ele não desejava só o mal: isso é uma força de expressão, porque ninguém pode desejar só o mal. E ‘derramei sangue de meus irmãos’ foi uma vez que ele se defendeu numa luta de capoeira.

Falas como essa já ouvi diversas vezes na União do Vegetal. Sua liderança chega a ensinar narrativas que consideram que ele não cometeu mais erros após seu (re)encontro com o chá Hoasca e conseqüente recordação de sua missão.

Outros, porém, entendem que, através da recordação, transformou-se mais ainda, passando a ensinar com o ritual que criou (ou recriou) até, segundo seu filho Carmiro, uns seis meses antes de desencarnar, chegar à Purificação; e, em entrevista em setembro de 2009, segundo o Mestre Carmiro, “desde a volta de Fortaleza, uns seis meses antes de fazer a passagem, o Mestre Gabriel não errou mais”. E, segundo o DC 28-03-2010,

neste dia (27 de março de 1971, quando ele voltou de Fortaleza), que é considerado o dia da sua Ressurreição – pois, quando foi à cidade de Fortaleza para tratamento de saúde, não sabia se iria voltar. Falou ao mestre Monteiro, antes de ir, que quando voltasse seria o dia da sua Ressurreição. E voltou e ficou ainda seis meses encarnado. E disse ‘até agora eu vivi pra mim, daqui pra frente eu vou viver para os senhores’.

O Mestre Gabriel introduz um novo sentido para a palavra “ressurreição”: é o mesmo sentido, já explicitado no item “**4.12 Autoexame: do círculo vicioso ao virtuoso**”, das palavras “purificação” e “cientificação”, pois **passou a viver só para os outros**. Este é o sentido do termo ressuscitado: é o que vive só para os outros, pois já venceu a morte, que é a falta de união, a separação, o erro, e, por isso, está puro.

Ele ensina, assim, também que todos podem chegar lá, “só depende é do querer”. Ensinando com o próprio exemplo de vida, na prática cotidiana, cumprindo com sua palavra, curando enfermos, livrando as pessoas de vícios e outras coisas destrutivas: construindo uma religião com poucos recursos para contribuir com a paz à humanidade.

4.16.3 Continuidade da missão de Jesus

O recriador da UDV, de acordo com um Mestre do CREMG (e com diversas falas de sócios e documentos da instituição), também veio em missão: “O Mestre Gabriel veio aqui nessa missão por amor a nós e dentro da Justiça Divina” (DC 10-02-2010). Sua missão, como já mencionei no primeiro capítulo, traz a marca dos nomes do lugar em que nasceu (cidade de Feira de Santana em um lugar conhecido como Coração de Maria), simbolismo de ser um **mensageiro de Jesus**. No meio rural fortemente marcado pelo catolicismo popular, o

primeiro já vinha **unindo as pessoas**, ensinando, assim, que esta é a missão de todas as pessoas.

E “Jesus (...) veio aqui na Terra para mostrar o caminho para se chegar a Ele e que, de tempos em tempos, manda mensageiros, espíritos purificados em missão” (DC 28-03-2010). Na concepção da UDV, o Mestre Gabriel é um desses mensageiros.

Segundo o DC 04-04-2010, “Falou-se a respeito da Virgem Maria, que ‘é a mãe de todo mundo porque é a mãe de Deus, de Jesus, que é o próprio Deus’. E porque ela atende a todos que a ela pedem graças”. Por isso, o Mestre Gabriel tinha uma grande consideração pela Virgem Maria, tanto que a chama de “Amor Vivíssimo”, que é o nome de uma chamada (e de um núcleo). E,

A Virgem Maria tem diversos nomes. Hoje é dia de Nossa Senhora da Conceição. Músicas tocadas: “**Todas as Nossas Senhoras**” cantada por **Roberto Carlos** (Composição: Roberto Carlos / Erasmo Carlos) e uma que dizia ‘eu vi Janaína lá no alto do farol (...) em louvor à Conceição, salve ela é o nosso guia’ (DC 08-12-2010 – PN Mestre Angílio).

E essa missão de Maria e Jesus de guiar a humanidade, se expressa na continuidade que o Mestre Gabriel dá:

A chamada ‘A Estrela do Oriente’ foi a primeira chamada que o Mestre Gabriel trouxe pra União do Vegetal, batendo mariri, no primeiro preparo de Vegetal que ele realizou. Mostrando, assim, a continuidade da missão de Jesus na Obra da Sagrada Ordem da UDV (DC 25-12-2009).

Esta é a concepção de que o (re)criador da UDV dá continuidade à missão de Jesus, pois a **primeira chamada** que o Mestre Gabriel fez, quando preparou o Vegetal pela primeira vez, fala em Jesus: a Estrela do Oriente tem, por um lado, o registro histórico das escrituras que atribuem a ela o anúncio do nascimento de Jesus, o Salvador e que guiou os três Reis Magos até Ele; mostra, assim, que Jesus veio para **guiar** a humanidade e salvá-la. Por outro lado, a chamada tem a palavra “Oriente”, que, na UDV, tem o sentido de **orientar** as pessoas. Mais uma vez aqui se mostra o papel destacado da palavra. E qual é a orientação que Jesus dá? Na concepção da UDV é de “amar o próximo como a si mesmo”. Segundo os documentos lidos nas sessões de escala, quem fizer isso, será merecedor do símbolo da União: Luz, Paz e Amor.

Nesse sentido, segundo os discípulos, citando uma frase do documento “Convicção do Mestre” (lido em toda sessão de escala), o Mestre Gabriel pede ao Senhor do Universo: “derramai sobre mim tudo que eu desejar em meu coração aos meus inimigos” (DCs 07-02-2009 e 06-02-2011). Esta frase, tem o sentido de **pagar o mal com o bem, desejando só o bem para todos**. Que é o mesmo que Jesus diz: “Tudo, portanto, quanto desejais que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles. Isto é a Lei e os Profetas” (Mateus, 7, 12). Implícito a esse desejo estão as ações de **fazer o bem sem olhar a quem**, em síntese, é a arma para a vitória sobre o mal: Luz, Paz e Amor.

5 CONCLUSÃO

Esta é uma pesquisa a respeito de transformações pessoais em na instituição religiosa hoasqueira Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV), através da perspectiva da Psicologia Cultural. Este estudo teve por objetivos: realizar uma descrição etnográfica da UDV²⁴² e verificar os sentidos das transformações nos ensinos da UDV. Pesquisas anteriores a esta, embora mencionem a respeito destas transformações, não têm o foco na compreensão das mesmas, como é proposto aqui; pois, a única autora com este foco, utilizou-se basicamente de entrevistas, enquanto que meu trabalho foi através do método etnográfico. Utilizei-me, ainda, de entrevistas semiabertas no intuito de entender os sentidos destas transformações nos ensinos da UDV.

Assim, realizei uma descrição etnográfica a respeito do Pré-Núcleo Menino Deus (e das atividades e artefatos realizados e/ou utilizados pelos frequentadores), situado na cidade de Manaus, na 2ª Região da UDV. Esta sendo uma **sociedade religiosa**, a atividade principal é, obviamente, a religiosa. Contudo, diferentemente de outras, sua atividade de rituais religiosos (as sessões) **não se restringe a ela mesma**. Iniciando pelo próprio sacramento: beber um chá. Este chá necessita ser preparado (daí a existência dos “Preparos de Vegetal”); para ser preparado, necessita de duas plantas que, ou necessitam ser colhidas na floresta ou em um cultivo próprio (daí a existência dos “plantios de Mariri e Chacrona”); necessita de um **terreno** para se plantar e preparar o Vegetal e de toda a infra-estrutura para isso, com construções, ferramentas e utensílios; para os núcleos onde não há possibilidades de ter plantio ou onde ele não é exuberante (principalmente pela questão climática), necessita de transporte do chá já preparado ou das plantas colhidas para serem preparadas; e, para organizar tudo isso, uma estrutura organizativa e administrativa (e hierárquica), daí a existência dos Núcleos com respectivas “diretorias”, “conselhos fiscais” e “departamentos” com suas reuniões e outras atividades. Para zelar pelo terreno e benfeitorias é contratado um zelador, que mora no mesmo, geralmente com a família.

Examinando as atividades e artefatos que descrevi, percebo que **o lugar para todos** que existe na UDV está ligado à concepção da busca de equilíbrio e do **tripé**: religião, trabalho e família. Ou seja, as atividades realizadas nesta sociedade são o exercício prático

²⁴² Mais especificamente no Pré-Núcleo Menino Deus.

desse tripé: são religiosas, são atividades de trabalho (mas não remuneradas) e as pessoas ou já estão dentro de uma família ou acabam formando uma família ou, mesmo nos casos de não terem família, são tratadas como parte de uma família, a grande família da União do Vegetal, que considera também a humanidade como uma grande família.

Quanto às concepções na União do Vegetal, realizo uma síntese a respeito dos sentidos das transformações nos ensinamentos da UDV. Defino critérios que norteiam a análise dos depoimentos: as concepções do que pode/deve ser transformado e do que se deve querer/pedir transformar.

O primeiro passo para a transformação é **querer que ela se realize em si**. Portanto, a transformação não é obrigatória: depende de a pessoa querer. E é orientada pelo **exame sensível**, em si e nos outros, dos efeitos das suas ações e condutas. A UDV compreende o homem como um ser criado por Deus, mas não completado por ele: um ser que tem a possibilidade de se responsabilizar pela sua própria construção. A **natureza espiritual** do homem é uma natureza intrinsecamente **ética**. Isto é, falar do ser humano é falar de valores que podem se tornar parte da sua própria natureza e que ele pode desenvolver, se quiser.

O segundo passo é **pedir a quem pode dar** (colocar-se na dependência da Força Superior).

E o que se deve buscar, ou seja, o que se deve pedir? “**Força e Luz, Paciência, Obediência, a Saúde Perfeita, o Divino Amor**”²⁴³. Para a pessoa merecer receber o que pede, necessita seguir o caminho reto, o caminho firme (da firmeza no pensamento e limpeza do coração), o caminho do Mestre, com o objetivo de chegar à Purificação (a salvação). Esse caminho da retidão não é trilhado por moralismo, mas porque nenhuma pessoa vai ficar sem salvação e as pessoas **só se salvam em união**: é impossível haver salvação individual, mas é pela ajuda mútua (“corrente do bem”) que se avança rumo à meta de transformação. De modo mais específico:

a) Tipicamente o processo de transformação envolve **exame, responsabilidade** (passar da posição de **vítima** à de **merecedor**), e **transformação de características negativas**, tais como a inveja, orgulho e ciúmes **em positivas**, como admiração, valorização e respeito pelo outro, aptidão para se corrigir e admitir correção (buscando, assim, a humildade) e a construção de relações de confiança.

²⁴³ Coloquei em maiúscula porque são manifestações da Força (e Luz) Superior; já as pessoas as recebem e as têm em alguma medida, portanto, com letra minúscula e só as terão quando se purificarem.

- b) Esse processo de transformação é, também, um tipo de “desenvolvimento humano”²⁴⁴ entendido como “evolução espiritual”, na direção de um ser solidário e bem integrado social e psiquicamente bem como com o ambiente, mas com uma meta transcendente: a união com Deus.
- c) Esse processo é sempre relacional, entre um antes e um depois, porque não se esperam mudanças radicais, mas uma evolução de grau em grau, segura, que muitas vezes requer (muito) tempo e compreensão. É **gradativo** e progressivo e uma vida pode não ser o bastante, daí a reencarnação, e é concebido/percebido em termos de plantio e colheita, uma metáfora ligada à agricultura, ao cultivo de qualidades como se fossem plantas, mostrando um vínculo com a Natureza.
- d) O dispositivo religioso proporciona **mediações** para facilitar, dar segurança e acelerar a transformação, quais sejam, a comunhão com a força e a luz, o conselho, exemplos de pessoas que caminham na frente (mestres e conselheiros), os ensinamentos (como os mistérios das palavras) e a oportunidade de, por sua vez, praticar socialmente boas ações com a comunidade e com os novos adventícios. Proporciona igualmente oportunidades de correção/retificação do rumo, quando necessário (*feedback*, justiça como correção).
- e) O critério para transformações reais não é individualista. A mudança deve traduzir-se em saúde, bem-estar, boa convivência familiar e social, atitudes interpessoais de abertura ao outro e pacíficas. A ação (a prática) é mais importante do que falar (vangloriar-se é desaconselhável), e a percepção das transformações se dá pela constatação do **efeito interpessoal** dessas mudanças na interação com os outros, através do uso correto das palavras, da delicadeza, do combate ao mal sem ferir ninguém, do cumprimento das responsabilidades com regularidade, constância, com dedicação aos deveres pela vida social e cidadania, como ser um (bom) pai, filho, cônjuge, amigo, profissional, cidadão. Assim, idealmente o discípulo da UDV mostra fidelidade e constância nos deveres e responsabilidades, apresenta-se como gente cumpridora da palavra e de trato fino com os interlocutores, acima de tudo **promovendo a harmonia e a união** e evitando a oposição, o conflito, a desordem pessoal e grupal. Busca ser mais lúcido (**luz**), paciente (**paz**) e dedicado ao outro (**amor**).

²⁴⁴ Quero deixar claro que este termo “desenvolvimento humano” faz parte do vocabulário e categorias do grupo estudado e que, embora neste trabalho eu não eu discuta diretamente com a psicologia do desenvolvimento, outros trabalhos poderão ser realizados no sentido de dialogar com este ramo da psicologia.

Estas indicações, além de resumirem o que se espera da orientação de transformação do Vegetal e da UDV e do seu efeito nas pessoas e na sociedade, também especificam aspectos da vida e das relações sociais (tais como saúde, família e moralidade) nos quais se esperaria encontrar transformações pessoais, mediante a comunhão da Hoasca e a associação ao CEB União do Vegetal.

REFERÊNCIAS²⁴⁵

ANDRADE, A. P. de. **O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla – um estudo centrado na União do Vegetal**. 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião/Área de Bíblia), Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, São Paulo, 1985.

_____, A. P. de. Contribuições e limites da União Do Vegetal para a nova consciência religiosa. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 589-619.

ANDRADE, E. N. et al. Farmacologia humana da hoasca: estudos clínicos. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 671-680.

BAIRRÃO, J. Francisco Miguel Henriques. Sublimidade do Mal e Sublimação da Crueldade: Criança, Sagrado e Rua. In: **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n1/22306.pdf> >. Acesso em: 03 Abril 2011, p. 61-73.

_____, J. F. M. H. Psicologia cultural: tem a psicanálise alguma coisa a dizer sobre isso? In: **Natureza Humana**, Volume 8, número especial 1, outubro 2006.

BELZEN, J. A. Para uma Psicologia Cultural da Religião: princípios, enfoques, aplicação. [Tradução José Luiz Cazarotto, Edênio Valle].— Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010. (Coleção Psi-atualidades, 12).

_____, J. A. Psicologia Cultural da Religião: Perspectivas, Desafios, Possibilidades. In: Revista de Estudos da Religião dezembro / 2009 / pp. 1-29. www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_belzen.pdf. ISSN 1677-1222.

BOMFIM, Juarez Duarte. **A construção do self entre seguidores da doutrina do Santo Daime - Percepções e imagens dos novos adeptos urbanos e a sua relação com a nova consciência religiosa**. 2007. Disponível em < www.aguiadourada.com/pdf/a_construcao_do_self.pdf > Acesso em 17 abr 2008. (Normas ABNT).

²⁴⁵ De acordo com ABNT

BRISSAC, Sérgio Góes Telles. **A Estrela do Norte iluminado até o sul: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Rio de Janeiro, UFRJ - Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1999.

_____, S. G. T. José Gabriel Da Costa: trajetória de um brasileiro, mestre e autor da União Do Vegetal. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 571-588.

BRITO, G. S. Farmacologia humana da hoasca (chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil). In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 623-652.

CARVALHO, Tatiana Barbosa; AUGRAS, Monique Rose Aimée (orientadora). **Em Busca do Encontro: A Demanda Numinosa no Contexto Religioso da União do Vegetal**. Dissertação de Mestrado – PUC do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. 146p.

CEMIN, Arneide Bandeira. **Ordem, xamanismo e dádiva: o poder do Santo Daime**. Tese de doutorado em Antropologia Social. USP. São Paulo, 1998.

CEBUDV (CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL). Estatuto do CEBUDV, Cap. 1, “Da denominação da Sociedade, Sede, Foro e Objetivos”. In **Consolidação das leis do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**. Sede Geral, Brasília, 3 ed., 1994.

_____. **Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes**. Brasília: UDV, 1ed., 2008.

_____. **O Projeto Hoasca – Métodos, Resultados e Conclusões**. Departamento Médico-Científico da UDV – março de 2000. Direitos Autorais Registrados na Fundação Biblioteca Nacional sob número 218.072 (livro: 381 folha: 232).

_____. **UDV website**. Versão em texto para MicroSoft® Word e outros programas compatíveis - última atualização em 8 de fevereiro de 2001 em www.udv.org.br, 2001.

CEBUDV – DG (Diretoria Geral). **Agenda 2011. UDV 50 anos construindo a paz no mundo**. Semear Editora Ltda. 2011.

CEBUDV – PNMD (Pré-Núcleo Menino Deus). **Informativo Mensageiro**. Manaus, Edição 01, n. 1, 06 de Setembro de 2008(a), 2008.

_____. **Informativo Mensageiro**. Manaus, Edição 01, n. 2, 18 de Novembro de 2008(b), 2008.

_____. **Informativo Mensageiro**. Manaus, Edição 01, n. 3, 27 de março de 2009, 2009.

_____. **Informativo Mensageiro**. Manaus, Edição 01, n. 5, 22 de julho de 2010, 2010.

CORRÊA, Maria Alice. **Etnobotânica e aspectos organográficos de Banisteriopsis Caapi no Contexto Ritualístico da “União do Vegetal”**. In Cadernos São Camilo. Vol 1, nº 1, julho/dezembro, 1994, p.37-43.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl 1, p. 25-33, 2007.

DA SILVEIRA, D. X. et al. Ayahuasca in adolescence: a neuropsychological assessment. **Journal of Psychoactive Drugs**, v. 37, n. 2, p. 135-140, jun 2005.

DENZIN, N. K. The reflexive interview and a performative social science. In: **Qualitative Research SAGE Publications**, London: Thousand Oaks, v. 1, n. 1, p. 23-46, 2001.

Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT). Sistema Integrado de Bibliotecas da USP; Vânia Martins Bueno de Oliveira Funaro, coordenadora et al. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. 102p.

DOERING-SILVEIRA, E. et al. Report on psychoactive drug use among adolescents using ayahuasca within a religious context. **Journal of Psychoactive Drugs**, v. 37, n. 2, p. 141-144, jun 2005.

EVANGELISTA, R. Haicais de Roberto Evangelista - Mínimas Orações. **Homenagem aos 100 anos da imigração japonesa no Brasil**. 1 ed. Editora Martins e Cordeiro, 2008.

EVANGELHO DE JOÃO. Disponível em: <http://www.edicoescnbb.com.br/site/page.php?idPage=17>. Acesso em: 12 out. 2010.

EVANGELHO DE LUCAS. Disponível em:
<http://www.edicoescnbb.com.br/site/page.php?idPage=17>. Acesso em 12 out. 2010.

EVANGELHO DE MARCOS. Disponível em:
<http://www.edicoescnbb.com.br/site/page.php?idPage=17>. Acesso em 12 out. 2010.

EVANGELHO DE MATEUS. Disponível em:
<http://www.edicoescnbb.com.br/site/page.php?idPage=17>. Acesso em 12 out. 2010.

FAVRET-SAADA, J. “**Ser afetada**”. Tradução Paula Siqueira. Cadernos de Campo, Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, n. 13, ano 14, p. 155-161, 2005.

FERNANDES, C. G. (2005a). Ação de Extensão nº 448. **Saúde, educação e desenvolvimento humano da família nas Obras Sociais Casa De Santana e no CEBUDV.** Universidade Federal do Amazonas, 2005.

_____, C. G. (2005b) **Elementos da cultura e do clima organizacional do curso de psicologia da UFAM.** 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Amazonas - FACED, Manaus, Amazonas, 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0.** 3 ed, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua Portuguesa, contendo 435 mil verbetes, locuções e definições. Edição eletrônica autorizada à POSITIVO INFORMÁTICA LTDA, 2004.

_____, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0.** 5 ed., Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Edição eletrônica autorizada à POSITIVO INFORMÁTICA LTDA, 2010.

FRENOPOULO, C. **Charity and spirits in the amazonian navy: the Barquinha mission of the Brazilian Amazon.** 2005. Thesis (Master of Arts in Anthropology). Faculty of Graduate Studies and Research In Partial Fulfillment of the Requirements, Regina, Saskatchewan, 2005.

FROMM, E. **Ter ou ser?** Tradução Nathanael C. Caixeiro. 3 ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GADELHA, R. Contracapa. In: LODI, E. **Relicário: imagens do sertão**. Pedra Nova, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1973.

GENTIL, L. R. B; GENTIL, H. S. O uso de psicoativos em um contexto religioso: a União do Vegetal. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 559-570.

GOLDSTEIN, I. **O ayahuasca na era do neoxamanismo**. Site: Trópico. Fusões Culturais, Cosmópolis. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1667,1.shl>. Acesso em: 04 jul. 2009.

GOULART, S. L. **Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica: as religiões da ayahuasca**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

GROB, C. S. et al. Farmacologia humana da Hoasca, planta alucinógena usada em contexto ritual no Brasil. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 184, n. 1, p. 86-94, 1996.

_____, C. S. et al. Farmacologia humana da Hoasca: efeitos psicológicos. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 653-670.

_____, et al. Farmacologia humana da Hoasca: efeitos psicológicos. In: LABATE e ARAÚJO. **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Versão 1.1. Editora Objetiva Ltda, 2001.

_____. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Versão monousuário 2009, 3 novembro de 2009. Instituto Antônio Houaiss: Editora Objetiva Ltda, 2009.

ILHÉUSAMADO.COM. Publicada no site IlhéusAmado.com, 10/7/2006. Disponível em: <http://www.ilheusamado.com/article.php?storyid=4471>. Acesso em: 04 jul. 2009.

INFORMATIVO SÃO COSMO E SÃO DAMIÃO, Ano 7, Publicação do Departamento de Memória e Documentação do CEBUDV, 10 fevereiro 2009.

LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004. 736 p.

LABATE, B. C.; GOULART, S. L. (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

LABIGALINI, E. Jr. **O uso de ayahuasca em um contexto religioso, por ex-dependentes de álcool: um estudo qualitativo**. 1998. 68f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1998.

LANGDON, E. J. A tradição narrativa e aprendizagem com yajé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 69-96.

LAPLANTINE, François. A descrição etnográfica. [tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho] São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LODI, E. **Estrela da minha vida: histórias do sertão caboclo**. Projeto gráfico de Luis Daré. Brasília: Edições Entre Folhas, 2004.

_____, E. Graças, principalmente à privilegiada memória do Mestre Antônio Gabriel. In: **INFORMATIVO SÃO COSMO E SÃO DAMIÃO**, Publicação do Departamento de Memória e Documentação do Núcleo São Cosmo e São Damiano do CEBUDV, 10 de fevereiro de 2009.

_____, E. **Relicário: imagens do sertão**. Pedra Nova, 2010.

_____, E. **Travessia; poemas**. Brasília: Thesaurus, 2007, 119 p.

LUNA, L. E. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 181-200.

LUTZ, C. A. **Unnatural emotions: Everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1998.

LUZ, P. O uso ameríndio do caapi. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 37-68.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MEDINA RIVILLA, A. El Clima Social del Centro y del Aula. In: MORENO CERRILLO, M. (Org.). **Organizaciones educativas**. Madrid: UNED, 1989.

MENEZES, R. Cordel do Mestre Gabriel. In: CEBUDV– DG (Diretoria Geral). **Agenda 2011. UDV 50 anos construindo a paz no mundo**. Semear Editora Ltda, 2011.

MICHAELIS. **Dicionário Prático**, DTS Software Brasil Ltda, 1998.

MONTEIRO, C. Relicário da Imago Dei. In: LODI, E. **Relicário: imagens do sertão**. Pedra Nova, 2010.

MORENO CERRILLO, Martin (Coord.). **Organizaciones educativas**. Madrid: UNED, 1989.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

PELÁEZ, M. C. Santo Daime, Transcendência e Cura. Interpretações Sobre as Possibilidades Terapêuticas da Bebida Ritual. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 473-492.

_____. No mundo se cura tudo. Interpretações sobre a “Cura Espiritual” no Santo Daime. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

RATNER, C. **Cultural Psychology: Theory and Method**. NY: Plenum, 2002.

RICCIARDI, G. S. O uso da ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na União Do Vegetal (UDV). 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RIOS, M. D. de et al. Ayahuasca in adolescence: qualitative results. **Journal of Psychoactive Drugs**, v. 37, n. 2, p. 135-140, jun 2005.

ROZIN, P. Social Psychology and Science: Some Lessons From Solomon Asch. **Personality and Social Psychology Review**, v. 5, n. 1, p. 2-14, 2001.

RUTHES, J. C. As obras. In: **INFORMATIVO SÃO COSMO E SÃO DAMIÃO**, Departamento de Memória e Documentação do Núcleo São Cosmo e São Damião do CEBUDV, 10 de fevereiro de 2009.

SENA ARAÚJO, W. **A Barquinha: espaço simbólico de uma cosmologia em construção**. (Texto provisório) Trabalho apresentado no seminário temático ST04 "Minorias religiosas em expansão". VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.

_____, W. **Navegando sobre as ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/Centro de Memória, 1999.

SERAFIM, M. A eficiência do bem. In: **INFORMATIVO SÃO COSMO E SÃO DAMIÃO**, Departamento de Memória e Documentação do Núcleo São Cosmo e São Damião do CEBUDV, 10 de fevereiro de 2009.

SHANON, B. **The antipodes of the mind: charting the phenomenology of the ayahuasca experience**. Oxford: Oxford University Press, 2002. 475 p.

_____. Os conteúdos das visões da ayahuasca. **MANA**, v. 9, n. 2, p. 109-152, 2003.

_____. A ayahuasca e o estudo da mente. In: LABATE, B. C.; SENNA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 681-710.

SHI-XU. The Discourse of Cultural Psychology: Transforming the Discourses of Self, Memory, Narrative and Culture. **Culture & Psychology**, v. 8, n. 1, p. 65-78, 2002.

SILVA, C. M. da. **O Palácio Juramidam - Santo Daime: um ritual de transcendência e despolição**. 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

SILVA, V. G. da. **O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras**. 1 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVEIRA, D. X. da. Ayahuasca in adolescence: a preliminary psychiatric assessment. **Journal of Psychoactive Drugs**, v. 37, n. 2, p. 129-134, jun 2005.

SPINK, M. J. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v. 19, n. 1, p. 7-14, jan/abr 2007.

UDV WEBSITE. Versão em texto para MicroSoft® Word e outros programas compatíveis. Última atualização em 8 de fevereiro de 2001. Disponível em: <http://www.udv.org.br>. Acesso em: 04 jul. 2009.

VALLE, E. Apresentação. In: BELZEN, J. A. **Para uma Psicologia Cultural da Religião: princípios, enfoques, aplicação**. Tradução José Luiz Cazarotto, Edênio Valle. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010. (Coleção Psi-atualidades, 12).

_____. Publicações da Psicologia da Religião Alemã: uma amostragem. **Revista de Estudos da Religião**, v. 4, n. 1, p. 115-122, dez 2009.

WRIGHT, R. M. Apresentação. In: SENA ARAÚJO, W. **Navegando sobre as ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/Centro de Memória, 1999.

ZULUAGA, G. A cultura do yajé, um caminho de índios. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2004, p. 129-146.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Consentimento de participação e entrevista

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem a intenção de desenvolver, junto a sua Unidade Administrativa (Núcleo, Pré-Núcleo ou Distribuição Autorizada) do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, um estudo a respeito das **transformações das pessoas na UDV**. Para tanto, caso você aceite participar, ao longo de minha convivência junto a esta comunidade, buscarei escutar os frequentadores (não-sócios ou sócios). Este estudo será realizado através de um procedimento denominado "observação participante", em que o pesquisador buscará conhecer esta Unidade Administrativa por meio da participação nas atividades da mesma e interação com você. Serão feitas também entrevistas com os frequentadores, sendo você um dos escolhidos para esse procedimento; destaca-se o direito do entrevistado de não responder a qualquer questão da entrevista. Essas entrevistas serão, mediante sua autorização inicial, registradas com a ajuda de gravador, câmera fotográfica e filmadora, a fim de que as informações nelas contidas possam posteriormente ser revistas pelo pesquisador e seu orientador, para contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa.

Assim, solicito sua autorização para acompanhar e observar o seu dia a dia na Unidade Administrativa à qual você está vinculado(a). Sua participação neste estudo é inteiramente voluntária, podendo você interrompê-la a qualquer momento que desejar sem que nenhum tipo de consequência lhe seja imposta por isso. Sua participação não envolve qualquer tipo de risco ou prejuízo a você, a seu grupo religioso, ou a sua religião, sendo uma maior divulgação da sua religião no meio científico a única consequência decorrente dela, pois os resultados deste trabalho serão apresentados apenas em reuniões e publicações científicas. E, mesmo que esta pesquisa não ofereça riscos nem prejuízos, se por motivo da mesma, algum assunto mobilizar você, sendo eu psicólogo, providenciarei o devido suporte psicológico necessário. A sua privacidade será preservada através do total sigilo de sua identidade. O pesquisador coloca-se, ainda, à sua disposição para esclarecer quaisquer dúvidas sobre a pesquisa, a qualquer momento em que você julgar necessário, bem como firma o compromisso de manter você devidamente informado (a), em primeira mão, de tudo o que diga respeito ao desenvolvimento do projeto e às informações obtidas a partir da sua participação.

Eu, _____, frequentador da Unidade Administrativa _____, esclarecido (a) sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa a ser desenvolvida no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, tendo recebido a garantia de que obterei imediata resposta para qualquer pergunta ou esclarecimento que deseje fazer sobre quaisquer assuntos relacionados com este trabalho, ciente de que minha participação é inteiramente voluntária e de que poderei interrompê-la a qualquer momento em que desejar sem que nenhuma penalidade me seja imposta por isso; ciente de que minha participação neste estudo não provocará qualquer tipo de risco ou prejuízo a mim, a meu grupo religioso ou a minha religião, e de que os resultados deste trabalho serão apresentados apenas em

reuniões e publicações científicas, e só com a autorização da UDV através de suas instâncias competentes; ciente ainda de que a minha privacidade e a de meu grupo religioso serão totalmente preservadas através do total sigilo de nossas identidades; declaro-me de acordo em participar desse estudo, autorizando o pesquisador a observar minhas atividades na UDV, bem como a entrevistar-me; destaca-se o direito do entrevistado de não responder a qualquer questão da entrevista. Em sendo o caso de ser o responsável pela condução espiritual desta Unidade Administrativa, autorizo-o a frequentar e desenvolver a pesquisa nesta U. A. por mim dirigida, além de entrevistar os frequentadores da mesma, mediante prévio entendimento com os mesmos. Estou certo (a) de que, embora a interpretação e publicação dos resultados sejam da responsabilidade do pesquisador, nada será feito que possa prejudicar a mim ou a minha religião. O pesquisador firma o compromisso ainda de me manter a par, em primeira mão, de tudo o que diga respeito ao desenvolvimento do projeto. E que, mesmo que esta pesquisa não ofereça riscos nem prejuízos, se por motivo da mesma, algum assunto me mobilizar, sendo o pesquisador psicólogo, fornecerá o devido suporte psicológico necessário. Assinamos juntos este documento em duas vias, uma delas permanecendo comigo.

_____, _____ de _____ de 20 ____.

Cícero Guella Fernandes - Pesquisador

RG: XXXXXXXXX

FONE: XXXXXXXXX

E-MAIL: XXXXXXXXX; XXXXXXXXX

Prof. Dr. José F. Miguel H. Bairrão

Orientador - RG: XXXXXXXXX

Av. Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre, Ribeirão Preto -SP

Telefones: (16) 36023808/36023735

Participante

RG: _____

ANEXO B – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UAs

Sede Geral – Brasília/DF

1º Região

Núcleo “Mestre Gabriel” – Porto Velho/RO
 Núcleo “Estrela do Norte” – Porto Velho/RO
 Núcleo “Mestre Iagora” – Porto Velho/RO
 Núcleo “Palmeiral” – Guajará-Mirim/RO
 Núcleo “Mestre Bartolomeu” – Porto Velho/RO
 Pré-Núcleo “Erundaiá” – Candeias do Jamari/RO
 Pré-Núcleo “Mestre Pernambuco” – Porto Velho/RO
 Núcleo “São Miguel” – Porto Velho/RO
 Pré-Núcleo “Templo de Salomão” – Porto Velho/RO
 Pré-Núcleo “Caminho do Mestre” – Porto Velho/RO

2º Região

Núcleo “Caupuri” – Manaus/AM
 Núcleo “Tiuaco” – Manaus/AM
 Núcleo “Princesa Sama” – Manaus/AM
 Núcleo “Jardim do Norte” – Manaus/AM
 Núcleo “Mestre Vicente Marques” – Manaus/AM
 Núcleo “Águas Claras” – Manaus/AM
 Núcleo “Luz do Norte” - Manaus/AM
 Pré-Núcleo “Mestre Angílio”²⁴⁶ – Manaus/AM
 Núcleo “Jardim do Chacronal” – Tefé/AM
 Pré-Núcleo “Menino Deus” – Manaus/AM
 Núcleo “Amor Vivíssimo” – Manaus/AM

3ª Região

Núcleo “Samaúma” – São Paulo/SP
 Núcleo “São João Batista” – São Paulo/SP
 Núcleo “Castanheira” – Arujá/SP
 Núcleo “Lupunamanta” – Campinas/SP
 Núcleo “Rainha das Águas” – Caldas/MG
 Núcleo “Alto das Cordilheiras” - Campinas/SP
 Núcleo “Rei Davi” – Mogi das Cruzes/SP
 Núcleo “Rei Divino” – São Paulo/SP
 Núcleo “Princesa Encantada” – Campinas / SP
 Núcleo “Grande Ventura” – Jundiaí/ SP
 Núcleo Divino Manto – São Paulo/ SP
 Pré-Núcleo Estrela Encantadora – Piracicaba/ SP
 Núcleo Menino Galante – São Paulo/SP
 Núcleo Estrela Bonita – Bertioga/SP

4ª Região

²⁴⁶ Já transformado em Núcleo neste 22-03-2011.

Núcleo “Apuí” – Lauro de Freitas/BA
Núcleo “Serenita” – Salvador/BA
Núcleo “Reis Magos” – Ilhéus/BA
Núcleo “Salvador” – Salvador/BA
Pré-Núcleo “Vento Divino” – Lauro de Freitas/BA
Núcleo “Estrela da Manhã” – Salvador/BA
Núcleo “Porto Seguro” – Eunápolis / BA
Núcleo “Coração de Maria” – Feira de Santana/BA
Núcleo “Encanto das Águas” – Ilhéus/BA
Núcleo “Amor Divino” – Ipiaú/BA
Núcleo “Vitória” – Vitória da Conquista/BA
Distribuição Autorizada de Aracaju - Aracaju/SE

5ª Região

Núcleo “Pupuramanta” – Rio de Janeiro/RJ
Núcleo “Príncipe Ancarilho” – Vitória/ES
Núcleo “Janaína” – Rio de Janeiro/RJ
Núcleo “Camalango” – Petropolis/RJ
Núcleo “Agulha de Marear” – São João de Meriti/RJ
Núcleo “Luz Dourada” – Juiz de Fora/MG
Distribuição Autorizada Lumiar – Nova Friburgo/RJ

6ª Região

Núcleo “Mestre Rubens” – Jaru/RO
Núcleo “Mestre Ramos” – Ariquemes/RO
Núcleo “Mestre Hilton” – Machadinho D’Oeste/RO
Núcleo “Mestre Joanico” – Ouro Preto D’Oeste/RO
Núcleo “Campo Novo” – Campo Novo/RO
Núcleo “Mestre Nesclar” – Buritis/RO
Distribuição Autorizada de Alto Paraíso - Alto Paraíso/RO

7ª Região

Núcleo “Estrela Divina” – Plácido de Castro/AC
Núcleo “João Lango Moura” – Rio Branco/AC
Núcleo “Jardim Real” – Rio Branco/AC
Núcleo “Belo Jardim” – Rio Branco/AC
Pré-Núcleo “Mestre Pojó” – Extrema/RO

8ª Região

Núcleo “Rei Inca” – Aparecida de Goiânia/GO
Núcleo “Gaspar” – Taguatinga -/DF
Núcleo “Estrela Matutina” – Brasília/DF
Núcleo “Canário Verde” – Brasília/DF
Núcleo “Mestre Manoel Nogueira” – Goiânia/GO
Núcleo “Sabiá” – Uberlândia/MG
Pré-Núcleo “Caminho Firme” – Palmas/TO
Pré-Núcleo “Luz do Oriente” – Taguatinga Centro/DF
Pré-Núcleo “Rainha da Luz” – Aparecida de Goiânia/GO

Pré-Núcleo “Mestre Luziário” - Chapadão do Céu/GO

9ª Região

Núcleo “São Cosmo e São Damião” – Curitiba/PR

Núcleo “Jardim das Flores” – Porto Alegre/RS

Núcleo “Arco-Íris” – Joaçaba/SC

Núcleo “Estrela Dalva” – Florianópolis/SC

Núcleo “Monte Alegre” – Curitiba/PR

Núcleo “Aliança” – Criciúma/SC

Pré-Núcleo “Cores Divinas” – Pato Branco/PR

Núcleo “Coroa Divina” – Curitiba/PR

Núcleo “Porto Alegre” – Porto Alegre/RS

Pré-Núcleo “Água Boa” – Dr. Camargo/PR

Pré-Núcleo “Luz Abençoada” - Florianópolis/SC

10ª Região

Núcleo “Cajueiro” – Recife/PE

Núcleo “Pau D’Arco” – Caruaru/PE

Núcleo “Princesa Mariana” – Maceió/AL

Núcleo “Imburana de Cheiro” – Olinda/PE

Núcleo “Campina Grande” – Campina Grande/PB

Pré-Núcleo “Natal” – Parnamirim/RN

Pré-Núcleo “Mouraiá” – Caruaru/PE

Pré-Núcleo “Flor de Maria” – Maceió/AL

Núcleo “Mãe Gloriosa” - Abreu e Lima/PE

Pré-Núcleo “Conselheiro Salomão Gabriel” – João Pessoa/PB

11ª Região

Núcleo “Tucunacá” – Fortaleza/CE

Núcleo “Fortaleza” – Fortaleza/CE

Núcleo “Mestre Sidom” – Sobral/CE

Núcleo “Santa Fé do Cariri” – Crato/CE

Núcleo “Mestre Adamir” – Terezina/PI

Pré-Núcleo “Flor Divina” – Fortaleza/CE

Pré-Núcleo “Seren do Mar” – São Luís/MA

Pré-Núcleo “Cajueiro Pequeno” – Fortaleza/CE

Pré-Núcleo “Estrela Brilhante” – Fortaleza/CE

12ª Região

Núcleo “Rei Salomão” – Belo Horizonte/MG

Núcleo “Luz Divina” – Gov. Valadares/MG

Núcleo “Lagoa da Prata” – Lagoa da Prata/MG

Núcleo “Recanto das Flores” – Ubá/MG

Núcleo “Divinópolis” – Divinópolis/MG

Núcleo “Santana do Paraíso” – Ipatinga/MG

Núcleo “Flor Encantadora” – Belo Horizonte/MG

Pré-Núcleo “Rei Rabino” – Nova Serrana/MG

Pré-Núcleo “Menino Rei” – Belo Horizonte/MG

13ª Região

Núcleo “Senhora Santana” – Campo Grande/MS
 Núcleo “Breuzim” – Cuiabá/MT
 Núcleo “Santa Luzia” – Várzea Grande/MT
 Núcleo “São Joaquim” – Campo Grande/MS
 Núcleo “Solhinha” – Barra do Garça/MT
 Núcleo “Arvoredo” – Cuiabá/MT
 Núcleo “Florestal” – Alta Floresta/MT
 Núcleo “Luz de Maria” – Campo Grande/MS
 Núcleo “Sagrada Família” – Várzea Grande/MT

14ª Região

Núcleo “Rei Canaã” – Belém/PA
 Núcleo “Jardim Florido” – Macapá/AP
 Pré-Núcleo “Castelo de Marfim” – Santarém/PA
 Pré-Núcleo “Príncipe Ram” – Belém/PA
 Pré-Núcleo “Augusto Cangulê” - Parauapebas/PA

15ª Região

Núcleo “Estrela Guia” – Ji-Paraná/RO
 Pré-Núcleo “Mestre Cícero” – Presidente Médici/RO
 Núcleo “Estrela Oriental” – Cacoal/RO
 Núcleo “Alta Floresta” – Alta Floresta D’Oeste/RO
 Núcleo “Seren de Luz” – Vilhena/RO
 Pré-Núcleo “José Rodrigues Sobrinho” - Seringueiras/RO
 Distribuição Autorizada de Rolim de Moura - Rolim de Moura/RO

16ª Região

Núcleo “Estrela do Oriente” – Boa Vista/RR
 Núcleo “Boa Vista – Boa Vista / RR
 Pré-Núcleo “Mestre Constantino” – Rorainópolis/RR
 Núcleo “Santa Rosa”

17ª Região

Núcleo “Cruzeiro do Sul” - Cruzeiro do Sul/AC
 Núcleo João Brandinho” - Feijó/AC
 Núcleo “Senhora das Águas” – Tarauacá/AC
 Núcleo “Mulateiro” – Envira/AM
 Núcleo “Mestre Francisco” – Cruzeiro do Sul/AC
 Pré-Núcleo “Marechal” – Marechal Thaumaturgo/AC
 Distribuição Autorizada de Jordão – Jordão/AC
 Distribuição Autorizada de Tarauacá - Tarauacá - AC

1ª Região - Estados Unidos

Núcleo “Santa Fé” – Santa Fé/Novo México - EUA
 Núcleo “San Miguel” - Norwood - EUA

Núcleo “Claridade Divina” - Edmonds - WA -EUA
Núcleo “San Francisco” - San Rafael/Califórnia - EUA
Núcleo “Sagrada União” - Highland Village - Texas - EUA
Distribuição Autorizada da Flórida - Flórida - EUA

1ª Região - Europa

Núcleo Inmaculada Concepción – Madrid - Espanha
Distribuição Autorizada de Valência - Valência - Espanha
Distribuição Autorizada de Lisboa – Lisboa - Portugal
Distribuição Autorizada do Reino Unido - Londres - Reino Unido
Distribuição Autorizada de Genebra - Genebra - Suíça

(CEBUDV – DG, 2011).

ANEXO C – A defesa dos direitos da União do Vegetal

A boa causa da UDV, da origem à vitória na Suprema Corte dos EUA.



Discípulos da UDV diante da Suprema Corte dos Estados Unidos.

Em 1999, na tarde de 21 de maio, agentes do serviço da alfândega dos Estados Unidos e do Departamento Federal de Investigação apreenderam no escritório do mestre Jeffrey Brofmann, na cidade de Santa Fé, estado do Novo México, um volume contendo o chá Hoasca, de uso exclusivo do Pré-Núcleo Santa Fé, primeira unidade da União do Vegetal naquele país.

Por dezoito meses, todos os esforços foram feitos no sentido de recuperar o conteúdo apreendido, até que UDV entrou com um processo na Justiça Federal dos EUA requerendo o reconhecimento legal ao pleno direito dos filiados do Centro à comunhão da Hoasca em ritual religioso.

Passados quase seis anos, no dia 1º de Novembro de 2005 - por coincidência, uma data consagrada na tradição religiosa da UDV - A Suprema Corte promoveu a audiência do caso para, em 21 de fevereiro do ano seguinte, publicar sua [decisão](#): por unanimidade, a Corte garantiu à União do Vegetal o livre exercício de suas atividades nos Estados Unidos.

Primeiras vitórias

Aquele foi um importante passo para o reconhecimento internacional do caráter benéfico da comunhão da Hoasca em ritual religioso, mas o empenho dos filiados da UDV com este fim remonta ao início de suas atividades em Porto Velho, estado de Rondônia, em meados dos anos 60.

Declarado pelo criador da União, Mestre Gabriel, como "comprovadamente inofensivo à saúde", fato hoje confirmado por pesquisas científicas, o uso do chá já era objeto de arbitrariedades policiais naquela época.

O Mestre da União foi chamado a prestar esclarecimentos às autoridades em Porto Velho, conforme registram os documentos lidos nas sessões do Centro, sendo, em 1967, preso para averiguações por um delegado de polícia.

Diante daquele acontecimento, Mestre Gabriel viu a necessidade de registrar a instituição. No ano de 1968, recebeu a denominação de Associação Beneficente União do Vegetal, para garantia dos seus direitos.

Em 1970, o Chefe de polícia do Território do Guaporé proibiu as atividades da UDV. Foi constituído advogado e, superado o impasse, a instituição passou a ser denominada, em definitivo, Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, com o registro do seu Estatuto em 1971.

O chá proscrito

Mais de uma década depois, em abril de 1984, a Dimed - Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos (ministério da Saúde) publicou Portaria incluindo o Mariri e a Chacrona, plantas utilizadas no chá Hoasca, como substâncias de uso proscrito.

Como as determinações da Dimed tinham força para efeito de incidência criminal, conforme previsto na então vigente Lei de Entorpecentes, aquela portaria tornava proibido o uso do Vegetal.

A Direção do Centro decidiu suspender as sessões por respeito à lei, conforme recomendado pelo Mestre Gabriel, e também para demonstrar às autoridades que o Vegetal não provoca dependência química em seus usuários.

Os estudos do Confen

Deu-se, então, um longo processo até a definição legal do uso do Vegetal.

Todo o esforço empreendido pela Direção do Centro neste sentido orientou-se pela evidência do caráter benéfico do uso do chá em tantas pessoas e por tantos anos, já firmada na palavra do nosso Mestre Gabriel.

Com a certeza jurídica de que a UDV não precisaria provar que o chá é benéfico, mas de que as autoridades, sim, teriam que demonstrar que *não* é, em junho de 1985 formulou-se ao Presidente do Conselho Federal de Entorpecentes - Confen um pedido de revisão na decisão da Dimed até que fosse o assunto examinado sob amplos aspectos.

Dias depois, o próprio Confen admitiu não ter nenhum estudo sobre o assunto, evidenciando que o ato do Dimed era juridicamente nulo, pois não obtivera a prévia manifestação daquele órgão competente, ao qual caberia deliberar.

Enquanto a UDV voltou a realizar as sessões em seus núcleos, foi constituído no Confen um Grupo de Trabalho multidisciplinar com o objetivo de fundamentar uma decisão daquele órgão que levasse em conta não apenas os aspectos químicos, mas outros, em que o interesse social fosse também contemplado.

Os integrantes do Grupo de Trabalho participaram de um preparo de Vegetal no Núcleo Pupuramanta, no estado do Rio de Janeiro, onde puderam conhecer, numa sessão do Vegetal, os fundamentos da Doutrina espiritual e a prática de vida do Mestre Gabriel, criador da União.

Por fim, a UDV obteve parecer favorável, com a publicação, em 24 de agosto de 1992, da deliberação do Conselho Federal de Entorpecentes, excluindo o Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a Chacrona (*Psychotria viridis*) da lista de substâncias proscritas no país.

Transparência e cooperação

Ao defender seus direitos, a União do Vegetal adotou como princípios de conduta o respeito à lei, a transparência em suas iniciativas e a disposição permanente em cooperar com as autoridades em busca daquilo que possa melhor representar o interesse comum.

Quando foi extinto o Confen em 1988, órgão do Ministério da Justiça, e criado, em 19 de junho daquele mesmo ano, o Conselho Nacional Antidrogas - Conad, a UDV logo estabeleceu uma permanente interlocução com o novo órgão.

Nas duas edições do Fórum Nacional Antidrogas, em 1998 e 2001, quando Poder Público e representações da sociedade civil se reuniram com objetivo de se estabelecer uma política nacional sobre drogas no Brasil, a UDV teve ativa participação. Dezenas de filiados - educadores, juristas, médicos e jornalistas, entre outros - estavam presentes nos seus grupos de discussão.

A UDV colaborou ainda para aproximar do Conad outras sociedades religiosas usuárias do chá Hoasca, de modo a obter um compromisso comum no uso responsável do mesmo, com a ampliação da nossa segurança legal.

Os resultados vieram em novembro de 2006, quando um Grupo Multidisciplinar de Trabalho ratificou o uso exclusivamente religioso do chá, entre outras recomendações, tais como a sua não comercialização, o uso terapêutico apenas respaldado em habilitação profissional e pesquisas científicas, normas e procedimentos comuns para recepção de novos adeptos, entre outros.

Mas já em 17 de agosto de 2004, marco histórico no processo de consolidação legal do uso do chá, o plenário do Conselho Nacional Anti-Drogas havia aprovado parecer de sua Câmara de Assessoramento Técnico-Científico, reconhecendo a legitimidade jurídica do uso religioso da "Ayahuasca".

Fonte:

<http://www.udv.org.br/A+BOA+CAUSA+DA+UDV+DA+ORIGEMBRa+VIToRIA+NA+SUPREMA+CORTE+DOS+EUA/Destaque/19/>

ANEXO D - Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel

Conselho da Recordação



Mestre Gabriel (o quarto da esquerda para a direita) preparando Vegetal com seus discípulos. Alguns viriam a ser mestres, responsáveis pela preservação de seus ensinamentos.

Entre as diversas instâncias deliberativas do Centro, uma se destaca pela sua importância para a preservação da transmissão fiel dos ensinamentos: o Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, formado por discípulos conduzidos ao Quadro de Mestres pelo autor da União e outros, convocados posteriormente por motivo de desencarnamento dos mais antigos.

Dele, fazem parte mestres que acompanharam o Mestre desde os tempos nos seringais, como m. Pequenina, sua esposa, e m. Pernambuco, e outros, que vieram a ingressar na UDV já em Porto Velho, de 1965 em diante.

São eles, os mestres: Santos, Modesto, Manoel Nogueira, Hilton, Cruzeiro (Florêncio), Braga, Ramos e Zé Luiz, além de Paixão, Monteiro, Bartolomeu e Napoleão. Em seguida, receberam o grau de Mestre Joanico, Messias e Adimir. A eles vieram somar ainda Herculano, Roberto Souto, Sidon, Cícero e Nonato.

Tendo a maioria deles seguido na UDV, reuniam-se regularmente em Porto Velho, quando lá estava localizada a Sede Geral. Com a expansão do Centro, muitos foram difundir a doutrina do Mestre em outros estados brasileiros e alguns desencarnaram.

Já no final de 1982, quando se deu a transferência da sede Geral para Brasília, crescia a necessidade de reunir os mestres de origem da UDV para estudar e unificar os ensinamentos do Mestre, mas o primeiro encontro com este fim só veio a acontecer nos dias 17 e 18 de abril de 1987, na cidade de Jarú, em Rondônia.

Naquela época, o grupo era denominado apenas informalmente como "mestres antigos", para diferenciar daqueles que receberam o grau após a passagem do Mestre Gabriel. Não havia ainda, portanto, se constituído como órgão do Centro, o Conselho da Recordação, com atribuições bem definidas.

Nem todos os mestres formados pelo Mestre Gabriel participaram desse encontro em 1987. Alguns deles já não participavam das atividades da UDV. Outros, já haviam desencarnado.

Quando, em abril de 1988, passou a se constituir como órgão do Centro, o Conselho da Recordação tinha em sua composição quinze membros. Dele, fazia parte ainda o m. Jair, filho do Mestre Gabriel.

Mesmo não tendo recebido o grau por indicação do seu pai, foi colocado no Conselho porque compartilhou momentos importantes durante a recriação da União. Foi convocado para o órgão o mestre Roberto Evangelista, que convivera com o Mestre somente na condição de discípulo, por critério adotado à época.

Fonte: <http://www.udv.org.br/Conselho+da+Recordacao/Destaque/16/>

ANEXO E – UDV comemora 50 anos em 2011



Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

Diretoria Geral - Brasília DF



UDV comemora 50 anos em 2011

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV) comemora, neste ano de 2011, 50 anos de existência. Criado em 22 de julho de 1961 pelo seringueiro José Gabriel da Costa, na fronteira do Acre com a Bolívia, o Centro ficou estabelecido depois de 1965 em Porto Velho (RO), de onde se expandiu para o Brasil e exterior, sendo hoje composto por mais de 30 mil frequentadores assíduos. São homens e mulheres, entre filiados e familiares, que diariamente procuram fazer o bem e contribuir para o engrandecimento das ações de amor ao próximo.

Trata-se de uma sociedade religiosa sem fins lucrativos que contribui para o aprimoramento das virtudes intelectuais, morais e espirituais do ser humano. A UDV possui fundamentos cristãos e exercita a tolerância e o respeito a todos os grupos religiosos, tendo como símbolo da paz e da fraternidade humana Luz, Paz e Amor. Seus dirigentes são voluntários, eleitos por voto para mandatos de três anos, sem nenhuma remuneração.

Com diversas ações de beneficência, como a avançada alfabetização de jovens e adultos diretamente no computador e do auxílio material a pessoas carentes, esta religião, também chamada de “União do Vegetal”, detém o título de Utilidade Pública Federal desde 1999, além de diversos títulos municipais e estaduais de valor equivalente, concedidos a entidades a ela ligadas. Este reconhecimento é renovado todos os anos, com um crescimento expressivo na quantidade de pessoas favorecidas. Para se ter idéia de suas atividades, só em 2009 o trabalho da UDV nesta área resultou em mais de 68 mil atendimentos sociais. O volume de benefícios realizados em 2010 ainda está sendo computado, mas levantamentos preliminares apontam para um número ainda maior.

Nas ações ambientais, por meio da Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico, o Centro apresenta-se com trabalho de reciclagem e compostagem de lixo, aplicação de sistemas agroflorestais e permaculturais, além de incentivar o plantio de árvores e a preservação de nascentes e de áreas protegidas por lei.

Em seus rituais religiosos, a UDV utiliza o chá “Hoasca”, resultado da decoção de duas plantas amazônicas, para fins de concentração mental. Este chá, denominado também por ayahuasca ou simplesmente “Vegetal”, é reconhecido como inofensivo à saúde humana pelas autoridades do Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas, em resolução proposta por um grupo de estudos multidisciplinar. Da mesma forma, a Suprema Corte Norteamericana autorizou – por unanimidade – a União do Vegetal a distribuir, religiosamente, o Vegetal em todos os Estados Unidos.

Contrária ao uso de tóxicos e entorpecentes, lícitos e ilícitos, em toda a existência da UDV nunca foram verificados casos de pessoas que, por começarem a beber o Vegetal, tenham apresentado mudanças bruscas de comportamento. Ao contrário, são milhares os exemplos de pessoas que passaram a orientar suas vidas para o seu fortalecimento moral e familiar.

Por esses e outros motivos, há décadas que o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal abre suas portas para as autoridades do País e também para a comunidade acadêmica e científica, consciente do valor de seu trabalho e do melhoramento social que vem proporcionando à coletividade. Atualmente, sua Sede Geral fica em Brasília e sua Sede Histórica, na capital de Rondônia. Mais informações: www.udv.org.br e www.udv.org.br/blog.

Utilidade Pública Federal – DOU nº 139 de 22 de julho de 1999
C.N.P.J. 05 899 588/0001-80 – CX. POSTAL 08610 - ACSHS – CEP: 70.312-970 – Brasília/DF
Tel/Fax: (61) 3225-3945 E-mail: udvbr@opengate.com.br

ANEXO F – Poesias de sócios do PNMD**1) Poesias de Cristiane Vieira**

Caminho

A liberdade do homem é conhecer-se...
Neste instante liberta-se das leis humanas
E já não caminha sem rumo.

O verdadeiro amor está
Onde não há escravidão dogmática,
Onde todos crescem
E o julgar é atributo divino.

A sabedoria é livrar-se da estupidez
E aprender com a vida, na escola da vida
O sentido de ser.

A beleza está na essência divina do ser
Que é um com a fonte primária da existência,
Onde o belo escapa às concepções humanas
E o conhecimento é parte integrante
De uma individualidade coletiva.

(Cristiane Vieira – Manaus, 10 de julho de 2004 às 21:45h)

Consciência

O homem só está apto a conhecer-se intimamente
Quando aceita, sem críticas, as imperfeições alheias.
Assim acontece, pois aceitar o erro do outro
É aceitar-se como ser ainda imperfeito,
Mas que caminha na luz rumo à Luz.

Aceitar o outro é abrir-se para uma renovação interior,
É aprender que a humildade conduz à evolução coletiva,
Enquanto o orgulho joga o homem
No mais profundo abismo solitário.

Aceitar o outro é construir a paz,
Transformando ódio em amor,
Tristeza em alegria,
Discórdia em União...

Aceitar o irmão é fazer do coletivo
Uma unidade iluminada,
Um só coração para o qual
Os mistérios de Deus já não são mistérios
Pois que são a essência de cada ser.

(Cristiane Vieira – Manaus, 16 de julho de 2004)

Conhecimento

Do interior do ser surgem os mistérios
Verdades que o homem procura
Pelo merecimento conhece
O que antes não podia ver

Tudo que se procura no Universo
Dentro do homem está
O homem é o livro divino
Com todas as revelações

É necessário crescer e procurar compreender
Que a verdadeira Palavra está em Si
Escrita pelo próprio Deus

A simplicidade do Mestre vem nos ensinar

Como à plenitude da vida chegar
O vegetal é a chave fiel
Que abre a porta do céu

(Cristiane Vieira – Manaus, 23 de setembro de 2004)

Lição

O melhor a quem se ama
O melhor de coração
Do sofrimento nasce a Rosa
As lágrimas regam a plantação

De alma lavada
Floresce a bela Rosa
Sem mágoas nem ressentimentos
Brilha estrela formosa

Para quê sofrer aqui
Resmungando seu quinhão
Se o destino é a plenitude
Todo o mundo em União

(Cristiane Vieira – Manaus, 10 de outubro de 2004 às 20:12h)

Estações da Rosa

Nasce na primavera Rosa bela
Regada pelo inverno
Alimentada pelo outono
No verão esblande Luz

É o domínio dos temporais
Equilíbrio nos vendavais
É vento que leva a tristeza

É chuva que rega a esperança

Da planta o bom alimento
Dor que faz crescer firmeza
Paciência e obediência
Plenitude de Amor

Nesse amor o homem é azeite
É estrela no firmamento
É luzeiro divino
Resplandecente no verão

(Cristiane Vieira – Manaus, 14 de outubro de 2004 às 12:45h)

Justiça

Eu venho do alto
Venho justiça buscar
No meu cavalo cavalgo
Procurando um lugar

De lugar em lugar
Quero as coisas acertar
Pela ordem quero a ordem
Pra voltar ao meu lugar

No lugar que encontrei
Tem a Flor que procurei
Tem a Rosa mais querida
Tem a Fonte que deixei

Dessa Flor quero poder
Saber da Rosa o mistério
Beber água dessa Fonte
Mergulhar no mundo etéreo

(Cristiane Vieira – Manaus, 27 de janeiro de 2005)

Há Um

Há Um Paz quando se procura harmonizar
Há Um Amor quando se procura renunciar
Há Um Coração quando se procura respeitar
Há Um Igualdade quando se procura reconhecer
Há Um Equilíbrio quando se procura crescer
Há Um Natal quando se procura renascer
Há Um Comunhão quando se procura construir
Há Um Iluminar quando se procura subir
Há Um Amanhecer quando se procura unir

(Cristiane Vieira – Manaus, 22 de janeiro de 2006)

A Vida é...

Um conjunto de momentos...
Momentos felizes que nos fazem brilhar feito o Sol
Momentos tristes...
Nos quais nos recolhemos nas profundezas da introspecção,
Nos quais a reflexão é mestre
E o erro aponta para o caminho verdadeiro.

O caminho verdadeiro...
Caminho do querer bem,
Do estar bem harmonizado com a Natureza,
Caminho de seguir o primeiro sentimento
Que é a Verdade...
Viver a Verdade que permanece inabalável
Pois que Ela é a própria Eternidade...

Tudo passa...

A verdade fica.
Ela é o próprio Amor...
É a essência da Vida.

(Cristiane Vieira – Manaus, 07 de maio de 2006)

A Árvore

Tal qual a luz traz esperança
E o poente a chegada da noite
E os passarinhos anunciam um novo amanhecer
Assim os frutos apontam para a árvore-mãe

Essa que sentiu o germinar de cada um
Que cuida envolvendo-os em seu manto de ternura
Que educa ensinando-os o caminho do bem
Que aconselha quando a decisão não lhe pertence
Porque sabe que é bom manter viva
A chama da verdade e da dignidade
No coração e na mente de seus amados filhos

A esse ser meigo e doce
Sempre pronto a auxiliar os queridos a sua volta
Toda a gratidão
E que Deus multiplique a cada dia
A sabedoria e o amor
No coração desta tão amada mãe

(Cristiane Vieira – Manaus, 14 de maio de 2006 às 4:00h)

Tempo da União

Em princípio Eu principio
Uma Imensidão de Luz
Oculta o esplendor maior

Com sombra tênue no Universo
Vem reunindo o diverso
Em cada Estrela do firmamento
Feita da firmeza no pensamento
Alinhado com a Verdade
Assim se revela a Realidade
Com o compasso da Natureza
Purificando o coração
Para esblandir em plenitude o Tempo da União

(Cristiane Vieira – Manaus, 2009)

Essência

Hoje já não vejo apenas o objeto
Mas o sentimento nele existente
Não somente a ação
Mas o desejo de servir

Hoje o cinza torna-se colorido
Pelo Amor e simplesmente para Ele
Os espíritos vêm se reunindo

Na harmonia da Natureza
Onde tudo é encanto
E o meu canto é alegria
Pela beleza de viver

A cada dia renascer
Diferente do ontem
Aprendendo no presente
Florescendo amanhã

(Cristiane Vieira – Manaus, 2009)

2) Poesias de Alberto Serrão

Jesus é a solução

(Música)

*Quando você se encontrar à pensar
Em uma solução para transformar
Os problemas da vida que você deve enfrentar
Nunca se desespere, não vá a outro lugar
Que lhe prejudique
E lhe faça mal
Sujeito na sua vida
A um ponto final
Você deve abrir as portas
Do seu coração
Sentindo a paz e alegria de Jesus
Erga a sua cabeça
Jesus é a solução
O amor, o caminho, a verdade e a luz
Refrão: Venha meu amigo no caminho desta luz
Desta paz que é Jesus
Que nos mostra o caminho de amor do Pai*

Alberto - 1998

O Rei Sol

*O amor esblande no mundo inteiro
Clareando a todos nós o seu amor verdadeiro
É o Grande Rei Sol
Majestoso e exuberante
Brilhando ao planeta terra e aos seus habitantes
Trás no amanhecer do dia
Um desabrochar de encantos
O canto dos passarinhos
É um verdadeiro encanto
Nesse mesmo amanhecer
O Rei Sol vem enriquecer
A beleza da natureza ele faz aparecer
A sua luz se expandindo
Na dimensão da terra
Clareando nos mostra
A beleza tão singela
Com sua luz surgem
Cantos de pássaros
Brilho nas águas
Cores na natureza
Que maravilha!
Que tanta beleza!
Entre cantos, brilhos e cores
Desabrocham lindas flores*

*Nas manhãs de lindos jardins
Coloridos beija-flores
Com esta santa luz
Sobre as copas das florestas
Descem fochos de luz
E no meio do chacronal
É luz mais luz
Luz divina luz.*

Alberto – 18/09/2006

Como o Sol e a Lua

*Que possamos nessa nossa caminhada
Na prática do bem
Fazer crescer cada vez mais
Dentro de nós
A luz dessa sagrada União
E assim podermos ser como o Sol
Radiante de luz
Brilhante de alegria
E também como a Lua
Sempre serena
Recebendo e refletindo a luz do Mestre
Com simplicidade e harmonia
A todos nós*

Alberto – 12/12/2007

Um Mestre

(Mensagem)

As vitórias da vida vem pelo amor, amor que trás a clara compreensão de si, do próximo e de uma vida acompanhada pela constância do auto-conhecimento tendo como horizonte firme a cientificação. No amor afluam a inspiração, a intuição, o dom e a sabedoria de externar do coração aos lábios, dos lábios aos corações irmãos carentes de luz. Luz divina. Essa colheita é conquistada através de uma lapidação árdua e trabalhosa, sendo desfrutada pelos corações abertos na forma de doutrina, orientações, conselhos, amizades, e exemplos. Pois um sábio não é reconhecido somente pelo que fala, mas principalmente pelo seu praticar. Assim vivenciamos a presença de uma pessoa especial.

*Uma luz
Um pastor
Um amigo
Um mestre de mãos dadas...
Caianinhos no caminho de um.*

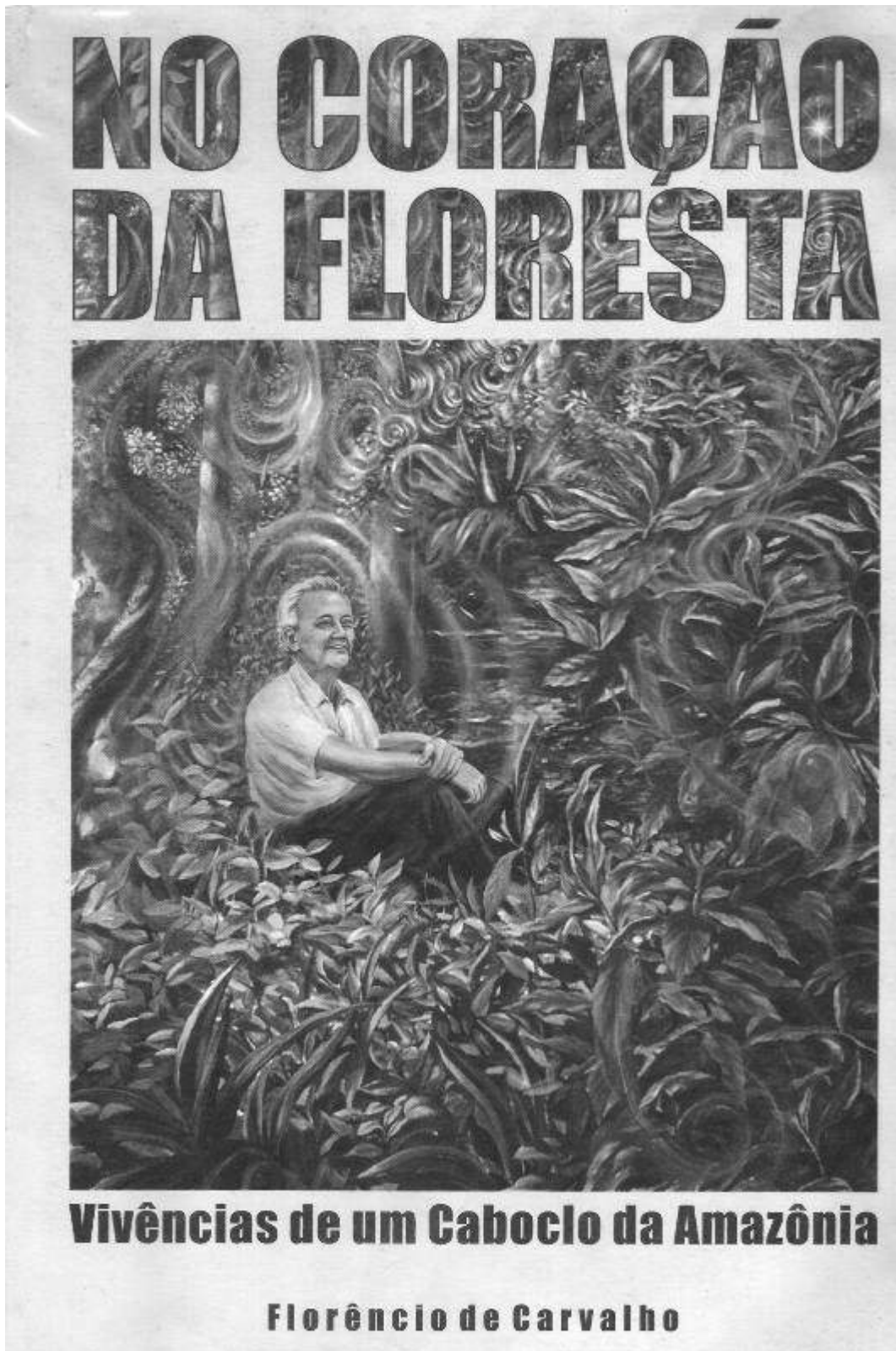
Alberto - 11-05-2008

CORAÇÃO POETA

*Defendo-te não com unhas e dentes
mas com palavras, em frases encantadas, em poesia alada,
voando no tempo, trazendo a graça
É expressão, é louvor, é maravilha a poesia do amor!
Sentimento tão puro e divino
criticado por muitos, deslumbrado ainda por poucos.
Coração existe. Não só órgão do corpo humano,
mas pro poeta: depósito de sentimentos, o centro de cada eu.
O significado da guerra no mundo
é a plena necessidade do amor neste depósito, neste centro.
Amor a si, ao próximo e a Deus sobre todas as coisas
Existe também coração poeta e o coração de pedra
A este falo com compreensão:
Um dia coração de pedra,
a pedra da ignorância que te revestes se quebrará
Pois o amor é maior e mais forte
Se dizes que o amor é coisa de mole
neste caso podemos dizer que o amor é como a água
que em pedra dura tanto bate até que fura
E quando deixares esta água te romper
serás um oceano de felicidade e harmonia
serás universo aos versos da poesia
serás um universo de luz paz e amor
Um dia serás também poeta
Pois assim profetizou Jesus
O poeta maior da poesia do amor:
“Os mansos de coração herdarão a terra”
Os mansos são os poetas que pregam e praticam o amor
A mansidão está no amor e o amor estará em todos os corações
Que bom será o mundo de paz!
Antes tinha um coração de pedra
Hoje busco ter um coração poeta.*

Alberto - 10/01/2009

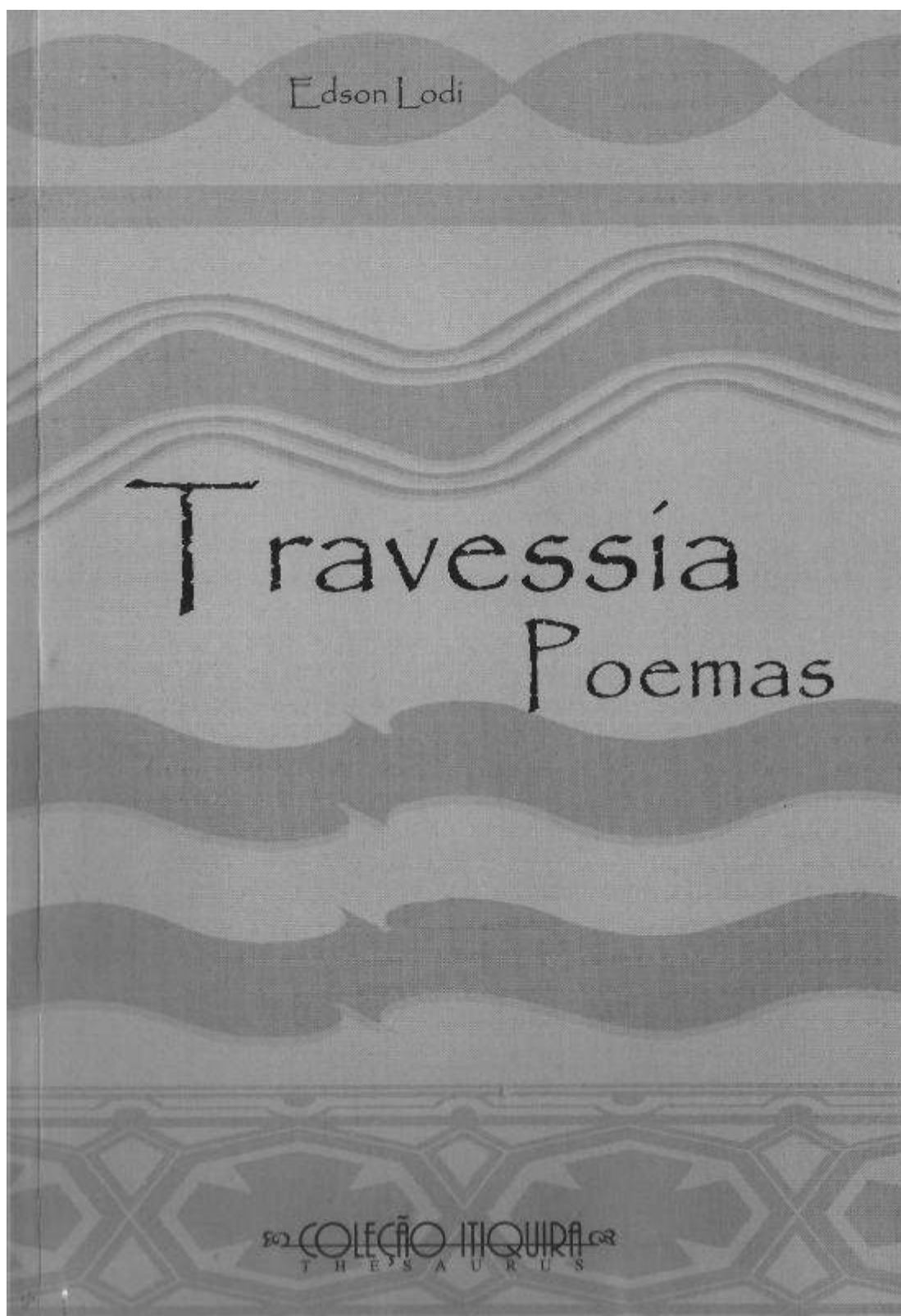
ANEXO G – Capa do livro “No coração da floresta: vivências de um caboclo da Amazônia” (Florêncio de Carvalho)



ANEXO H – Capa do livro “Haicais” (Roberto Evangelista)



ANEXO I – Capa do livro “Travessia – Poemas” (Edson Lodi)

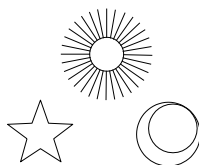


ANEXO J – Declaração de Ayahuasca enquanto Patrimônio Cultural do Peru

A seguir a cópia da 3ª página da publicação da **Declaração de Ayahuasca enquanto Patrimônio Cultural do Peru** (em www.elperuano.com.pe).

El Peruano
NORMAS LEGALES
Lima, sábado 12 de julio de 2008, pagina 375977

INSTITUTO NACIONAL DE CULTURA
R.D. N° 836/INC.- Declaran Patrimonio Cultural de
la Nación a los conocimientos y usos tradicionales
del Ayahuasca practicados por comunidades nativas
amazónicas 376040

ANEXO K – PETIÇÃO AO CONSELHO NACIONAL DE TRANSITO - CONTRAN

Centro Espírita Beneficente União do Vegetal
Diretoria Geral - Brasília DF
Departamento Jurídico

AO CONSELHO NACIONAL DE TRANSITO - CONTRAN.

SR. PRESIDENTE,

O CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL - CEBUDV, por seu Presidente e representante legal (documentos em anexo) com endereço administrativo nesta Capital Federal, no SCS, Quadra 5, Bloco A, conjunto 102/103, telefone/fax 3225-3945 e e-mail udvbr@opendf.com.br - respeitosamente expõe e requer, conforme razões a seguir delineadas:

DO CENTRO - SEUS OBJETIVOS E O USO DO CHÁ HOASCA

1- A UDV é uma organização religiosa legalmente constituída, criada há mais de quarenta anos, reunindo atualmente mais de quinze mil associados, em mais de cento e cinquenta Unidades Administrativas no Brasil e em alguns outros países; com ação na área de beneficência; meio ambiente; e cidadania. É reconhecida como Utilidade Pública Federal – **Título de Utilidade Pública Federal – DOU nº 139 de 22 de julho de 1999**; e dezenas de títulos de Utilidade Pública, em nível estadual e municipal (docs. Anexo);

2- Dentre seus objetivos estatutários, tem o de "*trabalhar pela evolução do ser humano no sentido do desenvolvimento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais, sem distinção de cor, ideologia política, credo religioso ou nacionalidade*". Assim, incentiva a congregação familiar e orienta seus seguidores a não fazerem uso de substâncias tóxicas proibidas ou toleradas como o álcool e tabaco, a mantendo vida saudável e a serem exemplos de cidadãos integrados na sociedade e cumpridores de seus deveres. É vocação do Centro a seriedade, transparência, respeito e colaboração com as autoridades e o cumprimento das leis;

3- Em seus rituais religiosos, para efeito de concentração mental, é utilizado o Chá Hoasca (*Ayahuasca*) ou Vegetal, resultado do cozimento de duas plantas: cipó Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas da Chacrona (*Psychotria viridis*). O uso ritual da *Ayahuasca* é legítimo no Brasil, por decisão das autoridades constituídas, com base em estudos multidisciplinares e pesquisas científicas;

4- Registramos que, desde sua criação, o **Centro Espírita Beneficente União do Vegetal defende e pratica o uso responsável do Chá Hoasca, EXCLUSIVAMENTE DENTRO DO RITUAL RELIGIOSO, sem comercialização; e sem adição de substâncias proscritas (grifamos);**

FUNDAMENTOS LEGAIS E CIENTÍFICOS DO USO RITUAL DO CHÁ

5- O uso religioso do Chá *Ayahuasca* ou Vegetal é garantido atualmente pela **Resolução nº 5, de 04 de novembro de 2004**, do Conselho Nacional Antidrogas (Conad), órgão da Presidência da República, sucessor do Confen; como já vinha sendo por dois pareceres de 1987 e 1992 do Conselho Federal de Entorpecentes (Confen), então órgão do Ministério da Justiça (anexos). **Esses atos administrativos (anexos) dos órgãos competentes estão em vigor, sendo plenamente válidos e eficazes** (grifamos);

6- Observe-se que a Resolução nº 5/2004, documento recente, ratifica as deliberações do Confen, reconhecendo *“a legitimidade, juridicamente, do uso religioso da ayahuasca, e que o processo de legitimação iniciou-se, já mais de dezoito anos, com a suspensão provisória das espécies vegetais que a compõem, das listas da Divisão de Medicamentos – Dimed”* (lista de substâncias proscritas no País); também reconhece: *“suspensão essa que tornou-se definitiva”*;

7- A mesma Resolução considera *“a importância de garantir o direito constitucional ao exercício do culto e à decisão individual”*, reportando-se à Constituição Federal, que, em seu artigo 5.º, VI, define a liberdade de crença como direito fundamental;

8- É sabido e confirmado por análises, inclusive no âmbito do Confen e do Conad, que em uma das plantas utilizadas no preparo do Chá Hoasca – (Chacrona / *Psychotria viridis*) é encontrada dimetiltriptamina (DMT) de forma ativa. O DMT consta da lista de substâncias proscritas da Anvisa – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998 e suas atualizações. A matéria foi amplamente pesquisada por respeitadas

membros da comunidade científica mundial e por consórcios de universidades brasileiras e estrangeiras.

9- Coerente com os resultados dos estudos e pesquisas e com as deliberações dos órgãos competentes, essa Agência editou duas notas técnicas da Anvisa: 3/2002 e 01/2003, juntadas em seu inteiro teor;

10- A respeito do DMT, destacamos na Nota Técnica nº 3/2002 da Anvisa:

“(...) Essa substância é considerada psicoativa (...), podendo causar efeitos alucinógenos quando fumada, aspirada injetada e segundo Goodman & Gilman, o DMT é inativo quando tomado via oral(...)

(...)

As plantas em questão não constam em tratados internacionais e nem na Lista E – Lista de Plantas que podem originar Substâncias Entorpecentes e/ou Psicotrópicas, da Portaria SVS/MS nº 344/98.

(...)

A utilização do chá é legítima no Brasil, em rituais e cerimônias religiosas, conforme pareceres de comissão mista interdisciplinar, instituída pelo antigo Conselho Federal de Entorpecentes/CONFEN, por solicitação da Doutrina União do Vegetal, instituição de cunho espiritual que utiliza o chá em suas sessões ritualísticas.”

11- Em síntese, a vedação legal é de utilização do DMT e não de uma planta que contenha essa substância *in natura*, mesmo porque é sabido que o DMT

natural trata-se de substância endógena, existente em muitas outras plantas e alimentos. As plantas, como reconhecido pela Anvisa, não constam em qualquer Lista de substâncias proscritas no país, estando o Chá preparado com as plantas *in natura* - fora da tipificação do art. 12 da Lei 6.368/76;

12- O Chá e suas plantas também não estão listados nos Tratados e Convenções Internacionais que tratam da repressão universal ao tráfico de entorpecentes. A Convenção das Nações Unidas sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971 inclui o DMT, mas não a planta e seu decocto. O documento publicado em 1976 pela ONU, esclarece que **a menção de um componente químico no tratado não implica que a planta que o contenha também esteja proibida** (cópia em anexo);

Consta em documento de consulta ao Conselho Internacional das Nações Unidas para o Controle de Narcóticos (cópia anexa):

“Nenhuma planta (material natural) contendo DMT é atualmente controlada nos termos da Convenção de Substâncias Psicotrópicas de 1971. Conseqüentemente, as preparações (decoctos) feitos com essas plantas, incluindo a ayahuasca, não estão sob controle internacional, portanto, não estão sujeitas a qualquer dos artigos da Convenção de 1971)”;

13- Esse fato é notório, pois a planta em comento é da família das “*rubiáceas*”, família esta, da qual este país é usuário em grande escala e importante colocado no ranking mundial de exportação – o popular café.

14- Importante registrar que, mesmo já havendo estudos e pesquisas demonstrando que o uso do Chá Hoasca ou Vegetal não causa dependência física ou psíquica, o Centro também abriu suas portas à comunidade científica para estudo com os menores usuários da UDV; os resultados confirmam e corroboram as pesquisas anteriores, como pode se ver nos documentos em anexo;

15- Dentre as expressivas conquistas legais quanto ao uso ritual do Chá Hoasca ou Vegetal, destacamos a **decisão unânime da Suprema Corte dos Estados Unidos - de 2006, favorável ao Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, que em decorrência da qual, o Drug Enforcement Administration (DEA) vem emitindo autorização de entrada do Chá naquele país, para uso nos trabalhos religiosos da UDV;**

DA ORIENTAÇÃO DESTE CONTRAN/DENATRAN

16- Este conselho editou no *manual do condutor para renovação de CNH*, listagem de drogas proscritas das quais o “condutor deve ficar longe” (palavras do manual), sendo que fez constar na listagem das “drogas perturbadoras” a *Ayhuasca*, com o que não pode concordar este Requerente. Com a devida vênia, entendemos que tal fato está a gerar sérios gravames morais aos usuários deste sagrado chá, adeptos do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – U.D.V.

17- Reproduzimos a seguir o mal fadado trecho:

Uso de Entorpecentes (drogas)

Além do álcool existem outras drogas que o condutor defensivo também deve ficar longe. As drogas são divididas em três classes

distintas: depressora, estimulantes e perturbadoras. Todas alteram o funcionamento do sistema nervoso central, retardando, acelerando ou desgovernando. Dificultam a coordenação motora, mental e emocional. A pessoa fica “drogada”, “intoxicada”, em um grau que depende da qualidade, da quantidade da substância usada, da pessoa e do contexto.

CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS

Depressoras Estimuladoras Perturbadoras

Bebidas alcoólicas

Calmantes,

Ansiolíticos

Opiáceos (codeína)

Barbitúricos

Inalantes

Anfetaminas

(anorexígenos – ecstasy)

Cocaína

(merla – crack)

Cafeína

Nicotina

Maconha

Dietilamida do ácido

Lisérgico (LSD)

Cogumelos

Mescalina

***Ayahuasca**

Anticolinérgicos

Drogas Depressoras

São as drogas que baixam ou reduzem a atividade mental, diminuindo a disposição psicológica geral, intelectual e a capacidade de vigilância. Neste grupo vamos encontrar a droga que causa mais penúria, debilidade e perdas financeiras.

Drogas Estimuladoras

Agem como estimulantes no sistema nervoso central, iniciando-se os efeitos por euforia, bem-estar, disposição pronta, aumento de atividade e outros. Provocam também excitação, irritabilidade e insônia. Após a fase estimulante, geralmente surge uma fase depressiva.

Drogas Perturbadoras:

Estas drogas causam alucinações, que são alterações ilusórias, isto é, alterações de ordem psicológica do sistema sensorial do ser humano. As pessoas vêem imagens distorcidas criadas pela mente, imagens inexistentes no mundo real, alucinações auditivas, perseguições e sensação de bichos andando sobre a pele.

18- Vejam os i. Conselheiros que o Requerente trabalha a décadas com seriedade junto aos órgãos governamentais e autoridades constituídas, no exterior e no Brasil, a nível municipal, estadual e federal; junto às autoridades das áreas jurídicas, médicas e científicas para provar o caráter inofensivo do chá, chegando ao pleno êxito com a aprovação do relatório final do GMT do Ministério da Justiça; e da aprovação unânime pela Suprema Corte dos EUA.

19- As **Notas Técnicas 03/2002 e 02/2003 da Anvisa**, são conclusivas quanto à matéria; o chá se encontra regulamentado definitivamente pelo Ministério da Justiça, pelo relatório final do GMT multicitado; e fora **exposto seu caráter inofensivo no Congresso Internacional da Hoasca**, realizado de 09 a 11 de maio de 2008, no centro de convenções Brasil 21, em Brasília/DF, do qual tiveram ciência e foram formalmente convidadas a participar, muitas autoridades do Executivo, Legislativo e Judiciário brasileiros; representantes da comunidade científica nacional e internacional; assim como representantes de países estrangeiros.

20- No *documento público* fora lançada mera opinião - contrariando fato científico comprovado; e **proteção jurídica específica consolidada**; além de **autorizar uma eventual ação policial estatal direta ou indireta com possibilidades de resultados danosos moral e materialmente.**

21- Ora, documentos oficiais, produzidos com recursos públicos, não podem conter assertivas que contrariem o que já é reconhecido e legalmente autorizado pelo Estado brasileiro. Não se trata nem mesmo de aplicação da máxima jurídica - *de que a autoridade não pode restringir o que a norma não restringe*. O **"manual" deve obedecer ao sistema democrático e legal do país**

22- O uso da *opinião*, com efeito materialmente segregador de prática religiosa, especialmente em *documento público*, mesmo que indiretamente, **sem qualquer base científica e legal**, atinge a ordem religiosa mencionada e seus componentes, com clara ofensa às garantias dadas pelo ordenamento constitucional brasileiro.

Assim requer:

23- A **exclusão do chá Ayhuasca (Hoasca/Vegetal)** - do contexto em que foi colocado no mencionado manual, por não poder o mesmo ser considerado droga, por todas as razões expostas nesta petição.

Pede deferimento,

Brasília/DF, 11 de agosto de 2008.

Edson Lodi Campos Soares
Presidente do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

Bruno Wider
Advogado
OABDF 15.467

ANEXO L

Transcrição da entrevista do secretário Nacional Antidrogas, general Paulo Roberto Yog de Miranda Uchoa, à CBN, em 17.03.2010:

Heródoto Barbeiro- Há alguma regulamentação para servir esse chá a pessoas de forma geral? Como funciona isso?

Uchoa - O problema da utilização da Ayahuasca, ou santo Daime, vem sendo debatido dentro do âmbito do Governo há mais de 20 anos. Porque nós temos a nossa Constituição que garantem direito ao culto e temos algumas linhas religiosas que fazem uso do chá, de forma religiosa, desde o início do século passado, e que traziam um problema porque esse chá contém uma substância considerada proibida, considerada alucinógena, que é o DMT. Então há muito tempo que vem se estudando isso, desde o antigo Confen, e depois pelo Conselho Nacional de Antidrogas... Grupos de estudos foram desenvolvidos, com trabalhos de pesquisa muito sérios – inclusive seminários, como no Acre, com a participação de representantes das linhas religiosas, com a finalidade de verificar a possibilidade de se autorizar o consumo do chá nas cerimônias religiosas. O consumo religioso sob a responsabilidade social dos dirigentes das organizações presenciadas. Então, isso foi feito... Foi feito um trabalho de muita profundidade, com um grupo multilateral de trabalho, composto por cientistas das áreas da bioética, da psiquiatria, da farmacologia e também por representantes dessas linhas religiosas, e que chegou-se à conclusão para um relatório que foi levado ao Conselho Nacional Sobre Drogas, que aprovou esse relatório, e virou a resolução com a autorização do uso apenas religioso, sob a responsabilidade social e a série de critérios por parte das religiões interessadas.

Heródoto- Qualquer pessoa que se apresentar no culto pode tomar o chá? Um psiquiatra ouvido aqui dizia que se a pessoa tiver qualquer transtorno mental, esse chá não lhe faria bem... A pessoa ao entrar ela assina um documento, dizendo que se responsabiliza e tira toda a responsabilidade do condutor do culto. Ela é obrigada a assinar um termo como esse, lá.

Uchoa- As linhas religiosas que trabalham com esse chá, que compreendem perfeitamente... São as primeiras... Aliás, inclusive chamou muito a atenção o entusiasmo deles em fazer com que toda – isso, nos trabalhos anteriores à Resolução – de que tudo fosse feito para evitar a banalização do chá. Ou seja, que fosse consumido somente daquela forma. E o entendimento deles, do próprio Grupo de Trabalho, de que as curas e soluções para problemas

personais, deveriam ser compreendidas no mesmo contexto religioso das demais religiões, enquanto ato de fé, sem ser necessário a causa e efeito em relação à ayahuasca e tal. Mas, pressupõe-se – então, eles sabem disso, né? – nas reuniões ritualísticas, a presença de pessoas experientes, que saibam lidar com os diversos aspectos que envolvem a prática do uso do chá. Por exemplo: a capacidade de identificar as espécies vegetais, saber preparar, reconhecer o momento adequado, discernir as pessoas a quem não se recomenda o uso, então tudo isso é uma contrapartida do controle social que deve ser exercido pelas religiões, inclusive em relação à utilização por crianças e mulheres grávidas. Então há o chamamento de atenção para esses aspectos na responsabilidade social por parte dos dirigentes dessas entidades.

Heródoto- General, mas um dirigente desse pode prometer que retira uma pessoa de drogas pesadas utilizando esse chá?

Uchoa- É, inclusive há essa recomendação da não utilização do chá com outras drogas. Obviamente, no momento em que se for utilizar com outras drogas que não a contida no chá, então já passa a ser uma transgressão, um crime conforme a Lei prevê. Então, o que o Conad fez foi com relação ao chá. E, aliás, o Conad, depois de todos esses estudos de que lhe falei, também está calcado numa decisão da Junta Internacional de Entorpecentes – que é o órgão que fiscaliza as convenções da ONU – que diz textualmente que nem a folha, nem o cipó que compõem o chá Ayahuasca, são substâncias que devem ser controladas. O problema que causa toda essa situação, é que na hora da confecção do chá, aí sim surge o DMT... Então, fica bem clara na decisão desse órgão da ONU a que me referi, que o chá não está na relação das drogas proibidas, então o Brasil achou por bem, a fim de dar cumprimento ao item constitucional que garante o culto religioso, mas também de dar satisfação internacional e satisfação interna à condição de ter, aquele chá, a presença de uma substância que é considerada proibida... Então, por isso que há mais de 20 anos que vem se estudando, que chegou-se à conclusão, em conjunto com as seitas, que não são poucas, são grandes, são muito sérias... Para você ter uma ideia, nesse Grupo de Trabalho que preparou todo esse relatório, que baseou e fundamentou a Resolução do Conselho Nacional, nós temos – representando essas instituições – nós temos juízes federais, membros dessas seitas... Temos juízes federais, temos procuradores da República, temos médicos, temos engenheiros... Como representantes nesse Grupo de Trabalho. Então, é uma coisa que foi levada bastante a sério. Agora, infelizmente, aconteceu um caso como esse, que

desperta a atenção. Obviamente, é claro, isso aí chocou e abalou... Mas, infelizmente, também, trata-se de uma pessoa que está se vendo – e agora naturalmente vai ser verificado com mais profundidade – trata-se de uma pessoa que poderia ter cometido esse ato em qualquer outra circunstância.

Realização: JOSÉ ROBERTO AZAMBUJA

Jornalista e Publicitário - 61 8406.4011

ANEXO M – Algumas expressões da beneficência do CEBUDV (do site)

Associação Beneficente Casa da Boa Esperança (Belém-PA) - Possui trabalho de parceria com a Eletronorte no Projeto Luz das Letras, de inclusão digital, formando em torno de 100 alunos por ano na cidade de Ananindeua. Realiza ainda ações assistenciais nas áreas de Saúde, Cultura, Educação e expressão artística.

Unidade Beneficente Coração de Maria (FORTALEZA – CE) - A entidade tem abrangência regional (Ceará, Piauí e Maranhão). Mantém programas de capacitação e empreendedorismo e presta atendimento assistencial com a doação rotineira de cestas básicas, vestuário, material didático e medicamentos, entre outros, prestando ainda assistência jurídica, médica e odontológica. Desenvolve também um trabalho de prevenção ao álcool.

Unidade Assistencial Lar Mariana (MACEIÓ - AL) - Assiste às comunidades de povoados de Marechal Deodoro com iniciativas como as Oficinas de Virtudes, estimulando as crianças a compartilhar as vivências cotidianas, orientando para uma reflexão a respeito dos valores de vida. Os trabalhos facilitam a expressão oral e artística da compreensão da criança. As mães também são envolvidas neste trabalho para reforço das virtudes desenvolvidas entre as crianças.

Associação Beneficente Casa da União (RIO BRANCO - AC)- O foco principal é a parceria com a Escola Municipal Mário Lobão, que atende a um público de base rural, carente em muitos aspectos. O Projeto "Adotando uma Escola" realiza atividades de lazer e entretenimento, bem como palestras educativas e orientação aos pais, no que diz respeito ao acompanhamento da vida estudantil dos alunos, atendendo de forma direta a cerca de 250 pessoas.

Casa da União Santa Luzia (CUIABÁ - MT) - Mantém duas Casas Assistenciais, em Cuiabá e em Várzea Grande e desenvolve parcerias com a Prefeitura Municipal de Alta Floresta, Empresa de Energia Pantanal, Instituto Centro de Vida, Universidade Federal do MT, secretaria estadual do Trabalho, entre outros. Atua no Projeto Cozinha Brasil, de qualificação profissional, e Projeto Saúde da Mulher em Comunidade.

Associação Beneficente Casa da União (BRASÍLIA - DF) - Criada em 1982, foi a primeira Unidade Beneficente da União do Vegetal. Presta assistência social, cultural e educacional aos seus beneficiários, priorizando a formação moral e profissional, contribuindo com outras

organizações de finalidade filantrópica e educacional. Primeira unidade beneficente da UDV, lançou o projeto Luz das letras.

Obras Sociais Casa da União - Lar de Maria Aparecida (GOIÂNIA - GO) - Realiza o projeto "A reeducação alimentar com utilização de multi-mistura" nos municípios de Aparecida de Goiânia e Teresópolis de Goiás, com o objetivo de oferecer complementação alimentar para essas comunidades, além de ações nas áreas de Saúde, Assistencial, Educação, entre outros, com palestras educativas, acompanhamento clínico de crianças.

Obras Sociais Casa da União Lar de Santana (CAMPO GRANDE - MS) - Em parceria com a Prefeitura Municipal de Campo Grande, faz a gestão sócio-ambiental do parque ecológico Anhanduí. Também atua no Projeto Luz das Letras com 19 laboratórios em escolas estaduais cedidas pela Secretaria de Estado de Educação. Também realiza atendimentos assistenciais em Saúde e Educação e promove eventos relacionados a Cultura e expressão artística.

Associação Beneficente Casa da União (FLORIANÓPOLIS - SC) - Presta serviços assistenciais nas áreas de Saúde e Capacitação profissional e realiza feiras de produtos para arrecadar fundos destinados ao atendimento de necessidades básicas de comunidades carentes do município.

Unidade Assistencial Lar Sama (SÃO PAULO - SP) - Atende à população da área rural e periferia urbana, especialmente idosos, mulheres, crianças e portadores de necessidades especiais nos municípios de Araçariguama, Itapevi e Santana do Parnaíba. Mantém o Posto de Saúde do Bairro da Lagoa com atendimento médico, psicológico, psiquiátrico, fonoaudiológico, massoterápico e farmacêutico gratuitos, sendo pioneiro no uso de homeopatia em saúde pública.

Unidade Beneficente Estrela da Manhã (CAMPINAS - SP) - As ações se pautam pela busca do equilíbrio e da harmonia da família. São dirigidas para comunidades carentes nos bairros Jardim Monte Belo e Joaquim Egídio em parceria com as escolas EEPG Professor Uacury Ribeiro de Assis Bastos, EMEI Carlos Gomes e Barreto Leme, entre outras instituições, como a Fundação Educar e a faculdade de Odontologia da Unicamp.

Associação Beneficente Casa da União (BELO HORIZONTE - MG) - Presta serviços assistenciais a comunidades carentes de Maquiné, cerca de cem moradores de terrenos invadidos no município de Sabará, com ações nas áreas de Saúde, Cultura e Lazer a partir de levantamento efetivado em parceria com a secretaria de Ações Sociais daquele município.

Unidade Assistencial Casa da União (ILHÉUS – BA) - Desenvolve programas preventivos e assistenciais em Saúde, Educação, Desenvolvimento comunitário e Meio ambiente, mediante atendimentos médicos, odontológicos, de orientação jurídica, orientação vocacional, alimentar e nutricional e atividades de lazer, educação, cultura e expressão artística. Realiza atividades em parceria com a Creche Nossa Senhora da Vitória.

http://www.udv.org.br/unidades_assistenciais.php

Alguns sites a respeito da beneficência da UDV:

<http://www.udv.org.br/O+Bem+como+principio/O+bem+que+faz/58/>

<http://www.udv.org.br/No+Centro+a+beneficencia/O+bem+que+faz/75/>

<http://www.udv.org.br/Beneficencia+areas+de+acao/O+bem+que+faz/76/>

<http://www.udv.org.br/A+missao+de+servir/O+bem+que+faz/77/>

<http://www.udv.org.br/O+mapa+do+bem/O+bem+que+faz/78/>

<http://www.udv.org.br/A+luz+das+letras/O+bem+que+faz/93/>

ANEXO N – E-MAIL CITADO

2009/11/24 (nome)

Bom dia Irmãos

Perseverar

Sabendo da dificuldade que há no exercício do perdão, Pedro, o Apóstolo, pergunta a Jesus quantas vezes é necessário tal exercício, em relação ao próximo.

A resposta de Jesus convida-nos a um exercício constante, pois que o Mestre propõe que o perdão seja exercitado infindas vezes, representado na expressão de setenta vezes sete vezes.

O que Jesus dá a entender com essa expressão é que bons hábitos, assim como os menos nobres, se incorporam no nosso cotidiano através da insistência, da repetição, do exercício contínuo.

Alguém que consiga perdoar quatrocentos e noventa vezes, como aconselha Jesus, certamente, já terá incorporado o hábito de tal forma, que difícil lhe será não perdoar nas oportunidades seguintes.

Assim se dá com todos os hábitos saudáveis, positivos, bons, que queremos incorporar na nossa intimidade emocional.

Ninguém se transforma do dia para a noite, nem se santifica em breves momentos, apenas porque aceitou conceitos novos ou amadureceu valores de uma forma positiva.

Qualquer pessoa que decida se tornar melhor, precisa de uma companheira inseparável: a persistência.

Imagine-se querendo libertar-se da dependência do tabaco. Por mais que a decisão esteja tomada, por mais que o auxílio médico e terapêutico seja requisitado, sem a persistência no intento, não haverá sucesso.

Com os maus hábitos morais ocorre da mesma forma. Se desejamos nos tornar uma pessoa menos egoísta, ou menos orgulhosa, ou ainda, se o que nos incomoda é o fato de sermos muito arrogantes e

gostaríamos de mudar a forma de agir, a persistência nos será desejada companheira.

Toda mudança exige esforço, energia, investimento. E é natural ainda que, ao percorrer a estrada para novos rumos, aconteçam tropeços, sintamo-nos um pouco perdidos ou, às vezes, até uma pontinha de arrependimento... Afinal, antes era tão mais fácil, pensamos...

Nesses momentos, a perseverança será a ferramenta a nos empurrar à frente, a nos estimular o continuar da marcha, a dar a coragem para insistir no processo de mudança, de melhoria, de vir a ser.

Sempre haverão aqueles a nos desestimular o progresso. Pígmios morais que o são, não tendo coragem de mudar a si, se incomodam em ver que outros se esforçam, tentam melhorar.

Como não têm coragem de fazê-lo, não querem que outros o façam.

* * *

Não nos deixemos levar pelo pessimismo de uns ou pelo desencorajamento de outros.

Toda mudança para melhor é desejo de Deus para conosco, pois como nosso Pai, deseja o melhor para Seus filhos. Mas como Pai amoroso, sabe que deve partir de cada um de nós a iniciativa e o esforço para sermos melhores.

Persistir no bem, insistir no esforço da melhora pessoal para que o bem ganhe espaço em nossa intimidade é investimento sábio a que todos devemos nos dispor, o quanto antes.

Somente através do esforço pessoal e individual é que conseguiremos trilhar o caminho para a construção da felicidade em nossa intimidade, quando sentimentos de baixa conta cederão espaço para luz e paz na nossa estrutura emocional.

Redação do Momento Espírita.

Em 13.11.2009

--

(nome) e (nome)

ANEXO O – A MÚSICA DO LIMPO ASTRAL

BOX

A MÚSICA DO LIMPO ASTRAL

Ei, homem de Deus!

Acorda, é tempo ainda,

Esse teu tempo finda,

Faz uma oração.

Este verso Zé Geraldo grita ao cantar O Profeta de Lúcio Barbosa, através da aparelhagem de som da União do Vegetal, durante uma sessão.

A história da música na União do Vegetal é mais recente do que sua criação. Antes havia nas sessões apenas a palavra, e basicamente as chamadas. A radiola de pilha pioneira começou tocando Marinês e duplas caipiras, que são com frequência permeáveis à sensibilidade religiosa em suas composições. A credence popular tem bem marcada a presença de Deus e da verdade sem complicações em suas vidas. O que, no ritual da UDV, está agora incorporado. Milionário e Zé Rico conservam isso em Mensagem do Além (Prado-Praense), Todos Têm o Mesmo Fim, de José Rico e Nonô Basílio, e Berço de Deus. Natureza (Sérgio Reis) e Dê Amor a Quem te Ama (Tião Carreiro-José Rico) estão na mesma sintonia com a harmonia cósmica e simples. E, trazendo um ensinamento sobre o cigarro, que quando toca põe no cacete os fumantes ainda renitentes: Ajudando a Medicina, de Gildo Freitas.

Geralmente, uma faixa apenas de cada LP é aproveitada para tocar na UDV: às vezes, mais de uma. A mensagem, o conteúdo, é o que vale. Por exemplo, quase todas as canções do padre Zezinho sobre a vida de Jesus, temas religiosos, são úteis para esse fim. Algumas parecem feitas sob medida: é o caso de Simplesmente (o Bem Verdadeiro), de Paulinho Nogueira. Contém a emoção típica de um discípulo inspirado.

Também Nalva Aguiar fez gravações desta qualidade: Maria da Galiléia, dela mesma e de A. Luiz; assim como a cantora Perla, em O Amor Está no Ar, positiva composição de Vanda-Young-Moreira. Na mesma pista tem sentido rodar Uma Estrela Vai Brilhar, de Ricardo Braga.

Não importa se o disco é classe A, B ou C. Benito de Paula, Nelson Ned, Paulo Leal - Os Peregrinos - podem ser veículos dos mais puros ensinamentos. Mas o gênero instrumental de música eletrônica, de computador - Vangelis, Tomita, Giorgio Moroder (Midnight Express) e Automat - usado pela UDV é ouvido na burracheira bem nas próprias fontes da criação: divinos acordes. Um extraordinário recurso para auxiliar a concentração mental. Não é qualquer disc-jockey que conhece repertório musical com sensibilidade para saber em que nervo mexe cada canção, como certas pessoas da UDV. Nelas se conserva a capacidade de tocar na hora

certa Caetano Veloso: Oração ao Tempo, Lua de São Jorge, Força Estranha (parece feita sob medida); ou Jorge Ben: Jorge de Capadócia, Hermes Trimegisto, Hermes Trimegisto e Sua Celeste Tábua de Esmeralda, Os Alquimistas Estão Chegando e O Filósofo.

A ocasião exata de rodar cada uma dessas músicas se mostra quando o que elas dizem já estiver antes no ar, circulando na sessão. Pode ser Fritificar, da Cor do Som, de estremecer! Esse critério se aplica também a algumas canções de Raul Seixas: Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás, Tente Outra Vez e Diamante de Mendigo, válidas - e como! - para situações específicas. Guilherme Arantes diz coisas maravilhosas em Êxtase e Hei de Aprender, capazes de ensinar a muitos discípulos que tiverem oportunidade de ouvi-las com atenção na burracheira. Roberto Carlos com sua veia mística tem o mesmo valor: O Homem, Fé, A Montanha, Guerra dos Meninos e Amigo. Em todas essas canções não há uma só palavra desorientada; e, se houver, o conjunto das composições cobre, mostra o sentido mais alto. O bastante.

Significado limpo tem o LP "Recordando o Vale das Crianças", do semi-anônimo grupo As Crianças da Nova Floresta, cujo lado 1 é todo bom. Tanto quanto as quenás, flautas andinas, Dominginhos e Osvaldinho.

Fonte: Box da Reportagem publicada na Revista Planeta, da Editora Três, número 105, edição de junho de 1981. Site da UDV em <http://www.udv.org.br/Uniao+do+Vegetalbra+Oasca+e+a+Religiao+do+Sentir/Gente+de+paz/95/>

ANEXO P – A música “Sem Parar” do Gabriel O Pensador (composição: Gabriel O Pensador/Itaal Shur)

A música “Sem Parar” do Gabriel O Pensador (composição: Gabriel O Pensador/Itaal Shur), tocada nas sessões e no âmbito da UDV, ilustra a aprendizagem da busca da **luz**, do **amor** e da **paz**, da **fé e esperança**, **persistência (força do querer)** e **paciência de transformação de pensamentos, palavras e ações** (de negativas em positivas). Ela diz:

A vida é feito andar de bicicleta: se parar você cai.
 Vai em frente sem parar, (...)
 Porque a vida é muito curta e a estrada é comprida.
 Você sobe e você desce na escada da vida
 E às vezes parece que a batalha tá perdida
 E que você voltou pro ponto de partida.
 Vai à luta, levanta, revida!
 Vai em frente, não se rende,
 Não se prende nesse medo de errar,
 Que é errando que se aprende
 Que o caminho até parece complicado
 E às vezes tão difícil que você se surpreende
 Sente de repente que era tudo muito simples
 Vai em frente que você entende.
 Boa sorte, firme e forte, vai com a força da mente.
 Vai sabendo que não há nenhum peso que você não aguente.
 Vai na marra, vai na garra, vai em frente.
 E se agarra no seu sonho com unhas e dentes.
 Pra saber o que é possível é preciso que se tente conseguir o impossível,
 Então tente!
 Sempre alimente a esperança de vencer.
 Só duvide de quem duvida de você.
 (...)
 Sem parar, sem parar, se parar você cai!
 (...) Pedala aí!
 (...) se cair cê levanta.
 (...) Não repara no mau tempo que o sol já sai.
 Vai em frente, sem parar que se parar você cai!
 Vai em frente, enfrente, enfrenta, vai!
 Vai agora, não chora.
 Ignora a energia negativa lá fora,
 Porque dentro de você existe um poder bem maior do que você pensa.
 Vai atrás da recompensa e se houver inveja e se ouvir ofensa
 Você responde com a força do perdão.
 E aumenta sua crença cada vez que ouvir um não,
 Porque todo não esconde um sim.
 Ainda é só o começo, vá até o fim.
 Aprenda nos tropeços, não olhe pro chão.
 Olhe pro céu.
 Olhe pra vida sempre de cabeça erguida
 Que no fim do túnel tem uma saída, mesmo quando você não consegue ver a luz.
 Feche os olhos que uma força te conduz.

Vai em frente, vai seguro, faz um furo nesse muro que o escuro se esclarece.
Vai em frente, simplesmente vai em frente
Que o futuro é um presente que a vida te oferece.
(...)
É na dor que o recém-nascido aprende a chorar.
Pra encontrar a cura você tem que procurar.
É no choro que o recém-nascido aprende a respirar.
Então respira fundo que a vitória tá no ar.
Vai indo, vai na tua, vai você.
Vai nessa, vai na boa, vai vencer.
Acredite no bem, que fazer o bem faz bem.
Faça o bem que faz acontecer.
Vai na fé, vai a pé, vai do jeito que der.
Vai até onde puder, vai atrás do que tu quer.
Vai andando, vai seguindo, vai pensando,
Vai sentindo, vai amando, vai sorrindo,
Vai cantando, vai curtindo, vai plantando e vai colhendo,
Vai lutando pela paz - vai dançando no ritmo que o tempo faz.
Vai de peito aberto. Vai dar certo.
Confiante que o distante num instante fica perto.
Fica esperto, vai! Com a força de vontade.
Vai à vera, não espera a oportunidade.
Não aceita humilhação, mas não perde a humildade.
E nunca abra a mão da sua dignidade.
Então não pára o movimento, vai em frente, vai! (Esta letra foi retirada do site Letras.mus.br
www.lettras.mus.br).

ANEXO Q – Algumas músicas tocadas na UDV**Canto Lunar (Denise Emmer; int. Tarancón)**

Minha lua, navega serena
Vai de Ipanema, ao céu do Irã
Para ela, a moda não é tudo
A guerra não duvida o dia de amanhã
Minha lua, corre apaixonada
E a passarada, segue teu corcel
Ó lua, ó nua rainha
Ó a lua é minha, é de quem quiser
Oh a lua, a lua é das princesas
E com mais certeza será dos garis
Dos cantores, dos trabalhadores
Será dos autores, quando a noite cair
E será também dos prisioneiros
Será dos canteiros e do chafariz
Oh lua, lua é da cidade
Da humanidade, e de quem quiser

Fonte: Esta letra foi retirada do site Letras.mus.br www.lettras.mus.br

Grãos de sonhos – Irah Caldeira

Aqui eu plantei
Aqui eu hei de colher
A safra dos frutos doces do meu sonhar
Aqui nessa terra rôta de pedra e pó
Aqui nesse tempo rude de ferro e nó
Plantei as sementes vivas hão de vingar

Nem que seja regado a lágrima
Suor ou sangue
Eu faço esse solo dura brotar raiz
E colho no tempo certo meu justo ganho

Se aqui plantei os meus grãos de sonhos

Vai ser aqui que eu vou ser feliz

Quem viver verá

Quem viver verá

Balançando ao vento

A safra dos frutos do meu sonhar

Fonte:

http://letras.azmusica.com.br/l/letras_irah_caldeira_21033/letras_otras_14064/letra_graos_de_sonhos_452489.html

Soldado Da Paz

Cidade Negra

Composição: Toni Garrido / Lazão / Da Gama / Bino / Herbert Viana

Não há perigo

Que vá nos parar

Se o bom de viver

É estar vivo

Ter amor, ter abrigo

Ter sonhos, ter motivos

Prá cantar

Ah! Ah!...

Armas no chão

Flores nas mãos

Mas se o bom de viver

É estar vivo

Ter amor, ter abrigo

Vivendo em paz

Prontos prá lutar

Ah! Ah!...

O soldado da paz

Não pode ser derrotado

Ainda que a guerra

Pareça perdida

Pois quanto mais
Se sacrifica a vida
Mais a vida e o tempo
São os seus aliados...

Uh! Uh! Uh! Uh! Uh!
Uh! Uh! Uh! Uh! Uh!

O soldado da paz
Não pode ser derrotado
Ainda que a guerra
Pareça perdida
Pois quanto mais
Se sacrifica a vida
Mais a vida e o tempo
São os seus aliados...

Lugar Ao Sol

Charlie Brown Jr.

Composição: Marcão e Chorão

Que bom viver, como é bom sonhar
E o que ficou pra trás passou e eu não me importei
Foi até melhor, tive que pensar em algo novo que fizesse sentido

Ainda vejo o mundo com os olhos de criança
Que só quer brincar e não tanta "responça"
Mas a vida cobra sério e realmente não dá pra fugir

Livre pra poder sorrir, sim
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol

Livre pra poder sorrir, sim
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol

Um dia eu espero te reencontrar numa bem melhor

Cada um tem seu caminho, eu sei foi até melhor
Irmãos do mesmo Cristo, eu quero e não desisto

Caro pai, como é bom ter por que se orgulhar
A vida pode passar, não estou sozinho
Eu sei se eu tiver fé eu volto até a sonhar

Livre pra poder sorrir, sim
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol

Livre pra poder sorrir, sim
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol

O amor é assim, é a paz de Deus em sua casa
O amor é assim, é a paz de Deus que nunca acaba

O amor é assim, é a paz de Deus em sua casa
O amor é assim, é a paz de Deus... que nunca acaba

Nossas vidas, nossos sonhos têm o mesmo valor
Nossas vidas, nossos sonhos têm o mesmo valor

Eu vou com você pra onde você for
Eu descobri que é azul a cor da parede da casa de Deus
E não há mais ninguém como você e eu

As Árvores

Arnaldo Antunes

Composição: Arnaldo Antunes e Jorge Ben Jor

As árvores são fáceis de achar

Ficam plantadas no chão

Mamam do sol pelas folhas

E pela terra

Também bebem água

Cantam no vento

E recebem a chuva de galhos abertos
Há as que dão frutas
E as que dão frutos
As de copa larga
E as que habitam esquilos
As que chovem depois da chuva
As cabeludas, as mais jovens mudas
As árvores ficam paradas
Uma a uma enfileiradas
Na alameda
Crescem pra cima como as pessoas
Mas nunca se deitam
O céu aceitam
Crescem como as pessoas
Mas não são soltas nos passos
São maiores, mas
Ocupam menos espaço
Árvore da vida
Árvore querida
Perdão pelo coração
Que eu desenhei em você
Com o nome do meu amor.

Fonte: Esta letra foi retirada do site Letras.mus.br www.lettras.mus.br

Canário do Reino

Kid Abelha - Partic.Esp. Lulu Santos

Composição: Carvalho / Zappata

Não precisa de dinheiro
Prá se ouvir meu canto
Eu sou canário do reino
E canto em qualquer lugar

Não precisa de dinheiro
Prá se ouvir meu canto
Eu sou canário do reino

E canto em qualquer lugar

Em qualquer rua de qualquer cidade
Em qualquer praça de qualquer país
Levo o meu canto puro e verdadeiro
Eu quero que o mundo inteiro
Se sinta feliz

Não precisa de dinheiro
Prá se ouvir meu canto
Eu sou canário do reino
E canto em qualquer lugar

Em qualquer rua de qualquer cidade
Em qualquer praça de qualquer país
Levo o meu canto puro e verdadeiro
Eu quero que o mundo inteiro
Se sinta feliz

Não precisa de dinheiro
Prá me ouvir cantar
Não precisa de dinheiro
Sou canário do reino
Canto em qualquer lugar

Fonte: Esta letra foi retirada do site Letras.mus.br www.lettras.mus.br

PADRE ANTONIO MARIA

Pegadas Na Areia

(Michael Sullivan – Paulo Sérgio Valle)

Os caminhos de nosso Senhor
Só quem ama percorreu
Só quem sonha conheceu
São caminhos cheios de amor
Que nem sempre o sonhador
É capaz de entender

Alguém me disse que sonhou
Que estava numa praia caminhando com Jesus
E olhando o céu viu sua vida
Tanta estrada percorrida
Sempre em busca de uma luz
E olhando as marcas na areia
Viu ao lado dos seus passos as pegadas de Jesus
E aí ele falou:

- Não te entendo, meu Senhor!

E olhou pro chão

- Nos caminhos mais difíceis, eu não vejo as tuas marcas

Por que me deixaste só?

Jesus respondeu:

- Os passos são só meus, jamais te abandonei

É que nos momentos mais difíceis de viver

Nos meus braços te levei

Fonte: <http://vagalume.uol.com.br/padre-antonio-maria/pegadas-na-areia.html>

Lugar Seguro

Juraildes da Cruz

Composição: Juraildes da Cruz

Eu guardo um segredo lindo

Um sonho estrelado

Fico da cor do sol nascendo emocionado

Vou sim flutuar

Comentar uma canção feliz

Não dá pra explicar

Só o sentimento diz

No amor esse mar sem fim

Sou marinheiro a se devotar

Que não volta fica no mar

Igual você morando em mim

Vem comigo descobrir

Um lugar seguro

O amor é a nave do futuro
Chave do coração do mundo

Fonte: <http://letras.terra.com.br/juraildes-da-cruz/1196512/>

Bom Tempo

(Juraildes Da Cruz)

É tempo de aprender
fechar o pranto
abrir o encanto
amanhecer

É tempo de viver e ver
que o belo é tão singelo
não vai envelhecer

É tempo de sorrir
e assim abrir as portas
tempo de se cuidar
todo cuidado é pouco

é tempo de plantar
que a colheita seja farta
tempo de amar
que a sorte é certa

Olha a vida florida na paz
vale a vida que vale mais
Olha a vida florida na paz
vale a vida que vale mais

É tempo de acordar
pra esse sonho
de bom tamanho
realizar

é tempo de brotar
do íntimo
novo ritmo
renovar

É tempo de abrir
limpar o coração
seu perfume
não enjoa

É tempo de guardar
porção de coisas boas
missão de cativar
as pessoas

Olha a vida florida na paz
vale a vida que vale mais
Olha a vida florida na paz
vale a vida que vale mais

Fonte: <http://vagalume.uol.com.br/juraildes-da-cruz/bom-tempo.html>

Meninos

Projeto Emcantar

Composição: Juraildes da Cruz

Vou pro campo
No campo tem flores
As flores tem mel
Mas a noitinha
Estrelas no céu, no céu, no céu...
O céu da boca da onça é escuro
Não cometa, não cometa,
Não cometa furo
Pimenta malagueta não é pimentão, tão, tão, tão...
Vou pro campo
Acampar no mato

No mato tem pato, gato, carrapato,
Canto de cachoeira
Dentro d'água pedrinhas redondas
Quem não sabe nadar não caia nessa onda
Que a cachoeira é funda e afunda.
Não sou tanajura, mas eu crio asas
Com os vaga-lumes eu quero voar, voar, voar
O céu estrelado hoje a minha casa
Fica mais bonita
Quando tem luar, luar, luar...
Quero acordar com os passarinhos
Cantar uma canção com o sabiá.
Dizem que verrugas são estrelas
Que a gente aponta, que a gente conta,
Antes de dormir, dormir, dormir...
Eu tenho contado, mas não tem nascido
Isso é estória de nariz comprido
Deixe de mentir, mentir, mentir...
Os sete anões pequeninos,
Sete corações de meninos
E a alma leve, leve, leve...
São folhas e flores ao vento
O sorriso e o sentimento
Da Branca de Neve, neve, neve...

Fonte: <http://www.cantosencantos.com/wordpress/?cat=319>

Sagrado Coração da Terra

Canção dos Viajantes

Composição: Marcus Viana

Pelos caminhos da Terra

Largas estradas no mar.

Pego os atalhos do vento

Nas ondas de fogo do ar. Não há tempestade ou tormenta
Que quebre o casco do navio. Coração bom
que navega Nas ondas do Mundo bravio. Verde esmeralda oceano
Inunda minha alma sedenta

Descubro mil ilhas de sonho Sem dor, sem tristeza ou doença. Pra quem tem fé e resiste
Luz do amor acesa no peito Nada é duro, nada é triste Espanta a noite, toca o medo.
Mãe natureza me ensina a ser humilde a ser pequeno
Beber água pura da vida Me afastar de todo o veneno. Abrir a porta, o celeiro

os tesouros do coração Vêm ver rolar cachoeira Água limpa do ribeirão. Deixa encharcar a semente
Luz da vida no fundo do chão. Como o amor transforma a gente Como o Sol, a escuridão.

Fonte: Letras.mus.br www.lettras.mus.br

Podes Crer

Toni Garrido

Composição: Toni Garrido- Da Gama- Lazão- Bino Farias

O que é, meu irmão!

Eu sei o que te agrada

E o que te dói

E o que te dói

É preciso estar tranquilo

Pra se olhar dentro do espelho

Refletir

O que é?

Seja você quem for

Eu te conheço muito bem

Isso faz bem pra mim

Isso faz bem pra vida

Onde quer que vá

Vou estar também

Eu vou me lembrar

Daquela canção que diz

Parapapapa...

Bendito

Encontro

Na vida

Amigo

É tão forte quanto o vento quando sopra

tronco forte que não quebra, não entorta

Podes crer, podes crer

Eu tô falando de amizade

Esta letra foi retirada do site Letras.mus.br www.lettras.mus.br

Quem é muito querido a Mim

Geraldo Azevedo e Rogério Duarte

Aquele que não inveja;

que é amigo sincero

de todos os seres vivos;

que não tem senso de posse;...

que tem a mesma atitude

na tristeza ou na alegria;...

que é sempre determinado

tendo a mente e o intelecto

harmonizados comigo;

é muito querido a Mim.

Quem nunca perturba os outros

nem se deixa perturbar,

além da dualidade

do sofrimento e prazer,

livre do medo e da angústia,

também é muito querido.

Aquele que não se apega

nem ao prazer nem à dor,

que não rejeita ou deseja,

ao que agrada ou aborrece,

renunciando igualmente

é muito querido a Mim.

Quem age do mesmo modo
com amigos e inimigos,
e não muda de atitude

no ostracismo ou na glória,
no sucesso ou no fracasso;
quem nunca se contamina;

quem está sempre contente,
com que lhe é oferecido
-este Me é muito querido.-
...é muito querido a Mim.

Fonte:

http://www.nordesteweb.com/geraldo/ger_let_q.htm#Quem%20%C3%A9%20muito%20querido%20a%20Mim

Oração Pela Família

(Padre Zezinho)

Que nenhuma família comece em qualquer de repente
Que nenhuma família termine por falta de amor
Que o casal seja um para o outro de corpo e de mente
E que nada no mundo separe um casal sonhador

Que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte
Que ninguém interfira no lar e na vida dos dois
Que ninguém os obrigue a viver sem nenhum horizonte
Que eles vivam do ontem, no hoje em função de um depois

Que a família comece e termine sabendo onde vai
E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor
E que os filhos conheçam a força que brota do amor

Abençoa Senhor as famílias, AMÉM!

Abençoa Senhor, a minha também!

Abençoa Senhor as famílias, AMÉM!

Abençoa Senhor, a minha também!

Que marido e mulher tenham força de amar sem medida
Que ninguém vá dormir sem pedir ou sem dar seu perdão
Que as crianças aprendam no colo o sentido da vida
Que a família celebre a partilha do abraço e do pão

Que marido e mulher não se traiam nem traiam seus filhos
Que o ciúme não mate a certeza do amor entre os dois
Que no seu firmamento a estrela que tem maior brilho
Seja a firme esperança de um céu aqui mesmo e depois.

Que a família comece e termine sabendo onde vai
E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor
E que os filhos conheçam a força que brota do amor

Abençoa Senhor as famílias, AMÉM!

Abençoa Senhor, a minha também!

Abençoa Senhor as famílias, AMÉM!

Abençoa Senhor, a minha também!

Abençoa Senhor, a minha também!

Fonte: <http://vagalume.uol.com.br/padre-zezinho/oracao-pela-familia.html>

Ave Maria (DOS ANDORES)

Simone

Composição: Jaime Redondo/ Vicente Paiva

Ave Maria

Dos seus andores

Rogai por nós

Os pecadores

Abençoai estas terras morenas

Seus rios, seus campos e as noites serenas

Abençoi as cascatas e as borboletas
Que enfeitam as matas
Ave Maria
Cremos em vós
Virgem Maria
Rogai por nós
Ouvi as preces, murmúrios de luz
Que aos céus ascendem
E o vendo conduz
Conduz à Vós
Virgem Maria,
Rogai por nós

Fonte: <http://cifrantiga3.blogspot.com/2006/05/ave-maria-vicente-paiva.html>

Ô de casa

Ivan Lins

Composição: Simone guimarães/Sérgio Natureza

Que estrela é aquela
Lá pros lado do Oriente
Dizem que trouxe com ela
Um menino diferente
Um parente do Divino
Pra guiar a nossa gente

Foi por obra do destino
Que o menino foi gerado
E até hoje o peregrino
Tem seu nome abençoado
Abre as portas pro reisado
Salve, salve, o Deus menino

Ô de casa, ô de casa
Anuncia o pessoal
A folia é consagrada

Deus abençõe o natal

Ô de casa, ô de casa

Anuncia o pessoal

A folia é consagrada

Deus abençõe o natal.

Fonte: www.lettras.mus.br

Gracias A La Vida

Mercedes Sosa

Composição: Violeta Parra

Gracias a la vida que me ha dado tanto

Me dio dos luceros que cuando los abro

Perfecto distingo lo negro del blanco

Y en el alto cielo su fondo estrellado

Y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto

Me ha dado el oído que en todo su ancho

Graba noche y día grillos y canarios

Martirios, turbinas, ladridos, chubascos

Y la voz tan tierna de mi bien amado

Gracias a la vida que me ha dado tanto

Me ha dado el sonido y el abecedario

Con él, las palabras que pienso y declaro

Madre, amigo, hermano

Y luz alumbrando la ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto

Me ha dado la marcha de mis pies cansados

Con ellos anduve ciudades y charcos

Playas y desiertos, montañas y llanos

Y la casa tuya, tu calle y tu patio

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano
Cuando miro el bueno tan lejos del malo
Cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto

Gracias a la vida, gracias a la vida

Fonte: www.letras.mus.br

Oração de São Francisco

Fagner

Composição: Popular

Senhor, fazei-me instrumento da vossa paz
Onde houver ódio, que eu leve o amor
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão
Onde houver discórdia, que eu leve a união
Onde houver dúvida, que eu leve a fé
Onde houver erro, que eu leve a verdade
Onde houver desespero, que eu leve a esperança
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria
Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó mestre, fazei que eu procure mais consolar do que ser consolado
Compreender do que ser compreendido
Amar que ser amado
Pois, é dando que se recebe
É perdoando que se é perdoado;

E morrendo que se vive

Para a vida eterna

Fonte: www.lettras.mus.br

Iluminação

Renato Teixeira

Composição: Indisponível

Ilumina, ilumina, ilumina meu peito canção.

Dentro dele, mora um anjo que ilumina o meu coração.

Ilumina, ilumina, ilumina meu peito canção.

Dentro dele, mora um anjo que ilumina o meu coração.

Ai, ai, amor, misterioso segredo entra na vida da gente iluminando.

Ilumina, ilumina, ilumina meu peito canção

Dentro dele mora um anjo que ilumina o meu coração

Ai, ai, paixão, noite dos iluminados. Nós nos trocamos olhares emocionados.

Ilumina, ilumina, ilumina meu peito canção.

Dentro dele mora um anjo que ilumina o meu coração.

Só quem provou o doce desse melado terá na boca o seu gosto eternizado.

Ilumina, ilumina, ilumina meu peito canção

Dentro dele mora um anjo que ilumina o meu coração

Fonte: www.lettras.mus.br

Luz Além

Guru Martins

Composição: Guru Martins

ela é de uma candura

tipo aquela que vem lá

do meio do mar

baila leve tipo a pluma

de uma planta que tem lá

no interior

seu olhar de santa

tipo aquele de um dia de festa lá
no céu
me levou a um plano
tipo assim pra lá
de só sensorial
ela é luz além do olhar
luz além
dela trago cravejada em meu dorso
a flor de um primeiro amor
jogo suas pétalas ao mar
e deixo a chuva espalhar o amor
luz além
jogo suas pétalas ao mar
e tomara que a chuva espalhe o amor
Fonte: www.letras.mus.br

Que Luz É Essa?

Raul Seixas

Composição: Indisponível

Que luz é essa que vem vindo lá do céu?
Que luz é essa que vem vindo lá do céu?
Que luz é essa?
Que vem chegando lá do céu?
Que luz é essa que vem vindo lá do céu?
Brilha mais que a luz do sol
Vem trazendo a esperança
Prá essa terra tão escura
Ou quem sabe a profecia das divinas escrituras
Quem é que sabe o que é que vem trazendo essa clarão
Se é chuva ou ventania, tempestade ou furacão
Ou talvez alguma coisa que não é nem Sim nem Não
Que luz é essa, gente
Que vem chegando lá do céu

É a chave que abre a porta
Lá do quarto dos segredos
Vem mostrar que nunca é tarde
Vem provar que é sempre cedo
E que prá todo pecado sempre existe um perdão
Não tem certo nem errado
Todo mundo tem razão
E que o ponto de vista
É que é o ponto da questão
Que luz é essa que vem chegando lá do céu?
Fonte: www.lettras.mus.br

Esperança

Banda de Pau e Corda

Composição: Indisponível

Quem nunca viu regar uma plantação
Há rios de suor neste nosso chão
Se a chuva não caiu do lado de cá
Regar com água do corpo
E não esperar

O tempo aqui não mudou
Só o vento soprou devagar
Pra que esperar se não vem
Pra que dar se não tem, nem pra olhar

Más há de vir tempo bom
Aliviando essa dor
Pois quem cultiva a esperança
Rega em seu peito uma flor

Lalalaia lalaia lalaia lalaia lalaia(2x)

Más há de vir tempo bom
Aliviando essa dor

Pois quem cultiva a esperança
 Rega em seu peito uma flor

Lalalaia lalaia lalaia lalaia lalaia(2x)

Fonte: www.lettras.mus.br

Eterno Aprendiz (TÁ DIFERENTE – QUEM INTERPRETA?)

Gonzaguinha

Composição: Gonzaguinha

Eu fico com a pureza da resposta das crianças

É a vida, é bonita e é bonita

Viver e não ter a vergonha de ser feliz

Cantar.. (E cantar e cantar...) A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah meu Deus!

Eu sei... (Eu sei...) Que a vida devia ser bem melhor e será

Mas isso não impede que eu repita

É bonita, é bonita e é bonita

Viver e não ter a vergonha de ser feliz

Cantar.. (E cantar e cantar...) A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah meu Deus!

Eu sei... (Eu sei...) Que a vida devia ser bem melhor e será

Mas isso não impede que eu repita

É bonita, é bonita e é bonita

E a vida?

E a vida o que é diga lá, meu irmão?

Ela é a batida de um coração?

Ela é uma doce ilusão?

Mas e a vida?

Ela é maravilha ou é sofrimento?

Ela é alegria ou lamento?

O que é, o que é meu irmão?

Há quem fale que a vida da gente

É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem da segundo,
Há quem fale que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do Criador
Numa atitude repleta de amor
Você diz que é luta e prazer;
Ele diz que a vida é viver;
Ela diz que o melhor é morrer,
Pois amada não é
E o verbo sofrer.

Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fê
Somos nós que fazemos a vida
Como der ou puder ou quiser

Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte

E a pergunta roda
E a cabeça agita
Fico com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita

Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar.. (E cantar e cantar...) A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei... (Eu sei...) Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita (bis)

Fonte: www.lettras.mus.br

Forró Do Rei**Trio Virgulino**

Composição: Indisponível

Eu vou cantar um canto de paz e amor

Toco forró do jeito que o rei mandou

Pego a tristeza e reboco para bem longe daqui

Pego a sanfona e toco um forró alegre pra ti

Fonte: <http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/coracao-feliz-2>

ANÁLISE: Este é um dos exemplos do tipo de música que alegra pelo ritmo. Nesta letra de música, pode-se observar a simplicidade da mensagem: “Eu vou cantar um canto de paz e amor; Toco forró do jeito que o rei mandou”. Ou seja, o Rei (Deus, o Pai Superior) mandou “cantar um canto de paz e amor” e tocar música de um modo alegre (forró²⁴⁷, p. ex.).

Tempo Para Tudo (Tudo tem o propósito de Deus)**Kátia Di Tróia**

Composição: Kátia di Tróia & Ronaldo de Castro

Adaptação do trecho bíblico do livro**Eclesiastes cap.3/vs. 1 ao 8**

Tudo tem seu tempo determinado

Há tempo para todo o propósito de Deus

Há tempo de nascer, tempo de morrer

Tempo de plantar “e” tempo de arrancar

Tempo de matar, tempo de curar

Tempo de derrubar, tempo de edificar

Tempo de chorar, tempo de rir

Tempo de prantear, tempo de alegrar

Tempo de se espalhar, tempo de ajudar

Tempo de abraçar, tempo de se abraçar

²⁴⁷ HOUAISS: *s.m.* (1913 cf. CF²) **1** DNÇ baile popular, em que se dança aos pares com música de origem nordestina; arrasta-pé **2** MÚS essa música, de gêneros variados (coco, baião, xote etc.) **3** B S.E. baile popular, em que se dança aos pares, com músicas de gêneros variados, esp. sertanejas e ger. ao som de sanfona

Tempo de buscar "e" tempo de perder
Tempo de guardar e tempo de jogar fora o que se guardou
Tempo para tudo tem
Tempo de calar, tempo de falar
Tempo de amar, tempo de aborrecer
Tempo de guerra, também tempo de paz
Há tempo para todo o propósito de deus
Meu irmão
Não se esqueça, não
Tudo tem o propósito de deus, meu irmão...

Amizade Sincera

Renato Teixeira

Composição: Renato Teixeira

A amizade sincera é um santo remédio

É um abrigo seguro

É natural da amizade

O abraço, o aperto de mão, o sorriso

Por isso se for preciso

Conte comigo, amigo disponha

Lembre-se sempre que mesmo modesta

Minha casa será sempre sua

Amigo

Os verdadeiros amigos

Do peito, de fé

Os melhores amigos

Não trazem dentro da boca

Palavras fingidas ou falsas histórias

Sabem entender o silêncio

E manter a presença mesmo quando ausentes

Por isso mesmo apesar de tão raros

Não há nada melhor do que um grande amigo

Fonte: <http://letras.terra.com.br/renato-teixeira/271360/>.

Guardiões das Florestas (mananciais de beleza)**Renato Teixeira**

Vou descendo o Araguaia
Na barca da minha vida
Navegando em meu destino
Por esta terra querida
Onde homem e natureza
Se juntam na decisão
De sempre honrar nossa gente
E respeitar nosso chão

Natural da minha terra
Faz parte do pensamento
A ambição de um futuro
De luz, nas asas dos ventos
Que sopram da Amazônia
Chapada dos Guimarães
E as noites que se desmancham
Em generosas manhãs

Guardiões das florestas
Dos jardins brasileiros
Das histórias do povo
E seus mananciais de beleza

Fonte: <http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/aguaraterra--renato-teixeira---xangai>.

Oricuri (O Segredo do Sertanejo)**João do Vale**

Composição: João do Vale/José Cândido

Oricuri madurou ô é sinal
Que arapuá já fez mel
Catingueira fulôro lá no sertão
Vai cair chuva granel

Arapuá esperando
Oricuri "maduricer"
Catingueira fulôrando sertanejo
Esperando chover
Lá no sertão, quase ninguém tem estudo
Um ou outro que lá aprendeu ler
Mas tem homem capaz de fazer tudo doutor
E antecipa o que vai acontecer
Catingueira fulora vai chover
Andorinha voou vai ter verão
Gavião se cantar é estiada
Vai haver boa safra no sertão
Se o galo cantar fora de hora
É mulher dando fora pode crer
A cauã se cantar perto de casa
É agora é alguém que vai morrer
São segredos que o sertanejo sabe
E não teve o prazer de aprender ler
Oricuri madurou ô é sinal
Que arapuá já fez mel
Fonte:<http://letras.terra.com.br/joao-do-vale/1546761/>

Só o Amor Constrói

Autores: Dom e Ravel

Eu quero ver, minha gente eu quero ver,
Um povo todo pelos seus caminhos se encontrar
Eu quero ver, minha gente eu quero ver,
Você e eu, e toda nossa gente se abraçar
Eu quero te abraçar

Eu quero ver, minha gente eu quero ver,
Passando na calçada ver crianças a brincar
Eu quero ver, minha gente eu quero ver,
Nos campos e cidades a alegria quero encontrar

Eu quero encontrar

Não quero ver, não, não quero ver
O choro atrás dos rastros que você deixar,
O conflito dominar, as novas gerações,
O desamor e a tristeza em tantos corações

Só o amor constrói
Por favor plante uma flor
Prá florir nosso país,
Quem destrói a paz
Não verá jamais
Um irmão feliz

Fonte: <http://vagalume.uol.com.br/dom-e-ravel/so-o-amor-constroi.html>

Tempo de Paz

Padre Antônio Maria

Vem para a festa da Paz
Hoje só vale cantar
Traz alegria nos lábios
O amor vai ressuscitar

Mostra a mão calejada
Provando tua bondade
Vive a paz que depois
Vamos levar a cidade

Traz um pouco de Silêncio
Outros precisam falar
Despede a violência
Vem comigo cantar

Porque é Tempo
Tempo urgente de Paz
E a gente já sabe

Que paz é a gente que faz

Traz lenço branco, azul
Há pranto para enxugar
Vai ser a festa mais linda
Pra quem souber perdoar

Dá um abraço no irmão
Sem lhe roubar liberdade
Traz um presente pra todos
Que seja tua vontade

Traz o amor, só o amor
Que na Justiça se faz
Agora canta mais forte
Porque já nasceu a Paz

Porque é Tempo
Tempo urgente de Paz
E a gente já sabe
Que paz é a gente que faz

DISPARADA (prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar)

Composição: Geraldo Vandré / Théo

Prepare seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar

Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte o destino tudo
A morte o destino tudo

Estava fora de lugar
Eu vivo pra consertar

Na boiada já fui boi
Mas um dia me montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade

Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo
Laço firme braço forte
Muito gado muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
E boiadeiro era um rei

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei

Então não pude seguir
Valente lugar-tenente
De dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange ferra engorda e mata
Mas com gente é diferente

Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
E qualquer querer tivesse
Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer mais longe que eu

Fonte: <http://letras.terra.com.br/elba-ramalho/250666/>

Amanheceu

Rubinho do Vale

Composição: Cláudio Martins
No céu clareia a rainha o sertão
A lua cheia clareou meu coração
Canta viola que a estrela matutina
É uma menina dominando a escuridão
Amanheceu canta o galo no terreiro
Eu acordei escutando o canarinho
Que encanta o meu coração de violeiro
O sol nasceu clareando o meu caminho
A luz do sol vem dourando as campinas
Desperta o vento traz a brisa perfumada
Põe o seu brilho nas gotinhas cristalinas
Que o sereno serenou na madrugada
Você também na natureza é um pingo d'água
O seu destino é se limpar feito cristal

Tornar-se puro transparente bem brilhante
Irradiante refletindo a luz do sol
Clareia sol, clareia o azul, clareia o dia
Clareia o verde que agasalha a terra inteira
Traz toda cor, traz o amor, traz harmonia
No arco-íris coroando a cachoeira

Fonte: <http://letras.terra.com.br/rubinho-do-vale/1123249/>

Cura, Senhor

Padre Antônio Maria

Composição: Padre Antonio Maria
Vamos Jesus passear, na minha vida
Quero voltar aos lugares em que fiquei só
Quero voltar lá contigo, vendo que estavas comigo
Quero sentir teu amor, a me embalar
Cura Senhor, onde dói
Cura Senhor, bem aqui
Cura Senhor, onde eu não posso ir
Quando a lembrança me faz, adormecer
Sabes que a espada da dor entra eu meu ser
Tu me carregas nos braços, leva-me com teu abraço
Sinto minha alma chorar, junto de Ti
Cura Senhor, onde dói
Cura Senhor, bem aqui
Cura Senhor, onde eu não posso ir
Tantas lembranças eu quero, esquecer
Deixa um vazio em minha alma e em meu viver
Toma Senhor meu espaço, te entrego todo o cansaço
Quero acordar com tua paz a me aquecer
Cura Senhor, onde dói
Cura Senhor, bem aqui
Cura Senhor, onde eu não posso ir
(<http://letras.terra.com.br/padre-antonio-maria/650598/>)

Oração ao Tempo

Caetano Veloso

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo Tempo Tempo Tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo Tempo Tempo Tempo

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Entro num acordo contigo
Tempo Tempo Tempo Tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo Tempo Tempo Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo Tempo Tempo Tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo Tempo Tempo Tempo

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo Tempo Tempo Tempo
Quando o tempo for propício
Tempo Tempo Tempo Tempo

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido

Tempo Tempo Tempo Tempo

E eu espalhe benefícios

Tempo Tempo Tempo Tempo

O que usaremos pra isso

Fica guardado em sigilo

Tempo Tempo Tempo Tempo

Apenas contigo e migo

Tempo Tempo Tempo Tempo

E quando eu tiver saído

Para fora do teu círculo

Tempo Tempo Tempo Tempo

Não serei nem terás sido

Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Ainda assim acredito

Ser possível reunirmo-nos

Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Num outro nível de vínculo

Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Portanto peço-te aquilo

E te ofereço elogios

Tempo Tempo Tempo Tempo

Nas rimas do meu estilo

Tempo Tempo Tempo Tempo

Fonte:

http://www.caetanoveloso.com.br/sec_busca_obra.php?language=pt_BR&page=1&id=134&f_busca=%E9s%20um%20senhor%20t%E3o%20bonito

Força estranha

Caetano Veloso

Eu vi o menino correndo
Eu vi o tempo
Brincando ao redor do caminho daquele menino
Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei

Eu vi a mulher preparando outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou

Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha

Eu vi muitos cabelos brancos na fonte do artista
O tempo não pára e no entanto ele nunca envelhece
Aquele que conhece o jogo
Do fogo das coisas que são
É o sol, é a estrada, é o tempo, é o pé e é o chão

Eu vi muitos homens brigando
Ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta
E a coisa mais certa de todas as coisas
Não vale um caminho sob o sol
E o sol sobre a estrada é o sol sobre a estrada é o sol

Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto, não posso parar

Por isso essa voz tamanha

Fonte:

http://www.caetanoveloso.com.br/sec_busca_obra.php?language=pt_BR&page=1&id=31&f_busca=for%E7a%2

Oestranha

O Sertão Te Espera

Dominguinhos

Vem

o sertão

Tá chamando a gente

O sol ora frio, ora quente

O vento pra nos refrescar

Vem

O sertão nos espera sorrindo

É um pai que castiga sentindo

Vontade de nos embalar

Vem

Sertanejo sofrido e sem sorte

E mesmo na hora da morte

Coragem não se vê faltar

Vem

Que nesse sertão de bravura

Não uma há só criatura

Para dar sem nada fazer

Vem

Que esse chão é bem firme e forte

É nosso sertão, nossa terra

Bendito sertão do meu norte

Fonte: http://www.clickgratis.com.br/letrasdemusicas/d/dominguinhos/o_sertao_te_espera.html

Vento Norte**Grupo Karetas**

O vento sacode levanta a poeira
 Espalha o lixo e encrespa o mar
 Começa a varrer a sujeira da terra
 Atiçando o fogo para tudo queimar

Batendo com força castigando o sujo
 Sujando a quem quer ser limpo demais
 Soprando na orelha de quem sabe menos
 Empurrando à frente a quem sabe mais

Vento norte, professor,
 Vento norte, tradutor,
 Justiceiro bendito, ensina a viver
 Nesta terra carente de paz e amor!
 Ôôôôôôô!

Castiga a burrice e a surdez do mundo
 Trazendo do norte um cheiro de paz
 Sacode os cabelos da moça bonita
 Que logo se agita ao som que ele faz

Chegando com a força do povo nortista
 Que, aprende, criança, a sofrer e lutar
 Varrendo com força a sujeira e a preguiça
 O vento do norte chegou pra ensinar

Vento norte, professor,
 Vento norte, tradutor,
 Justiceiro bendito, ensina a viver
 Nesta terra carente de paz e amor!
 Ôôôôôôô!

E quando quiser ele logo derruba

Os altos coqueiros que tem que cair
Fazendo a limpeza de dentro de casa
Soprando pra fora o que tem que sair

Trazendo o canto nativo da terra
E conta pra todos o que já sofreu
Como um furacão que vem pra redimir
Ele quer assumir um lugar que é seu

Vento norte, professor,
Vento norte, tradutor,
Justiceiro bendito, ensina a viver
Nesta terra carente de paz e amor!

Ôôôôôôô!

Fonte: <http://grupo-karetas.musicas.mus.br/letras/1137691/>

Quando Chega o Verão

Elba Ramalho

Composição: Dominginhos/Abel Silva

Quando chega o verão
É um desassossego por dentro
Do coração
Quem ama sofre
Quem não ama sofre mais

Sofre menina
Sofre rapaz
Sofre menina
Sofre rapaz

Canário que muda a pena, dói!
Amor que muda de penas, dói!
Canário que muda a pena, dói!
Amor que muda de penas, dói!

E tome xote Mariquinha

E tome xote Sá Zefinha

E tome xote, ôi

E tome mais

E tome xote Mariquinha

E tome xote Sá Zefinha

E tome xote, ôi

E tome mais

Fonte: <http://letras.terra.com.br/elba-ramalho/253412/>.

Isso Aqui Tá Bom Demais

Dominguinhos

Composição: Dominguinhos / Naldo Cordel

Refrão:

Olha, isso aqui tá muito bom

Isso aqui tá bom demais

Olha, quem ta fora qué entrar

Mas quem ta dentro não sai

Verso:

Vou perder me afogar no teu amor

Vou desfrutar me lambuzar deste calor

Te agarrar pra descontar minha paixão

Aproveitar o gosto dessa animação

Fonte: <http://letras.terra.com.br/dominguinhos/204325/>.

Bate Coração

Marines

Bate, bate, bate coração

Dentro desse velho peito

Você já está acostumado a ser maltratado

A não ter direito

Bate, bate, bate coração,

Não ligue deixe quem quiser falar

Porque o que se leva dessa vida coração
É o amor que a gente tem pra dar

Oi tum, tum bate coração
Oi tum coração pode bater
Oi tum, tum bate coração
Que eu morro de amor com muito prazer (2x)

As águas desaguam para o mar,
Meus olhos vivem cheios d'água
Rolando, molhando o meu rosto de tanto desgosto
Me causando mágoa

Mas meu coração só tem amor
E amor tivera mesmo pra valer
Por isso a gente pena,
Sofre e chora coração
E morre todo dia sem saber.

Oi tum, tum, bate coração
Oi tum coração pode bater
Oi tum, tum bate coração
Que eu morro de amor com muito prazer (2x).
Fonte: <http://marines.letrasdasmusicas.com.br/bate-coracao-letra.html>.

Botão de Rosa

Marines

Eu era um botão de rosa
Uma flor cheirosa
Um botão de flor

Depois eu fui desabrochando
E fui despertando para um grande amor
As pétalas foram surgindo
E eu fiquei sorrindo de tanta alegria

Em ver alguém que me pegava
Alguém que me beijava
Alguém que me dizia

Você era botão, botão de rosa
Agora é minha rosa, meu amor
Chegou pra minha vida
Me deu vida
Botão de uma casa que desabotoou
Chegou pra minha vida
Me deu vida
Botão de uma casa que desabotoou

Agora nossa casa
É uma eterna brincadeira
É um pé de roseira
Que já deu botão
Botão de rosa
Que será a rosa da roseira mais cheirosa
E vai ouvir essa canção

Fonte: <http://marines.musicas.mus.br/letras/857548/>

Catingueira

Xangai

Composição: Onildo Almeida e José Maria Assis

Catingueira, catingueira
diz o segredo que existe
que somente a catingueira
enfeita a paisagem triste
Catingueira se és feliz
não zombes nunca
deste teu contraste
segura tua raiz e pede a Deus
que ela nunca se gaste

Tão ressecada a imburana
a terra quente e rachada
o marmeleiro se enrama
mas não aguenta a queimada
sentindo como quem ama
a terra quente pede internada
quanto mais seca a ribeira
a catingueira fica enfolhada
Catingueira se um vintém
puder se tornar um milhão
pede a Deus por quem não tem
prá cair chuva no chão
pois somente a catingueira
enfeita a seca lá no meu sertão
sertanejo não quer nada
vê na internada a maior benção

Fonte: <http://letras.terra.com.br/xangai/385809/>

Cerca Velha

Marinês

Cerca velha que o vento derrubou
O tempo desta cerca jamais ninguém contou
Acabou-se o meu cercado
Meu mundo sossegado
Seu coração magoado
Nunca o vento carregou
Laia laia
Laia laia la
Laia laia laia laia laia laia
Além da cerca a vida vai
A caminhar num sempre acontecer
Além da cerca eu também vou
No me querer desejo de viver
Viver..

Cercado de você Amor...

Que o vento nunca carregou

Além da cerca o mesmo amor

Laia laia

Laia laia la

Laia laia laia laia laia laia

Fonte: <http://letras.terra.com.br/marines/1515188/>

Cintura Fina

Marines

Minha morena venha pra cá

Pra dançar xote, se deite em meu cangote

E pode cochilar

Tu é 'muié' pra homem nenhum

Botar defeito, por isso

Satisfeito com você vou dançar

Vem cá cintura fina

Cintura de pilão

Cintura de menina

Vem cá meu coração

Quando eu abarco essa cintura de pilão

Fico frio, arrepiado,

Quase morto de paixão

E fecho os 'óios' quando sinto o teu calor

O teu corpo se foi feito pros cochilos do amor

Fonte: <http://vagalume.uol.com.br/marines/cintura-fina.html>

Janaína

Marinês

Janaína tem cardume no mar

Chama o povo para ir pescar

Janaína tem cardume no mar

Chama o povo para ir pescar

Já faz tempo que a gente não vê

Tanto peixe nesse mar

Chama Pedro e vai chamar Dedé

Traz a rede pra gente pescar

Fonte: <http://letras.terra.com.br/marines/857549/>

Ladeira Do Penar

Marines

Eu vou buscar

Na ladeira de lá

Eu vou trazer

Pra ladeira de cá

Eu vou buscar

Na ladeira de lá

Eu vou trazer

Pra ladeira de cá

Vou buscá o meu moreno

Que está a me esperar

Na ladeira da saudade

Ladeira do meu penar

Trago ele nos meus braços

Devagar, pra não cair

Vou prendê-lo num abraço

E nunca mais vai sair

Eu vou buscar

Na ladeira de lá

Eu vou trazer

Pra ladeira de cá

Eu vou buscar

Na ladeira de lá

Eu vou trazer

Pra ladeira de cá

Fonte: <http://vagalume.uol.com.br/marines/ladeira-do-penar.html>.

Saudade de Campina Grande

Marinês

Composição: Rosil Cavalcanti

Quando me lembro de Campina Grande,

Peço notícias e você mande!

Ai que saudade de Campina Grande,

Peço notícias e você mande!

Tenho saudades de Campina Grande:

Da lagoa dos canários e do zé pinheiro,

Dos banhos do domingo no bodocongó,

De zacarias cotó, banho do louzeiro;

Lembrando a borborema passa o dia inteiro,

E vem o açude velho na imaginação...

Não esqueço as serenatas que fiz no imboca,

E das rodinhas de bióca com seu violão!

Quando me lembro de Campina Grande... (Refrão)

Lembro ainda o Zé Iracema, "center-foward" do Paulistano em dia de jogo,

Com o Treze, velho galo lá da borborema... Que jamais teve problema, pegava fogo!

Tenho lembranças de Pedro Macaco, que só era homem fraco quando olhava o céu...

Não esqueço o Cine Apolo, o esfola bode, e como é que agente pode esquecer o pitel?

Quando me lembro de Campina Grande... (Refrão)

Lembro ainda Cabo Marinheiro, que em cabra desordeiro dava de verdade;

Jamais esquecerei a prosa de Rozendo, e o picado cem por cento da liberdade...

Saudades de Cristino e de sua fruteira, também do pastoril de Chico Macaíba;

Carnaval de Neco Belo que não volta mais,

Que saudade de Campina Grande, Paraíba!

Fonte: <http://letras.terra.com.br/marines/1354284/>

Só O Amor Ilumina

Marinês

Quanto mais amor eu dou
Mais amor eu quero oferecer
Meu amor é uma luz acesa, meu bem
Pra iluminar você

Você pode acreditar que amar
Amar é assim
Sempre está no começo
Nunca chega no fim
Eu me dar pra você
E você se dar pra mim

Pra mim, pra mim
Um grande amor tem que ser assim (2x)

É o ar que a gente respira
É a luz do sol, é o mar
É condenar mentira
Pra se poder caminhar

Só o amor ilumina
Terá que ser sempre assim
Eu me dar pra você
E você se dar pra mim

Pra mim, pra mim
Um grande amor tem que ser assim...

Fonte: <http://letras.terra.com.br/marines/551302/>

Tudo é bom e nada presta

Marinês

Se você não tem pecado
Atire a primeira pedra
Atire a primeira pedra
Se você nunca pecou
Mas você também é gente
Que faz parte deste mundo
Deste mundo tão imundo
Que não sei quem enlameou
Eu não sei quem é bom
Eu não sei quem é mal
Tudo é bom e nada presta
Neste mundo desigual
Eu não sei quem é bom
Eu não sei quem é mal

Tudo é bom e nada presta
Neste mundo desigual
Agora mesmo
Eu vou cuidar da minha gente
Que precisa urgentemente
Da minha presença
Me dá licença
Que eu vou sair
Não tenho tempo de argumentar
Se eu pequei
Se errei
Se fiz mal
É muito natural
Deus há de me perdoar
Fonte: <http://letras.terra.com.br/marines/857551/>

Tampa do tempo

Juraildes da Cruz

Composição: Juraildes da Cruz

Quando a tampa do tempo destampa e o vento vai
Mas a porta do tempo é sem tampa e o vento vem
Quem tá leve voa, quem tem o pé no chão não cai
Quem tá leve voa, quem tem o pé no chão não cai
Quando a tampa do tempo destampa o bem querer
Acende as estrelas, a lua, o sol dourado
O futuro é o presente, não nega o passado
A têmpera do movimento eternizado
Universo no tempo destampado
Quando a porta do tempo destampa a alegria
Só se vê revoada de passarinho na vida
e o passarinho da vida é a alegria.
Quando a chave no tempo destranca o coração
Que pego na mão do amigo e digo adeus
Amizade é eletricidade que não mata
Igual rama de batata que não desata do que é seu

Quando a tampa do tempo destampa o tempo
E a chuva carinhosa renova a terra, ai ai ai
Agradece os animais, a pedra bruta,
O mar, as grutas e a luta dos ancestrais
Quando a porta do tempo destampa a emoção
que os olhos enchem os rios que enchem o mar
O choro às vezes lava o coração
e o coração limpo é pérola
Com a graça de Deus estou vivendo,
pela graça de Deus o sol clariando
Quero chegar na clareza mas onde estou comigo está
Meu jaboti, meu papagaio, minha juriti, meu sabiá
A lua, o sol, o sol que é o mesmo clarão,
brilho que a lua nos dá
Rios, pontes, porteiras, estrada aberta
Rios, pontes, ladeiras, caminho de chegar
Com a graça de Deus estou vivendo,
pela graça de Deus o sol clariando
No início da vida abriu-se o tempo
Tempo que não vai retornar
Quem entrou na roda do tempo é
pra ser só o tempo é quem dirá
A palavra do tempo é a prática
A semente que no homem brota
Com chuva ou com sol há de nascer
Nasceu não tem volta
Com a graça de Deus estou vivendo,
pela graça de Deus o sol clariando
Tem uns que acham que o branco
não pode ser negro porque dói
e negros que não vê os brancos
com raios brilhantes dos olhos
Se um fosse outro não dóia
ser negro não é ser contrário

as cores não brilham sozinhas
de noite a estrela é um claro
Com a graça de Deus eu estou vivendo,
(E você também...)
pela graça de Deus o sol clariando
Quando a vida destrancou a porta
Do tempo derramou semente
Da água, do fogo, do vento,
Minerais, vegetais, bicho e gente
Quanto tempo não se sabe ainda
Pro tempo o eterno é um segundo
Enquanto houver planta florida
É tempo de gente no mundo
Enquanto houver água tem vida
E é tempo de gente no mundo
Com a graça de Deus estou vivendo,
pela graça de Deus o sol clariando

Fonte: <http://letras.terra.com.br/juraildes-da-cruz/1196507/>

Estou Aqui

Roberto Carlos

Estou aqui
Outra vez em busca desse abrigo
Do conforto desse olhar amigo
Luz do meu caminho a direção
Estou aqui
Por tantas angústias e conflitos
Como tantos outros tão aflitos
Sabem que você é a solução
Estou aqui
à procura do caminho certo
Como quem precisa num deserto
Por milagre a fonte, a salvação
Estou aqui
Venho iluminar meus pensamentos

E aliviar meus sofrimentos
Só você eu sei é a solução
Por isto meu amigo
Cada vez mais forte é a minha fé
E a minha crença
Em toda parte encontro o seu olhar
Sua presença
E elevo o pensamento em oração
Cristo meu amigo
Sua luz me mostra a direção a ser seguida
Você é a verdade é tudo é o caminho a vida
Só você eu sei é a solução
Fonte: www.lettras.mus.br

Jesus Salvador

Roberto Carlos

Hoje eu estou tão em paz comigo
Parece até que não faz sentido
O que eu tenho chorado
O que eu tenho sofrido.

Hoje eu olhei o céu da minha janela
Vi no meu coração a presença tão bela
De Jesus sorrindo e dizendo pra mim.
Vem, deposita em minhas mãos
Todos os seus problemas
Levante esse olhar, não chore, não tema
Não perca essa fé que você tem em mim

Quem vem a mim
Se alimenta do pão da vida
Quem segue os meus passos
Não sente as feridas
Tem a paz que eu dou

É feliz enfim.

Senhor perdoai meus pecados
Me aceita a seu lado
Me deixa tocar esse manto sagrado
E a graça que eu peço
Terei na sua luz.

Senhor, quem sou eu pra que entreis
Em minha morada?
Mas um fio de sua luz
Numa telha quebrada
Ilumina uma vida pra sempre, Jesus

Refrão:

Jesus Salvador, Jesus Salvador
Jesus Salvador, Jesus Salvador

Senhor, consolai os que choram
Curai os que sofrem
Nas ruas, nos guetos
Nos becos escuros
Na chuva, no frio, sem teto e sem pão.

Piedade daqueles que pensam
Que a felicidade é a riqueza, o poder
Ser feliz na verdade
É quem tem Jesus dentro do coração.

Jesus Salvador, Jesus Salvador
Fonte: www.lettras.mus.br

Luz Divina

Roberto Carlos

Luz que me ilumina o caminho e que me ajuda a seguir
 Sol que brilha à noite e a qualquer hora Me fazendo sorrir
 Claridade, fonte de amor que me acalma e seduz

Essa luz ,
 Só pode ser Jesus
 Essa luz

Raio duradouro que orienta O navegante perdido
 Força dos humildes, dos aflitos Paz dos arrependidos
 Brilho das estrelas do universo O seu olhar me conduz

Essa luz
 É claro que é Jesus
 Essa luz

Sigo em paz no caminho da vida porque
 O caminho a verdade a vida é você
 Por isso eu te sigo, Jesus meu amigo
 Quero caminhar do seu lado E segurar sua mão
 Mão que me abençoa e me perdoa E afaga o meu coração
 Estrela que nos guia luz divina O seu amor nos conduz

Essa luz
 É claro que é Jesus
 Essa luz

É claro que é Jesus
 Essa luz
 É claro que é Jesus
 Essa luz
 Só pode ser Jesus
 (Só pode ser Jesus)
 Essa luz (Essa luz)
 Só pode ser Jesus

(Só pode ser Jesus)

Essa luz (Quero ver Jesus)

É claro que é Jesus

Essa luz divina

Essa luz...

É claro que é Jesus

Essa luz (Luz divina)

É claro que é Jesus(É claro que é Jesus)

Essa luz

Fonte: www.lettras.mus.br

Menino Jesus

Roberto Carlos

Oh! Meu Menino Jesus

Na noite desse Natal

São as estrelas que brilham no céu

Do seu amor um sinal

Que em toda casa a alegria

Seja pra todos igual

Brisa de flor perfumando o jardim

Chuva de amor no quintal

E nessa noite feliz

Noite de paz e de amor

Todos veremos no céu

A estrela do Salvador

Te peço, Menino Jesus

Ponha na mesa de alguém

O que esse alguém sempre quis e não tem

Felicidade também

Fonte: www.lettras.mus.br

Nossa Senhora

Roberto Carlos

Cubra-me com seu manto de amor

Guarda-me na paz desse olhar

Cura-me as feridas e a dor me faz suportar
Que as pedras do meu caminho
Meus pés suportem pisar
Mesmo ferido de espinhos me ajude a passar
Se ficaram mágoas em mim
Mãe tira do meu coração
E aqueles que eu fiz sofrer peço perdão
Se eu curvar meu corpo na dor
Me alivia o peso da cruz
Interceda por mim minha mãe junto a Jesus

Nossa Senhora me de a mão
Cuida do meu coração
Da minha vida do meu destino
Nossa Senhora me dê a mão
Cuida do meu coração
Da minha vida do meu destino
Do meu caminho
Cuida de mim

Sempre que o meu pranto rolar
Ponha sobre mim suas mãos
Aumenta minha fé e acalma o meu coração
Grande é a procissão a pedir
A misericórdia o perdão
A cura do corpo e pra alma a salvação
Pobres pecadores oh mãe
Tão necessitados de vós
Santa Mãe de Deus tem piedade de nós
De joelhos aos vossos pés
Estendei a nós vossas mãos
Rogai por todos nós vossos filhos meus irmãos

Nossa Senhora me de a mão
Cuida do meu coração

Da minha vida do Meu destino

Do meu caminho

Cuida de mim...

Fonte: www.lettras.mus.br

O Homem bom

Roberto Carlos

Vai como um vento solto numa campina

Desliza na relva verde

E vai subindo pela colina

Todas as folhas secas

Viram tapete aqui neste chão

Nos pés desse homem bom

Que só tem amor no seu coração

Vê outra madrugada que vem chegando

Fala com os passarinhos

Brinca com as flores vai meditando

Ele é um mensageiro

Da alegria e jamais da dor

Quer a felicidade da humanidade

Seja onde for

Ele é uma pessoa

Que ama e perdoa e não vê a quem

Anda pelos caminhos

Levando a paz ajudando alguém

Por todos os lugares

Cruzando os mares fazendo o bem

Ele é um homem bom

Distribui amor e tudo o que tem

Cheio de amor e fé ele é o nosso irmão

Aquele grande amigo

Que no perigo estende a mão

Tem no olhar a calma

Tem luz na alma e na sua voz

Tem sempre uma palavra

De amor a paz prá dizer prá nós
Sabe tudo o que diz o livro sagrado
E tudo o que ele ensina
Em seu coração ele tem guardado
Quem sabe o nome dele
Se é Pedro ou Paulo ou se é João
Só sei que é um homem bom
Porque tem Jesus no seu coração
Ele é uma pessoa
Que ama e perdoa e não vê a quem
Anda pelos caminhos
Levando a paz ajudando alguém
Por todos os lugares
Cruzando os mares fazendo o bem
Ele é um homem bom
Distribui amor e tudo o que tem
Fonte: www.lettras.mus.br

O Homem

Roberto Carlos

Um certo dia um homem esteve aqui
Tinha o olhar mais belo que já existiu
Tinha no cantar uma oração.
E no falar a mais linda canção que já se ouviu.

Sua voz falava só de amor
Todo gesto seu era de amor
E paz, Ele trazia no coração.

Ele pelos campos caminhou
Subiu as montanhas e falou do amor maior.
Fez a luz brilhar na escuridão
O sol nascer em cada coração que compreendeu

Que além da vida que se tem

Existe uma outra vida além e assim...

O renascer, morrer não é o fim.

Tudo que aqui Ele deixou

Não passou e vai sempre existir

Flores nos lugares que pisou

E o caminho certo pra seguir

Eu sei que Ele um dia vai voltar

E nos mesmos campos procurar o que plantou.

E colher o que de bom nasceu

Chorar pela semente que morreu sem florescer.

Mas ainda há tempo de plantar

Fazer dentro de si a flor do bem crescer

Pra Lhe entregar

Quando Ele aqui chegar

Tudo que aqui Ele deixou

Não passou e vai sempre existir

Flores nos lugares que pisou

E o caminho certo pra seguir

Tudo que aqui Ele deixou

Não passou e vai sempre existir

Flores nos lugares que pisou

E o caminho certo pra seguir

Fonte: www.lettras.mus.br

O Terço

Roberto Carlos

Composição: Roberto Carlos e Erasmo Carlos

Com o terço na mão

Peço a vós minha Virgem Maria

Minha prece levai a Jesus

Santa Mãe que nos guia
Com o terço na mão peço a vós
Minha nossa Senhora
Por nós todos rogai a Deus Pai
Vos pedimos agora.

Com o terço na mão
De joelhos no chão vos pedimos
Aliviai as tristezas e as dores
Que as vezes sentimos
Clareai o caminho daqueles
Que vivem perdidos
E olhai por aqueles que o mundo
Deixou esquecidos.

Santa Maria rogai por nós
Que recorremos a vós.

Nos mistérios contemplo o nascer de Jesus
E a alegria
Na paixão por amor preso a cruz
Sua dor e agonia
Sua ressurreição e aos céus a ascensão
No terceiro dia
Vossa coroação junto a Deus
Coração de Maria.

Com o terço na mão
E com fé aprendi mãe querida
Que aceitar a vontade de Deus
É o maior bem da vida
Que ajudar a um irmão
No instante do seu sofrimento
É amar nosso próximo
É servir a Deus Pai nesse momento.

Fonte: www.lettras.mus.br

Tu És A Verdade Jesus

Roberto Carlos

Tanta coisa em minha vida eu conheci
E com a vida tanta coisa eu aprendi
Hoje eu sei mais do que antes
E eu creio em tudo o que vem de ti
Te creio, te peço, Jesus
Te falo nas preces, Jesus
Te apresses, não tardes, Jesus
Tu és verdade, Jesus

Vou seguindo o meu caminho sem parar
Mas eu paro muitas vezes pra pensar
E pensando no que um dia você disse
Continuo a caminhar

Te creio, te peço, Jesus
Te falo nas preces, Jesus
Te apresses, não tardes, Jesus
Tu és verdade, Jesus

Te creio, te peço, Jesus
Te falo nas preces, Jesus
Te apresses, não tardes, Jesus
Tu és verdade, Jesus

Tanto amor eu trago no meu coração
E os meus passos caminhando em frente vão
Sei que tenho que seguir
E eu estou seguindo
Segurando a sua mão

Te creio, te peço, Jesus

Te falo nas preces, Jesus
Te apresses, não tardes, Jesus
Tu és verdade, Jesus

Te creio, te peço, Jesus
Te falo nas preces, Jesus
Te apresses, não tardes, Jesus
Tu és verdade, Jesus

Fonte: www.lettras.mus.br

Tocando em Frente

Almir Sater

Composição: Almir Sater e Renato Teixeira

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte,
Mais feliz, quem sabe
Eu só levo a certeza
De que muito pouco sei,
Ou nada sei
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Todo mundo ama um dia,
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua historia
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
De ser feliz
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua historia
Cada ser em si

Carrega o dom de ser capaz

De ser feliz

Fonte: <http://letras.terra.com.br/almir-sater/44082/>

Arrastão

Vinicius de Moraes

Composição: Edu Lobo e Vinicius de Moraes

Ê, tem jangada no mar

Ê, hoje tem arrastão

Ê, todo mundo pescar

Chega de sombra, João

Jovi

Olha o arrastão entrando no mar sem fim

Ê, meu irmão, me traz Iemanjá prá mim

Minha Santa Bárbara

Me abençoai

Quero me casar com Janaína

Ê, puxa bem devagar

Ê, ê, ê, já vem vindo o arrastão

Ê, é a rainha do mar

Vem, vem na rede João

Prá mim

Valha-me meu Nosso Senhor do Bonfim

Nunca jamais se viu tanto peixe assim

Fonte: <http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/49257/>

O Profeta

Zé Geraldo

Composição: Lucio Barbosa

O dia vai chegar

estou me preparando porque antevi

No livro que lhe empresto e você não aceita a verdade ali

Existe tanta gente por ai as tontas sem se definir

Na hora da balança O peso não alcança o que deve atingir

Hei Homem de Deus

Acorda é tempo ainda

Eis que teu tempo finda

Faz uma oração

Hei Homem de Deus

Deixa a incoerência

Em sua conferência

fale de perdão

Quem você não conhece é que vai conferir se você passa ou não

Esqueça o seu padrinho pois lá não tem carta de apresentação

O que vai influir é o bem que você fez ou deixou de fazer

Existe em cada estante um livro importante e você não quer ler

Quem sabe se o juiz não foi alvo de risos quando aqui passou

Sofrendo a indiferença, pagando tributos da classe ou da cor

Quem sabe se você não vai se ver chorando a mais tirana dor

E implorar baixinho aquela mesma ajuda que você negou

A vida é uma escola onde o viver é o livro e o tempo o professor

Onde alguns são sábios porém até hoje ninguém se formou

A única certeza é que o dia do acerto já está pra vir

Prepare a sua alma pois na hora certa você vai ouvir

O som de um instrumento que não se afina ao diapasão

Virá anunciando sem segundo aviso a hora da razão

Estou lhe reparando, estou lhe aconselhando porque quero ir

Você se nega a ler, erroneamente crê que a vida é só aqui

Fonte: <http://letras.terra.com.br/ze-geraldo/124491/>

Monte Castelo

Legião Urbana

Composição: Renato Russo (recortes do Apóstolo Paulo e de Camões).

Ainda que eu falasse

A língua dos homens

E falasse a língua dos anjos,

Sem amor eu nada seria.

É só o amor! É só o amor

Que conhece o que é verdade.

O amor é bom, não quer o mal,
Não sente inveja ou se envaidece.
O amor é o fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.
Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria.
É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.
É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade.
Tão contrário a si é o mesmo amor.
Estou acordado e todos dormem.
Todos dormem. Todos dormem.
Agora vejo em parte,
Mas então veremos face a face.
É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade.
Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria.
Fonte: <http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22490/>

Reino das flores

Sandra Brito

Pelo batidão da estrada eu vou
Nada não carrego para chegar lá
No reino das flores ali vou morar

Quem quiser viver, só me acompanhar,

No reino das flores ali vou morar

(...)

Neste grande reino sem poluição

(...)

Neste grande reino, viva a criação

(...)

Cantando versinhos

(...)

Cantando a canção

(...)

Viva tudo e todos e a transformação

(...)